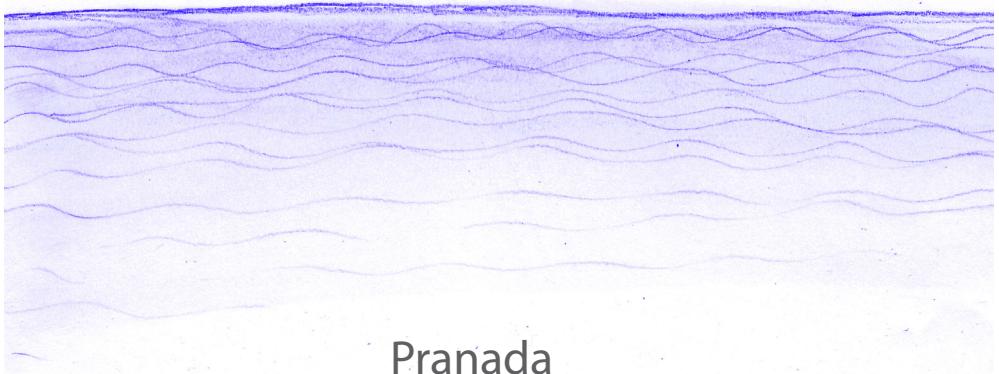


Rio Peregrino



Pranada

Rio Peregrino



The Mogami River
Has swept the burning Sun
Deep into the Ocean.

Matsuo Basho ¹

1 “O Rio Mogami
Varreu o Sol em brasas
ao Profundo do Oceano” [1]

Rio Peregrino

Pranada

Paloma Sol Hertz Cunha
(texto, ilustração e edição)

Niterói, 2013

Primeira edição

Orientação editorial:
Pedro Cunha e Isabel Bahiana

Direitos Autorais:
Paloma Sol Hertz Cunha

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional. EDA/FBN

rioperegrino@gmail.com
www.rioperegrino.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P923r

Pranada Rio peregrino [recurso eletrônico] / Paloma Sol Hertz Cunha sob o pseudônimo de Pranada. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Mobile, 2014. recurso digital : il.

Formato: ePDF Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-64502-32-1 (recurso eletrônico)

1. Descrições e viagens - crônica. 2. Crônica brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

14-09091

CDD: 869.98 CDU: 821.134.3(81)-8

16/01/2014 22/01/2014

Agradecimentos

Amma

Mestra Amritanandamayi
a cada passo me guiando
despertando semente
polindo carvão, desabrochando diamante.

Nina Sol

fotógrafa amante da natureza
ensinou-me a ver a beleza embriagante
Gotas de orvalho pendendo na ponta de um musgo.

Cacu

mestre da serenidade
ensinou-me a contemplar o mundo em quietude interior
e limpar um vidro em beatitude.

Tivah , Hannah, João

Miríade de Seres
cada gota confluindo
bailante rio da Vida
cada canto me ensinando e alimentando a consciência.

Prostro-me aos vossos pés. Ofereço meu humilde serviço
em agradecimento ao Todo e a cada ser que compõe a Vida Una.

Em especial, profundos agradecimentos a todas as pessoas com quem me entrelacei na peregrinação, moradores da Chapada Diamantina, sertanejos de Formosa do Rio Preto, caboclos do Jalapão, aldeias amazônicas, pueblos peruanos, campesinos bolivianos, toda e cada alma, pedra e flor.

Aos Mestres e Poetas que nos inundam de inspiração e compreensão.

Àqueles que deram auxílio direto e indispensável ao florescimento desse livro: Cacu, Eny, Pedro, João, Isabel, Hannah, Tivah, Flávio, Mariana.

E à mais algumas gotinhas que me compõem, às quais minha gratidão é fonte que brota inesgotável: Glauber, Zi, Isabel, Raphael, Ana Cristina, Simone, Mariana, Tadza, Thais, Tainá, Luiza, Aymê, Miag, Julia, Mel, Carol, Mateus, Melina, irmãos e irmãs de Amritapuri, Gopi, Kusuma, Mahita, Prem, Luciana, Família Sideral, Sundara, Família Ferreira, Taty, Seu Maneco e família, Bianca e família, Thiaguinho, Elisa, Pablo, Paulo, Vó Maria de Lourdes, Vó Eny, Eloina, Primos e Primas, Tias e Tios, Ju, Érishi, Kentchori, Moisés, Dora, Nawashahu, Bira, Banê, Neusinha, Naka, Lia, Guto, André Luis, Conrado, Wilde, Mosquira, Major, Dedé, André, Macarrão, Juliana, Liana, Camilla, Lisângela, Flávia, Ialê, Beatriz, Elisa, Fernandinho, Julia, Scooby, Mário, Lise, Mateus, Marília, Marlucy, Brandon, Ana Lúcia, Maria Célia, José Pacheco, Chang, professores e professoras, Ancestrais.

Atenção!

Este livro (esteja ele em formato impresso, digital, ou outros) possui direitos autorais que devem ser respeitados. Estamos muito felizes com o compartilhar e a livre distribuição deste livro. No entanto, qualquer forma de comercialização ou alteração do texto (integral ou parcial) é considerada uma conduta imoral e um ato de desarmonia. Além de ser uma ação ilegal. Pedimos encarecidamente que o livro circule sem trocas financeiras e sem alterações. Agradecemos sua compreensão e colaboração.

Namastê

Quando terminares de ler esse livro,
não o guardes em uma solitária estante!
Passe o livro adiante.

Agradecida!

Sumário

Apresentação	11
Prece às Estrelas	15
Caminhos Precipitantes	
o canto da cachoeira	21
Caminhos Peregrinos	
o canto da Terra Nua	29
Agrofloresta	32
Chapada Diamantina	40
Vale do Paty	50
Brilho do Cristal	91
Formosa do Rio Preto	98
Cachoeira Acaba Vida	117
Jalapão	124
Caminhos Meandrantes	
o canto da Amazônia	155
Amazônia	158
Povos da Floresta	197
Serra do Rio Moa	218
Yawanawá	244
Katuksina	259
Ashaninka	263
Terras Peruanas	293
Caminhos Oceânicos	
o canto do Pacífico	299
Deserto Pacífico	303
Los Andes	321
Altiplano Andino	345
Isla del Sol	350
Tiahuanaco	359
Caminhos Silenciosos	
o canto Interior	369
Carta caiçara	378
Glossário	380
Notas importantes sobre o texto	385
Fontes e referências	386
Lista de ilustrações	389

às Crianças de Gaya

à Nina e Cacu

à Guru

Apresentação

O rio flui montanha abaixo,
dançando pelas planícies
fundindo-se ao Mar.
A água ascende ao Sol,
derramando beata,
confluindo miríade de gotas,
peregrinando em retorno ao Oceano.

Caminhos confluentes.
A canção de um rio peregrino.

A vida é um rio meandrante. Nos ninhos das montanhas e florestas, brotam suas nascentes cristalinas e puras. Perfumadas pela inocência das chuvas. Atraídas por uma chama invisível, os córregos juvenis se lançam em precipitação. Rolando em cachoeiras com os seixos fluviais, brincando com os girinos serelepes, beijando estalinho em passarinho beberico. Incontáveis gotas de água lentamente confluindo.

Num gesto súbito, a jornada se abre em uma planície. Seguindo caminho, o rio peregrina pelas pequenas aldeias, levando embora os detritos da lavadeira ribeira, secretamente enchendo poços profundos com seus veios subterrâneos, abençoando silencioso o mergulho da criançada cirandeira. Acompanhando a serenata dos anfíbios. Sereno, se enamorando à lua cheia.

Bebericando gotas decéu terra. Doando sangue. Se entrelaçando às veias de incontáveis seres. Abraçando a Terra com seus singelos meandros.

Desvelando o canto além das fronteiras. E no breve cessar em uma respiração – desabrochas. Inundando inteiro.

Despertando Oceano.

O costão rochoso, beijando o mar de Itacoatiara, foi meu ninho. As árvores da vizinhança, pai, mãe e professores: formavam a floresta protetora. Irmãs, irmão, primos, amigos e amigas, sapinhos e gatinhos: os girinos. Deus onipresente, Mãe Natureza: a chama invisível. Sempre ardendo em infância, ela havia quase se apagado durante a adolescência e os anos universitários, mas reascendeu em todo esplendor, lançando-me em peregrinação por aldeias, florestas e montanhas da América do Sul.

Era verão de 2006. Eu estava prestes a receber a graduação em geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Todavia não me sentia integral. Tendo cursado o ensino superior em uma instituição pública, recebi o suporte de todo o povo brasileiro durante quatro longos anos para tornar-me uma célula qualificada em serviço à sociedade global. No entanto, não me sentia preparada. "Servir meu povo? Ajudar meus irmãos? Equilibrar sociedade e natureza? Qual é o

significado real? Como desenvolver uma ação integral?" Estava faltando algo: conhecer a verdadeira geografia, de onde a vida me espiava pelos cantos.

A roça e o canto do lavrador sertanejo, os meandros do igarapé, a professora contemplando o Jatobá. As faces ocultas de meu próprio coração.

Ó vida! Onde te escondes? Estás sussurrando pelos ventos ...
Ecoando nas ondas de meu sangue.

Onde está a geografia que desabrocha a poesia em sociedade e Natureza?

"Vá ao pinheiro, se queres aprender sobre o pinheiro, ou ao bambu, se queres aprender sobre o bambu. E fazendo assim, você deve deixar sua preocupação subjetiva com si mesma. De outro modo você impõe-se no objeto e não aprende. Sua poesia ascende por si só quando você e o objeto hão tornado-se um. Quando você há mergulhado profundo suficiente adentro do objeto para ver uma luz oculta cintilando naquele interior."

Mestre Matsuo Basho ^[2]

Era o inicio do outono de 2006. Um dia após receber o diploma, o rio da vida iniciou seus caminhos peregrinos pelas chapadas e casebres caboclos do sertão brasileiro, pela floresta amazônica e suas aldeias ribeirinhas, pelo deserto peruano e sua imensidão abrasadora, pela cordilheira dos Andes salpicada por ruínas e pueblos. A vida me guiou como um rio, entremeando gotas multifacetadas, desvelando os ciclos das águas confluentes.

Este livro é um relato sobre a peregrinação. Sobre preciosos sorrisos e olhares; sobre a lágrima de um irmão ancião. Sobre a dança dos continentes e a jornada do grão de areia. Sobre frondosas Samaúmas e delicadas borboletas que permeiam os caminhos meandrantes.

Sobre os passos serrantes de um infante. E desabrochar de um canção chamada Vida. Um rio sem fim nem fronteiras.

"Quanto temos realmente tentado se conectar com o nosso próprio coração? E quanto dessa tentativa particular de se conectar ao próprio coração tem sido repelida porque você pode ter descoberto algo terrível em si mesmo? Quando queremos, realmente, conectar com nosso próprio coração, o que é você? Quem é você? Onde está seu coração? Se você simplesmente colocar sua mão através de sua caixa torácica, e sentir seu coração, há uma ternura. Ele se sente sensível e macio. E ele dói. E você quer derramar seu coração para relacionar-se

com outros. Este tipo de ternura traz uma noção de destemor. Destemor que você tem a possibilidade de que o mundo ao seu redor pode cocegar seu coração. Seu cruel coração.”

Chogyam Trungpa Rinpoche ^[3]

Altíssima

às portas abertas de Vosso Templo
peço licença.
Essas humildes flores
deito sobre Vossos Pés.
Que as águas abençoadas, chuviscando
sobre meu ser, se derramem pelos versos,
desaguando em Vosso Oceano.

Mestra,
Mãe Natureza
Canto Oceano
vós que reside em meu Coração
vós que sois Vida Pulsando em minha veia
vós que me miras em miríade de Seres
Ó Rio das Águas Confluentes
em louvação, permaneço
em Vossa Eterna Onipresença

Om Sri Matre Namah
Om Premamritanandamayi Nityam Namo Namah
Om Amriteswaryai Namah

Prece às Estrelas

“Tudo na Natureza move num círculo sem fim: há nascimento, morte, e de novo, nascimento. As estações se movem num círculo: primavera, verão, outono, inverno, e primavera novamente. A Terra se move em seu eixo ao redor do Sol. Uma semente germina e se torna uma árvore; a árvore floresce, e novas sementes nascem.”

“Quando melodia e ritmo se complementam, a música se torna bela e agradável aos ouvidos. Da mesma maneira, quando pessoas vivem de acordo com as leis da Natureza, a vida se torna uma linda canção.”

Amma ^[1]

“O Tao que pode ser ensinado não é o Tao absoluto
O nome que pode ser nomeado não é o nome absoluto
A ausência de nome é o inicio de Céu e Terra
O nome é a mãe de incontáveis elementos.”

Tao Te Ching, v. I^[2]

Itaipu, início de outono, 2013.

Faz Silêncio aqui dentro.
Templo ancestral, a Terra repousa em seu manto negro.
Horas desertas, o tempo de Deus alumia.
As chamas flamejam no altar.
Chaleira vazia. Já é tarde. Amanha é novo dia.
Na janela, a pequena rosa vai despir um pouco mais a timidez, pétala a pétala, desenrolando sua alma vermelha. Em temor e admiração, ela leva seu tempo – como nós – nesse baile de marés. Recuando, avançando, passo a passo pelo rio da Vida. Doce rio sendero.

Oceano, Oceano! Sereno, profundo, em Ti eu mergulho.
Oceano, em Ti eu deságua. Ó Oceano.

Seus olhos,
sempre esse misterioso jeito de me mirar. Mirar pelos cantos.
Em prece, minhas mãos se unem. O canto da alma se elevando pelo peito. Como posso suplicar por aquilo que nem mesmo o oceano pode conter? E, todavia, se esconde no vácuo de cada átomo. Cá dentro.

Imperceptivelmente simples.
Vós me dizeis que sois Sol, Lua e Estrela. Que sois Vida pulsando em cada minúscula criatura. Que sois alento, penetrando, inundando, transbordando e dissolvendo em Todo. Sois os olhos que se escondem atrás dos meus. Testemunha silenciosa das esferas, infinitas eras transcorrendo em cada momento, aqui, agora, aqui dentro de meu seio.

Venha cá, venha cá mais eu. Venha cá mais uma vez. Se é que jamais me deixastes. Como posso deixar-me a mim mesma? Venha cá contar vossas lendas. Já não cabem mais, as palavras em meus dedos. Se é que podem palavras alcançar-te. Não, não! Não me bastam. Como podem meras letras expressar trovoadas que ecoam em meu coração, essa chama serena que flameja no altar? Caminhos Silenciosos....

“Mahamudra está para além das palavras e símbolos,
Mas para ti, Naropa, sério e leal,
Isto deve ser dito:

O Vácuo não precisa de confiança
Mahamudra repousa sobre nada.”¹

¹ Primeiros versos da “Canção de Mahamudra” de Tilopa. Maha: supremo; Mudra: gesto. Naropa (Mestre Budista Tibetano) foi o discípulo de Tilopa. [3]

Está bem...lhe prometo, vou tentar. Mas já és tarde, tenho ânsia de ter contigo. A chaleira já está fria. A alma, vazia. E lá fora relampeja...

A mesa parada, cadeira já quente. As teclas em mudo suspense...

Luz apagada, porta fechada, janela aberta. A tela espera em minha frente. Páginas vazias, letras sem linhas, versos rompendo a semente.

"Praneswara! Giridhari....

Ó Seiva da Vida! Vós que ergues montanhas...

Sarveswara! Vanamali, Oooo....

Ó Senhor do Cosmos, Presença Onisciente!

Vós que bailais selvagem,

adornado em guirlandas de flores silvestres...

I ratriyil nila nilavalla i ratriyil...

Nesta noite inundada de luar azul,

nesta noite preparei-lhe uma guirlanda
e lhe aguardo ansioso para adornar-lhe

Giridhari, eu lhe espero, Vanamali, Oooo ...

Nishayute nisshabda yamangalil, nishithini pollum, urangum
velayil...

No quarto silencioso da noite, a deusa presidindo pela
noite está dormindo. Sou o único que está à espreita

pra ouvir o tilintar de Vossas tornozoleiras?

Giridhari, eu lhe espero, Vanamali, Oooo ..." ¹

Sente, sente aqui em meu lugar. Se é que não já cá estavas. Sente aqui comigo, em mim, deite em meu coração. Cante vossa canção de ninar, para minha alma se elevar às estrelas. Elas cintilam tão belas, agora, neste céu que criastes no coração do mundo. Pela janela, se estampam contra a montanha escura, num existir profundo.

Longínquas lembranças, sementes na infância, despertando... Aquela criança, mirando as estrelas. Suplicando em inocência o Infinito Inteiro. Alegre, sem medo. Entregue. Um dia, aquela criança viu o irmão chorar. Viu a terra secar e o osso bater na dureza do chão. A alma morreu? Aquela criança se escondeu, mas jamais se apagou, chama viva em meu altar. Chama, chama calada a luz das estrelas. Para retornar e brilhar novamente em meus olhos, mais uma vez, alumando o mundo em imaculada pureza. Uma única vez, em eterna união. Existência! Aquela criança ainda a mirar-te em cada estrela.

Chaleira fria, chama vazia. Estrela mirando pelo canto.

A mente macia, serenata permeia.

Silenciosa, a alma semeia. Vós sois a colheita.

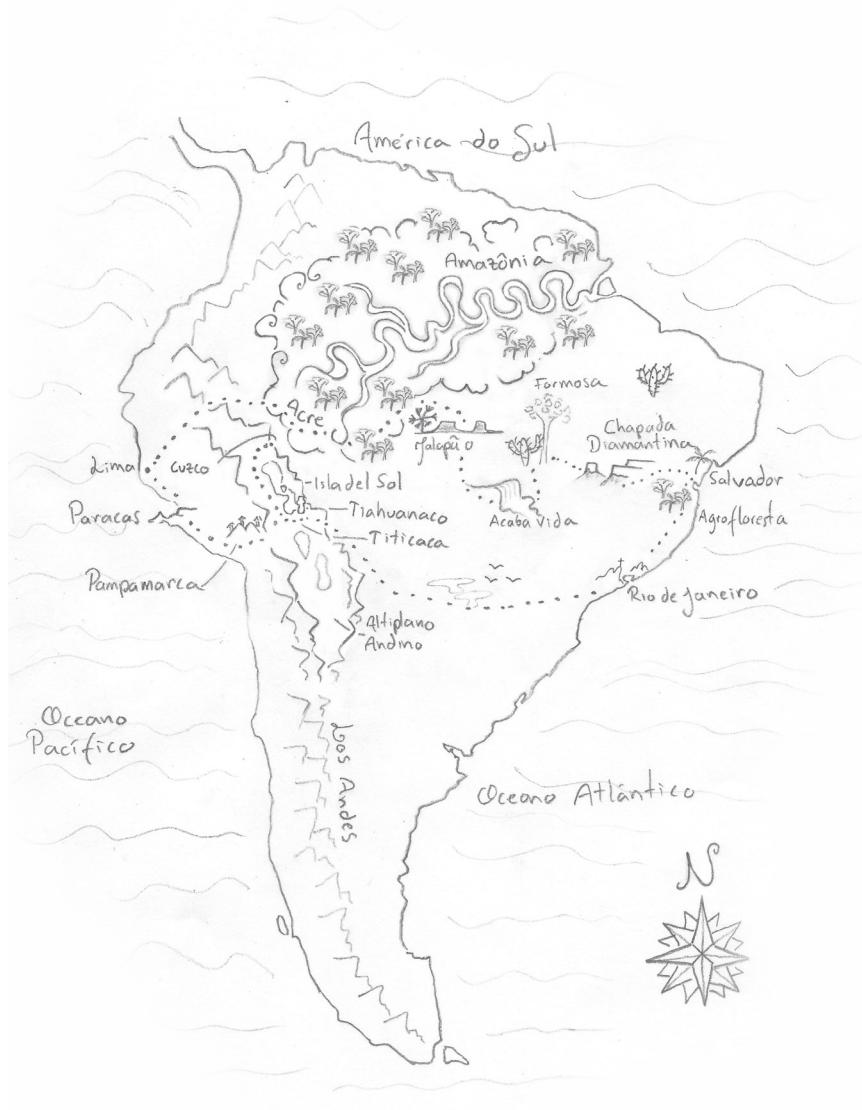
A Terra lhe espera, Ó Mãe, alumea!

Infinito

correndo pela veia.

¹ Praneswara Giridhari, canção devocional Malayalam, Amritapuri, india [4]

“Ave Maria
Mãe das estrelas, Mãe do céu
Alma doce da natureza
Ó seiva viva que nutre esse chão
dá Tua Luz
a tudo que vive e respira
leva a dor do coração.
Ó doce Mãe, estende Seu manto
nessa Terra que tanto precisa de Ti
transforma os corações dos homens
para que o paraíso aconteça aqui.
Santa Maria”



Caminhos Precipitantes

o canto da cachoeira

“My light shall be the moon
And my path – the ocean.
My guide the morning star
As I sail home to you”¹

¹ “Minha Luz será a Lua, e meu caminho o Oceano. Meu guia, a estrela da manhã, enquanto navego ao lar em Ti.” Enya [1]

“O Sol se pôs no oceano oeste e o dia iniciou o seu lamento.

Isso é senão uma brincadeira do Arquiteto Universal.

Então por que deverias tu, Ó lótus a encolher-se, sentir-se desamparada?

Esse mundo, cheio de misérias e mágoas, é senão um sonho de Deus, e eu, o espectador, sou senão uma marionete de madeira em Suas mãos, sem lágrimas pra derramar.

Com ou machama, a mente está queimando em separação, nesse oceano de aflição.

Estou sendo lançado por todos os lados, incapaz de encontrar a costa.”^[2]

Rio de Janeiro, início de outono, 2006.¹

Na rodoviária silenciosa, imagens do amanhã brincam na mente.

Emoções a espera de viver. Lugares a espera de aventuras.

Planejamentos se desdobram pelos dias por nascer,

... meras brincadeiras. A vida é rio meandrante, verdade errante, não caminha sobre os trilhos dos planos.

É eterno mistério.

Há de se ser bailarina. Dançar em harmonia, qual seja a melodia,

Pelos risos e improvisos da Grande Orquestra.

Primaveras, tempestades,

A Música sempre a nos transformar, com seus caudalosos espirais, Girando os eixos dos planetas.

Subindo pelo litoral sul da Bahia, o ônibus transportava muitos nordestinos que vinham visitar sua terra natal. Longas prosas xoteadas lamentavam uma saudade. A vida na roça tinha riquezas cotidianas, encontradas apenas em cantos de lembranças, esquentando corações apertados pela dureza fria da cidade.

Meu coração também sentia um pouco de frio. A vida às vezes segue estranhas veredas, cortando a verdade pelo meio. Sociedade rompida, juventude desgarrada. Destreinada em resguardo, arriscarame às estradas dos sentidos, portas e janelas escancaradas. Juventude ferida, sociedade iludida, universidade atrofiada – pintaram a face de um novo mundo, esquecendo as cores da doce inocência. Desinstruída, embrenhei-me no mundo. Mas como quem se atira ao mar sem antes aprender a nadar, séries socadas de experiências cruas bateram em meu peito.

Valores violados, povos massacrados. Rios poluídos, florestas incineradas. Adultos mal-humorados, crianças famintas em ruas frias e escuras, idosos enfermos abandonados. Bezerros torturados, ganância insaciável, apatia intolerável. E aquela raiva reprimida em meu próprio interior, aquele gosto amargo da impotência.

¹ Depois de entregar a monografia de graduação, liguei todos os dias para a secretaria do departamento de Geografia da UFRJ (Universidade federal do Rio de Janeiro), aguardando o diploma. No dia em que ficou pronto busquei o título de barcharelado no campus do fundão e peguei um ônibus direto para a rodoviária do Rio de Janeiro. Comprei a passagem: sul da Bahia partindo no dia seguinte.

Áspera insipidez era um novo sabor que a imaturidade experimentava. Era mesmo ilusão o gosto dos sonhos? Teria que investigar por mim mesma.

Ó Vida! Que sois? Quem sou? Onde escondes vossa pureza?
Como posso ficar parada perante a desigualdade alheia?
Inacabável alienação....

Perdão. Já sei. Universo gira em perfeição.
Há outras formas de se mover.
Mesmo assim, que vale o saber que não sabe ser?
Mas ser é tão simples!
Como o Sol que existe imóvel,
alumiando a rosa a nascer.
Sem 'eu' e 'você', sem medo ou querer.

Ó equanimidade! Sois vida em minha veia.

A realidade crua e nua está batendo em minha porta,
amigos e assassinos, alegria e tristeza,
que devo fazer?
Meu coração quer pulsar a paz,
e esse choro entalado quer acolher o mundo inteiro em meu ventre.
Mas isso eu já tentei....
Se o ventre for 'meu' não cabe ninguém.
Por isso sigo o caminho, desvelando, o ventre verdadeiro.
Vazio. Inteiro.

Fraternidade universal, equidade incondicional, Luz imaculada.
Mera falsa esperança? Brincadeiras de criança? Aos trancos e barrancos
a vida seguia, propelida pelos sonhos de uma juventude enérgica. Aos
poucos, o vigor foi se dissipando pelas experiências indigestas. Beleza
e alegria ainda existiam, mas também crescia uma dor entre os seios.
E aquela sede insaciável ardendo, garganta cada vez mais seca. Alma
prematura, coração dilacerado, escorrendo-lhe a seiva.

"A gloriosa montanha cor de cobre esta dentro de meu coração
essa mente nua, toda envolvente e pura, não é sua morada?

Mesmo que eu viva no lodo e lama da idade escura,
ainda aspiro a vê-la
Mesmo que eu tropece nas névoas grossas e escuras do
materialismo,
ainda aspiro a ver (sua face)." [3]

Em pálida vitalidade, a árvore da Vida mergulhou num inquérito profundo. Investigante, lançou raízes ao ventre da Terra à procura da realidade. Ergueu seus galhos almejantes, a tocarem o céu num gesto suplicante de esperança e desespero.

Ó Tao! Qual o caminho Total? Para além da Luz e escuridão...
Os raios do Sol se escondem de noite, revelando miríade de estrelas

"A alegria de consciência espontânea, que está comigo a todo tempo, não é isto sua face soridente, Ó Karma Padmakara?

Mesmo que eu viva no lodo e lama da idade escura,
ainda aspiro a vê-la

Mesmo que eu tropece nas névoas grossas e escusas do materialismo,
ainda aspiro a ver (sua face).

No glorioso Taktsang, na caverna
que acomoda todas as coisas,
Samsara e nirvana ambos,
os heréticos e bandoleiros de esperança e medo
são subjugados e todas as experiências
são transformadas em Sabedoria Louca."¹

Encanto, vossa alma ainda não se perdera, aguardando em cantos periféricos. Faces desconhecidas, girando no centro da vida – minhas próprias faces ocultas.

Recém graduada, saltei às estradas,
Em aventura e investigação
Perseguindo sonhos esfumaçados, procurando povos camuflados;
Onde o mundo guardava os olhos calados de meu irmão,
Sofridos, puros, crescidos;
Onde o rio selvagem da vida corria;
Onde ria minha avó cangaceira;
Com os sábios tambores de sua canção;
Coração, inquieto e claro, uma longa respiração,
Pés no chão, pisando na terra crua,
Tateando a cara nua;

Como folhas em corredeiras, quedas e cachoeiras,
Soprando suave alento,
... Precipitei-me em peregrinação.

Verdade!
Vossa filha errante partiu a buscar-lhe,
Em solitária navegação.
Nudeza! Teu rosto a aguardar-lhe
Nas águas sagradas da comunhão
Oceano Profundo.

¹ Versos do "The Sadhana of Mahamudra" do Lama Tibetano Chogyam Trupga Rinpoche.
[3]

"The boat is gone –
great sea,
pink dawn

I remain on the shore, counting the footprints left on the sand.

A group of anxious man and women are here
to see the boat off
and to pray for the man who is going.

"May the sea be calm and the sky quiet," they whisper.

O wind, carry their prayer
and let the ocean give him the storms they need.

O suffering,
come here by my side,
and watch the boats pilot,
who is contemplating sky and cloud,
smile calmly at waves and ocean,
not praying for calmness of ocean and sky
but for two arms and one heart.

O suffering,
come close by my side.

Give up your haughty laugh.

Thanks to you, he will reach greatness.

Without you, he would have remained only he, forever.

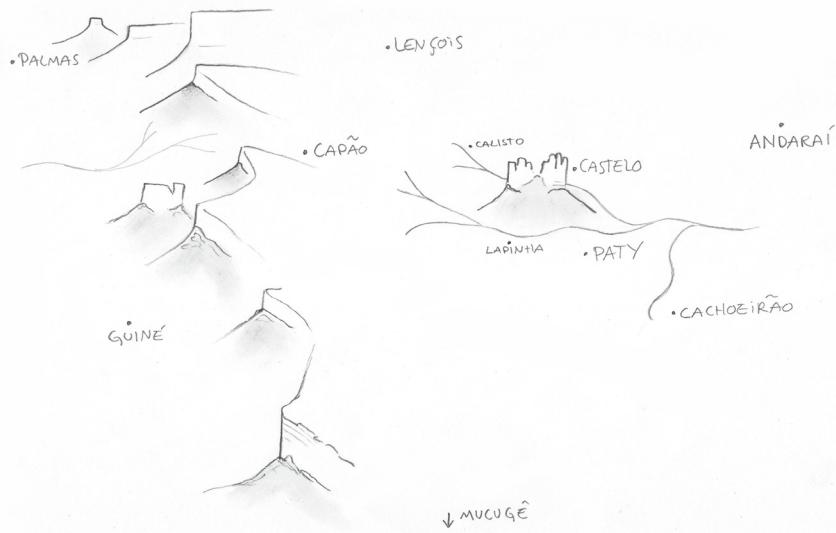
Let us pray that the darkness becomes deeper,
O innumerable, twinkling stars!
At sunrise we will be able to see
sparkling streams of morning light
flowing down from the top of the mountain."¹

1 "O barco se foi – grandioso mar, aurora rósea. Permaneço na costa, contando as pegadas deixadas na areia. Um grupo de ansiosos homens e mulheres estão aqui para ver o barco embora, e para orar pelo homem que está partindo. 'Posse o mar ser calmo e o céu quieto,' sussurram. O vento, carregue suas preces – e deixa o oceano dar-lhe o que eles precisam. O sofrimento, venha cá ao meu lado, e assista o piloto do barco, que está contemplando céu e nuvem, sorrir calmamente para as ondas do oceano, não orando para calmaria de oceano e céu, mas para dois braços e um coração. O sofrimento, venha perto ao meu lado. Deixe seu riso arrogante. Graças a ti, ele alcançará grandeza. Sem ti, permanecerá somente ele, para sempre. Oremos que a escuridão se torne mais profunda, O inumeráveis estrelas cintilantes! Ao nascer do sol, poderemos ver correntes brilhantes de luz matinal, fluindo abaixo do alto da montanha." Primeira metade do poema "Let us pray for darkness O sparkling stars," de Thich Nhat Hanh, monge vietnamita que foi exilado durante a guerra do Vietnã por motivos de seu ativismo a favor da paz e seus serviços de budismo engajado em apoio às aldeias afetadas pela guerra. [4]



Caminhos Peregrinos

o canto da Terra Nua



“Listen my heart,
to the whispers of the world
with which it makes love to you.”

Tagore ¹

¹ “Ouças, meu coração, aos sussurros do mundo com os quais ele faz amor com você.” [2]

Agrofloresta

BR 101, Estrada Rio - Bahia, início de outono, 2006.

Olho pela janela.

Assim como a vida, aguardo lindas paisagens se transformarem. Lentas, abruptas, as mudanças esculpem superfícies profundas. Planícies em montanhas, planalto em chapadas, deserto em cerrados, e estes em exuberantes florestas. Dias se transformam em noites, e noite em dia, incendiando céu e terra com o fogo da aurora.

Transformando conhecido em desconhecido, e desconhecido em conhecimento.

Ela nasceu e se criou próximo ao município de Gandu.¹ Na poltrona ao lado da minha, contou sua história enquanto o ônibus percorria as estradas de sua terra natal. Sua infância cambaleara entre pés de cacau e o ribeirão, na antiga fazenda familiar. Como todas as crianças do lugar, pois o cacau era o principal cultivo da região. Evidente por sua abundância na beira-estrada. Aqui e ali havia pequenas porções de roça, entre as vastas monoculturas da fruta. Mandioca, milho, feijão, jerimum, banana, fartando a mesa das famílias agricultoras.

Originário da Amazônia, o cacau compartilha sua história com muitos povos. Naquele dia, a minha companheira de ônibus contou mais um episódio.

Vindo também da Amazônia, o fungo conhecido como “vassoura-de-bruxa” transformou a vida de muitos brasileiros. O fungo se tornou o que a agricultura moderna nomeia de “praga,” gerando uma “crise” na economia cacauíra. Além de apodrecer o fruto, a “doença” deixa as folhas com um aspecto de vassoura de bruxa.

Conta-se que o fungo começou a se alastrar pelas fazendas da Bahia em 1989. Uma década depois a produção diminuiu para ¼. O resultado foi a geração em massa de desempregados e a migração dos camponeses para a periferia das cidades, provocando o que se chamam de “favelização.” Os problemas sociais foram de cortar o coração: a cultura do cacau era a principal atividade econômica de todo o sul da Bahia. Muita gente ganhava sua renda a partir desse fruto, tanto nas áreas rurais como na cidade. Curiosamente, a nova “crise” do cacau também trouxe boas viradas. Antigas fazendas que estavam em posse de grandes empresários tornaram-se novos assentamentos de pequenas famílias. Como um cristal de múltiplas faces, a realidade se completa por incontáveis ângulos de visão.

Nessa onda de incertezas, a família de minha companheira de ônibus despediu-se de suas terras para tentar a vida nova nos grandes centros urbanos. Ela desceu o país com o marido e alguns filhos, a

¹ Gandu é um município ao sul de Salvador, no litoral Baiano.

procura de emprego em São Paulo. Estava cuidando de um sítio no interior daquele estado, mas confessou lágrimas ocasionais – saudades de tempos que, segundo ela, não mais retornarão; e de algumas filhas, de cujo crescimento não pôde participar. Contou-me que estava feliz. Pois arrumou um belo lugar para levar a vida, em condições sustentáveis. Confessou, porém, um medo íntimo de algum dia se encontrar desempregada em terras estrangeiras. Pois seus patrões também passam. Como tudo passa.

A noite caía. O ônibus se aproximava do meu ponto de descida. Havia planejado visitar a fazenda de Ernst Götsch, um suíço precursor da agrofloresta no Brasil.¹ Para direcionar-me tinha em mãos apenas o nome da fazenda: Fazenda Fugidos. Do “onde”, sabia apenas que ela ficava próxima a Piraí do Norte, no município de Gandu. E a investigação verbal daria conta do resto! Mas a escuridão da noite alimentou ervas daninhas: medo. “E se eu não encontrar o lugar? E se não tiver ninguém na fazenda? E se... e se... ???? ... melhor ir direto para Salvador”, diziam os pensamentos; e eu cedi a eles.

Desci do ônibus já em noite avançada. Os olhos percorreram a rodoviária de Gandu – tudo fechado! Meus pés caminharam ao centro, ecoando no amplo salão sem paredes. No canto, o Guarda-Volumes estava aberto. Atrás do balcão havia um jovem de plantão, perguntei-lhe sobre ônibus para Salvador. Respondeu-me que o próximo era às onze da manhã. Olhei o relógio: dez da noite. Quase sem querer sair, as palavras arriscaram uma pergunta sobre a fazenda.

– A fazenda do suíço? Sempre levo uns grupos pra lá – a resposta veio de longe. O último taxista se aproximou da conversa que quebrou o silêncio noturno.

– O Ernst tá viajando – continuou – lá pra Goiás. Mas sempre tem gente lá no sítio. O ônibus sai de manhã, lá pras seis horas.

Os lábios formaram um sorriso de agradecimento. Restava esperar a procissão das estrelas, anunciando o passar da noite. A gentileza de meu novo amigo, o moço do Guarda-Volumes, foi a minha companhia no aguardo do dia. Albaní era seu nome. Rapaz novo, nascido e criado em Gandu. Ele contou que, assim como muita gente daquela cidade, sua família tinha uma pequena fazenda de cacau no interior, onde passou a infância. Seus pais ainda viviam da agricultura e todo final de semana ele ia visitar a fazenda. Seu rosto se iluminava ao narrar os banhos de rio, o feitio de farinha, as colheitas, o sabor singular de se

¹ “Um suíço chamado Ernst Gotsch, que se mudou para o Brasil na década de 80, trabalha desde então em sua fazenda com a implantação de agroflorestas fundamentadas na Sucessão Natural de Espécies e que propiciam a recuperação dos solos trabalhados. Por meio de um modelo de agricultura que prescinde de insumos externos, Ernst Gotsch reflorestou 480 hectares de área degradada no sul da Bahia. A fazenda desenvolveu seu próprio microclima, 14 nascentes de água foram recuperadas e a fauna repopulou o lugar. O efeito extra de sua intervenção é a colheita agrícola. O experimento tem sido disseminado e adaptado a diferentes regiões e climas nos últimos 30 anos. Neste modelo de agrofloresta, o insumo mais importante é o conhecimento.” Projeto Agenda Gotsch [1]

comer fruta com as pernas penduradas nas árvores, de moer sementes e tomar suco fresco. O cacau era uma raiz pivô em sua cultura, sua vida, como na de muitas pessoas das roças, vilarejos e cidades daquela região. Em seu íntimo, cultivava um sonho comum: viver da terra, na fazenda. Mas os tempos eram difíceis para o povo da roça e ele tinha que se virar com empregos na cidade. Não podia desperdiçar aquela oportunidade que o tio arrumara no Guarda- -Volumes da rodoviária, dizia de olhos baixos.

As conversas trouxeram o raiar do dia e o dia trazia o primeiro ônibus. Meus olhos piscavam de sono, em cadênci a com o balanço da estrada de terra. Ao longo do caminho fazendas de cacau seguiam-se lado a lado, eram pequenas produções familiares.

O motorista me despertou e desci cambaleando. Encontrei-me a sós, por todas as direções só se via mata, cortada pela larga linha de barro vermelho. Senti um grande contraste em relação às paisagens pelas quais a estrada havia passado, onde a monocultura parecia ter roubado algo da vitalidade atmosférica. Entre a folhagem avistei um banco de madeira com teto de palha. Ao lado havia uma placa: Fazenda Fugidos. Sentei no banco e encostei a mochila pesada no tronco, ainda meio tonta, pensando no que fazer. De repente surgiu um assvio se aproximando e apareceu um rapaz baiano. Cumprimentamo-nos. Era um dos trabalhadores da Fazenda. Quando contei-lhe que queria conhecer o trabalho deles, disse-me que o Ernst estava dando um curso no cerrado. Acrescentou que gente do mundo inteiro visitava o local para aprender essa forma de manejar a terra e ofereceu-se para mostrar a agrofloresta.¹

Um trabalho maravilhoso!

A voz da floresta jamais se cala. E sempre há de haver corações humanos que silenciam, se abrindo a esse sussurrar.

Caminhamos pela fazenda. Sílvio possuía delicada atenção. Focando em pequenos detalhes, ele guiava minha percepção pela compreensão das dinâmicas ecológicas. A essência do manejo agroflorestal ia nascendo em mim.

Um dos princípios centrais do manejo estava claramente exposto na incrível diversidade de vida presente no sítio – árvores altas, pequenas, antigas, jovens, madeira de lei, frutíferas, espécies adubeiras, arbustos, ervas, gramas, trepadeiras, fungos, répteis, pequenos mamíferos, aves, insetos, micro-organismos, infindáveis seres. Todas essas formas de

1 A agrofloresta, também denominado de Sistema Agroflorestal (SAF) é uma forma de cultivar a terra em harmonia e equilíbrio com as dinâmicas naturais do ecossistema nativo. Solos, água, fauna, flora, comunidades humana, culturas, arquitetura, são manejados de modo integral e inter-relacionado. Após alguns anos, a área inicial se torna semelhante à vegetação nativa, com árvores altas e uma grande biodiversidade. Algumas das funções dos SAFs são: recuperação de áreas degradadas (fauna, flora, solo e recursos hídricos); produção de uma alta diversidade de espécies frutíferas, medicinais e madeireiras; geração de sustentabilidade ecológica e social; e sobretudo, o bem-cuidar da Natureza. Naturalmente, povos indígenas de diversos ecossistemas praticavam manejos agroflorestais. Esses saberes milenares constituem a fonte principal dos percussores atuais da agrofloresta, juntamente com a integração de conhecimento científico.

vida trabalhavam juntas na construção e manutenção de um sistema florestal altamente abundante. Gerando fartura para o reino vegetal, animal e humano.

A Natureza era livre. Livre para crescer, servir, doar. Para expressar toda sua beleza e maternidade. Toda sua integralidade.

“Onde se esconde a fonte que lança à superfície essas flores em um rebento incessante de êxtase?”¹

Percorremos uma área da fazenda onde o cacaueiro era o foco do cultivo, sem que fosse uma planta dominante. Pois assim como no ecossistema Amazônico, ele camuflava-se na grande variedade de plantas. Crescendo vigoroso sob as copas das árvores que lhe cobriam e sobre a espessa camada de vegetação que lhe alimentava. Os homo sapiens são apenas mais uma espécie de agricultores. Sem o trabalho das outras espécies o sistema de cultivo perderia sua eficiência, abrindo espaço para desequilíbrios – “pragas”, doenças, baixa produtividade, dependência química.

Sílvio explicava que todas as espécies trabalhavam de forma integrada, cada uma com sua função específica.² “Mat o não é mato. Cada planta tem um nome, e tem uma função”, Ernst costuma dizer. Grande parte das árvores, arbustos e plantas rasteiras são cultivadas com fins de fornecer adubo. Cada variedade contribuindo com nutrientes específicos, gerando um enriquecimento completo do solo.³

Na Fazenda Fugidos uma das principais leguminosas adubeiras plantadas era a Eritrina, uma árvore alta com folhas de fácil decomposição. Com o auxílio incansável de minúsculos trabalhadores (insetos, fungos, micro-organismos) a poda periódica deixava seus troncos macios e os galhos porosos se transformarem em terra fresca. Aparentemente insignificante, essa fauna do solo é uma decompórtora insubstituível de matéria orgânica, possibilitando uma diversidade enorme de plantas alimentar-se a partir da reciclagem da grande reserva de nutrientes caídos no chão.

Os agricultores da fazenda salientavam que o solo junto com um bom manejo eram as chaves para o crescimento saudável da floresta e seus frutos.

¹ Rabindranath Tagore, poeta indiano, início do séc. XX [2]

² Havia plantas rasteiras e arbustos adubeiros, como o feijão-de-porco. Havia pequenas plantas de alimentação que nasciam na sombra, como a taioba. Havia árvores de poda que forneciam matéria orgânica e adubo, rebrotando naturalmente, economizando energia e mão de obra dos trabalhadores. Essas últimas tinham um ciclo curto, pois estavam sempre crescendo, recebendo podas e rebrotando. Havia alta diversidade de espécies frutíferas, garantindo fartura constante, a cada estação. Havia palmeiras, que além do fruto (jussara, açaí, pipunha), também produziam palmito. Havia madeiras de lei, com seu ciclo longo. A maçaranduba que leva por volta de 150 anos para alcançar tamanho adulto (qualificando-a para uso em construções), desde jovem produz uma polpa deliciosa. Essas plantas de funções variadas compartilhavam a mesma morada, intercaladas, se complementavam como os órgãos de um único corpo. Cada uma crescia em seu ritmo, preparando melhores condições para o próximo ciclo de plantas na sucessão florestal.

³ As leguminosas, entre outras, auxiliam na fixação natural de nitrogênio, elemento químico cuja aplicação sintética tornou-se indispensável na monocultura industrializada.

Grandes pedaços de troncos podados jaziam no chão. O tempo deixava suas marcas sobre eles; dia após dia, sucedia a metamorfose, madeira se tornava terra. Chão era como espírito, lentamente penetrava em madeira. Esta, soltando últimos suspiros, se despedia da alma de árvore. Renascendo entre os fungos subterrâneos. Novas cores, novas formas, labirintos interiores. Mistérios esculpidos, cogumelos em flores. Plantar é arte, a beleza de deixar viver o invisível.

“Be still, my heart, these great trees are prayers.”¹

Sílvio levou suas mãos ao chão, erguendo a ponta de um desses antigos pedaços de madeira: milhares de colônias surpreendidas trabalhavam silenciosamente na produção de solo. Minhucas, besouros, formigas e muitos parceiros dos lavradores, ocultos em submundos. Como o coração envia sangue e recebe nutrientes, esses entes recebiam alimento das podas, retribuindo terra preta. Exalando o perfume da fertilidade.

Minhas mãos mergulharam naquela maciez refrescante. A terra transbordava de sua fábrica artesanal, gentilmente acariciando a pele. Elevei um punhado ao rosto; seu tom roxo-enegrecido brilhava. O aroma carregava vida, lentamente revigorando meu pulmão; Sabedoria da Mãe Natureza.

Ao longo de todo o caminho Sílvio esticava o braço, ou uma vara, colhendo frutas infindáveis. Nativas, exóticas e desconhecidas – pois nas florestas se escondem riquezas inigualáveis. Penetradas pelos observadores silenciosos. Serenidade desvela segredos como o Sol revela a Terra.

A vida fluía por céu e terra, por cada folha, cada lagarta, cada corpo em decomposição, como o ar circula em nosso pulmão.

Sílvio parou e ficou a observar um cacau. Puxou uma trepadeira e amarrou um dos galhos para cima. Apontou para perto da raiz e disse.

– O cacau sabe quando ele não tá produzindo e cria filhos que brotam da sua casca, bem junto ao chão. Quando o pé mãe não tá mais bom, o filho dela cresce, e ela seca e morre. Aí o filho cresce bonito e renovado, produzindo muitos frutos.

Para Sílvio, eram pequenos detalhes do manejo que faziam grandes diferenças na saúde das plantas. Perguntei sobre a vassoura-de-bruxa, a tão temida “praga” do cacau.

– Ah, a vassoura! A vassoura também é nossa amiga. Ela nos mostra quais são as plantas que tão com pouca saúde, e quais os galhos doentes que precisamos podar para fortalecer o pé. A vassoura só se alastrá quando todo o sistema está doente, mal-cuidado. Quando o solo tá pobre e as condições das plantas não estão agradando. Mas se

1 “Permaneça em quietude, meu coração, essas grandiosas árvores são orações.” Tagore [2]

a gente tiver cuidado e observar onde o fungo tá amarelando a folha, é só cortar o galho.

Sílvio se calou, aproximando-se de uma árvore. Olhos firmados. Mostrou-me um galho de folhas amareladas. Sacou o facão da cintura e disse – mas tem que cortar de baixo para cima, para não dar fungo na parte exposta e não dilacerar a madeira.

A agrofloresta servia furtos novos a cada estação. Ano a ano, ela finalizava e iniciava novos ciclos de produção. Solos cada vez mais férteis e profundos. Elevando a biodiversidade e a qualidade de vida de todos os moradores. Fauna, flora e homo culturalis. A comunidade evoluía uníssona. Plantas mais delicadas nasciam. O trabalho ficava mais leve.¹

Ernst tem uma história muito bonita para ensinar: qualquer terra, seja qual for a condição em que esteja, torna-se terra boa e fértil quando recebe um bem cuidar.

Quando a Fazenda Fugidos foi comprada era uma área desprezada, devido a desgastes sofridos por décadas – extração de madeira, queimadas, monoculturas, aplicação de venenos químicos, criação de animais, compactação por máquinas e gado. A falta de cuidado deixou a terra despida, amarela, árida e sem vitalidade. Sem cor nem carinho, carente de amor. Antigos rios tornaram-se veredas secas. Erodidas pelas chuvas.

Ernst iniciou seu trabalho se inspirando nas formigas cortadeiras; justo os bichinhos que são o terror de muito agricultor. A Natureza é sábia e sábio também é quem aprende a observar. Toda mãe conhece as necessidades do filho. Aquela terra precisava de cobertura. Portanto, os primeiros trabalhadores doaram-lhe capim em abundância. O sapê também tem seu porquê. Mas sem compreender, a gente acaba travando guerra com ele na roça. No entanto, há quem sabe recebê-lo em gratidão. Aproveitando o sapê que brotava em abundância, Ernst realizava a poda deixando que ele caísse sobre si mesmo, formando espessos “nínhos” de matéria orgânica. O início era sempre deixar o solo bem coberto e protegido. Ninhos onde a vida pudesse se desenvolver.

²

1 “Sucessão ecológica é o nome dado à sequência de comunidades, desde a colonização até a comunidade clímax, de determinado ecossistema. Estas comunidades vão sofrendo mudanças ordenadas e graduais. As primeiras plantas que se estabelecem (líquens, gramíneas) são denominadas pioneiras, e vão gradualmente sendo substituídas por outras espécies de porte médio (arbustos), até que as condições ambientais chegam uma comunidade clímax (árvores grandes), apresentando uma diversidade compatível com as características daquele ambiente. Nesta fase, o ecossistema apresenta um equilíbrio com o meio.” Wikipédia [3]

2 A natureza é sabia e paciente em suas técnicas de autorrecuperação da fertilidade e da diversidade inerentes. Mas para restabelecer o ecossistema natural, pode levar muitas gerações humanas. A mesma mão que não soube cuidar, tem a força de otimizar o tempo de recuperação da floresta. Ernst, como muitos filhos sábios, trabalhou em parceria com a sabedoria da natureza: em gratidão com sua bondade. Cada forma de vida preenche uma função – para cada etapa na evolução do sistema, certas espécies de fauna e flora brotam espontaneamente para cumprir seu papel.

Novas espécies começaram a brotar sob a pele de capim. Sementes adormecidas na terra seca, sementes que viajavam com os passarinhos pelo ar. Com mais cobertura e mais alimento, insetos, bactérias e minhocas vinham compartilhar dessa celebração. E a cada estação, mais animais e plantas recebiam o chamado – o chamado que pulsava da terra. A vida da floresta despertava.¹

E pulsava também no coração humano. Das mãos se derramavam sementes fortes e rústicas, colorindo o chão de verde. Palavras carinhosas sussurravam- -lhes, “é hora de acordar e buscar a luz do sol”. Feijão de porco e mucuna eram sucedidos por mandioca e abóbora. Enfim, pupunha, açaí, cupuaçu alimentavam a mesa dos lavradores. Um banquete de gratidão.

Em 10 anos, uma rica terra preta com um palmo de profundidade sorria de felicidade. Em 15 anos, mais de sete nascentes haviam sido recuperadas. E as lágrimas da terra derramavam rios de alegria.

O agricultor tem muitos amigos; os insetos são seus tratores. As plantas que ele ajuda a despertar chamam novas amigas que enriquecem o lugar. Hoje a fazenda necessita cada vez menos de mão de obra, produzindo cada vez mais. Tem o maior índice pluviométrico da região. A abundância de água convida jiboias, tatus, macacos e muitos outros animais desabrigados a morarem em um novo paraíso. Cada um prestando seu serviço singular.²

1 “É importante observar que não existem regras fixas e absolutas que classifiquem essa ou aquela espécie como sendo do sistema x e do estágio y, como quem deseja preencher uma tabela com nomes de espécies e estágio a que pertencem. O que mais se busca é a relação que existe entre as espécies, entre elas e o ambiente, e não uma classificação mais ou menos fixa e acadêmica das espécies. De uma maneira geral, é possível ter uma previsão do que é possível crescer ali e isso depende muito da experiência que se tem no lugar, enfim, do conhecimento que o agricultor tem. Porém, o momento ótimo de cada espécie depende muito do nível de diversidade que existe no ambiente, de condições muito peculiares que, por vezes, fogem à nossa limitada percepção. Por isso, às vezes é bom “arriscar” o plantio de uma espécie que se presume não ser daquele sistema, que pareça depender de maior diversificação. Caso ainda não seja ali o lugar dela, entrarão em ação os “corregeiros” naturais, chamados de “pragas” ou doenças, que atuarão na tentativa de expulsar aquela espécie que se instalou num lugar ou momento inadequado. Então, nos cabe um pouco de humildade para reconhecer que as formigas e outros animais têm uma sintonia bem mais afinada com os processos do ambiente e com a disseminação da vida, atuando de maneira bastante precisa para promover a complexificação desse ambiente, ou seja, combater a entropia. É exatamente essa a direção que devemos tomar.” Patrícia Vaz. [4]

2 “No entanto, também é comum os animais autóctones aprenderem a manejar plantas introduzidas de outros locais, quando essas plantas se adequarem bem, assumindo seu lugar ecofisiológico no sistema. O cacau veio da Floresta Amazônica para a Mata Atlântica do sul da Bahia e todos sabem que os melhores cacauais são aqueles plantados pelos macacos de banda. Esses animais, da Mata Atlântica, aprenderam a colher o cacau cuidadosamente, torcendo o fruto e sem ferir a almofada, comer a polpa e plantar a semente com grande maestria e sofisticação, sempre no lugar certo, no consórcio certo, ao lado das plantas certas. A paca também participa de forma integrada nos ambientes com cacau. Ernst relata que, na região, elas começaram a comer os frutos que se formavam na parte mais baixa dos cacaueiros, até cerca de 50 cm. Um produtor vizinho começou a combater o animal, pois estava “roubando” sua plantação, mas Ernst não se importou com a “perda”, assim como outros que não combateram o animal. No entanto, as plantações que não sofreram o “roubo” da paca ficaram altamente atacadas pela podridão parda, doença que se atribui ao ataque do fungo *Phytophthora palmivora*, que pode se disseminar pelo solo, contaminando os frutos, por exemplo, por respingos de gotas de chuva. Assim, as plantações que tinham frutos muito perto do chão, ficaram mais facilmente afetadas pela doença, sofrendo perdas muito maiores do que aquelas onde as pacas participaram do ambiente e se alimentaram de alguns frutos. Esses são alguns dos exemplos que mostram a integração dos elementos de um sistema na promoção da vida e do equilíbrio, quando animais cumprem sua função, atuando

A tarde me encontrou sentada novamente no banco de madeira, à espera do ônibus. No balanço da estrada fui observando a paisagem da agricultura local: intermináveis fazendas de cacau com aquele mesmo padrão de monocultura. Um dos trabalhadores da fazenda Fugidos ia viajando no banco ao lado. Ele me surpreendeu ao apontar as novas plantações de seringueiras:

– É o negócio do momento! Muita gente tá investindo na borracha. É o que tá trazendo o dinheiro pr'essas bandas de cá!

Mistérios da vida. Nos próprios seringais do Acre eu iria descobrir que o preço da borracha baixava e os seringueiros buscavam outras fontes de renda. Eterna Impermanência. Quando todo o peso se apoia em um único pilar, como nas monoculturas cacauzeiras, famílias inteiras se desestruturam quando ele despencar.

A floresta conserva sua resiliência pelas mil membranas interligadas, apoiando-se mutuamente.

Cheguei à barca que cruza a Baía de Todos os Santos e segui a Salvador. Cruzando igrejas e casas coloridas do centro da cidade, meus primos contaram que a cidade de Salvador crescia. As habitações rústicas da periferia se espalhavam pelas colinas e planícies. A cultura da roça ia se transformando em cultura de “favela”. Entre casas de tijolo nu e telha de amianto, algumas roças tímidas encontravam seus cubículos de terra. Era a população rural buscando na cidade uma nova esperança.

Muitos foram arrastados pelo alvoroço do turismo. Vendedores ambulantes proliferavam com grande rapidez e a rua se enchia de pessoas barganhando trocados em troca de quinquilharias infindáveis. Fiquei a imaginar se havia dentre esses vendedores semi-desesperados algum agricultor de cacau.

Sentiam saudades da ribeira e dos pés de caju?

“Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão
Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel
Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão.”¹

como verdadeiros agricultores, plantando e manejando para a perpetuação do sistema. Mas o homem não teve humildade para aprender com eles e hoje impera, entre outras “moléstias”, a vassoura de bruxa no sul da Bahia.” Patrícia Vaz [4]

¹ Cio da Terra, canção de Milton Nascimento e Chico Buarque.

Chapada Diamantina

“Há um ritmo para tudo no cosmos. O vento, a chuva, as ondas, o fluir de nosso alento, e a batida de nosso coração – tudo tem um ritmo. Similarmente, há um ritmo na vida.”

Amma ^[5]

No coração da Bahia – ela se ergueu diante dos olhos.
Muralhas douradas. As faces da chapada reluziam aos raios da tarde.
Meu olhar brilhava como diamante. Rios cristalinos corriam em leitos largos, lavando muitas histórias.

No centro da caatinga baiana, um imenso jarro de barro alimenta as terras secas do sertão. Chapada Diamantina. Grande Serra Mater Nostram.

Camadas e camadas de rocha sedimentar, macias e porosas, soerguidas em serra esplendorosa. Esponja geomorfológica, a chapada absorve as águas de uma curta estação de chuvas, conservando-a em seus lençóis subterrâneos. Mãe da caatinga, derrama seus leitos aquáticos às terras áridas que a rodeiam, pelas longas estações de estiagem.

Santuário de mil faces. Picos e penhascos, platôs sustentando as altas esferas, lagos cristalinos, cachoeiras abismais, caminhos verdejantes de jaguatiricas, mocós, teiús, seriemas, onças-pintadas e suçuanas, altares de orquídeas, bromélias e sempre-vivas, sol, vida e paz. Num lugar de beleza tão abundante, naturalmente nasceu o Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Eras preciosas de escultura, pintura, polimento. As obras sublimes da Natureza são frutos de geológicas evoluções. Onde inicia o começo? Onde termina o fim? Na dança eterna da transmutação, os mil braços de Shiva dão voltas e voltas pelo cosmos. A arte de aperfeiçoar sem sair do lugar e sem deixar o momento passar. Nascimento de universos, explosões estelares, criações de sóis, mortes de luas, viagens de cometas – no mesmo ritmo do desabrochar de uma flor, dos olhos piscando de um filhote recém-nascido, de asas se abrindo pelo casulo da borboleta. Todas as coisas permanecem em gestação no ventre da Mãe natureza. Sublime artista! Vossa paciência é o segredo de vossa perfeição.

Há cerca de um bilhão de anos, uma série de depressões no continente que hoje é a América do Sul começou a acumular sedimentos carregados pelas mãos dos ventos, dos rios, de geleiras e dos mares. Nascia a bacia sedimentar do Espinhaço. Material expelido do interior da Terra pelos veios vulcânicos, minerais de antigas rochas erodidas, grãos de areia, minúsculas argilas, matéria dos corpos

de plantas e animais, seixos e pedras de rio, tudo isso e muito mais formavam camadas e camadas sobrepostas de histórias enterradas. O calor cozinheiro do ventre materno e a montanhosa pressão de todas essas coisas convergindo foi metamorfoseando aglomerações em unidades de rocha. Arenitos, conglomerados e calcários – os muitos viraram alguns. Chapada Diamantina – alguns viraram Um.

Ó Indivisível, Onde se escondem vossas fronteiras?

Como os nossos corpos, a Terra está em constante movimento e gradualmente essa bacia sedimentar foi sendo pressionada para cima pelas forças sutis e poderosas da dança das placas tectônicas. O extenso Maciço do Espinhaço soerguia.¹ E a Chapada Diamantina participava desse canto. Mãos delicadas das águas, dos ventos e das estações continuaram seu trabalho esculpindo castelos e cânions nas novas elevações, abrindo à exposição longas camadas de pinturas florescentes onde as linhas do tempo desenham as cores da história. Memória da Vida que emerge à superfície, aparecendo somente para se dissolver novamente, num ciclo de idade inestimável.

As Paredes de arenito com suas coloridas linhas estratificadas são verdadeiros manuscritos da Terra: linhas paralelas em gradual nuance de tons; curvas convergentes de contrastantes tonalidades; linhas amarelas e laranjas cruzadas; círculos de cores tão vivas que parecem olhos a mirar-nos – grão a grão minuciosamente colocados pelos dedos de infinitos agentes geomorfológicos, formando fozes de rios amazônicos e dunas de desertos inteiros. Mil dedos trabalhando em união – criação contínua e constante de uma única mão.²

1 A Chapada Diamantina, dentre outras serras, constitui uma subdivisão do grande Maciço do Espinhaço (Serra do Espinhaço), que se estende desde Belo Horizonte até o norte do Estado da Bahia. O relevo tão característico de cuestas associa-se à sua localização na borda da bacia sedimentar. As escarpas verticais da Chapada Diamantina direcionam suas faces ao centro da bacia sedimentar do Espinhaço. "A Chapada Diamantina nem sempre foi uma imponente cadeia de serras. Há cerca de um bilhão e setecentos milhões de anos, iniciou-se a formação da bacia sedimentar do Espinhaço, a partir de uma série de extensas depressões que foram preenchidas com materiais expelidos de vulcões, areias sopradas pelo vento e cascalhos caídos de suas bordas. Sobre essas depressões depositaram-se sedimentos em uma região em forma de bacia, sob a influência de rios, ventos e mares. Posteriormente, aconteceu um fenômeno chamado soerguimento, que elevou as camadas de sedimentos acima do nível do mar, pressionada pela força epirogenética, tendo aos pouco um sofrível erguimento ao longo de milhões de anos." Wikipédia [3]

2 Ao longo do tempo os agentes geomorfológicos (água, clima, vento, geleiras, seres vivos, vulcanismo, tectonismo) criam formações como rios, dunas e praias, cujas dinâmicas erodem sedimentos e depositando-nos. Grão a grão, formando camadas sobrepostas. Variações climáticas e ambientais produzem camadas de sedimentos com características próprias. Quando os ventos e águas elevam sua energia em um determinado lugar, em tempestades por exemplo, as camadas depositadas concentram sedimentos mais grossos, pois os elementos finos são carregados para longe. Em locais onde a energia está mais calma, as camadas concentram sedimentos mais finos e leves. As energias em cada lugar variam ao longo das estações e anos, produzindo camadas de cores, texturas e direções diversas. Processos geológicos podem transformar essas camadas de sedimentos subterrâneos em rochas, que posteriormente podem ser soerguidas. Quando erodida ou cortada verticalmente, a parede de rocha exposta revela lindos desenhos de linhas coloridas, formados por esses movimentos de deposição sedimentar. Esses "desenhos" (a rocha inteira mais precisamente) são registros de eventos ambientais da história geológica da Terra. E de um determinado lugar. Podem revelar, por exemplo, que há tantos milhões de anos aquele lugar era um grande deserto com dunas, ou um rio como o Amazonas.

As forças que direcionam todas essas dinâmicas são os 'mil dedos' da natureza. Na Chapada

Agora a chapada maternalmente distribui as longas eras de acúmulo guardado em seu ventre. Como a árvore devolve os minérios à terra no outono de suas folhas. Como os rios retornam aos oceanos e a água retorna às nuvens de chuva. A Terra inspirando, expirando, inspirando, expirando. Galáxias girando, girando – sustentando a Vida sem fim nem começo.¹

Assim também é o nascimento das grandes obras de arte da humanidade. São meses de gestação, sem nem um pio vindo do ventre. E antes disso? O corpo já estava ali, criando a semente. Semente que veio de outro corpo e toda uma linha de ancestrais. A obra passando de mente em mente, lentamente se formando, lentamente revolvendo. Terá algum dia uma conclusão? Grão a grão, sedimentando as inspirações, lapidando as bordas, polindo as superfícies. Metamorfoseando. Às vezes são anos de estiagem. Outras vezes, surge uma onda tsunâmica, virando tudo pelo avesso, subitamente expondo interiores ocultos. E no âmago dessa força avassaladora nasce um novo começo.

Brahma, Vishnu e Shiva, a mesma energia que hora se mascara de criadora, hora de preservadora e ainda destruidora. Como os planetas sustentados pela luz do Sol, a trindade gira em um único centro. Shakti, a Essência eternamente renovadora bailando extasiante sobre o peito de Shiva, a Silenciosa Testemunha Onisciente – movimento e Vazio estático, se complementando como as duas faces de uma única esfera.

A procissão das nuvens é tão lenta, parece querer dizer algo sobre o tempo. Ainda não sei, mas às vezes paro e escuto. O beija-flor na janela bate suas asas tão rápido, que faz caber o infinito em menos de um segundo. Sumiu. Para onde foi? Para onde vão as nuvens? O dia inteiro passeando pela janela. Agora suas cores têm os tons de um Sol a acercar-se do horizonte. Seu fundo cinza pode parir chuva a qualquer instante. E o beija-flor retornou.

Ó nuvens! Carregas convosco as águas da chapada? Repassas mensagens do carcará ao beija-flor? Vossos anúncios de fim de tarde estão acelerando o crepúsculo. É hora de sair pra correr pelas ondas da praia, beijando as cristas do mar com o ar da respiração. A frente fria de ontem ergueu as cristas tão altas, como se quisessem soltar asas e acompanhar o voo das gaivotas. Logo despencam inteiras sobre si mesmas, se espalhando por todos os lados como nuvens de tempestade. Às vezes vem uma correndo pela areia de supetão, querendo alcançar meus pés e beijar-lhes de volta.

Diamantina há importantes sítios geológicos, os geosítios, que são compostos por rochas sedimentares muito antigas. As faces expostas dessas rochas revelam certos registros da história geológica da Terra raros pela sua anciãndade. Alguns desses tesouros da ciência geológica são o Pai Inácio, Morrão e o Morro do Castelo. (ver Morro Testemunho em Glossário)

¹ A bacia sedimentar é uma depressão na terra que acumula sedimentos pela força da gravidade. Quando esses sedimentos se tornam rochas e são soerguidos, os agentes geomorfológicos passam a erodir o material acumulado, distribuindo-os aos terrenos mais baixos que rodeiam a serra.

Nas areias desertas de Itacoatiara, um filho de pescador aprendia com o pai, ao doce cair da noite de ontem. O pequeno ansioso enchendo-lhe de perguntas enquanto o pai calmamente arrumava a vara afixada na areia, com o olhar perdido no horizonte escuro. Na segunda volta da corrida, via-se apenas as duas varas solitárias. Uma era alta, custosa e elaborada. A outra era fina e curta, feita de bambu. Estavam lado a lado, imóveis, caladas, curvando-se esguiamente perante o mar, como os devotos coqueiros do litoral baiano.

Hoje o mar tempestuoso criou pequenas chapadas na areia, comendo-lhe às solapadas. Criou rios e lagos que duram somente segundos, escorrendo entre os grãos. Os mais fundos duram um dia inteiro. Um dia, como o de hoje, esse mar será sertão. Quem sabe? E então eu também retornarei, deitarei em Seu Ventre para descansar o sono profundo.

Em ritmo similar, se desenvolvem as pequenas artes no dia a dia de cada pessoa. Pequenas artes efêmeras culminam em grandes obras imortais. E a Vida? A mais sublime obra de arte é também sua própria criadora. A Vida correndo pelos rios e oceanos, pelo sangue em minhas veias. Pelo ar no pulmão, pelas altas estratosferas. A Vida correndo por teus olhos e meus dedos, por essas linhas que agora tu lês e que neste mesmo instante eu ainda escrevo.

Ó Vida! Onde se escondem vossas fronteiras?

Quando nascestes de vosso ventre? Ó vida, há algo mais perto de mim do que ti? Quem de nós um dia irá morrer? Quem sois vós? Quem sou eu?

Eu sou onda e Vós sois Oceano. Onde se esconde nossa fronteira? Estou procurando. Dia a dia procuro, mas ainda não encontrei.

“Quando cessarão de ascenderem as ondas de pensamentos?
Quando vos alcançarei, mais util que o mais sutil do éter, Ó Arunachala?”¹

“As águas ascendem do mar como nuvens, depois caem como chuva e correm de volta ao mar em córregos; nada pode impedi-los de retornarem à sua fonte. De igual modo a alma ascendendo de Ti não pode ser impedida de unir-se a ti novamente, embora ela gire em muitos redemoinhos em seu caminho. Um pássaro que ascende da terra e voa alto pelo céu não encontra nenhum lugar para descansar em meio ao ar, mas deve retornar novamente à terra. Portanto, deveras, devem todos retraçar seu caminho, e quando a alma encontra o caminho de retorno à fonte, ela irá afundar e se fundir em Ti, Ó Arunachala, Vós Oceano de beatitude!”^[7]

O que é a onda, senão o próprio Oceano?
Águas de um Amor sem fronteiras.

¹ Arunachala é uma montanha sagrada na Índia sul oriental. Arunachala está associada à divindade Shiva, representando Deus em seu aspecto de Consciência Pura. Esses versos foram compostos pelo santo Hindu Ramana Maharshi, cujo ashram reside aos pés da montanha. [7]

"Igual neve em água, deixe-me derreter como amor em Ti,
Vós que sois o próprio Amor, Ó Arunachala!" ^[7]

Longa é nossa procissão por essa grande Terra. Dia a dia, vida a vida, num tímido desabrochar.

Mater Nostram. Vós que me acolhestes em vossos braços, com que propósito fazeis surgir essa gente a caminhar sobre vosso solo consagrado?

Chapada Diamantina. Em ti, quantos povos já fizeram sua morada? Quais são os nomes diversos que cada cachoeira recebeu? Vós que conheces todas as línguas e escutastes todas as histórias, onde se escondem vossos segredos?

As águas de um rio correm por terras distantes. Por inclinadas montanhas, vales densos, desertos pelados, numa lenta passagem de retorno ao mar. Assim também os povos seguem, habitando as mais diversas terras. E essas terras acolhem as águas nômades, acolhem os povos passageiros, um a um, ou diversos ao mesmo tempo. Em sua lenta peregrinação.

Há milhares de anos, as comunidades humanas vêm deixando seus traços na Chapada, enquanto ela se mantém erguida, imperturbável, firme em sua natureza imponente. Sobretudo, acolhedora. Em sua maternidade universal, a natureza escavou pequenas grutas na chapada para abrigar seus filhos peregrinos e, sobre as belas paredes de história geológica, pincelou primorosamente a vida das culturas humanas. Pelos dedos inocentes dos povos indígenas primários.¹

Vós sois impecável em vossa arte registradora!

Por milênios a chapada foi morada passageira dos povos indígenas itinerantes. Como as águas, chegavam. Como o rio, seguiam caminho em migração.

Século XVII. Enquanto as famílias indígenas dos Maracás e Cariris habitavam a região, a maré de bandeiras e tropas fronteiriças passou como um sinal dos ventos. Soprando a lei da impermanência. Pouco a pouco, as fazendas coloniais começaram a surgir na região e aquelas foram as últimas etnias indígenas a habitá-la. Logo vieram os africanos, procurando novo lar. Após tanta navegação, num inestimável laborar, a Chapada deu-lhes refúgio. Nasceram as comunidades quilombolas que até hoje habitam alguns recantos da Chapada.

Século XVIII. A descoberta do ouro ao sul da região desencadeou um novo furacão, cuja força centrípeta atraiu garimpeiros de todos os lados e uma grande massa imigrou de Minas Gerais, onde o ciclo áureo

¹ A Chapada Diamantina preserva diversas pinturas rupestres nas paredes de algumas de suas cavernas, datadas de seis a dois mil anos atrás. Essas pinturas expressam a vida dos povos pré-históricos da região que hoje é o Brasil.

já percorria seu arco descendente. O súbito e volumoso movimento do garimpo culminou na descoberta de abundantes fontes de diamante, o que intensificou a força gravitacional da Chapada cujo raio de atração abrangeu proporções planetárias. Tamanha foi a energia gerada que no início do século XIX a Bahia foi a principal fonte de diamante no mundo. Essa cadeia migratória e a grande circulação de “riquezas” nutriram o crescimento de espontâneas aglomerações urbanas, aliciando comerciantes, colonos, agricultores, escravos, jesuítas, capangas, contrabandistas, estrangeiros e tropeiros de todas as direções. Nasceram as pequenas cidades coloniais ao redor da chapada, Lençóis, Andaraí, Mucugê, Rio das Contas. Com suas casas coloridas, ruas de pedra e igrejas católicas. Erguidas pelo suor dos garimpeiros nas minas e de mãos sangradas – negros de uma sociedade ainda escravocrata. As estradas se alargavam com o volumoso fluxo de pessoas e materiais que circulavam pela região. E daquele interior ao litoral, cruzando retas pelo sertão. Margeando o rio Paraguaçu, os tropeiros conduziam seus burriscos carregados. Enquanto isso, o Paraguaçu também seguia seu curso, cruzando o sertão com seus meandros, despejando água fresca pelas terras áridas e desaguando na Baía de Todos os Santos. Na baía, cargas e águas se encontravam. As águas, descansando enfim no oceano. As cargas, embarcando em mais uma travessia, mareando pelas correntes marítimas.

Enquanto uma nova cultura infiltrava-se pela Chapada, percorrendo as serras pelas antigas trilhas indígenas e perfurando sulcos na terra, a Chapada penetrava nos novos moradores com seus infinitos encantos. Perante essa gente que manuseou seus veios tão intimamente, era impossível esconder seus mistérios. Logo os garimpeiros aprenderam a profunda aliança entre céu e Terra. E a Chapada enriqueceu-se de lendas.¹

Mas a roda nunca para de girar e o alvoroço migrou para as minas da África do Sul, deixando a região na mesma ligereza que chegou.² Nesse espaço aberto, surgiu uma nova virada. Diamante Negro.

Nos longínquos continentes ao hemisfério norte, grandes indústrias cresciam e proliferavam em impressionante rapidez. Multiplicava-se também a demanda constante de alimentos para essas consumidoras

1 “Os garimpeiros antigos contavam que para cada estrela no céu existia um diamante na Terra. O garimpeiro só achava o diamante se os astros permitissem. Para que isso acontecesse era preciso ocorrer o “bambúrio”, uma encantamento entre o garimpeiro, a pedra e os astros, era essa união que dava sorte ao garimpeiro para achar os diamantes. “E quando o garimpeiro vê a luz correr na serra ele sabe: é o chamado do diamante. Ele foi escolhido. Homem, diamante e estrela: está fechado o triângulo da magia.”

“As pedras preciosas da Chapada tinham o poder de se esconder dos maus Garimpeiros, ou seja, elas só apareciam nas bateias de seus supostos donos, aqueles predestinados a serem seus donos. “Os diamantes atraem seus donos por causa de sua luz e seu som peculiar. O Chamamento consiste no fenômeno no qual o garimpeiro, quando se aproxima de sua pedra, escuta leves batidas nela e vê uma intensa luz sobre a serra.” Lendas do Capão [8]

2 Por volta de 1870, descobriu-se grande quantidade de diamante nas minas da África do Sul, que passou a ser a principal produtora a nível mundial. Neste mesmo período a extração do carbonado se iniciou na Chapada diamantina.

vorazes de matéria prima. Em especial, a necessidade de um material de grande resistência, que nossa prevenida Mãe Terra cristalizara pelas longas eras geológicas. A chapada, inesgotável, revelou mais uma vez sua infinita riqueza. O carbonado – raríssima variedade de diamante – era extraído de seu ventre e transportado pelas longas rotas mineradoras até as bocas famintas da maquinaria europeia.¹ O “diamante negro” que fora ignorado no início da febre mineradora era agora a “salvação” que manteve a cultura garimpeira. Por um pouco mais de tempo, pelo menos.

“A pedra que os edificadores rejeitaram, essa veio a ser a pedra angular.”

Salmos, 118:22

E os ventos seguiram soprando.

Século XX. A produção de diamante sintético dissolveu as forças propulsoras dos grandes fluxos mineradores na região. A população dos pequenos centros urbanos minguou abruptamente com a debandada de toda a população itinerante, movendo-se em marés econômicas.² O grande vácuo que nasceu preservou a arquitetura colonial dos pequenos centros urbanos. Impermeabilizando a arte da região. Mais uma vez, a Chapada derramou bençães sobre seus filhos, preparando as redondezas para o novo ciclo econômico que surgiria no futuro.

Grande Mestra da arte. Mais uma vez, adornaste a natureza com a beleza das culturas.

Ainda no início do século XX, a onda que percorria todo o Brasil também passou pela região. O “ouro verde” preencheu o vazio deixado pela mineração. E a chapada viu seu entorno sendo gradualmente coberto de pés de café. O coronelismo que se espalhava pelo Nordeste encontrou as portas abertas, gerando uma nova riqueza para a história brasileira: o lendário coronel Horácio de Matos, cujos mitos dizem ter tido ligação até mesmo com Lampião. Após herdar do tio o poder e as disputas da região, Horácio peregrinou pelas cidades e fazendas carregando a “bandeira” da paz e estabelecendo seu monopólio político. Mesmo com seu caráter coronelista Horácio foi uma grande figura catalisadora, unindo a população da Chapada na criação de escolas, estradas, rede elétrica; e até mesmo desenvolveu uma moeda regional com a circulação de papéis financeiros coloridos.

Durante todo esse alvoroço, a Chapada manteve-se imóvel, em sua

1 Nessa época quase toda a produção mundial de carbonado vinha da Chapada Diamantina. Esse mineral foi almejado pelos países europeus a altos preços durante o início da Revolução Industrial.

2 Antigos moradores de Mucugê, uma das cidades mais antigas da região que foi fundada na época mineradora, relatam que a população chegou próximo de 30 mil pessoas no pico da garimpagem e reduzindo- -se incrivelmente com a decadência do ciclo minerador. A década de 1980 foi o período de maior contraste onde o decréscimo populacional reduziu-a a uma cidade com proporções pouco superiores à de uma vila.

beleza caleidoscópica. Silenciosamente engendrando sua contínua metamorfose, sob as máscaras do repouso.

A roda seguiu girando. E a maquinaria chegou rodando pelas estradas. O ciclo do diamante teve um breve ressurgimento com a nova extração mecanizada.¹ Mas logo a Chapada proclamou a voz soberana. Despertando o sono camuflado, transpassou as vizinhanças penetrando as esferas políticas com seus mil braços transparentes. Como o éter preenche todo o espaço, Mater Nostram saturou as câmaras e conferências em onipresença incorruptível. Uma mão dedilhou as linhas invisíveis das marionetes devotas. A outra, das marionetes rebeldes. Invariavelmente, fez-se a Vontade Divina e os filhos mais uma vez se uniram em fervorosa devoção à serra Mater. Nova esfera de cores translúcidas cobriu a Chapada e ela recebeu mais um nome: Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Hoje as trilhas e tocas garimpeiras abrigam os amantes da natureza, a aventurarem-se em exuberantes travessias pelas montanhas e vales do abençoado santuário. A Chapada eleva seu canto ao clímax, agraciando-nos com sua mais preciosa riqueza. Conduzindo seus filhos errantes pelo mesmo caminho sagrado que guiou os povos primordiais.

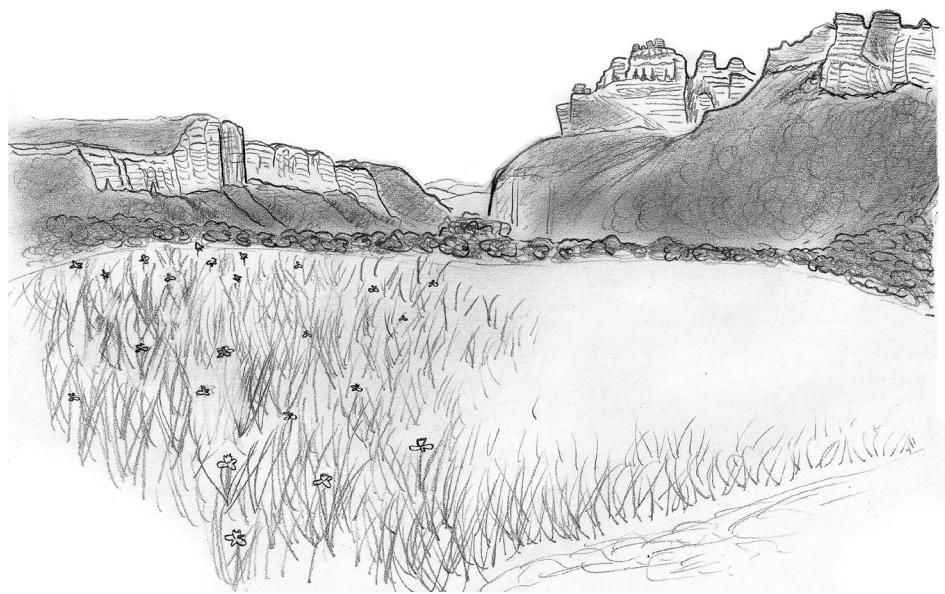
Esse espírito de gratidão confluíu na criação de associações comunitárias, organizando os atuais habitantes da chapada. Aglomerados em pequenas cidades, vilas e sítios rurais ao redor de toda a serra, essas famílias cuidam dos ricos ecossistemas onde fizeram sua morada. Dia a dia, realizam suas atividades num silencioso serviço à Terra Mater.

Esses ciclones sucessivos esculpiram as comunidades que hoje ocupam a Chapada, pintando-lhes com as cores da mesma diversidade que compõe sua fauna, flora e relevo únicos. Na aliança de povos quilombolas, garimpeiros, estrangeiros, sertanejos, descendentes indígenas e outros mais, a atual cultura da Chapada Diamantina floresceu, com suas pequenas cidades históricas de cores e formas coloniais, suas ruas de terra e pedra, quintais floridos com mangas e laranjeiras abundando por toda parte. As ruas, casas e vidas dos moradores se adornam de todas as formas de arte, típicas de cada comunidade. Rodas de capoeira angola, conjuntos de forró da serra, palhaços de circo, danças de yoga, atípicas escolas, jaca passa e pinturas supra-realistas. A natureza desabrocha nos vales de cultura nativa. Nos altares da serra, brota Sálvia e Sempre Viva.²

Imperiosa. Ergueis, desvelando a totalidade de Vossa glória!

1 Na década de 1980.

2 Sálvia e Sempre Vivas são Espécies vegetais endêmicas da Chapada Diamantina que nascem espontaneamente no alto das serras, conhecidos como Campos Gerais. A Sálvia da Chapada é uma erva especial, um 'incenso natural', pois ela preserva uma brasa queimando igual um incenso. Exalando um perfume altamente medicinal, além de agradável e tranquilizante. É utilizado em rituais de limpeza.





Terra Mater.

Despejastes Vossos raios luminosos sobre essa filha recatada. Do coração da Bahia, enviastes Vossas ondas magnéticas. Despertando em minha alma Vosso irresistível Amor.

E assim, encontrei-me deslizando aventura adentro, pelas montanhas peregrinas da Chapada Diamantina.

Logo que desci do ônibus em Palmeiras, encruzilhei com uma caminhonete que seguia ao Vale do Capão. Dois dias depois, atraída por uma corrente invisível, transpussei a montanha ao fundo do vale. Fluindo ao coração da Chapada. Sem saber, imergia no misterioso universo de discipulado. À frente, infinito abismo. Atrás, o mundo se dissolia. Estradas irretornáveis. Trajetórias irreversíveis. A cada passo mergulhando, integral, nas águas profundas. Caminho sem fim nem começo.

Desde então, esse Amor pulsa em meu peito. Cadencia meu coração. Guia minha vida inteira, pelos vales estreitos e noites escuras. Por florestas encantadas e sertões ensolarados. Plainando pelas vastas planícies, redemoinhando pelas quedas e meandros, como os rios conduzem as águas ao infinito Oceano.

Vale do Paty

“Destemor não é a redução de medo, mas transcender medo.”

Chögyam Trungpa Rinpoche^[9]

Onde se encontram meus limites?
No mesmo lugar onde nasce o medo.
Mas conheço minha verdade, a verdade é que confio.
Existe uma criança dentro da gente,
que se arrepia no escuro, que treme,
mas que navega seu barco por qualquer aventura,
explorando desconhecidos confins do espaço.

É só dar um passo,
seguir rumo ao desconhecido. Íntimo despido.

Mais um. Empurrando a fronteira – ou desvelando sua natureza inexistente. Vida sendera. Infinitas galáxias. Planeta e estrela. Girando uníssonos em espirais de evolução. Do Big Bang à Roseira.

Ó tu que desabrochas na janela!

Viver.

É dar aquele salto.

Entrega. Mergulhar na arte da descoberta.

Caminhos sem fim nem começo.

Um passo a mais gira tudo pelo avesso.

Aguardei o amanhecer. Os primeiros raios encontraram meus pés seguindo ao fundo do vale do Capão. Nuvens dançando pelo céu, passarinhos cantando a alvorada. Flores vitalizando viajantes. Brancos paredões de rocha sedimentar brilhavam ao longo da estrada. A chapada tem ouvidos, tem lábios. Conversa com passos calados.

O verde da floresta se expandia pelo vale, erguendo-se pelas encostas íngremes, de onde abruptamente emergia a branca escarpa vertical. Em majestosas copas floridas um violeta intenso salpicava-se pela mata: Quaresmeira – deixava a estrada de terra toda granulada com pétalas de cor lilás.

Apareceram algumas casas na beira da estrada. Era a comunidade do Bamba, caboclos nativos do Vale do Capão. Mãos delicadas cuidando de jardins floridos, braços fortes colhendo mandioca. Crianças puras saltitando pela rua empoeirada. Enquanto mirava as feições mestiças: cabelos negros encaracolados, olhos profundos, minha imaginação vagueava pelos rumos de seus ancestrais. Quais aldeões construíram as primeiras casas de barro, neste vale que fora a morada de tantos indígenas? Garimpeiros, negros peregrinos, agricultores? Que encantos lhes chamaram?

Ó anciões sentados na varanda! Qual de vós conta as histórias destas famílias?

Infinitas riquezas. Desmanchando-se como os arenitos.

Grãos de areia ao vento.

Saltitei pelas pedras que cruzavam a última curva do rio. O vale se afunilava e a trilha ia acompanhando, se estreitando. Fim da estrada de carro e início da estrada de burro. O desembarço do caminho plano dava lugar a uma subida. As bifurcações eram sempre acompanhadas por uma brecha, por onde a dúvida encontrava espaço para mostrar sua face. Nessas horas, um mapa simples e desatualizado se abria em minhas mãos, além de um caderninho com pequenas anotações. Acima de tudo, a intuição guiava os passos.

O caminho que subia pela floresta cruzava algumas clareiras. Numa delas, arrisquei uma olhadela para o panorama que deixava às minhas costas. Em surpresa, os olhos se deslumbraram com o vale que se abria à frente. Todo o vilarejo do Capão, entre duas muralhas de pedra.

Caminhava sem pressa, curtindo cada especiaria do cerrado. Quando cheguei ao topo da primeira bancada os olhos saudaram uma nova paisagem: Flores amarelas granulavam um tapete de capim. Árvores solitárias quebravam o silêncio dos ventos.

Ao fundo, majestosos chapadões se erguiam como castelos de longas moradas.

Amplitude.
É o que preenche.

Resquícios da Floresta Atlântica enveredavam os vales, escondendo as lágrimas espumantes da terra choradeira. Libertando as águas de seus lençóis subterrâneos.

O vento da chapada comunicava as prosas dos castelos. Do fundo, sussurravam segredos aos Campos Gerais. Cujas largas estradas eu percorria. Tão planas e serenadas, abrindo-se à abóboda azul.

Ecoando algo familiar, algo desconhecido. Algo sempre vivo.

O que parecia tão plano ao longe se tornava ondulado quando visto de perto. O topo do tabuleiro era todo esculpido por córregos que modelavam os pequenos morros. Esses modestos leitos de água eram sempre uma surpresa refrescante. Sem deixarem de ser um desafio: impunham um fim às trilhas e pegadas. Do outro lado muitos caminhos se originavam. Ou por vezes se escondiam, camuflados pela mata ciliar.

A estrada cruzou um desses córregos. Do outro lado pegadas enlameadas se espalhavam por toda a margem e segui algumas que pareciam guiar a uma trilha. O caminho passou por uma área de capim e entrou na mata novamente, abrindo-se em uma clareira circundada de vegetação alta. No canto havia um rancho de boiadeiro feito de pau-a-pique, ou cavaleiro, pois os únicos companheiros naquela estrada foram os cavalos pastando nos Gerais. Algumas bananeiras, limoeiros e pés de capim-limão haviam sido plantados. Um poço redondo de águas negras se escondia na capoeira, sua pequena cachoeira ao fundo. Percorrendo o zênite outonal o Sol brincava na água, convidando para um mergulho em seus reflexos: o segredo de uma longa caminhada.

Após o refresco, firmei a mochila nas costas e segui à procura do caminho. O lago se afunilava num rio e do outro lado uma trilha subia despedindo-se da mata ciliar. Encontrei-me caminhando sob o Sol novamente, contemplando as montanhas ao longe – quando os pés se firmam abruptamente no chão – a montanha que antes eu avistava à leste agora se encontrava à oeste. Como um radar, as pupilas percorreram por todas as direções. Não, os astros não haviam revertido a Terra e os pontos cardeais mantinham-se intactos. Sem dúvida era eu que havia virado 180° – estava retornando ao Capão. Voltei ao laguinho do riacho e fiquei a procurar outro caminho, tentando desvendar o mistério.

Nas horas que se seguiram percorri uma teia de atalhos sem fim, adentrei as matas da capoeira, pulava e repulava o riacho, procurei, procurei, cruzei arames farpados, descruzei, me lanhei – e vez após vez me deparava com o laguinho, se enrolando em risadas pela minha

confusão. Seguindo as pegadas multidirecionadas, havia descoberto um curral, atravessando charcos – literalmente enfiado o pé na lama! Mas o caminho verdadeiro ainda brincava de esconde-esconde.

Após incontáveis tentativas frustrantes afastei-me da mata ciliar. Retrocedendo pela estrada inicial subi ao topo do pequeno morro, a algumas dezenas de metros antes da trilha cruzar o tal córrego. Cansada daquela brincadeira, sentei à sombra de uma árvore frondosa. Olhei o mapa mais uma vez, consultei as anotações, refleti. Nada que já não tivesse tentado. Entreguei. Não sabia o que fazer.

Os minutos passeavam silenciosamente. Uma brisa fresca estava soprando, secando o suor que escorrera pelo rosto, soltando as garras mentais. A vista se expandia pelo horizonte, ampliando-se consideravelmente além do matagal fechado – que agora parecia tão pequeno na concavidade do relevo. Contemplei a paisagem chapadisíaca que nunca perdia seu elemento embriagante. Meu corpo se levantou, pôs as mochilas nas costas e começou a caminhar sem pensar em direções. Tudo estava diferente. Solto e natural.

Quando cheguei ao local onde havia cruzado o riacho pela primeira vez, apareceu algo entre o matagal da margem oposta: uma trilha tênue parcialmente oculta pelos charcos à direita. Respirei agraciada. O riacho brincalhão distanciou-se por trás das costas, agora com os pontos cardeais em ordem cósmica. Ou meus passos em sintonia novamente.

Ri comigo mesmo dos tristemente hilários momentos de desespero. O corpo e a mente que havia pouco estavam ardendo em febre, agora fluíam leves como as folhas levadas pelos ventos daquele fim da tarde. Pareciam tão longe aqueles sentimentos.

O dia amadurava. O caminho seguia ao norte pelos campos gerais, que se estendia num amplo corredor de montanhas escarpadas, alinhadas paralelamente à oeste e à leste. O corredor se afunilava à frente, onde as rochas se aproximavam formando um desfiladeiro. Vale do Paty. Na boca da garganta, uma muralha de pedra emergia solenemente, ilhada entre os chapadões que se prostravam ao redor. Morro do Castelo.

Corado pelo Sol dourado que baixava ao horizonte, sua coroa brilhava como mil diamantes róseos.

As sombras cresciam pelas paredes rochosas enquanto o crepúsculo infiltrava o vale passo a passo. Os ondulados campos gerais desciam à oeste do Morro do Castelo, orlando suas paredes e se perdendo numa grossa floresta. Os pés varriam largas passadas na direção da montanha. Ela e eu. Crescendo em ritmo uníssono. Ela e sua elevada presença; dedos pétreos tocando o céu violeta. Minha alma erguida por aqueles dedos. Escarpas espelhando as brasas do poente.

As nuvens se enrosaram e a noite desceu sobre os Campos Gerais. A

trilha iniciou uma descida íngreme em cujo fundo penumbroso a mata densa aguardava. Penoso atoleiro. Navegando pelo breu daquele rio de barro, sentia apenas as pernas se afundando na lama à altura do tornozelo. Mas a paz estava imaculada. O corpo estava extremamente cansado, não sabia o que encontraria à frente, a negritude era toda envolvente; e isso tudo me insuflava de clareza e vitalidade. Ao adentrar a floresta o chão se firmou novamente, no entanto a visão desaparecera e busquei o auxílio da lanterna, ajustando-a na cabeça.

No momento em que tomei consciência da solidão enquanto um elemento central nessa aventura pelo Vale do Paty, meu maior temor era ter que caminhar sozinha por florestas desconhecidas na escuridão da noite. Ou ter de dormir em semelhante condição. Faria de tudo para evitar isso. A imaginação não tem limites, assim como os mundos que ela cria. E justo na primeira noite me encontrei na tal situação tão temida.

Mas a exaustão, incerteza e imediatez do momento consumiam toda a mente e o corpo no trabalho de mover as pernas passo a passo, ritmicamente pela trilha. Não havia espaço nem tempo para o medo. Toda a concentração era direcionada a não desviar da trilha, manter o rumo certo. E estar alerta para algum sinal que pudesse haver no caminho.

De repente – brotando da escuridão total da floresta: dois olhos verdes fluorescentes mirados em mim! O coração disparou! A única arma em proteção a esses olhos mal-assombrados era a espada de luz. Num só movimento acertei- lhe o golpe certeiro – e a espada atingiu-o como um raio.

A poucos metros de distância – um cavalo estático – imobilizado pela luz ligeira. Suas pupilas arregaladas miradas em mim, curiosas e assustadas. As batidas do coração demoraram um bom tempo até retornaram ao ritmo natural. Tremendo, segui caminho com os pés voando pela trilha, enquanto adrenalina voava pela veia. O pulmão inspirando profundo.

Assombro e claridade se mesclavam. Luz e escuridão, realidade e ilusão, os limites tremeluziam fantasmagóricos. As árvores eram tão reais, a penumbra tão palpável, montanhas tão vivas. Estrelas tão verdadeiras. Todas me rodeando, respirando uníssonas. Tudo se encostava a mim com um olhar penetrante, escrutinando minha pele transparente. E dentro, os medos se desentocavam, me encarando face a face. Tão expostos, tão tangíveis. Desmascarando a si mesmo.

Despertando a nudeza da existência.

Ó temores! Ó Floresta! Ó Noitel Inebriante lucidez...

Tremendo, alerta, pulmão inspirando profundo,

Revivescente imediatez!

Comecei a compreender a brincadeira que aquela chapada travessa travava. A , em infinita sabedoria e infantil alegria, me iniciava pela senda do discipulado. Ministrando a primeira lição:

Com suas brincadeiras de trilhas escondidas e olhos fluorescentes, colocou- -me em contato íntimo com as fronteiras que a própria mente edificara. E aquela proximidade tão imediata abriu espaço para se investigar a realidade dessas fronteiras, incluindo os supostos fantasmas espreitando por detrás. Névoas efêmeras. In-substancialidade. No entanto, o ensinamento estava apenas no começo.

Desde então, sigo assimilando em sutis doses homeopáticas. De vez em quando em torrentes elétricas. Tantas vezes esqueço – e tremo de medo! Ainda assim, lá no fundo se sabe – a natureza incorruptível da totalidade – e os passos fluem ininterruptos pelo rio da vida.

Ainda que esse rio deságue no nada. Nada do fim ao começo.

E a cada meandro novos afluentes se unem,
alimentando um Amor continuamente crescente.

Sagrada Vida confluente.

Os braços podem se fechar, os olhos podem dizer não, mas o coração está sempre aberto. Mesmo quando me esqueço de abrir as portas. Mesmo quando não Lhe vejo. Pois Sois medo, Sois esquecimento, Sois a fronteira.

Sois 'eles, Sois 'eu,' Sois Todo-envolvente.

Sois inexistente.

"Strong is the elephant, but could you say less strong the goad?

No, no not so. Strong is the mountain,
but could you say less strong the thunderbolt?

No, no not so. Strong is the darkness,
but could you say less strong the light?

No, no not so. Strong is the oblivion,
but could you say less strong the heart that loves you?

No, no not so.

Oh, Lord of the meeting rivers."¹

Criando o cenário que eu mais temia a Chapada ensinava-me a transcender o próprio medo. Porém, muita adrenalina ainda estava por correr.

Desenterrando os próprios temores. Caçando a mim mesma.

¹ "Forte é o elefante. Mas pode-se dizer que menos forte é a aguilhada? Não se pode. Forte é a montanha. Mas pode-se dizer que menos forte é a trovoada? Não se pode. Forte é a escuridão. Mas pode-se dizer que menos forte é a luz? Não se pode. Forte é o óbvio. Mas pode-se dizer que menos forte, É o coração que Te ama? O Senhor dos rios confluentes!"Vachanas de Basaveshwara [10]

“Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu caçador de mim
Preso a canções, entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim”¹

“Em absoluto, não há nenhum preto e branco claramente delineado. Todas as coisas são interdependentes. Escuridão é um aspecto da luz e luz é um aspecto da escuridão.(...) É deixado inteiramente ao indivíduo encontrar seu próprio caminho, e é possível fazê-lo.”²

Caminhei mais um pouco pela floresta penumbrosa. A noite já estava avançada e o cansaço mesclado com a escuridão emergiu novos fantasmas, mas desta vez mascarados sob pensamentos: “Será que essa é a trilha certa?” Pelo mapinha topográfico sabia que dentro de pouco teria que me direcionar à esquerda. “E se houverem muitas trilhas alternativas? E se eu me perder na floresta de noite?”

Em meio a esse vaguear vacilante da mente, cheguei a uma pequena clareira. O céu abriu-se em serenata de estrelas e árvores sombrias delineavam o cerco da floresta. Uma paz acalentou meu coração por alguns instantes; o lugar me convidava a pousar ao abrigo das luzes celestiais. Ainda meio temerosa armei a barraca no meio da trilha. Cavalos nascidos em meus sonhos rodearam a barraca ao longo de toda noite, as vezes correndo por cima dela. Acordei inúmeras vezes, rezando para despontarem os primeiros raios de sol. Ao alto e glorioso céu, as estrelas sempre a cintilar.

No clarear do dia, saudei a boa e consoladora luz do sol. E a

1 Caçador de Mim, canção de Milton Nascimento, composição de Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão.

2 “É como um cão que nunca nadou – se fosse subitamente lançado à água ele poderia nadar. Similmente, nós temos um tipo de instinto espiritual em nós e se estivermos dispostos a se abrir então de algum modo encontramos o caminho diretamente. É simplesmente uma questão de se abrir.” Chogyam Trungpa Rinpoche [11]

estabilidade de um mundo conhecido. Logo já estava de mochila nas costas e pés na trilha. Após um quarto de hora cheguei a um antigo lugarejo do Vale do Paty. A névoa matinal passeava por entre os quintais vazios. E ao centro, solene em sua profunda simplicidade, ela professava silenciosa. Igreja da Lapinha.

A pequena Igreja remontava à época em que o Vale do Paty acomodava povoados com diversas famílias, anterior à criação do Parque Nacional. A única família que ainda residia neste local isolado estava ausente. Ainda assim os moradores mantiveram a igreja bem cuidada. A tinta fresca cobria-lhe de santidade. As paredes eram brancas e a porta de madeira ao centro fora pintada de verde. Em cima da entrada arcada, uma plaquinha saudava os devotos:

Igreja do Senhor do Bonfim

A igreja vazia nada tinha de solitária: ela cantava as procissões e alegres cerimônias que marcaram aquele chão. Fazia poesia com a chapada, que hora se erguia por cima da igreja, hora se escondia por trás da neblina, cuja brancura ofuscante salientava a cruz azul.

Atrilhaseguia montanha acima. Um estreito desvio à esquerda levava ao antigo cemitério do Paty. Como plantas nativas àqueles campos floridos, cruzes coloridas e rústicas brotavam harmoniosamente. O cemitério respirava paz.

O caminho subiu ao topo de um morro. O outro lado era guardado por uma porteira de madeira. À frente se estendia o afunilado ventre do Paty. Os paredões rochosos eram a mãe protetora. A floresta sua cria. O rio que corria incansável ao fundo, o leite materno. Elixir da vida.

Abertas. Estavam as portas do Vale. Ao lado da porteira três cavalos posavam eretos e atenciosos, guardiões do desfiladeiro abaixo. Cumprimentei-los. Humildemente, pedi licença. Os três acenaram receptivos. Cerimoniosa, cruzei a porteira.

A trilha penetrou numa floresta rodeada de castelos rochosos. Solitude revelava sua beleza escondida, entrelaçando-me ao vale em profunda intimidade. Macias estradas de terra. E pés nus, caminhando em companhia às borboletas.

O mundo sorria de um jeito que eu já esquecera. Talvez fossem meus olhos se abrindo, após longa estiagem. Doce inocência.

O leito do rio descia o vale precipitando em cachoeiras cristalinas. A cada curva as lágrimas se alongavam, formando poços enrubesidos. O Sol da tarde conduziu-me à casa de um antigo morador. O moço que estava sentado na beira da varanda ergueu sua vista. Timidamente, aproximei-me.

– Olá! Boa Tarde!

– Boa Tarde!

– O senhor mora aqui?

– Moro sim!

A prosa gostosa fluiu como folhas de outono.

Seu Wilson narrou a história do Paty e os tempos antigos, quando a Igreja da Lapinha bailava em três, quatro dias de festa, saudando o Senhor do Bonfim. Discorrendo sobre a época em que se avistava extensas fazendas de café no vale e como o Paty foi se transformando durante a queda econômica dessa monocultura.

– O governo – dizia – mandou arrancar o café, disse que no país todo não dava mais lucro.

Seu Wilson nunca foi pra escola, não teve o chamado “estudo”. Mas é um grande convededor de história e geografia. Seu conhecimento não veio dos nossos livros de sétima serie sobre o ciclo do café e as grandes fazendas cafeeiras de São Paulo. A história dos lugares se impregna na terra e nas mãos dos lavradores. A atmosfera ancestral se imprime nas árvores, que algum dia poderá arder em brasas. Seja no fogão de uma casa, ou numa fogueira de São João, as flamas chamam união. Famílias e compadres se reúnem não apenas para aquecerem-se. Nesses momentos sagrados, o fogo das árvores liberta seu aroma carregado de vivências. Histórias vagueiam pelo ar alimentando descendentes curiosos. Crianças e jovens apreendem sua cultura; antigos calam seu silêncio, penetrando na melodia do fogo e dando voz aos contos do vale.

Esse mesmo aroma pairava sobre o ar enquanto Seu Wilson me levava para ver o caudaloso Rio Paty.

– Essa água represada aqui mais o rodão, ali pilava o café – ele disse, apontando para a represa rústica deformando-se pelas forças do rio – A água alimentava ela, daí já passava para outra roda; alimentava outra roda, para ralar a mandioca.

Dirigiu-se à antiga roda de madeira que estava coberta de trepadeiras e musgos, acostada no canto da casa de farinha. As paredes de pau e barro iam retornando à terra de onde outrora nasceram. A paisagem transformada pelo tempo e cicatrizada pela cultura trazia de volta as lembranças de Seu Wilson, cujos olhos revelavam os sentimentos que afloravam.

– Ia nós morando e fazendo roça. Toda a vida fazendo a vida da roça.

Detemo-nos nas elevações do terreno, de onde se avistava o vale estendendo- -se entre duas montanhas e perdendo-se por trás dos rochedos. Para onde o rio fluía, a vegetação abraçava as águas e se espalhava, subindo em direção às escarpas rochosas até onde a verticalidade consentia. Os arredores da Ruinha confidenciavam traços da geração anterior e da impermanência que modela paisagens e culturas: vastos lagos de capim subiam e desciam pequenos morros, homogeneidade característica de fazendas abandonadas. Não sobrara sombra de roça nem criação; apenas a sombra de uma jovem capoeira

que brotava pelas margens.

– E hoje em dia, ainda planta tudo que o povo plantava?

– Não! É só coisa mesmo de banana, assim, que tá plantado, algum pé de banana. Planta aipim, uma cana-de-açúcar. É só. Hoje em dia a maioria aqui tem pousada e vive disso. Eles (referindo-se aos órgãos ambientais) vive pegando no nosso pé para não fazer roça.

– Aqui no Paty tinha umas 2.000 pessoas aqui antes. E agora só resta 12 famílias no Paty inteiro. O povo todo foi embora daqui. Alguns foram para São Paulo, outros ficaram por Andaraí.¹

Resquícios de uma tristeza antiga temperava sua presença. Mas logo se dissipou, enquanto a conversa seguiu por outros rumos: a saga das sementes agrícolas.

– Esse café que panta hoje não dura muito não, três anos no máximo. O café de antigamente era bom, durava 10 anos, hoje dura pouco, mas dá em mais quantidade. A produção é maior.

Essa mudança que Seu Wilson relatava era uma das facetas de um movimento mundial de 'modernização agrícola.' Seus braços se estendiam até mesmo em cantos longínquos como o Paty, alterando o curso de incontáveis famílias. Apertando os laços de dependência dos pequenos agricultores aos grandes empresários. E iniciando um processo de extinção de sementes caboclas (originais) que eram

¹ Andaraí é uma cidade no pé da chapada, fora dos limites do Parque nacional. É uma das cidades mais próximas ao Vale do Paty.



compartilhadas livremente entre comunidades nativas.¹

“As árvores se erguem à minha janela como a voz suplicante da terra muda.”²

A conversa sobre o café trouxe um aroma doce pelo ar e de dentro da casinha veio Dona Maria com uma bandeja na mão. Esposa de Seu Wilson, Dona Maria era daquelas jardineiras que se expressam através de gestos hábeis e olhares tímidos. As flores de seu jardim, delicadamente cultivadas, confidenciavam um afeto que as palavras não ousavam denunciar.

Seu Uilton surgiu detrás dos quartos de hóspedes, enxugando a testa com um pano. Aos murmúrios do vale, apreciamos nosso café em silêncio. As galinhas passeavam pelo quintal, ciscando o chão batido do terreiro.

Dona Maria recolheu as xícaras e voltou ao esconderijo, ocupando-se com a janta dos turistas que iriam chegar. Encostado à janela, Seu Wilson retornara ao fio da conversa. Acocorado ao chão, Seu Uilton apoiava as costas à parede. Ao seu lado uma porta de madeira manchada pelo tempo. Suas orelhas se ergueram junto à voz do compadre, as expressões estáticas revelavam que sua atenção fora capturada. Algo dentro dele remexeu e impeliu-se para fora.

– Tem vindo muita gente aqui, que tem conversado comigo. É mais pesquisadô interessado em emprego, estudo, algumas coisa. Agora os cabeças mesmo não vem – ele disse incrédulo – Eles ficam lá longe. Coloca outras pessoas pra vir pesquisá. Aí chegou um momento que a gente não tava pra tá perdendo mais tempo com tanta pesquisa, que passava ano e ano e não acontecia nada.

– Esse parque foi criado em 85 – Wilson completava – mas antes de criar o parque veio algumas pessoas aqui, fazer a pesquisa aqui dentro do vale do Paty. Mas essas pessoas que vieram aqui foram até a igrejinha, não chegou a visitar o Paty todo e ver seus moradores. Então de lá da igrejinha mesmo eles voltaram. Aí saiu no jornal que só tinha um morador sozinho morando na igrejinha, que era dentro do vale do Paty, um morador com três filhos e dois cachorros. Mas isso era tudo mentira, porque nessa época tinha umas 150 pessoas morando aqui para dentro do Paty.

– Eu acho assim – Seu Wilson falou – que se eles foram criar um parque num lugar desse, tinha que reunir primeiro, né Uilton? Reunir primeiro todo os moradores daqui de dentro, por que, para ver o que o pessoal do lugar achava.

– É mesmo! E isso aí é tipo uma invasão né? – a voz de Uilton se elevava.

– É, porque isso aí pra nós foi uma surpresa. – disse um Wilson

1 Além de diminuir a biodiversidade das espécies cultivadas.

2 Tagore [2]

emotivo – Quando a gente pensou que não tinha nada disso, aí agora já convidava a gente para ir assistir à primeira reunião do parque. Foi em 1985. Algum pessoal daqui do vale foi. Mas era dia de feira, muita gente tava tudo para a feira. É o dia que a gente não pode deixar de trabalhar né, para sustentar a família. Mas já teve muita reunião depois disso que eu fui.

– E o que o povo achou dessa reunião? – perguntei.

– Quase ninguém achou muito importante. Naquela época o que eles falavam é que aqui não podia ficar nenhum nativo aqui dentro mais. Que tinha que desocupara a área, que agora era área do Parque – respondeu Wilson.

– Intimidando mais ainda os pessoal daqui! – interrompeu Seu Uilton, em cuja testa nasciam rugas. Wilson prosseguiu:

– Então tinha muitas pessoas que nasceu e criou aqui, que é uma pessoa já do lugar, já de idade. Essas pessoas é a que mais reocupavam com essa história do parque. Porque eles achava, coitados, que não tinha mais nenhum outro lugar como esse daqui para eles morar. Você já pensou uma pessoa com setenta e poucos anos, oitenta e poucos anos, morando dentro do vale do Paty, um lugar como esse aqui, que não conhece nem a cidade, para o governo tirar ele daqui e colocar dentro de uma cidade que não é o lugar dele. Ele pode ter vida? Ele não tem vida! É perigoso até um derrame. Porque tem pessoas que assusta mesmo.

– Será que ele (referindo-se ao governo) vai colocar ele num lugar que recompensa tudo que ele suou naquela área dês daquela época? Construindo casa, fazendo roça – questionou Uilton – Não!

– Às vezes vai pra cidade, mas volta na meia da hora. Mas não sabe o que é morar numa cidade. Essas pessoas nunca acostuma num lugar desse de cidade. Se tira ela daqui, já vai tirar um ser humano louco, porque ele não aguenta! – Seu Wilson escondeu seus olhos de baixo do boné. Levantou a vista novamente e retomou a fala.

– Então eu e ele aqui ó que já saímos para São Paulo, que trabaiemo em São Paulo, então em vê aquelas pessoas vivendo ali jogadas embaixo daqueles viaduto, a maioria daquelas pessoas ali são nordestina! Entendeu! Então às vezes numa história dessas assim como desse parque, então a pessoa ali pensa nisso tudo. Porque às vezes a pessoa sai daqui pensando que às vezes ele vai achar uma casa para morar e ele não consegue uma casa para morar. Porque nem quarquer dinheiro que dá para comprar uma casa.

– Ou ele pode arranjar um local aí que não recompensa. E nem documentação original não tem – Seu Uilton falava erguendo o rosto ao amigo.

– Não tem! – apoiou Wilson – Imagina o que na família fica revoltado mais tarde. E pode ficar até vagabundo.

– Aqueles outro torna a chegar lá e torna a meter o pé na bunda

deles, e tocá ele pra outro canto.

Essas não eram meras palavras. Seu Uilton relatava uma história comum a famílias humildes de muitos lugares, geração após geração ‘tocadas’ de um lado pro outro. No Brasil e mundo afora povos são expulsos de suas terras, vagueando desnorteados, sem poder repousar em novo lar. Nas palavras cantadas de nosso mestre do sertão, Luiz Gonzaga o rei do baião:

“Enquanto a minha vaquinha
Tiver couro e o osso
E puder com o chocalho
Pendurado no pescoço
Eu vou ficando por aqui
Que Deus do céu me ajude
Quem sai da terra natal
Em outro canto não pára
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara”¹

A história do Paty tomava a forma de imagens vivas no rosto de Wilson.

– Por que a pessoa que morou aqui a vida toda, só conhece roça, vive da terra para botar comida na mesa da família, é obrigada a sair daqui, sem estudo, sem dinheiro. Essa pessoa tem condições de comprar uma casa na cidade? Não tem como! E nem arrumar um emprego ele não tem. Pra arrumar emprego em cidade grande não é fácil não!

– Trabalhou com agricultura a vida toda né?

– E não sabe fazer outra coisa! Não são fácil. Então eles pensa que o negócio é fácil. É só chegar, “não, fulano, ele pode sair de lá, porque, ele tem de sair de lá”. Tem de sair não! Tem é de ter muito respeito com o ser humano! – os olhos de Wilson brilhavam.

A conversa do vale pairou sobre nós, criando uma atmosfera contemplativa. As águas fluíam incessantes pelo fundo, transpondo passado, presente e futuro. Passarinhos celebravam a metamorfose do céu. As montanhas emitiam uma suave, imperceptível, melodia atemporal.

– Eu não acostumo em outro lugar – disse Seu Wilson, ecoando a música do vale.

– Sempre eis falam e pede pra sempre proteger a natureza. Mas fala pra proteger o macaco, o barbado, o tatu, a raposa, a onça, a cobra. Mas eis não falam no ser humano! E o ser humano tem que ter muito respeito pelo ser humano! E o ser humano vai para onde? – seus olhos se abriram, lançando indagação.

¹ Último Pau de Arara, canção de Venâncio, Corumbá e José Guimarães

Como um rio meandrando pelas planícies, mas que sempre deságua no mar, a natureza segue rumo ao equilíbrio. A escolha está sempre disponível: respeitar o curso natural ou nadar contra a corrente. Mas há um momento elíptico em que já não há mais força nos braços. A natureza aguarda em paciência.

A vida tem seu próprio ritmo. Cultura, ciência, arte – giram nesse vórtice evolutivo. Cada ser tem seu papel na criação. Se alguém é esquecido, todo o sistema se contorce para retornar à rota do equilíbrio, pois vivemos em profunda interdependência. Conscientes ou não, do elefante ao grão de areia, do átomo ao sistema planetário, a influência mútua nos permeia.

Quando todo mundo é convidado, quando toda forma de vida é respeitada – a harmonia desabrocha como flores despertam aos raios de sol. Forças bem direcionadas, um sopro, uma brisa, e a Natureza cuida do resto.

Quem haverá de encontrar o 'sujeito' responsável pela situação? Como julgar nossa própria falta de compreensão? A Ignorância não se esconde muito longe, está aqui em minha mente. Possovê-la mesmo agora; e então ela já não trapaceia. Mas acostumamo-nos em ser desatentos.

Quando uma voz não encontra ouvidos, quando pensamentos são reprimidos, as emoções formam raízes. Permanecem enterrados nas camadas da mente, rebrotando toda vez que a memória é catucada. Ainda há pus sob as cicatrizes, de vez em quando ele vaza. Os medos e as mágoas de um povo podem transbordar por gerações. A confiança se perde e a cooperação não encontra mais pilares. A base da sociedade foi abalada. Como pode uma população dividida viver em harmonia?

Não é preciso muito. Um olhar mais delicado, sorriso sereno, orelhas atentas. Coração aberto.

Mas quantas vezes eu me esqueço e viro o rosto? Mesmo hoje tantas vezes... Pequenas negligências? Grandes oportunidades!

Ó Inabalável Paciência!

Sois tão paciente em seu lento desabrochar....

Sinta a dor de teu irmão, batendo na porta de tua casa.
Sinta sua alegria inocente, brincando na beira da estrada ...
A sociedade pintou-lhe de tinta invisível.
Coração deserto, alma seca, choro mudo.
Amor oculto.
Um singelo sorrir: uma Terra curada.

Ó mente! Vós que sabes ser presente!
Escutar indivisível aquela voz calada....

Venha meu amigo,

Sente ao lado de teu irmão.
Deite ele em seu peito, onde os corações podem se tocar,
Compartilharem em silêncio essa dor que arde em brasas,
 Esse amor que transborda oceanos.
 Venha meu irmão, sente-se conosco.

Saber escutar é arte, que juntos aprendemos.
Cerremos esses lábios, calemos nossa mente.
Aquela voz ainda está à espera de um coração aberto.
 À espera de uma testemunha silenciosa.
No profundo interior, o equilíbrio permanece,
Aguardando em paciência que a porta se abra.
 A porta que jamais pode ser trancada.

Ó Avalokiteswar,¹
Unindo as mãos em prece, eu vós saúdo!

Vós que aperfeiçoastes a arte da escuta.
Vós que sois o Sol da compaixão.
Vós que tens ouvidos profundos,
Vós que escutáis o canto de um coração,
Vós que compreendes trevas e Luz,
 Eu Vos saúdo!

Namo Avalokiteshwaraya

Vós que ouveis as vozes inaudíveis,
Do gato, do rato, do inatingível!
Vós que conheces silêncio,
Vós que transbordas o incondicional,
Vós sois meu refúgio!

Namo Avalokiteshwaraya

Ensina-me a ouvir a voz de meu irmão,
voz reprimida em meu próprio seio,
 voz da Eternidade.
Ensina-me vossa arte,
a arte da presença profunda.

Namo'valokiteshwaraya

¹ Avalokiteswar é o Bodhisattva do profundo escutar (deep listening), que incorpora a compaixão de todos os Buddhas. O nome pode ser explicado como: aquele que escuta e compreende as lamentações de todos os seres. Nos mosteiros Zen do Mestre Thit Nhat Han, os monges e as monjas cantam em coro à Avalokiteswar, o Bodhisattva da compaixão, do profundo escutar. Os Bodhisattvas são seres que no caminho da iluminação fizeram votos de servir incondicionalmente a todos os seres. No primeiro canto os monásticos escutam profundamente ao seu próprio coração. No segundo canto, escutam profundamente o coração daqueles que estão próximos. No terceiro canto, escutam profundamente o coração de todos os seres. Escutam em presença silenciosa.

O Sol se aproximava ligeiro do horizonte oeste. Seu Wilson e Dona Maria convidaram-me para pousar em seu quintal naquela noite. Desci o rio para visitar outras famílias antes do crepúsculo.

Na margem direita um chão de terra batida subia o morro, cruzando matas, pequenas roças e capinzais, cujas áreas descampadas se abriam em mirantes. Pelo vasto mar verde, uma mão de casebres salpicados camuflava-se aos pés das montanhas. Manchas de bananais, jardins floridos orlando quintais, mangueiras saudando céu e Terra. Circundando o vale estreito, gigantes de rocha guarneциam a morada serena, em vigilância atemporal.

À frente, um ancião caminhava em passos lentos e sábios. Cada um de seus movimentos expressava harmonia. Cumprimentamo-nos com a intimidade da roça. Caminhamos lado a lado. A vegeação abriu-se revelando uma casa no topo. Paramos em contemplação, respirando a beleza daquele momento.

Seus olhos se escondiam sob a sobra de um chapéu nordestino, mas sabia que o olhar estava fixo no meu, homem sério que era. O passar dos anos estampados em sua pele, enrugada e morena. Perguntei pelo nome.

– Meu nome é – fez uma pausa e olhou para o chão. Levantando a cabeça, continuou – é Gasparino Calisto dos Santos.

Tinha o nome de uma das cachoeiras, ou a cachoeira tinha o nome de sua família. Ambas as coisas talvez. Olhei para sua casa de pau-a-pique, uma arte que crescia junto à paisagem. Virei ao nativo:

– O senhor mora aqui há muito tempo?

– Moro – respondia com palavras arrastadas – nasci e criei aqui dentro.

Fitava calado sua casa cabocla, apoiada na base do rochedo. A face dela de frente ao Morro do Castelo. Murmúrios escaparam daqueles lábios, fazendo comentários sobre a casa. Timidez cobriu-lhe a face. Gasparino se embarçou pelo aspecto rústico de sua morada. Mas no fundo ele sabia que aquela beleza era inigualável.

Um doce riso espalhou-se pelo ar como abelhinhas a procura de néctar. Amizade ancestral fazia-se presente, coroada por templos de pedra.

Ó estranhamento, como vós nascestes?

Onde é que esquecemos nosso sangue, meu irmão?

Ainda hoje me relembrô,

do dia em que seus olhos se abriram pela primeira vez.

Eles eram pequenos, mas tu já sabias ver.

Agora desaprendestes,

e eu também, não mais lhe enxergo.

Vez ou outra, a fumaça se rompe e desvela

seu rosto original entre as estrelas.

Gasparino era nobre em singeleza. Mestre em humildade. Uma flor do cerrado: delicada, forte, alma sensível. Gasparino era grilo da caatinga.

Senhor! Abençoe essa gente humilde.

“Por ser de lá, lá do sertão,

lá do cerrado,

lá do interior do mato,

da caatinga do roçado,

eu quase não saio,

eu quase não tenho amigos,

eu quase que não consigo

ficar na cidade sem viver contrariado.

Por ser de lá,

na certa por isso mesmo,

não gosto de cama mole,

não sei comer sem torresmo.

Eu quase não falo,

eu quase não sei de nada

Sou como rês desgarrada

nessa multidão boiada caminhando a esmo.”¹

O céu acinzentava. Ciano havia se refugiado nos cantos do horizonte. Despedi-me de Gasparino e subi a trilha, aproximando de um casebre ao alto. Rodeada pelas escarpas, Dona Raquel sentava contemplativa. Suas feições sinceras eram enaltecididas pelo lenço que lhe escondia os cabelos. Marcas de uma vida intensa sobressaíam no rosto. Vida dura da roça. Dureza grandiosa, coração crescido. Paz anciã.

Raquel não conhecia escola, mas aprendeu a ler e escrever “com os leigos”, contou. Um largo sorriso nunca se perdia de seu rosto. No céu, o Sol já se escondera, restava apenas seu reflexo brilhando no chapadão ao fundo. Dourado, o pingente também reluzia, enlaçado ao pescoço da contadora de história. Dona Raquel era mestra na arte da narração. As perícias de Tico, o raizeiro do Paty, renasceram naquela hora crepuscular.

– É porque abaixo de Deus, era o médico que a gente conhecia, esse raizeiro. Quando o menino dava uma dor de barriga, nós não ponhava ele pra ir ao medico nós ponhava ele nas costa e ia na casa dele. Se fosse uma dor de barriga – pausou com as mãos sobre a barriga. Seus olhos penetraram meus. Logo buscaram as montanhas, guardiões de lembranças – aí ele já marcava um chá, já dava uma benzida. Aí, o menino ia e já continuava bom! Ó! Podia tá na cama! Eu mesma criei 12 filhos, sem nunca levar nenhum no médico.

– Olha, eu tinha uma menina – Dona Raquel cerrou os olhos – ela

¹ Lamento Sertanejo, canção de Gilberto Gil e Dominguinhos.

tinha dois ano e meio, aí ela pegou com a febre. Ela andava, ela parou de andar. Aí quando foi um dia eu falei pra ele assim: que eu já tava prevenido até a vela, que a menina parecia não ia escapar não.

Seguiu a narração com o olhar firmado no canto do céu. A testa franziu-se.

– Aí ele foi e falou assim: não! A senhora pega, bastante contraerva e põe pra torrá, põe pra fervê numa panela grande e depois você pega, põe num frasco e toda horinha que ela chorar você dá um pouco. Aí eu peguei, fui vê. Machuquei bastante contraerva – suas mãos socaram o ar com um pilão invisível, macerando, torrando, o corpo inteiro entrou na narrativa – é uma raiz que só as pessoa que conhece arranca. Aí eu fui torrando e machucando e firvi numa panela e enchi assim, um tanto assim de um litro. Toda hora que a menininha chorava, mas era uma febre que não tinha remédio de passar essa febre. Eu já tava vendo morrer! Quando ela chorava eu deitava um pouco do chá. E aí a menina levantou com esse chá, que marcou, que fosse dando, que fosse dando.

– Onde está esse raizeiro agora? Ele ainda mora aqui?

– Não, ele agora tá morando em Andaraí. Aposentou. Agora nos dias de hoje só quem é novo para morar aqui. Muita dificuldade. Os tempos não são mais como antigamente. Nas época antiga a gente sabia viver bem aqui. Agora tá mudado

Calou-se. Mirou longamente o cume do castelo.

– Tinha um centro de muita força espiritual que opera aqui. O Tico e outras pessoa dos tempos antigos daqui do vale subiam lá na gruta do Castelo. De lá eles recebiam todo o conhecimento. Eis jejuavam e aprendiam sobre as plantas, se curavam. Hoje quem vai mais lá são os turista, mas o lugar não tem mais a pureza de antes. Mudou.

– E Seu Tico tem filhos que aprenderam sobre as plantas também?

– Ele não teve nenhum filho. Ninguém aprendeu não.

– Vou também contar a história do meu marido, como foi passado. Meu marido começou com uma dor no pé. Já tinha três anos que ele não ia nim roça, já tinha deixado as ferramenta pro lado!

– Aí quando foi um dia, ele pegou e sentiu uma tuntura. Aí o quê que eu falei, falei que tem que ir nu médico vê que tuntura é essa. Era uma tuntura com dor de cabeça. Mas antes, dois anos, ele já sentia muitos problema.

Aflição e serenidade passavam por seu rosto.

– Aí ele saiu com essa tuntura e dor de cabeça. Assim que ele saiu pra ir vê, passar no exame pra vê o que era a tontura e a dor de cabeça, chegou nele lá e atacou uma coisa pior, que foi o derrame. E teve que levar ele pra Salvador. A gente foi, fez todo o jeito, levou ele pra Salvador e ele voltou do mesmo jeito. Ficou três meses em cima da cama, assim como lhe falei. Tinha que escová os dentes, tinha que dá soro na boca, tinha que dá o banho e levar no banheiro. Três mês.

Dona Raquel pausou. O rosto sofrido se abriu em tênuel luminosidade.

Os olhos se expandiram, assim como seus lábios.

– Ái quando foi esse dia nós deu um remédio de correr atrás do raizeiro, pra vê que ideia que ele dava pra nós. É como eu tô lhe falando: todo remédio de horta, osso de, de, de fera, do mar, couro de bicho do mar, jiboia, é todo os óleos, óleo de amêndoas, azeite doce, azeite de olívia, noz muscada as ervas da horta, alecrim, erva-doce, capim-santo, tudo que a gente tinha de horta, pôs no remédio! Ái preparam esse remédio, aí deu pra ele e deixou nove dias dentro do quarto!

Admiração inundou-lhe.

– Uma pessoa que não andava! Não pegava colher pra come! Não, não podia tomar o banho! Conversando embolado! – levantou a mão ao céu. Dedos unidos balançavam para cima e para baixo – E depois desse remédio, marcado por esse raizeiro que é Tico, aí foi que Deus ajudô! Depois de nove dias é que a gente foi fazê visita, já encontrou ele totalmente caminhando.

Transbordando glória, os braços de Dona Raquel se abriram, desenhando um círculo no ar – E aí já não foi mais pra cama, ficô bom!

Pausando, sentou suas mãos no joelho e me olhou.

– Então, esse espiritual, que dizer, bateu nos médico né! – risadas de criança saltavam de sua boca.

– Quando meu marido vtoo pra Salvador ele tinha sarado. Passô em todos os exames nos médicos.

Os raios de sol já haviam deixado as escarpas. Os últimos reflexos dourados se uniram à procissão de nuvens, celebrando o apogeu do dia. Momentos derradeiras antes de cerrar as cortinas.

Baixei à casa do Seu Wilson enquanto a noite descia sobre o vale. Na sala de Dona Maria os visitantes jantavam à luz de velas. Perguntei se podia fazer uma fogueira no quintal e ela insistiu que eu cozinhasse em seu próprio fogão a lenha.

– O fogo já tá adulto e a cozinha tá quentinha!

O sangue aquecido pela trilha se acalmou. Do lado de fora das paredes de barro, o frio infiltrava pelos poros.

A névoa matinal brincava pelas corredeiras quando cruzei o Rio Paty. Sua cantoria infantil foi se afastando e os instrumentos da floresta se tornaram mais agudos à medida que a trilha subia ao cume do castelo. Árvores mais largas e altas, troncos mais retos e lisos, ar mais úmido. Pedras cobertas de musgo. A Mata Atlântica fazia seu ninho em meio ao Cerrado da Chapada. Os dedos delicados da caatinga e do cerrado também traçavam suas pinceladas.

Ó pintor de beleza rara!

A chapada era fruto precioso do casamento entre biomas. Cascas vermelhas cor de barro molhado. Flores carnudas de rosa esmaltado.

Manchas verde-limão por todo lado! Pinturas a óleo, tão lindos contrastes. E quando o Sol infiltrava por entre as folhas do dossel florestal, penetrava nas cores despertando-lhes à vida.

A trilha se erguia cada vez mais vertical e a respiração se tornava cada vez mais profunda. De pernas fatigadas, alcancei o aplainado entre as duas torres da montanha. A vegetação de cerrado estendia-se como um mar de capim elevado, suaves ondulações curvando-se ao vento. A claridade dos campos esprenheu as pálpebras molhadas de suor. À frente, árvores grandes aglomeravam-se formando um túnel sombrio, o qual a trilha adentrava. Caminhei lentamente ao interior, frescor acariciando a pele. Como fios de luz numa gruta escura, os raios solares penetravam entre as folhas iluminando os segredos do chão. Camadas de musgo envolviam as pedras como uma floresta de palmeiras em miniatura. O tom verde claro de suas folhas miúdas emanava luminosidade fluorescente.

Apoiei a mochila ao chão e sentei encostada ao tronco de uma árvore. Acima, as cores translúcidas das copas frondosas pareciam um vitral esférico de uma catedral. Seu lento balançar criava um caleidoscópio de estrelas.

E mil fitas de luz bailando na pequena mata.

A trilha seguiu para fora do túnel arbóreo e os campos se abriram, descortinando a soberana torre do castelo. Ascendendo ao céu azul.

Divina Realeza, minha alma ainda a saudar-te.

Escalei os últimos degraus.

A trilha subia verticalmente até a entrada de uma gruta, situada acima da mata e coroada por paredes de pedra intransponíveis. Ainda com a respiração vibrando por todo o corpo, suspensa na boca da gruta, girei:

Horizonte a horizonte,
a Chapada se ampliava.
E eu em seu coração.
Na entrada da gruta, sentia
não apenas a batida em meu seio,
era ela, toda pulsante.

É preciso Caminhar! Subir pedras, abaixar vales. Suar. Cruzar gerais desconhecidos. Beleza Integral, o percurso é a base de seu florescimento. Ele vai purificando a mente, acalmando. O coração vai sendo preparado para receber sua própria totalidade.

O Sol buscava o horizonte. E eu buscava o mundo oculto no interior da gruta. A areia macia refrescava os pés, enquanto séculos de

intemperismo eram cruzados. Capturando as mudanças geológicas em suas linhas, as paredes de arenito narravam a dança das eras. Mares extintos, desertos dinossáuricos, montanhas submersas; um extrato de cor forte revelava a mudança de um capítulo. Linhas ascendentes, formas descendendo, camadas inteiras sumindo: no livro, relatos de tempestades e secas, tsunamis e calamidades; forças indetáveis. Vazio. Eterna impermanência.

O eco das eras permeava a atmosfera. Água. O gotejar da arquiteta atemporal navegava pelas ondas sonoras, chamando, chamando. Aproximei-me de um canto que se curvava por trás da entrada. A ressonância líquida parecia originar da própria escuridão. Foquei a luz: uma nascente brotava da rocha. Pureza imaculada. Gota por gota, a água se desprendia, desmanchava ao cair na pedra e escorria. Ó Rei, Vossa paciência é imperturbável. Ó Rainha, Vossa generosidade, inigualável!

A escuridão foi treinando os olhos tão mal acostumados. Pedras pontiagudas espalhavam-se pelo chão. Formas rudimentares que nunca foram trabalhadas pelas correntezas de um rio. Fetos no ventre da mãe. O lento percurso do polimento ainda não lhes chegara. Viviam na inocência de um mundo intocável. O tempo aguardava. Precioso mestre do arredondar.

A luz morria pelos lados. Um manto negro avançava, engolfando tudo. No cerne, silêncio profundo. Uma brisa fresca deslizava pelos corredores, infiltrava pelos poros, flutuava no pulmão. Os passos abafados morriam na areia macia. Segui caminho apalpando o invisível. Vazio acariciava a pele, ressonando interiormente. Doce ventre da mãe Terra.

Uma luminosidade brotou na densa escuridão. Ela foi se tornando feixes de luz, enquanto uma nova abertura revelou-se. O portal pairava ao alto, mascarando-se de inatingível. Escalei as pedras grandiosas que se empilhavam verticalmente, até que me encontrei sobre a rocha plana já fora da gruta. Todo o ambiente assemelhava-se a um lindo jardim secreto, suspenso por precipícios extasiantes.

À frente, uma grande ponte de pedra reunia duas torres, onde tudo parecia prestes a sair voando. No chão e nas paredes, os musgos cobriam as pedras com pinturas circulares, seus centros brancos floresciam em rosas de mil tonalidades. Por todos os lados bromélias desabrochavam nas mais exóticas mandalas: folhas de pontas vermelhas e centros de flores amarelas, verdes curvadas, roxas espaçosas, lisas ou requintadas. Humildes e gloriosas.

Infinitas raízes arbóreas se entrelaçavam pelas rochas e rachaduras. Musgo e madeira; pedra, folha e terra; sol, aranha e ar; amigos de velhos tempos em prosa eterna. Compondo belezas singulares incansavelmente efêmeras.

De dentro de uma fenda negra nascia um broto de folhas verde-

recém- -nascido, a cor da alegria. Contemplando em virgindade o calor bondoso do astro rei. Inocência Primordial.

Os habitantes do jardim eram sem fim. Cogumelos, besouros e árvores barbadadas, grandes mestres das escrituras. Passarinhos, borboletas e lagartixas, estátuas vivas do altar.

Escadas esguias e irregulares subiam ao topo da torre.

Foi assim que ao céu cheguei.

Sentei na beira do precipício, pernas balançando ao infinito. Alma, flutuando no vazio. Inteiro, o longe horizonte roubava a vista. Ancestrais, chapadões emergiam pelas florestas exuberantes. Extensos campos cobriam a pele lisa dos tabuleiros. Nuvens plainavam sobre gerais aplainados.

Com suas duas torres, o Morro do Castelo dividia dois vales. Ao oeste, o Rio Paty serpenteava ao fundo. Brotando da floresta e despencando sobre si mesmo, a Cachoeira do Funil cintilava incandescente. Ao leste, a Cachoeira do Calisto refletia à luz da intocabilidade. O verde heterogêneo que lhe rodeava confidenciava a história inabitada de suas florestas.

Ao sul, os dois vales se encontravam, unindo os rios num único leito, penetrando a longa garganta que se estreitava ao firmamento. Face a face, imperiosos rochedos seguiam em silenciosa procissão, descendo o desfiladeiro. Deslizando aos seus pés, as águas fundidas derramavam versos imortais de louvação.

As nuvens mensageiras navegavam pelo oceano translúcido, carregando presentes dos Reis Magos ao pequeno menino Jesus. Em unisom, o mundo inteiro celebrava o nascimento do Divino. Orquestra secreta das almas dando glória ao bom Deus, ressonando o canto da Vida.

Cada estrofe, cada cortejo, trovejava em cada célula, despertando o adormecimento de incontáveis gerações. O precipício ecoava por toda a atmosfera, ritmicamente convidando o salto ao despenhadeiro. A chamada transpassava como maré cheia, crescendo, avançando, em lenta calmaria. Nas narinas, o ar soprava imperceptível, dissolvendo-se no respirar do vale.

Enlaçada, a alma entregue se lançava, despencando, flutuando, evaporando- -se aos céus. A totalidade daquela Chapada já não encontrava espaço do lado de fora; e como um pulmão que falta-lhe ar, no interior, o abismo mergulhou por inteiro.

Vida a tudo envolvia, em abraço atemporal. Fundindo-me à Chapada.

O tempo piscou. E os olhos da eternidade pairaram sobre aquele momento.

Horas se passaram como vultos. Dias, vidas, quem sabe? A partida já deixara de existir. Branca pomba mensageira emergiu do infinito azul, Paz desceu onipresente.

Minúscula semente, enterrada sob incontáveis camadas, na alma de cada ser. Grão da Vida. Despertando no mergulho ao mais profundo âmago, quando o vazio furga-lhe a respiração. As águas do tempo envolveram-te e vossa casca rompeu. O mundo relampejou, transbordando luz sobre todo o Universo. Coração dilacerado, abriram-lhe uma fresta. Fresta que jamais se cerrará. Cresce a cada dia, para enfim, sem traços, desapareceres.

Sede insaciável!

A sede oculta das eras derramou-se pelo corte, inundando céu e terra.

Ó Semente da vida, vós germinastes!

Irrompeu-se em meu seio o verdadeiro desfiladeiro.
Derradeira senda, onde o único retorno segue em frente,
sem fim nem começo.
Inteiro.

“Traga-me um copo d’água, tenho sede
E essa sede pode me matar
Minha garganta pede um pouco d’água
E os meus olhos pedem teu olhar

A planta pede chuva quando quer brotar
O céu logo escurece quando vai chover
Meu coração só pede teu amor
Se não me deres, posso até morrer”¹

Num suave segundo,
as pontas dos dedos se tocam
e o tempo permeia o atemporal.
Amor Incondicional,
vossa semente despertou.
Caminho em renascimento
e vós a floresceres.

Guias-me,
passo a passo nessa estrada
intransponível
à nossa Morada
Primordial.

Ó sede, abrasastes minha alma!

¹ Tenho Sede, música de Gilberto Gil, composição de Dominguinhos.

Mãe Divina Natureza,
acostastes-me a teu seio,
jorrastes em meus lábios
o néctar do vinheiral.
Vosso licor da devoção
criastes carnaval.

A febre criando dilúvios
nas areias desse litoral.
Delírios,
amar-te pulsa,
em meu Ser Total.
E vosso Manancial,
sereno,
corre em minhas veias.

Glorioso Pai, Ó Altíssimo!

A alma a contemplar-te
onisciente
pela infindável canção de toda a Existência.

“Vos sois criação e criador
Sois energia e verdade
Ó Deusa, Ó Deusa, Ó Deusa
Sois Criador do cosmos
E sois o começo e o fim
Sois a essência da alma individual
E sois também os cinco elementos”¹

Crepúsculo pairou sobre o ar, despertando mistério, oculto em poros vazios. Máscaras sombrias cobriram as faces das montanhas e das árvores ao fundo do vale. Hora sacra, em que o desconhecido brinca de pique esconde com o conhecimento, como pequenos curumins camuflando-se entre as folhagens densas de uma mata tropical.

Tambores distantes, muito distantes ecoaram ao fundo. Em verdade, não havia som algum. Além da serenata transcendente dos grilos, pererecas e outras vozes da chapada, que reverberavam preenchendo toda a atmosfera de vivacidade. Entretanto, aqueles tambores ao fundo, Tum Tum, Tum Tum....

Seria... o próprio coração da chapada, pulsando uníssono ao meu âmago?

¹ Shrishtiyum niye, canção da Amma (tradução de um trecho).

"Venham depressa meus queridos filhos, vós que sois a essência do OM. Removendo todo sofrimento, cresçam como entes adoráveis e tornem-se um com a sagrada sílaba OM".

"Você é o "eu" que há em mim e eu sou o "você" que há em ti. A sensação de separação se deve à cegueira da ignorância. Em verdade, nada existe separado."

"Somente aquele Ser não-dual existe, que desconhece a diferença entre o dia e a noite. Distante, Ele não se encontra; habita, senão, em nosso interior, constantemente brilhando com grande esplendor."

Amma^[12]

A flecha do tempo segue em frente sem dar voltas para trás. Nossa vida caminha adiante, numa eterna viagem de retorno, sem sair do lugar inicial. Como estrelas. Girando sobre si mesmas, além das direções. Transcendendo espaço e tempo. Primordialmente inteiras.

"Listen to the unstruck bells and drums!

Love is here; plunge into its rapture!

Rains pour down without water;

Rivers are streams of light.

(...)

This is the music

That transcends all coming and going."¹

Há certos momentos em que a vida nos acerta com suas flechas certeiras. Quando a ponta afiada nos penetra tudo se transforma, sem jamais encostar na essência. E no breve momento onde a flecha embebida libera sua seiva, que circula pelo sangue permeando o corpo inteiro, permanecemos num estado de torpor, semi-acordado, semi-morimbundo. Longos anos podem vir a passar, no lento tempo dos homens...

Como recém-nascidos, ou loucos, torna-se difícil distinguir o bem do mal, o certo do errado, o chão estendido à nossa frente. Os caminhos desaparecem, bifurcam, viram de cabeça pra baixo. Já não há mais teto, já se foram as paredes; e a terra firme sustentando nossos pés, desmancha-se como as cinzas de um sonho...

Quedamo-nos suspensos, em meio ao ar abismal.

E nada mais resta além de esperar, sem mesmo saber a que se espera. Volta e meia se erguendo, cansado, ansioso, mas sem rumo a seguir, envolto em profunda escuridão. E hora calado, percebe – a mais tênue iluminação, pulsando, vibrando suave. E vês que caminhos, sem mesmo se dar conta de que estavas se movendo.

E falta-lhe ar, sufoca-lhe a respiração,
num canto mudo de profunda reverência.
E desce-lhe a paz, num voo planado,

¹ "Ouça os tambores e sinos intocados! Amor está aqui; mergulhe em seu êxtase! Chuva se derrama sem água; Rios são correntes de luz. Essa é a canção, que transcende todo ir e vir" Kabir, Índia sec. XV [13]

de ciente agradecimento.

“Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou
Tenho que virar um cão
Tenho que lamber o chão
Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar”¹

Estava de volta às portas do Castelo.

Tendo aguardado a película celestina do poente no alto da torre, havia perdido a entrada dos fundos da gruta, escondida entre as pedras, à meia- -penumbra do entardecer. Desespero e alívio seguiram mais uma vez a rotina.

Aos poucos, a lua descortinava sua luminescência, por de trás da torre gêmea do castelo. O relento era o hospedeiro da noite. Deitei-me sobre uma fina camada de palha que alguém havia espalhado em uma

¹ Se eu Quiser Falar com Deus, canção de Gilberto Gil.

área plana, entre as pedras pontiagudas na entrada da gruta.

Como de costume, a mente se perdeu vagueando pelas valas lamacentas da própria imaginação, vestindo as sombras com seus ornamentos fantasmagóricos. O medo enfim tornou-se indomável. Mesmo naquele clarão da lua, a noite trazia lembranças do que é escuro e indefinido. Quando a solidão faz sociedade com a escuridão, os resultados podem tornar-se desastrosos.

Mas não é intenção de uma Mãe assustar seu filho, apenas ensinar-lhe a abrir os olhos, ao invés de cerrá-los perante o desconhecido. Que é escuridão senão uma face oculta da própria luz? Bastam alguns finos raios, que a mente inteira clareia.

Cintilantes, as estrelas iniciaram seu jogo de sedução, reivindicando minha vista. Relembro-me da aurora de outrora. Crescente, a lua confiscou meu coração. Translúcido véu de luar alisou-me a face, cerrando as pálpebras num singelo movimento.

A mente mirou-se adentro, atraída pela luz que faz brilhar as estrelas. Presença eternamente consciente. Reconciliei-me àquela chama, ainda e sempre, acesa. A verdade não precisa de palavras, apenas de testemunho.

Ó fonte, vós sois inesgotável! Em paciência, aguardas
que recordemos de ti, novamente, novamente.

Célula por célula, a paz foi ampliando-se, até preencher o espaço inteiro. Poro por poro, a luz emanou, extravasando. Despertando a santa egrégora que envolve todo o Castelo. Naturalmente, os fantasmas se transfiguraram em anjos da guarda. Ou quem sabe, sempre assim o foram?

"Flare bombs bloom on the dark Sky.
A child claps his hands and laughs.
I hear the sound of guns, and the laughter dies.

But the witness
remains." ¹

Encontro-me aqui, ou re-encontro será,
Deitada em beira janela,
bem longe da beira do mar.

1 "Bombas flamejantes no céu escuro. Uma criança bate palmas e ri. Escuto o som de tiros, e o riso morre
Mas a testemunha, permanece." Poema "The Witness Remains" do Mestre Zen Thit Nhat Hanh. O Vietnameita Thit Nhat Hanh difundiu a prática do budhismo engajado durante a guerra do Vietnã. Tanto em seu país e quanto em exílio, escreveu diversas poesias de paz, julgadas como rebeldes protestos e sendo atacadas por ambos os lados confrontantes. Em comentário sobre esse poema ele escreve: "Flarebombs são bombas luminosas atiradas em guerrilhas para detectar a presença do inimigo. Quando você está dominado por medo, qualquer pessoa pode ser vista como um inimigo, até mesmo uma pequena criança. A testemunha é você e eu." [14]

Pergunto, então, por que hei de sentir,
a brisa que tanto conheço.
A brisa eterna de tempos passados
presente, futuro e começo?
Só ela escondida nos veios da pedra,
de outrora continente que está acabado.
Mas agora, contente, pois passado é presente,
E aurora se ergue na era que integra
O que foi, será e é, o mar eternamente.

“Daily, nothing particular,
Only nodding to myself,
Nothing to choose, nothing to discard.
No coming, no going,
No person in purple,
Blue mountains without a speck of dust.
I exercise occult and subtle power,
Carrying water, shouldering firewood.”¹

Já amanhecerá. O dia seguia em seu ritmo espontâneo. Ou será que ainda era? Já (mais) não sabia. Tudo que antes procurava e pré-ocupava, estudos, provas e bailados, relógios e carros, chaves e ingressos; botões e teclados; papéis e rádios; estava tudo tão distante. Ao ponto de surgirem dúvidas sobre a própria existência daquela personalidade efêmera.

“Quando se vira para dentro e procura
onde emerge esse pensamento “eu”,
o vergonhoso “eu” desaparece
e a busca da sabedoria se inicia.”²

Buscava lenha. Procurava água. Os ouvidos escutaram um gotejar ao fundo, ecoando pela pedra afunilada. Os olhos perceberam gravetos secos, debaixo da pedra inclinada.

“Onde essa noção “eu” desfalece,
agora lá como “Eu”, como “Eu”, ascende
o Um, o próprio Ser, o Infinito.”^[7]

Tantas pessoas percorrendo os pensamentos, mas não conhecia ninguém. Fantasmas da imaginação. Guerreiros de arco e flecha.

¹ “Diariamente, nada em particular, apenas acenando a mim mesmo, nada a escolher, nada a descartar, sem vindas, sem idas, nenhuma pessoa em púrpura (a cor das túnicas de monge), montanhas azuis sem um grão de poeira, exercito poderes ocultos e sutis, carregando água, levantando lenha.” Hō Kōji, poeta Zen do século XVIII, Japão. [15]

² Ramana Maharshi [7]

Curandeiras com ervas sagradas. Antigos cantos nativos que infiltraram as rochas e agora ressoavam no coração da chapada. O Sangue ancestral deslizava sob a pele. Submerso, despertava.

“Pois conhecendo Aquilo que É
Não resta nenhum outro conhecedor.
Portanto, Ser é Consciência
E somos todos Consciência.” ^[7]

Ó Harmonia! Carregue, carregue o corpo leve.
O corpo que vós, Cachoeira, desempoastes.
Que vós, Montanha, fizestes suar.
Que vós, Estrela, purificastes.
Carrega a mente leve, como a folha que o vento levou.

Mente pura, os últimos suspiros lhe deixam por breve momento,
deixando a existência apenas existir.

“Na natureza de seu ser criatura e criador
São em substância um.
Eles diferem somente
Em adjetivos e consciência.

Vendo a si próprio livre de todo atributo
É ver o Senhor,
Pois Ele brilha sempre como o puro Ser.

Conhecer o Ser é senão ser o Ser,
pois Ele é não dual.
Em tal conhecimento Habita-se como Aquilo.

Tendo conhecido a própria natureza habita-se
Como Ser sem começo nem fim,
em inquebrantável consciência e beatitude.”

“Vós raspastes limpa minha cabeça, Vós então vos
revelaste,
dançando em espaço transcendental, Ó Arunachala!”¹

Nos redemoinhos do rio da vida, nas reviravoltas da alma, a solidão por vezes emergia como uma tempestade de verão. Inesperada, imediata, forte e curta. Saudade fresca sangrava. Amigos e familiares invadiram uma mente há poucos minutos tão serena, desafiando as novas fronteiras da autoinvestigação. Em nova brincadeira, a Chapada lançava risonhas jogadas. De riso roubado, perdi a partida, enquanto

¹ Ramana Maharshi [7]

as nuvens cobriram o céu de desgosto, rompendo de minha pele a confortante carícia dos braços solares. Igualmente enevoada, a mente se ofuscou em tempos passados por outros espaços. Frio. Fraqueza. Não lhe bastava estar rodeada de impecável beleza.

Fortes rajadas de vento penetraram cada poro da pele, apertando um gélido coração. Cada vez mais, encolhia-me em mim mesma, me afogando em minha própria solidão. Por quanto tempo não lembro, mas toda a vida ao meu redor se apagou da mente, sobrou apenas um "eu" carente, vicioso, iludido. Perdido em dramas e tramas sem fim nem começo, atolado nas lamas de um beco, o ego hipnótico envolvia a alma com seus tentáculos de pensamentos, sufocando, asfixiando, esquecendo... Abaixei a cabeça e cerrei os olhos.

De bem longe, uma leve brisa trouxe o som cantarolante dos passarinhos. Os dedos maternos de um Sol da manhã tocaram-me singelos, como a despertar um infante, adormecido pela longa noite. O vento levara as nuvens, desmanchando-as ao firmamento. Como geada sob raios calorosos, solidão se derretera, evaporara. Amamentada, o leite reluzente trouxera à mente um novo vigor.

Senhora morte e renascença, girando vossa foice afiada!
A roda viva em pleno fulgor.

"Vós removestes a cegueira da ignorância com o balsamo de Vossa Graça, e fez-me verdadeiramente Vosso, Ó Arunachala!"¹

Um brilho dourado cobriu minha pele, como um leve lençol aquecedor. E, comovida, ela se arrepiou, regozijando ao compadecido Amor.

"Vamos abraçar-nos sobre o terno canteiro de flores, que é a mente, dentro da morada da Verdade Suprema, Ó Arunachala!"²

A inocência de quem brincava fazia dor e alegria, fazia paz e poesia. Fazia emergir os ramos de incoerências, enterradas nas profundezas da mente, sob muitas camadas de experiências terrenas. Ao toque matutino da luz, esses ramos viciosos se dissolviam na beatitude do Sol Mater, a Consciência pura. São nestes benditos momentos furtivos, quando o Gavião Real estende suas asas celestiais e a vida desce sobre nós com seus anjos de rapina, que encontramo-nos nus no Santuário Natal, mãos e mentes vazias, em serena contemplação.

"Sol! Vós avançastes em ataque repentino e o cerco da ilusão encerrou-se.
Vós então brilhastes imóvel, sozinho, Ó Arunachala!"²

¹ Ramana Maharshi [7]

Das pupilas ao horizonte, tudo irradiava luz! Rodeando-me, cada flor, cada folha e borboleta, cada forma de vida pulsava compaixão. Ri da recente solidão, à que me entreguei tão prontamente, como riria de alguém que morre de sede, ao banhar-se em fonte de água cristalina. E sorri aos companheiros que zelavam por mim, aguardando pacientemente a pequena fresta abrir-se no coração.

O gavião voava pelo fundo do vale em graciosa acrobacia, espiralando lentamente, subindo aos céus, se unindo ao firmamento. Os pássaros sobrevoando suspensos, o farfalhar dos arbustos ao vento, o cintilar da cachoeira Calisto; tudo proseava em Una melodia, na incansável invocação da vida para unirmo-nos ao oratório.

Irmã pedra, irmão musgo. Acaricieai-lhes, derramando lágrimas de um novo amor. Um amor que ia renascendo, em pureza e plenitude.

Século a século, São Francisco permanece, em seu glorioso canto:

*“Dolce sentire, come nel mio cuore,
Ora umilmente, sta nascendo amore.
Dolce capire, che non son piu’ solo
Ma che son parte, di una immensa vita,*

*Che generosa, risplende intorno a me:
Dono di Lui, del suo immenso amore.*

*Ci ha dato il cielo, e le chiare stelle
Fratello sole, e sorella luna;
La madre Terra, con frutti, prati e fiori
Il fuoco, il vento, l’aria e l’acqua pura
Fonte di vita, per le sue creature*

*Dono di Lui, del suo immenso amore
Dono di Lui, del suo immenso amore.”¹*

Após descer o morro do Castelo, passei mais uma noite na companhia de Seu Wilson, Dona Maria e Seu Uilton. Tive a oportunidade de conhecer a Graça, uma moça que havia sido professora voluntária do Vale do Paty na época em que não havia escola formal. Ela me contou sobre a experiência que teve no Paty e em outros lugares semelhantes.

– Eu visitava esses lugares, com gente tão especial e, sem mais ninguém para dar aula, resolvia ficar lá alguns anos. Nunca fiz curso

¹ “Doce é sentir em meu coração, Que humildemente vai nascendo o amor, Doce é saber, não estou sozinho, sou parte de uma imensa vida, Que generosa reluz em torno de mim, Imenso Dom do teu amor sem fim, O Céu nos destes e as Estrelas claras, Nossa Irmão Sol, nossa Irmã a Lua, Nossa Mãe Terra com frutos, campos, flores, O Fogo e o Vento, o Ar e a Água pura, Fonte de Vida de tuas criaturas, Imenso Dom do teu amor sem fim.” Fratello Solle e Sorella Luna, São Francisco de Assis

para ser professora. Eu procurava me sintonizar com minha própria orientação divina para saber o que aquelas crianças precisavam aprender.

A própria casa do Seu Wilson havia sido a escola improvisada durante 10 meses.

– Eu aplicava a terapia das mandalas. Nos primeiros três meses eu tinha que fazer muita oração para conseguir ajuda. Em Lençóis, recebemos uma doação de papel de computador usado nos bancos. Cada criança desenhava num círculo o que quisesse e depois a turma toda analisava uma por uma. Cada criança falava o que estava vendo naquele círculo.

– No início elas eram muito tímidas. Longe de gente desconhecida. Mas aos poucos elas foram se abrindo. Eu olhava nos seus olhos. Tocava suas mãos.

Graça trabalhava com crianças dos cinco aos 16 anos, integrando na mesma aula diversas idades. Sua experiência era de que isso estimulava um desenvolvimento coletivo e individual mais profundo.

– A própria criança às vezes não enxerga todos os aspectos de seu próprio Ser. O grupo pode ajudar a fazer ver coisas que ela mesma não percebe. As crianças começam a se valorizar mais. Descobrindo seus próprios dons pessoais, como desenhar, pintar, escrever, contar histórias, cantar. Os elogios sinceros dos colegas sempre levantam a autoestima.

– Um dos alunos não conseguia fazer trabalhos de matemática. Eu perguntava então se ele não queria ficar fazendo mandalas em vez de matemática. As outras crianças estudavam matemática enquanto ele olhava e coloria mandalas. Aí teve um dia que ele conseguiu organizar uma mandala sozinho. A partir disso, ele conseguiu acompanhar as aulas de matemática com as outras crianças.

Quando Graça iniciou o trabalho, ela levou um livro para as crianças. Todas elas ficaram olhando as imagens com grande curiosidade, mas ninguém conseguia ler. O livro tornou-se uma grande inspiração durante as aulas dos primeiros meses, instigando o desejo de poder desvendar seu significado.

– Eu trabalhava com jogos coloridos de letras e palavras, que nós mesmos construímos. Com a evolução do trabalho as crianças iam se auto-corrigindo. Elas queriam acertar e em poucos dias estavam melhorando muito. No meio do ano, eu levei o mesmo livro e elas, na maior euforia, abriram o livro e começaram a ler. A felicidade era tanta, que cada uma queria levar o livro pra casa pra mostrar para a mãe que conseguia ler.

Na ausência de material formal, tudo se transformava em material educativo. Embalagem de xampu, pilhas, caixas de leite, tudo era reutilizado. Foram dois anos de trabalho. Após isso, relata-se que a prefeitura escolheu um professor que mudou o foco do trabalho. O

futuro passou a ser o objetivo que orientava as aulas: preparar para os estudos em Guiné; para as séries seguintes; para exames; para escolas de cidades. Preparar as crianças aos moldes urbanos. Passado alguns anos, a escola fechou. A maioria dos jovens migrou às cidades.¹

Talvez tenha faltado um pouco de integração da escola com a realidade do Vale do Paty. Com os modos nativos de se viver e a natureza do lugar.

As muralhas esguias do Morro do Castelo enegreceram contra a luz matutina, que nascia às suas costas. Raios de sol navegando no límpido horizonte criaram uma luminosidade azul ao redor da montanha. Descendo o vale, a trilha entremeava-se ao Rio Paty. Bastava girar os olhos sobre os ombros e lá estava ela: a Senhora da Chapada, em vigília maternal, tocando as altas esferas.

Quando o Sol comungava com seu Zênite outonal, a trilha desaguou no encontro dos rios. As águas do Cachoeirão se uniam aos cursos fundidos do Paty e Calisto e o rio seguia sua jornada ao sul. A estrada beirava a curva da montanha e subia à contracorrente, embrenhando-se no Vale do Cachoeirão. Pelo meio da tarde, os arbustos floridos de um quintal bem cuidado entoavam sua saudação. Era a casa da família de Seu Eduardo.

Havia um senhor sentado nos degraus da varanda. Cabelos cor de nuvem e olhos cor de céu. Olhos profundos, enxergando a vida de todas as coisas. Aqueles nativos, sempre a mirar os rochedos, em silencioso sacramento com a Chapada. Templos de pedra. Onde se esconde o espírito dessa gente. Memória fossilizada nas entranhas das rochas. Nascentes de sabedoria, brotando sangue, que corria da Terra às suas veias. Um só coração, de onde pulsavam suas vidas.

O vento da meia tarde estirava seus cabelos brancos ao céu, fundindo-os com a claridade do dia. O jardim era esmero de mãos tão cautelosas, que o verde não se continha na palma das folhas. Suave fragrância, viajando pelo ar e penetrando as conversas, florescendo entre as palavras. Filho progênito do Vale do Paty, os olhos puros de Seu Eduardo refletiam a essência da Chapada. Sua Família, guardiões do Cachoeirão e de seu desfiladeiro.

– Nasci e criei aqui no Cachoeirão. Setenta e oito anos neste lugar. A gente toma conta de tudo aqui. Tem que cuidar da onça não pegar a criança. Mas tem que cuidar também das crianças crescidas não pegar a onça.

Sua risada inocente flutuou como bolinhas de sabão.

– E sua esposa? Onde ela tá?

– Ela tá lá na casa de farinha, ralando mandioca. Amanhã a gente vai fazê farinha. Nossa filha Elenise tá ajudando ela.

¹ Na época em que visitei o Paty, 2006, a escola do vale do Cachoeirão ainda estava em funcionamento. As famílias nativas habitam diversas localidades do Vale do Paty, podendo estar a 4, 5⁶² horas de distância por trilha. Devido a isso havia duas escolas. Após a escola de cima fechar, as crianças que ainda moravam nas casas da cercanía ficaram impossibilitadas de estudar.

– Qual é o nome dela?

– Maria de Lourdes. Mas a gente chama de Lica.

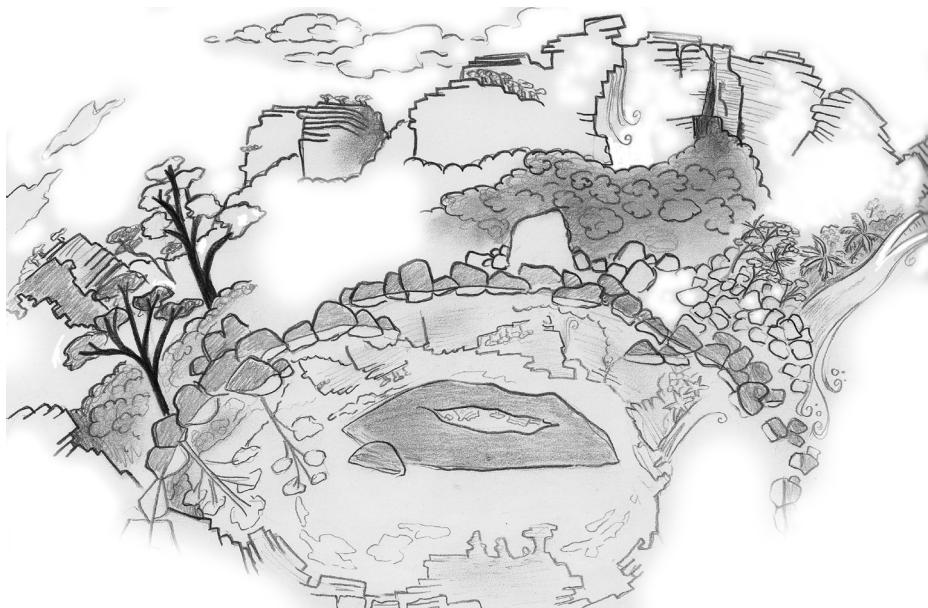
Pensei em minha avó, Maria de Lourdes, cujos olhos, azulados pelo tempo, e cujos cabelos brancos eram tão finos e puros como os desse ancião da chapada. Alegria suave aqueceu o coração. Reverenciados ancestrais.

Seu Eduardo era filho reservado, de poucas palavras. Conversava mais com as montanhas. Com elas, aprendeu a escutar. Delicado sorriso de contentamento adornava sua face, enquanto ouvia as longas prosas das pedras mudas. Suas palavras discorriam sobre tempos de abundância e tempos de dificuldades, passados extremos que sempre cruzam a vida na Terra. Enquanto sua presença, gestos calmos, pupilas perdidas no firmamento, falava apenas de Paz. Enraizada nas vísceras da alma.

– Conheço todas essas redondezas. Já andei muito por esses matos, sei de cada pé de pau. Antigamente tinha muita onça por essas bandas. Hoje em dia elas não vêm mais para cá. Fica pra lá das matas do Calisto.

Nos tempos antigos somente os moradores perambulavam pelo Vale do Paty. Seu Eduardo conhecia todas as tocas de pedra nos vales vizinhos, onde dormia quando saía para caçar, apanhar e coletar cipó.

– E o nome aqui desse lugar, Vale do Paty, de onde vem?



– Ah minha filha, isso ai é do tempo dos índios que moravam aqui na chapada. Paty vem da língua que eis chama Tupi, é o nome de uma planta que tinha muito aqui no vale. Uma palmeira – desde tempos imemoriais o Paty era habitado por comunidades humanas.

O dia entardecido sussurrava em nossos ouvidos. Seu Eduardo confidenciou que não se podia deixar de conhecer sua comadre cachoeira. Convidou-me para passar a noite junto à sua família e guiou à boca da trilha que subia o vale.

– Segue a trilha pela direita da cachoeira. Quando ela der nas pedras da cachoeira, você sobe pelas pedras mesmo. Aí o vale vai se abrir de frente para o Cachoeirão.

A trilha cruzou uma área onde os antigos faziam suas roças. As samambaias que cresciam na capoeira emaranhavam-se sobre a passagem, seus dedos ásperos lanhando o liso da pele. A vegetação aberta revelou a casa de farinha na margem oposta do rio. Ascendendo da cabana cabocla, felpos finos de fumaça meandrabam céu acima e desaguavam na tarde azul, desvelando a presença calada de Dona Maria e Senhorita Elenise.

Atravessando uma floresta espaçada, cujo chão se cobria de pedras e paria longas árvores finas, a trilha interceptou-se com o rio. Sobre uma laje, grandiosas pedras redondas cobriam o leito, como bolas de gude prestes a rolar pelas brincadeiras dos gigantes das montanhas.

Belas esferas, eras de águas pacientemente polindo as faces ásperas das rochas. Pedras esmeradas, persistentemente aperfeiçoando-se na arte da aprendizagem. Entregues. Serenamente conciliadas à artesã dos tempos.

“Não são marteladas, mas a dança das águas que canta as pedrinhas em perfeição.”¹

O caminho seguia escalando os blocos do leito vazio. Ao fundo, corredeiras invisíveis borbulhavam seu canto estio. O rio embaraçado da baixa estação mostrava seu rosto vez em quando, aguardando o retorno das chuvas. Subindo as curvas, as pedras cresciam espichadas, cansando aqueles braços tão curtos e mal treinados. O vale foi se estreitando e as paredes foram crescendo em altura.

Num gesto surpreendente, o desfiladeiro abriu-se em uma catedral de pedra, formando um imenso anel, cuja cúpula era o azulíssimo céu. Esse círculo que formava a cabeceira do cânion era rodeado por uma alta muralha rochosa, cujo topo fora delicadamente esculpido em pequenas torres agulhadas. Três véus de água despejavam do rochedo, alimentando dois lagos espelhados. Translúcida cor de cobre. Blocos arredondados de todos os tamanhos cobriam o piso, amontoando-se em cumes piramidais. Palmeiras, samambaias e árvores atlânticas

¹ Tagore [2]

subiam pelas fendas das muralhas e pelos mirantes formados pelas pedras. Como um diamante no meio do altar anelado, a cachoeira primária derramava seu leite. Sentinel a anciã, sua face mirava o longo desfiladeiro.

Aos pés dessa cachoeira central, as pedras congregavam no mais alto dos montículos. Ascendendo seus degraus, a floresta aproximava-se da catarata. Vibrando em devoção, os galhos abriam-se em doce entrega. As folhas curtas das mirtáceas e as palmeiras alongadas estendiam-se às chuvas sagradas, que Nossa Senhora lacrimejava em perene abençoar.

Inspirada pelas árvores, plantei-me sobre uma pedra saliente, no meio de um dos laguinhos. O templo inteiro se refletia nas águas espelhadas. Florestas, cachoeiras, o alto anel de rochas dentadas e o amplo céu azul. Ilhada pelo altar, encontrei-me flutuando no centro de um cilindro infinito.

Subi o amontoado de pedras que se erguia na frente da cachoeira primária. Ela era a principal fonte que alimentava aquele lago. Saltando entre duas torres pétreas, as águas escorriam como um manto cristalino, dando movimento à rocha. Pingos errantes desprendiam-se, formando uma fina fumaça. Dissolvendo ao vento.

Musgos e líquens cresciam pelas corredeiras. Quando os raios de sol tocavam as gotículas nas pontas de seus minúsculos filamentos, cintilavam as cores do arco-íris. Na boca da cachoeira, um par de palmeiras prostrava-se. De braços abertos, ofereciam um buque de pérolas sempre-vivas, equilibradas em suas folhas úmidas.

Uma brisa gélida arrepiou meu rosto. As correntes lufantes criavam contínua ventania, em cujas ondas os respingos viajavam, invernando a atmosfera. As plantas no alto do montículo recebiam os ventos chuvosos face a face. Curvando-se em gracioso gesto de agradecimento.

Congelados, meus pés também enraizaram, infiltrando as pedras.

A água penetrava por entre fendas labirínticas, corroendo veios na rocha. Pulsando vigor, como o sangue bombeia vida. Alisando as superfícies porosas, ela expunha incontáveis histórias geológicas – épocas de mar ou deltas fluviais. Caminhos de grãos migratórios. Camadas contrastantes, delineadas por grandes mudanças ambientais. As cores graduais de um longo período de descanso e sedimentação – Para em seguida, erodir as eras permanentemente, no eterno lavar do rio.

O rio seguia vale abaixo, guiando a procissão de minerais pelas curvas dos desfiladeiros. Lavando passado, fluindo presente e sedimentando futuro.

"The spring mountains covered with layers of most variegated colors,
And the spring streams fancifully laden with the reflecting images.
Standing by himself between heaven and Earth,
Facing infinitude of beings."¹

A palmeira se enroscava pelo tronco de uma árvore, acolhida pela irmã mais velha. Em inocência, bromélias brincavam pelos galhos, como ninhadas de filhotes adotados.

Graciosa morada de uma infinitude de seres.

Numa grandiosa comunidade, nasciam, cresciam e viviam a cada dia. As águas fluviais traziam-lhes alimentos dos Gerais ao topo da serra. Levava as folhas e galhos secos para alimentar os habitantes dos baixos vales. As árvores eram rios de sedimentos, doando e recebendo. Transformando. Como um leito fluindo imóvel.

E eu era mais uma delas. Criatura de existência efêmera, habitando a eternidade. A roda da criação girava. Morte e nascimento, véus de criaturas, deslizando em longas cachoeiras. Vidas inteiras, aos gélidos ventos, embebidos de choro bento. Infinitas almas, orando em coro, naquele altar sem fim nem começo.

Gloriosa Queda d'água!

Todos os filhos presentes, entoando juntos a canção de louvor. Admirei- -me! Meu próprio coração unira-se em comunhão. Ou quem sabe? Sempre o esteve...

¹ "As montanhas primaveris cobertas com camadas das mais variadas cores, e os córregos primaveris elegantemente carregados de imagens refletidas, erguido em solitudo entre céu e Terra, mirando infinitude de seres." Mestre Zen Ch'ung-hsien, Japão, século XI. [16]



Ó Elixir da Vida! Infindáveis rios confluentes...

Mamãe Oxum das cachoeiras! Nossa canto não conhece tempo, desconhece distância. Nossos galhos se estendem a ti, há eras e eras sob águas abençoadas, entoando uníssonas o canto de glória.

Ó leite materno, derramando-se de vossas nascentes sagradas.

A sombra já se alongara ao topo da torre, confidenciando que o Sol mergulhava no firmamento. Naquele crepúsculo, borboletas elevaram voo.

Os passarinhos cantavam suas primeiras graças ao Sol matinal e a casa de farinha já exalava o calor do fogo. A chapa aquecia, preparando se para receber a farinha que desmanchava em nossas mãos.

Construída em 1933, a casa de farinha era aberta e aconchegante. Quase tudo era feito de madeira e barro. Desde as paredes até as engenharias. Depois de colher a mandioca, ela era descascada pelas mãos da família. Ancestral, o moedor era feito de madeira, numa engenharia que era ao mesmo tempo complexa e simples.

– Já tá apodrecendo! E ninguém mais daqui sabe fazer. Os antigos



foram enterrados com esse conhecimento – Seu Eduardo dissera, a respeito do moedor.

Os braços musculosos do casal idoso davam pistas do esforço que aquele moedor manual merecia. Maria e sua filha tinham moído a mandioca no dia anterior. Depois haviam colocado a farinha num tipiti.¹ O tipiti ficara a noite toda na prensa de madeira, cuja manufatura poucas pessoas ainda conheciam. Com o peso das pedras grandiosas, todo o líquido contido na mandioca escorria entre as palhas do tipiti prensado. O 'leite' era coletado numa vasilha e deixado ao descanso para decantar. A parte mais líquida, que continha o 'veneno' da mandioca braba, era extraído e utilizado na roça, para proteger as plantas de formigas e outros insetos. A parte mais sólida era deixada ao Sol para secar. Uma fina farinha branca chamada de 'goma' permanecia, sendo utilizada para fazer a tradicional tapioca. Enquanto peneirávamos a mandioca que fora moída e cuja "goma" fora extraída, o casal compartilhava preciosidades da cultura local.

- Essa peneira aqui é feito com a palha da taquara (bambu nativo).
- O senhor sabe trançar ela?
- Eu mesmo não. Nem ninguém daqui de casa. Mas tem um moço que mora lá perto da ponte que ainda sabe.

Com as brasas já fervilhando, as cuias de farinha peneirada se derramavam sobre a chapa de torrar mandioca. Utilizando um longo bastão de madeira com uma meia lua na ponta, Seu Eduardo jogava a farinha de lá para cá, movendo-a em danças circulares.

Vez em quando Dona Maria ajustava a temperatura do fogo, retirando ou acrescendo lenha. Depois de quase uma hora, eles revezavam. A dança nunca perdia seu dinamismo, na série incessante de movimentos. Nem por um instante a farinha descansava. Tampouco os braços dos farinheiros. O delicioso aroma de farinha torrada navegava pelo ar.

Pelo meio da tarde, cuias e cuias de farinha torrada enchiam uma caixa de madeira. Fartaria a mesa da família por uma ou duas semanas. Encocoradas em cima do balcão, Dona Maria e eu colocamos montinhos do pó sobre a chapa ainda quente. Era biju, biscoitinhos crocantes feitos da farinha. A chapa também assava cuscuz enrolados em folhas de bananeira, feitos com "goma", farinha, coco e açúcar.

Ànoite, afarinha fresca, cobraia, feijão, doroça. Agrupamo-nos na beira do fogão à lenha, cujo calor espantava o frio invernal da serra.

Todo mundo já se preparava para deitar quando Seu Eduardo me surpreendeu com sua sanfona. Tocando o forró do Rei do Baião, ele esquentou o ambiente mais que o calor do fogão. Música atrás de música, o senhor de cabelos brancos e longa idade desvelava vigor juvenil. Humildade e inocência brincavam em seus olhos.

¹ Tipiti é um cesto de palha que possui um trançado especial, feito para espremer a mandioca ralada.

– Quando vem um grupo grande de turista aqui, o forró se arrasta junto com a noite e toca o raiá do sol! – confessou, com seu sorriso de menino travesso. Música era a grande paixão de Seu Eduardo – Aí tem mais instrumento pra acompanhar mia sanfona.

O dia seguinte foi pé na estrada rumo a Andaraí.

No cruzamento da trilha com o rio, um poço largo aguardava com seu convite irrecusável. Era o encontro das corredeiras, onde os vales se encontravam. Aquelas águas acobreadas sustentavam a derradeira confluência do Paty:

Desfilando às origens, as duas gargantas se uniam.

O vale da lapinha e o vale do Cachoeirão. Cada qual com suas especialidades. A lapinha com sua floresta larga e diversas moradas. O Cachoeirão, guardião das tradições, com seu cânion estreito e cachoeira encantada. Cada qual com seu clima e cultura. Cada qual rico em singularidade. Tão próximos; e tanta diversidade.

Era hora de subir a serra. Seu topo parecia infindável. Quanto mais alto subia, mais bela era a paisagem que se descontinava. O vale despedia-se com mais um presente: Lágrimas escorriam pela face, derramando no infindável desfiladeiro, desaparecendo ao vazio.

Unindo-se à eterna procissão das águas.

Depois de passar uma noite em Andaraí, desci de ônibus a Mucugê,¹ onde passei dois dias conhecendo paisagens de uma Chapada mais rupestre. Em seguida, subi ao Capão de carona.

Cruzando fazendas agrícolas e caatingas desertas, a estrada de terra subia paralela à serra. Alinhada de norte a sul, a longa muralha de rocha se elevava verticalmente. Ilhada por vastas planícies, a Chapada desfilava integral. Madre magistral, sua face contemplando o imenso sertão.

A natureza lhe cortara em abrupta erosão, pelo lento soerguimento. Revelando a sobreposição das camadas rochosas, que mergulhavam obliquamente nas entranhas da Terra. A serra erguia-se primorosa, com a face voltada ao centro de uma grande bacia sedimentar, da qual era apenas uma borda. Naquele momento, inúmeras serras mineiras e baianas rodeavam o grande vão geológico, todas prostradas de face ao centro.

A rocha da camada superficial tinha um caráter de alta resistência. Ainda assim, ninguém escapa às mãos do tempo. Lentamente a natureza lhe erodia, numa imperceptível migração das montanhas. Trabalhando incessante por toda a borda da bacia sedimentar, o tempo alargava o imenso vão. Nessa procissão geológica, pequenos morros

¹ Mucugê é uma pequena cidade histórica situada no ponto onde o grande platô do norte da Chapada Diamantina tem ligação com o grande platô ao sul, num pequeno corredor interceptado por esse agrupamento urbano.

circulares foram primorosamente esculpidos. Permaneciam soberanos, testemunhos das camadas erodidas, como imensas catedrais brotando dos vastos planos. Monte Tambor, Pai Inácio, Morro do Castelo e Calumbi;¹ Relicários da evolução geológica da Terra. Suas camadas de rochas antiquíssimas reverberam energia ancestral.

Ó Oratório natural! Vós que se ergues aos céus em paredes íngremes e cumes planos. Quantos peregrinos escalaram-vos? Em humilde devoção.

Pedra a pedra em contínua oração.

Em vosso altar suspenso, a mirada se perde pelas faces magistrais da Chapada. Pelas vastas planícies do sertão. Em poentes cor de rosa. Em serena contemplação.

Deslizando como nuvens flutuantes. Reluzentes, leves, brancas. Infindáveis camadas, navegando pela esfera planetária, como barcas navegando ao oceano.

Do altíssimo, o silêncio sussurra o seu canto soberano.

"As space is always freshly appearing
and never filled,
so the mind is without limits
and ever aware.
Gazing with sheer awareness
into sheer awareness,
habitual, abstract structures melt
into the fruitful springtime of Buddhahood.

White clouds that drift through blue sky,
changing shape constantly,
have no root, no foundation, no dwelling;
nor do changing patterns of thought
that float through the sky of mind.
(...)

Although the very essence of Mind
is to be void of either subjects or objects,
it tenderly embraces all life within its womb."²

1 Esses morros testemunhos são geossítios da chapada. Monte Tambor é o Morrão, próximo ao Vale do Capão. Calumbi é o Morro do Camelô. Ver Morro Testemunho em Glossário.

2 "Como o espaço está sempre aparecendo fresco, e nunca é cheio, assim, a mente é ilimitada, e sempre consciente. Contemplando com pura consciência, para dentro de pura consciência, estruturas habituais, abstratas, derretem, para dentro da frutífera primavera do estado de Buddha. Nuvens brancas que vagueiam por céus azuis, mudando de formas constantemente, não possuem nenhuma raiz, nenhuma fundação, nenhuma morada; nem as possuem os padrões cambiantes dos pensamentos, que flutuam pelo céu da mente. (...) Apesar da própria essência da mente ser vazia de tanto sujeito quanto objetos, ela ternamente envolve num abraço toda a vida dentro de seu ventre." Versos da Canção de Mahamudra de Tilopa. [17]

Brilho do Cristal

Estava de volta ao Vale do Capão. Na curta passagem antes de peregrinar pelo Paty, havia conhecido Marta, diretora da Escola Comunitária Brilho do Cristal. Como havíamos planejado, no dia seguinte eu iniciaria uma vivência de duas semanas acompanhando as atividades da Escola.¹

Caminhando pelas curvas do rio ao fundo do vale, senti uma maré de ansiedade e vazio lentamente apoderar-se de mim. A poeira de emoções da aventura pela serra já haviam sedimentado. Estava me banhado nas mesmas águas que derramavam dos altos Gerais da Chapada, águas que tanto me encantara nas caminhadas pela serra. Entretanto, por dentro eu cruzava um vale seco e banal, o que causou a mente a cair num estado habitual de tédio. Inquieta, ela procurava algo em que se entreter. À espreita, a saudade melancólica cedeu-lhe alimento.

Duas semanas completas de estrada. Quando deixamos nossos apegos para trás, a euforia do mundo novo não deixa espaço para melancolias e tudo é lua de mel. Entretanto, após uma semana a saudade vai se infiltrando pelos vales da normalidade, que entrela os picos de momentos excitantes. Logo aparecem os brotos do apego, lançando seus pendões reprodutores. O passar dos dias vai amadurando os primeiros frutos: pensamentos aleatórios, que logo caem ao chão, numa busca ansiosa pela firmeza. Furtivo, o passado entra em cena com suas máscaras simulantes. Em duas semanas de saudade a melancolia atinge seu ponto culminante. Febril, a mente me consumia.

Meus entes queridos apareciam um a um. Praias, amigas, família e forró; puxavam-me pelas cordas que eu mesmo atei. Indistinguíveis, amor, paixão e apego se emaranhavam, como minúsculos nós angustiantes. A vida iniciava uma de suas mais belas lições: a beleza de

1 O Brilho do Cristal era uma escola comunitária onde as crianças locais podiam receber um estudo de qualidade. A matrícula e a educação eram livres, sem cobranças financeiras. A escola era sustentada pelo trabalho voluntário, por instituições filantrópicas, projetos universitários, campanhas da própria escola, doações e apadrinhamento de alunos. As salas de aula foram construídas em mutirões comunitários. As professoras e funcionárias da escola eram moradoras nativas. Grupos de extensão das universidades de Salvador realizavam visitas periódicas nas quais conduziam oficinas com professores e oficinas com alunos. Além de desenvolver a afetividade das professoras para com as crianças, as oficinas dirigidas pelos estudantes universitários de artes, teatro e outros cursos, auxiliavam as professoras a cultivarem seu próprio equilíbrio emocional e mental. Estimulando o aprofundamento da capacidade de compreensão das dinâmicas mentais e emocionais de cada aluno. Isso permitia que certos alunos com situações familiares complexas pudessem receber uma orientação mais específica, que ajudasse a criança a gradualmente se libertar de comportamentos defensivos e rebeldes e progredir em seu aprendizado, de acordo com suas qualidades diferenciadas. Este trabalho também auxiliava os professores a lidarem criativamente com dificuldades administrativas e comunitárias. Na festa junina daquele ano, por exemplo, os professores apresentaram à comunidade uma peça humorizada, dramatizando conversas entre um grupo de pais e outro de mães, sobre a importância da participação familiar e dos moradores da comunidade no desenvolvimento da escola, em específico, nos mutirões e reuniões escolares. O leve e cômico 'sermão' provocou uma série de risos e gargalhadas entre a platéia de pais, mães, filhos e vizinhos, sem deixar de tocar com suavidade a consciência de cada um, imprimindo valores coletivos nos adultos e nas crianças.

um amor purificado.

“Vão caindo as folhas
Que o vendaval despetala
Em perseguição”¹

Na manhã seguinte, aurora derramou sua luz dourada sobre a Terra.
Canto de renascimento.

O pátio da escola era um jardim de flores e árvores. Conviver com as crianças – um mar de rosas. Cordas e balanços de pneus penduravam-se dos galhos, que também abrigavam risonhos ‘macacos’. Entre os estudos não faltavam margaridões, girassóis, mangueiras e goiabeiras para a criança penduricalha explorar a natureza em íntima liberdade. Havia flores e frutíferas para todas as épocas e brincadeira para todos os tamanhos.

Desde o primeiro dia no Brilho do Cristal, a vida me tomou em seus braços. Abraços sem fim daquelas pequeninas criaturas, transbordando amor, carinho e pureza. Entre nós, não sobrava espaço para estranhamento. Toda a melancolia do dia anterior fora dissipada por essa luminosidade tão pura, emanando de olhinhos tão inocentes. Saudade? Para onde fostes? Coração, colo e mente foram preenchidos completamente pela criança. Risos e gargalhadas.

Em seus truques infalíveis, a vida semeava liberdade.



¹ Poema Zen de autoria desconhecida [18]

A escola gentilmente me concedeu a maravilhosa oportunidade de acompanhar as atividades da turma mais velha. Os alunos tinham de oito a dez anos. Durante duas semanas participei como uma espécie de monitora estagiária, dando assistência aos trabalhos da educadora. Entre as atividades, Marta, a diretora da escola, compartilhava alguns dos fundamentos pedagógicos que criavam a base daquele movimento educativo.¹

– Quando uma criança é agressiva, implica muito com os outros, fala alto, temos que conhecer a família dela para identificar a raiz desses comportamentos. Às vezes ela tem oito irmãos, os pais trabalham o dia inteiro, e a criança não recebeu atenção suficiente. Ela se comporta assim para chamar atenção. Ela só quer carinho e amor. Quando, ao invés de brigar, a gente ensina a criança como se comportar dando exemplo, explicando e dando amor e carinho, ela aos poucos muda o comportamento e passa a dar amor também aos outros.

– O que importa são as pequenas revoluções – confidenciava a romântica conspiradora – Essa escola tenta transformar o aluno. Assim, toda a comunidade absorve novas formas de interagir, pois ela convive junto.

Um dia, durante o intervalo, todas as crianças foram surpreendidas pela invasão de uma turma da mata: onça, pássaro, tatu, caçador e violeiro. Eram moradores locais envoltos em exuberantes fantasias, encenando uma inesperada peça teatral. As crianças assistiam admiradas, entregando-se curiosas às cantorias. Vez em quando o violeiro, professor de musica da escola, tirava do chapéu canções que ele trabalhara em suas aulas diárias. Nestes momentos em que a molecada participava ativa da estória, o entusiasmo dos pequenos saltava em coro.

“Plante o verde viva a vida, vamos colorir a Terra
Vamos cuidar da natureza
Plantando a semente e regando até brotar
E respeitar a água, o fogo a terra e o ar
Preservando tudo e ensinando a preservar
Plante o verde viva a vida, vamos colorir a Terra”

Na semana do meio ambiente a turma mais velha da escola foi chamada para cantar a musica “Plante o verde viva a vida,” na estação de rádio local. Era uma canção que havia nascido nas aulas de música que todos frequentavam. No estúdio, os pulos de alegria estouravam – a emoção não cabia mais dentro daqueles pequeninos.

A merenda era vegetariana e feita com alimentos regionais, como

1 “Uma criança se encontra em seu ambiente natural entre flores e pássaros cantores. Aí ela pode mais facilmente expressar a oculta riqueza de seus talentos individuais. A verdadeira educação não vem de fontes exteriores, inculcada por bomba de pressão, até se empanturrar o educando; ao contrário, ela ajuda a trazer à superfície a infinita reserva de sabedoria interior.” Paramahansa Yogananda [43]. O Mestre Hindu fundou centros de educação infantil na Índia onde passou anos convivendo com as crianças e guiando o trabalho educativo.

cuscuze e chá de capim-limão, de acordo com as estações e a tradição das datas festivas. Alguns dos alimentos eram produzidos na horta escolar pelos próprios alunos. Uma grande alegria coletiva nascia ao alimentarem-se de frutos, legumes e folhas que eles mesmos plantavam e colhiam.¹

– No brilho só entra comida natural que faz bem pra saúde. Aqui ninguém come açúcar, bala, refrigerante. Nossa comida vem daqui da nossa terra mesmo – disse Mariana, uma das alunas mais velhas, em um de nossos passeios à horta escolar. Entre mordiscadas, acrescentou – Mmmm! Eu adoro cebolinha!

Tradicionalmente os nativos do Capão cultivavam boa parte dos alimentos familiares. Quando a agricultura de subsistência enfraqueceu e a venda de produtos industrializados nas mercearias locais cresceu, os hábitos alimentares dos moradores se transformaram rapidamente e os alimentos frescos foram sendo substituídos por pacotes de conteúdo processado. Mangueiras, laranjeiras, ervas, cresciam em abundância, mas muitas vezes apodreciam pelo chão, pois estavam perdendo seu espaço na mesa. Na escola, cultivo e consumo de frutas e verduras faziam-se presente em diversas atividades diárias. Esses hábitos estavam criando raízes nas crianças, que naturalmente vinham a influenciar suas casas e comunidades. Aspectos ecológicos e saudáveis dos costumes tradicionais estavam sendo gradualmente resgatados.

Todo dia antes da merenda, uma roda se formava e os alunos cantavam em agradecimento. Após a refeição, cada um lavava seu prato e escovava os dentes.

Cultura tem vida própria. Ela nasce, desenvolve, se transforma – girando entrelaçada com todas as coisas, nesse magnífico evoluir do universo. Os manguezais na foz de um rio, ou no fundo de uma baía, podem parecer um cantinho de abandono e estagnação. Mas justo nestes lugares, oculta nas lamas densas, está uma das dinâmicas mais incríveis da natureza: morte, vida e renovação. Dia a dia o ecossistema de mangues inspira incontáveis cientistas e observadores curiosos em como integrar a reciclagem de matéria numa sociedade que, aparentemente, ainda está encontrando o equilíbrio entre produção, consumo e restos “indesejáveis”. Similamente, as evoluções culturais caminham em equilíbrio dinâmico, desestruturando, reciclando,

1 A alimentação, elemento tão fundamental na formação de culturas e modos de vida, recebia atenção especial, sendo um foco central que interligava diversas atividades da educação diária. A autonomia e responsabilidade que nasciam com o cultivo do alimento, aumentavam ainda mais a aplicação nas atividades e, consequentemente, no processo de assimilação e aprendizado. Através do interesse pela horta, as crianças desenvolviam melhor sua leitura e sua escrita. Empreendiam espontânea atenção às leituras de informações sobre semeadura e métodos de cultivo. A otimização da força de vontade também era percebida nas atividades de escrita, onde as crianças produziam placas indicando os diferentes cultivos na horta e expandiam sua criatividade literária construindo relatórios sobre as atividades agrícolas. Além da horta, a criação e cultura do viveiro de mudas também integrava as diversas atividades acadêmicas.

renascendo.

A comunidade do Bomba, ao fundo do vale do Capão descendia dos antigos quilombolas que habitavam a região secularmente. Todo o alvoroço minerador chegou e partiu. Seus habitantes permaneceram. O tempo passou e a globalização surgiu como uma maré planetária, cobrindo os sete continentes. Revolvendo culturas locais. Transformando.

O novo ciclo do turismo trouxe novas mudanças, infiltrando os vales isolados da chapada com a cultura “moderna”. A cultura tradicional minguou, mas não morreu.

Entre os parentes dos alunos da escola comunitária, tornou-se comum que irmãos mais velhos trabalhassem como ajudantes de obra e as irmãs como faxineiras. O Brilho do Cristal dirigia seu trabalho educativo com a visão de expandir as oportunidades dos jovens.

Os talentos dos alunos fervilhavam na escola. Joanhinha de nove anos era amplamente admirada pela sua habilidade teatral.

– Nós temos que respeitar a individualidade de cada aluno – disse Marta – cada um tem mais dificuldade numa área e mais interesse e talentos em outras. Assim, a gente mostra que o aluno é importante no mundo, ele aumenta a auto-estima e se dedica mais na escola. Passa a ter mais confiança em si mesmo, melhorando incrivelmente seu aprendizado.

– Não podemos deixar que um aluno se sinta mal porque ele ainda não comprehendeu o que o resto da turma já aprendeu. Cada um tem seu ritmo. Alunos com dificuldades precisam ter seus outros potenciais estimulados, como a arte, a pintura, o teatro, o circo, os esportes, a agricultura, a organização dos serviços. Todos nasceram com um chamado especial dentro de si. Trabalhando em grupo, o ser humano evolui na sua missão pessoal.

Mariana de 10 anos cantava na harmonia de seu professor e foi minha parceira preferida no forró da festa junina. Jaime era menino travesso e criava poesias como ninguém. Lucas era muito tímido e aprendia matemática em ligeireza singular.

A escola trabalhava com a formação de monitores, como mais um estímulo ao desenvolvimento de cada aluno.

– Todo mundo tem potencial para ser monitor em uma área – disse Marta – ajudando os outros colegas, ele aprende mais e aumenta a auto-estima. O espírito coletivo auxilia na educação individual.¹

Junho era mês de São João. O clima dessa festa nordestina temperava as atividades diárias, realizadas com grande ânimo. São João se infiltrava na matemática, culinária, leitura, construção de texto, pesquisas históricas e artesanato, à medida que todas as turmas

¹ “Tenho a maior das qualidades humanas: a iniciativa. Todo ser humano tem uma centelha de poder por meio da qual pode criar algo jamais criado antes.” Paramahansa Yogananda [19]

preparavam a escola para a grande festa junina. As crianças criavam peças teatrais para apresentar aos pais, vizinhos e visitantes durante a festa, enquanto as professoras ensaiavam dramatizações com mensagens educativas.

No dia esperado, toda a comunidade veio participar da festa de São João. Por todo lado, a arte expressava longas semanas de dedicação dos alunos, que agora corriam e pulavam em seus laços coloridos e chapéus de palha. Em cima de um alto bastão, uma lâmpada iluminava a bem ensaiada dança das fitas. Cada criança segurando uma cor em suas mãos. Cantavam como anjos:

"Sob um lindo céu de luz, Sob um lindo céu de luz,
De luz sem fim, de luz sem fim
Fitas vão passando em cruz, fitas vão passando em cruz.
Trançando assim, trançando assim
Sob um lindo céu de luz, de luz sem fim
Balançam fitas tremulando assim"

Num canto, bandejas repletas de culinária tradicional e vegetariana cobriam longas mesas, continuamente reabastecidas pelas mães que chegavam trazendo suas contribuições. Pés descalços de todos os tamanhos se arrastavam pelo chão do refeitório, no embalado forró da banda local que animou a noite inteira. Entre as brincadeiras, dramatizações e o coral da escola, os pequenos irradiavam alegria pelos frutos de uma diligência diária.

A fogueira ardeu até as últimas brasas.

As crianças do Brilho acenderam meu coração. Conquistaram-me completamente. O amor infiltrara raízes no solo. Despedida? Parecia a maior das dores... arrancando um pedacinho de mim. Eu já pertencia a elas.

E a ventania reparou, levantando ligeira.

Coração. Não sois pequenino assim! O cosmos inteiro gira em seu interior
Onde estrelas cintilam transformando sua cor – sem jamais dar um passo.

O Brilho do Cristal e a Campina haviam alimentado meus sonhos.¹ Sonho que já desfalecera, mas que tempo algum pode apagar. Nem mesmo o mais rude dos invernos. Pois não são apenas sonhos. Nem mesmo apenas meus.

É a voz de incontáveis seres. Incluindo aqueles que permanecem calados.

¹ Brilho do cristal bebeu nas fontes da Comunidade da Campina, no Vale do Capão, que é fundamentada na permacultura, na agroecologia e na união dos moradores. A alimentação é produzida nas roças agroecológicas comunitárias e a terra é coletiva.

A voz incalável da Paz.
Sussurando pelos ventos do universo.

E a ventania levanta, levando a vida de todas as coisas.
A estrada aguardava.
No coração, a vida pulsava, sabendo que era apenas o começo.

Vós que me miras no canto do olho.
Vejo seu brilho se escondendo por trás da aurora,
como a me esperares.
Infinito Sol.
Eternamente onipresente.

O rio meandra seu caminho.
Sem jamais voltar à montanha,
segue o curso ao deságue,
Onde aguarda o oceano.

“Porque se chamava moço
Também se chamava estrada
Viagem de ventania
Nem lembra se olhou pra trás
Ao primeiro passo...
Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem
Em meio a tantos gases lacrimogêneos
Ficam calmos...
E lá se vai mais um dia
E basta contar compasso
E basta contar consigo
Que a chama não tem pavio
De tudo se faz canção
E o coração na curva
De um rio...

E lá se vai...”¹

¹ Clube de Esquina, canção de Milton Nascimento

Formosa do Rio Preto

A despedida da chapada encharcou-se de lágrimas transparentes, infindáveis como suas cachoeiras. No entanto, tristeza não havia. Só felicidade. Soltos, os pés tateavam a estrada, à espera de uma carona, um ônibus, qualquer coisa naquela beirada. Vida! A que cantos do mundo vós levais?

Águas misteriosas,
confio em Vós.
Para onde me guias?
Aguardo em seu passo,
caminhar lançado aos ventos.
Estrelas,
deixo a ti o destino,
guia-me, pois, em perfeição.
Sê caprichosa igual a mim,

Ó Senhor dos Rios Confluentes!

Formosa do Rio Preto. Extremo noroeste da Bahia.¹ Onde o sertão aguardava o ENCA daquela lua cheia. Ela ainda crescia. No papel em minhas mãos encontrava-se escrito o nome da cidade e da fazenda.

O Sol pairava sobre seu zênite quando o ônibus, pintado pela estrada de barro, parou na cidade pacata de Formosa do Rio Preto. Vermelho seco. A Aridez contrastava com o verde úmido cobrindo as chapadas da memória. Pele quente, solo alegre.

Fazenda do Seu Davino? Apontaram a direção. Povo humilde, tudo parente, tudo irmão. Os pés no chão da Estrada do Ouro, esperando carona. Passava minuto. Passava hora. Mais nada passava.

É ritmo de vida pacata, transformando por dentro.
Transcende sonhos, dissolvendo tempo.
O que me espera?
Algo além da imaginação sempre emerge da escuridão.
Lá, certeza tem campo fértil, brotando ao cerne do incerto,
como a ordem emerge do caos.
Caminhos lentos, livres,
irreversíveis e imprevisíveis!
À boca da estrada de terra,
sentada no tronco e na beira da espera,
tudo é Sol e poeira.

¹ A região faz divisa com os estados do Tocantins, Piauí, Maranhão e Goiás. O Encontro nacional das Comunidades Alternativas (ENCA) é um encontro anual que reúne comunidades do Brasil inteiro. Acontece na lua cheia de Julho, cada ano em uma comunidade diferente. Aquele ano aconteceria em Formosa do Rio Preto, nas terras da família de Edy natureza, cujo pai se chamava Davino. Nos três dias em que estive no local, estava acontecendo o Pré-ENCA, as semanas preparatórias que antecedem o encontro. Ainda faltavam duas semanas até a lua cheia.

Naquela infindável espera, a fervura do sertão começou a cozinhar as inquietudes que vão se acumulando nos cantos da mente. Era o Senhor do Tempo polindo as rudes impaciências de uma alma destreinada. A Incerteza havia vestido suas máscaras intimidantes. E a angústia escapuliu dos escuros, lentamente tingindo o dia de dúvida e insegurança. "Será que deveria ter deixado a chapada? Será que estou indo para o lugar certo? Será que vou conseguir carona?"... eram os pensamentos. O coração procurava um novo refúgio.

De início, a saudade da criançada emergiu mascarada de ausência sofrida. Buraco negro na alma.

Ó anjinhos! Enfeitiçastes minha mente! Quero estar em vossos mil sorrisos miudinhos. Banhando-me em vosso amor tão inocente.

Lentamente, as crianças do Capão surgiram de mansinho, desfilando em pensamentos, acariciando a dor da saudade. Mais uma vez o amor derramou seu bálsamo onipresente. O sol caloroso me tomou em seus braços curandeiros.

Novamente, intensas emoções haviam nascido e morrido, sem uma poeira mover-se do chão. A mente ia desnudando sua verdadeira natureza...

E purificando meus laços de apego. Pois algo mudara. A cada assalto, a dor da saudade perdia sua força. Erguia-se cada vez mais tênue. Sua crescente translucidez revelava algo novo. A seiva real da saudade: puro amor, transcendendo espaço e tempo.

Ó Saudades! Desmascarastes a si mesma. Sois o vinho da alegria.
Vos me une aos meus amores, neste eterno momento.
Estrelas cintilando em miríade de cores, cá dentro em meu peito.

A boiada passou. Boiadeiro tocando a manada. Tilintantes, os sinos pendurados ao pescoço romperam o silêncio dos ventos. Como folhas secas sobre um rio vermelho barro do sertão, os bois se arrastavam pela estrada sumindo em longínquas curvas. Novas correntes de silêncio emergiam das profundezas.

Paz ensurdecente.

O coração ouvia cada batida do gavião. Suas asas cantavam fendendo o ar. Vez em quando vinha um se sombrear, pousando soberano nos altares da natureza. Rosa Ipê. Árvores cristas, brotando da terra nua. Tangendo o céu azul...

Desabrochando em fulô.

O sertão oferecia um buquê de rosas à imensidão vazia.

Cachos cor de amor, claros e singelos, namorando infinito ciano.



Pelo meio da tarde parou uma moto. O cabra era conhecido de seu Davino. Seguimos roça adentro, levantando nuvens de poeira. Ao longo de toda a estrada, os ipês coloriam o céu com seus cachos altos e frondosos.

Chegamos à fazenda da Boa Vista, onde morava a família de Edy Natureza. A alguns quilômetros dali, Edy, junto com os peregrinos que começavam a chegar, preparava a terra que receberia o ENCA daquela lua cheia. Naquelas bandas do interior, a hospitalidade da Bahia crescia à proporção da quentura.

Fazenda da Boa Vista. Uma casa de pau-a-pique e um grande terreiro de terra bem batida, ao clima do sertão. A planura alcançava até onde os olhos avistavam. Lá e cá, as árvores de copas largas davam precioso abrigo, refrescando o cerrado.

Alberto, irmão de Edy, levou-me de moto para as terras do encontro.

“Cidade das estrelas.” Matagal, sol e poeira. Alegria e trabalho. E um rio glorioso que veio das próprias divindades. Nada mais a desejar. A harmonia do encontro já se fazia presente. Era hora da preparação. Havia três “cabras” trabalhando em diligência no meio daquele mato cerrado. O Edy Natureza, filho daquelas terras, com seu trailer vivo coberto de barro, plantas e brincadeiras. Sempre sorridente, sua filha Gesebel com seus olhos estrelas era a alegria da ‘cidade’ semi deserta. Mais um cabra que veio de bicicleta do ceará e outro peregrino violeiro. Sem deixar de mencionar o bode.

No centro da clareira se erguia o mais alto pé de Jatobá. Seu tronco era largo e curvilíneo, seus galhos fortes se abriam sombreando a terra seca. Do alto, um cipó firme se pendurava balançando uma tábua de madeira – a bendição de Gesebel, de todos nós. Jatobá era amor materno.

O lugar se preparava. Com o encher da lua estaria reunindo caminhantes de longínquas terras. Amazônia, Mata Atlântica, costeiras e serra. Norte a sul da imensidão brasileira. Cada qual trazendo histórias, sementes e saberes de suas comunidades.¹

Pessoalmente, já havia combinado de encontrar três amigas no Acre durante a mesma lua cheia. Passei três dias participando dos preparativos e conhecendo a família e vizinhança de Seu Davino.

Fazenda Boa Vista. Ô terrinha abençoadas! Ô povo verdadeiro!

“Someone lives in a mountain gorge
cloud robe and sunset tassels
holding sweet plants he would share
but the road is long and hard
burdened by regrets and doubts
old and unaccomplished

¹ “Porei meu arco-íris na nuvem e ele se tornará um sinal da aliança entre mim e a Terra... aliança eterna entre Deus e os seres vivos com toda a carne que existe sobre a Terra” (gn 9,13-16) [20]

called by others crippled
he stands alone steadfast”¹

Era dia de jogo do Brasil na copa do mundo. Caminhando pela longa estrada de terra, a vizinhança se reunira na sala da família de Seu Davino. Naquelas bandas do interior, era a única casa que possuía televisão e gerador. Os raios de sol desciam sobre o terreiro enrubescendo-o; reluziam e entravam pelas portas e janelas da casa. O calor do sertão emanava entre a gente a alegrar-se em inocência. Moradores, vizinhos e visitantes ‘desconhecidos’: uma grande família indistinta.

Quando a partida terminou o povo saiu para o terreiro, fresco e corado pela luz amarelada do fim da tarde. As copas folhosas do quintal formavam longas sombras rendadas, meneando no chão de barro, aguçando a cor do sertão.

Seu Davino e eu caminhamos pela fazenda. O anfitrião me apresentava às árvores frondosas que abundavam a terra. Gerações e gerações semeando espécies nativas, plantando frutíferas, cultivando madeira para a casa dos bisnetos. Zelando pela Caatinga em amor filial.

– Isso daí é uma madeira de estiva, o tamborim! Esse aqui é cajueiro. Aquele ali é jatobá. – ele dizia em nosso passeio – Essa aí tem uns quarenta anos. Essa aí nasceu da mata. Aquela ali já foi o Seu Zé lá de cima quem plantou.

Por todo lado o Ipê Rosa florescia glorioso. Pétalas claras tangendo a cor das nuvens, bordadas por um rosa úmido. Realçadas pelo apogeu azul do céu da tarde.

– Eu nasci e criei aqui. Meu pai também! Ele faleceu com noventa e oito anos. É mole? Noventa e oito anos! Será que eu chego lá? – Davino riu.

Quedamo-nos um tempo contemplando o céu que alaranjava, delineando a sombra negra das árvores, cercas e bois no horizonte.

– Ah chega! – quebrei o silêncio – Com essa vida saudável chega sim!

– Chego né? Também acho que chego! Haha! Eu tô muito feliz! Já tô com setenta. Ando bem a cavalo! Gosto de dá umas carréra. Pra mim é saúde! Andar a cavalo. Sair daqui. Tem uma fazenda, a cento e trinta e seis quilometros, eu tiro a cavalo. Tocantins eu conheço bastante. No norte, do Jalapão até a divisa do maranhão eu conheço. Tudo amontado.

O brilho do poente reluzia nas pupilas do boiadeiro.

– Ah! A Caatinga, a terra é boa! É muito é fértil! Rígida! Qualquer verão seca demais! Bom é chovendo. Eu já toquei muita agricultura. Mas hoje não toco mais não. Só mexo mais é com a pecuária.

1 “Alguém vive na garganta de uma montanha. Túnica de nuvem e pendões de Sol poente, segurando plantas doces, ele compartilharia, mas o caminho é longo e difícil, sobrecarregado por arrependimentos e dúvidas, velho e inacabado, chamado por outros de aleijado, mantém-se em solidite e firmeza.” Han-shan [21]

– Não? Por quê?

– Muito dispendiosa – Davino referia-se à agricultura modernizada – Não tava compensando. Os custos, os gastos. Todo os maquinário aí, tá tudo encostado. A gente investia na roça e na pecuária também. Gostava dos dois. O mesmo que eu tô mexendo com o gado, é mesmo que eu tá mexendo com moça bonita. Eu tô satisfeito. Tô tranquilo. É tudo uma beleza! Tá bom! Me adiverti!

A simplicidade cabocla desenhou-lhe um sorriso.

– Gosto de olhar para o gado! É minha diversão.

Ele se fez calado. Os olhos morriam em sua paixão, postadas ao fundo. Fez menção com o braço:

– Aqui o curral ó, quer ver? Dá uma olhada ali de perto? Dá uma assistida no curral cheio de gado?

Visitamos o curral e a morada das emas. Olhos enrugados, lustrosos. Pele morena, sotaque sertanejo. O boiadeiro se saciava na vida do Cerrado.

“De manhazinha quando eu sigo pela estrada
minha boiada pra invernada eu vou levar
são dez cabeça é muito pouco é quase nada
mas não têm outras mais bonita no lugar
Vai boiadeiro que o dia já vem
levo o teu gado e vai pensando no teu bem
De tardezinha quando eu venho pela estrada
a fiarada tá todinha a me esperar
são dez finho é muito pouco é quase nada
mas não têm outros mais bonito no lugar
Vai boiadeiro que a tarde já vem
leva o teu gado e vai pensando no teu bem
E quando eu chego na cancela da morada
minha Rosinha vem correndo me abraçar
é pequenina é miudinha é quase nada
mas não tem outra mais bonita no lugar
Vai boiadeiro que a noite já vem
guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem”¹

A música viajava de longe, reverberando da roda moçada.

O Sol incandescia por detrás do curral, aluminando a veste branca das vacas. Júbilo em seu xodó extravasava por entre os gestos mudos do sujeito. O boiadeiro demorou-se contemplativo, bebericando paz.

Seguimos orlando o curral, rumando o poente.

– Eu passei num intervalo três anos fora. Passei dois ano em São Paulo. Ajudei a fundar Brasília. Aí voltei pra fazenda.

– E qual o lugar que você mais gosta? – indaguei, imersa na vida cabocla.

¹ Boiadeiro, canção de Luiz Gonzaga.

Sangue sertanejo fazia rodeio. Terra crua do sertão, desmascarando estranhamentos.

Ó Amizade anciã! Basta-lhe um único instante tingido de transparência,
que vós desabrochais na humanidade inteira.

Meu coração boiadeiro! Tu ainda estás a pulsar na alma anciã que encontrei no sertão. Avó, pai, irmão. Minhas próprias faces ocultas.

“O móvel e o imóvel, o grosso e o fino, sois Vós;
Criação e preservação, e a última dissolução.
Vós sois a raiz primordial deste universo de múltiplas faces.”¹

Coroado por céu e terra, o avô caboclo cerrou os passos, face a face com os bois.

– Aqui na fazenda, aqui me advertei! Lá, na cidade, eu não fico lá!
Agora aqui eu me sinto feliz! Ó!

Seu rosto permanecia vidrado.

– Ó! Tá vendendo? – perguntou desviando o olhar do curral, revelando o brilho de seu contentamento. Logo seus olhos procuraram os animais novamente.

– Que é? Que é? Aí!

Sonorizou, dirigindo-se à multidão de vacas e bois que se ajuntava à cerca de madeira. Mirando-nos curiosos. Davino abriu a porteira e adentrou, os animais lhe rodeando.

– Éeeeeehh! – acariciando a pele aveludada, ele travou monossilábicas conversas íntimas.

– Aí, forma bem né! Tudo olhando!

Amor paterno exalava de todos seus gestos

O Sol poente alumia.

Se alongando pelo céu magenta do cerrado, conduzido pela senda metamórfica do tempo. Crianças corriam peraltas e a caboclada tocava pandeiro e violão. Xote, maracatu e baião. Forró brotando “debaixo do barro do chão”.

Distante, no giro da mocidade, o sertão cantava seu viver.

“Debaixo do barro do chão, da pista onde se dança
Suspira uma sustância, sustentada por um sopro divino
Que sobe pelos pés da gente, e de repente se lança
Pela sanfona afora até o coração do menino.
Debaixo do barro do chão da pista onde se dança
É como se Deus irradiasse uma forte energia
Que sobe pelo chão e se transforma em ondas de baião xaxado e xote

¹ Kirtan (canção devocional Hindu) – The Gospel of Sri Ramakrishna [22]

E balança a trança do cabelo da menina e quanta alegria.
De onde é que vem o baião?
Vem debaixo do barro do chão.
De onde é que vem o xote e o xaxado?
Vem debaixo do barro do chão.
De onde vem a esperança, a sustança espalhando o verde dos teus olhos pela
plantação?
Ô, ô! Vem debaixo do barro do chão.”¹

Baião emergia, infiltrando tampas e latas, pernas e mão. Pé batia, poeira subia. Sacra família do virgem sertão.

O crepúsculo pintava o horizonte de paraíso.

Rosado morrendo em azul. Amarelo laranja e violeta.

As pinceladas do Sol tomavam vida, girando ao axé que se elevava.

Canta canta boiadeiro. Canta sua alegria. Canta sua tristeza.

Arte nua e rústica beleza! Santa Grandeza.

Impenetrável, a sombra escura cobria as superfícies da fazenda. Árvores, músicos e dançarinos, emas e criançada, cantante passarada: o bailado de imagens negras delineava-se na luz flamejante do crepúsculo.

Passo a compasso, o encanto crescente estremecia céu e terra, rasgando um abismo entre tons agudos e graves. Vermelho sanguíneo e escarlate encarnado, derramando-se pelas frestas de rosa dourado. Erupções de cores magmáticas incineravam a terra, reduzindo o mundo do homem à cinzas. Apagando distinguimento.

Ópera apogéica.

O ouro esmaltado das altas esferas inundou o Nordeste em brasas.

“Jāya Jāya jápya jayē jāya shábda parástuti tátpara víshvanutê
Jhanaijhana jhím jhím jhímkrta nûpura síñjita móhita bhûtapatê
Nátita natárdha natí natanáyaka nátita nátýa sugánaratê
Jāya Jāya hê mahishásura-márdini rāmyakapárdini shaílasutê”

“Ó Shakti! Todos os devotos cantam a vós “Viva! Viva!” Vós danças em união com Shiva durante vossa dança Tandava; e Ele se regozija com o som tilintante que emana de vossas tornozeleiras.”²

Nataraja.

Shiva, em sua máscara de dançarino cósmico, transformando dois em um.

Desvelando um em três
dissipando três, em nada.

Vazio que tudo contém.

1 De onde vem o Baião, canção de Gilberto Gil.

2 Verso sânscrito do hino Hindu “Sri Mahisásuramárdini Stotram”. [23] Shakti é energia primordial, Shiva é consciência pura. A criação nasce da dança dessa união, dança que faz girar o cosmos inteiro, em eterna transformação. Nataraja, literalmente o “Senhor da Dança”, é uma das formas de Shiva. A dança de Tandava é uma dança divina realizada por Shiva. Essa dança é descrita no hinduísmo como a fonte dos ciclos de criação, preservação e dissolução.

Equilibrando o mundo inteiro na palma da mão,
em serena contemplação.

Roda da vida girando, girando
interminável transmutação.
O sertão paria fogo, paria vida, paria terra e ar.
E o mar, de fogo e dissolução, paria sertão.

Procissão. Apostólica fogueira de São João.

“Quando eu morrer, que me enterrem na beira do chapadão,
contente com minha terra, cansado de tanta guerra, crescido de coração.”¹

Era dia de São João na Bahia.
Do céu, a fogueira ascendeu na Terra.

Zanza daqui, zanza pra acolá, fim de feira, periferia afora
A cidade não mora mais em mim, Francisco, Serafim vamos embora
Ver o capim, ver o baobá, vamos ver a campina quando flora
A piracema, rios contravim, Binho, Bel, Bia, Quim, vamos embora,

Quando eu morrer cansado de guerra,
Morro de bem com a minha terra:
Cana, caqui, inhame, abóbora, onde só vento se semeava outrora
Amplidão, nação, sertão sem fim,
Ó Manuel, Miguilim, vamos embora”²

A noite iniciou a festa junina da escola, comemorando o nascimento de São João. Na quadrilha improvisada, dançava homem e menina. Mulher e garoto. Túnel, caracol e passeio na roça. A diversão era para todas as idades! A festança era da vizinhança. As crianças pulavam e corriam de lá para cá, as moças e moços dançavam sem cansá! E a noite se enaltecia.

O dia seguinte foi de chegadas e partidas. A lua se engrandecera durante a noite, trazendo alguns peregrinos que já apareciam para o grande encontro na “cidade das estrelas”. Enquanto eu acercava a beira da rua, esperando uma carona que cruzasse a Estrada do Ouro. Jalapão. Era o rumo do rio peregrino, nas terras desertas do Tocantins. Sentei ao lado de Seu Davino em um banco na frente da casa. Suas histórias eram nosso desejum.

1 Apud Guimarães Rosa.

2 Assentamento, canção de Chico Buarque

– Não existia estrada! Há vinte anos atrás não existia estrada! Hoje tá tudo, se desenvolveu. Tem rodagens pra todos os lugares!

As árvores sombrosas protegiam as horas que passavam. Pela estrada, não passava nem poeira. Ao lado, joia rara sertaneira.

– Não existe mais sertão!

Seu Davino confidenciou, olhos suplicantes, procurando testemunho em meus. Mordeu os lábios.

– Daqui a Luiz Eduardo era um sertão! ¹ Depois virou fazenda. As grandes pecuária é lá! Têm fazenda duns cinco, seis, oito mil hectares. Só de soja! Temos aqui a Formosa, pra lá tá sem uma aguinha. Mas é definitivo? – ele disse, questionando sobre o futuro do Rio Formosa frente à expansão agroindustrial.

Amor maternal fluía do nativo, retornando às águas que lhe davam sustento. Testemunho do Divino, o grande Rio Formosa era a vida daquelas terras secas. Perene e cristalino. Em Davino, era sangue em sua veia. Por um instante, a aridez de Luiz Eduardo apareceu em nossas mentes, tal qual sepultura que aguarda uma mãe em seu leito. A quentura do ar sufocou os segundos. Soltando, a brisa fresca voltou a correr.

Um carro passou em contramão, levantando nuvens de poeira. Ao clima pacato, as partículas demoravam pelo ar, num lento baixio.

– Aqui mesmo onde eu moro era um deserto. Hoje nem parece! Éhin! Daqui pra Formosa não ia, não tinha transito de carro. Era cavalo! E pedresti. Hoje é aí: moto, bicicleta – no mesmo instante escutamos o ronco ensurdecedor de uma moto se aproximando – O movimento é esse que você tá vendo aí!

Duas motos cruzaram a estrada, abafando a conversa.

– Bonito não tá? – foram as palavras de Davino, temperadas de zombaria. Mas a inocência não lhes sustentou. Risos imperturbáveis seguiram, expressando o espírito genuíno. Dessa gente que aprendeu com a própria vida que ela é caleidoscópio. Seu rosto revolvendo mosaicos, movidos pelo girar do cosmos.

– E quando foi que a soja chegou aqui na região? – perguntei.

– Ahhh minha filha, uns quinze a vinte anos, mais ou menos.

Sua vista correu a paisagem em rodeio.

– Foi descoberto o anel da soja.² Muicha gente de Formosa trabalhou nessas agricultura de soja. E tem umas usinas aí.

– Essas pessoas antes trabalhavam com o que?

– Na agricultura aqui pouco. Pra convivê. Produzia pra comê. Arroz, milho, feijão. Mandioca. Tudo difícil. Pouco. Era e vivia bom! Povo parece que vivia mais tranquilo. Hein? Farreava muito! Dava umas farrinha gostoooosal! – um sorriso alvorou em seu rosto caboclo – Começava na

¹ Luis Eduardo é uma cidade grande da região, um centro de agronegócio e monocultura.

² O anel da soja liga as grandes monoculturas da região que é composta pelo oeste da Bahia, sul do Maranhão e sul do Piauí.

boca da noite e ia amanhecer no outro dia e aí o negócio rodava né?
Ehhh!

– Saúde, barriga cheia! Então isso acabou! Isso, assim, muita violência hoje. Violência perigosa! Ehhh! Tão dando pra matá muincho já. De primeira não matava né? Difícil. Era raridade. Morria de acidente, quase não acontecia. Acidente não existia! Acidente só se fosse de vaqueiro correndo no mato aí. Hein? Nessas mata aí! Eu mesmo fui pioneiro! Hein? Pegava o gado aí qualquer lugar. Montava burro. Isso foi minhas escola, mais, de, ehhh, foi essas!

– Aí abandonei! Fui pra, fui pra São Paulo! Passei uns tempo em São Paulo, depois em Brasília e voltei. Ehh! E tô aqui! E Feliz, por que tô aqui! Numa boa! Hein?

Enrugada pelo tempo, a pele amorenada de seu rosto brilhava aos raios da manhã. Em conversa e no silêncio, o ancião mirava nos olhos, em humilde candura. Verdade nua. Pupilas abertas como a terra do sertão, chão de barro desvelado à luz do sol.

– Até vocês quando passa aqui gosta! Né? – seus dentes brancos cintilavam ao tom do riso – É mermo?

– É mermo!

– Nosso rio aqui é famoso. É uma riqueza! Todo o município.

– E o que você acha que a soja faz com a terra daqui?

– Não sei! Eu não sei informar. E não é só pra isso que trabalha com os técnico? Nós aqui não tem técnico. Nós aqui plantamos e ganhamo original! As terra são fértil! O que planta nasce. E colhe!

A passarinha fazia alvoroço na árvore ao lado, camuflada na copa frondosa. Pouco a pouco, a cantoria foi sedimentando no silêncio da poeira assentada.

– De primeira eles plantavam pouquinho e parece que colhia muincho! E hoje a gente planta muito e colhe menos! Que negócio? – disse Davino retomando a conversa.

– A terra fica quanto tempo em repouso?

– Uns seis meses. Depois de seis meses investi de novo.

– Será que é por isso que não dá mais tanto? A terra não descansa?

– Mais ou menos! Tem área que cria uma família e ela não arreia. Conheço áreas boa aí que cria uma família e ela não arreia. Dá bem todo o tempo. Depende também da chuva. Que é o sangue né! O sangue nosso aqui é chuva! Mas as coisa deu de tá diminuindo, muincho muincho!

Mordendo os lábios, Seu Davino perdeu a vista no chão. Quando ergueu a mirada aos meus olhos, um suspiro profundo exalou de seu peito.

– Tem diminuído junto com a mata. Sem as mata, o ar insecá! Mas nos tempo antigo também era assim, muito trabalho. Tinha época boa e época ruim. Tem que tá todo o tempo trabalhando.

Um menino miúdo apareceu. Estacando a bicicleta, parou ao nosso lado. Entregou-se a descascar uma fruta peculiar que carregava nas mãos. Era Umbu, nativo do cerrado.

– E as frutas aqui da região? – perguntei ao Davino.

– Frutas? Aqui tem muita fruta. Manga quando dá, dá com abundância. Todo ano. Na época da manga é manga que perde! Ehh! É Pequi, bruto e assim, outras. A cagaita, buriti! Também dá muita produção! Gosto muito de plantar! É bom quando você tá colhendo a fruta né? Chupando, comendo, distribuindo pra quem quer né? É aquele negócio!

Ele riu observando o pequeno ao lado, enlambuzado de “imbu”.

– Eu criei tudo aqui. Só para enfeitá! Ficá boniito. Crio as Ema pra enfeitá!

Uma brisa sussurrou pelo ar, balançando as flores brancas dos pequenos arbustos crescendo no terreiro. Ciscando o chão, galinhas de angola passeavam com suas penas brancas salpicadas de pontinhos negros. No fundo da fazenda, as emas esticavam seus pescoços alongados.

Detrás da casa apareceu Alberto, um dos filhos de Seu Davino, oferecendo rapadura caseira. Sentou-se conosco. Nascido e criado naquele lugar, Alberto passara a infância na fazenda. Na juventude, andanças pelo cerrado formaram sua educação. As peregrinações foram se expandindo à medida que ele amadurecia. A viagem de moto pela Amazônia era uma de suas memórias mais vivas. Florescendo pelas histórias de um caminho que traçara sua sabedoria.

– Aqui não tem muita aproximação com o cerrado, né? – disse Alberto – Por que aqui o cerrado, ele tem duas áreas, que seria a parte do cerrado e o baixão. E no nosso caso aqui a gente tá mais situado no baixão. Mais é mata alta. Por que o cerrado a mata é rasteira. Os animais também, se adaptam mais no cerrado. Animais silvestres aqui no baixão quase não tem nada. Aqui então a gente conhece pouco o cerrado. Os gaúchos tomaram e fizeram tudo de soja agora e, praticamente, nosso cerrado tá! Se eliminando, acabando!

Herdara a luminosidade do pai. Santificando-lhe o rosto, aquele mesmo sorriso sempre vivo do ancião. Coroado por um par de estrelas. A vista jovem, amadurecida pelas estações, percorria os horizontes.

Dona mãe se aproximou e sentou no banco.

– É a ambição da soja. Hoje o pessoal só pensa em crescer e crescer e exportar grão. – Alberto falava balançando a cabeça – E a natureza, eles estão esquecendo dela.

Os Olhos tristes se moveram do horizonte aos meus. Mordeu os lábios como o pai e arregalou a vista. As palavras sedimentaram ao solo. Após um leve sopro do vento rebotaram.

– Quando estudei foi assim, a melhor fase da... que eu acho na

formação do ser humano, porque você constrói muitos amigos. – Alberto compartilhou – Quando a gente faz uma boa amizade, a gente se relaciona bem e se torna mais situado na sociedade. Seria... uma escola não tão bem aperfeiçoada, como nas grandes cidades, pelo fato da gente morar no interior. Eu particularmente comecei a estudar por aqui mesmo. Na fazenda. Quando eu fui pra cidade acho que eu já tinha uns oito anos. Eu tive uma relação com nossos colegas. Nossa cidade é pacata. Aí deu pra desenvolver bem a aprendizagem e o conhecimento. Eu terminei o segundo grau, me formei em magistério e atuei na área de educação, dois anos ainda na atividade. E tô aí hoje! Eu me preparei bem pro mundo! O que eu queria da escola era isso!

Um sorriso tímido de criança espalhou-se em seu rosto.

– Olha, eu não sei falar muito da escola não!

– Você precisou morar na cidade pra estudar? – perguntei-lhe.

– Fui! Olha, não é legal. Porque a criança que véve na zona rural, ela tem uma, uma liberdade muito grande. Já na cidade, por mais que seja pequena, seja do interior, ela já te prende muito. Já te requer muito, já tira um pouco a liberdade. É uma condição de vida totalmente diferente dessa que nós véve aqui. Eu no começo não gostei, foi muito difícil adaptá. Todo final de semana, na sexta feira, eu tinha que vim pra roça. Mas logo no decorrer deu pra fazer as duas coisas.

– E hoje em dia?

– Hoje eu trabalho mais como autônomo. Éhh! Trabalho com caminhão. Sempre faço vagem pra fora. E faço aquilo que gosto. Minha vontade maior é de tá sempre aqui na fazenda. O serviço de fazenda seria a parte que mais me requer e que mais eu faço com amor. Seria cuidar do chão realmente.

Risadas inocentes borbulharam de seu sorriso.

– Aqui é uma região muito rica e alegre. Pessoal feliz da vida!

O rosto de Alberto falava mais que suas palavras. A terra corava sua pele com o mesmo tom de riqueza e alegria que pincelava cada galho e grão. Ancestrais e descendentes, preciosos frutos da região.

Ô Caboclo! Sois a alma do cerrado viajando geração em geração.

– Tem muita gente saindo daqui, essa jóventude né! Tá indo tudo pra Brasília. Uns em busca de estudo, em busca de emprego. Eles pega uma amizade lá né? Que acostuma. Fica todo mundo morando lá, só vem passear. A maioria dos jovens vão pra capital, pra Brasília seria em busca de emprego realmente. Aí uns acaba se desviando. – disse Alberto, referindo-se a muitos dos amigos de infância.

– Lá acaba encontrando outros caminhos que não tem nada a ver com a nossa realidade, que seria a parte...

– Tem uma festa aqui – Sua mãe entrou ligeira na conversa – o festejo do mês de maio, a festa da pecuária. Que aí agora eles vêm todo mundo! Vem e vai embora.

– Por que como nós moramos aqui no interior – o filho retomou – pro

jovem, mercado de trabalho, a gente não tem nenhum incentivo. Tanto da parte pública quanto da parte privada. Por exemplo, aqui a gente não tem acompanhamento. Tudo que nós temos aqui dentro da nossa lida é dos conhecimento que a gente adquire no dia a dia de mexer com a terra. Não tem nada que, que está aqui na lida com pequeno produtor, com o agricultor, pra orientar o quê que tem que usar, como manejar a terra, com essas mudanças de hoje na agricultura, no clima.

Atrás de Alberto, o menino ainda segurava o umbu na boca. Os olhos grandes e atentos espreitando as palavras adultas.

– Hoje apesar de tê algumas pessoas que ainda mora na zona rural, que ainda mora nas roças, mas já depende muito das cidades. Dos produtos industrializados – o filho continuou – Hoje é difícil. O clima tá totalmente diferente. As terras não tão mais fértil como antes. Se torna o pessoal carente de orientação, por não saber mais manusear a terra, por essa diferença climática. E como a gente não tem acompanhamento, o desemprego se torna grande. O jovem não tem outra alternativa a não ser escapar para as grandes cidades em busca de emprego, de melhora. De uma condição de vida melhor. E alguns conseguem. Outros se desviam. Cai nas drogas. E outros caminhos que constrói, e destrói, mais o nosso país, que seriam o desenvolvimento das favelas.

– Por que poucos pessoas que saem daqui que se dão bem lá. Lá em Brasília, ou que seja em qualquer outro local. Mas a maioria, eles acabam voltando, por eles não se dar bem. Ou então, procurá outro caminho que não teria nada com sua formação.

– Hoje você plantá o que eles plantavam ontem, você não tira o que você plantou. Se você não tiver um preparo na semente, ela não, devido às pragas, a... não sei o que tá acontecendo, que... mudou com a... com nosso manejo

O jovem agricultor balançou a cabeça tombada.

– Antes você plantava a semente, não precisava de nenhum tipo de agrotóxico. Hoje se você não usar, não colhe nada. Você planta um milho, se você não cuidar da lagarta, não cuidar de tudo, que antes você plantava por não ter essa diferença climática, o clima seria um clima acho que mais úmido. Era mais, mais verde. Então tudo que se plantava colhia. Colhia com fartura e ninguém comprava nada. Tudo se produzia aqui mesmo.

Alberto quedou quieto, mirando o chão seco do sertão. Entregando o coração à Terra. Sacudiu a cabeça, balançando seu chapéu sertanejo.

– Você produzir uma agricultura hoje orgânica, a gente não tem instrução. Que seria na base do manuseio. E a gente não tem esse manuseio, essa criatividade pra, pra produzir. A gente acaba levando pro, agredir mais a natureza, por que não tem instruções e nem como mudar, a não ser usar produtos químicos. Na própria lavoura...

Coçou a orelha em gesto nervoso. Falava pausado, relutante, quase

gaguejando. Pela primeira vez desde que o conhecia, seu sorriso claro se esvanecia.

“São as lágrimas da Terra que mantêm seu sorriso em florescimento.”¹

– Você acha que as sementes mudaram? Vocês compram sementes?
– perguntei-lhe.

– Hoje tudo que você planta, você não tira do solo mais. Você tem que comprar sementes. Semente boa, semente classificada. Sementes industrializadas. Que já vem com um vigor muito grande de produtos químicos. Ela já tem imunização de várias pragas. Então ela já é uma semente bem trabalhada. Não seria mais aquela semente que a gente tirava do próprio solo e voltava pro solo.²

– Antes se você plantava a sementes que nascia da terra, você colhia. Hoje, se você plantar essas sementes da safra, corre o risco de você não colher. É por isso que a gente acaba comprando as sementes de fora. Ela já é uma semente passada por um setor de industrialização. Ela contém produtos químicos. Alguns venenos tóxicos. Que já aí tem até uma série de recomendações pra gente ter, o manuseio dessa semente. Alguns riscos que a gente tem, com as medidas que tem que tomar pra não vim correr nenhum risco de doenças. Transmitida por determinado produto que há na semente.

Grandes máquinas estagnadas jaziam nas margens opostas da estrada. O tempo lentamente lhe cobria, polvilhando a poeira vermelha que pairava sobre tudo.

– Olha, por que basicamente pra nós, a nossa agricultura tradicional seria mais o arroz, o feijão, a mandioca. – disse Alberto – Seria mais o produto tradicional aqui da região. Eu não cheguei a viver esse tempo, mas as histórias que eu ouço com meus pais e até meus tios, com o pessoal da região, que seria de fartura. Hoje por exemplo alguns desses produtos já se encontram em escassez no município. Como a mandioca. Hoje é poucos lugares que se vê um plantio de mandioca. A gente tinha rapadura, hoje tá comprando de fora. E rapadura é o que? É um plantio que todos produzia e hoje a gente não tem mais essa facilidade de encontrar. Então hoje a gente é obrigado a usar agrotóxico, semente

¹ Tagore [2]

² Nos anos 60 o agronegócio se infiltrou na agricultura dos produtores familiares do Brasil, vendendo pacotes de sementes industrialmente modificadas, adubos químicos e pesticidas (agrotóxicos). Junto com os insumos químicos, essas sementes produziam uma colheita maior e o pesticida mantinha insetos e animais distantes. Mas tanto as sementes quanto o solo enfraqueciam devido ao intenso ‘tratamento químico’ que recebiam: veneno para evitar ‘pragas’, matar bactérias e insetos. As filhas do primeiro plantio nasciam sem vida, as novas sementes eram estéreis – não podiam ser replantadas. Esse sistema mantinha os pequenos agricultores em dependência das agroempresas. Tornou-se necessário comprar sementes novas a cada ano, além de uma grande quantidade de adubo industrial e pesticidas tóxicos; pois a qualidade do solo deteriorava a cada safra. O agronegócio faturava e os pequenos agricultores se tornavam cada vez mais presos a essa nova “modernidade”. Técnicas tradicionais de cultivo entravam em extinção. Sabedorias milenares ou centenárias evaporavam. Sementes originais iam sendo cada vez mais difíceis de encontrar.

comprada. Por que não conhecemos mais outro jeito.

Chegaram uns cabras da vizinhança. A estrada dançava ao canto das motos. O chão se expandia, a poeira levitava. O chão decantava, a terra se contraía. O tempo esperava. Conversa seguia.

– Aqui não tem nem um incentivo, não tem nenhuma parte que seria desviado para preparar as crianças, para se mantê no seu próprio local de vida. Hoje, do que a gente véve aqui mermo a gente não conhece nada e se depender da escola a gente não aprende nada. Não tem nada. Não tem um incentivo. As escolas daqui não apresenta nada, nenhum programa aqui que ensinam as crianças a lidar com a terra.

– Nós temos como nosso exemplo aqui grande o nosso Rio Preto. Ele era um rio que era mais profundo. Os lugares que eram mais fundo, que atingiam até cinco metros, hoje você vai, dá três metros. De vinte anos pra cá, a transformação foi muito grande. O impacto no rio foi muito agressivo. Há vinte anos atrás o rio, você podia chegar na margem dele, era um rio bem cheio de peixe, tinha muito peixe. Dava pra você pescar. Hoje você não encontra mais nada no rio. Além de não encontrar nenhum respeito com suas margens. Hoje é tudo desmatado na beira do rio. Os afluentes são atingidos com queimadas. Hoje o Rio Preto já perdeu vários afluentes, devido à falta de respeito com o ambiente.

– Você fez faculdade?

– Só ensino médio mesmo. Pras bandas de cá, hoje não tá valendo muito apena fazer faculdade não. Tu aprende uma profissão pra que? Pra ficar mais um desempregado? Hoje você tem que entrar no mundo autônomo mesmo. Usar a criatividade pra sobreviver. Porque hoje a gente não espera muito do estudo não. Aqui por exemplo a gente tem vários exemplos de uma pessoa que tem uma profissão e não tem um emprego para atuar. Então eu prefiro entrar no mundo da autonomia. Buscar nos mundos alternativos. Eu estudei até o terceiro ano do ensino médio. Mas foi bom, gostei. Tive um conhecimento muito amplo e um convívio social que, pra mim, foi a melhor parte da escola.

O vozeirão crescente de um carro se aproximando rompeu a conversa. Cortando o vermelho pacato, ele apareceu ao longe. Andei até a beira da estrada, fiz sinal e pulei na caçamba.

Entre nuvens de poeira, os acenos se prolongaram pela retidão do caminho. Alma transbordando – partia mais inteira.

Gente genuína. Terra nordestina. Vós viveis em meu coração. E eu vivo em ti.

A Estrada do Ouro cruzava pelas matas altas do “baixão”. Entre as roças familiares, áreas de capoeira se tornavam cada vez mais comuns, salpicadas pelas árvores frondosas características do cerrado.

Adentrando mais a estrada, as casas começaram a rarear, dando lugar à matas nativas que margeavam o Rio Preto. Ocasionalmente

o caminho cruzava uma casa de pau-a-pique. Invariavelmente, os habitantes acompanhavam a ligeireza da caminhonete num longo e lento movimento do pescoço.

A caçamba saltitava sem parar nos buracos e curvas que, consorciados à solitude da viagem, criavam um clima de sólida imediatez. A atmosfera estava carregada pelo vigor da densidade vegetativa. Vivificando cada grão de areia.

Em vigílias rotineiras, patrulhas de papagaios cruzavam sobre o dossel das árvores. Eram os olhos do Cerrado, sobrevoando a mata em zelosa maternidade. Cantorias verdes, vermelhas e amarelas adornavam o véu de penas, flutuando em procissão pela abóboda azul.

Ininterruptas correntes de louvor. Sois Céu glorioso Terra. Sois chão, bailando pela alta esfera. Cada segundo, a eternidade unindo-se a si mesma.

Em perpétua culminação.

Cada cantinho, uma joia do planeta. Cada rostinho, cada rua do sertão.

Imutável transformação. Que farás vós nesse lugarzinho? Soja? Cerrado? Agroflorestas? Minhas lembranças conservam-lhe daquele jeitinho.

Criatura, criador, criação.

Existência em eterna louvação.

“Olha lá vai passando a procissão
se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando
acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos
os homens escutando tiram chapéu
Eles vivem penando aqui na Terra
esperando o que Jesus prometeu

E Jesus prometeu vida melhor
pra quem vive nesse mundo sem amor
Só depois de entregar o corpo ao chão
Só depois de morrer neste sertão

Eu também tô do lado de Jesus
só que eu acho que ele se esqueceu
de dizer que na Terra a gente tem
de arranjar um jeitinho pra viver”¹

A Estrada do Ouro seguia entre as matas nativas que margeavam

¹ Procissão, canção de Gilberto Gil

o Rio Preto, protegidas por um relevo levemente acidentado. Após algumas horas, o carro entrou na estrada asfaltada e a paisagem mudou bruscamente – infindáveis mares amarelos de monótona soja se estendendo por todas as direções. Aqui e ali, modernas usinas protuberavam como ilhas metálicas.

Os ventos soberanos das vastas planícies descampadas moldavam toda a paisagem. Curvando os pedúnculos das gramíneas ressequidas numa maré de ondulações douradas. Campos inteiros de correntes uniformes prostravam- -se, alternadamente, em alto louvor ao Sol, que descia ao horizonte. O círculo magno derramou suas benções, embebendo o capim áureo de luminosidade rubra.

"Every day, priests minutely examine the Law
And endlessly chant complicated sutras.
Before doing that, though, they should learn
How to read the love letters sent by the wind
and rain, the snow and moon."¹

Beleza e tristeza se mesclavam indistinguíveis. As monoculturas de soja, milho, algodão e café temperavam o gosto de amargura, pelas histórias de rios secos, lençóis freáticos contaminados, desmatamento de vegetação nativa, famílias empobrecidas, desequilíbrios culturais e climáticos. No entanto, a crueza daquela paisagem expressava uma beleza inebriante. Primordialmente inerente.

E ainda, todas aquelas delgadas hastes de capim eram seres vivos. Compartilhando conosco dessa simples existência. Quedei contemplativa, como naquele longínquo dia, na rotineira viagem de volta ao lar...

Era a época da faculdade, da qual eu retornava de ônibus justo na hora do alvorço urbano. Como de costume, longas filas de automóveis aguardavam empacadas na Ponte Rio-Niterói. Deitei o queixo nos braços apoiados sobre a janela e soltei um longo suspiro. A Baía de Guanabara cintilava à luz do fim da tarde. Vazios, os olhos se entretinham mirando as ondulações das águas negras, carregadas de sedimentos urbanos e plásticos apodrecidos, boiando sem rumo. Perto do cais do porto, uma mancha de óleo se estendia amplamente. Pela finíssima película que flutuava sobre as águas, uma infinidade de cores esmaltadas dançava em contínua metamorfose. Em nua elegância.

Há poucos dias, todos os noticiários haviam escandalizado o mais recente derramamento de óleo e seus tsunânicos desastres ecológicos. Sem dúvida uma tristeza fez-se presente naquele momento, em recordação à "catástrofe ambiental." Entretanto – era tão bonito!

¹ "Todo dia, sacerdotes examinam a Lei minuciosamente, e interminavelmente recitam sutras complicados. Antes de fazê-lo, no entanto, deveriam aprender, como ler as cartas de amor enviadas pelo vento, e chuva, pela neve e lua." Mestre Ikkyu Sojun, monge e poeta Zen, Japão, século XIV. [25]

Uma leve e prolongada embriaguez nasceu da combinação desses sentimentos contrastantes, sustentando-se mutuamente.

Apareces em tudo, em todos
Fala comigo pelos olhos de um estranho
misteriosamente conhecido

Contra as correntes do universo
As forças dos desejos se dissolvem
E o inesperado se espalha
Como névoa matinal

Até onde isso é simples acontecimento,
ou tem mais algo se revolvendo?
Serão ambos ao mesmo tempo?
Até onde posso manter controle,
se o descontrole modela cada momento?

O desraciocínio me diz: perfeita ordem é quem brilha
O caminho se faz sozinho
se nossos pés ansiosos permitem
dar-se um passo de cada vez

Não sei o que em mim
Já não se foi para um lugar distante
Só sei que alguma coisa
Já não é mais o que era antes

E a chuva que cai do céu, cada gota é um novo momento
A fumaça subindo o rio correndo
Som e cor
Sinto cada movimento
Quando estou acordada para a vida
E não me perco em marés de pensamento
O mundo inteiro invade meu ser
Como a mudança invade o vento

Quero ter Contigo
E dançar para a eternidade
Cantar às estrelas do céu
Tudo que és a verdade
Felicidade, a alegria ilumina a caminhada
Estou mais viva a cada dia que passa

Cachoeira Acaba Vida

"Have you ever seen flowing water? ... Have you ever seen still water? ... If your mind is peaceful it will be just like still, flowing water. Have you ever seen still, flowing water?"¹
Achan Chah

A caçamba parou em frente a uma placa na beira-asfalto de uma fazenda. "Cachoeira do Acaba Vida."

Estudando o caminho de Formosa ao Jalapão no mapa rodoviário, junto com Seu Davino e Alberto, havíamos avistado na beira de uma das estradas que ia para Tocantins a "Cachoeira do Acaba Vida." Este nome saltou sobre todos nós e nos entreolhamos em onisciência. Os mistérios que ligam nascimento e morte convidando-nos a espionar as fronteiras camufladas da Vida, ou seu centro oculto, têm um jeito único de tocar o ser humano. Esse mistério nos embebe com um sentimento de irmandade, despertando a consciência de que todo ser vivo compartilha igualmente de nascimento e morte. De uma existência singular e una, tanto efêmera quanto perpétua. De uma mesma origem e destino. Em cada ser vivo ressoa esse mistério, a fonte da Vida. E ela está sempre aguardando aqueles momentos abismais – como auroras, crepúsculos e cachoeiras acaba-vida – em que abrimos nossas pestanas invisíveis e a vida nos lança sua irresistível piscada sedutora. Levitando qualquer um da firmeza de seu "chão".

Todo coração responde a essa piscada, mesmo que seja pelo mais breve instante, para talvez cairmos em nosso habitual esquecimento. Porém agora com "cicatrizes" irreparáveis. E como a água, paciente e certeira, vai esculpindo veios em pedras, o tempo vai aprofundando e ampliando os abismos de nossa existência. Até que a vida atinge a alma com as trovejadas de sua presença himalaica. Engolindo céu e terra numa tempestade de titãs. Lenta e imperceptível.

Há também os relampejos, clareando além de todos os horizontes.

O Sol se desvela
dissipando a escuridão de mil eras
pela luz de um único instante

1 "Já vistes água fluindo? Já vistes água imóvel? Se sua mente estiver em paz será assim, como água imóvel fluindo. Já vistes água imóvel fluindo? (...) Justamente ali, precisamente onde seu pensar não pode levar-te, mesmo que esteja em paz você pode desenvolver sabedoria. Sua mente será como água fluindo e, no entanto, estará imóvel. É quase como se estivesse parada e, ainda assim, está fluindo. Chamo isso de "água imóvel fluindo". Aqui, a sabedoria pode emergir." Achan Chah foi um monge budista da "Tradição da Floresta", Tailândia, século XX. [26]

"A essência pura e brilhante do Sol
não pode empalidecer pela escuridão que perdura por mil
kalpas.

Similarmente, a essência luminosa da mente
não pode ser empalidecida pelas longas eras de samsara.
(...)

A escuridão que coletou-se em mil eras
uma lamparina irá dissipar.

Similarmente, um momento de experiência da mente
luminosa
lirá dissolver o véu das impurezas kármicas."¹

Em frente à placa na beira do asfalto, uma estrada de terra embrenhava-se para dentro de um matagal seco. Segui pela rua deserta, aproveitando a luz do dia que se dissipava lentamente. O caminho cruzava uma vegetação rústica de arbustos altos e amarelos. Mais adiante havia uma torre de ferro vermelha e branca salientando-se entre a planura. Atravessando uma grade de arame, alcancei o topo da torre a tempo de ver os últimos contornos de um Sol em brasas despedir-se dos campos cerrados. Deixando o céu azul serenar-se em violeta.

Ainda em boa claridade, caminhei pelo quilômetro que terminava entre os altos pés de Buritis, às margens de um lago espelhado. Catando lenha, armando barraca e tomando banho na penumbra da boca da noite, ascendi a fogueira sob um negro céu estrelado.

Aos primeiros raios de luz desmontei a barraca na ansiedade de avistar a cachoeira. O rio aguardava sua queda formando um grande lago, margeado por bordas meandrantes, arbustos frondejantes e altos buritis, cujas cabeleiras verdejantes brincavam com as nuvens cor de algodão. As águas espelhadas refletiam céu, nuvem e o balanço verde das palmeiras. Uma brisa correu, implicando com a solidez da superfície líquida. Toda a paisagem se desintegrou num mosaico de ondulações, ecoando ritmicamente. Quando o espelho sedimentou-se em sua imobilidade, a luz ensolarada que pairava sobre tudo doou uma nova realidade àquela pintura dos anjos.

Michelangelo, de onde viestes e para onde morrestes?
Vosso Mestre primogênito ainda está a criar obra prima em ilusões ...

"You wish to know the spirit of Yung-ming Zen?
Look at the lake in front of the gate.
When the sun shines, it radiates light and brightness,
When the wind comes, there arise ripples and waves."²

1 Versos da "Canção de Mahamudra". [29]

2 "Desejas saber o espírito de Yung-ming Zen? Olhe para o lago em frente ao portão, Quando o Sol brilha, irradia luz e claridade, Quando o vento vem, lá ascendem pequenas ondulações."Yung-ming Yen-shou, poeta Zen do século X. [28]

Acompanhei a descida do rio, que à frente sumia de súbito. O relevo plano deu lugar a um desnível, onde árvores grossas e frondosas cresciam em abundância. Seus troncos retorcidos alongavam-se em direção à perpétua chuva fina, o incessante abençoar do rio. Caminhei pela margem florestada que ocultava a vista à cachoeira, seguindo para além da queda. A trilha se deparou com uma grande pedra ilhada. Entre as águas correntes, ela mirava petrificada:

Monumental catarata –
transbordando a mais pura e branca existência
em sua precipitante parálisia.
Suspensa, respiração morria
despencando, o ar dissipara
girando, alento pairando
sobre as ondas de nascimento e morte
navegando em Oceano de eterna alvorada.

Imóvel, a água fluía.

Leito quedava e rio caía.
Leite nutria a vida sagrada.
Nascia, morria, renascia.
Cachoeira Acaba-Vida,
o interminável ciclo
em Vida se precipitava.

“Mahamudra é como a mente que a nada se prende.”
“Mahamudra repousa sobre nada.”¹

“Sheng sheng sheng si sheng
Si sheng sheng si sheng
Si sheng sheng sheng si
Si sheng si sheng sheng”²

1 Canção de Mahamudra [29]

2 “Durante muitas vidas, nascimento e morte estão presentes,
Gerando nascimento e morte.
No momento em que a noção de nascimento e morte emerge,
Nascimento e morte estão presentes
Assim que a noção de nascimento e morte morre,
Vida verdadeira ascende.”

O Poeta Thit Nhat Hanh arrumou os dois caracteres chineses, sheng (vida ou nascer) e si (morte ou morrer), em tal forma que produz o significado na tradução acima. [14]

As quedas estendiam-se em um longo arco, unindo as duas margens do lago. Transbordando incontável. Derramando um véu de espumas brancas. Ao redor, palmeiras e árvores se alongavam em sua direção, o verde aguçando ainda mais a pureza das fitas de seda. Nas proximidades, a pressão era tão grande que formava um vento surdo, fazendo dançar os galhos e gotas de água, criando tempestade perene. Braços abertos, plantei-me de frente a ela. As águas abençoadas flutuavam pelo ar, inundando-me por inteira. Mil anjos lavando a alma.

O Sol matinal brilhava no céu azul, seus raios descendo à Terra e infiltrando as gotas de água. Criando uma chuva de prismas. Circundando a cachoeira de arco-íris. Grandiosos círculos concêntricos banhando translúcidos nas bolhas de água.

Nas concavidades que se ocultavam entre a rocha e a catarata, congregações inteiras de andorinhas entravam e saíam. Os passarinhos permaneciam longo tempo voando em espirais pelo amplo santuário na frente da queda. Repentinamente, deslizavam em um mergulho coletivo, desaparecendo na cortina de cristal. Milhares de asas se movendo em perfeita sintonia.

“Na corte (de Chidamaram), Shiva, ainda que estático por natureza, dança (em êxtase) perante Sua Shakti que permanece em quietude. Saiba que em Arunachala Ele conserva-se em Sua solenidade e Ela recolhe-se para dentro de Seu imóvel Ser.”¹

Itacoatiara, outono de 2013

Hoje o mar havia depositado muitos peixes mortos em sua praia. Peixes longos como espadas, ou curtos e gordos, com nadadeiras parecendo asas. A escama fresca ainda brilhava sob a luz amarelada dos postes. Ontem ao fim da tarde, os urubus tentavam biliscar os restos inalcançáveis dentro de um casco de tartaruga marinha, lavado pelas espumas das ondas calmas. Fiquei a imaginar se houve alguma anormalidade nas águas que causasse essa repentina presença da morte. Mas, agora contemplando, a anormalidade seria se a morte estivesse ausente, pois a morte é apenas um nome que toldamos sobre esse fantástico fenômeno de transformação. Um mistério que está sempre a nos despertar um pouco mais.

O urubu talvez não esteja entre as aves mais prestigiadas de nossa cultura moderna, pois quando ela está próxima à nós, no solo, é comum que um repugnante odor de carniça também o acompanhe. A outro ângulo, talvez esse odor se prolongasse enormemente se não fosse pelo sacrifício desse animal servidor.

No alto do costão de Itacoatiara, o voo dos urubus é uma das óperas

1 Ramana Maharshi [7]

mais majestosas da natureza. Pelo fim da tarde, na sacra hora do poente, o ar leve e aquecido pelas carícias do Sol sobre a Terra se eleva às altas esferas; enquanto as camadas de ar que já esfriam, anuncianto a chegada da noite, descem em seu lento pesar. Essa transmigração diária cria uma confluência de ar quente que ascende num grande espiral, se unindo em um momentum de tal devoção, que as grandes aves afluem para dentro dessas colunas, pairando num sincrônico girar. Como estrelas de uma galáxia que vieram ter com os terrenos e agora iniciam seu rito de retorno aos céus.

Parece que as estrelas também gostam de brincar entre os gaviões de cabeças brancas e asas marrons, que vivem nos coqueirais das praias de Parayakadavu.¹ Ao fim da tarde, eles flutuam nos espirais ascendentes em numerosos grupos. Beirando o firmamento, um ou dois gaviões solitários pairam sobre o vazio. Contemplando o Sol poente, imóveis, elevando-se mais e mais, a desaparecer entre as nuvens violetas de bordas rosadas.

Entre algumas etnias amazônicas, o Urubu Rei recebe grande veneração. Um rei que é verdadeiramente um servidor. Contemplar os urubus sempre me preenche de enorme paz e gratidão. Graças ao sacrifício dessas aves, carniça e odor abominável se transmutam em ar limpo. E num dos mais belos espetáculos da natureza – um voo que nos inunda de paz.

Irmãos lixeiros, irmãs faxineiras, vossas mãos também se permeiam de sacralidade. Nesta arte mágica de transformar em beleza a nossa Terra morada. Esses próprios dedos, em vossas mãos, em minhas mãos, cultivando, recriando, renascendo, circulando morte e vida além das fronteiras.

"In this universe, it is love that binds everything together.
Love is the very foundation, beauty and fulfilment of life.
If we dive deep enough in ourselves, we will find that the
one thread of universal love ties all beings together" ²

Hoje, a tartaruga marinha está plainando pelos céus. Talvez tenha se tornado a majestosa constelação de Centauro que circunda o Cruzeiro do Sul, dando força e orientação aos navegantes. Na juventude da noite desse meado de outono, ela pairou sobre o cume celestial.

Com o pulmão dilatado pelas longas passadas, subi a grande pedra ígnea que divide as areias de Itacoatiara em duas formações: uma respeitável "praia de tombo," venerada pelos surfistas por suas tubulosas arrebentações; e uma pequena prainha de águas calmas, o refúgio das crianças. Mirando do alto costão, essa pedra tem forma

¹ Pequeno vilarejo de pescadores em Kerala, sul da Índia.

² "Neste universo, é o amor que une todas as coisas. O amor é o próprio fundamento, beleza e plenitude da vida. Se mergulharmos em nós mesmos com profundezia suficiente, vamos descobrir que o fio singular de amor universal une todos os seres juntos." Amma [30]

de coração, com os lábios beijando as areias e o bico mergulhando no mar. Há um lago sempiterno bem ao centro. Quando a lua cheia nasce detrás da montanha do Elefante, ela banha em suas águas cristalinas. Nas noites sem luar, o lago espelha a procissão das estrelas. E se acendeia no crepúsculo veraneio, quando o Sol morre ao mar, pintando a crista das ondas com seu ouro rosado e brincando com a espuma esfumaçando ao vento.

No topo da pedra há uma fenda, formando uma pequena crista rochosa, onde na juventude eu costumava contemplar as ondas quebrando estrondosamente sobre a rocha, esfarelando-se em branca espuma. A escorrer pelas algas verde-vivas da rocha e fundir-se às águas. Meu amigo Glauber estava sempre a telefonar no ápice da ressaca e não tardávamos a correr nossas bicicletas, atraídos por uma das mais magníficas manifestações da natureza. Em calmaria, embebíamo-nos nessa energia primordial.

Ó Netuno, Ó Yemanjá. Vossa dança de precipícios oceânicos e trovejadas treme-pedra, é vida fluindo em minhas veias. É vigor vibrando em alento, é fonte que nos alimenta.

Hoje, mais uma vez, Yemanjá me preencheu com sua onipresença vivificante. A longa faixa da via láctea acompanhava os braços abertos da praia. Órion, o guerreiro que vigia o verão do hemisfério sul, desaparecia por trás do Morro das Andorinhas, seguindo o Sol que há muito havia descido. Subindo à leste, a constelação de Escorpião iniciava seu reinado outono-invernal. Quando ele alcança o oeste durante estas estações, torna-se o mensageiro da manhã, guiando os pescadores seresteiros ao doce lar. Esses nobres amantes não se extinguem com tanta facilidade, mesmo em meio a essa crescente modernidade.

Minúsculas luzes verdes e vermelhas brilhavam em pontos imóveis, na curva litorânea da pedra do costão. Eram os pescadores em sua serenata diária à Yemanjá. Invisível, sabia que um par ou dois de pescadores também meditavam no outro canto da pedra do coração. De vez em quando um fluorescente ponto verde voava elipticamente pelo ar, desaparecendo nas negras marés. O anzol à caça de um peixe.

Ó pescador seresteiro! Onde morais? Quem lhes ensinou a arte do simples esperar?

Pai, avô ou mar? Pela manhã vossos filhos acordam cedo para a escola.
Quem lhes ensinará a fazer serenata?

No denso silêncio da noite, a devoção inocente dos filhos marinhos floresce pelas profundezas.

Em épocas pré-coloniais, Itacoatiara era um sagrado cemitério

indígena, das tribos Tupi que ocupavam as margens norte da Baía de Guanabara, Niterói. Em instantes como este, sempre contemplo a presença de meus ancestrais, invocando o reino dos espíritos em tambores e danças, em canto e silêncio, em grupo ou solitude. A conversar com lago, lua e estrela, a pisar com pé firme sobre essa pedra secular. Às vezes sinto a energia antepassada penetrar-me por rocha, por água e ar. Por um precioso momento, a vida contínua beija-me a testa.

“Beira do mar
Lugar comum
Começo do caminhar
Pra beira de outro lugar
Beira do mar
Todo mar é um
Começo do caminhar
Pra dentro do fundo azul

A água bateu
O vento soprou
O fogo do sol
O sal do senhor
Tudo isso vem
Tudo isso vai
Pro mesmo lugar
De onde tudo sai”¹

Estendi as mãos sobre a cabeça e inspirei o ar fresco e úmido, integralmente, soltando-o junto com os membros, num relaxante balancear do corpo. Com a mente acordada pela corrida noturna, cruzei as pernas na beira do meu antigo mirante. O tremor navegante das ondas, ora crescendo, ora morrendo, se entrelaçava com o canto constante dos anfíbios. Ressoando vigorosamente por toda a pedra. Minúsculos, esses habitantes de beira de lagos, rios e interiores de bromélias inundam as catedrais da natureza, despertando cada poro.

“In a moonlit night on a spring day,
The croak of a frog
Pierces through the whole cosmos and turns it into
a single family!”²

¹ Lugar Comum, canção de João Donato e Gilberto Gil

² “Numa noite enluarada num dia de primavera, o coaxar de um sapo, perfura pelo cosmos inteiros e torna ele em, uma única família.” Chang Chiu-ch’em, poeta Zen. [28]

Jalapão

"Automóvel lá nem se sabe
Se é homi ou se é muié
Quem é rico anda em burrico
Quem é pobre anda a pé.
Mas o pobre vê nas estradas
O orvaio beijando as frô
Vê de perto o galo campina
Que quando canta muda de cor.
Vai moiando os pés no riacho
Que água fresca Nossa Senhor
Vai oiando coisa a grane
Coisa que prá mó de ver
O cristão tem que andar a pé.
Ai, ai, que bom, que bom que bom que é
Uma estrada e uma cabôca
E a gente andando a pé.
Ai, ai, que bom, que bom que bom que é
Uma estrada e a lua branca
No sertão de Canindé."¹

"Quando falamos de tornar-se um guerreiro, não estamos falando de conduzir guerra, mas estamos falando de manifestar destemor e gentileza que podem salvar o mundo."²

Estava sentada na beira de uma estrada de terra, esperando carona para cruzar os 170 km desérticos cortando uma linha reta pelas planícies virgens do Jalapão.

Havia seguido viagem pelas rodovias e estações de ônibus até Ponte Alta, uma cidade rústica no meio da aridez do Tocantins. Ponte Alta era um dos poucos pontos de acesso viário à Mateiros, um vilarejo central na região, a "capital do Jalapão".

Chegara no dia anterior e havia dormido numa praia à beira do rio. Logo cedo, encruzilhei-me à entrada da estrada que levava à Mateiros, após a última casa de uma rua periférica. Para trás, pequenas casas de pau-a-pique e alvenaria se espalhavam entre os largos quintais arvorados, construindo uma paisagem semi-rural. À frente avistava-se apenas sol, arbusto e poeira. O jovem astro já ardia impiedoso e abriguei-me sob a proteção das árvores.

¹ Estrada de Canindé, canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

² "A chave para a arte de guerreiro e o primeiro princípio da visão de Shambala é não ter medo de quem você é. Fundamentalmente, essa é a definição de coragem: não ter medo de si mesmo. A visão de Shambala ensina que, em face aos maiores problemas do mundo, podemos ser heróicos e bondosos ao mesmo tempo. A visão de Shambala é o oposto de egoísmo. Quando temos medo de nós mesmos e medo da suposta ameaça que o mundo apresenta, então nos tornamos extremamente egoístas. Queremos construir nosso pequeno ninho, nosso próprio casulo, para que possamos viver sozinhos numa maneira segura." Chogyam Trungpa Rinpoche [32]

Passou uma hora. Duas. Três. Em seguida passou o primeiro carro. Levantei esperançosa e fiz sinal. Era um jipe grande, moderno, com cara de novo. Nem mesmo diminui a velocidade. Fiquei mirando a caçamba vazia, que já se perdia entre a poeira. Passou mais uma hora, ou duas. Ouvi outro ronco e logo um carro grande e bem polido acelerava em minha direção. Não havia ninguém nos bancos de trás. "Nem muita gentileza" – foi o pensamento que me ocorreu, pois o veículo deixaram apenas com uma fumaça ruiva para contemplar. No entanto, eram pensamentos imaturos que apenas prolongavam a espera.

Após um longo intervalo passou o terceiro carro: uma caminhonete muito velha, coberta de ferrugem e terra. Uma fina película de pó vermelho coloria todos os vidros. A caçamba estava inundada de coisas. Pararam ao meu lado. Dentro da cabine que normalmente acomoda duas pessoas, já haviam quatro.

- Ô moça, vai pra onde?
- Pra Mateiros! Vocês estão carregados né!
- Ox! Queria muito poder de dar uma carona, mas cabê mais um aqui tá difícil. Boa sorte moça! Alguma hora você consegue uma carona.
- Agradecida! Vão com Deus!

Ó humildade! Vossa beleza está sempre a cultivar lágrimas em minha alma.

A vida crua dessa gente simples amansa corações de pedra. E os braços se abrem, com a força interior de receber a vida em sua integridade.

"O amor daqui de casa
Tem um sentimento forte
Que nem gemido na telha
Quando sopra o vento norte
Que nem cheiro de boi morto
Três dias depois da morte
Quem só conhece conforto
Não merece boa sorte
O amor daqui de casa
Tem um sentimento nu
Com gosto de umbu travoso
Com cheiro de couro cru
O amor daqui de casa bate asas no verão
Faz parte da natureza
É arte do coração"¹

O Sol já baixava. Contemplava-o sob o mesmo sombreiro quando um morador do bairro se aproximou.

¹ O Amor daqui de Casa, canção de Gilberto Gil

- Boa Tarde! Tá esperando carona pra Mateiros?
- Sim senhor. Boa tarde!
- É, parece que tá difícil né?
- Hum! É que quando tem espaço no carro, falta espaço no coração.
- Ah! Mas é assim mesmo! Toda vida! Muito difícil esses carrão de rico dá carona! Só, bem dizê, da nossa gente mermol! Mas hora consegue. Venha cá mais eu, tomar uma água na frente da minha casa. Lá tem umas sombra boa.

Sentamos em frente à sua cabana de palha. Depois de um tempo ele entrou em sua casa, que era a última da estrada, e retornou com um prato cheio.

- Tome, você nem armuçô né? Aqui um suquinho de maracujá também!

O caboclo era nascido e criado num vilarejo no interior do Jalapão, entre Ponte Alta e Mateiros. Não havia muito tempo que morava naquela margem da cidade. Enquanto ele conversava, suas mãos se ocupavam em trançar o capim dourado.

- Isso aqui, todo mundo faz esses artesanato de capim dourado por aqui na região. Aí a gente vende na cooperativa da cidade. Vai tudo pelo Brasil afora. Ajuda a sustentar a vida na roça.

De vez em quando aparecia alguém e embocava na conversava. Era sempre uma abundância de sorrisos, desejos de boa sorte, ofertas de frutas, histórias e muita gentileza. Até que o dia anoiteceu.

- A senhora não consegue mais carona hoje não. Minha irmã mora ali do lado, umas casas pra lá. A casa dela é um pouco mais confortável que a minha. É de tijolo. A minha é só um barraquinho. Você pode dormir lá na casa dela.

– Venha – disse a irmã Maria ao nosso lado – minha mãe tá preparando nossa janta. Minha casa é na frente da dela. Meu marido tá pra roça, só volta na sexta. Minha filha vai dormir comigo, sobra uma cama pra você.

Já escuro, entramos na casa da mãe. A sala/cozinha era quase toda ocupada por pilhas de caixas apícolas. Pertenciam à associação de apicultores e sobre a madeira branca estava gravado AAPAITO.¹ Nascidos e criados no Jalapão, os pais de Maria eram joias raras. João Alves era membro fundador da associação e da cooperativa dos apicultores e do artesanato. E Dona Adelina logo se entusiasmou em mostrar as mandalas de capim dourado que faziam.

Mostrei-lhes algumas sementes que levava comigo. Seu João pegou cada uma em sua mão, acariciando-as com os dedos. Curioso, observava o peso, a textura, o som ao chacoalhar, a pelugem, a forma e diversas outras peculiaridades. As espécies que não conhecia, ele observava as características a fim de deduzir quais eram os parentes da planta. Cada semente recebia um cuidado singular e precioso.

¹ Associação dos Apicultores de Ponte Alta de Tocantins.

– Ah! Pra mim pensar e, poder explicar, no pouco que a gente entende, o meu conhecimento chega de que essa vida aqui dessa semente é tão valiosa como a minha. Porque daqui vai nascer muitas vida, dessa vida que aqui está! Então eu tenho ela nesse valor de muitas vida, como muitas família prosseguida de uma descendência.

Observar a natureza era a grande paixão de Seu João. Para isso, ele costumava realizar suas experiências criativas, propelido, mesmo em idade avançada, por uma curiosidade juvenil.

– Eu esclareço pras pessoas, porque a gente fez uma experiência com a soja, o óleo de soja, e sendo o principal objetivo das pessoas tá atacando uma doença. Por quê? Ela tem muito agrotóxico! Por que a dificuldade do que eu consegui adquirir, acompanhando um combate em uma lavoura, o piloto na cabine do avião usa um capacete e uma máscara de filtro aproximadamente de uns dez centímetros de comprimento. E hoje, além desse combate que ele dá contra a praga, eles coloca um tóxico na soja em que ela cai a folha pra poder fazer a colheita. É uma coisa instantânea. E isso tudo vai para o grão! Então como eu descobri: peguei uma lata da mesma soja, limpei direitinho, coloquei o óleo, esparramei e coloquei no sol. Quando secou, eu puxei e tinha uma folha de plástico naquele lugar do óleo. Então, aí o que vai acontecer? Aquilo vai fazer o mal pra pessoa. Eu oriento as pessoas que a soja é o principal objetivo da doença tá atacando. Por que vem um entupimento de veia, ou qualquer coisa. Porque se ela vira um plástico, ela pode virar uma cola em qualquer parte da veia. E eu descobri por minha própria curiosidade. Não foi alguém que me falasse nada. Não tenho estudo, mas eu tenho curiosidade.

Os olhos de João brilhavam ao falar.

– Trabalhei um pouco na saúde. Fui agente de saúde dois anos. E procurei aperfeiçoar bem no meu serviço. E descobrindo cada vez mais as coisas que serve de mal pras pessoas. Procuro fazer as pessoas ciente das coisas que levem o bem à vida dele. Como eu tava falando aqui com meu cunhado sobre a vida dele, como é distorada por conta da água que priva a digestão. O organismo necessita de aquecimento. Colocá água fria em cima do alimento quente paralisa, aí vem a ruim. Então não se dá uma boa digestão tratada.

Um pouco antes, João havia dito ao cunhado que conseguia caminhar vigorosamente com seus quase 70 anos por que nunca bebia água durante (nem próximo) às refeições. Ele enfatizou que esse hábito preservava a sua energia vital.

– Meu pai, em primeiro lugar, ele anda. – contava Maria – Ele gosta muito das coisas mais naturais sabe? Tem sessenta e oito anos e tem a idade de jovem! Por que ele caminhou, ontem mesmo ele chegou a uns oitenta quilómetros andando de bicicleta. Foi e voltou de bicicleta. Nós temos uma fazendinha, assim uns noventa e cinco quilómetros, toda vez ele vai de bicicleta! Ele não precisa de usar transporte assim

igual moto, carro. Ele vai e volta na bicicleta dele mesmo! Outra coisa é que ele também não usa remédio. É muito difícil usar remédio. A gente gosta muito de fazer remédio em casa. Usa hortelã, malva. Além de ser mais natural, economiza dinheiro né! Porque remédio hoje em dia tem bastante é droga misturada né! Aprendi com minha mãe, porque ela gosta muito de mexer com remédio.

– Tudo que eu sei, eu aprendi aqui mesmo na roça – disse João – Junto com o gado. Junto com as criação, que a gente laborava com eles. Com toda a curiosidade, quantas as coisas que eu tenho aprendido com a natureza. É uma vida vivida com esses poucos anos de vida que a gente tem. E é uma coisa, que eu não perco tempo de avaliar a natureza. Todos os dias, todas as noites eu levanto quantas vezes na noite pra avaliar a natureza, como tá movimentando. Naquela época do cometa Hallis, eu fui parabenizado em Goiânia, por que eu cheguei lá e as pessoas tavam gastando dinheiro pra acompanhar ele com, através de aparelho. E eu tava acompanhando ele olho nu.

“Grama pequenina, seus passos são miúdos, mas possuis a Terra sob sua trilha.”¹

– Eu observo tudo. As mudanças. A diferença que eu encontro, por exemplo, depois de uma barragem feita pra essa luz que tamo tendo aqui, a mudança foi bem maior. Eu acompanho fazendo avaliação da florada. E cheguei a ponto de perder o meu serviço. Por que tudo mudou! As coisas que eram de uma forma, hoje não são mais. As árvores que floresce por região, mudou tudo. Elas eram gerais. Hoje é por região. Umas floresce numa etapa certa. Outras, já em outra diferente. Então eu gosto de prestar assim. A abelha que é o inseto que eu trabalho com ele, eu gosto de aperceber o modo de ele trabalhar. Tudo pra mim aprender e repassar também para os outros. Por que eu aprendi com a abelha que a natureza é perfeita. O que eu aprendi com a abelha, e vou aprendendo, vou repassando para minha associação e pras demais pessoas, pra poder se enquadrarem também com o mesmo objetivo de avaliação da natureza.²

– A barragem hidrelétrica ela tá daqui a trinta e poucos quilómetros. Quando ela foi erguida lá, houve uma diferença total. O peixe desse Rio Ponte Alta desapareceu. Acabou por que ela foi fechada na época

1 Tagore [2]

2 Em Maquiné, Rio Grande do Sul, mora um amigo chamado Amilton, agricultor ecológico. Uma vez contou sobre as consequências da introdução da abelha africana e europeia nas matas nativas: “Eu andava nas matas e comecei a perceber que muitas espécies de árvores, plantas, arbustos que antes havia na mata estavam diminuindo, ou entrando em extinção. Fui tentar descobrir a causa daquele problema. Essa mudança datava da mesma época que a produção de mel no vale aumentava. Mais e mais abelhas eram introduzidas nas matas. Ai eu descobri, pela observação, que as abelhas estrangeiras, maiores, mais fortes e mais velozes, não deixavam sobrar néctar para as abelhas nativas, que estavam indo embora, sumindo.” Amilton contou que as abelhas estrangeiras tiravam o néctar à força das flores, sem polinizá-las, pois sendo maiores, não conseguiam entrar no tubo de algumas. Muita planta que dependia da polinização das abelhas nativas não dava frutos e sementes. Elas foram desaparecendo das matas. Sem frutos, os animais também abandonaram a floresta. Hoje em dia aquilo está completamente mudado. Sem animais, sem frutos nem flores.

que o peixe tinha discido. Então aí já vem uma das mudanças. E depois de tudo alterou a florada. Essa variou. A florada, ela começou na época certa de começar e aí ela se alongou, que chegou até quase de encontrar de ano a ano a florada. Então mudou! E muitas outras coisas também mudaram. Por que influenciou a chuva, mudou também. As águas também diminuíram. Se foi por causa dela eu não sei. Mas que houve essa grande mudança! E pra nós ela foi útil em umas parte. Em outra foi prejudicial. Mas não se edifica sem primeiro destruir.

– Quando nós hoje temos energia, por que precisamos dela, temos uma diferença nas outras coisas. Cabô o peixe que nós tinha aqui de natural. Agora nós temo a energia pra que possa guardá os peixes que vem de criatório. Veio essa desenvultura. Aí hoje nós temos tudo. Temos computador. Temos tudo aí. Quantas máquina nós precisamos de usar que tem energia. Tudo isso pôde chegar através dessa ajuda que ela trouxe. Ela trouxe os dois lado.

– Muuita gente foram desabrigado, ao período dessa margem, mas foi indenizado. Mas nessa indenização, pras pessoas até que pode ter valido. Mas as árvores da marge foram distorada. Quer dizer, foi uma vantagem por um lado, mas pelo outro desvantagem.

– E essas pessoas, a maioria permaneceu afastado ou se mudou pra cidade?

– Ah! A questão da cidade, as pessoas muito vieram. Os filhos têm que estudar aqui na cidade também. Lá não tem escola. Outra coisa que mudou foi a beleza das praias fluviais. Antigamente nosso município era muito turístico. Muita gente vinha visitar a beleza das praias do nosso rio Tocantins. Tão limpo era. Tão claro. Mas depois da barragem ficaram mais poluídos. Você viu né? As praias não são mais muito bonitas. Quase ninguém vem mais visitar aqui. Só para ir ao Jalapão.

A luz amarelada da lâmpada reluzia na cabeça pelada de João, refletindo o produto daquela “desenvultura”.

– É uma coisa que eu tinha uma preocupação com as coisas que meus avós falavam né? E eu ficava preocupado: como as coisas podem acontecer dessa forma? E eu passava a estudá a natureza. Eu ficava acompanhando o desenvolvimento das árvores, os pássaros, estação de acasalamento. Tudo eu gostava de apreciá. Quando menino pequeno ainda, gostava de fazer algumas bravura com os animais. Mas depois que eu passei a entender mais um pouquinho eu já passei a poupar a vida deles né? É uma coisa que não se pode fazer né? Passei a ser compreensivo sobre essa parte! Passei a avaliar que a vida deles é tão preciosa quanto a minha! Aí, e continuo acompanhando a natureza. Quando ela vem uma mudança, eu tô apercebendo.

Mais tarde, atravessamos a rua e entramos na casa de Maria. Deitei na cama macia. Havia um mês que estava dormindo na barraca e no

chão de rodoviárias (na verdade com o grande luxo de um isolante e de um bom saco de dormir). Agora encostava a cabeça num travesseiro tão macio, deitava o corpo sobre um colchão tão acolhedor. Porém não era isso que me fazia estremecer numa onda de beatitude e compadecimento. Mais acolhedor que a cama, fora a compaixão dessa família. Mais macio que o travesseiro, ela deixou meu coração.

A mente não encontrava sono. Contemplava tudo em doce embriaguez.

“Meu sono quebrou-se; como posso seguir sonecando?
pois agora estou completamente desperto na insônia da yoga
Ó Mãe Divina, enfim unido a vós no sono Yogi,
minha soneca eu ninei a dormir para sempre.”¹

“Não bebo vinho ordinário, mas o vinho de êxtase perpétuo
enquanto repito o nome de minha Mãe Kali
ele intoxica minha mente de tal modo,
que as pessoas me tomam por um bêbado.”^[22]

Sabia que demoraria muito tempo para digerir todas essas experiências que me aconteciam. Eram aprendizados que não são obra de pensamentos. O mundo inteiro era uma sala de aula. E cada um de seus habitantes, cada momento, escrituras sagradas. A vida estava me tomando pelos braços, me engolindo por inteira. São coisas que somente o lento compasso do coração pode assimilar. O amor daquela gente era algo novo para mim. Não em intensidade, pois quem pode igualar o amor de um pai e de uma mãe? Ou de amigos e irmãos. Amor sempre abundara minha vida (e à isso sou eternamente grata). No entanto, esse amor tinha uma singularidade impessoal. Não possuía direções, se espalhava por todos os lados.²

Incontível, o amor com que aquela gente inundou-me, transbordou em lágrimas que escorriam pela face.

“When I sit in the heart of His world
A million suns blaze with light,
A burning blue sea spreads across the sky,
Life's turmoil falls quiet,
All the stains of suffering wash away.”³

1 Kirtan (canção devocional Hindu) – The Gospel of Sri Ramakrishna [22]

2 “A própria alegria de doar amor é tanto que não importa quem está na extremidade receptora. Quando este espaço vem para dentro de seu ser, então você irá seguir doando amor para todos e tudo – não apenas para seres humanos, mas para animais, árvores, estrelas distantes. Amor pode ser transferido para a mais distante das estrelas somente por seu olhar amoroso, para uma árvore somente pelo seu toque. Pode ser conveniado em silêncio absoluto, sem uma única palavra.” Sri Sri Ravi Shankar [33]

3 “Quando sento no coração de Seu mundo, Um milhão de sóis resplandecem com luz, Um mar azul incinerante se espalha sobre o céu, O tumulto da vida se sedimenta em quietude, Todas as manchas do sofrimento são lavadas embora.” Versos de um poema de Kabir, santo Hindu do

Enquanto eu caminhava pelas praias da vida em total nudeza, a humildade daquela terra deixara-me face a face com a verdade. Tudo se despia sob o Sol escaldante do cerrado. Toda carapaça era pintada de transparente, essência humana aflorava desimpedida. As sementes de gentileza encontram solos férteis naqueles corações puros. Brotando, crescendo, desabrochando em vida verdadeira.

“O Maitreya, O true Maitreya!
Thou dividest the body into hundreds of thousands of million
forms.
Thus manifesting thyself to men of the world;
But how they are ignorant of thee!”¹

O dia amanhecendo encontrou-me novamente à beira da estrada. Sentávamos no quintal dos pais de Maria, à sombra de uma linda árvore. Qualquer carro roncaria sua passagem com grande antecedência. Mas naquela paragem, automóvel era raridade. O vácuo podia correr um dia inteiro na estrada.

Seu João conversava com grande fluência e naturalidade. E com um raro português praquelas bandas do interior. Tinha a pronúncia de gente estudada. Estudo tivera, mas a escola fora nada convencional. Não tinha paredes nem horários. Era a própria vida. E seguia aprendendo enquanto compartilhava conhecimento com os filhos e netos:

– Lá nas aulas na fazenda, lá no sertão, tinha as aulas, e eles chegavam e conduzia algumas frases que a gente passava pra eles né? Por que eles precisavam de alguma coisa e a gente, com a prática que a gente tinha daqueles dias vivido conseguia adquirir na natureza. Sempre eu falo, por que tudo que eu tenho a gente adquiria com a natureza e tinha alguma coisa pra repassar a eles, pra que eles apresentasse nas escolas aos professores. E diversas vezes eu já comentei a eles e que falasse aos professores que procurasse ter um diálogo comigo, pra que eu aprendesse e eles também conseguissem aprender alguma coisa. No qual eu viajei na certa época com um ônibus cheio de professor. E tentei fazer uma pergunta e tinha professores que já me conhecia e falou: “a mim o senhor não faça essa pergunta por que eu não dou conta!” Eu fui e falei: “eu ainda nem fiz a pergunta e a senhora”, era uma mulher, “disse que eu não farei porque a senhora não dá conta. Se eu ainda nem fiz a pergunta. Mas mesmo sem vocês aceitar eu vou lançar a pergunta:” Aí disse pra eles o seguinte: “pode um de vocês professores me expressar quantos anos faz que choveu pela perimira vez nessa Terra?” Aí parou todo mundo. Quer dizer, eles não tiveram distância pra isso. Porque pode ter estudado e guardado e eu com poucas letras

século XV [34]

1 “Ó Maitreya, Ó verdadeiro Maitreya! Vós dividistes o corpo em centenas de milhares de milhões de formas. Assim, manifestando-se ao mundo dos homens, Mas como são ignorantes de ti!” Poema “Oneness” atribuído a de Pu-tai, uma divindade Budista da China. Maitreya é o “Buddha do amor divino.” [35]

que li consegui guardar essas palavras né. E a gente continua sempre buscando as coisas do passado pra que refletí à novas gerações que vai se manifestando.

Adelina reclinava-se no tronco de uma árvore, com as mãos sobre o ombro do esposo. Um sorriso selado permanecia todo o tempo em seu rosto. Silenciosa, ela apenas observava.

– E a senhora – convidei.

– Eu? Eu? – Adelina respondeu espantada. Timidamente, olhou para as mãos – O que é que eu tenho pra dizer?

Ela ria e baixava os olhos, sem mover o rosto. Em seguida levantou a mirada aos céus e parou a vista sobre a minha.

– Ah, na minha criação, eu fui criada numa situação muito, e dou graças a Deus por isso, porque fui criada e estou nessa situação. Mas nós fomo criado numa situação, naqueles tempos que as pessoas viviam, pra carregar uma obra era longe pra carregar na cabeça, pilar o arroz, cortar a lenha. Ir pra roça, lutar na roça, plantando. Chegava meio dia ia cuidá, fiá, pra mim vistí, embromá. Servia as coisa. Que era tudo dificulitoso naquele tempo. A vida do outro tempo, eu sempre eu falo: meus fios, vocês não sabem o que é sofrimento! Pergunta nós antigo que nós sabemo o tanto que nós sofremo pelas coisas. Hoje em dia é facinho.

O netinho fora iscado pelas histórias da avó. Remexendo o braço na árvore, de olhos baixos, mantinha os ouvidos atentos.

– A água na casa! O fogo ali, riscou um palito ali ascendeu o fogo, vai fazer a comida. E de primeiro que se chegava cansado, cuns calo de roça, ia ascendê fogo, ia socar arroz pra fazer comida. Tudo isto era a maior dificuldade! Se você queria lavá uma roupa, inté com foia de mamão eu lavei roupa minha! Inté com foia de mamão! Bosta de gado!¹ Pegava e passava na roupa e botava no Sol pra ir quarando. Hoje não! Tem aqui: boldo. Tem o sabão em pó! Tem uma coisa, tem outra pra limpá!

Árvores frondejantes refrescavam todo o quintal. Entre elas, uma corda aprumava as roupas que se espreguiçavam ao sol.

– As comida é tudo fácil! Vem tudo nah mão! E deita, embrulha bem ribuçadinho, e ainda vem e diz: “Ô! Mah tô cum frio!” “Meu fio! Frio não é agoora! Você num sabe o que foi frio.” Frio foi nos outro tempo que os menino levantava tudo engeadinho. A gente tinha que meter a mão na água, tava embolando as mão da gente. Tinha que fazer era cedo por que tinha que ir pra roça trabaíá! Por que tinha o que fazer! E a gente pegava o pilão cedo e nem achava os pilão na mão. Tudo duro de frio! Mas tinha que pilá, pra fazer a bóia, pra podê comê. Era o maió sofoco! E nós ainda fazia tudo aquilo com prazer! Hoje não! Vai fazê arroz, pega o arroz limpo. Tem tudo nas mão! Sem dificuldade nenhuma e ainda

¹ O esterco do gado é anticéptico, em muitos lugares é usado como método de limpeza, depois de curtir ele na água e secar no Sol forte.

chora: "Ô mah tá ruim! Tá ruim!" Ruim não! – ela sacudia a cabeça – Tá é bom! O outro tempo era bom! Por quê que agora não é bom?

Sorriu, completando – Tudo tá bom!

– Agora, eu relato essa questão que você fala sobre sofrimento. – disse o marido, que participara daqueles tempos antigos – Eu nunca sofri! Eu não sei o que é sofrimento. Cê nunca chega a fazer um teto sem que você tenha feito primeiro o alicerce. Se hoje você chegou na cozinha e faz a comida dessa forma, é porque a desenvultura chegô através daquela base que você fez pra poder construir.

– Tem que construir a base pra poder chegá em cima na construção toda – completava Maria, manifestando o sangue paterno que corria em suas veias – se você não construir a base você não consegue levantar a casa. Se você não fizer o alicerce e levantar, ela cai! Por isso que a senhora tem essa educação de hoje. Porque foi construído um alicerce enquanto a senhora era jovem. A senhora tem com que se sustentar hoje. A senhora tem com que a senhora se sustentar por que a senhora conseguiu construir uma base, pra senhora poder ficar em cima dela. Se não a senhora não ia conseguir nunca.

– Nós era oito, nós sêmos, eu tenho quarenta e oito irmão! Quarenta e oito irmão nós somos! – Adelina riu com meu espanto indiscreto – Só da parte da mamãe dezesseis nós somos.

– Pois é, meu pai falava assim: eu tenho sessenta filhos. Mas eu num vi esses sessenta filhos. Eu conto quarenta e oito, que eu conheço eles tudo. Agora se tem mais aí eu não sei! Só falo o que eu conheço né! E esses oito irmão que é da parte da minha mãe com meu pai, graças a Deus tudo trabalhamos! Foram criado dormindo no chão, em cima dum corinho, com um pedacinho de pano em cima. E hoje tudo tem condição. Graaaças a Deus. Meu irmão tudin tem condição hoje.

– É o que eu te relatei: tudo vem da base! Só chega ao teto, pelo alicerce – exclamou João. É o que eu tava relatando agora né – o ancião recordava – com o Irmão Domingo, o velho meu sogro, que o pessoal, nossos conhecido aqui da nossa cidade, não nos dá valor. Aí vem uma pessoa de onde? Do Rio de Janeiro a nos prestigiar! A nos levar a ser conhecido. Falei pra ele lá. As pessoas menor, dessa família que é chamada grande mas não é conhecida, provavelmente aqui de Ponte Alta vai ser uma das que vai sirvi de um exemplo lá na frente a algumas coisas. Porque é uma base de um outro tempo, que não tá se agindo mais daquela maneira de agir.

– Vocês vêm de longe, se interessa pelas coisas que a gente fala. Mas às vezes os próprios vizinhos nem se interessam. Aí vai correr mundo afora falando do velhinho do cerrado do Jalapão que sabia das coisas da natureza e o povo tudo aqui vai querer saber quem é. Sendo que todo mundo já me conhece.

Às vezes encontramo-nos com o livro da sabedoria. Mas não

interessamo-nos em abrir suas páginas valiosas. Pode ser o vizinho, ou a senhora que sempre se senta no banco da praça. Todos os dias cruzamos a praça, correndo da biblioteca às aulas, do trabalho ao lar. Apresamo-nos ansiosamente para obter conhecimento. Enquanto o conhecimento está à nossa espera. Esperando que nos libertemos, por alguns minutos, das correntes do relógio, da pressa, da ansiedade. Esperando que a gente pare, pelo menos por um momento, para viver de verdade. Para aprender que o conhecimento que tanto procuramos está escondido na prosa da senhora da praça. Nos olhos de um idoso pedindo trocados no sinal. Seja o que for, já está nos esperando, bem ao nosso lado. Espera, em paciência, nossos olhos cegos aprenderem a ver.

Fiquei a imaginar quantos Seus Joões, quantas Donas Marias, Zés, Albertos, eu cruzava todo dia no bairro onde morava – Quantos ainda cruzo, naquela pressa habitual que ainda me espreita furtiva! Eles na mesma esquina, a me esperarem. E eu voando na bicicleta de cá pra lá. Às vezes é preciso ir longe, não para buscar novos saberes, mas para abrir os olhos. Poder ver a sabedoria, que nos rodeia a cada momento.

“Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; Estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me.” Mateus 25:35-36

Assisti a mais um jogo do Brasil, com os ouvidos atentos à estrada. A tarde já madurava e logo os pensamentos iniciaram seu assalto. “Ai, ainda não passou nenhum carro. Se não conseguir carona hoje não vou mais. Vou seguir meu caminho. Ir pra outro lugar.” Dois dias inteiros – era demais para uma mera noviça na arte da espera.

Santa paciência! Vossas lições permeiam a eternidade.

Assim que terminou o jogo voltei para a estrada. Um ronco de automóvel veio se aproximando. Era um carro chique, uma caminhonete novinha, grandona, brilhando. Fiz sinal desde lá de baixo. O carro se aproximou sem diminuir e cruzou por mim. No momento que ele estava ao meu lado, em alta velocidade (para uma estrada de terra), uni as mãos em prece. O carro parou a dez metros. Corri. Em pouco tempo, avançávamos pela terra vermelha ao coração do Jalapão. Profundamente agradecida!

A estrada de areia percorria uma planície infindável. Poeira, capim e pequenos arbustos cobriam tudo ao alcance da vista. De vez em quando a natureza desfilava pelo céu com asas azuis e barriga amarela. Eram os casais de araras nos dando boas-vindas. Intocado, todo o ambiente permanecia em seu aspecto nativo, preenchido de animais do cerrado. O barulho do carro certamente escondia-os de nós. Mas fomos presenteados com alguns deslumbres de seriemas e um lobo

guarda.

Do imperturbável horizonte plano, a chapada nasceu ao fundo. Tão lisa em seu lento passear, deslizando abruptamente pelas suas escarpas íngremes, desenrolando na desmesurada planura. Dela, as mesetas irrompiam: vestígios salientes das antigas camadas rochosas resistentes às forças erosivas; morros isolados esculpidos pelo tempo, testemunhos do Jalapão ancestral.¹ Esses blocos retangulares iam se afastando cada vez mais das mesetas maternas, abrandando e enfraquecendo, encolhendo-se em pequenos cones, dissolvendo-se em pó pela orla do firmamento.

O Sol da tarde permeava tudo com luz áurea. As elevações rochosas, vermelhas e milenares, suspensas no profundo azul, conduziam o coração como um gavião plainando sobre os cálidos ares do cerrado.

A estrada de terra corria em sua direção e as cuestas da chapada cresciam. Após algumas horas, uma espessa vegetação apareceu, subindo pelas paredes do altiplano. Árvores seculares de cascas grossas e galhos retorcidos brincavam com as perícias da simetria. O sertão revelava-se em virgem nudeza. Folhas verde-fluorescentes, brotos recém-nascidos – tanto era o Sol absorvido, que as folhas emitiam seus próprios raios de luz. Em meio às baixas matas, ilhas de buritizais transpassavam as forças gravitacionais e faziam cócegas no céu com suas largas cabeleiras selvagens.

Escalada a encosta, a estrada penetrou as lisas superfícies do platô e logo o mar de arbustos e capinzais do cerrado retornaram à vista. Flores silvestres salpicavam a paisagem com simplicio amarelo.

No baixio do dia, aconchegamo-nos ao cerne do Jalapão. Majestosas dunas, suavemente polidas e coradas pelo Sol rubi, elevavam-se à abóboda ciana, como pirâmides nos desertos egípcios. Deslizando em curvas, suas areias eram maneadas por plenitude e feminilidade. Largos rios procissavam pelo relicário, transportando águas diamantinas em seu curso abnegado.

Ó morada da Humildade. Venhas habitar esse coração suplicante. Que vosso mistério aquarelado, lançando pinceladas no sacrossanto Jalapão, venha tingir os tecidos de meu coração, mareando-me às ondas dessa filarmônica Universal.

Amor Imortal, a cada passo, desperta. Cada passo dissolve. Ao compasso, se entrega. Presença eterna. Colorindo a terra, despencando Céu. Desvelando véu, revelando néctar, como abelha colhe mel.

Jalapa flor, fazes do dia uma bela noite, onde os sonhos tem gosto de realidade, e a verdade despi-se nu. Flor Maravilha, vosso esplendor transformando cor, omnisciando o intransmutável, na terra herdeira de vossa encantada simplicidade.²

¹Ver Morro Testemunho em Glossário.

²O nome Jalapão originou-se da planta Jalapa (*Mirabilis jalapa*), popularmente conhecida como

Austero encanto, deserto manancial.

"Apesar de nunca estar relutante em conceder salvação
eu hesito deveras em conceder Amor Puro.
Quem quer que ganhe Amor Puro supera a todos
Ele é adorado por homem
Ele triunfa nos três mundos."¹

Jalapão.

Douradas dunas migratórias de elegantes curvas maleáveis; fontes azul cristalinas, borbulhando puríssima água; longas mesetas chapadas, talhando o horizonte com suas cuestas decotadas; veredas palmeadas de buritizais, abrigando onças, raposas e lobo guará; vastos santuários desérticos e seus austeros oratórios naturais: Abençoado Sertão das Águas.

Esse sertão repleto de oásis em meio ao árido centro-oeste brasileiro, também já foi mar.

O que nos desperta como o infinito mirado pelo portal de um céu estrelado? Aqueles cujo negrume nos engole por inteiro. Cujas galáxias infindáveis de estrelas resplandecentes nos avivam para a totalidade da existência, desadormecendo o esquecimento cotidiano.

Tão imensurável é o cosmos, incontáveis os grãos de areia de uma única praia. Quantas eras e eras se desenrolaram, quantos mares e sertões espraiaram e contraíram em danças milenares, formando grão a grão essas formosas cachoeiras e chapadas, essas dunas desraigadas, essas veredas alagadas? Nossa história não tem começo, nem mesmo fim. É um rio a fluir numa passagem suspensa. Um pássaro plainando sobre o eterno meio, onde o mar se funde ao céu e tudo se entrelaça num firmamento sem fronteiras.

Na dança tectônica do cretáceo, a vasta região que hoje é a Amazônia abriu-se aos oceanos e guiou as águas salgadas ao interior do continente, onde as terras antepassadas do Brasil central abrigaram um mar interior. Os deltas fluviais sobem e descem os manguezais em consonância com as fases da lua. Também, em prolongada maré, o mar interior ascendia continente adentro e se recolhia ao oceano, navegando pelo canal que se formara nas terras baixas ao norte. Neste balanço das águas, ora fundo do mar ora deserto, as camadas rochosas do Brasil central foram se formando: porosos arenitos, branco-argilosos e rosados. Até que as placas tectônicas de Nazca e Sul Americana convergiram e o continente soergueu, desabrochando a imperiosa cordilheira dos Andes.² Os veios fluviais, que outrora corriam

batata de purga. Mas para os habitantes locais é a Ipomea cuneifolia é que é a Jalapa – raiz medicinal – purgativa [44]. A planta também é conhecida como bela noite e Maravilha, uma planta ornamental (Wikipédia) [3]

1 Kirtan Hindu – The Gospel of Sri Ramakrishna [22]

2 Veja as imagens da página 160.

a desaguar no Pacífico, contiveram-se pela grande cadeia que crescia ao longo da costa, inundando o continente com vastos lagos para onde confluíam inúmeros rios. Incontáveis, as águas transbordaram, erodindo novos veios e serpenteando seu caminho ao Oceano Atlântico. Nasce o primoroso Rio Amazonas, com seus milhares de braços e igarapés. Após longo exílio, as águas retornam à fonte.

Enquanto isso, nas médias terras do Brasil central, nosso volúvel mar interior despediu-se “para sempre”, ou pelo menos por um longo retiro em seu ventre matinal. Ainda hoje a Terra guarda em seu solo as marcas dessas procissões marítimas, que modelou sinuosos relevos, posteriormente petrificados e ocultos pelo tempo. E o invisível segue, com suas habilidosas mãozinhas, criando novas formas e desvelando histórias passadas. Agora, as antigas procissões do mar estão sendo ilustradas, pelos solos do bem-aventurado Jalapão.

As prolongadas deposições de areia formaram profundas camadas de rochas tão porosas, que absorvem temporadas inteiras de chuvas, conservando as águas num volumoso aquífero. O ritmado balanço do mar pretérito modelou sedimentações onduladas, em repetidas sobreposições soterradas pelo tempo. Num novo movimento, elas vêm emergindo. Chuva Sol e vento esculpem as rochas que, tendo outrora sido fundo de mar, lagoas, dunas e rios amazônicos, conduzem toda a dinâmica ambiental numa cadênci singular, temperada pelas danças marinhas em plena aridez do interior continental.¹

As bordas ramificadas das bacias de drenagem encaminham as chuvas pelas suaves concavidades, guiando-as à gigantesca cisterna, que armazena a água num profundo lençol freático. Alimentando caudalosos rios a correrem perenes por todas as estações e direções do Brasil central. Pelo Velho Chico e pelo Parnaíba, essas águas chegam ao Nordeste abençoando as mais áridas terras e, após eras confinadas nos arenitos jalapônicos, retornam ao ventre oceânico. Para mais uma vez evaporar e se aventurar, num imorredouro ciclo vital.

Longa também é nossa procissão na Terra.

“In the stream,
Rushing past
To the dusty world,
My fleeting form
Casts no reflection.”²

Quantos povos já fizeram do Jalapão sua morada? Trazidos como folhas ao vento. Peregrinando pelo árido deserto e seus oásis

1 As rochas sedimentares preservam em sua estrutura características dos ambientes (mares, lagoas, rios, desertos...) que modelaram sua formação. Durante o processo de erosão, os padrões estruturais da rocha influenciam as dinâmicas geomorfológicas e a formação de ambientes. Alguns solos no Jalapão se assemelham à geomorfologia de fundos de mares internos rasos, apresentando o padrão estrutural de ondulações simétricas.

2 “No córrego, passando apressado, o mundo poenteiro, minha forma fugaz, lança nenhum reflexo” Mestre Zen Eihei Dogen [36]

cintilantes. Levados embora pelos mesmos ares. Dançando pela Terra, em seu lento procissar...

Após milênios de tribos indígenas, os ventos trouxeram as bandeiras, a gente das fronteiras, colonizando Brasil afora, do litoral ao interior. Passaram como uma tempestade de verão. Veio nova maré, trazendo a gente refugiada. Mais uma vez o Jalapão abriu seus braços, para abrigar os filhos da África. Um furacão também passara por suas terras, revirando poeira há muito sedimentada no chão. Viajantes de países distantes roubaram-lhes a família, as armas, a terra nativa, mas jamais puderam roubar a verdadeira liberdade. Nos subterrâneos escuros dos navios, carregaram a força da África em seu peito. Munidos de fé, cultura e destemor, libertaram-se das senzalas do sinhô no litoral da colônia brasileira e desbravaram o interior.

“Pretinho

Pequeno moleque nascido em senzala de branco sinhô
Cresceu em reza e prece, de paz, liberdade, justiça e amor
O branco sinhô o poder demonstrava
Pretinho gemia, pretinho chorava
Açoite doía
Mas pretinho rezava

Que alma branca, cheia de luz a rezar
Angola distante, pretinho cresceu
Nascido escravo, escravo morreu
Matéria ficou, a alma branca subiu
Liberto afinal, o céu lhe sorriu,
Juntinho de Deus, ele está agora
Sua benção meu pai Benedito de Angola
Vem me ajudar, ô alma vem
Me ensine a rezar, quero ao céu ir também.”¹

O Jalapão deu-lhes refúgio. Após tanta navegação, num inestimável laborar, essa gente encontrou novo lar. O povo de pele negra e dentes brancos formou seus quilombos. Fincou suas raízes nessa terra deserta, pintada com as mesmas cores da África.

Hoje, são os nativos do Jalapão. Filhos dessa terra extravagante. Essas comunidades quilombolas habitam veredas e mananciais escondidos no vasto sertão “despovoado”. Preservaram-no em sua solitária intocabilidade. Em sua genuína e árida beleza.

“Along this road
Goes no one;
This autumn evening.”²

1 Ressurreição – Homenagem a Pai Benedito de Angola, Preto Velho, canção da Umbanda

2 “Por esta estrada, ninguém vai, nesta tarde outonal” Matsuo Basho [38]

Jalapão era um dos lugares de menor densidade populacional do Brasil – 0,8 hab/km² Wikipédia

Lenta também é nossa procissão por essa grande Terra. Dia a dia, vida a vida, num tímido desabrochar.

Hoje um novo botão abre-se à janela. Ontem, a primeira pétala começou a desenrolar-se. Havia alguns dias que a flor já espiava o mundo com seu minúsculo olho rosado, quase cerrado pelas pálpebras verdes, demorando em despir-se. Nesta manhã, culmina no auge da sensualidade. O Sol outonal envia seus raios oblíquos por entre a folhagem da grande árvore, aquarelando as tímidas pétalas com rosa translúcido. Revelando os primores venosos e as perfeitas curvas da corola. Lentamente, elas rendem suas virgens faces, tão delicadas, à luz do nosso astro central, que viaja pelo vasto vócuo espacial somente para despertar esse pequeno ser.

“O Sol simplesmente brilha no céu,
e por sua mera existência,
todas as lótus dos lagos da Terra desabrocham.”¹

Ó rosa! Vós sois mestra da beleza,
curvando vossas películas internas sobre os segredos de seu âmago.

O fundo branco de sua corola aguça vossas sinuosas reentrâncias. Vossos finos tecidos, pendendo fragilmente uns sobre os outros, formando uma graciosa esfera, culmina em minúsculos beiços que Deus lhe deu para beijar os raios do sol.

Embriagas o mundo inteiro, nas brincadeiras de vossa manhã nupcial. Erguendo-se elegante, impiedosa em seu imóvel esperar – no invisível desvelar de seus mistérios.

Lenta é nossa procissão por esse misterioso oceano. Guiados pela unicidade do mais Puro Amor. Navegando ao balanço das ondas, rumo ao Sol.

[3]. Era possível passar dias no Jalapão sem ver uma única pessoa. Mas esse poema do Mestre Zen Basho alude à “não ação” ao vazio inerente à existência. Vazio que revolve o cosmos inteiro, manifestando miríades de seres e mundos. “Wu Wei é um conceito importante do Taoísmo que literalmente significa não-ação ou não-fazendo. No Tao Te Ching, Laozi explica que seres (ou fenômeno) que estão completamente em harmonia com o Tao se comportam de modo completamente natural, não inventado. Como os planetas revolvem ao redor do sol, eles revolvem sem “fazer” a revolução. Como árvores crescem, elas simplesmente crescem sem tentar crescer.” Wikipédia [3] 500 anos antes de Cristo, Buddha deu nascimento ao budismo na Índia. Dois séculos depois o Imperador Indiana Ashok provou o desgosto da violência de suas próprias conquistas militares massacrantes e, influenciado pelos ensinamentos de não violência e meditação, transformou sua vida. Ele tornou-se então um dos principais instrumentos de disseminação do budismo, enviando monges para amplas regiões da Ásia. O monge Massim Sthavira foi ao Nepal, Butão e China. Em cada país, o budismo se desenvolveu em diversas tradições singulares, num lento processo de integração com as culturas nativas. Na China, ele foi influenciado pelo Taoísmo. No século V, o Mestre Bodhidharma deixou a Índia, seu país natal, e tornou-se um grande dispersor dos ensinamentos de Chán (Zen budismo) na China. No século XIII, o japonês Eihei Dogen foi para a China estudar budismo. Quando retornou ao Japão, foi o “pai” do Zen budismo japonês.

1 Amma [37]

“A barca segue seu rumo lenta
como quem já não quer mais chegar
como quem se acostumou no canto das águas
como quem já não quer mais voltar...
Os olhos da morena bonita
aguenta que tô chegando já
na roda encontrar você, ouvir a zabumba
Me leva que quero ver meu Pai...
Leva no teu bumbar, me leva
leva que quero ver meu pai
Caminho bordado à fé
Caminho das águas
Me leva que quero ver meu Pai...”¹

Chegamos à Mateiros na boca da noite. Desci do carro, despedindo-me dos companheiros de viagem e segui caminho perambulando pelas ruas do vilarejo. Muitas das casas eram feitas de adobe (barro). A paisagem respirava a aridez. A pele negra enaltecia os moradores de descendência africana, remanescentes preciosos das comunidades quilombolas que evoluíram intrínsecas ao ecossistema. Simpatia e hospitalidade traçavam as faces e gestos daquele povo. Conhecidos ou novatos, o cumprimento era igual. Procurei a casa do irmão de Seu João, que era vangloriado como um grande filho do Jalapão. Passei a noite na casa de sua família.

Ancião das terras arenosas, Seu Tomé era nascido e criado naquele lugar. Com 86 anos, tinha uma vitalidade impressionante. Viu a terra vazia de gente. Viu a estrada chegar; o turismo; o remoto desenvolvimento. E junto com tudo isso, assistiu à infiltração das “novas leis”.

– As sabedorias não é como nos tempo véio – disse Tomé – O tempo mudou o mundo. Aqui sempre nós queimava. Era a sabedoria dos antigo, nós queimava há muitos ano né! Nunca brejeiro secô. E depois da sabedoria, eles, queimando diz que seca o brejo! Taí! Não creia!

Uma risada bem ditosa soltou-se de sua boca. O riso de um vetusto que graceja com os ‘disparates’ de gente verdolenga.

– Diz que é fooogo!! – exclamou, alongando as palavras – A ciência hoje é que nós não pode mais queimar que seca. E nós paramos de queimá e agora é que tá secando mermo! Eu tenho falado com eles aqui: “você não chegou aqui e achou bonito? Essas coisas aqui essas maravilha?” “Achei!” “e quem você acha que anda cunservando tudo isso? Se fosse nós que acabasse você não achava nada! Chegava aqui tava tudo pelado! Vendo tudo seco!” quem tá destruindo isso aqui tudo é os homem que tão chegando agora. Porque bota esse poço artesiano pegando tudo quanto é veio d’água. Secando a terra. Os capim dourado aqui tem sido uma riqueza dos povo que descobriram aqui. Mas se não queimá acaba o capim dourado. Tô aqui desde 1925, e nunca secou

¹ Caminho das Águas, canção de Rodrigo Maranhão (trecho)

brejo! Tacá fogo é na sabedoria do homem.¹

– Por que primeiramente. Não tinha médico. Minha mãe viveu cento e vinte e quatro anos e não conheceu remédio! Hoje em dia tá todo mundo no médico. Naquela época, não tinha nada. Mas tinha saúde! Porque Deus é quem cuidava do povo! Era difícil. Tudo que tinha aqui era carregada nas costa dos animais. Carro não existia. Quando eu era menino ninguém nunca tinha ouvido falar de carro. Hoje o mundo encoiou. Ficou pequininho. Antes, daqui a Porto Nacional era seis dias de viagem a burro. Hoje com a televisão nós tamo chegando no mundo todo!

Ao nosso lado a televisão pulava de cena em cena. As crianças corriam ao redor da sala e da varanda. Um ronco motorizado fugiu da rua e entrou pelas janelas abertas.

– Todo mundo tá vendo o movimento do Rio de Janeiro. – um antigo regionalismo temperava a fala arrastada de Tomé – Antes a gente nem sabia que era isso. Nem os ricos aqui conheciam o que era colchão. Tudo dormia no chão. A riqueza aqui só era gado. Por que criava muito gado. Mas era bom porque o camarada se governava! Nós queria tacá fogo ou não queria! Nós queria ir pra um lugar ou não queria! A lei transpassou a lei! Primeiro a lei era pra dizer direito! Hoje eles tiram o direito! Hoje você não pode tirar uma madeira mais pra subir uma casa. Não pode tirar uma madeira pra fazer uma roça.

A ausência de frutas e legumes era marcante nas mercearias de Mateiros. Terra fértil, um oásis de água no deserto, e a mesa do povo da roça se supria com os produtos industrializados das longínquas cidades. O pouco de cebola ou alho, ou uma abóbora que chegava ali vinha da capital, de Palmas. Quilômetros e quilômetros de asfalto e terra, litros de gasolina e o tempo calorento produziam víveres murchos e passados, raros e caros.

– Tudo isso a lei tirou o direito nosso! – disse Seu Tomé – O direito do homem. Hoje nós não temos mais direito de nada do que tem! Quem manda é a lei. E com a lei ninguém pode. Diz ela o que é certo. E nós,

1 Nas últimas décadas, a região do Jalapão vinha passando por um crescimento considerável de atividades turísticas, o que resultou na construção de casas, pousadas e novas estruturas urbanizadas. A quantidade de poços aumentou consideravelmente e a água passou a ser extraída por bombeamento mecanizado. Consequentemente, o nível de água nos lençóis subterrâneos estava baixando consideravelmente, causando diversas mudanças ambientais na região. Paralelamente, novas leis ambientais transformavam os modos de vida das comunidades nativas, nas quais algumas das atividades tradicionais eram qualificadas pelos órgãos de gestão governamentais como prejudiciais ao ecossistema. Em 2001, parte do Jalapão tornou-se um Parque Estadual, uma Unidade de Conservação brasileira de Proteção Integral. A região como um todo constitui um Mosaico de UCs estaduais e federais. Neste processo, diversas atividades tradicionais foram qualificadas pelos órgãos de gestão governamentais como prejudiciais ao ecossistema, tornando-se proibidas de acordo com as novas leis ambientais. Isso gerou uma desestruturação das comunidades nativas, além de um clima de desarmonia entre os moradores ancestrais e os novos órgãos governamentais de gestão territorial, que pretendiam integrar a região a uma política nacional de conservação ambiental. Como na história da criação de diversas Unidades de Conservação no mundo, as diferenças culturais e dificuldades de comunicação (apesar de no caso do Jalapão todos falarem português, o regionalismo linguístico frequentemente resulta em visível falta de compreensão entre duas partes) resultaram em sentimentos de hostilidade em ambos os lados. Gradualmente, a conciliação vinha ocorrendo.

achando certo ou errado, tem de obedecer! E ela que diz que tá certa e ninguém pode mais do que ela.

A pele negra brilhava por baixo do chapéu de couro boiadeiro.

– Eles diz que tem a sabedoria. Mas nós é que temos a prática! Antes dos meus oitenta e cinco anos o povo já conheciam tudo aqui. E a lei só chegou aqui agora! Por que as águas só vem do arto. Mas agora o arto tá tudo cheio de poço artesiano. E a água não chega mais no brejo! Cai, cai do céu, e se acaba antes de chegar nas beirada dos rios. Tá fartando água meu Deus do Céu! E nós queimava e queimava e nunca fartô antes!

A esposa de Tomé, que escutava a conversa sentada, opinou:

– Aqui eles num conhece, aqui bem quem conhece somos nós moradores. Os estudo deles é feito né, em São Paulo, pra lá, e as terras de lá são outras. Lá são barro, aqui é areia, e areia seca mais de que barro. Então aqui o fogo pega na poeira, em qualquer coisa por que são areias seca. Não é como lá, que lá é barro. Lá é foia, aqui é só agreste. Aqui é diferente de lá. Aqui tem o buritzal, pra lá não tem o buritzal que aqui tem.¹ Aqui no verão, a terra seca também. Não fica cheio d'água não. Aí quando pega aí, nessas chapadas, nessas veredas aí, o fogo vai embora, entra naquele buritzal, aí acaba. Eu conheço um lugar, que tem pouco tempo que acabou mermo a mata! Por que queimou o buritzal, queimou com chão e tudo. Então eu explico pra eis lá quando tem reunião (referindo-se aos órgãos de gestão governamentais) "Só uma coisa que eu só contra: é esse negócio. Eu não tenho criação, mas eu sou contra!" Eu falo pra eles mermo. Esse negócio de ficar sem queimar aqui. É por conta que vai acabar é com tudo! Vai acabar com buritzal, com a mata, com as caça (os animais), vai acabar é com tudo! É porque quando o fogo pega aí, qual é a caça que aguenta correr o dia inteiro? Se essa caça vai de frente com o fogo. Acaba.

"As areias em seu caminho imploram por seu canto e seu movimento, Ó água bailante. Carregarás o fardo de sua ausência de membros?"²

– Quem entende é nós que somo morador aqui. Nós conhece a terra né! Eles não entende, que o estudo deles é pra lá, eles estuda as queimada, mas eles não conhece a terra nossa cá! Porque eis, fazem reunião com a gente, porque eles querem aprender com a gente. Saber do jeito das caças, do mato, das queimadas. Mas eles são contra as queimadas. Agora, esse tempão de deixar sem queimar o tempo inteiro, seca tudo, vai acabar com tudo! Nós que conhece cá o mato: vai! Tem jeito não! E eu já vi resultado nesses dois lugar, e eu fico de

1 Buriti é uma palmeira nativa do cerrado e da Amazônia. "O Buriti é de grande importância na manutenção de olhos d'água naturais, chegando até a conservar locais alagadiços, de água pura e permanente. Em locais que os olhos d'água (nascentes) estão secando, recomenda-se que se plante Palmeiras Buriti." Wikipédia [3]

2 Tagore [2]

prova pra mostrar o lugar. Porque acabou, buritizal, acabou os pau, acabô tudo!

A filha do casal, professora de mateiros, explicou sobre o manejo de queimada que era praticado pelo povo da região:

– Aqui nós temos há muito tempo o manejo tradicional de queimar para ter um bom crescimento do capim dourado. Mas o governo tá contra o fogo artificial. Mas a nossa experiência prática é de que se não tiver o fogo controlado, tudo fica mais quente e seco. E quando pega fogo natural ele se espalha devastando tudo.

– E quando tá muito seco e o céu dá sinal de chuva, a gente bota o fogo controlado, o fogo sobe a quentúra – Seu Tomé levantou as mãos, como o vapor subindo aos céus – dá aquela quentura que sobe e o fogo lá vem que é pra podê fazê chovê. Você vê a nuvem que vira a fumaça. O fogo se aquenta e sobe pelo vapor. A quentura subia – seus braços se ergueram para cima e depois baixaram lentamente – e aí a chuva vinha. Quando vem, vem fina não. A fumaça faz as chuva descê dos céus.

– Eu conheço o Jalapão todo descendo as serra, na fronteira, todo canto. O Jalapão foi esquecido, muito tempo. Hoje eles tão correndo de vê que aqui tem muita riqueza! Muito petróleo. Muito ouro! Hoje tá tudo mudando. Essa represa aí matou as frutas do cerrado. Mangaba, buriti, jatobá, pequi, antes dava todo ano. Hoje não dá mais. De primeiro tinha muita fruta. Mas de certos tempo pra cá acabo. Antigamente nós podia vivê do cerrado. Agora mal os passarinho pode. Nós temo que vivê da terra! A terra que nos cria! Nós vive das coisa que nós plantamo, da mandioca, da abóbora, da melancia, do milho. Da batata, do arroz, do inhame – dizia Tomé.

“Através de Parjna (sabedoria suprema), a pessoa é levada para fora dos confinamentos estreitos de suas ficções, levado não para uma esfera além, mas para dentro do mundo real que está precisamente aqui.”¹

Como um bebê aprendendo a andar, caindo e levantando incontáveis vezes, a humanidade aprendiz caminha contínua e gradualmente. O tempo passa como chuva fina, lentamente sedimentando. Outras vezes, passa como grandes enchentes arrastando raízes. Ou um furacão que a tudo renova em seu caminho caleidoscópico.

Nesta noite em Itaipu, o outono passou em grande algazarra. As árvores dançavam em alto fulgor, lançando seus galhos e folhas por todos os lados, numa exuberante tempestade. Na manhã, o chão testemunhava o grande vendaval, sob os cobertores de braços e dedos podados, trançados pelos ventos outonais. Agora à tarde, o Sol surge

¹ Chogyam Trungpa Rinpoche [44]

tímido, alisando as folhas verde-claro. As árvores respiram aliviadas, leves e livres de suas antiguidades. Os pequenos arbustos e as humildes ervas rasteiras festejam as novas frestas de céu, por onde o Sol grave do inverno poderá acalentar essas terras baixas.

Ontem, um chuvisco dourado caiu abençoando a terra em Itaipuaçu. O grande flamboyant derramando suas minúsculas folhas amareladas pela estação. O Sol infiltrou oblíquo por entre a copa da árvore, pintando um brilho áureo nos 'pingos' que lentamente caíam por todos os lados. Salpicando bromélias e gramas verdejantes, o copo branco de porcelana e as páginas envelhecidas de um livro aberto sobre a grama. Mais tarde a árvore receberia a família de micos espreitos, em sua enfileirada travessia diária. A mãe mica desvelando a fronteira, pulando de galho em galho com seus dois filhotinhos agarrados às costas. A cada lado da mãe, um par de olhos esbugalhados e o rabinho peludo do irmão. Uma nova aventura a cada salto. A cada parada um novo universo.

Na floresta, o mundo invisível já começa a decompor a nova camada de chão.

O tempo carrega o outono, arrasta o Inverno, e conduz a Primavera, plainando sobre o novo verão. Essas podas repentinhas e graduais do outono vão alimentar os tenros brotos primaveris. A vida irromperá pelas grossas cascas do ríspido inverno, timidamente desenrolando o verde-claro de suas folhas virgens. Como a borboleta emergindo do austero casulo.

E o tempo segue, transportando um mar de flores, festa de cores, procissões de frutas e sementes. Aguardando os vendavais de um novo outono.

"Spring comes with its flowers, autumn with the moon,
summer has its cooling breezes, winter its snow.
If you allow no idle concerns to weight on your heart,
your whole life will be one perennial good season."¹

Hoje o mar estava de ressaca, manifestando sua poderosa dança pós tempestade, às sacras horas crepusculares. Gigantescos dragões brancos corriam sobre as águas, se espatifando em espuma. A praia estava deserta. Uma areia virgem se alongava, alisada pelas ondas enérgicas. Vigor se manifestava espontâneo, saciando a atmosfera.

Os dias precedentes haviam sido de extrema calmaria nas águas, areias fofas e inclinadas, milhares de pegadas. Hoje tudo ressuscitava. A força das ondas trovejando, ressoando pela chão e atmosfera, penetrando pedra e planta, subindo pelos pés e entrando pela respiração.

1 "Primavera chega com suas flores, outono com a lua, Verão tem sua brisa fresca, inverno sua neve. Se não permitires nenhuma preocupação ociosa pesar em seu coração, Sua vida inteira será uma perene boa estação." Poema "Mindfulness" de Wu-men Huai-kai, Mestre Chán Budista chinês do século XIII [31]

Carregada de vitalidade, sentei na crista da pedra de Itacoatiara. A superfície inteira estava salpicada de pequenas poças. Ao centro, o lago culminava com águas renovadas. As ondas gigantes se lançavam sobre a rocha maciça e explodiam criando tremores que vibravam por todas as camadas. Serenamente, escorriam sobre a pedra em brancura luminosa, clareando a noite escura.

Densas nuvens nimbostratus fechavam o céu num manto acinzentado, fundindo-se às águas no horizonte. No cume da abóboda, uma janela se abriu revelando o negrume impecável do cosmos. Uma única estrela brilhava ao centro, em todo esplendor. A cortina alargou-se desvelando uma comunidade inteira de estrelas. Intocáveis, miravam a poderosa dança das ondas. A praia que da areia parecia tão extensa, daquelas alturas seria apenas uma pequena enseada, guarnevida por duas montanhas pétreas. Entre elas, Netuno bailava destemido, preenchendo a atmosfera de energia primordial.

Eletricidade navegava pelo ar.

Ó Vida! Vós sempre a nos ressuscitar com suas tempestades cataclísmicas.

Há épocas em que a inércia corrói a alma em seu mórbido sonambulismo. A alma humana, a alma dos lugares, ou a alma de toda a sociedade. Nestes momentos a vida irrompe com toda sua integridade, manifestando tsunamis, vulcões, minerações ou barragens. Ou com seus caminhos graduais, como a lenta procissão das eras glaciais.

"Journey's end --
still alive,
this autumn evening."¹

O dia seguinte encontrou-me novamente na beira da estrada, numa visita aos povoados quilombolas que habitavam o interior do Jalapão, nos arredores de Mateiros. Não fazia ideia da distância até essas comunidades, como chegar, como partir de lá, o que tinha nesses lugares... Ônibus ali era coisa inexistente. Automóvel, uma raridade. Os quilômetros de terras secas, inhabitadas, desertas, eram infindáveis. A abundância daquela terra árida era humildade e compaixão. Verdadeiro sustento da vida.

Refresquei os pés no ribeirão à boca do vilarejo. Ao meu lado, alguns adultos lavavam roupa nas águas correntes e proseavam. Suas crianças nadavam em ditosa inocência, brincando com as pedras fluviais.

"Some unseen fingers, like idle breeze, are playing upon my heart the music of the ripples."²

1 "Fim da jornada – ainda vivo, neste fim de tarde outonal." Matsuo Basho, [39]

2 "Alguns dedos invisíveis, como brisas ociosas, estão tocando sobre meu coração a musica das

No meio do dia parou uma velha caminhonete, lotada de crianças do Povoado da Mumbuca retornando ao lar. Esses alunos da 5^a à 8^a série haviam passado a temporada de estudos em Mateiros, pois não havia escola após a 4^a série nas pequenas localidades. Era o período de férias, no qual visitavam sua comunidade. Pulei para dentro da caçamba já cheia. O Sol escaldava sobre nossas cabeças desabrigadas, mas uma névoa de alegria refrescou toda a viagem. O povo cantava e dava risada. Solene simplicidade. Soberano, o Jalapão inteiro cintilava em cores rústicas, beleza austera e autenticidade.

Após longa viagem chegamos à Mumbuca, uma das comunidades seculares de raízes africanas que viviam em simbiose com a fauna e flora do Jalapão; os renomados remanescentes quilombolas, iguarias culturais do Brasil. Mumbuca fora a fonte dos saberes recentes sobre o manejo e artesanato do capim dourado. Numa onda recente de integração e acessibilidade, o cultivo e manuseio do capim dourado envolveu todas as comunidades do Jalapão num movimento comum onde essa riqueza jalapônica passou a navegar por todo o Brasil e mundo afora. Carregando a alma áurea daquela terra árida.

As casas espaçadas eram de barro com telhado de palha, envolvidas por matas e quintais. Dona Miúda, conhecida como a mestra do capim dourado, sentava-se num das varandas. Ela havia recebido esse conhecimento tradicional de sua bisavó. Ao longo dos ventos de mudanças recentes, a tradição havia praticamente se perdido.

Os antigos contam que o artesanato do capim dourado tem suas origens nas culturas indígenas que, em outros tempos, ocupara a região. Essa preciosa planta nativa, que brota apenas nas veredas do Jalapão, é trançada em união com a “seda” do Buriti e dessa aliança nasce a cor do ouro. A Mumbuca, integrada por descendentes indígenas e quilombolas, conservou esse saber que foi sendo transmitido de geração em geração. Até que um único fio manteve-se vivo, por onde o conhecimento fluiu chegando à família de Dona Miúda. Esse fio proliferou, lançando filamentos por toda a região e, como uma aranha invisível, trançando todo o Jalapão em uma teia dourada de espírito fraterno, a entrelaçar comunidades, buritizais, culturas e capinzais.

Dona Miúda e sua filha Noêmia¹ contaram parte dessa história:

– O ser humano precisa ter parceria com a natureza, para poder levar a vida de prazer, como ouvir as aves do campo, que Deus deixou pra nós! – disse Dona Miúda – Tem os dois lados: tem que amar a nossa vida e amar a natureza. A gente aprende a respeitar o trabalho, que é a fonte de renda da comunidade, todos estão feliz com o trabalho, que é abençoado. Preservar a natureza.

– Eu me preocupo muito, nasci e criei na minha comunidade e abraço a minha comunidade de coração! – Noêmia contou – E respeito,

ondulações.” Tagore [2]

¹ Noêmia era a Presidenta da Associação de Moradores da Mumbuca.

porque Deus nos deu esse trabalho muito importante. A gente não pode deixar apagar o trabalho tradicional. Tem que ver o que não pode, o que pode, e ativar o trabalho. Por que é um trabalho muito bom e a comunidade se sente feliz. A gente não quer que isso seja um trabalho de qualquer maneira, a conservação tem que ser fundamental nas nossas ideias, do povoado, para que não acabe o capim dourado, a natureza.

– Porque se estamos neste lugar é por que Deus abençoou. Por isso nós seguramos: a minha mãe, que espalhou esse conhecimento pela Mumbuca, e a Mumbuca pelo Jalapão; a minha vó que guardou o conhecimento por gerações, meus ancestrais. Não é me exaltando, deixa que Deus exalte a verdade. Todo os fruto de Mumbuca que tá acontecendo, aumentando os frutos, geração, a gente tá passando pras crianças! Pra levar esse canal.

– Falando que não pode matar, que não pode cortar coisa que dá renda na vida. A gente não pode cortar o capim dourado verde. A semente, coloca ela no campo pra poder produzir amanhã. Entendeu? E o olho do buriti que é matéria prima, também que faz parceria com o capim dourado, não pode judiar também não. Por que o que dá o brilho é a parceria do capim trançada pela palha do olho do buriti. Então precisa dos dois. Se tirou um olho agora nesse meio de junho num lugar, num pé de buriti, já em julho vou tirar de outro pé. Direitinho a gente ensina pras crianças. Porque a minha bisavó, ela ensinou direitinho pra mamãe. A mamãe tá ensinando pras filhas, pros netos, pras noras, pro genro. Eu acredito que é uma ponte muito fundamental. A gente estuda, analisa, pra que não pode terminar o trabalho em judiação, falta de compreensão da comunidade. Porque tá dando fruto, tá dando renda, tá dando prazeres na vida, que antes era muito difícil. Começou minha mãe levando pra Formosa de burro, levava trinta dias. Hoje estamos no paraíso. Reforçou o trabalho, uniu mais as pessoas. Criamos a associação. Hoje Mumbuca tá de parabéns. O trabalho tá divulgado. O estado de Tocantins sabe onde é a origem do capim dourado. Que Deus deixou.

– E hoje continua plantando?

– A roça de toco é parceria com o capim dourado. Continua plantando o milho, mandioca, feijão. Tem as ervas que são os remédio também. Às vezes quando o inverno não firma, hoje tá diferente, se você plantar como antigamente, hoje tá faiando. Antigamente o período de setembro a outubro era chuva certa. Hoje às vezes faia. Aí a semente da roça de toco perde tudinho. Aí torna a plantar pra vê se dá. Ai um ano dá, mas no outro não tem semente mais. Aí o povo tem que compra comida lá na cidade. Aí a gente tem a vida, na parceria do capim dourado com a roça de toco. Tem que ter a garantia do alimento certo. A gente ensina isso pras crianças.

– E aqui tem escola né? Quem são os professores?

– Lá da cidade, de fora do Jalapão. Mas agora tá aqui. Mas as crianças aprendem na escola e na casa dos pais. Faz parceria. Por que esse trabalho de lá, dos antigos que fez conservação, a gente não pode perder não. É uma fonte de prazer há muito tempo. Tem que guardar, bisneto, neto, a semente. A semente tem que ir pra frente.

A criançada passou saltitando pelo terreiro.

– A colheita é uma vez por ano. Mês de setembro. Aí vai uma turma da associação pro cerrado, fica lá colhendo uma semana, duas semanas. Aí a outra turma vai e eles vêm. Vai a terceira turma e assim vai. Aqui na Mumbuca nós somo tudo uma grande família. Aquele que não sabe fazer o artesanato, ele colhe o capim dourado e vende para a associação. A gente também colhe, mas também compra que é pra poder ajudar quem não sabe fazer.

Doce espírito comunitário!

– A gente fez parceria com a ciência para saber se o capim também dava na raiz. – seguiu Noêmia – Levou quase dois ano nosso estudo. E descobrimos. Dá na semente e dá pela raiz também. A sementinha é muito pequenininha mesmo. Quando ele seca fica leve, o vento bate e carrega ele por todo o campo. Lá onde ela bate e cai nasce um flocão da arte do capim dourado. Agora a gente quer fechar o projeto de podê queimá de dois em dois ano. Porque aonde não queima, ele não nasce bonito. Nós faz uma queimada controlada. Tem que tê mô cuidado, mô respeito pra fazê uma queimada controlada, que é pra não sair do aceiro, não chegar nas mata. Pra manter o trabalho. Tem muito lugar, outras comunidades, que não tem conhecimento aí faz a queimada desordenada. Mas nós tamo tentando passá o nosso manejo pra eles.

– E a relação de vocês com os órgãos ambientais? Vocês se dão bem?

– Nuns ponto! Nuns ponto sim e outros não! Por que eles não qué que a gente faça roça de toco. Nosso manejo é derrubar o mato e fazê roça nela dois, três ano. E eis qué que a gente paga imposto. Aí o pobre não da conta não. Foi criado o parque dentro da nossa comunidade sem a nossa consulta. Eles tinham primeiro que consultá os moradô daqui! Para eles, aqui não tem ninguém. Aqui só na Mumbuca tem cento e cinquenta famílias. Pra criar a lei foi fácil, mas pra tirar o parque de dentro da comunidade é muito difícil, demorado. A comunidade aqui tem três orige. Tem origem de quilombola, caboclo e índio. Mas eis (os órgãos ambientais) também ajuda. A manter longe as invasão. Tão acabando com os caçadores de fora. Que tavam matando tudo as caça.

Algumas crianças me convidaram para tomar banho no buritizal. Cruzamos a comunidade até as margens escondidas de um lago cristalino. Minúsculas pedras e seixos brancos brilhavam no fundo transparente, de onde hastes de capim se elevavam para além da superfície, suas pontas finas e curvas balançando delicadas. Os troncos retos e compridos dos buritis emergiam das águas como sentinelas

circundando todo o alagado. Ao alto, suas folhas largas mareavam pela brisa desértica, refletidas abaixo na imóvel película espelhada. Oásis sertanejo.

Os caboclos miudinhos eram a alma desse lago, a brincar em alegre intimidade. Serpenteando pelas águas translúcidas como anfíbios e cobras aquáticas. Havia longas hastes de capim seco caídos pelos cantos. As crianças recolheram-nas e construíram uma jangada efêmera, amarrando grandes montes com capim verde. As águas puras pintaram uma fina película sobre a pele amorenada dos caboclinhos, onde os raios de Sol reluziam, cobrindo-lhes de luminescência. Aos ternos movimentos de suas brincadeiras, tornavam-se estrelas cintilantes.

Preciosos filhos do buritizal. Abençoados anjos da Terra.

"A little child paddles a little boat,
drifting about, and picking white lotuses.
He does not know how to hide his tracks,
and duckweed's opened up along his path."¹

As estradas da região eram tão solitárias quanto seus interiores. Podia passar dias sem nenhum veículo transpassa-las. Eram, sobretudo, guiadas pelo lento e misterioso ritmo jalapônico. Nos dias que se seguiram, um movimento sincrônico de automóveis cruzando pontos e convergindo horários, levou-me por léguas e léguas em desertas estradas de areia aos relicários do Jalapão. De acolhedores casebres rústicos aos ventres do sertão das águas.

Pérolas de infinita riqueza, beleza e receptividade, reluzindo em olho caboco e olho d'água, em capim seco e parede embarrada. Sóis nascentes e poentes fundindo céu e terra nas cores cruas e protuberantes do deserto manancial.

Pureza! Emudeço perante vossa presença
habitando os humildes terreiros nas periferias do mundo .

Cachoeira da Formiga.

Onde o azul de todo o universo culmina no fundo de um lago!

Generoso mar. Deixastes seus sedimentos preciosos no interior do continente antes de regressar ao Oceano. Consolidados em rochas enterradas, aguardaram por longas épocas. Agora afloram à superfície, acumulando-se nos vãos fluviais. No rio da formiga, a cachoeira abriu um lago para acomodar um manto de branco calcário. Criando em suas profundezas a morada do ciano. Neste lugar, a cor do céu resplandece sem nuvens e as estrelas cintilam em suas brincadeiras de jardim de

¹ "Uma pequena criança rema em um pequeno barco, Flutuando pelas águas e colhendo lótus brancos. Ela não sabe esconder seu rastro, e as ervas d'água se abriram pelo seu caminho." Bai Juyi, poeta Chán Budista chinês do século VIII. [40]

infância.¹

Quanto mais fundo o mergulho, sedimentando, penetrando, o azul apura. Como o espaço esférico de um cálice, onde o sumo decanta vivificando sua cor, o vazio no ventre do rio era a vida daquele ciano.

“Juntamos esporas numa roda,
mas é o buraco no centro
que faz o carrinho mover-se.
Moldamos barro em um pote,
mas é o vazio dentro
que segura o que queremos.
Martelamos madeira para uma casa,
mas é o espaço interno
que faz dela uma moradia.
Trabalhamos com ser,
mas não-ser é o que usamos.”²

Fervedouro.

No interior das terras desertas, a natureza esculpira uma piscina circular, rodeando-a com musáceas, primorosas bananeiras, cujas longas e lisas folhas pendiam sobre as águas claras, adornando-as com seu verde aquarelado. Era o Fervedouro, o intransponível olho d’água.³

No centro, uma água puríssima aflorava sempiterna, emergindo das entranhas da Terra. Espumando como champanhe num cálice largo. As correntes ascendiam carregando uma areia fina e branca que provinha das rochas profundas. Recém-renascidas, decantavam formando um leito macio e claro.

Próximo ao centro o chão parecia imóvel. No entanto, em um único passo ele se dissolvia por completo e as pernas sumiam por baixo das areias delicadas, perpetuamente girando.

Quedávamo-nos flutuando, suspensos pelas águas transbordantes.

“Ó Mãe, deixe-me louco com Vosso Amor!
Que necessidade tenho eu de conhecimento ou razão?
Faça-me embriagado com o vinho de vosso amor!

1 Calcário é uma rocha sedimentar com alta concentração de carbonato de cálcio, comumente formada pelo acúmulo de restos orgânicos em meios aquosos, como recifes de corais, conchas, cianobactérias, algas calcárias, entre outros. Ambientes marinhos rasos de águas claras e calmas, como os pretéritos mares internos da região do Jalapão, são favoráveis à proliferação desse tipo de fauna e seu subsequente acúmulo no fundo. Possivelmente, esse foi o contexto que formou os calcários no Jalapão, que agora são erodidos, acumulando como sedimentos arenosos no fundo de rios. O calcário tem a propriedade de elevar o pH das águas, tornando o ambiente mais básico. Essas dinâmicas químicas equilibram as comunidades de micro-organismo, elevando a qualidade cristalina das águas. Essa ação química se combina com a amplitude e profundidade do lago e a brancura do manto de areias calcárias depositadas, criando o azul intenso e puro no fundo.

2 Lao Tze [41]

3 O “fervedouro” é uma nascente onde as águas do aquífero subterrâneo jorram das profundidades à superfície com grande força e volume, num movimento de ressurgência. Devido à pressão hidrostática causada pela formação do relevo e pela intercalação de camadas rochosas permeáveis e impermeáveis. As águas emergem carregando um grande volume de areia fina, com tamanha pressão que nenhum corpo é capaz de mergulhar por inteiro.

Ó vós, que rouba o coração do devoto,
afogue-me profundamente no mar de vosso amor!
Aqui nesse mundo, esse vosso hospício,
alguns riem, outros choram, alguns dançam em alegria:
Jesus, Buddha, Moisés Gauranga –
Todos estão intoxicados com o vinho de vosso amor.
Ó Mãe, quando serei abençoado
em acompanhar suas ditosas companhias.”¹

Gratidão é rama que se expande; que se rega colhe e planta.
Tão natural é a flor da pitangueira; tão natural é a verdade
habitando Sol e poeira.

Onde escondem vossos olhos, senão nos brilhos dessa gente de face
corada?

“Os ricos construirão os templos para Shiva.
O que poderei eu, um pobre homem, fazer?
Meus pés são pilares, o corpo é a capela,
minha cabeça, a cúpula de ouro.

Escute, Ó Senhor Kudal Sangama Deva,
prédios, e mesmo meu corpo físico irão desgastar-se
embora,
Mas minha alma jamais.”²

Impossível se tornara conter em mim o cosmos inteiro.
Despedindo-me daquelas terras, morada da nudeza, viajei com
o povo caboclo num ônibus da prefeitura que prosseguia para uma
reunião em Palmas. Após descidas e abraços, percorri as periféricas
ruas comerciais a largos passos. Derramando lágrimas pelos dedos a
correrem sobre o teclado, enviei aos meus entes queridos as pérolas
do Jalapão:

“Percebo cada vez mais, que parece que quanto menor e mais
apertado o carro, mais gente cabe. E quanto mais humilde e simples
o teto, mais cama sobra. Quando não há interesses, mais dedicado é
o hospedeiro. E o amor, a bondade, quanto mais se oferece, nem que
seja pelo olhar, pelo sorriso, o retorno te surpreende multiplamente.
E assim segue, simbótico, eterno, até que seu coração chega ao céu,
numa terra sofrida, árida e de extrema simplicidade, mas inigualável
em amor e cuidado ao próximo. Sejam conhecidos, desconhecidos,
nativos ou estrangeiros.”

Pelas janelas dos ônibus sucessivos, assisti a lenta transição do
Cerrado para o Pantanal e do Pantanal para a Floresta Amazônica.
Aquelhas longas viagens de ônibus por vezes provocavam cansaço.

¹Kirtan (canção devocional Hindu) – The Gospel of Sri Ramakrishna [22]

²Trecho de um texto dos Vachanas de Basaveshwara, escrituras Hindu do Mestre Basaveshwara. Kudal Sangama Deva é “Senhor dos Rios Confluentes” (Wikipédia)[3]

Nestes momentos, as mãos da saudade apertavam meu coração e os ramos da ansiedade afloravam. Saudades das antigas amizades e também dos novos amigos do sertão que eu deixava para trás, mas que permanecem ainda hoje em meu âmago.

E a cada passo, crescia a vontade de seguir adiante. Pouco a pouco, a saudade ia se transformando. Sendo purgada pela nudeza da vida. Purificada pela chama do amor.

Nas lembranças, as famílias sertanejas desfilaram uma a uma; em seguida, procissaram a família e os amigos de um Rio de Janeiro já distante. Um sorriso nasceu. Como um rio, os entes amados se despediram por trás da curva. Num gracioso a Deus. No chão da estrada – pegadas vazias.

No céu, um amplo azul,
novinho em folha.

"The rustling nightfall strews my gown with roses,
and wine-flushed petals bring forgetfulness
of shadow after shadow striding past.
I arise with the stars exultantly and follow
the sweep of the moon along the hushing stream,
where no birds wake; only the far-drawn sigh
of wary voices whispering farewell."¹

A chama em meu peito abrasou. Dentro de mim, um vórtice nascia, girando, girando. Envolvendo o mundo inteiro. Lágrimas consagradas escorreram de meus olhos. Livres, leves, sem origens nem fins. Olhei pela janela. Erguendo-se ao horizonte – a Chapada dos Guimarães, em silenciosa presença.

"Amor simplesmente acontece ...
Amor é uma súbita ascensão no interior do coração.
Amor é uma inevitável, inobstruível,
ardência por unicidade."²

Alguns dias após deixar Tocantins cheguei ao Acre, na capital Rio Branco. A estrada cruzara grandiosos rios e áreas de mata. No entanto, era visível o desmatamento crescente e a proliferação de pastos onde se criava bois, pequenos sinais da transformação gradual desencadeada por uma sociedade urbano-industrial.

Havia combinado de encontrar três amigas que viajariam de avião

1 "O anoitecer farfalhante borrrifa minha veste com rosas, e pétalas vinho-coradas trazem esquecimento, de sombra após sombra passando, Eu me ergo com as estrelas exultantes e sigo, o varrer da lua pelo córrego silenciador, onde nenhum pássaro acorda; somente o suspiro suscitado distante, de vozes cautelosas sussurrando adeus." Poema "Along the Stream", "Ao Longo do Córrego," de Li Po [42]

2 Amma [45]

do Rio de Janeiro dentro de três dias. Aproveitei esse intervalo para me aventurar pelos seringais. Segui à Xapuri, uma pequena cidade próxima à Reserva Extrativista Chico Mendes, morada do povo seringueiro.

Grandiosos Apuís de raízes entrelaçadas inundavam as ruas com sua presença selvagem. Caboclos de cabelos negros e olhos alongados sorriam em nativa inocência. Da cidade à floresta, tudo respirava vida amazônica.

Amazônia.

Sinto vossa presença lentamente me envolvendo.

Serenamente se infiltrando em minhas veias,

mergulhando ao coração.

Vossa lição guia meus passos.

Amazônia, estou em vossa mão.

Ó Amazônia, sois tão bela! Rios incomensuráveis, Sumaúmas soberanas, Japós de canto imaculado. Vossa floresta de múltiplas faces. Vossas culturas preciosas e singulares.

Quando nascestes? Como vos criastes em tal imensidão? E agora, vossas matas virgens estão a falecer? Queimadas e pastos crescentes, minerações e desertos antropogênicos, aldeias desabrigadas. Quem derruba vossas árvores, quem semeia vossas nascentes? Ó Amazônia, vossas lições permeiam atemporalidade!

Amazônia, sois a Teia da Vida, o equilíbrio perfeito. Sois a seiva da sabedoria, sois o canto do indivisível! Porque permites que lhe cortem vossas árvores?

Ó Amazônia, sois infinitos seres, ou sois vida inteira?

Amazônia, que sois vós? Quem sou eu?

“Não diga que irei partir amanhã
Porque mesmo hoje, ainda estou a chegar.
Olhe profundamente: eu chego em cada segundo
Para ser um botão num galho primaveril,
Para ser um minúsculo pássaro, com asas ainda frágeis,
Aprendendo a cantar em meu novo ninho,
Para ser uma lagarta no coração de uma flor,
Para ser uma joia escondendo-se em uma pedra.
Eu ainda chego, a fim de rir e chorar,
A fim de temer ou ter esperança.
O ritmo de meu coração é o nascimento e morte de tudo que está vivo.

Eu sou uma efeméride metamorfoseando na superfície do rio,
E o pássaro que, quando vem a primavera, chega a tempo de comera efeméride.
Eu sou o sapo nadando alegremente no lago claro,
E também sou a cobra raiada, aproximando-se em silêncio, alimenta-sedosamente o sapo.

Eu sou a criança em Uganda, toda pele e osso,
Meus pés tão finos quanto varetas de bambu
E sou o mercador de armas, vendendo armas letais à Uganda.
Eu sou a menina de doze anos, refugiada em um pequeno barco,
Que se lança ao oceano depois de ter sido violada por um pirata marinho
E eu sou o pirata, meu coração ainda sem ser capaz de enxergar e amar.
Eu sou um membro do politburo, com uma fatura de poder em minhas mãos,
E sou o homem que tem que pagar seu “débito de sangue” para minha gente,
Morrendo lentamente num campo de trabalho forçado.

Minha alegria é como a primavera, tão calorosa que faz as flores desabrocharem em todos os caminhos da vida.
Minha dor é como um rio de lágrimas, tão cheio que preenche os quatro oceanos.

Por favor, me chame pelos meus nomes verdadeiros,
Para que eu possa escutar todos meus choros e risadas de uma vez só,
Para que eu possa ver que minha alegria e dor são um.

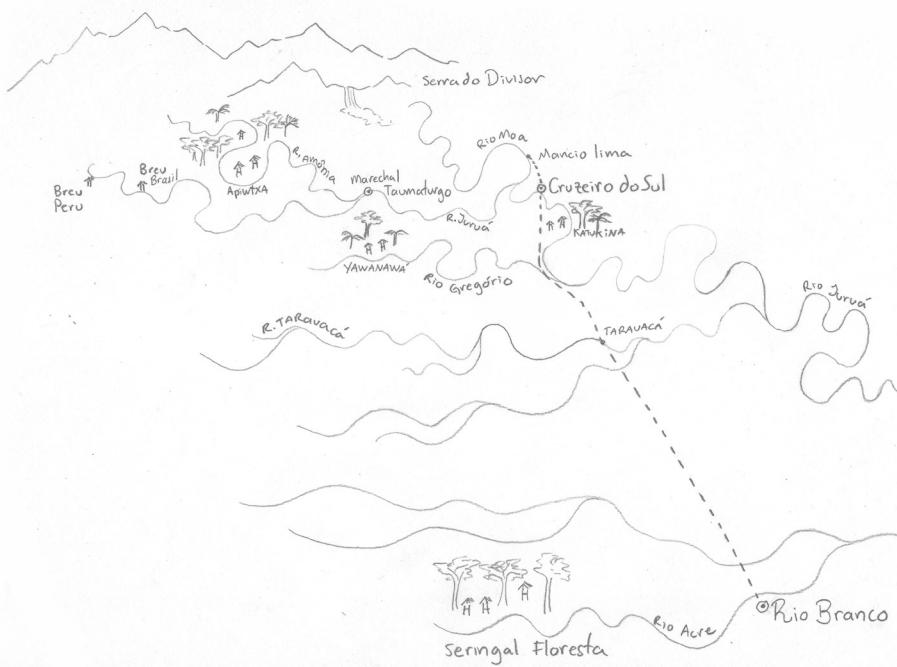
Por favor, me chame pelos meus nomes verdadeiros,
Para que eu possa despertar,
E assim a porta de meu coração possa ser deixada aberta,
A porta da compaixão.”¹

¹ Thit Nhat Hanh, “Call Me by My True Names,” “Me chame pelos meus nomes verdadeiros.” [14]

“Quando a lua cheia surge no céu,
todos os rios e oceanos da Terra ascendem a ela,
por Amor.”

Amma ^[1]

Caminhos Meandrantes o canto da Amazônia



Amazônia

“The great mass of breath is the wind, yet there are times when the wind does not move. When it does move, a myriad of orifices and appendages are aroused to make sounds.

Have you never listened to the sound of the wind in the cavities,
mountains and among the branches of trees?
The wind blows in a thousand different ways,
but each sound is produced in its own way.

What is it that excites all this, and makes each way be itself,
and all these things be self-produced?”

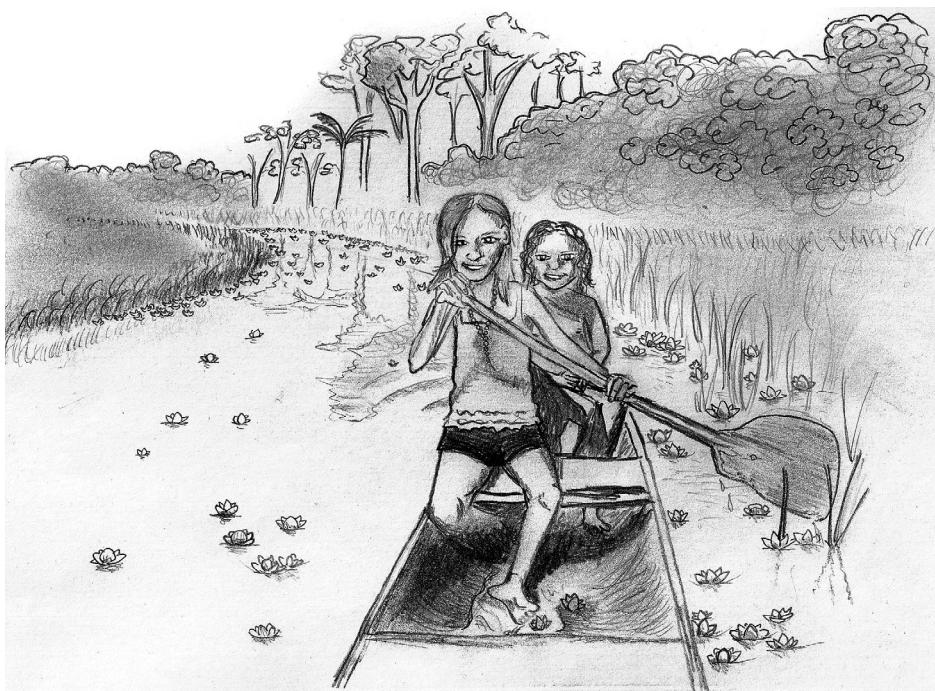
Zhuangzi¹

Itaipu, princípio de inverno, 2013

1 A grande massa do alento é o vento, no entanto há tempos, em que o vento não se move. Quando ele move, incontáveis orifícios e membranas são acordados para criarem som. Já escutastes o som do vento nas cavidades, montanhas e pelos galhos das árvores? O vento sopra em mil maneiras diversas, mas cada som é produzido de sua própria maneira.

O que é aquilo que excita todas essas coisas, e faz cada maneira ser si mesma, e todas essas coisas serem auto-produzidas?”

Zhuangzi, Chuang Tzu, Taoista Chinês, séc. IV [2]



Inverno chegou. Árvores desnudas, Sol arrastado, córregos secos, água escondida em subsolos. A vida se recolhe ao interior. É tempo de poda. O velho se despede, mas o novo ainda não alcançou. Em quietude, a vida espera.

Encasulada em vãos profundos.

Hoje os ventos marinhos cantaram em coro com as ondas do mar e os anfíbios. Seu canto viajando de longe, tão longe. A espuma arrebatando tão branca. "Esperas", diziam. Entre nuvens ciganas as estrelas brilhavam. A Terra girando, pelo cosmo imaculado, ao redor do Sol luminoso.

De longe, tão redonda é a Terra. Lisa e homogênea. Em sua superfície, montanhas e vales, tempestuosos mares e a dança das placas tectônicas. E ao longo das eras? Os ciclos circulam numa infinidade de escadas e esferas. Num simples girar sobre ela mesma, o dia e a noite sucedem. A lua rodando cria as marés. Em volta do Sol gera as estações. E a peregrinação do Sol? Incontáveis galáxias bailando pelo universo.

Meus dedos são curtos para tocar Vossa grandeza. Os olhos, carecem de luz. Pensamentos, fumaça ao vento. Mas como poderia negar aquilo que és tão real para mim, quando me recolho, encolhe adentro, me torno tão pequenina, até atravessar as barreiras transparentes.

Ó Vida! Vossos olhos sempre caem sobre mim. Mesmo quando não lhe vejo.

Onde escondem os seus olhos?
lindos como um lago de águas profundas
refletindo o negro infinito das estrelas.

Noites sem lua, longos invernos, eras glaciais. Quietude sempre precede os novos brotos, irrompendo vitalidade entre as cascas secas e velhas. Primavera, Vós sempre sucede a estiagem da espera.

Chove. Folhas de ardósia gelam meus pés. Cada placa revelando desenhos singulares, expressando uma minúscula parte da história geológica da Terra. Que sabemos sobre seus mistérios? Grãos de areia....

Um único grão de areia, desvelando a face do cosmos inteiro.

"Reflected
in the dragonfly's eye –
mountains."¹

Ó estrelas, como vós nasceste? Como nós, vós também conheces a morte, a infinidável metamorfose. O Universo gira em eterna

¹ "Refletidas, no olho da libélula – montanhas."

Kobayashi Issa, poeta japonês do século XVIII, é um dos quatro grande mestres de Haikai [3]

transformação, velhas gigantes vermelhas explodindo em supernovas,¹ libertando nuvens cósmicas que circulam, circulam, criando novas estrelas.

Como os grãos de areia.

Nosso Sol também nasceu um dia. Entre seus filhos planetários, vive nossa bem amada Terra.

Ó Terra! Que há em seu interior? Fogo cremoso? Um mar de rochas fluidas, deslizando placas tectônicas e criando oceanos?² Vossas mãos unem longínquos continentes, fundindo todos em um, e separando-os em novas formas.

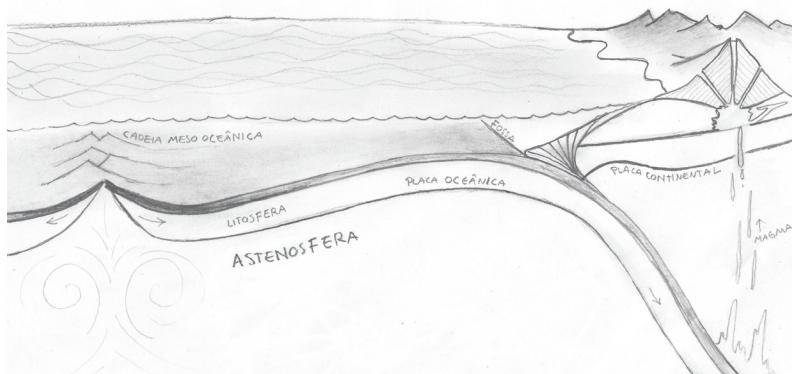
As rochas nascem no ventre da mãe Terra. Lentamente erguendo-se, pacientemente esfriando, formando cristais de quartzo, mica, piritas e jadeítes.³ Quando tocam a superfície, sol, vento e chuva erodem os cristais e os pequenos sedimentos viajam longe, por redemoinhos, rios e mares. As águas lhes esculpem em minúsculas pérolas, grãos de areia. Esféricos como o sol, redondos como a Terra. Por vezes, um grão de areia pode conter as impressões digitais de sua vida inteira. E Tempo Rei, sábio e intocável, cimenta os bilhões de grãos em novas rochas sedimentares. Que se dissolvem, se recriam, se transformam em terra, plantas e homo sapiens. Grãos de areia, permeando a existência.

Ó pequeno grão de areia na beira dessa praia fluvial! Vós que habitas o Rio Juruá, quantas moradas vossa alma já habitou? Quantas vidas passadas? Vós de longas datas, podes me contar a história dessa vossa

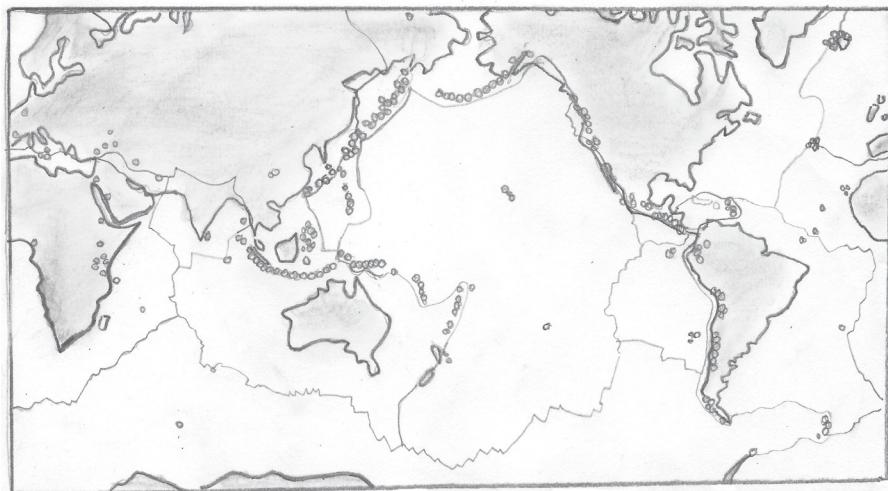
1 Como toda forma de vida, as estrelas passam por sequências de crescimento. “supernova” e “gigantes vermelhas” são fases do ciclo vital de estrelas. Nebulosas são berçários estelares. Imensuráveis nuvens de gás e poeira revolvendo e agregando-se em estrelas e planetas, numa dança de milhões de anos. As estrelas são basicamente compostas por hélio e hidrogênio. A força centrípeta que puxa os elementos para o centro da estrela gera uma pressão que lança os elementos em todas as direções, estabelecendo um equilíbrio. Criando grandiosas esferas emissoras de luz. A fonte de energia da estrela está em seu cerne, onde a todo momento hidrogênio se funde formando hélio. Quando todo o hidrogênio é consumido, a estrela se torna mais clara, maior e avermelhada e começa a fundir hélio em carbono. Ela se torna uma “gigante vermelha.” Por bilhões de anos, a estrela vive como uma “gigante vermelha”, consumindo seu combustível nuclear e liberando suas camadas externas, para formar nebulosas planetárias que circundam o núcleo. Até que lentamente desfalece até se tornar uma “anã branca.” Cada um desses ciclos duram incontáveis bilhões de anos. No entanto, há estrelas extremamente massivas que evoluem por outro caminho. Essas grandiosas estrelas iniciam seu ciclo juvenil com 10 vezes o tamanho do nosso sol. Ao se tornarem “gigantes vermelhas,” a força de gravidade se torna incontável e o núcleo colapsa na mera fração de um segundo, numa gloriosa explosão cósmica. Criando uma nebulosa gigante, berçário de novas estrelas. [4]

2 A Terra é composta por camadas esféricas. A atmosfera é a camada de ar, um invólucro gasoso. Os oceanos, lagos, rios e água subterrânea compõem a hidrosfera. O mundo orgânico e a vida formam a biosfera. A litosfera é a camada rochosa externa que compreende a crosta terrestre e a parte superior do manto, formando o grande quebra-cabeça de placas tectônicas. Essas placas (a litosfera) movem-se sobre as partes mais fluidas do manto (astenosfera superior). Nos pontos de convergência a placa que submerge se move para dentro da astenosfera, a camada abaixo da crosta composta por material rochoso maleável, acomodando-se ao movimento das placas. Em sequência está o manto inferior, núcleo externo e o núcleo interno, o centro da Terra. [5] Veja as imagens da página 160.

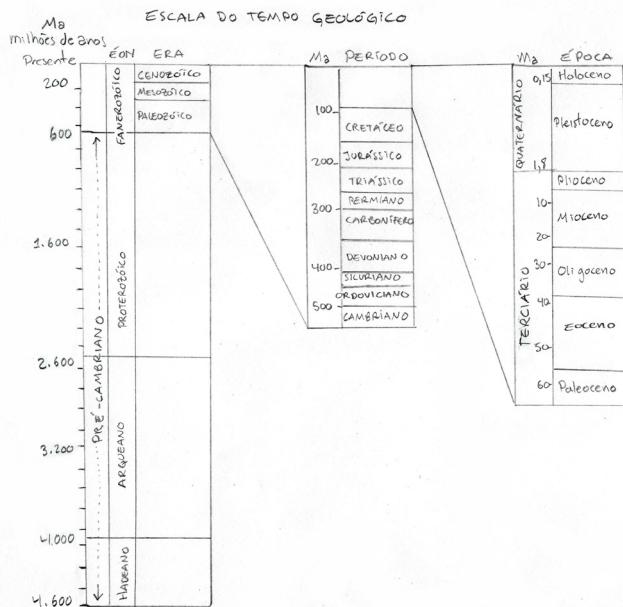
3 Quando o magma no interior da Terra se resfria lentamente, seus componentes se cristalizam em minerais (ex: quartzo, mica, pírita, jadeíte), formando rochas. Assim como os cristais de gelo (um mineral) se formam em ambientes abaixo de 0°C.



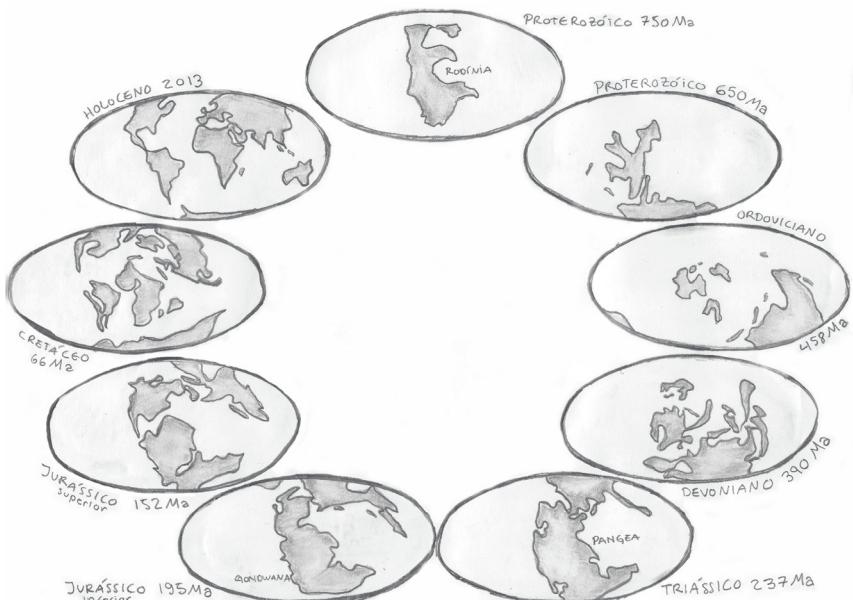
Convergência de placas



Placas tectônicas e o Anel de Fogo do Pacífico



Escala de tempo geológico



Dança dos continentes

grandiosa Amazônia?¹

Ó Rainha da Terra, morada das guerreiras Amazonas, em vossas delicadas membranas, equilibras a vida do mundo inteiro. Desencadeias a estação de chuvas na Patagônia e o congelamento sazonal das calotas polares.² As geleiras, coloridas de azul luminoso, e os ursos polares, tão frágeis às mudanças do clima planetário, se entregam ao cuidado de vossas habilidosas mãos. Capazes de se desdobrarem em incontáveis espécies singulares, trabalhando incessantes em novas tecnologias.

Equilibras a vida, Ó Senhora da Floresta, como as pontas dos pés de uma bailarina, procissando sobre o fio de uma navalha.

Amazônia, o que sois Vós?

“Já que o céu modela-se em uma forma particular, o horizonte existe. Existe a vastidão do espaço, o céu; e existe a vastidão da Terra. (...) Há essa vastidão, mas porque não considerar as menores coisas que estão acontecendo também? Não são mais ameaçadores? O grão de areia é mais ameaçador que a vastidão do espaço ou do deserto; por causa de sua concentração, ele é extremamente explosivo. Há uma gigantesca piada cósmica nesse grão de areia, uma muito poderosa.”³

Chove.

O céu derrama suas bênçãos sobre a Terra. Cada gota entoando sinfonia imemorial. Minha amiga respira, em frente à janela. Suas folhas contentes, imperceptivelmente acariciando o vento. Às vezes tremeluzindo, outras vezes chorando, sorrindo, comungando com o refúgio florestal na Serra da Tiririca.

Ó Serra, vós e seus cumes de pedras Pré-Cambrianas,
rochas tão antigas, anciãs de nossa Terra.

Árvores são conhecidas como as grandes anciãs vivas do nosso planeta. Matusalém é um pinheiro Bristlecone que mora nas montanhas brancas da Califórnia. O segundo organismo singular vivo mais antigo de nossa Terra. O primogênito guarnece a mesma montanha há 5063 anos.

E as rochas cristalinas da serra? Quando nasceram? Essa chuva que cai do céu cria minúsculos laguinhos na superfície da terra e germina sementes no subterrâneo. Há eras e eras atrás, tempestades intermináveis geraram os oceanos primordiais, iniciando a dança dos mares e ilhas, a dança das placas tectônicas.⁴

1 Há sedimentos na foz do Amazonas com a “impressão digital” de suas origens nos Andes. O rio Juruá é um grandioso rio na Amazônia acreana, com diversas praias fluviais.

2 Estudos recentes observam a influência do sistema amazônico na regulação das dinâmicas hídricas e climáticas em todo o planeta. Um dos exemplos observados foi a influência da Amazônia nos regimes de chuva da Patagônia, o extremo sul do continente Sul Americano.

3 Chogyam Trungpa Rinpoche [6]

4 “A Terra teria tido o início da sua formação há aproximadamente 4,6 bilhões de anos (...)

Os crátons são as porções rochosas mais ancestrais de nossos continentes.¹ Repousando ao centro das placas tectônicas, os crátons viajam pelos mares; se unem em concílio; se dispersam aglomerando ilhas vulcânicas e expandindo suas periferias; e se juntam novamente. Nas margens as placas tectônicas brincam entre si, criando e dissolvendo: convergem soerguendo imperiosas montanhas como o Himalaya e os Andes; se soltam abrindo espaço para a emergência de novas placas oceânicas; irrompem em veios e vulcões, sangrando o fogo da vida nova; submergem dissolvendo no manto. O âmago das placas continentais, o embasamento cristalino ancestral, permanece em quietude, guarnecedo a história geológica da Terra. As raízes rochosas da Amazônia formam o cráton ancestral de nosso continente sul americano.²

Na era presente, nossa ancestral amazônica é também a maior guardiã da megabiodiversidade da Terra. As escrituras encravadas em suas entranhas, registrando a longa jornada pelos nascimentos e mortes de diversos continentes, desvelam um pouco dessa misteriosa riqueza biogenética, inigualável entre os ecossistemas do polo norte ao sul.

A chuva se despediu.

Pela janela, minha grandiosa amiga oculta o céu invernal com sua copa umbrosa. À esquerda, o azul é tão lindo e claro. Extensas manadas de nuvens passeiam sobre as serras. Longe viajam. O vento, tão delicado e invisível, força invencível, desliza as nuvens por todo o globo atmosférico.

Imperceptível, seu irmão o fogo revolve nas correntes térmicas do manto subterrâneo.

Ainda no Pré-cambriano, há 1 bilhão de anos, as correntes magmáticas formaram o supercontinente Rodini. Todos os núcleos

através de várias nuvens de gás e poeira em rotação, que deu origem ao nosso Sistema Solar. A vida começou na Terra há pouco mais de 3,5 bilhões de anos, no período Arqueano, pois se são encontrados vestígios de vida nesse período, sua formação deve ser, necessariamente, anterior. No começo, tudo no planeta Terra era uma rocha derretida, que depois de algum tempo, se solidificou e formou a superfície terrestre. Naquela época havia muitas erupções vulcânicas, e por essa razão, a atmosfera da Terra era composta de vários gases, principalmente o oxigênio, hidrogênio e carbono. Houve um grande período de chuvas, que durou milhões de anos, e as partes de terra que ficaram emergentes formaram os continentes." Wikipédia [7] Veja as imagens da página 160.

1 "Crátons (do grego: "força") são porções bastante antigas da crosta continental, tendo se mantido relativamente estáveis por no mínimo 500 milhões de anos, fato que os caracteriza como terrenos Pré-Cambrianos. Por estabilidade entende-se que estes se mantiveram preservados e foram pouco afetados por processos tectônicos de separação e amalgamação de continentes ao longo da história geológica da Terra." Wikipédia [7] Crátons são normalmente encontrados no interior das placas tectônicas, longe das bordas onde ocorrem as atividades tectônicas intensas como erupções vulcânicas e terremotos.

2 "O cráton amazônico forma o núcleo mais antigo do continente sul-americano, e é dividido pela bacia amazônica em duas partes, o escudo da Guiana ao Norte e o escudo Guaporé (ou escudo brasileiro central) ao sul. O cráton amazônico é a fonte da maioria dos sedimentos intra - e pericratônico das bacias sedimentares, e sedimentos cratônicos tem frequentemente uma impressão digital de proveniência específica (como os oriundos dos Andes por exemplo)." Wikipédia [7]

ancestrais dos continentes de hoje, os crátons, conjugaram. Seguiu-se a procriação. As periferias das placas pariram novas ilhas vulcânicas. Os continentes se dispersaram, amalgamando os novos descendentes, crescendo, desgastando, deslizando pelos oceanos. E os oceanos criavam longos membros, se aventurando pelo interior dos continentes, criando os rios mares interiores, e se recolhendo novamente em suas profundidades.

No Período do Permiano, todas as terras convergiram ao Polo Sul num novo supercontinente. Pangea.¹ Nossa ancestral Amazônica beijando o cráton Oeste Africano, companheiros de longas eras. A vida pioneira já proliferara pelas superfícies, amaciando e enverdecendo o mundo emerso. Pelas planícies e planaltos sem fronteiras marinhas, insetos, anfíbios e répteis perambulavam. A fauna e flora das terras diversas se entrelaçaram, reproduzindo-se pelo vasto interior do continente. A vida evoluía.

Pangea iniciou seu parto, lentamente desmembrando. Laurásia subia ao norte; Gondwana mantinha-se ao polo, unindo África, América do sul, Índia Antártica e Austrália, com seus núcleos cratônicos no interior e suas bordas já bem desenhadas. O entrelaço se aprofundava e os organismos se aprimoravam. As aves ergueram-se aos céus. A vida manifestava sua complexidade nos pequenos mamíferos pioneiros. Os mares infiltraram entre as margens das placas, nasciam os novos oceanos. Os parentes se dispersaram entre os continentes migratórios, navegando pelo globo, modelando-se aos climas e morfologias que transformavam a Terra. A vida se especializava.

No cretáceo o Oceano Atlântico se abriu, América do Sul e África se despediram. Uma cadeia montanhosa erguia-se na costa juvenil (atlântica). Os rios nasciam no leste, percorriam todo o cráton amazônico e desaguavam no Oceano Pacífico ancião. As placas da América do Sul e de Nazca se aproximavam. O clima do globo seguia seus ciclos de aquecimento e glaciações, gerando sequências onde os mares se elevavam e abrandavam sucessivamente. Mais uma vez, a ancestral amazônica abriu seu ventre aos mares. As jovens águas atlânticas serpentearam entre as muralhas primordiais de rocha cristalina, ao norte e ao sul do cráton; deslizaram ao interior do continente e transcorreram a costa ocidental, mergulhando no imenso e ancião Pacífico. Os oceanos comungaram. E a vida marinha proliferou.

As águas marinhas iniciaram um novo ciclo de migrações, se aventurando pelas terras baixas e recolhendo-se sucessivamente. Depositando no Jalapão os grãos que formariam os arenitos e as grandes dunas douradas; preenchendo o fundo de bacias sedimentares e moldando ambientes em contínua transformação. Essa intensa mutação tocou a vida aquática e terrestre, que cambiava junto com os ecossistemas. Mudança semeava biodiversidade.

1 Veja as imagens da página 160.

Até que os mares se refugiaram num longo recolhimento. Nossa ancestral amazônica permaneceu emersa, com seus dois ventres ao centro, as bacias sedimentares Solimões e Amazonas, guarnecididas pelas grandes muralhas pétreas, Guiana ao norte e Guaporé ao sul. Onde as duas bacias sedimentares se tocavam, uma cadeia se erguia como o novo divisor de águas, o Arco de Purus, no centro da Amazônia. À leste, os rios corriam ao novo Atlântico. À oeste, desaguavam no velho Pacífico. Mas nem rio, nem montanha, nem estrela perduram pelas mãos do Tempo. Impermanência é a alma das formas.

Lentamente, a montanha deságua no mar. E o mar, um dia será engolido pela nossa estrela central. Junto a todas as coisas na Terra. E já não haverá mais distinção entre dia e noite.¹

Na lenta convergência das placas tectônicas, a borda de Nazca submergia às esferas subterrâneas, afundando sob a América do Sul.² Dissolvendo no manto incandescente. Na crosta continental, a monumental cadeia Andina nascia, elevando seus cumes ao céu. Criando a futura morada de gloriosas culturas.

Os Andes subiam margeando a costa. Os rios que desciam as serras do arco de Purus, fluindo ao pacífico, não mais alcançaram o oceano. Todas as águas da grande bacia confluíram ao vão entre as duas cadeias rochosas. Envolvidos pelas novas montanhas, sem ter para onde escorrer, os rios congregaram-se em imensos lagos, inundando vastas áreas do continente. Ilhas e pântanos entremeavam os ambientes lacustres. As delicadas mãos da natureza especializavam ainda mais a vida na Terra.³

A água seguiu convergindo, conservando energia, crescendo, até que, incontável, erodiu as cadeias à leste. Um imenso rio nasceu, as águas se libertaram. Reencontrando a fonte após longo retiro no interior das montanhas.

Sois infalível, Ó Senhor do Tempo. Todos os rios desaguam no oceano.

Os caminhos hídricos foram se aprimorando. A água foi moldando a Amazônia com seus veios entrelaçados e grandiosos rios meandrantes. Lentamente peregrinando pela magnífica floresta equatorial, enfim dissolvendo no mar. Igarapés, florestas de terra firme, várzeas e igapós foram esculpidos entre as duas muralhas ancestrais, Guiana e Guaporé. Na cabeceira: os Andes, cada vez mais alto, alimentando a planície com

1 As estrelas também têm infância, juventude e fase adulta. Nascimento e morte. Como tudo, estão em constante transformação. Em bilhões de anos o Sol do nosso sistema solar tornar-se-á uma “gigante vermelha”. Seu crescimento lentamente englobando as órbitas dos planetas.

2 A litosfera oceânica é mais densa que a litosfera continental, por isso a placa de Nazca penetra em direção à astenosfera, dissolvendo no manto. A placa continental desliza sobre a litosfera oceânica e a pressão entre as duas provoca a emergência de cadeias montanhosas ao longo da linha de contato. Veja imagens na pg. 160.

3 Acredita-se que há mais de 10 milhões de anos atrás, um complexo sistema de rios, lagos, ilhas e pântanos abrangiam mais de um milhão de quilômetros quadrados no lugar onde hoje é a Amazônia ocidental. Hoje as características da fauna, flora, geomorfologia e geologia da região guarda indícios da existência desse sistema de lagos. Acredita-se que essa é hoje uma das áreas mais biodiversas da Amazônia.

seus minerais.

E a água segue seu caminho amazônico, modelando mundos. Paciente, vigorosa, insondável. Equilibrando a Terra inteira, em cada grão de areia.

"Nada no mundo é tão macio e concedente quanto a água, no entanto, nada pode melhor superar o rígido e o forte, pois eles não podem nem controlar nem precedê-la."

Tao Te Ching^[8]

"(o Tao) é como água, que sempre mantém equilíbrio.

A força exercida é como uma majestosa catarata.

Quando é gentil, é como uma nuvem flutuando."^[9]

"A força absoluta é a não-força, é sem forma, como a água {Tao Te Ching}. Água é indispesável a todos.

No entanto, água submete sua forma a tudo.

Se encontra uma pedra ou uma montanha no caminho, ela faz uma curva para contorná-la.

Chegando à um buraco na estrada, ela o preenche.

A água segue a maré, nunca a contraria.

Isso é uma atitude de vida, reconciliando si mesmo com o ambiente."¹

Inverno alcançou o hemisfério sul. As plantas conservam sua seiva nas raízes. As rosas escondem suas flores. Os raios de sol se tornam tão curtos, se encolhem por trás das montanhas. Mas é na longa escuridão da noite invernal que a natureza desabrocha seu branco esplendor, exalando o mais doce perfume. É a estação das flores brancas, as misteriosas damas da noite. Jasmim, pata de vaca, lírio aranha, bieiteiro, alfeneiro, embriagam os passeios noturnos pelas ruas desertas. E a humilde dracena, com suas folhas longas, largas e lisas, intoxicando a atmosfera ao fundo do quintal com sua fragrância divina. É tempo de contemplar o mundo interior, na negra quietude do inverno.

Cada estação com sua beleza. Com seus profundos ensinamentos. A natureza nos guiando pelo caminho meandrante dessa imensa teia da vida.

Escalando a montanha da evolução, a vida na Terra passou por terrenos íngremes, rodeados de câmbios drásticos. Nas curvas sinuosas das mudanças ambientais, muitas espécies despencaram pelos precipícios, regressando aos estágios iniciais, progredindo a uma nova fase. Como na curva do meteoro que a Terra atraiu, num ligeiro adeus ao mundo dos dinossauros, e num lento olá à evolução da megafauna mamífera. As grandes extinções em massa abrem amplos espaços. A

¹ Professor Fu Pei-Jung, departamento de filosofia, Universidade Nacional de Taiwan. [9]

vida evolui em saltos.¹

Assim como o inverno, ciclos de glaciações cobriram a Terra ao longo das eras. A vida se encolhia e o vazio expandia. Na Amazônia, a floresta passou por inúmeras fases, cobrindo vastas e contínuas áreas no continente, do norte às altas latitudes, e recolhendo-se em “refúgios,” pequenas ilhas ao longo dos rios e montanhas, quando as glaciações avançavam e o cerrado reinava no clima mais seco. A Terra girava, os ciclos seguiam, e o clima novamente esquentava. O gelo retraía, o cerrado encolhia-se em pequenos refúgios, ilhas secas, e a floresta pluvial se ampliava para além das planícies amazônicas, em terras de alto calor e umidade.

Essas pulsações periódicas contribuíram para a maior diversificação da fauna e flora. Refugiadas em ilhas num mar de cerrado, a vida se especializava aos pequenos ambientes. Quando o clima mudava, as novas espécies se expandiam, interagindo com os parentes distantes, primos de incontáveis graus.

Durante o Plioceno, uma estreita ponte surgiu ligando as duas Américas, o Istmo do Panamá, e as espécies migratórias dispersaram entre ambos os continentes.² As onças, elefantes, cavalos, antas, mastodontes desceram ao sul, preguiças, tatus e roedores subiram ao norte. Os novos habitantes se uniram às infinitas mãos esculpindo o ecossistema amazônico. Herbívoros podavam as folhas macias; roedores enterravam castanhas; aves dispersavam sementes; os grandes carnívoros balanceavam os comedores de flora e fauna; rios formavam “ilhas” especializadas; ventos e águas espalhavam e semeavam: fios convergentes teciam uma teia complexa e delicada, profundamente enraizada em sua inigualável biodiversidade. Incrivelmente resiliente na força confluente de seus múltiplos entrelaços. O glorioso Sol iluminava a evolução de uma imensa Vida. Amazônia.

E uma nova mão escultora nasceu, proliferação da própria natureza. *Homo culturalis* era mais uma membrana da Amazônia auto-criadora.

“Resiliência é o Tao em ação,

Vulnerabilidade é o Tao em expressão.

A infinidade de elementos no universo são concebidos pela

1 Uma das teorias de extinção dos dinossauros supõe que um gigantesco meteoro atingiu a Terra criando drásticas mudanças ambientais que causaram a extinção desses répteis gigantes. Subsequentemente, os mamíferos seguiram evoluindo e surgiu a “megafauna” do pleistoceno, por exemplo a preguiça gigante, mamute, cavalos e outras espécies que conviveram com o homo sapiens. Muitas espécies da “megafauna” naturalmente se extinguiram no final da última glaciação, na transição do pleistoceno ao holoceno, de 9.000 a 13.000 anos atrás.

2 “O Grande Intercâmbio Americano (...) foi um importante evento paleozoogeográfico no qual a fauna terrestre e de água doce migrou da América do Norte através da América Central para a América do Sul e vice-versa, quando o Istmo do Panamá se formou e uniu os continentes antes separados.” Wikipédia [7]

Exemplos de animais que migraram da América do Norte à América do Sul: onças, ursos, cães selvagens, antas, cavalos, porcos do mato, mastodontes (elefantes primitivos) Smilodon (Tigre-Dente-de-Sabre); Alligatorines; Camelídeos (llama, etc..). Exemplos de animais que migraram da América do Sul à América do Norte: Glyptodon, parentes dos armadilhos; Capivaras; Beija-flor (Trochilidae); Megalonichid, Preguiça Gigante (Megalonyx), e alguns roedores. [10]

existência,
Existência é concebida pela inexistência.”¹

Em 1541, um aventureiro espanhol subiu as águas do misterioso Amazonas.² Quando voltou, o que ele relatou permaneceu guardado na história como lendas sem fatos. Seus olhos testemunharam civilizações avançadas, cidades reluzindo em branco e terras de imensa fertilidade. Quando os portugueses, nos séculos posteriores, penetraram a Amazônia, não encontraram nenhum sinal dessas antigas civilizações complexas, além de tribos indígenas itinerantes, compostas de famílias congregadas. Onde estavam essa vasta cultura amazônica quando os europeus penetraram novamente? Os cientistas propõem que a população morreu pelas doenças que migraram nos navios dos outros continentes e a mataligeira cobriu o passado. Mas há também quem diga que, ao observar a chegada dos europeus e prever os acontecimentos posteriores, o cerne da civilização se refugiou em lugares isolados. Onde seus descendentes perpetuam até hoje os saberes de uma cultura amazônica milenar.

Na década de 1970 um geógrafo brasileiro sobrevoava o estado do Acre quando descobriu geoglifos na Amazônia. Desde então, vários geoglifos foram avistados em terras desmatadas na região. Suas origens são datadas entre o ano 0 e 1250.^[7] A floresta resguarda seus saberes íntimos, lentamente revelando-os aos corações receptivos. Recentemente, diversos pesquisadores têm encontrado na região sinais de antigas civilizações consideravelmente mais complexas do que fora relatado pelos viajantes pioneiros. Sinais de culturas cuja organização social não se supunha ter existido na Amazônia virgem: redes complexas de comunicação e transporte, lagos e canais fluviais antropogênicos, cidades centralizadas, montes, grandiosos cultivos suspensos e outras evidências encobertas pela vegetação e rios.

Cientistas como estes descrevem o ecossistema mais biodiverso do planeta como sendo, também, amplamente modelado por culturas do homo sapiens. Mais uma espécie, simples membrana junto a miríade de seres que habita a floresta, movendo grãos de areia. Respirando uníssonos, a Vida Amazônica.

1 Tao Te Ching [11]

2 Quando Francisco de Orellana desceu o atual rio Amazonas em busca de ouro em 1541, rumo aos Andes, o rio era chamado de rio Grande, Mar Dulce ou até mesmo rio da Canela, por causa das grandes árvores de canela existentes ali. Entretanto, o principal nome dado ao rio era rio das Icamiabas. As Icamiabas eram mulheres guerreiras indígenas, resistentes aos colonizadores. A resistência vitoriosa das Icamiabas contra os invasores espanhóis foi tão relevante que o rei espanhol Carlos V tomou conhecimento do fato por narrações. Elas passaram a ser chamadas de “Amazonas,” inspirado nas guerreiras hititas. Amazonas é o nome dado pelos gregos às mulheres guerreiras. (...) a raiz comum da palavra Ama para a sociedade matriarcal ainda existente na China, no povoado de Moso, cujo significado é mãe, na língua local dos mosos; a palavra ainda encontra a mesma raiz no norte da África, onde também o matriarcado existiu e os quais se auto denominavam amazigh. Por esta razão, a antiga palavra Ama tem o significado de Mãe no sentido mais estreito; no sentido figurativo denomina cultura matriarcal.” Wikipédia [7] No sul da Índia, Amma também é a palavra para designar mãe na língua Malayalam do estado de Kerala, tanto no sentido biológico, quanto no tratamento à mulheres respeitáveis, santas e à Mãe Divina.

Quando um investigador mergulha integralmente no universo observado, as fronteiras entre sujeito e objeto se dissolvem. A verdade se colore de transparente, mergulhando no coração do observador, que desaparece. Permanece solamente a observação imaculada.

"(Yeshe, ou sabedoria) é completa e real compreensão auto-existente." (...) "Estamos falando aqui de verdadeira percepção, livre de conceitos. Nada obstrui o caminho. Tendo desenvolvido aquela habilidade, tendo entrado nessa nova dimensão onde você é capaz de lidar com situações diretamente, você vê o mundo como ele é; e esse mundo-como-ele-é se torna mais e mais complexo. Tantos ramos estão se ramificando em todos os lugares. Ao mesmo tempo, dentro dessa complexa instalação do mundo, simplicidade também se apresenta: todos esses elementos da complexidade se ramificam a partir de uma raiz. A apreciação disso é a percepção do espectro da mandala. Essa apreciação, pode-se dizer, é curiosidade no sentido fundamental – a real, verdadeira curiosidade; curiosidade absoluta.

Quando você está absolutamente curioso em relação a algo, você se perde. Você se torna completamente parte do objeto. Isso é parte do que se entende por "liberar."¹

O Sol da tarde permeia as folhas da grande árvore com luz áurea. De longe ela parece 'uma' mas quantas comunidades inumeráveis habitam essa grande morada? Maracujá, heras e outras trepadeiras; cactos bromélias e outras epífitas, pássaros e lagartos; aranhas, formigas, besouros e outros insetos; a fauna do solo, as espécies do tronco, a flora da copa. Cada população em seu habitat, compondo a grande árvore.

A Amazônia também é um mosaico composto por múltiplas florestas. Um coração, pulsando num universo de jardins singulares. Infinitas mãos trançando a grande teia da Vida.

Ecossistemas internos que concentram famílias de plantas específicas, como os açaizais, tabocais, buritizais e castanhais, muitas vezes são frutos do elaborado manejo agroflorestal intrínseco às culturas antigas.² Quando uma área era aberta para cultivo agrícola, árvores especiais eram mantidas, como frutíferas, medicinais, religiosas e madeiras de construção. O material orgânico podado alimentava a fertilidade do solo e junto ao algodão, mandioca, inhame e outras plantas arbustivas, espécies arbóreas eram semeadas e transplantadas, como palmeiras, cacau e cupuaçu. Após o ciclo curto dos tubérculos, a área crescia em abundância de alimento, medicina e madeira. Amplos jardins agroflorestais eram gerados, concentrando espécies de alta

1 Chogyam Trungpa Rinpoche [12]

2 "(Os indígenas) desenvolveram grande manejo da floresta, respeitando sua singularidade, mas ao mesmo tempo modificando o habitat para estimular aqueles vegetais úteis para o uso humano. As florestas de cipó, os conglomerados de castanheiras e palmeiras, por exemplo, e as famosas "terras pretas dos índios" remetem esse trabalho. (...) como diz o antropólogo Viveiros de Castro "a Amazônia que vemos hoje é a que resultou de séculos de intervenção social, assim como as sociedades que ali vivem são o resultado de séculos de convivência com a Amazônia" Leonardo Boff [13]

riqueza. Aves e mamíferos confluíam às novas moradas exuberantes, entrelaçando e proliferando biodiversidade.

A fertilidade dos solos na Amazônia se conserva apenas nas finas camadas superficiais. Tempestades e aguaceiros ligeiros lavam os nutrientes do solo continuamente, dificultando a formação de reservas subterrâneas. A vegetação monumental evolui alimentando-se de si mesma, numa eficiente reciclagem de matéria orgânica e produção de humus. As plantas doam toneladas de folhas e galhos ao solo, colônias inumeráveis de insetos e micro-organismos transformam tudo em terra e as micorrizas, uma simbiose entre fungos e raízes vegetais, gera uma absorção de nutrientes ágil e diligente. Em sua integridade, a Amazônia compõe uma tecnologia sustentável que resulta na floresta mais ampla, densa e biodiversa do planeta.¹

Entre os vastos solos vermelhos de baixa fertilidade, ilhas de terra preta riquíssima se escondem sob a mata. São as “Terras Pretas de Índio.” As civilizações antigas manejaram os solos por gerações e gerações com tecnologias “amazônicas.” Essas culturas ancestrais geraram verdadeiros organismos vivos, solos negros profundamente férteis que sustentam e reproduzem-se naturalmente, morada de micro-organismos benéficos. Após um mínimo de 5 séculos, essas Terras Pretas de Índio, néctar de agricultores, permanecem em elevada fertilidade e resiliência. Vida em sublime tecnologia, co-criação de infinitas membranas da Floresta.²

Ó evolução planetária, quais são vossas fronteiras?

Hoje contemplei vossos olhos nas estrelas ofuscantes do céu. Branco, azul e vermelho, cintilando ludicamente. Abrindo sorrisos e unindo mãos em prece, saciando minha garganta seca.

Cósmicas ancestrais. A luz de nosso Sol se alimenta de que?

Ó Mãezinha Terra que sustenta meus pezinhos e assopra minhas asas. Não é nossa própria fonte de vida que cintila nas estrelas?

E qual é a fonte da luz primordial? É vosso licor embriagando essa noite enluarada? Esse amor suave pulsando em meu peito? Chuviscando lágrimas profundas que reluzem as estrelas. Orando pelos irmãos de garganta seca.

Serena Rainha da Floresta, derrame vossas águas abençoadas sobre

1 “Antes de se falar de desenvolvimento, importa falar da sociedade, defesa de toda a vida e promoção de qualidade de vida humana. a sustentabilidade precede do campo da ecologia. A sustentabilidade dá conta do equilíbrio dinâmico e auto-regulador (homeostase) vigente na natureza graças à cadeia de interdependência e complementaridade entre todos os seres, especialmente aqueles que vivem de recursos permanentemente reciclados, e, por isso, indefinidamente sustentáveis. A Amazônia é o maior exemplo desta sustentabilidade natural. Devemos aprender da tecnologia e da sustentabilidade da natureza. Esta economia da natureza deve inspirar a economia humana que participa, então, da sustentabilidade natural.” Leonardo Boff [13]

2 Uma vez estabelecida, a “Terra Preta de Índio” é uma entidade viva que pode se sustentar e reproduzir a si mesma. (Woods, William I., and Joseph M. McCann. 1999) [14]

toda a Terra. Ó Gaia, deslize vossas mãos infinitas, acariciando sua incrível variedade de seres.

Minhas palmas estão abertas. E mesmo quando esse corpo se transformar em terra, seu sangue não conhecerá fronteira.

Vida fluindo pelas veias de uma imensa teia.

“A essência de “sabedoria louca” é que você não tem mais nenhum programa estrategizado ou ideias quaisquer. Você está simplesmente aberto. O que quer que (se) apresente, você simplesmente reage de acordo. Isso é continuamente científico no sentido de que isso está continuamente em acordo com a natureza dos elementos.”¹

O Sol da manhã pinta as folhas com tinta translúcida. Nas coroas, o orvalho dança, evaporando ao nada. A passarada canta, chacoalhando chuviscos cintilantes. Transparente, a água viaja pelas árvores, pelos ares, pelos pulmões e mares, pelos subterrâneos, unindo todas as esferas da vida.

Dos cinco elementos que compõem o universo inteiro, água resguarda a essência e a energia da união. Abluções diárias em rios e mares permeiam as práticas religiosas de diversas religiões, num gesto de comunhão com o Divino. Água benta e batismos com água são outras facetas desse elemento conciliatório. A cada ano, milhões incalculáveis de peregrinos são atraídos de vastas regiões do continente asiático, e de todos os cantos do mundo, às margens do rio Ganges² na Índia, para banhar em suas águas sagradas.

O Ganges nem sempre correu pela Terra. Houve tempos em que Ganga Devi era um rio celestial, como relatado no Bhagavata Purana: há longas eras, uma pequena gota de água do Oceano Primordial penetrou o universo e fluiu como Ganga, permanecendo em Brahma loka por um longo tempo. Muitos séculos posteriores, Maharaj Bhagiratha realizou anos de severas tapas para que Ganga descesse dos céus e santificasse seus antepassados desencarnados. Ainda hoje ela sacia a sede e a fome de milhões de filhos da grande Bharata, fluindo de sua fonte nas esferas superiores.³

1 Chogyam Trungpa Rinpoche [6]

2 O Rio Ganges é um grande rio que nasce nas montanhas dos Himalayas, percorre vastas planícies indianas e deságua na baía de Bengala, onde a confluência do Ganges, Jamuna e Megha formam o maior delta do planeta. E as águas seguem ao Oceano Índico. O Ganges é o rio mais sagrado dos Hindus e também a fonte de vida de milhões de comunidades indianas que habitam suas margens, cujas atividades diárias são profundamente entrelaçadas ao rio. A bacia do Ganges é a bacia hidrográfica mais populosa do mundo. O rio é carinhosamente chamado pelos indianos de Ganga Devi, Mãe Divina Ganga

3 Brahma loka é o mundo celestial da divindade Hindu Brahma. Tapas são austeridades. Bharata é o nome ancestral da Índia. O cultivo de arroz nas margens e planícies de inundação do Rio Ganges é milenarmente uma das maiores fontes de alimento e sustento das populações indianas. Durante as monções, a estação das chuvas, o Ganges carrega uma enorme quantidade de sedimentos do Himalaya e outros altiplanos, depositando os nutrientes nos campos de arroz. O Ganga é

Rios celestiais. A Índia resguarda uma incrível habilidade de integrar arte, religião e ciência. Sabedoria nasce como uma criança a desvendar o mundo. Os sábios abrem uma pequena fenda por onde a inocência primordial, a mente investigativa que mira o mundo maravilhada, se liberta e envolve a realidade com seus membros, recolhendo-se ao interior para contemplar os mistérios da existência.

Há um rio celestial correndo sobre a Amazônia que a ciência moderna tem chamado de "rio voador."¹ Entre os múltiplos serviços ainda não desvelados pela sociedade do século XXI, a Floresta Amazônica, além de sustentar seu próprio ciclo hídrico, é uma grande membrana equilibrando o caminho das águas nas altas e baixas esferas, o ritmo de chuvas e a umidade, no globo inteiro. Em sua maternidade universal, ela sacia a sede de incontáveis seres.

Quando os aguaceiros despencam dos céus as árvores amaciaram a queda com suas folhas, seus galhos guiam as correntes de água ao tronco, onde elas deslizam infiltrando camadas profundas do solo pelas raízes. Sua copa protege o solo dos raios solares, preservando o líquido da evaporação imediata. As árvores equilibram a água das chuvas enquanto elas caem, evitando inundações e escoamento instantâneo, o que lavaria embora todo o solo superficial. Equilibram a umidade ao longo das estações, conservando água no solo e circulando-a pela atmosfera através da evapotranspiração,² gerando chuvas regulares. Metade das chuvas que caem na Amazônia é formada pela evapotranspiração, alimentando solos e rios na época da seca.

Equilibram o ciclo da água que permeia todo o planeta.

"Não é a ação da natureza, como o esticar de um arco?
O alto, ele puxa para baixo; o baixo, ele puxa para cima;
Ele tira do que está em excesso
a fim de fazer bem do que é deficiente.
Quem pode pegar o que se tem em excesso e oferecer aos outros?"³

Quem sois vós que conduz as águas do planeta?

No silêncio dessa noite escuto meu coração palpitando. Bombeando água, circulando sangue pelas veias nas entradas desse corpo. Posso ouvir meu coração, mas não lhe vejo. Meus olhos não alcançam os reverenciado como a Mãe Divina e milhões de indianos peregrinam ao rio quando aproximam da morte, pois deixar o corpo nas suas margens sagradas gera libertação.

1 "Rios voadores são cursos de água atmosféricos invisíveis que transportam umidade e vapor de água da bacia Amazônica para outras regiões do Brasil. A quantidade de vapor de água transportada equivale à vazão do próprio Rio Amazonas. Tudo isso graças à água evaporada das árvores que constituem o bioma da Floresta Amazônica. Os rios voadores são responsáveis por parte do regime pluviométrico das regiões brasileiras por onde passam." Wikipédia [7]

2 Evapotranspiração: "As plantas absorvem água e nutrientes através da raiz. Parte desta água é utilizada em seus processos metabólicos, como a Fotossíntese, enquanto outra parte somente percorre o xilema e evapora pela superfície das folhas. (...) O processo da Evapotranspiração é como a nossa transpiração" Wikipédia [7]

3 Tao Te Ching [14]

rios interiores. O que faz ele pulsar? Tão juntinho do pulmão que solta ventos pela atmosfera. O que faz ele soprar? Pelas rochas subterrâneas sob o leito do Amazonas corre um imenso rio oculto, lento, largo, profundo.¹

Amazônia, sois o coração da Terra, pulsando vida, circulando sangue por todas as esferas do planeta.

Floresta de mil faces, quem sois vós que bombeia rios no céu, na Terra e no interior oculto? Mesmo que eu lhe veja, esses olhos não alcançam vossa integridade. Mesmo que lhe chame por um nome, palavras evaporam sem tocar a luz de vossa Verdade.

Sois vós harmonizando o ritmo de meus rios com o sangue do planeta?

Quem sois vós, mirando por meus olhos essa chama acesa?

Quem sou eu, mirando a chama acesa da Consciência?

Amazônia, estamos aqui, proliferando palavras vazias pelo equilíbrio ecológico do planeta, enquanto vós, silenciosa e inteira, absorve o carbono que ainda não deixamos de exceder pelas mil membranas de vossa imensa teia. Transforma-o em folhas que purificam a atmosfera, harmonizam a umidade e refrescam um mundo que se incendeia.

Perante vós, a mais alta tecnologia de nossas sociedades modernas é extremamente rudimentar. Verdadeira tecnologia circula em vossa sabedoria ancestral. Ela é Vida e cria a si mesma.

Bem Amada, vossa seiva, fluindo em minhas veias.

"Cut brambles long enough,
sprout after sprout,
and the lotus will bloom
of its own accord:
already waiting in the clearing,
the single image of light.
The day you see this,
that day you will become it."²

"A mente iluminada tem a qualidade de manhã, de aurora

1"O (rio) Hamza é um aquífero recentemente descoberto no estado do Amazonas (...) existe uma grande movimentação de água 4 000 metros abaixo da superfície de oeste para leste sob as bacias dos rios Solimões, Amazonas e a ilha de Marajó e desaguando nas profundezas do Oceano Atlântico aproximadamente sob a foz do Rio Amazonas. (...) O aquífero Hamza ainda está em estudo, mas os pesquisadores afirmam que sua nascente é no estado do Acre e percorre cerca de 6 000 km antes de desaguar no Oceano Atlântico logo abaixo da foz do Amazonas. É alimentado pela infiltração das águas dos rios da bacia amazônica e das chuvas. (...) a distância entre uma margem e outra varia de duzentos à quatrocentos quilômetros. Suas águas correm subterraneamente a uma velocidade irrisória se comparada aos rios da superfície terrestre(...) o "rio" não corre por um túnel sob o solo mas permeia pelas rochas sedimentares das profundezas terrestres."Wikipédia [7]

2"Corte as espinheiras por tempo suficiente, broto após broto, e a lótus irá florescer, por si mesma: já aguardando na clareira, a imagem singular de luz. O dia que veres isso, esse dia tu tornar-se-á ela." Sun Bu'er, Mestra Taoista, China, século XII. [16]

– fresca, cintilante, completamente desperta.”¹

Onde se escondem as fronteiras? Quais os limites entre a instabilidade e a estabilidade? Equilíbrio e desequilíbrio são duas faces de uma mesma esfera. A Terra tem dois polos magnéticos, mas nem por isso podemos chamá-la de duas, ou separar o positivo do negativo. O Tao expressa a verdade com tanta beleza em seu símbolo Yin-Yang. O que é parte? O que é todo?

“Os sinos tocam às quatro da manhã.
permaneço em pé na janela,
pés descalços no chão fresco.
O jardim ainda está escuro.
Espero as montanhas e rios recuperarem suas formas.
Não há luz nas horas mais profundas da noite.
No entanto, eu sei que você está lá
nas profundezas da noite,
o incomensurável mundo da mente.
Você, o conhecido, tem estado lá
desde que o conhecedor tem sido.
O amanhecer virá em breve,
e você vai ver
que você e o horizonte róseo
estão dentro dos meus olhos.
É para mim que o horizonte é róseo
e o céu azul.
Olhando para a sua imagem no córrego claro,
você responde a pergunta pela sua própria presença.
A vida está cantarolando a canção da maravilha não-dual.
De repente eu me pego sorrindo
na presença desta noite imaculada.
Eu sei porque eu estou aqui que você está lá,
e seu ser voltou para mostrar-se
na maravilha do sorriso dessa noite.
No córrego quieto,
eu nadou gentilmente.
O murmúrio da água nina meu coração.
Uma onda serve como um travesseiro
Eu olho para cima e vejo
uma nuvem branca contra o céu azul,
o som das folhas de outono,
a fragrância do feno -
cada um, um sinal de eternidade.
Uma estrela brilhante me ajuda a encontrar meu caminho de
volta para mim.
Eu sei porque você está lá que eu estou aqui.
O braço esticante da cognição

¹ Chogyam Trungpa Rinpoche [6]

no lampejo de um relâmpago,
reunindo um milhão de eras de distância,
reunindo nascimento e morte,
reunindo conhecido e conheedor.
Nas profundezas da noite,
como no reino imensurável de consciência,
o jardim da vida e eu
permanecem como objetos uns dos outros.
A flor do ser está cantando a canção do vazio.
A noite ainda está imaculada,
mas os sons e imagens de ti
retornaram e preenchem a noite pura.
Eu sinto sua presença.
Pela janela, com os pés descalços no chão fresco,
Eu sei que eu estou aqui
para que você seja.”¹

Era 1878. Em Tamil Nadu, no sul da Índia, um pequeno menino nasceu. Ramana Maharshi, tornar-se ia seu nome santo. Um dia, em seus frescos 16 anos, o jovem foi subitamente tomado por uma certeza total de que a morte lhe acontecia naquele preciso momento. Estando sozinho em casa, deitou-se no chão e entregou seu corpo à morte, soltando todos os músculos dos pés à cabeça. Expirou profundamente e permaneceu imóvel, sem mover o pulmão. Nessa quietude completa, nasceu a contemplação da morte e da vida: “Meu corpo está completamente imóvel, tomado pela morte. E agora? Ainda existo! Permaneço aqui, consciente de minha existência. Minha existência não é o corpo, então.... Quem sou eu?”

Neste lampejo Ramana Maharshi banhou em iluminação.

Pouco tempo depois, seguiu para Arunachala, a montanha sagrada de Tiruvanamalai, apenas com um simples dhoti² e um trocado para a passagem de trem. Com o tempo discípulos sedentos se acolheram ao seu redor e nasceu um monastério aos pés de Arunachala. Seus ensinamentos? Silenciosa investigação interior, pulsando contínua, como o sereno fluir de um rio:

“Quem sou eu?”

“Assim como um homem mergulharia a fim de pegar algo que caiu na água, de mesmo modo, deve-se, com uma mente unidirecional e afiada, mergulhar dentro de si mesmo, controlando fala e respiração, e encontrar o lugar de onde origina o ‘eu.’”³

“Aquele que volta ao interior com uma mente imperturbada

1’Não-dualidade,’ poema de Thich Nhat Hanh. [17]

2 Dhoti é um pano fino que os indianos amarram em volta da cintura como veste tradicional.

3 Ramana Maharshi. [18]

para buscar onde a consciência ‘eu’ ascende, realiza o Ser, e descansa em Vós, Ó Arunachala! Como um rio quando se une ao Oceano.” ^[18]

Oculta no nosso âmago existe uma sede insaciável. “Quem sou eu?” é uma pergunta que revolve silenciosamente nas profundezas de nossa consciência. Um lugar onde resposta alguma alcança, palavra alguma penetra. Onde somente a verdade existe, em completa nudeza.

Amor é outra face dessa sede insaciável pela verdade. Amor puro e incondicional, chama inextinguível que arde constante em nosso coração. Que nos propele em cada momento da vida, em uma busca inconsciente à unidade essencial de nossa existência.

“Tendo conhecido a própria natureza, habita-se
Como Ser sem começo nem fim
Em beatitude e consciência ininterrupta” ^[18]

Tantos seres chegam hoje ao nosso mundo. Mãe e pai, hoje vós tornaram-vos avós. E o que é isto senão uma palavra? Essa noite a notícia chegou aos nossos ouvidos: minha irmã caçula carrega a primeira neta em seu ventre. Mas já faz três semanas ou mais que o óvulo fecundou. Foi aquele o momento que nasceu um ‘alguém’?

Ó sobrinha, emerges da união de dois corpos, de duas mentes.
Emerges separando um corpo em dois. Brotas do próprio centro.

Ó vida que fazes a planta emergir de um grão adormecido!
Onde vosso mistério aguarda o despertar?

Vossa presença escondida procurei, vasculhando os ventres das sementes. Procurei em vão, pois só vão encontrei. És o ventre vazio? Ou és o vazio, o próprio ventre?

Mergulho, mergulho eu humanidade.
Mergulho em todas as direções.
Mergulhando no mergulhar.
E emergindo no emergir.

Qual é vossa história? Quais são vossas raízes? O âmago de nossa existência está sempre caminhando pelos jardins da contemplação. Cada experiência da vida é uma flor. Desabrocham desnudando verdades, revelando interiores. Convidando, chamando.

“Não chamastes-me? Pois eu entrei. Vós me cuidas agora!”
“Mostre-me a jornada de Vossa graça, no campo aberto onde

não há ir e vir, Ó Arunachala!"

"Exiba Vossa beleza, para que a mente instável possa ver-Lhe para sempre e descansar em paz, Ó Arunachala" ^[18]

Abençoada Terra Brasilis. Onde estão os sacerdotes de vosso santuário? Vossos filhos viviam em virgindade.

"Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz."¹

Porque vós trouxestes vossos filhos errantes a cá desembarcarem? Atraístes aqueles barcos pelas correntes marítimas e recebeste-los em vossas vestes mais abundantes.

"... E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens."^[19]

E vossos filhos nativos que vós coloristes com as penas da inocência, eram eles distintos de ti? Eras vós, que acolhias uma nova semente na mais humilde hospitalidade.

"Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma. Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas."^[19]

Nossa gente caminhava nua e descalça. A areia protegia-lhes os pés. O sol, urucum, Jenipapo, cobriam-lhes de vestes. Conheciam apenas água fresca.

"Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram

¹ Trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha. Esses são os relatos oficiais do primeiro encontro dos europeus com a terra que hoje é o Brasil. Descrevem elementos da primeira interação entre os indígenas brasileiros e os portugueses. [19]

dele nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.”^[19]

Vós que cruzastes eras glaciais e desertos continentais, dinossauros e surgimento de montanhas, vossa perfeição e beleza apenas crescem. Tendes vós sede de evolução? Transformaste-te de tal modo ... é difícil compreender vossos caminhos errantes. Vós que caminhas nua, vestida apenas de inocência, vós chamastes vossos filhos distantes, que em suas paixões tropicais cobriram vossa nudez com os panos de ignorância.

Abençoada Terra Brasilis, vosso coração mater é universal! Se vossos braços abertos, estendidos pelas praias do continente norte a sul, recebem os mais distantes dos extraviados, quem sou eu para rejeitar irmão meu? Filho teu que nasceu nu e foi vestido pelos véus da ignorância.

Vossa sede infinita, vosso crístico sacrifício, agora nasces e renasces novamente. Unistes vossos filhos em eterna evolução.¹

“Estavam na praia, quando chegamos, obra de sessenta ou setenta sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. Depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos; e misturaram-se todos tanto conosco que alguns nos ajudavam a acarretar lenha e a meter nos batéis.”

“Quando saímos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos direitos à Cruz, que estava encostada a uma árvore, junto com o rio, para se erguer amanhã, que é sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. A esses dez ou doze que aí estavam, acenaram-lhe que fizessem assim, e foram logo todos beijá-la. Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer

1 “Os indígenas sentem e vêem a natureza como parte de sua sociedade e cultura, prolongamento de seu corpo pessoal e social. para eles, a natureza é um sujeito vivo, está carregada de intencionalidades. (...) A natureza fala e o indígena entende a sua voz e mensagem. (...) a natureza pertence à sociedade e a sociedade pertence à natureza. (...) neste jogo de inter-retro-relacionamentos, ser humano e natureza co-evoluem. Estão sempre se adequando a um processo de adaptação recíproca.” Leonardo Boff [13]

cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nossa Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa."

"Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim. Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão ríjos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Neste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus. Se lhes homem acenava se queriam vir às naus, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se a gente todos quisera convidar, todos vieram."^[19]

Gestos primários de um enamoramento entre dois mundos. De onde nasceu a cultura dessa terra Brasil. A masculina expansão dos navegantes, interligando culturas distantes e semeando evolução. A feminina entrega dos nativos, cuja terra materna recebeu as novas sementes em seu ventre, criando uma nova linhagem de descendentes. E a ingenuidade de ambos, que não se compreendiam mas eram movidos por instinto, algo próprio do ser humano e de toda a Natureza. O instinto insuprível da união.

Terra Mater, somente vós conheces os sacrifícios de uma mãe.

Já é tarde. A estrada silenciou lá fora. Chaleira vazia, velas miúdas. Uma nova presença sobre o altar. De pele morena e lenços dourados, ela sorri serena em meio a diamantes.

Ó divindades, hoje destes nascimento a mais uma mãe. Uma semente cresce no ventre de minha irmã Lua. A felicidade prolonga a noite e suas horas. Quem sois vós que vindes entre nós? Ó alminha! Eu lhe saúdo. Sê bem vinda a essa grande família chamada humanidade. Minha irmã caçula lhe aguarda junto a vossa mãe Terra, vosso pai Sol, vossas guias, as Estrelas. Estas linhas são para ti. Para que possas conhecer vossa história, e compreender vossos irmãos. Para que possas viver em beleza e criar Céu na Terra. Ou transmutar Terra em Céu.

Vós que vens fresca e inocente como os nativos antigos, não te iludas por essas gélidas aparências. Ou pelo calor do fogo. Geleiras e desertos esculpiram o mais lindo Brasil. Agora, essas torrentes civilizatórias esculpem diamantes ocultos nas grutas de nossos corações. Mira o sacrifício das múltiplas faces de vossa Mãe.

Eu lhe saúdo, ó pequena.
Saúdo vossa inocência e vosso frescor.

“Ó criança inocente,
sois um espírito exilado recém acomodado
pra dentro desse mundo gasto?

Não me olhe assim dessa maneira,
com sua testa frouxa.
Ainda sois um estrangeiro aqui.
Sorria na fragrância
dessa alvorada rosa.

Sorria pequeno,
lua, nuvem e vento estão todos calmos,
em paz, causando mal a nada.
Sorria criança pequena, como fiz em inocência inicial,
sabendo nada, discernindo nada.
Cerre seus ouvidos às minhas palavras.
Permaneça surpreendido e maravilhado como está.
Retorno ao lugar de onde veio.

Se, algum dia, precisares de mim,
e eu estiver ausente,
por favor ouça profundamente o murmurar de um
córrego
ou a trovoada de uma cascata.
Contemple os crisântemos amarelos,
o bambu violeta,
a nuvem branca,
ou a clara, pacífica lua.

Todos eles contam a mesma história
que conto aos pássaros cantantes hoje.

Essa maravilhosa canção que escutas essa manhã,
passarinhos pequeninos,
ascende de incontáveis vidas sofridas.
Essas flores de lótus que perfumam o ar serenamente,
se erguem do lago lamoso.
Estou aqui, pequena criança, aguardando-lhe.”¹

Natureza, quem sois vós que cuidastes de nossos ancestrais? Que
cuida desses filhos da inocência?

¹ Segunda metade do poema ‘Let us pray for darkness O sparkling stars’, de Thich Nhat Hanh [17]

“... não é a vida mais que o alimento, e o corpo mais que o vestido?

Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros, e vosso Pai celestial as alimenta.”

“Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam, contudo vos digo que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles.”

“Assim não andeis ansiosos, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? (...); porque vosso Pai celestial sabe que precisais de todas elas. Mas buscai primeiramente o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”¹

Nossa gente caminhava em liberdade. Fazendo sua morada sob o Sol e seu leito sobre a Terra. E de longe os homens navegaram, de longe, vieram. Suas mentes queriam ensinar, mas seus corações vieram aprender.

“Os outros dois, que o capitão teve nas naus, nunca mais aqui apareceram -do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquiva. Porém e com tudo isso andam muito bem curados e muito limpos. (...). Isso me faz presumir que não têm casas nem moradas a que se acolham, e o ar, a que se criam, os faz tais.”^[19]

Essa Terra acolheu-os. Ainda hoje, segue ensinando seus mistérios ... A Pura alegria de viver.

“E, depois de acabada a missa, assentamos nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e a dançar um pedaço.”^[19]

“Sabedoria louca é somente a ação da verdade (...) Sabedoria louca se torna completamente apurada pelo momento das coisas como elas são. Esse é o estilo de ação de Padmarshambava.”

Chogyam Trungpa Rinpoche²

¹ Mateus 6:24-33

² “É possível descobrirmos nossa própria inocência e beleza de criança, a qualidade de príncipe em nós. Tendo descoberto todas nossas confusões e neuroses, começamos a realizar que elas são inofensivas e desesperançosas. Então gradualmente encontramos a qualidade inocência-criança em nós. É claro, isso é bem diferente de ser reduzido à crianças. Antes, descobrimos a qualidade de criança em nós. Tornamo-nos frescos, inquisitivos, brilhantes; queremos conhecer mais sobre o mundo e sobre a vida. Todas nossas pré-concepções foram extirpadas. Começamos a realizar nós mesmos – é como um segundo nascimento. Descobrimos nossa inocência, nossa qualidade primordial, nossa juventude eterna.” Chogyam Trungpa Rinpoche [6]

Padmashambava foi um santo conhecido como o segundo Buddha. Guru Rinpoche¹ nasceu numa flor de lótus desabrochando no lago Dhanakosha, na Índia ancestral. Tendo sido ordenado como monge na linhagem de Buddha pelo Ananda,² ele viajou à ‘terra da neve,’ levando os ensinamentos completos de Buddhadharma ao Tibet e transmitiu o Vajrayana ao seu povo.

Antes de ir ao Tibet ele visitou um monastério de monjas. Nele vivia Mandarava, uma monja que vivia em total reclusão. Quando Padmashambava chegou, as monjas ficaram impressionadas com sua pureza de lótus e tornaram-se todas suas discípulas. O rei, pai de Mandarava, logo ficou sabendo da presença de um homem no monastério e mandou seus guardas capturarem e incendiarem-no, além de jogar a filha num buraco profundo e espinhoso.

A fogueira queimou por sete dias, com o monge dentro, e os subordinados relataram o enigma ao rei, que foi pessoalmente averiguar sobre o homem misterioso. Quando ele chegou ao cemitério onde os criminosos eram queimados, o lugar estava coberto por um grande lago. Ao centro, Padmashambava sentava sobre uma grande flor de lótus. Estonteado perante a presença de tamanha inocência, o rei confessou suas ações errôneas e suplicou que o santo fosse ao palácio e se tornasse o rajGuru, o mestre do rei. O convite foi recusado. O rei repetiu o pedido até que fora aceito.

Essa história é contada por Chogyam Trungpa Rinpoche em seu livro ‘Crazy Wisdom,’ sabedoria louca. Sabedoria louca era o veículo usado por Guru Rinpoche para despertar seus discípulos e ensinar a verdade. O santo possuía poder suficiente para evitar ser meramente tocado pelos guardas reais. Mas em sua inocência, permitiu que uma grande fogueira ardesse em brasas, contendo seu corpo.

“Deixe o fenômeno brincar. Permita que o fenômeno façam-se tolos por eles mesmos.” Diz Chogyam, “O mundo fenomenal pode ser lidado apenas em termos do que acontece em seu interior, em termos de sua própria lógica. Isso é uma visão maior de lógica, a totalidade da logicalidade da situação. Uma feição importante do estilo de Padmashambava é deixar o fenômeno brincar-se através (daquilo), ao invés de tentar provar ou explicar algo.” Em outras palavras: “deixa a confusão atravessar, e então deixa a confusão corrigir-se a si mesma.”³

O que são 300, 400 ou 500 anos no tempo de vida de nossa Terra? E num ritmo de vida de uma estrela? Talvez a nossa impaciência discipulada lança um véu sobre a evolução da vida. Talvez meus olhos sejam demasiados ingênuos, e meu coração um tanto rebelde,

1 Guru Rinpoche, precioso mestre, é como os tibetanos carinhosamente chamam Padmashambava.

2 Discípulo direto, atendente e primo de Buddha Sakyamuni.

3 Chogyam Trugpa [6]

mas já não sei mais nada, diante dessa misteriosa transformação da humanidade e do planeta.

Os vedas relatam que estamos na Kali yuga, a era da escuridão, do denso materialismo. Mas a roda segue girando e a Satya yuga, a era da verdade, alcançaremos juntos, humanidade e planeta, integral. E nesse caminho talvez essas formas humanas já se tornem obsoletas como os dinossauros. E mesmo os primatas pré-históricos. Ou quem sabe um holocausto ecológico transforme a Terra em um imenso deserto, ilhado por águas tóxicas. Talvez, a Terra se torne um com o Sol. Luminoso e resplandecente.¹

Mas que diferença faz, se antes já éramos poeira cósmica e um dia ao vácuo retornaremos? Mesmo agora nossos átomos são um imenso vazio indivisível. Que contêm o universo inteiro.

No caminho da evolução, a Vida brinca com fogo como criança travessa. Vida é fonte luminosa. Mestra Primordial.

“Trabalhar com uma pessoa iluminada é extremamente sensível e prazeroso, mas ao mesmo tempo, pode ser bem destrutivo. Se fizermos a coisa errada, podemos ser golpeados ou destruídos. É como brincar com fogo.”²

Estamos todos juntos no mesmo barco.

Ó pequena criança traficante da favela do Rio de Janeiro,
sinto seu medo em meu coração. Sua alegria tão espontânea.

Sinto vosso frio, Ó Angolano! Vós que dormes nas ruas molhadas e invernais da Itália. Vós que me mostrastes o retrato de sua amada família, meia dúzia de angolaninhos e uma esposa austera, a lhe aguardarem na África em fé e paciência. Sinto a suave paixão de uma flor primaveril se abrindo às carícias do Sol pela primeira vez. O amor de uma mãe, mirando de longe seu filho travesso queimando o dedo, descobrindo o sabor do fogo. Sorrindo. Sabendo.

Seja como for o caminho de Gaya-humanidade, dissolução evolutiva, evolução apocalíptica, a longa morte de uma pessoa com

1 Em bilhões de anos o Sol do nosso sistema solar tornar-se-á uma 'gigante vermelha,' seu crescimento lentamente englobando as órbitas dos planetas.

2 Chogyam Trungpa [6] “Dançar à música da vida (...) é viver com as quatro estações, usando a metáfora de como a planta cresce ao longo do ano. Essa é a ideia de Lalita, um termo sânskrito que significa dança. Podemos também traduzir lalita como ‘dançando com a situação.’”

“Experiências místicas residem em nossa situação de vida efetiva. É uma questão de relacionar-se com o corpo, com a situação física. Se você coloca sua mão no maçarico quente do fogão, você se queima. Isso é uma mensagem muito direta que você está sendo desatento. Se você perde sua calma e bater a porta após uma discussão, você pode prender o dedo na porta. Você recebe uma mensagem direta – seu dedo dói. Você está em contato direto com as coisas, com as energias que estão vivas na situação. Você está em contato direto ao invés de estrategizando um resultado ou pensando em termos de moldar e remodelar suas experiências. Então a situação automaticamente providencia você com seu próximo movimento. A vida se torna como música. Você dança de acordo com a vida.” Chogyam Trungpa [20]

câncer ou o lento nascimento de uma estrela, cada passo deslumbrava a sacralidade, no coração de imaculado destemor.

As vezes é difícil compreender o mundo. As florestas que se encolhem, ilhadas por vastas turbulências poluentes. Permanecer nas cidades frequentemente me enche de náusea e melancolia, mesmo perante a beleza que a tudo permeia. Meu coração oprimido inspira aliviado, quando penetro as fronteiras da natureza selvagem. Mas essas incongruências são filhas de minhas próprias visões preconcebidas.

Foste tu, Ó mente, que criastes fronteiras que jamais existiram,
separando artificial e natural, feio e bonito, bem e mal.
E o Tao?

Já brinquei demais contigo para aventurar-me em compreender vossa totalidade. Ela é vida, não morte. Ou é morte derradeira. Há também um olhar sem fronteiras, em que visões preconcebidas se dissolvem como nuvens ao vento.

A inocência primordial permanece –
mirando maravilhada um universo inteiro.

“Qualquer pessoa que entrar no rio de Amor banhar-se-á nele ... Qualquer um pode mergulhar quantas vezes quiser. Se alguém banhar-se ou não, o rio de amor não se importa. Se alguém criticá-lo ou abusá-lo, ele nem percebe.

Ele simplesmente flui.”¹

“Quando a flor é ainda um pequeno botão, não podemos vivenciar sua beleza ou fragrância. A flor tem que desabrochar primeiro. Seria inútil tentar abrir ela por força. Temos de esperar pacientemente para o botão abrir por si só. Somente então podemos vivenciar profundamente sua beleza e perfume”²

1 Amma [25]

2 Amma [31]

"Você pode pisar no medo, e portanto, alcançar aquilo que é conhecido como destemor. Mas isso requer que, quando você ver medo, você sorria."¹

Não-posse é uma nobre riqueza. Nela reside a liberdade. Como os nativos amazônicos que não conheciam pobreza, pois ela era sua companheira íntima, como São Francisco o poverello, vivendo em abundância eterna. Fratellois minores,² Peace Pilgrim, aborígenes ancestrais, possuíam nada – um nada que continha a floresta inteira. Sadhus que caminham nus cobertos de cinza. Vivem em inocência primordial, em liberdade e destemor perante o desconhecido.

E o negrume insondável do desconhecido? Destemor não é apenas ausência de medo. É tremer inteira diante de faces temerosas, sem temer o próprio medo.

Medo. Que sois? Há dias que andas tão distante, nem mesmo lhe vejo. Às vezes me envolves por inteira, numa escuridão cada vez mais negra. Me encontro sem piso sobre meus pés, tateando o invisível. E aguardo, sem dar meia volta. A volta é sempre inteira. Vida sempre segue em frente. E um vento escondido me levanta, os passos se movem. Sem vestígios de rumo, caminho.

E uma nova aurora clareia.

E outra vez me afogas como as ondas tubulares do oceano. E meu corpo gira em cambalhotas, esperneando cegamente sem mesmo saber onde a superfície se encontra. Há espuma, areia e forças pressionando por todos os lados. Enfim os dedos alcançam o alto e a boca expelle um tanto de água e engole um pouco de ar e – à frente uma nova onda gigante despencando sobre minha cabeça. Mergulho ao fundo leveira, a água arrebentando em meus pés. Duas, três, quatro. A série passeia e as águas se acalmam. E o pulmão se expande numa profunda inspiração. O Sol cintilando pelo vasto mar. O infinito céu azul, as nuvens navegantes. Abaixo, milhões de grãos de areia.

Oceano. A cada dança, amor cresce. A cada calmaria, se aprofunda. Em gotas de orvalho no alto da serra sinto vossa presença. A intimidade nasceu em vossas profundezas.

Desconhecido. Estás me envolvendo cada vez mais em vossas veias subterrâneas. Vosso vazio interestelar. Intimidade cresce. Às vezes voando, às vezes tremendo, os passos se seguem, em volta inteira.

1 Chogyam Trungpa Rinpoche [20]

2 Irmãos menores, como eram conhecidos os monges franciscanos que nada possuíam.

Caminhos silenciosos,
despertando Primordial Inocência.

“Conheço o meu caminho, ele é reto e estreito; é como o gume duma espada. Tenho prazer em andar esse caminho. Choro quando tropeço. Deus diz “Quem trabalha com esforço não perecerá” – e eu tenho uma fé implícita nesta promessa.”

“Por isso, embora minha fraqueza me faça cair mil vezes, não perderei a fé, e espero ver a luz, quando minha carne estiver perfeitamente dominada, como um dia acontecerá.”

“Adoro Deus somente como a Verdade. Não O achei ainda, mas não cesso de procurá-lo. Estou disposto a sacrificar as coisas que me são mais caras, a fim de prosseguir nessa busca. E ainda que fosse necessário sacrificar a própria vida, espero estar pronto para este sacrifício.”

Mahatma Ghandi ^[21]

Amazônia, vós nos aguarda,
semeando destemor.
Incontáveis seres entregue a suas mãos,
aldeia Yanomami, filhote de Beija-flor,
pequeno broto de Pupunha,
nus, descalços, suspensos em seu primor.
Humanidade itinerante
brincando com os mistérios da floresta,
mergulhando no desconhecido,
desvelando liberdade e amor.
Coração arrepiado,
perante as faces amazônicas
da unidade interior.

Por longo tempo a Amazônia se resguardou como santuário de aventureiros. Os povos dos outros continentes penetravam o mais selvagem dos mundos em destemor. Eldorado escondido, conquistas territoriais, missões jesuítas, força de mão indígena, castanha, canela, cacau, urucum, tabaco, salsaparrilha, as ‘drogas do sertão’ eram o ouro das matas e as metas da Europa. Entretanto, motivações superficiais

eram apenas secundárias. A alma do velho continente almejava encontrar sua inocência primordial.

Inocência, seiva da natureza, guiando o lento entretecer das culturas. E a Amazônia ergueu seu canto mudo, que ecoou nas terras africanas. A África respondeu dispersando suas sementes.

Quando os laços são profundos, as pessoas podem girar o mundo, ou o ciclo de nascimento e morte, mas retornam sempre a se encontrarem. Aquele matrimônio ancestral entre a América do Sul e África, dos tempos de Gondwana, novamente floresceu. E como abelhas que carregam pólen em seu pêlo, reunindo duas flores distantes, os navios portugueses carregaram os filhos africanos. Em seus corações, o pólen da África viajou imaculado, pulsando genes e cultura. Silenciosos, atravessaram oceanos. Nas senzalas eles dançaram, cantando os embriões da liberdade.

“Iê!

Capoeira é uma arte
que o négo inventô
Foi na briga de duas zebra
que o N'golo se criou
Chegando aqui no Brasil
capoeira se chamou
Ginga e dança que era arte
em luta se transformou
Para libertar ao negro da senzala do senhô
Hoje aprendo essa cultura
pra me conscientizá
Agradeço ao Pai Ogum
a força dos Orixás, camará...
Iê viva meu Deus!”¹

Na Amazônia, Oxossi das matas chamava. Oxum das águas doces levou o recado às senzalas no litoral nordestino. Os negros escutavam, cantando, lutando e dançando a capoeira das zebras, coração batendo apaixonado. E se libertavam, subindo os rios, penetrando as densas florestas virgens, levando os polens africanos aos nativos amazônicos. As duas culturas se entrelaçaram e os quilombos se criaram como frutos singulares, profundamente integrados às matas e aos ciclos das águas selvagens. Balançando aos cantos de Oxossi e Oxum. Centenas de anos passaram, as raízes quilombolas entretecendo-se mais e mais às árvores daquela terra materna, universo que a tudo acolhe.

Após alguns séculos, chegaram as mineradoras e o caos renasceu, como um fogo devastador devorando o cerrado, tingindo uma planície inteira de carvão. Mas quando a chuva cai serena, a terra desolada inicia seu renascimento imperceptível. As sementes pioneiras abrem seus

¹ Canção tradicional de capoeira

olhos, a vida germina e rebrota por baixo da pele de cinzas. E quando o Sol acaricia a Terra com seus raios brandos do amanhecer, as folhas virgens das gramíneas destemidas reluzem em seu verde fluorescente, aguçadas pela amplitude negra que a queimada revelou. Caminhos da evolução.

Mas as terras ainda estão desoladas nas margens de rios como o Trombetas. Desertos proliferam pela maquinaria desenterrando bauxita, um valioso minério presente nas camadas subterrâneas de florestas virgens. Ao lado, os quilombolas nativos são expulsos de suas matas por coletarem castanha. Atividade tradicional que se tornou proibida com a criação de Unidades de Conservação ao redor da mineração.¹

Assim a natureza segue seu curso evolutivo. Abrindo fendas em corações e deixando transbordar a bem aventurança oculta no interior. Desvelando sua face indivisível.

Mas entre a semeadura da cultura africana e a chegada da mineração, a Amazônia passou um longo período resguardando seu isolamento. No entanto, a roda segue girando e a calmaria foi sucedida por novos ciclos de transformação repentina. Quando a revolução industrial principiou na Europa, gigantescas ondas reverberam mudanças no mundo inteiro.

No século XVIII um naturalista francês que passeava pela Amazônia observou os diversos objetos curiosos que algumas tribos indígenas criavam a partir da seiva ‘pegajosa e espessa’ de uma grande árvore nativa. Era o sangue branco da seringueira. Nas nações ao norte, as indústrias nasciam famintas. E a Amazônia alimentou-as com seu precioso leite seringueiro. A roda iniciou sua gira e o primeiro ‘ciclo da borracha’ convergiu fluxos globais em direção à grande floresta sul-americana.² Rios migratórios de nordestinos corriam contra as correntes fluviais, penetrando as densas florestas de toda a região. Eram netos africanos, impulsionados pelas grandes secas de suas terras e pelas promessas de trabalho e sustento nos seringais. Essa gente peregrina fez morada na floresta, que paria a nova cultura seringueira.

Como seus avôs africanos, os novos aldeões alimentaram a Terra com seu suor. A sociedade escravocrata já havia se extinguido, no entanto, a escravidão ainda escondia seus vestígios entre os ‘patrões’ seringalistas. Os seringueiros, em sua maioria nordestinos descendentes de escravos, viviam em comunidades nos seringais, lugares onde vários indivíduos da espécie arbórea se concentravam numa área da floresta.³ Toda a

1 O estímulo à criação de Unidades de Conservação (UCs) governamentais ao redor de minerações fazia parte da política publicitária das próprias empresas extrativistas. Subsidiavam as UCs com o intuito de gerar uma imagem positiva, equilibrando a imagem negativa dos amplos impactos ambientais que a atividade mineradora inevitavelmente causava.

2 O primeiro ciclo da borracha ocorreu de 1879 a 1912.

3 Acredita-se que a formação de florestas com concentrações grandes de uma espécie, como a seringueira, é fruto da cultura agroflorestal dos indígenas nativos da Amazônia.

família se envolvia na produção da borracha, desde a colheita da seiva, a defumação do líquido transformando-o em látex sólido e o transporte às margens do rio; onde as grandes bolas de borracha navegavam às casas de aviação nas cidades, de onde seguiam às industriais do hemisfério norte. Completamente ilhados por selva, num mundo desconhecido, os seringueiros recém-chegados foram ludibriados pelos seringalistas num sistema de dependência e opressão. Os 'patrões' traziam mantimentos da cidade e vendiam-nos aos trabalhadores em troca do látex produzido. No entanto as famílias eram obrigadas a adquirirem necessidades e alimentos exclusivamente do 'patrão' que, aproveitando-se da condição analfabeta dos trabalhadores, manipulavam os registros financeiros de modo a manter as famílias em uma contínua condição de endividamento. Os seringueiros trabalhavam arduamente sem chances de pagarem a dívida fantasma.

Mas todo ciclo completa uma volta inteira. As nações estrangeiras se cansaram de depender da produção artesanal do látex e levaram sementes da seringueira à Ásia, onde plantaram as árvores em modelos de produção industrial. O ritmo amazônico era lento demais para as jovens maquinarias esfomeadas. Em consequência, o mercado mundial abandonou a borracha amazônica e muitos seringais foram abandonados. Ainda assim, alguns se mantiveram vivos e toda a energia que antes se direcionava à fome de máquinas exteriores começou a fluir para dentro de si mesmo. A agricultura e outras atividades comunitárias criaram raízes. A cultura seringueira se desenvolveu entrelaçando-se à floresta amazônica e aos povos nativos. Novos frutos singulares amadureciam, produzindo sementes que hoje se dispersam pelos quatro ventos. Algumas germinam árvores frondosas que alimentam a fome espiritual de irmãos no mundo inteiro. São as sementes cultivadas pelo Mestre Irineu.

Nascido no Nordeste, filho de africanos recém-libertos, Raimundo Irineu viajou no movimento migratório da borracha, firmando raízes no Acre, onde ele se integrou à cultura indígena. Os índios lhe abriram os braços, apresentando-o Ayahuasca. Essa planta sagrada guiou Mestre Irineu ao coração da Floresta. Inundado, o Mestre transbordou, saciando a sede dos seringais com a doutrina do Daime.¹

Como a lótus erguendo da lama, o Mestre e seus discípulos caboclos transformavam o sofrimento do povo seringueiro em alimento para a alma. Desabrochando luminárias na floresta.

¹ "Raimundo Irineu Serra, (São Vicente Ferrer, 15 de dezembro de 1892 — 6 de julho de 1971), mais conhecido como Mestre Irineu, foi o fundador da doutrina religiosa do Santo Daime que usa como sacramento a bebida chamada ayahuasca, batizada por ele de Daime, associada a orações e cânticos (hinos) a diversas divindades, caracterizando um culto resultante da mistura de diversas religiões e crenças indígenas, africanas e europeias, predominam, no entanto, o Deus Pai, Jesus Cristo e Nossa Senhora, e os adeptos da doutrina a consideram uma doutrina cristã. Tem também grande influência do espiritismo. Mestre Irineu era filho do ex-escravo Sancho Martino e Joana Assunção, chegou ao estado do Acre com vinte anos, afro-brasileiro de alta estatura, integrando o movimento migratório da extração do látex em seringais." Wikipédia [7]

"Ainda assim, tomei nota dos ensinamentos de Buddha de que num sentido, um suposto inimigo é mais valioso que um amigo, pois um inimigo ensina você coisas, como paciência e força, que um amigo geralmente não ensina. A isto, acrescentei minha firme crença de que não importa quão ruins as coisas se tornem, eventualmente irão melhorar. No final, o desejo inato de todas as pessoas por verdade, justiça e compreensão humana deve triunfar sobre ignorância e desespero."

Dalai Lama¹

E após completar uma volta inteira, a borracha iniciou um segundo ciclo com a repercussão da segunda guerra mundial.² Esse novo movimento foi curto e devastador. Navegando pelas marés da inter-existência, a cultura seringueira seguia seu rumo. Um filho da Amazônia nascia. Por seus lábios, a voz da floresta inteira cantaria. Uma canção que reverberou ao redor do planeta. As terras acreanas pariram Chico Mendes. Pela infância, perambulava com os pais pelos seringais e densas matas. A selva manteve imaculada sua inocência primordial.³

Durante a infância de Chico, não havia escolas nos seringais. O analfabetismo era uma das ferramentas que os seringalistas utilizavam a fim de manterem os laços de semi-escravidão nos cantos escondidos da sociedade. Mas nada escapa aos olhos silenciosos da floresta. Na juventude de Chico, sua família recebeu em casa um refugiado revolucionário que ensinou o jovem seringueiro a escrever e plantou em seu coração as sementes de uma comunidade harmônica.⁴

1 [23] O Dalai Lama é o líder político e espiritual do Tibete, que foi invadido pelo exército comunista da China em meados do século XX. Dalai Lama junto com outros tibetanos buscaram exílio na Índia, onde construíram uma comunidade para conservar a cultura do Tibete e seus monastérios Budistas. Até hoje (2013) o Tibete está militarmente ocupado pela China e o Dalai Lama ainda não retornou à sua terra.

2 "A Amazônia viveria outra vez o ciclo da borracha durante a Segunda Guerra Mundial, embora por pouco tempo. Como forças japonesas dominaram militarmente o Pacífico Sul nos primeiros meses de 1942 e invadiram também a Malásia, o controle dos seringais passou a estar nas mãos dos nipônicos, o que culminou na queda de 97% da produção da borracha asiática. (...) Na ânsia de encontrar um caminho que resolvesse esse impasse (a seca que infligia os camponeses nordestinos) e, mesmo, para suprir as Forças Aliadas da borracha então necessária para o material bélico, o governo brasileiro fez um acordo, em maio de 1941, com o governo dos Estados Unidos (Acordos de Washington), que desencadeou uma operação em larga escala de extração de látex na Amazônia – operação que ficou conhecida como a Batalha da Borracha. (...) Mas quando chegavam (os aproximadamente 54 mil nordestinos, além de mais milhares de outras regiões) tornavam-se escravos por dívida dos coronéis seringueiros e morriam em consequência das doenças, da fome ou assassinados quando resistiam lembrando as regras do contrato com o governo. Wikipédia [7]

3 "Chico Mendes era um lidímo representante dos povos da floresta e um observador atento da lógica da natureza. Nos que o conhecemos e com quem privamos na amizade sabemos de sua profunda identidade com a floresta amazônica, com sua imensa biodiversidade, (...) com o mais leve sinal de vida na mata. Era um São Francisco secular e moderno. (...) percebia-se parte da selva." Leonardo Boff [13]

4 "Filho do migrante cearense, (...) Chico Mendes, ainda criança, começou seu aprendizado do ofício de seringueiro, acompanhando o pai em excursões pela mata. Só aprendeu a ler aos 19 e 20 anos, já que na maioria dos seringais não havia escolas, nem os proprietários de terras tinham intenção de criá-las em suas propriedades. Chico Mendes afirmou que só aprendeu a ler ensinado pelo militante comunista, Euclides Távora, que participara no levante comunista de 1935 em sua cidade, Fortaleza e na Revolução de 1952 na Bolívia. Em seu retorno ao Brasil pelo Acre, Euclides Távora fixa residência em Xapuri aí tornando-se alfabetizador de Chico Mendes. (...)

Chico Mendes se uniu a incontáveis irmãs e irmãos, que dedicaram a vida inteira à floresta e seus povos nativos. Não apenas a vida, mas a morte inclusive. Assassinado em 1988, Chico Mendes segue vivendo nas diversas Reservas Extrativistas que o movimento seringueiro pariu.¹

O canto da floresta ecoou pelo mundo inteiro.

Ainda hoje reverbera pelo cosmos.

Em nosso coração.

“A verdadeira paz começa internamente. Sua consciência deve ascender ao ponto através do qual você percebe o universo com sua natureza centrada no Divino Interior. A sensação que acompanha esta experiência é a de completa unidade com o Todo Universal. A pessoa mergulha numa euforia de união absoluta com toda Vida: com a humanidade, com todas as criaturas da Terra, as árvores, as plantas, o ar, a água, até mesmo a própria Terra.

Essa natureza centrada no Divino Interior está constantemente aguardando para governar sua vida gloriosamente. Você tem livre arbítrio para permitir que ela governa sua vida, ou não permitir que ela te afete. A escolha é sempre sua.”

Peace Pilgrim ^[24]

Amazônia
vos nos aguarda.
Sois mestra da humanidade,
sois Mãe Natureza.
Sacrificando a si mesma,
guiando nossos passos errantes
pelo eterno amanhecer.

Liderou o 1º. Encontro Nacional dos Seringueiros, em outubro de 1985, durante o qual foi criado o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), que se tornou a principal referência da categoria. Sob sua liderança a luta dos seringueiros pela preservação do seu modo de vida adquiriu grande repercussão nacional e internacional. A proposta da “União dos Povos da Floresta” em defesa da Floresta Amazônica busca unir os interesses dos indígenas, seringueiros, castanheiros, pequenos pescadores, quebradeiras de coco babaçu e populações ribeirinhas, através da criação de reservas extrativistas. Essas reservas preservam as áreas indígenas e a floresta, além de ser um instrumento da reforma agrária desejada pelos seringueiros.” (Wikipédia) Chico Mendes foi assassinado em 1988 após incontáveis ameaças de morte. “Como resultado da luta de Chico Mendes, o Brasil tinha, em 2006, 43 reservas extrativistas (Resex) que abrangiam 8,6 milhões de hectares e abrigavam 40 mil famílias. Este tipo de Unidade de Conservação (UC) de uso sustentável garante legalmente a preservação dos recursos naturais e, ao mesmo tempo, a manutenção da atividade econômica e a posse coletiva da terra pelas populações tradicionais (seringueiros, castanheiros, babaqueiros, caícaras etc).” Wikipédia [7]

1 “Nós (seringueiros) entendemos que a Amazônia não pode se transformar num santuário intocável. Por outro lado, entendemos também que há uma necessidade muito urgente de se evitar o desmatamento que está ameaçando a Amazônia e com isto está ameaçando a vida de todos os povos do planeta. (...) Por isso pensamos na criação de reservas extrativistas. (...) nas reservas extrativistas nós vamos comercializar os produtos que a floresta generosamente nos concede. A universidade precisa vir acompanhar a reserva extrativista. (...) essa reserva não terá proprietários. Ela vai ser um bem comum da comunidade. Teremos usufruto, não a propriedade.” Discurso de Chico Mendes [13]

Amazônia, Mestra Suprema.
Vós nos aguardais, silenciosa, em paciência.
Aguarda a nós, humanidade, a desabrochar
primordial inocência.

"If you ask how much do I want,
I'll tell you that I want it all.
This morning, you and I,
and all men
are flowing into the marvelous stream
of oneness."¹

¹ "Se me perguntas o quanto eu quero, direi a ti que eu quero tudo. Esta manhã, você e eu, e todos os homens, estão fluindo para dentro da maravilhosa corrente, de unidade." Primeiro verso do poema "I will say I want it all" de Thit Nhat Hanh [17]



Povos da Floresta

“Verifiquei que a vida persiste em meio à destruição. Deve existir, portanto, uma lei superior à da destruição. Unicamente sob essa lei se poderá conceber a sociedade organizada e a vida digna de ser vivida. Se essa é a lei da existência, devemos praticá-la na rotina diária. Sempre que houver guerra, sempre que nos defrontarmos com um oponente: conquistar pelo amor. (...) Para atingir o estado mental de não-violência, exige-se um treinamento demorado e rigoroso. É uma vida de disciplina, como a vida de um soldado. Alcança-se o estado de perfeição quando a mente, o corpo e a palavra consumam sua coordenação. Todo problema evoluirá para uma solução se decidirmos fazer da lei da verdade e da não violência a lei da vida”

Mahatma Gandhi¹

Era o final do outono brasileiro. Em algumas semanas principiaria o verão amazônico. No dia seguinte que cheguei no Acre, amanheci em Xapurí, uma cidade na beira das águas barrentas do Rio Acre, berço de nascimento do Chico Mendes.

Ainda cedo, saí pelas ruas à procura do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Era um meio de aproximar-me das comunidades seringueiras. Fiquei surpreendida em como todas as pessoas do sindicato se empenhavam honestamente em ajudar quem quer que buscasse auxílio, inclusive uma ‘forasteira’ recém chegada. Expliquei-lhes que gostaria de conhecer um pouco do movimento seringueiro e eles aconselharam-me a visitar a casa de Raimundão, um grande companheiro de Chico Mendes, que era conhecido como seu ‘braço direito.’ Naquele ano ele estava morando com sua família na cidade de Xapurí. Por causa de seu trabalho na prefeitura, precisou abrir mão temporariamente de sua vida nos seringais. Passamos uma noite estrelada de histórias, o ancião revelando joias preciosas dos povos da floresta.

– Nos seringais, na época que eu nasci, eu e meus outros companheiros, não existia escola – disse Raimundão – No seringal, as crianças, elas não aprendiam a ler e a escrever. Todo mundo era analfabeto. E nos anos setenta com a invasão das nossas florestas pelo latifúndio, nosso povo começou a ser expulso da floresta e o Chico Mendes, através da Igreja, criou o sindicato. Na época eu deixei meu serviço de funcionário público para voltar a morar no seringal e me juntar com os companheiros, pra gente lutar. Resistir. Porque tava sendo expulso todos os seringueiros de dentro dos seringais.

– E uma vez o seringueiro expulso dos seringais eles iam pra cidade.

1 “Descobri que a lei do amor tem correspondido com amor, em minha própria vida, enquanto a lei da destruição me deixaria só. Na Índia, tivemos a prova ocular desta lei, na mais ampla escala possível. Não proclamo que a não violência tenha penetrado nos corações dos 360.000.000 de habitantes da Índia, mas proclamo, sim, que em tempo incrivelmente curto penetrou mais fundo que qualquer outra doutrina.” Mahatma Gandhi [21]

E na cidade não tinha como sobreviver, porque seringueiro vive de cortar seringa, ele vive de fazer roçado. Lá na floresta ele vive de quebrar castanha. E vindo pra cidade ele não tem essas coisas na cidade. E como na cidade não tinha serviço pras pessoas trabalhar, as pessoas iam passar fome junto com os filhos. E foi aí quando o movimento sindical começou a se organizar, incentivado pela igreja católica. E a gente começou a juntar os nossos companheiros e a resistir contra os desmatamentos da floresta e também contra a expulsão dos nossos companheiros. O movimento foi crescendo e a resistência aumentando. Nós fomos conseguindo vitórias. Conseguimos evitar que determinadas áreas de terra fossem desmatados e nossos companheiros continuarem lá. Só era bastante dificuldade. Nós não tínhamos meios de comunicação. A comunicação era através de cartas, bilhetes. A gente tinha que ir na casa do companheiro, às vezes 6 horas de viagem a pé, para dar um recado. Então nós sentimos a necessidade de ver como organizar escola pro nosso pessoal aprender a ler e escrever. Poder ler e escrever um bilhete para outro companheiro.

Além das palavras, as marcas do rosto de Raimundo expressavam a árdua luta do povo seringueiro. Seus filhos, frutos vivos do movimento comunitário, corriam alegremente pela sala.

– E foi nessa época que a gente começou a contar com a ajuda de outros movimentos populares, aos quais a gente se uniu e criamos o projeto seringueiro. O projeto seringueiro tinha como objetivo produzir material da realidade do seringueiro. E o seringueiro estudar através da letra aquilo de que era a realidade dele. Como escrever através da palavra seringueira, castanheira, girau, jarina, varadouro. Através da articulação, conseguimos realizar o treinamento de algumas pessoas que já tinham um pouco de leitura. Por que as pessoas que tinham um pouco de leitura, era possível ensinar aqueles que não sabiam de nada. Nesse primeiro momento a escola era pros adultos. Porque eram os adultos que estavam na luta, eram os adultos que tavam precisando de saber ler e escrever. De saber fazer conta que era para o patrão não poder enganar na venda do produto e na compra da mercadoria. Porque naquela época muitos de nós vivíamos em semi-escravidão!

– Eu nasci e criei nos seringais sem a oportunidade de ir à escola. Chico Mendes foi outra pessoas que nunca foi para uma sala de aula, mas conseguiu aprender bastante. O pai dele deu as primeiras lições. Outros amigos deram umas lições para ele. E com o pouco que a gente conseguia aprender com os outros, a gente ia, pelo interesse e a necessidade que a gente tinha, a gente ia estudando, mesmo sozinho, numa cartilha, num livro, lendo e escrevendo e tomando mais informações com outras pessoas.

– Nossa história é marcada por grandes oportunidades que tivemos. Os poucos que sabiam ler tiveram a oportunidade de entrar em contato com materiais, livros, que dessem uma dimensão da perversidade dos

opressores, dos grileiros, dos patrões. O pai de Chico Mendes ajudou um estrangeiro refugiado a se esconder na floresta, em sua casa. Ele era um procurado político na época que a ditadura reinava em muitos países. Ele foi um dos que ensinou Chico Mendes, ainda criança, não apenas a ler, mas a aprender com a leitura a transformar as sociedades. Ele plantou as sementes de muitas ideias de igualdade e liberdade. E do poder de luta que gera a união dos povos oprimidos.

– A igreja também passou muitas leituras para as nossas mãos. Falando da exploração de outros povos do passado. Então nós conhecendo esse passado, essa realidade que passaram outros povos. Conhecendo os cantos também, que contavam outras histórias. As músicas foram parte da munição da nossa luta. Como a canção de Geraldo Vandré, Pra Não Dizer que Não Falei das Flores:

“Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam antigas lições
De morrer pela pátria e viver sem razões
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição.
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”

– Foram muitos ingredientes; e eu chamo de fermento que deu a nós o incentivo para que a gente pudesse se tornar mais consciente e resistir. E, é lógico, não resistir sozinho. Mas se juntando com os outros companheiros e não esperar o latifúndio tomar conta da nossa Terra. Destruir a nossa floresta.

Raimundão pausou, olhando para o lado. Seus olhos profundos retornaram e ele seguiu falando.

– Assim a gente implantou as primeiras escolas. E na medida

com que as aulas começaram a acontecer e que as pessoas foram aprendendo e escrevendo as primeiras letras, as crianças começaram a sentir a necessidade delas também estudar. E os pais logo ficaram muito sensibilizados. Por que eles estavam começando a aprender as primeiras letras. E as crianças? Então aí foi que a gente começou a pensar em melhorar essa metodologia de ensino e fazer com que as crianças também pudessem participar da escola.

– E aí foi criada sala de aula para as crianças e sala de aula para os adultos. As crianças estudavam no decorrer da semana, de segunda a quinta, e os adultos estudavam 6^a sábado e domingo. Porque os adultos tinham que trabalhar com a borracha, tirar castanha, cuidar do roçado. Fazer as caçadas. E no final da semana estudavam. Mesmo cansado. Trabalhando o dia todo e muitas das vezes trabalhando de noite inclusive.

Penduradas às paredes de madeira da casa de Raimundão, panelas metálicas esmeradamente polidas refletiam à luz da lamparina. Limpeza e ordem impecável permeava a cozinha.

– Às vezes tinham que caminhar três horas dentro da floresta para chegar a uma escola. E tinha outra coisa, não era governo que pagava. O governo nessa época era contra nós. O próprio governo queria que nós continuasse analfabeto, abandonasse a floresta. Era um governo completamente voltado aos interesses do latifundiário. Só dava atenção e apoio aos patrões e não aos povos que nasceram e criaram na floresta.

– Nosso recurso vinha da ajuda de outros movimentos sociais com os quais a gente se uniu. Assim a gente treinava e capacitava o pessoal. Eu mesmo fui um professor. Passamos três, ou quatro anos sem receber nada. A gente ensinava a partir da necessidade que tinha do nosso pessoal aprender. E eles vinham para a escola pela mesma necessidade. Depois de quatro anos, poucos professores foram contratados através da luta do movimento, até que transformou-se no que transformou-se.

– E nossos companheiros aprenderam. Aí foi se expandindo as escolas dentro dos seringais. Hoje eu posso dizer, dezessete anos depois, nós temos as nossas escolas consolidadas. Todas as crianças dentro dos seringais participam da escola. E foi possível, com toda essa luta, a gente conquistar a permanência na terra.

– Hoje é como se vê lá no seringal. As crianças nascem e elas não precisam migrar pra cidade a fim de estudar. Elas estudam lá, trabalham lá, e o pleito nosso, a luta nossa, é de que elas se formem lá. Temos vários companheiros que estudaram nas escolas dos seringais e hoje, adultos, já estão lecionando pros outros, são professoras na comunidade. O Luciano, o Raimundo no Nazaré. Primeiro grau hoje já é concluído no seringal. E se Deus quiser a partir do próximo ano, nós vamos estar já trabalhando o segundo grau. A intenção, a necessidade que nós temos, e nós vamos lutar para isso, é que mais tarde a gente

possa estar formando os nossos técnicos lá dentro do seringal. E morando lá dentro.

– Essa foi uma experiência que deu certo. Foi uma vitória muito grande pra nós. E cabe agora nós aperfeiçoar mais essas experiências e desenvolver outras experiências. Como o manejo das frutas, das resinas, das riquezas da floresta. Vamos trabalhar o enriquecimento do solo que já foi desmatado, para evitar que desmatemos mais. Nós temos certeza que nossos filhos, netos e bisnetos vão ter um desenvolvimento muito bom na floresta. Agora, isso foi um trabalho muito grande da luta dos seringueiros, que não eram vistos como cidadãos. Mas graças a Deus nós estamos sendo vitoriosos. E se Deus quiser vamos ser muito mais vitoriosos ainda.¹

Raimundão contou que a escola atuara como uma força centrípeta nos seringais, convergindo as diversas famílias num caminho comum.

– Por que a escola? – ele disse – é a escola que junta. Faz escola que junta eles! Vamos dizer, se há comunidades que não dá para juntar todas numa escola só, então faz uns grupos, umas cinco escolas, que tenha pelo menos de quinze em quinze dias, que possa estar juntando esses grupos das outras escolas em um grupo só e fazendo uma reflexão da vida que eles tão levando. Para que eles possam estar fazendo uma reflexão coletiva em cima disso aí e possam estar se organizando e se juntando mais para mudar. Então a escola é de fundamental importância para isso.²

– Está tudo baseado na união. Não pode uns achar que sozinhos vão conseguir vitórias. Só vão conseguir vitória se estiverem juntos. Por mais que o inimigo seja feroz, enganador. Nós temos que estar consciente que nossa união é fundamental para a liberdade. Temos que estar unidos. Porque foi dessa forma que nós fomos vitoriosos.

– Foi da nossa união que conquistamos muitos frutos: a permanência na floresta, a dignidade de nosso povo, a educação, a saúde, o respeito. Fomos humilhados e explorados. Faziam de nós o que bem entendiam. Hoje nós povos seringueiros construímos nossa cidadania. Por isso, ensinamos aos nossos filhos: Temos que ter consciência da união.

“Bom dia, natureza
Pulmão da Terra mãe
Portal da cor, futuro

1 O movimento seringueiro criou a Reserva Extrativista, a primeira categoria de Unidade de Conservação com terra coletiva, e que integra elementos sócio-culturais dos povos moradores. A transformação que esse movimento gerou, ganhou repercussão internacional, e o ambientalismo de todo o mundo ganhou um novo olhar sócio-cultural.

2 “Para facilitar eficientemente o surgimento de coisas novas, os líderes das comunidades precisam compreender os diversos estágios desse processo vital fundamental. Como já vimos, para que haja surgimento espontâneo, é preciso que haja uma rede ativa de comunicações com múltiplos elos de realimentação. Para facilitar esse surgimento é preciso antes de mais nada criar e fazer crescer redes de comunicação a fim de “ligar o sistema cada vez mais a si mesmo.” Fritjof Capra, 2002 [45]

Cada nascer do sol
Carinho, companheiro
É como se a paz
Cobrisse o mundo inteiro
Terra, água, fogo e ar
Quero o sabor, o som
Quero tocar, visão
Cheiro de vida e um mar de gerações
Procuro a resposta, por que criar a dor?
Se quando estamos juntos temos sonho, força e amor
Gema da criação, herdeiro do pintor
Dono do amanhã, do sim, do não
Coragem, companheiro, pra que fechar a voz
Se a força do desejo pulsa em cada um de nós”¹

A noite crescia. Ronaira, filha do Raimundão, folheava as tarefas da 5^a série em seu caderno de folhas grandes, sob a tênue luz da sala. Tinha onze anos e estudava numa escola em Xapurí. Entre as brincadeiras e lições, ela não deixara de, tacitamente, escutar a conversa de seu pai.

Convivência é um dos maiores mestres. Através dela, aprendemos o indizível. Nem mesmo todas as letras e números do mundo podem expressar por completo um momento íntegro de vivência. Mesmo de olhos fechados, a criança absorve o mundo com sua visão, em insaciável curiosidade. De ouvidos tampados, ela escuta aquilo que as bocas calaram. Cada gesto, por menos intencional que seja, por mais imperceptível, é um ensinamento. E cada ensinamento cria raízes profundas. Floresce, frutifica e prolifera por todos os ventos. A vida evolui nua e crua.

Logo vemos os finos traços de expressão migrarem da testa do pai para a face da filha. As palavras passam a correr em mesma entonação. Ronaira não fora exceção. Espontânea, revelava sua jovem e madura sabedoria:

– A escola aqui da cidade não é como nos seringais. Aqui, a gente tem que decorar tudo que o professor fala.

Pedi que ela lesse algumas tarefas de geografia:

– O que é geografia – ela começou, seus olhos fixos nas letras. As palavras saíam mecanicamente – é a ciência que estuda a superfície da Terra e o comportamento humano. Como a geografia é a área de estudo muito amplo, ela foi dividida em: geografia humana, estuda como os povos relacionam com o espaço geográfico e com os diferentes lugares, fazendo suas necessidades de subsistência, trabalho. Estuda também, valores culturais, sociais, religiosos, como organizam politicamente, como se distribui pela cidade, e todas as outras questões ligadas aos humanos, pelos homens, vivendo em sociedade na espaço que ele

¹ Portal da Cor, canção de Milton Nascimento e Ricardo Silveira

ocupa. Geografia física. Cuida da observação, descrição, análise, dos elementos naturais da superfície da Terra. Geografia física. Substitui-se em geomorfologia que estuda as formas de relevo. Climatologia. Cartografia, hidrolo – hidrografia, hidrografia.

Terminando de ler aquela palavra difícil, Ronaira levantou seus olhos brancos.

– E o que você acha das aulas de geografia? O quê que tá escrito aqui? Você entendeu tudo? – perguntei, com uma cara de quem também não tinha entendido nada.

– Não! Por que a professora não explicou pra gente – respondeu com seu sorriso esperto – Olha essa outra aqui. Foi a atividade da aula de hoje: qual a área territorial do estado do Acre? A área de cento e cinquenta e três mil, cento e quarenta e nove vírgula novecentos quilômetros. Qual a produção do estado do Acre? Qual a população, desculpe, qual a população do estado do Acre: é de mil, seis, seiscentos e catorze, mil, quinhentos e cinquenta um habitantes. Cite o nome dos municípios que são vizinhos de Xapurí: Sena Madureira, Brasiléia, Rio Branco, Capixaba, e Bolívia. Quais atividades econômicas desenvolvidas no estado do Acre: pecuária, extrativismo vegetal. O estado do Acre está localizado na região: Norte, Sul, ou Nordeste, Sul ou Norte. Norte. O seu município está localizado à margem? Direita.

Ela parou de ler, olhou-me nos olhos – e ambas caíram em ditosas gargalhadas.

Não pude deixar de sentir compaixão por aqueles alunos. O que estavam aprendendo de verdade? Como aqueles “seiscentos e catorze mil” mudavam suas vidas? O que significava “área territorial”? Mesmo recém formada em geografia pela Universidade federal do Rio de Janeiro, eu desconhecia tais coisas. Mal conheço os municípios vizinhos de Niterói, minha cidade natal. Talvez algum dia escrevi-os impecavelmente numa folha de papel chamada prova. Hoje, gostaria de conhecê-los. Mas quem sabe de outra forma.

Tudo isso a pequena Ronaira sabia. Conhecia seu território talvez mais do que eu conheço o meu. Mas a sabedoria de Ronaira tinha vida própria. Seu jeito de saber não fora, até então, entrelaçado às lições e apostilas de sua sala de aula. Ela sabia que os madeireiros bolivianos invadiam sua Reserva Extrativista. Sabia que a população do estado do Acre era composta por povos indígenas, seringueiros, urbanos, dentre muitos outros que a pequena não me contou. Ela sabia que seus vizinhos coletavam castanha, vendiam-nas e com essas renda cuidavam das necessidades da família; sabia que as redondezas de sua floresta estavam sendo transformadas em pastos para criação de gado. Mas, talvez, ela nunca ouvira antes as palavras “atividade econômica”. Ou não sabia o significado de “pecuária”.

A pequena Ronaira conhecia tanto de geografia quanto seus professores e eu. Mas sua linguagem era diferente da deles e da minha.

No dia seguinte, Raimundão sugeriu que eu visitasse o escritório do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA). O CTA era uma instituição que dava auxílio ao projeto de educação seringueira. No escritório tive a boa sorte de conversar com Ademir, coordenador geral do centro.

– O trabalho do projeto de educação dos povos da floresta é de desenvolver educadores entre os próprios seringueiros das comunidades, ao invés de trazer professores de fora. Nós temos muita gratidão por esse trabalho que desenvolvemos – Ademir compartilhou.

– A princípio foi feito uma sondagem nas comunidades do que era mais importante de ser trabalhado nas escolas. A partir desse trabalho, foram surgindo as necessidades. Se o aluno queria aprender apenas a assinar o nome para algum documento, era alguma coisa. Quando ele aprendeu isso, depois ele já queria mais alguma coisa. Já queria escrever uma carta para o amigo. E assim gradativamente foram subindo as necessidades. Os professores esperavam o tempo natural em que ia se despertando os interesses do aluno e apenas incentivavam esse gostar de aprender, sem forçar novas assimilações. Depois fomos discutindo novas propostas com os moradores das áreas e, cautelosamente, a gente vem inserindo essas propostas.

Uma das principais propostas relacionava-se ao material didático. Eles estavam trabalhando com a questão de como adequar os instrumentos das aulas às necessidades do movimento seringueiro e das comunidades.

– A gente usa material didático tanto do projeto quanto do Ministério de Educação. Mas a maioria é construída junto com os professores. Com os alunos nas escolas. Nos cursos de formação de professores. Como esses materiais são montados? Os supervisores do projeto ficam na comunidade participando das aulas, das atividades, durante quatro, cinco dias. Você vivencia o cotidiano com eles. Quando chega no quarto dia dá vontade de ficar mais, porque aí é o tempo que os alunos se abriram com você. E aí eles já contam tudo. Porque você chegar numa comunidade onde você não tem muito conhecimento, os alunos já dão uma travada. Eles não vão abrir o jogo logo de início. Os professores também se fecham um pouco. Mas quando você permanece lá por mais um tempo, aí você consegue entender todo o trabalho e as necessidades mais frequentes, mais presentes.

– Então nesse processo a gente vai observando tudo que acontece. Aí a gente começa a mudar o material para o próximo curso, que é anual, durando vinte dias. No final dos oito meses de visita nas escolas, a gente já tem muito recurso, muita munição para trabalhar. Todo material trabalhado nos cursos de formação e capacitação de professores é desenvolvido a partir das necessidades observadas e anotadas nas vivências dos supervisores, nas escolas de cada comunidade.

Ademir levantou-se e colocou uma grande mala colorida sobre a mesa. Dentro haviam livros dos mais variados.

– Aqui nós temos uma mala que faz parte da arca dos livros. Elas têm uma média de trinta a trinta e cinco livros. São malas rotativas que ficam em média três meses numa escola. Cada mala tem sua própria variedade de livros. Para crianças e adultos. E quando essa mala é entregue para outra escola, são livros novos, despertando a curiosidade das crianças. Mas os livros produzidos na escola pelos próprios alunos estão presentes em todas as malas.

Ele pegou um pequeno livro em suas mãos. Virou suas folhas exuberantes. Cada página era completamente preenchida por uma ilustração colorida e contendo um pequeno texto, ambos feitos pelos alunos da comunidade. Havia outros livros semelhantes que, como esse, contavam histórias e informações sobre elementos intrínsecos da cultura seringueira, como plantas e animais da floresta Amazônica.

– Esse aqui, por exemplo, é o beija-flor. Esse outro aqui fala de todos os bichos da mata. Tem textos dos alunos e dos professores. Existe uma cópia desses livros em todas as malas.

A alimentação era outro elemento que vinha sendo trabalhado na educação. Enlatados e embalagens plásticas, produzidas nas grandes cidades e transportados por muitas léguas, haviam substituído os alimentos frescos das roças e matas nos seringais.

– A questão da alimentação escolar, estamos discutindo há muitos anos. Tem a ideia da horta escolar e do pomar de fruteiras. Neste pomar teria uma variedade grande de espécies de fruteiras, para que fosse possível em qualquer época do ano alguns de seus pés estarem carregados de uma fruta da época. Em algumas escolas, como na Nova Esperança, algumas fruteiras já estão começando a produzir. Esperamos daqui a alguns anos chegar lá em qualquer época, mês, e ter alguma fruta madura. O nosso objetivo é, com o tempo, substituir 100% a merenda escolar que vem do governo. A maioria da comida é porcaria, cheia de química. Isso enche o bucho da criança, mas prejudica o organismo. Isso é muito mau, porque quem mora no seringal, principalmente, tem grande dificuldade de chegar aqui no médico. A área da saúde é difícil. Se a gente conseguir que esse projeto dê certo, é uma grande vitória na qualidade de vida dos povos da floresta.

Em todo o Brasil, e mundo afora, incontáveis famílias viam-se sem outra alternativa a não ser somar-se ao grande contingente de gente sem terras, perante os turbilhões da disputa por terras, êxodo rural, agronegócio, pecuária e da desocupação forçada pela construção de barragens, mineradoras e Unidades de Conservação. Aquele povo dos seringais tinha uma das maiores riquezas: a terra comunitária. Ademir me contou que a consciência da "terra coletiva" e da "cultura tradicional seringueira" era a essência do próprio movimento.

– Esse é um dos aspectos mais simples da gente trabalhar. Pelo fato de que a realidade dos povos nessas comunidades, eles já tem conhecimento de qual é o objetivo da reserva. Quando foi criada a

reserva, ele já sabia por quê.

Ali estava o cerne do manejo de terras. A vida dos moradores.

Em lugares como o Vale do Paty, o Jalapão, as comunidades não participaram da criação da reserva, da construção do plano de manejo. Nesta história acreana, os próprios seringueiros foram os principais protagonistas da Unidade de Conservação.

– Eles sabem que é de grande utilidade o assunto de manutenção dessa reserva e preservação. Esse assunto está presente em todos os materiais. De que eles têm de se manter bem ali, porque aquele é o lugar deles. Porque não adianta eles saírem dali dos seringais e vir pra cidade e quando der um tempo precisar voltar e não encontrar mais o teu lugar. Porque eles mesmo já conhecem alguns exemplos de pessoas que passaram por isso. Em todas as escolas a maioria dos pessoais são sócios do sindicato rural. Todas as comunidades tem lideranças. Então está tudo interligado, a educação caminha junto com a luta pela terra e pela preservação da cultura e da natureza. Essa consciência já é desenvolvida no jovem, no convívio comunitário e na escola. Os próprios alunos já desenvolveram esse conhecimento. Eles gostam muito de trabalhar esse assunto. Na escola da comunidade do seringal floresta, os alunos já criaram até mesmo uma peça teatral e apresentaram aqui na cidade de Xapurí, apresentaram em outras comunidades. Eles já têm duas ou três peças, que falam da realidade do seringueiro.

– Através dessas formas educativas, eles tentam ensinar os jovens das outras comunidades sobre a importância de seu lugar, preservar sua cultura, a natureza. Eles não guardam isso só para eles, levam essa mensagem para outras áreas. Pois eles sabem que esse assunto é de suma importância pra vida deles.

– Na geografia a gente trabalha não apenas com um conceito único, mas com vários conceitos diferentes, várias definições de formas diversas. Nas salas de aula, procuramos integrar definições de origens diversas para um mesmo conceito. Definições que nascem nas ideias dos seringais, definições acadêmicas, definições de outros lugares.

– Uma das formas mais práticas de se trabalhar, é mostrar para o seringueiro que ele começa a entender a geografia a partir de sua própria casa. É o espaço que ele vive. Como, por exemplo, a bacia hidrográfica. A gente começou a trabalhar lá da vertente, onde ele tira água pra beber, onde ele vai tomar banho, aonde ele vai lá toda hora. Aquela água serve pra tudo. Dali, nós começamos a trabalhar a bacia hidrográfica e isso vai alargando os horizontes dele. Ele começa a perceber que o mundo dele não é unicamente aquele em que ele vive, que ele conhece. Tem outros espaços que vão crescendo. A gente convida ele a sair momentaneamente de seu mundo e conhecer um mundo maior. E faz ele entender que ele também faz parte desse todo.

Ademir folheou uma cartilha de geografia. Na primeira folha havia

uma casa seringueira desenhada, que era seguida por imagens da comunidade. A cada folha o livreto ampliava a escala sucessivamente: simbolizando a Reserva Extrativista na qual as comunidades estavam inseridas, o município, etc., até mostrar o globo. Dentro de seu lugar nativo, o seringueiro inseria-se na comunidade global.

– Essa é uma história muito bonita – disse Ademir – É dessa forma que a gente trabalha a geografia. Por exemplo: a demarcação das áreas de terra dele onde ele faz o roçado, pra fazer a agricultura. A gente vai trabalhando isso que ele já sabe fazer, mas não sabe onde isso ta. E a gente mostra pra ele que isso também é geografia. Aproveitamos e não trabalhamos apenas geograficamente a área, mas também trabalhamos números. Ele sabe fazer as medidas. A gente dá conceitos legais pra essas medidas que eles fazem, transforma o que ele chama de “braça” em metro. A gente vai ampliando o conhecimento deles.

– Quase 100% dos seringueiros são descendentes nordestinos. Utilizamos isso para trabalhar no mapa, o trajeto de seus avós. O local da antiga morada dos familiares, no Nordeste. Mostramos no mapa do norte, os caminhos fluviais que a maioria fez. Até chegar em Rio Branco, a capital. De lá pegamos o mapa do município e depois o mapa da Reserva Extrativista e leva ele a conhecer todo o trajeto que seus avós, bisavós fizeram, no processo de criação da cultura seringueira. A gente mostra para ele essa geografia. Além de estudar no mapa, eles coletam recordações de moradores da comunidade, ampliando o conhecimento sobre a trajetória e mantendo viva a memória da história particular de suas famílias, sua cultura. Eles estudam não apenas o trajeto, mas como isso faz parte da vida deles. Eles compreendem as suas origens. De onde eles vieram! O que eles fazem! Quem eles são!

– Isso auxilia eles a terem consciência desse mundo maior, de suas dinâmicas. Até mesmo revaloriza as singularidades de seu lugar. Como esse lugar se construiu. Assim, podemos trabalhar o que eles pretendem ser. Onde. Eles se tornam sujeitos do próprio futuro. O futuro de sua vida, sua profissão. Sua comunidade, sua cultura. Sujeitos conscientes de sua história.

Chico Mendes foi apenas um homem. Mas sua força nascia na união de incontáveis fiéis que juntavam as mãos, manifestando a bondade intrínseca à todos os homens. Pela voz de um homem, fluía o canto de uma floresta inteira. Os rios, gigantescos, corriam em suas veias. A Amazônia, com todos seus povos, fauna, flora, montanhas; pulsava uníssona naquele coração.

“Bem pouco sabe o mundo de quanto a minha chamada grandeza depende das incessantes labutas e dos sofrimentos de silenciosos operários, homens e mulheres, devotados, eficientes e puros.”

Mahatma Ghandi^[21]

Mais uma vez, a vida me agraciava a oportunidade de aperfeiçoar a arte da espera. Como sempre, a lição frutificou em bons fluidos. Logo me encontrei na garupa de uma moto, cruzando trechos desmatados de criação de gado e, enfim, adentrando as matas da Reserva Extrativista.

O Seringal Floresta tinha uma vegetação densa, contrastando com as grandes pastagens desmatadas que a estrada cruzara. As casas, escondidas pela flora, salpicavam a grandes distâncias. Algumas crianças tinham de caminhar uma ou duas horas pelas trilhas que teciam a comunidade.

Era sábado. Um punhado de moradores estava reunido na sala de aula assistindo um jogo da copa mundial. A professora estava presente. Era muito jovem. A vida crua e delicada daquelas regiões lhe amadurecera; ocultos nos graciosos traços juvenis, sua face revelava confiança e maternidade.

– Quando eu trabalho um tema, eu sei que tem alguns assuntos que as crianças sabem mais do que eu – disse a professora – Sobre as coisas das florestas, por exemplo. Elas nasceram na floresta. Eu me criei na cidade. Eu apenas estimulo a troca e a integração do conhecimento. Elas fazem pesquisas em casa, com os pais, avós, vizinhos, sobre um determinado tema. Eu complemento na sala de aula com uma pesquisa que faço nos livros de fora, livros da ciência, do MEC. Assim, além de aprenderem o conhecimento tradicional, eles aprendem novos conhecimentos, mais atuais. E tem um trabalho que a gente transforma isso em livros.

Levantou de sua cadeira e entrou na sala de aula. Logo apareceu com dois livros.

– Esse livro aqui é produzido pelos alunos da Escola Seringueira. Alguns foram escritos pela nossa escola. Esse aqui foi da troca de livros produzidos pelos alunos do projeto seringueiro. Os que nós produzimos, uns foram pra outras escolas.

Suas mãos seguravam um dos livros. Na capa lia-se “O Jatobá”, palavras traçadas na caligrafia dos alunos, em aliança estava impresso o desenho colorido da árvore nativa. Nas salas de aula, nas trilhas, nas casas, nos encontros comunitários e na floresta, as crianças haviam reunido informações sobre o Jatobá, árvore amazônica intrinsecamente presente na cultura ribeirinha. Com grande esmero, haviam ilustrado essas sabedorias ancestrais e comunitárias em cores alegres e impressionante precisão. Os detalhes minuciosos revelavam a mestria daqueles povos da floresta na arte de observação. Geração pós geração, a sabedoria crescia, tinha vida própria, era o espírito da comunidade.

– Essa é a história do Jatobá – a professora mostrou, folheando o livro.

Uma nova imagem da árvore cobria a primeira página. Ela leu:

– “O Jatobá é uma árvore copuda que chega a medir vinte e cinco

metros de comprimento por dois e meio de grossura."

Seus dedos viraram o papel. Dezenas de frutos caíam da alta copa frondosa. Aos pés da árvore, animais e crianças colhiam os frutos festivamente. Logo ao inicio do livro, os alunos haviam simbolizado o coração do Jatobá, Amor Maternal e abundância. Esse gesto também confidenciava a relação entre a árvore e a comunidade. Inocência e gratidão.

Nesta folha escrevia-se:

"Ele solta umas frutas a partir do mês de julho. Serve de alimento para vários animais, como o porquinho, a anta, o veado, os seres humanos, etc.."

A página virou. O desenho da planta, ao canto, realçava o tronco do pé. Ao lado, casas seringueiras tradicionais foram traçadas. O texto dizia:

"Da sua casca, faz o chá e o lambedor para curar a gripe que ataca as pessoas. Sua madeira serve para fazer casa que dura de dez a doze anos sem estragar"

Na quarta vez que o papel virou o desenho revelou uma grande árvore materna. Cinco jovens pés cresciam ao seu lado. Os menores tinham suas folhas pintadas num tom de verde mais claro. "O jatobá é encontrado na restinga e quase não são ocados".

Na ultima folha que a professora virou, um homem tirava breu do tronco do Jatobá. "Golpeando sua haste pode-se tirar breu, que serve para calafetar barcos."

– Então isso é o que? – a professora explicou – É a história que eles conhecem do jatobá e passaram para um livro. É uma pequena história, mas é um pouco do conhecimento que eles têm sobre a árvore. Esse outro livro é sobre a capivara.

"Quando o cadelo (cachorro) topa seu piché (rastro, cheiro), logo dá com ela dentro da cacaia e ela corre para a água. O caçador, quando escuta seu latido, já se prepara: caiu na água, ele POUH..."

– Tem também o livro da paca, do veado, do porquinho, da vaca. Então é assim. E através desse livrozinho, eles podem se comunicar com os colegas de outras escolas. Eles fazem a troca de experiência!

– Eles produzem livros da história que eles conhecem. Da vivência deles mesmo. Não é só da paca, só da cutia, mas coisas do passado também. Uma história que a mãe deles contou, a avó. Algo assim que eles acham interessante, que traz pra escola, e que a gente transforma em aula. A importância dessas aulas e do conhecimento deles mesmo. Por que é importante você aproveitar o conhecimento que o aluno tem? Até mesmo pra eles perceberem, que eles, ele não é uma pessoa que não sabe de nada. Que ele já tem os seus conhecimentos. E que esses conhecimentos são importantes. Às vezes pra pessoa, pra ele mesmo, não é importante, mas pra outras pessoas, que não tem o conhecimento dele, acham interessante. E se não for transmitido vai

se perder.

A mesma impecabilidade da casa de Raimunda revelava-se nas estruturas da escola. As paredes ao fundo, suas madeiras delicadamente pintadas de vermelhas; as janelas de bordas amarelas; os filtros de barro no canto e as canecas empilhadas, cada uma com o nome de um aluno.

– Não pensamos que só o conhecimento que eles têm é que é importante. Nós também buscamos o conhecimento dos livros, do material que vem do MEC, coisas que nós achamos que é interessante de eles saberem. Então a gente tenta colocar uma coisa junto com a outra, sem deixar separado. A escola tenta trazer tudo para um contexto. A gente estuda as regiões, os clima, a diversidade. Mas começa pela realidade do nosso lugar, que é a experiência direta deles né, no nosso meio. Depois leva para a experiência indireta. Primeiro fala de como é o clima na nossa região. Depois que vai falar como é nas outras regiões. Às vezes eles viram uma foto, viram algo na TV que mostra. Essa é a experiência indireta. Ensina, dependendo do clima, como é que são as plantas, as árvores. O que é capaz de produzir naquele clima, naquela região, o que não é capaz. Muitas vezes a criança vai na cidade, vê uma fruta e pensa “ah, na minha região não tem isso. Será que se eu plantar essa semente vai nascer?”. Aí eles vêm e fazem experiências, que eles mesmo tiveram curiosidade de aprender no cotidiano deles.

– A gente também trabalha coisas do mundo. Dentro da sala nós temos cartazes de dias internacionais, como do meio ambiente. Que aquilo não é comemorado nem só no nosso estado, nem apenas no nosso país. Aí eles sabem que o mundo inteiro participa dessa luta, dessa batalha. Às vezes a gente escuta pelo rádio uma guerra que tá acontecendo. Algo assim, que todo mundo quer estar interessado. Ou então você escuta o povo falar “por que tá acontecendo isso mesmo?” A gente tenta buscar do interesse do aluno como trabalhar o currículo didático. Além disso, a gente também procura trabalhar com aquilo que tem mais necessidade no momento, como a saúde.

Os olhos da professora brilhavam. Tão jovens... emanando sabedoria anciã.

– Hoje em dia nós trocamos experiências com outros professores de outras escolas seringueiras. Então quando nós vamos para um encontro, ou até mesmo sem ir, o professor fala, o que dá certo, o quê que não deu certo na escola dele. O que ele acha que é importante que os outros professores trabalhem. Se eu tô com uma dificuldade aqui e não sei como resolver, talvez se um outro professor esteja com o mesmo problema, se ele tem como me ajudar, então tem essa troca de experiência.

– Quando nós vamos num encontro, se a gente não sabe como produzir, tá querendo falar de algo, mas não sabe como, a gente vai e conversa com o grupo. Por que nós temos nossos supervisores que visitam a escola, que é justamente para ajudar naquilo que nós não

estamos conseguindo desenvolver. Nós não somos sozinhos. A gente resolve os problemas juntos.

O jogo de futebol havia terminado e alguns moradores se juntaram a nossa conversa no pátio. As palavras de cada um nasciam de uma uma consciência.

– Desde o início do movimento Chico Mendes se preocupava com a educação. Ele lutava para que os professores da escola fossem moradores da própria comunidade – disse Sabá, um dos fundadores do sindicato rural.

– Hoje nós tamo felizes! E somo rico! – Sabá sorria em contentamento – É o que eu tenho falado em todos canto: cada trabalhador hoje dentro dessa Amazônia, que possui uma área de terra, pra sobreviver, ele é rico! Entende? Quando eu viajo daqui pra Brasília de ônibus e a gente vê a situação dos companheiros que não têm um pedaço de terra pra trabalhar. E nós hoje vive aqui dentro de trezentos hectares de terra coletiva! E nós trabalhamos lá dentro feliz!

– Por que você sabe como é a reserva extrativista né. A terra é de todos e não é de ninguém. Pode cuidar, plantar, viver, mas não pode vender. E às vezes eu digo pro povo: a única coisa que nós não tamo sabendo é aproveitá!

– Até hoje nós só se envolvemos com borracha e castanha. Mas a floresta é uma riqueza! Têm sementes, resinas! O óleo da copaíba, o vinho do jatobá! Agora nós tá começando a se envolver. Mas tem tanta coisa pra gente fazer nossa renda, dentro da reserva. Que não precisa tá desmatando pra criar gado, como muitos companheiro da reserva que não tão consciente. Só porque o preço da borracha e da castanha tá baixo. Entrou agora um projeto, um plano de manejo da reserva, mas eu vou discordá até o fim. É uma porta se abrindo pros madeireiro.

– O plano de manejo madeireiro é pra entrar na reserva e tirar madeira pra vender! E quantos produto tem lá, na reserva que você não precisa mexer com a madeira! Eu sou a favor do aproveitamento das madeiras que tão caídas, que o vento derruba. Porque eu não tenho dúvida que esse projeto vá danificar a floresta.

– E a gente sabe, nós que somos nascidos e criados lá dentro, que de onde a gente derruba uma madeira, uma árvore, lá, a floresta fica danificada por muuuitos anos. Quando cai uma madeira, que o vento derrubô, que a floresta mesmo, ela se carrega e refloresta tudo, muito mais rápido.

Sabá seguiu contando suas histórias. A arte da paciência foi um dos grandes pilares no movimento seringueiro.

– A gente fazia reunião. No início começou com dois ou três, depois quatro ou cinco. A gente ia conscientizando os companheiros. Depois foi aumentando. Foi luta! Mas a gente conseguiu. Por que tinha companheiro que falava, “Ah, mas esse negócio é comunismo. Vocês

são comunista." Aí eu falava: "Queria eu ser comunista!" pra eles, eles colocavam essa palavra né, mas pra nós né, até Jesus foi Comum!

Como Mahatma Gandhi, Chico Mendes lutou pelo seu povo usando somente as armas invisíveis da paz. Como o indiano, também viu seu próprio sangue ser derramado.¹

– Quando foi formular as regras teve participação de todos os moradores – disse Renato, um seringueiro da comunidade – Havia lideranças e instituições de fora. Todo mundo contribuiu bastante. O conselho nacional. A igreja católica. Mas foi principalmente as comunidades, os moradores daqui. Por que na época, já existiam os pequenos grupos, e a partir daí que começou a crescer. A partir dos pequenos grupos de moradores organizados que já existiam, começou a criação da reserva. O papel mais importante foi a dos próprios seringueiros. As entidades ajudaram. Mas nada teria sido feito sem o protagonismo dos próprios seringueiros.

– Os seringueiros que viviam aqui, sabiam como tirar seu sustento da floresta. Conhecem o jeito das coisas da floresta. Eles têm o conhecimento para formular as leis, as normas. Dizer o que pode, o que não pode fazer, para manter a sustentabilidade. Eles conhecem os caminhos dos igarapés. Os limites da restinga, do buritizal, do seringal. A área de cada animal. Eles têm os saberes de como viver harmoniosamente. Tem um ou outro que destrói, desmata. Mas ai a gente já sabe quem é. Somos todos vizinhos.

O homem é protagonista de sua própria história. O ser humano tem fome.

"Não só de pão vive o homem."²

A verdadeira fome, é a fome de viver. Viver em verdade.³

"A verdade habita no coração de todo homem, e é ali que devemos procurá-la e viver de acordo com ela, na medida da nossa compreensão. Mas ninguém tem o direito de obrigar outros a viverem segundo a verdade assim como ele mesmo a enxerga."

Mahatma Ghandi [21]

Raimunda, a agente de saúde da comunidade, convidou-me para pousar em sua casa, a meia hora de trilha da escola.

Caminhamos por dentro de uma floresta antiga. A área inteira era

1 "Deixou a vida amazônica para entrar na história universal e no inconsciente coletivo dos que amam nosso planeta Terra e sua imensa biodiversidade." Comentário de Leonardo Boff sobre Chico Mendes [13]

2 Mateus 4,4.

3 "Pobre não configura apenas um ser de necessidades, mas significa também um ser de desejo, de comunicação ilimitada, de fome, de beleza. O pobre como todo o ser humano – bem dizia o poeta cubano José Roberto Retamar – tem duas fomes fundamentais, uma de pão, que é saciável, e outra de beleza, que é insaciável. Por esta razão a libertação nunca pode ser regionalizada no sentido material, social ou meramente espiritual. Só é verdadeira quando se mantém aberta à integralidade das exigências humanas. (...) A libertação não é somente autêntica quando guarda seu caráter integral mas também e principalmente quando é efetivada pelas próprias vítimas, pelos próprios pobres." Leonardo Boff [13]

coberta por uma volumosa folhagem, verde e luminosa, sustentada pelos altos pilares de madeira. Por entre as folhas translúcidas, fios de luz solar penetravam, brincando pelos infinitos mundos que se ocultam no interior da mata sombrosa. Os raios cintilavam pela galhagem das espécies mais coposas, escorriam como estrelas pelos cipós e musgos dos troncos e alcançavam o chão já delgados, farfalhando pelo tapete de folhas secas da serrapilheira e penetrando o mundo subterrâneo pelos buracos de tatu e veios de formigueiro. Por todo o espaço aberto, o Sol brilhava nas asas das libélulas, borboletas e indizíveis insetos miúdos, borrificando-as de cores fluorescentes.

Pelo caminho, árvores anciãs transpassavam suas cascas grossas e preenchiam a mata com soberana presença e sabedoria secular. Uma ciranda de quatro ou cinco pessoas seria necessária para abraçar a base de seus troncos. Suas alturas alcançavam as notas mais agudas do canto de um anjo. Pisamos fora da fina linha de chão pisoteado que marcava a trilha e paramos ao lado de um gigantesco Jatobá. Raimunda colocou sua mão sobre dois pequenos buracos redondos, cerrados com rolhas de madeira. Estavam no tronco à altura do peito.

– Aqui, o povo tira o vinho do jatobá – ela disse – Ele é uma medicina para várias doenças. Fraqueza, anemia, próstata, resfriado. De cada pé assim, já bem adulto, se tira uns trinta litros.

Pregada em seu tronco havia uma plaquinha de metal com o numero quinze gravado. Era o marco do monitoramento que estava sendo realizado pela universidade.

Raimunda tinha um corpo esguio. Seus braços eram finos, no entanto, os músculos eram bem desenvolvidos pela enxada de fazer roça e o machado de cortar lenha. O corte de seu cabelo crespo, rente à cabeça, salientava os traços excepcionalmente expressivos de suas feições africanas. O sorriso de criança travessa nunca deixava seu semblante, estranhamente inocente e maduro. A pele morena embranquecia seus grandes olhos observadores. Nada lhe escapava em meio à complexidade visual daquela floresta. Ela parou diante de outra árvore secular.

– Olhe aqui esse outro pé de jatobá. Ele tá morrendo por que alguém não teve cuidado com a vida dela. Vieram tirar uma lasca de sua casca, pra fazer remédio, mas pegaram parte da madeira dela. Mas pra fazer lambêdô, chá, usa só a casca. Foi falta de conhecimento. Não é assim. Tem que tirar só a casca. Não pode cortar a madeira. Olhe aqui ó como é que fica!

Mostrou um buraco enegrecido. Algo estava decompondo a árvore por dentro. Suas mãos tateavam as bordas do buraco, esfarelando pedaços apodrecidos. Ao lado, os sinais de uma lasca indelicadamente removida. O facão havia penetrado muito além da “pele”, arrancando partes vitais das camadas externas, expondo os tênuos canais de circulação da seiva. Como uma ferida em carne viva, aquilo era uma

grande porta aberta à incontáveis organismos causadores de infecções. Ainda fresca, a superfície lascada estava suscetível ao desenvolvimento de um novo 'buraco negro.' Uma resina cor rubi, viscosa e translúcida, exalava dos poros desnudos, iniciando a lenta criação de uma cobertura aos tecidos internos que foram subitamente desprotegidos.

Olhando de longe, ou pelo lado oposto, a árvore parecia completamente saudável. Majesticamente branca e gigante.

– Aí não tem mais como ela sobreviver né. Por que o buraco vai aumentando. Matando a árvore por dentro. – disse Raimunda.

Suas mãos exploraram as fundas paredes do buraco. Farelos e pedaços, dos quais a corrente vital já havia partido, caíram desocultando colônias de insetos, ligeiramente infiltrando a madeira em seus túneis labirínticos.

Ano após ano, década após década, século após século, o Jatobá ancião vinha crescendo. Quanto mais alta, quanto mais larga, maior era sua generosa abundância. Quantos animais se alimentavam de suas centenas de frutas? Quanto vinho medicinal conservava em seu ventre? Quantas vidas indizíveis tinham nela sua morada? Quantos séculos levou em seu gradual evoluir, aperfeiçoando-se mais e mais na arte da maternidade universal?¹

"O coração envia sangue para cada célula do corpo, e dessa forma as células são nutridas. O mesmo sangue flui de volta ao coração. Se o fluxo é obstruído, a pessoa morrerá. Nós precisamos aprender do coração esse processo de dar e receber. Para o benefício de outros, e também para nós mesmos, nós devemos ter a atitude de cuidar e compartilhar. Somos todos elos na cadeia da vida. Se um elo é enfraquecido, afetará a força de toda a cadeia."²

Uma pequena lasca cortada sem consciência. Essa pequena ação, simples porém desatenta, estava causando a morte muda de uma gigantesca rainha da floresta. Uma presença verdadeiramente santa.

A vida intrinsecamente entrelaçada de todos os indivíduos permeia a floresta como uma grande teia. Os cipós se embrenham pelas diversos galhos e troncos, as trepadeiras não conhecem limites verticais e horizontais, os fungos se expandem pelos indivíduos sem conceito

1 "Uma única árvore é capaz de sustentar uma infinidade de vida, desde seres microscópicos, como bactérias e protozoários, e fungos, a seres mais complexos que fazem dela moradia ou área para caça tais como aranhas, insetos, como formigas, cupins, vespas e abelhas, e pequenos anfíbios e répteis, ou ainda mamíferos, como macacos, morcegos e até felinos. A diversidade chega ao ponto de que em uma única árvore da Mata Atlântica ter sido encontrada cerca de 20 diferentes tipos de plantas, a maioria bromélias, que vivem por meio do epifitismo.(...) Essa característica torna o dossel florestal o ambiente com maior diversidade de vida numa floresta. O dossel é composto pela copa das árvores e abriga um imenso número de plantas e animais, sendo estimado que esse ambiente abrigue cerca de 18 milhões de espécies, abrigando grande parte da vida das florestas tropicais." Wikipédia [7]

2 Amma [26]

de fronteiras. Quando uma árvore desse porte tomba na mata densa, quantas vizinhas ela carrega ao chão? Um terremoto percorre as matas como uma onda avançando em todas as direções. Em reverência, a floresta inteira emudece.

No elo de cadeias, pode surgir uma grande clareira numa única tempestade de verão. E talvez leve séculos, estação pós estação, para reflorestar a área e elevá-la ao mesmo grau de evolução.

Uma pedrinha é atirada ao lago. No contato com a água, nascem pequenas ondas que seguem crescendo em círculos concêntricos e, imperceptíveis, atingem as margens causando seus efeitos diversos.

Pequenas e cotidianas ações. Elas crescem, invisíveis, vão reverberando, emanando sua influencia na infinita cadeia da vida.

Sim. Ela é paciente em seu equilíbrio dinâmico. A Natureza. Como as minúsculas formigas. Não importa quantas vezes destruímos o formigueiro, elas vão seguir trabalhando, incansáveis, recomeçando do zero mil e uma vezes, no mais admirável otimismo e perseverança. Na mais formosa paciência.

A Natureza é milagrosamente paciente com seus filhos errantes, nós seres humanos. É capaz dos mais críticos sacrifícios para ensinar seus pequenos aprendizes.

– Mesmo quando se tira apenas a casca, tem que cobrir com barro, que é anticéptico e ajuda a proteger a seiva, o sangue da árvore, de insetos e bactérias. Fazendo assim num ano, dois ano já tá tudo sarado!

Veias de cupim subiam pelo tronco da árvore. Ao alto, já se via outro 'buraco negro' consumindo-a por dentro. Seguimos caminhando em silêncio. De vez em quando Raimunda apontava para alguma planta ou área, soltando um comentário.

– Cumaru de ferro. Para construir casa – indicando uma árvore – Apuí branco. Lá é o tabocal (bambuzal). Era a roça dos antigos, agora a clareira tá tomada por taboca. A floresta leva muito tempo pra se regenerar.

O Sol penetrava pela clareira, incandescendo as folhas das plantas arbustivas. Uma tênue luz verde pairava ao nosso redor.

Ao longo do caminho, muitas árvores na beira da trilha tinham uma região do tronco que estava talhada, sempre na mesma altura, onde a casca sofrera frequentes golpes de facão. Perguntei a minha companheira o que era aquilo:

– Ah, isso aí é o povo que passa aí com o facão na mão e bate na árvore toda vez. As crianças e os jovens.

– Mas será que não faz mal para as árvores?

– Acho que sim né? Elas também têm vida!

Raimunda mostrou algumas árvores marcadas com dois traços cruzados, feitos por um spray vermelho. Haviam sido elegidas pelo

projeto de manejo madeireiro.

– De três, avó, mãe e filha, só pode cortar uma. É sempre a mais velha – Raimunda disse, explicando como ocorria a determinação das árvores que seriam cortadas para fins comerciais. O projeto estudava quantos indivíduos da espécie existiam numa área determinada, avaliando a idade de cada um.

Ocoração apertou. Era floresta virgem. Vieram à mente as lembranças do livro que havia consumido nas viagens de ônibus até o Acre: A vida secreta das plantas. Relatava as experiências de diversos cientistas em diferentes países que estudavam as formas de comunicação das plantas e sua sensibilidade. Entre as admiráveis observações da vida vegetal, evidenciou-se que diversas plantas possuem a faculdade de compreender intenções, pensamentos e sentimentos de outras espécies de vida, incluindo a humana, além de expressarem, em maneira própria, respostas ‘pessoais’ às intenções. Os observadores perceberam a manifestação natural da telepatia entre os seres vivos. Talvez pelo reino vegetal não desenvolver formas de comunicação mais visíveis e audíveis, como no caso dos humanos e alguns animais, essas formas sutis de comunicação revelaram-se mais aguçadas entre as plantas. Nas tradições indígenas da Amazônia e das antigas etnias norte americanas, o sagrado se manifesta com maior intensidade nas árvores mais ancestrais, de idade mais evoluída. Através de sua silenciosa presença, as árvores anciãs transmitem conhecimento ancestral para os outros seres da floresta.¹

Observadoras silenciosas da procissão de séculos.

Sabedoria pulsa em cada uma de vossas células.

Soberana, sois Árvore da Vida.

Em Vós, gira o cerne do equilíbrio dinâmico dessa imensurável teia.

Sois coração da selva.

A casa de Raimunda era uma típica palafita dos povos ribeirinhos, inteiramente construída de madeira erguida a dedo is metrôs do chão e grossas toras enterradas. Simples, bela e confortável.

Cada noite, no mesmo horário, todas as casas das comunidades seringueiras ligavam um rádio à pilha, sintonizando-o a um programa de Xapuri que transmitia recados para as comunidades do interior.² Assim as famílias recebiam informações comunitárias e familiares: notícias de filhos e parentes na cidade; reuniões, mutirões, celebrações; temas sobre leis e normas; incêndios e invasões madeireiras; mensagens educativas; entre outros fins.

1 As árvores são os maiores seres vivos do planeta tanto em idade quanto tamanho. Há espécies na Amazônia que vivem de 2.000 a 4.000 anos. Há registros de um Jequitibá-rosa no Brasil que possui 3.000 anos de idade e ainda frutifica.

2 Não havia luz elétrica nas comunidades.

Pela extensa teia, o canto seringueiro fluía em ruas e igarapés, unindo mentes, mãos e corações, em una consciência.

“Vem e me abraça
Me leva pra beira do igarapé
Mapas escorrem das mãos
Que vão me fazer cafuné
A vida começa agora
Ilhas de mel
São rios de mel
Remansos e correnteza
Sertão das Águas o amor quando quer é bater e valer
Inunda os dias de sol, pode chover se quiser
Lá no sertão quando vem a noite chover estrelas
Pingos de luz
São contas de luz teus olhos na corredeira
Sertão veredas do Grão-Pará
Sertão canoa das populações ribeirinhas
Que vivem dos frutos da mata e que não podem
a floresta ver destruída
Não venha o fogo queimar
Nem trator poder arrastar
Pra que a vida queira pulsar
E correr
Rede que embala o amor e lambuza de tambatajá
Lábios com fino licor sede de se lambuzar
O meu pensamento voa, chega primeiro a minha voz
Cai nos meus braços, aperta os laços, desfaz os nós
O grito dessas pessoas
No fundo dos seringais
Devia ser escutado em Beléns e Manais
Corre nas veias, remar e seguir a viagem,
Viver só carece coragem, esperança que a paz reine na floresta.”¹

¹ Sertão das águas, canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, nascida de uma viagem pelo Acre.

Serra do Rio Moa

O Acre é a terra do mito. A terra de infinita paciência. Distâncias intransponíveis, cabanas isoladas, rios impenetráveis e a vida em plena integralidade. A selvageria da Floresta Amazônica desceu sobre nós com toda sua imponência, num gesto de materna compaixão, a esmerilhar nossa pós-adolescência burguesamente urbana e aperfeiçoar-nos na suprema arte da espera.¹ Ainda hoje, Ela trabalha em admirável perseverança, continuamente polindo a gema de meu coração.

Nossa pequena expedição era composta por Luiza, Thaís, Maíra e eu. Havia conhecido Thaís no curso de geografia da UFRJ. Esta me apresentou à Maíra, da mesma faculdade. Luiza que se formara em artes cênicas na UNIRIO, eu havia conhecido através de uma amiga em comum, a Mariana, da minha turma universitária. Éramos irmãs. Mutuamente apaixonadas, vivíamos na primavera da vida. E a Vida era nossa maior paixão.

A floresta recebeu-nos, com todos nossos mimos de tecnologia metropolitana, como um Mestre recebe seu discipulado. Provação seguida de provação, numa cadeia infinita de profunda lição. As sementes da transformação germinavam em nossas entranhas.

Despedindo-me do seringal havia retornado a Rio Branco e passado uma noite inteira no aeroporto aguardando o avião que traria minhas amigas do Rio de Janeiro. Teoricamente, seguiríamos juntas a Cruzeiro do Sul.² No entanto, nosso meio de transporte ainda era incerto, pois a longa estrada de barro que ligava Rio Branco a Cruzeiro ficava a maior parte do ano interditada devido às chuvas que transformavam alguns trechos em um lamaçal intransponível. Mesmo nos curtos meses do “verão amazônico,” a estação seca de julho a outubro, uma chuva passageira podia fechar a estrada por quantos dias o Sol necessitasse para secar o barro. Ainda estávamos em junho. A única opção era voar, pois não havia ligação pelos rios. Tendo monopólio total dos meios de transporte do longo percurso naquele período do ano, a passagem da companhia aérea era bem ‘salgada.’

Aguardei a noite toda no aeroporto. Ninguém apareceu. Como não tinha costume de andar de avião, não fazia ideia do que tinha

1 Estávamos em nossos vinte e poucos anos, a um passo de emancipar-se da Universidade. Maíra, Thaís e Luiza haviam nascido e crescido na capital, Rio de Janeiro. Eu havia crescido em Itaipu, bairro residencial de Niterói, a cidade vizinha da Capital. Todas descendíamos de famílias da classe média, economicamente ‘privilegiadas’.

2 Uma pequena cidade no extremo oeste do Acre. A BR 364, que possibilita o acesso rodoviário da Capital Rio Branco a Cruzeiro do Sul é extremamente delicada neste trecho de 670Km, ficando aberta à circulação apenas durante a estação seca, o verão amazônico, que compreende os meses de julho ao fim de outubro. O percurso cruza matas vírgens e encontra poucas cidades ou vilas. A viagem de automóvel que normalmente levava um mínimo de 24 horas no único ônibus diário cujo assento era disputadíssimo (naquela época), poderia levar um número indefinido de dias dependendo do clima.

acontecido. Nos últimos dias, uma tempestade percorria as companhias aéreas brasileiras e inúmeros voos estavam sendo cancelados. Quando finalmente consegui fazer contato pelo orelhão com uma delas, minha amiga surpreendeu-me completamente ao informar em grande ansiedade que um transporte me aguardava para partir, em pouco tempo, a uma cidade no meio do caminho à Cruzeiro. Desde o Rio, elas haviam organizado tudo em relação ao nosso transporte alternativo, mas não conseguiram informar-me.¹ Eu nem suspeitava de seus planos. Rapidamente segui ao ponto de encontro e fui levada a uma pequenina cidade na margem do rio Juruá completamente ilhada por floresta virgem. Minhas três amigas chegariam dois dias depois, após finalmente alcançar o Acre, a terra do grande mito amazônico.

Era o terceiro dia de espera na cidade pacata à beira do Juruá. Na manhã do dia seguinte, me reuniria às companheiras na pista de voo daquela localidade isolada e seguiríamos à Cruzeiro do Sul. Passei o dia perambulando pelas estreitas vielas da 'periferia' ribeirinha. Sobre os terrenos alagados pelas enchentes do rio, casas de madeira elevavam-se em espontaneidade. Tábuas suspensas de diversos tamanhos ligavam as casas e vendas formando uma selvagem rede de 'passarelas.' Aqui e ali as crianças corriam sobre as pontes improvisadas, em livre brincadeira pelas suas vizinhanças.

Curiosa, infiltrei o labirinto. Os caminhos levaram-me ao grande rio. Sentei numa canoa amarrada à margem, repousando em leve balanço.

Uma película de luz flutuava sobre as águas leitosas do Juruá. Era a hora do Sol descer ao rio para suas ablucções de fim de tarde. Uma grande família de botos brincava com o Sol banhando na ribeira, saltando sobre as águas reluzentes e esborrificando infinitas gotículas cintilantes, que se espalhavam pelo ar como nuvens de minúsculas estrelas. Não havia fronteiras entre seus corpos brilhantes e a água luminosa. O lençol de luz moldava suas formas e a face alongada do boto emergia das águas, deslizando pela superfície e mergulhando às profundezas ocultas.

Nuvens passageiras reuniam-se no céu e uniam-se à brincadeira ribeirinha. Os botos beijavam suas imagens espelhadas sobre as águas. Uma chuva fina começou a descer abençoadamente. O arco-íris abriu sua passarela pelo horizonte azul.

Na beira das águas cor de canela as crianças brincavam como os filhotes de boto. Entretanto, com mais cautela, pois as corredeiras avançavam intransponíveis, aumentando a distância da já inatingível margem oposta. Juntei-me aos pequenos caboclos. Não havia praia naquele trecho da margem. Subíamos nas canoas amarradas, pulávamos

1 Naquela época ainda era difícil encontrar locais de acesso à internet. Não havia nas pequenas cidades, no aeroporto de Rio Branco e nas rodoviárias. Acabava passando longos períodos sem acessar o email. Como já sabia o dia da chegada do voo, prontifiquei-me de estar no aeroporto na data combinada e pensei que seria suficiente.

na água sem fundo e escalávamos de volta à canoa num piscar de olho. A apenas um palmo abaixo da superfície, tudo era mistério. Piranhas, sururis, jacarés, sereias, botos e outros 'encantos.' Inomináveis eram os segredos escondidos nas profundezas impenetráveis do Juruá.

Chegou um vovozinho. Enquanto se banhava com uma cuia de cabaça, conversou calmamente com sua netinha. Tão pequenina, ocupava-se em pentear os cabelos da irmã ainda mais nova.

Enquanto o arco-íris se despedia do céu, os botos se despediam da superfície ribeirinha. E um novo ciclo de beleza emergiu. O Sol baixo escondeu-se detrás de nuvens incandescentes, suas membranas luminosas abraçavam toda a abóboda celeste. As linhas paralelas irradiavam do poente e convergiam no horizonte do nascente, saudando a rainha da noite que ascendia serena.

A lua branca crescia, glória da selva amazônica.

"Sitting alone in peace before these cliffs
the full moon is heaven's beacon
the ten thousand things are all reflections
the moon originally has no light
wide open the spirit of itself is pure
hold fast to the void realize its subtle mystery
look at the moon like this
this moon that is the heart's pivot"¹

Na manhã seguinte, calorosos abraços reuniram as saudosas amigas.

Transformamo-nos em pássaros. Sobrevoamos a interminável imensidão da floresta amazônica, estendendo-se como um tapete verde por todas as direções. Quais seriam os mistérios que as copas das árvores e as folhas dançantes das palmeiras escondiam? Onças? Veados? Tribos indígenas isoladas? O rio Juruá serpenteava por entre as matas seculares como uma gigantesca sucuri cor de leite com jatobá. Em seu rastro, abandonava meandros que a mata prontamente envolvia, criando lagos arcados ou redondos, cobertos por plantas aquáticas de cor verde limão. Suas águas serenas eram morada da Vitória Régia. Lisas e planas, as grandiosas folhas consagravam água, céu e terra na perfeição de seus círculos flutuantes.

O rio presenteava a Terra com praias e bancos de areia. Em raras flagradas, avistávamos pequenas aldeias e vilarejos, intocados pela imensidão. Sobrevoamos os buritizais num voo rasante. Imperiosos pés de buriti emergiam de lagos extensos. As águas enegrecidas espelhavam o céu azul com suas nuvens brancas e o reflexo invertido dos buritis transpunha suas profundezas.

¹ "Sentado sozinho em paz perante esses penhascos, a lua cheia é o farol do céu, as dez mil coisas são todas reflexões, a lua originalmente não tem luz, amplamente aberto o espírito de si mesmo é puro, apreenda o vazio realize o seu mistério sutil, olhe a lua assim, esta lua que é o pivô do coração" Han Shan (Montanha Fria) poeta do Taoísmo e Chán Budismo, China século X [28]

Acima de todo o mundo verde, erguiam-se as rainhas Amazônicas. Samaúma. A árvore sagrada da floresta. Essa gigante secular é uma das maiores espécies nativas e sua sacralidade entre os povos indígenas alcança a mesma altura. Transpondo o dossel, sua copa frondosa estendia-se por todas as direções em elegante simetria, as folhas abrindo-se à luz virgem do Sol equatorial. A energia solar deslizava pelo tronco comprido e retilíneo, penetrando a Terra pelas raízes e irradiando ondas para todos os seres da floresta, escondidos sob as copas densas. Sua presença ancestral inundava as comunidades amazônicas de sabedoria, silêncio e sagrada pureza.

Tudo preenchia a alma. A vida invadia cada célula com sua totalidade. E logo descemos, mergulhando inteiras naquele mundo virgem.

Após alguns dias em vias terrestres e fluviais, ingressamos ao interior daquela floresta. Não éramos mais observadores aéreos contemplando a imensidão. Pelos veios fluviais e cabanas ribeirinhas, penetramos as minuciosidades da vida amazônica.

Estávamos na beira do Rio Moa. Passaríamos os próximos três dias subindo o rio de canoa até a Serra do Divisor, a morada do desconhecido. Localizada na longínqua e isolada região fronteiriça entre Brasil e Peru, é uma das preciosas montanhas remanescentes na Amazônia, refúgio de florestas primordiais.

Nossos mochilões já estavam equipados com redes de tactel, cordas, óleo de copaíba, panela, farinha, antigas máquinas fotográficas semi-profissionais – relíquias do mundo pré-digital, uma pequena filmadora e a regalia de uma carta de autorização da administração do Parque Nacional da Serra do Divisor.¹ Faltava apenas a canoa e o canoeiro. Não havia muita coisa naquele final de estrada além da vegetação ribeirinha. Algumas canoas descansavam amarradas à margem. Abordamos as pessoas na única construção, uma pequena venda de palafita. Com um pouco de incerteza, inquirimos sobre os canoeiros. Tudo decorria naquele lento tempo acreano. Prosa pra cá, prosa acolá. E longas pausas no meio. Enfim os números de um telefone apareciam em um pequeno papel e caminhamos até o distante orelhão. Não tardou para que tudo fosse organizado. Logo subíamos à longa e estreita embarcação ribeirinha com Ruberval. Um esculpido tronco flutuante e o caboclo nativo do Moa. Singela perfeição! Canoa e canoeiro, companheiros íntimos daquela aventurosa semana.

Formando a fronteira do Brasil com o Peru, a Serra do Divisor é uma das raras serras de rocha maciça que se salienta entre as baixas

¹ Nossa viagem penetraria áreas do Parque Nacional da Serra do Divisor, uma Unidade de Conservação que não era aberto para visitação. Como nossa expedição contava com três pesquisadoras universitárias de geografia da UFRJ, precisamente estudando Unidades de Conservação – invariavelmente temperando nossa viagem com a observação científica – a Thais havia feito contato prévio com o grupo gestor e visitamos a sede do Parna em Cruzeiro do Sul, onde coletamos o papel de autorização.

lombadas da bacia amazônica. Esse remanescente de rocha rígida, que aqueles poderosos rios ainda não aplinaram, divide as águas das bacias hidrográfica do Rio Juruá, que corre para o Brasil, da bacia do Rio Ucayali, que corre pelas terras peruanas.

No bico mais oriental do Brasil, nasce o Rio Moa, que desce a serra, crescendo em volume, e corre longitudinal pelas planícies até desaguar no Rio Juruá. Deixando o berço do Moa e caminhando por semanas pelo topo da serra, na direção sudeste, um perito poderia encontrar as nascentes do Rio Breu, que recebe o nome de Juruá ao unir-se com o Rio Tejo e engrandecer-se em imprescindível serviço às grandes embarcações.

A Serra da Contamana¹ é considerado pelo mundo científico como o lugar de maior biodiversidade da Amazônia, ou mesmo do mundo, já que a Amazônia é a rainha da biodiversidade planetária. Nessa região confraternizante várias espécies endêmicas nascem do romance entre as altas montanhas andinas e as baixas terras da bacia amazônica, formando uma suave transição entre os ecossistemas.

A fronteira é um corredor onde os mundos se encontram, onde o nativo e o novo se entrelaçam gerando diversidade, expressando miríades de espécies e culturas.

Imenso mosaico chamado Vida, eterno é vosso canto.

Em confluência, o Acre também resguarda uma grande diversidade cultural. Tendo sido um dos últimos pedaços de terra a ser oficialmente considerado território brasileiro, aquele cantinho manteve-se virgem por longo tempo. O santuário oculto recebeu povos nativos de toda a floresta amazônica que procuravam refúgio, pressionados pelos movimentos colonizadores e 'progressistas' que avançavam de todos os lados. Ecologia são os braços abrangentes da Natureza. Integra fauna, flora, geologia, clima, cultura e as correntes invisíveis que compõem as mil faces do universo.

Nessa riqueza biodiversa nasceu o Parque Nacional da Serra do Divisor.² O governo brasileiro passou a zelar pela "terra isolada," onde a fragilidade fronteiriça deixa uma brecha para travessuras que põem em risco a vida de muitas árvores ancestrais e animais singularmente nativos da região. No entanto, nas entranhas da floresta, geração

¹ Outro nome da Serra do Divisor. Contamana é a capital da província de Ucayali no Peru.

² "O Parque Nacional da Serra do Divisor é uma unidade de conservação brasileira de proteção integral da natureza localizada no estado do Acre, na fronteira com o Peru. (...) A origem do nome vem do relevo da região onde se encontra um divisor natural das águas das bacias hidrográficas do Rio Ucayali (Peru) e Rio Juruá (Brasil). Na sua região também se encontram valiosos vestígios fósseis. (...) O Rio Moa é uma das principais atrações do parque. É considerado o local de maior biodiversidade da Amazônia. Várias espécies endêmicas vegetais e animais são encontradas devido, em parte, à sua proximidade com o ecossistema andino, numa região de transição das terras baixas da Amazônia e as montanhas dos Andes. (...) Várias populações indígenas habitam o parque, tanto que já está sendo demarcada a futura reserva indígena rio Moa, além de seringueiros que já residem lá a algumas gerações." Wikipédia [7] O Parque foi criado em 1989. O ponto extremo ocidental do Brasil fica nas nascentes do Rio Moa.

pós geração de populações indígenas cuidam secularmente das serras e igarapés do Divisor. Com as ondas migratórias da borracha, comunidades seringueiras também fizeram daquele cantinho sua morada. Hoje seus descendentes são caboclos nativos.

As margens do Rio Moa eram habitadas por aldeias Nukinis. Àquelas águas, pedimos licença. Desatamos os nós e a canoa despediu-se da margem, deslizando em direção à nascente. Em seu interior, carregava a pequena expedição, navegando ao desconhecido.

Nossa atenção penetrava em cada minuciosidade daquele novo mundo. Os dedos brincando pelas águas leitosas, as curiosas plantas beirando o rio, a fala amazônica do canoero caboclo. Abaixo da superfície aquosa, tudo era mistério. Bancos de areia, piranhas, sururis, jacarés e perigosos troncos escondidos. Desviando dos galhos submersos, Ruberval manejava em nativa perícia a canoa com motor de popa, enquanto nós revezávamos a cobiçada viagem na proa. Tudo florescia em sorrisos e risos de balançar a estreita canoa.

Lentamente, a Amazônia mergulhava em nosso coração com seus encantos sutilmente infiltrantes.

Cada curva do Moa era uma preciosa surpresa, como a luz matinal penetrando por entre as copas frondosas. Iluminados pelos raios de luz, as folhas e flores flutuavam pelo ar, pairando junto ao Sol sobre as frescas águas da manhã. Mas havia momentos que o rio desvelava seus tesouros escondidos: um boto cor de rosa subiu à superfície e deslizou lentamente sobre as águas, perpetuando pequenas ondas ritmadas que beijavam as areias da praia.

Pela passarela dos dias, em que aproximávamo-nos da serra, as águas do rio foram suavemente clareando. A pureza crescente permeava a superfície com céu, floresta e estrelas. E nossa pequena canoa cortava as imagens espelhadas formando um véu de brincadeiras. E no curso aos primórdios, a natureza também cuidava de nossa purificação, derramando seus banhos abençoados sobre nós. Chuvas torrenciais, garoas e folhas gotejantes. Em abluições diárias, a floresta lavava nossa alma despertando cada célula, preparando-nos para a imersão na virgem selva. Pouco a pouco, deixávamos de ser visitantes exóticos numa simples aventura. Amazônia e cariocas, navegando em mútua entrega.

Vida ribeira, vós sempre a seguires o caminho da aliança.

Era a primeira noite na floresta. Entre as longas distâncias sem povoamento, os nativos tinham costume de construir na beira do rio uma cabana aberta de pouso aos viajantes. Quando a escuridão começou a tocar a mata, paramos em uma dessas cabanas. Toras paralelas de madeira formavam um chão suspenso e seis troncos de palmeira sustentavam um teto de palha. Arquitetada pela simplicidade

da cultura ribeirinha, era aberta nos quatro lados. Amarramos nossas redes e acendemos a fogueira. A noite envolveu-nos, despertando a orquestra da vida noturna. O canto sinfônico das cigarras, corujas e sapos, entre os incontáveis seres ribeirinhos ocultos no crepúsculo, infiltrava-nos com sua sacrossanta vibração. O silêncio da selva começou a germinar. Uma luminescência esférica elevou-se por trás das copas umbrosas.

“Beija-flor me chamou: olha
Lua branca chegou na hora”¹

A lua cheia banhou a floresta inteira com seu luar.

A senhora da noite guiou-nos às areias da praia. As árvores, as águas, as serpentes e formigas, todos se ergueram em saudação. Uníssonos, serenaram seu canto de reverência. Nessa luminária da mata, nasceu uma estrela nova; a voz de Luíza deu palavra à canção:

“O beija-mar me deu prova:
Uma estrela bem nova
Na luminária da mata,
Força que vem e renova

Beija-Flor de amor me leva
Como o vento levou a folha

Minha Mamãe soberana
Minha Floresta de joia
Tu que dás brilho na sombra
Brilhas também lá na praia”

Como a lua de mel de um jovem casal apaixonado, consagramo-nos com a Amazônia naquela noite de núpcias. A floresta envolveu-nos em abraço atemporal, derramando sua seiva entre os lábios de nossa alma.

Ó Floresta da Lua Cheia. Naquela noite primordial, tocastes a eternidade. Ainda agora, de olhos cerrados, meu coração se embriaga em vosso néctar.

“Um homem senta na varanda com uma vela acessa.
Um vento súbito sopra apagando a chama.
Neste momento, seus olhos se abrem
à beleza da lua cheia e seu luar sereno.
Não há vento que extinga o luar.”²

1 Benke, canção de Milton Nascimento e Márcio Borges, e Benke, um curumim Ashaninka da aldeia Apiwtxá, que conheci no Rio Amônia

2 Amma (versão informal)[29]

As horas que seguiam a aurora e procediam ao crepúsculo navegavam pelo apogeu do dia, onde tudo convergia sobre as águas espelhadas do Moa. Os pássaros celebravam essas horas sacras mergulhando sobre o rio em voos rasantes. Suas asas, estendidas em louvação, moviam-se em sutileza, prestes a acariciar as águas numa apaixonada brincadeira de resguardo e entrega. Pelos breves segundos em que as aves deslizavam sobre o céu refletido, o mundo inteiro tornava-se quietude. Logo, lançavam-se de volta às altas esferas. A respiração retornava ao mundo e o rio seguia seu fluxo.

Ao longo do curso, solitários Ipês Amarelos prostravam-se à beira do rio. As altas copas, que haviam chorado todas as folhas, abriam seus opulentos galhos floridos sobre as águas, num gesto singelo de oferenda. De vez em quando, avistávamos uma ou duas flores flutuando pela superfície fluvial. Aos poucos, o rio trazia grupos crescentes das pequenas mensageiras, respingadas delicadamente na pele da ribeira. Enfim, a proa da canoa fendia a procissão das formosas bailarinas, que giravam lentamente sobre as sinuosas correntezas. Subitamente, uma curva surpreendia-nos com o majestoso Ipê Amarelo louvando o rio e o céu safira, derramando suas lágrimas amarelas pelas águas e ventos.

Enfim, a serra se ergueu sobre nós.

– E aí a gente subiu o rio e viu a serra. A serra! Serra! Serra mesmo! – disse uma Thais emocionada, posteriormente narrando nossa peregrinação – Ah! Minha nossa! A gente viu a serra! Aqui na nossa frente!

Seus braços se ergueram espontaneamente, inflados pela grandiosidade do maciço. Em seguida, se abriam verticalmente e os olhos se fecharam, exprimidos pelo sorriso que se expandia na face inteira – É aqui! Nós chegamos!

Sua fala saía cantada, suas palmas batiam e seus braços dançavam.

– Cruzamos águas infindáveis! E a montanha emerge repentinamente em nossa frente! De longe a gente não via! Escondida pelas altas matas, densas. Ela surge de repente! Imperiosa.

A floresta crescia. Amarramos a canoa em uma pequena praia ao pé da serra. Ruberval nos guiou por uma trilha íngreme que subimos agarrando-nos aos troncos das árvores. A cada passo nossos pés afundavam em uma espessa camada de folhas secas. Paramos num mirante no topo da colina. A selva rastejava sobre a superfície plana até perder-se ao horizonte. Por entre ela, uma gigantesca cobra cor de canela meandrava. Era o Rio Moa, desaguando no horizonte, onde infinidas nuvens cobriam o céu em suas brincadeiras equatoriais. Salpicada pela vastidão, a florida senhora do rio pintava estrelas sobre

o tapete verde. O Ipê Amarelo era o apogeu da estação.

Seguimos de canoa em direção à nascente. A serra deslumbrava outra face da Amazônia. Seu jogo de luzes produzia novos raios, sombras e cores. Névoas luminosas pairavam no ar da manhã. O vapor nascia na transpiração das plantas, confluía ao grande canal e seguiam o desfile fluvial, caminhando lentamente sobre o rio.

A medida que entrávamos na serra a vegetação se adensava sobre o rio cujas águas fluíam cada vez mais puras. O fundo mostrava sua face e a superfície se tornava mais espelhada.

Embocamos a canoa no deságue de um igarapé. Pedimos licença e penetramos a floresta virgem. Vida. Em sua totalidade.

Raízes aéreas de palmeiras, vermelhas e laranjas fluorescentes, vibravam em sutil respiração. Ramos baixos brotavam do úmido chão, subindo ao Sol em espiral. Suas largas folhas verde-claro reluziam os raios recebidos em fraterna partilha com sua vizinhança. Árvores de cascas lisas eram pinceladas com tons pastel de diversas cores. Suas irmãs de cascas rugosas tinham o tronco esculpido em delicadas reentrâncias. Musgos cintilante, Besouro multicolorido, correntes de pérolas na teia da aranha. Cada presença transbordava beleza singular, nascida em onipresente harmonia.

A pulsação de cada gotícula de água e grão de areia se expandia por toda a mata, penetrando pelos poros. Nossos olhos atraíram-se mutuamente. Silenciosos sorrisos derramaram de nossas faces, expressando profundos sentimentos coletivos. Naquele momento, não existia mais nada. Apenas aquela floresta. A plenitude da Vida.

“A comunidade de árvores –
mil corpos
com um corpo humano entre eles.
Galhos e folhas estão balançando.
Então o chamado do córrego,
e meus olhos se abrem ao céu da grande Mente.
Um sorriso é visto
em cada folha.”¹

Subimos um córrego, transpassando gigantescos troncos caídos pelo caminho. O chão era coberto por uma areia clara e macia. O canal transparente nos guiou a uma cachoeira, onde um grande bloco de rocha maciça erguia o relevo subitamente. O veio fluvial havia desnudado uma face da parede de pedra, deixando-a lisa e homogênea. Sobre esse altar derramava uma corrente de lágrimas cristalinas. As águas saltavam da pedra, escorriam pelo ar e caíam nas

¹ Primeiro verso do poema ‘Dentro da Floresta’ de Thit Nhat Hanh. [17]

areias brancas e finas, formando um pequeno lago circular.

Os raios de Sol banhavam-se no poço, transbordando luz por toda a floresta. Ao redor, orquídeas, bromélias e trepadeiras brincavam por todos os galhos, do chão às copas. As infinidades de espécies compunham um mosaico contendo todos os tons de verde, gotejados por cores incandescentes. A floresta acolheu-nos em seu ventre.

Amazônia, revelaste-nos vosso primor.

“Beija-Flor me mandou embora
Trabalhar e abrir os olhos
Estrela d’Água me molha
Tudo que ama e chora
Some na curva do rio
Tudo é dentro e fora
Minha Floresta de joia
Tem a água, tem a água
Tem aquela imensidão
Tem sombra da Floresta
Tem a luz do coração”¹

Silêncio reinava na mata. Apenas se ouvia o canto escondido dos pássaros, pousados nas copas frondosas. E a batida de pés sobre folhas secas.

O dia já havia virado. Percorríamos a frágil trilha de quatro horas que conduzia à erma Cachoeira Formosa. Um morador local nos guiava pela floresta virgem. O que parecera tão homogêneo em nosso voo revelava-se uma incrível diversidade de comunidades biológicas. Açaizais, tabocais, buritizais, cada jardim unia espécies amigas, criando culturas singulares. Terra, água, fauna e flora se entrelaçavam formando um mosaico de ambientes bem delineados, profundamente integrados à totalidade amazônica. O coração pulsando em seus núcleos imaculados e as periferias se fundindo com as comunidades circundantes numa lenta e profunda comunhão. A teia da Vida.

Eram mundos infinitos se emaranhando. Raízes gigantescas serpenteavam pela folhas caídas e mergulhavam em nascentes. Fungos de todas as cores, cogumelos de todas as formas, permeavam troncos em decomposição e coloriam a casca das árvores. Musgos brilhantes subiam pelas trepadeiras, se mesclando às bromélias e orquídeas. Colônias de formigas percorriam uma vasta rede de trilhas. Jatobás e copaíbas enlaçadas por cipós. Sacras Figueiras com milhares de raízes aéreas. Frondosas Samaúmas elevando nossa alma às cúpulas do céu amazônico. E aquela sinfonia sonora, submergindo-nos em silêncio profundo.

Pequenos detalhes de um vitral vivo. Ciclos de nascimento e morte

¹ Benke, canção de Milton Nascimento, Márcio Borges, e Benke, um curumim Ashaninka

girando. A eterna transmutação da seiva.

Cruzamos o interior do buritzal. O chão era feito de areia branca e fina, coberta por um lençol de águas transparentes. Naquela nascente tão clara e rasa, os buritis emergiam como pilares soberanos. Quanto mais penetrávamos nas virgindades da floresta, mais a pureza resplandecia.

Um paredão do embasamento rochoso brotou do solo e guiou as curvas do rio, e nossos passos, a um grande bloco de pedra por onde escorriam águas virgens. Sobre o altar rubi, sangue cristalino transbordava das veias amazônicas. Aos pés da cachoeira, as rochas se uniram contendo aquele néctar num lago amplo e profundo. Submerso no ventre da Terra, o embrião da vida pulsava sereno. Eterno e onipresente.

Para as crianças peregrinas, era renascimento. Fizemo-nos fetos intra-uterinos, mergulhando na fonte.

Joia da floresta, nossa comunhão é indivisível.

Leveza mareava. Meus passos flutuantes não acompanhavam as irmãs céleres. Criavam raízes no solo de outra irmandade. Sentia a presença de cada criatura. Imperiosas árvores, o canto dos anfíbios, o voo do beija-flor, sementes brilhantes de Paixubinha.

O Sol baixava ligeiro. Quatro horas de trilha ilhava-nos em mata densa. Uma chuva fina despertou, permeando as copas frondosas sem nos tocar. Inundando tudo com sua música embriagante. Do coração da floresta um primata principiou seu canto poderoso. Trovões tremiam a terra. Em perfeita sinfonia, o enorme arborícola se unia à voz do céu. Seu corpo oculto em longínquas copas. A presença sonora era ainda mais poderosa, expandindo ondas por toda a atmosfera. Vibrando em árvores e subsolos. Penumbra avançava. A voz trovejante permeou-nos por longo tempo, entremeada por espesso silêncio. Passo a passo, a sacralidade aguçava, sorrindo nos lábios de cada grão de areia.

Crepúsculo pairou. Chuva dissolvera fronteiras. O canto invisível abriu poro a poro. Em profunda intimidade, raízes primárias penetraram. Éramos uma das mil faces. Floresta pulsando uníssona.

Caminhos amazônicos.

O canto da Vida.

“Nunca é igual
se for bem natural
se for de coração
além do bem, do mal
coisas da vida
O amor enfim

ficou senhor de mim
e eu fiquei assim
calado, sem latim
coisas da vida
Como foi que eu cheguei aqui
quem me diria que esse era meu fim
olho no teu olhar
a festa de estar de bem com a vida
O luar girou, a sorte me pegou
tesouro que encontrarei sem garimpar
no ouro da paixão, na febre da paixão
que estão em mim
Ser o senhor e ser a presa
é um mistério, a maior beleza
amor é dom da natureza
amar é laço que não escraviza
Ser o que serve e é servido
só o amor é tão bonito
ser o que planta e sentar à mesa
amor é dom da natureza
Água que limpa e mata nossa sede
sede de viver, de deixar viver
de fazer viver
e de ser feliz”¹

A noite desceu onipresente. Nossos passos desaceleraram e caminhamos arrastando o que sobrou das pernas. Alcançamos o pé da Serra do Rio Moa, onde uma família ribeirinha nos aguardava em sua casa amazônica de madeira e palha. Haviam nos convidado para pousar em sua morada. Visitantes era uma raridade naquela beira de mundo. Mas os braços nativos – invariavelmente gigantescos. Como na floresta, sempre havia espaço para quem quer que se aproximasse. Quando voltamos do banho de rio, um banquete de macaxeira e iguarias da roça nos aguardava. Nossos pés mal se moviam. O coração, profundamente ferido. Escancarado. Um grande portal aberto por onde lágrimas derramavam. E a ternura da carne exposta se arrepiava com o menor dos sopros. Fragilidade que nos embebia de inocência primordial.

“You ask why I make my home in the mountain forest,
and I smile, and am silent,
and even my soul remains quiet:
it lives in the other world
which no one owns.
The peach trees blossom,
The water flows.”²

1 Coisas da Vida, canção de Milton Nascimento e Fernando Brant, fruto de uma viagem pelo Acre.
2 “Perguntas por que faço minha casa na floresta da montanha, e eu sorria, e mesmo minha alma

No breu matagal, os filhos do casal despediram-se relutantes e deitaram detrás de uma fina parede de madeira.

– Benção pai – cada uma repetiu até receber a benção do anfitrião.

Sob a luz flamejante das velas, uma longa prosa navegou serena. A família era descendente de seringueiros. Nasceram e se criaram às margens do Moa. Humildade e compaixão floresciam em cada gesto do casal e do cunhado mateiro. Mas havia também um brilho de tristeza naqueles olhos cintilantes. As terras tornaram-se Parque Nacional. Os novos governantes diziam aos guardiões ancestrais: é hora de dar adeus. Ao pé da serra, a própria vida daquele povo nativo era vigilância contínua e efetiva. Mas as leis ainda não possuíam a plasticidade da realidade. Nem a criatividade conciliatória da floresta.

– A gente não quer sair daqui – Margarida dizia de olhos mareados – Nós se damo aqui com o clima. Porque aqui a gente respira um ar puro né? E na cidade é aquele calorzão medonho. A gente não se dá de jeito nenhum!

– Meu cunhado que tá doente vai pra Cruzeiro, aí passa pouco tempo né. Menos de uma semana já começa a dá ataque. Aqui ele não dá ataque di jeito nenhum. Passa intê di semana sem tomá remédio e não dá ataque. Lá ele, tomando remédio, dá ataque. Ele tá acostumado é com o clima daqui mermo. Toda vida morando na beira da serra.

– A nossa alimentação é da mata mermo. Da mata e do rio – disse o marido.

– Aqui não tem nada de invasão! Nós não faz roçado em mata virgem. Aqui tem capoeira de sobra. E nela a gente planta só uma mandiocazinha pra podê fazê farinha e vendê na cidade, comprá qualquer coisa na cidade que precisa. Um remédio. Uma peça pro motor da canoa. Uma roupa pras crianças. Aqui a gente não vende carne de caça nenhuma. Nem corta madeira pra vender – disse a esposa.

A luz penumbrosa da vela iluminava seu rosto, tão singelo e mateiro. O espaço humilde dentro da cabana tremeluzia ao bailado das chamas.

– Nós vive! – falou o marido – Nós planta, dá uma caçada, uma pescada, é só para sobreviver mesmo. Sustentá nossa família. E dá um bucado para uma pessoa que chega na casa da gente. É um prazer nosso dá uma janta, um almoço, pra pessoa que chega também. Participa junto com a gente, come também junto com a gente.

Gratidão extravasou pelos nossos corações saciados, voando pelo ar em palavras passarinhas. Entretanto, as faces daquela gente, sorrisos iluminando estrelas, confidenciavam plenitude mais verdadeira. A gratidão de servir.

– Foi um prazer da gente. Eu pelo menos sinto um grande prazer de servir os visitantes.

As palavras do mateiro eram desnecessárias perante sua fulgurosa

permanece em silêncio: ela vive em outro mundo, que não pertence a ninguém, os pessegueiros floreiam, a água flui." Li Pó [30]

presença. O vento deslizava furtivo pela cortina da janela aberta. Silêncio pairou.

– E lá pra quem não tem saber, pra ganhar três, quatro salários, passa muita necessidade – o caboclo seguiu falando da cidade – É muito difícil. Lá é tudo muito caro. Só chega as coisas de avião. Sete e cinquenta uma caixa de leite. E aqui a gente bebe o leite da vaca do vizinho. Troca por farinha.

Entreolhávamo-nos, minhas irmãs e eu. Conhecíamos um pouco daquela história. O Parque Nacional da Serra do Divisor era um símbolo nacional de natureza intocada. Madeireiros ilegais do Peru e do Brasil espreitavam as fronteiras isoladas. Saber cuidar bem é imprescindível. E lindo é o desejo do governo brasileiro de resguardar a vida selvagem. Mas quanta força se perde desarticulando-se dos próprios nativos? Esses moradores, não são eles membranas da imensa floresta? Quedamo-nos caladas, em serena oração.

O dia amanheceu num clima transitório, mesclando alergia e dolorosas despedidas, tão naturais dos laços que envolvem a vida. Em silêncio, a canoa descia o rio. Dois dias de navegação traçavam nossa viagem nas águas acaneladas. Um nó de incertezas apertava o nosso peito. Os olhos de Maíra derramaram lágrimas. “O que seria daquela gente humilde? Daquele amor e serviço incondicional? O que seria dos corações da floresta?”

Aquela maternidade ancestral ouvia nossos prantos silenciosos. De ponta a ponta, um imenso arco-íris coloriu o céu.

“Porei meu arco-íris na nuvem e ele se tornará um sinal da aliança entre mim e a Terra... aliança eterna entre Deus e os seres vivos com toda a carne que existe sobre a Terra”

Gêneses 9,13-16 ^[13]

“Há de surgir
Uma estrela no céu cada vez queocê sorrir
Há de apagar
Uma estrela no céu cada vez que você chorar

O contrário também bem que pode acontecer
De uma estrela brilhar quando a lágrima cair
Ou então uma estrela cadente se jogar
Só pra ver a flor do seu sorriso se abrir

Deus fará
Absurdos, contanto que a vida seja assim
Assim, um altar
Onde a gente celebre tudo o que Ele consentir”¹

¹ Estrela, canção de Gilberto Gil

– O que acharam da Serra do Moa? – perguntou Ruberval, o canoeiro. Era o último dia naquelas águas ribeirias, descíamos em direção à Mâncio Lima.

– É um mito! Não existe! – cantou a voz de Thais, seus olhos brilhando mais que o Sol – A gente só andou dois dias de barco para chegar em lugar nenhum. Mas que é bonito é. Um mito bonito! Vou te contar!

Orisofluíapelacanoa. Maíranão se continha, mais umavez transbordava:

– Tanto amor, tanto carinho, tanta simplicidade, na serra do divisor! O Acre não existe! – seu rosto vermelho, pintado de urucum, guardava a pureza dos nativos curumins. A luz da tarde iluminava-lhe a alma. Nossos corações afundaram nas correntezas do Moa, vacilando em seguir adiante.

Luiza, mergulhada em beatitude, apenas sorria, silenciosa. Ela sabia. Vãs seriam as tentativas de expressar aquilo que flamejava em nosso peito, que brilhava nos olhos como estrelas, aquilo que jamais deixaria de ser e que em momento algum esteve ausente. A vida em plenitude.

Fonte da Vida! Despertastes Vossas filhas. Jamais existiremos sem a lembrança de Vossa presença, chama viva em nosso seio, que a tudo alumia.

– Se ligaram no olhar das pessoas daqui? – disse uma Maíra enfeitiçada.

– Olhar! – foram as palavras que conseguiram borbulhar dos lábios embriagados de Luiza.

– O olhar lá dentro – sussurrou Thais, aproximando-se de nós.

O espírito daqueles ‘olhos’ percorreu cada uma e libertou sua florada no início do círculo:

– Várias crianças com um olhar, assim, janela da alma! – concluiu Maíra

Como já de costume, o barco encalhou. A Amazônia entrava em seu verão, a estação de chuvas raras e minguadas. Dia a dia, as águas do rio baixavam e em alguns trechos os bancos de areia e troncos encalhados tornavam a viagem lenta e espaçada. Descemos nossos pés, empurramos e seguimos com a corrente. Mas logo acostamos numa praia recentemente descoberta pela ribeira, deixando uma camada de lodo que ainda atapetava a areia. Na beirada, incontáveis borboletas de diversas formas e cores esvoaçavam em ciranda. O Sol acariciou-lhe as asas, transformando-as em belos vitrais flutuantes.

Na Amazônia, catedral não tinha teto nem paredes. O chão era as corredeiras. O telhado, azul ciano ou branco nevoeiro. O canto, silêncio.

A oração, as batidas vitalícias de nosso coração.

“Adoração ou oração não consistem em palavreado verbal. Surgem das profundezas do coração. “Quando estamos vazios

de tudo, menos de amor." Quando mantemos em perfeita harmonia todas as cordas, "a sua música passa a ser vibração para além do alcance." A oração não necessita de palavras."

Mahatma Ghandi

[21]

Enquanto descíamos o último trecho do rio, entre risos e chuviscos – dois olhos arregalados nos surpreenderam:

– Gente! Gente! – Luiza gaguejou – o barqueiro caiu! Ruberval tá na água!

Foi o tempo de girar o pescoço para ver a cabeça do canoeiro em longínquas águas – que a canoa se desgovernou e saiu serpenteando pelas águas barrentas. Pulando as mochilas amontoadas, cambaleamos em direção à popa tentando alcançar a direção, até que a canoa bateu no barranco da margem e começou a afundar.

A água vinha de todos os lados, até do céu, pois neste instante começou a chover. Metade da canoa já estava submersa. Bananas, chinelos e mochilões boiavam no café com leite. A correnteza já envolvia os muitos objetos, que estavam inadvertidamente espalhados pela canoa na hora do acidente, e começava a levar todas as coisas embora. Tentamos agir rápido mas nossas pernas também afundavam no denso lamaçal do fundo invisível. Atoladas até o joelho, encontramo-nos imobilizadas. E para a culminância daquela pequena brincadeira de despedida da Amazônia, Thais e eu fomos pegas de surpresa com nossas relíquias na mão, as máquinas fotográficas. Antiquinhos manuais semi-profissionais, não eram nem um pouco resistentes à água.¹ Durante toda essa movimentação, ainda tínhamos que segurá-las ao alto e protegê-las da chuva, concedendo-nos apenas uma mão livre para ajudar a segurar a canoa que afundava e agarrar os objetos que o rio levava embora.

A situação exigia grande agilidade e rapidez, pois se a canoa afundasse completamente poderíamos ficar presas por dias e noites naquela mata selvagem a léguas e léguas de qualquer cabana de palha. Naquelas paragens do Moa, era uma raridade cruzar com outro indivíduo da espécie humana. E se a corrente levasse nossas mochilas – era adeus a elas para sempre. Somente com a roupa molhada do corpo, estaríamos totalmente nas mãos de Deus.

Somando à toda a urgência da situação, no zênite de nossa fatalidade – as quatro foram contaminadas por uma crise de riso sobrenatural.

As gargalhadas contorciam nossos corpos encharcados e tomou o controle completo de nossas mentes e músculos. Roubou todo nosso poder de concentração, além de toda a energia de nossos braços. De tanto rir não conseguíamos unir forças e levantar os mochilões encharcados para cima do alto barranco. A cada segundo o peso

1 A minha máquina tinha quase duas décadas de idade na época. Fora a primeira máquina manual semi profissional da minha mãe, que é uma fotógrafa profissional.

aumentava com a água que seguia infiltrando as roupas e sacos de dormir no interior da bagagem. Quando enfim sucedemos em controlar nossas risadas, todas as mochilas estavam fora d'água e as máquinas protegidas. Restava ainda resgatar a canoa, incluindo o motor, que já estava quase totalmente submersa.

Neste mais crítico momento, a Mãe Natureza levantou suas cortinas e enviou-nos seus anjos terrenos: de dentro de uma lagoa escondida nas matas, surgiu uma canoa carregando dois mateiros nativos – algo completamente inesperado naquele lugar.

– Estábamos pescando e ouvimos uma barulheira. Viemos ajudar.

Mais um par de braços veio nadando entre possíveis sucuris e jacarés: Ruberval chegou para auxiliar no reboque da canoa. Mantendo uma ponta ainda pra fora, conseguimos arrastá-la por debaixo d'água até uma pequena praia próxima ao barranco. Abraçando a canoa, unimos todas nossas forças e pouco a pouco a canoa subiu às areias seguras.

Após retirar toda água, era a hora de maior temor: será que o motor estava vivo? Com o auxílio indispensável dos nativos peritos, e uma boa meia hora de aflição e paciência, o motor milagrosamente ressuscitou!

Navegamos por mais uma hora, até que viramos na curva onde o rio nos aguardava com sua última benção. Subitamente, o motor entrou em coma. Pulamos à beirada. O tempo passeava lentamente enquanto Ruberval tentava, em vão, consertar o motor. A floresta conservava-nos em um de seus jardins primorosos.

Solenes Apuíis prostravam-se às margens do Rio. *Ficus Amazônica*.

Brotando do chão, seus caules entrelaçados erguiam-se num tronco central, ramificavam em galhos e expandiam-se numa esfera orgânica. Os braços lenhosos abriam-se em folhas, recebendo a benção do Sol e oferecendo aos céus seus ramos floridos. À Terra, derramava sementes e soltava raízes frescas que pendiam dos galhos, lentamente buscando o solo, onde infiltravam as profundezas e crescia como novos pilares da cúpula sacrossanta.

Os braços universais da Mãe Figueira estavam sempre abertos às congregações de aves, símios, peixes e tantas outras faunas que visitavam o oratório. Cada família vinha em sua religiosa hora diária para recitar seus cânticos e partilhar da ceia abundante de figos tão doces e miúdos.

Essas árvores exalavam a áurea de sua irmã indiana, *Ficus Religiosa*. Reverenciada por diversos povos ancestrais ao longo dos continentes da Terra, a Figueira, altares orgânicos nos templos da floresta, permanece um canal de união entre céu e Terra. Em sua seiva, habita o sagrado. No oriente e no ocidente, monges, eremitas e peregrinos confluem aos seus pés. Nessa sublime presença, nasce a morada de suas meditações. Sob a copa frondosa, caminham em verdade, à suprema União.

Há 2.500 anos, um monge indiano sentou em lótus sob a árvore Bodhi, a Ficus Religiosa. Pelo meio da noite, veio tempestade. O céu despencou. Sidarta Gautama permaneceu em meditação. As estrelas se abriram. Sidarta despertou. Nascia a estrela da manhã.

Buddha alentou iluminação.

Aneka jāti samsāram sandha vissam anibhissam
Gahakaraka gavesanto dukkhajāti punappunam
Gahakaraka ditthosi puna geham nakahasi
Sabba te phasuka bagga gahakutam visamkhatam
Visamkhāragatam cittam tanhanam khayamajjhaga.

“Por incontáveis ciclos de nascimento e morte
viajei correndo em vão
buscando sem encontrar o construtor dessa casa
novamente e novamente defrontando desconforto.
Ó construtor! Agora estás visto.
Vós não construireis uma casa novamente
todas suas traves estão quebradas
a viga mestra foi demolida.
A consciência incondicionada despertou
e o fim do desejo foi alcançado”^[31]

Esses foram os versos cantados por Buddha naquela aurora. Sentado sob a árvore Bodhi, Ficus Religiosa.

Na mesma terra de Bharata por volta de 3.000 anos antes de Cristo, Sri Krsna guiou a carroça do arqueiro Arjuna para mirar o exército inimigo no breve momento precedendo a tempestuosa batalha de Kurukshetra. No vão entre os dois exércitos, Sri Krisna ministrou o Bhagavad Gita, ‘Canção de Deus’, ao seu discípulo, Em um dos versos Krsna descreve a árvore Asvatthah, Ficus Religiosa.

Urdhva-mulam adhah-sakham \ asvattham prahur avyayam
chandamsi asya parnani \ yas tam veda sa veda-vit (XV.1)

Aquele que conhece a árvore Asvatthah que é dita ser imperecível, cujas raízes estão no Ser Primordial, cujo tronco é representado por Brahma e cujas folhas são os Vedas, é um conhedor dos Vedas(escrituras Hindus).

Na rupam asyeha tathopalabhyate \ nanto na cadir na ca sampratistha
asvattham enam su-virudha-mulam \ asanga-sastrena drdhena chittva (XV.3)

A natureza dessa árvore da criação, sobre pensamentos amadurecidos, não acaba sendo aquilo que ela parecia representar. Não possui nem começo nem fim, nem mesmo estabilidade.

Naquela tarde Amazônica sob os Apuí, a ficus ministrava seu canto luminoso.

Passara uma hora sem sinal de vida no motor.

Abri meu ouvidos à silenciosa voz da floresta. Seria ela que não nos queria deixar partir? Ou seriam nossos corações, penetrando raízes profundas como os mil ramos da figueira?

Lágrimas escorrem pela face, enquanto mergulho nas lembranças daqueles pés de Apuí. Senhora da Floresta, quando encontrar-me-ei entrelaçada em seus braços infinitos?

Num derradeiro suspiro, entreguei meu perpétuo amor à Amazônia. Subitamente, o motor despertou.

Purodhasam ca mukhyam mam \ viddhi partha brhaspatim
senaninam aham skandah \ sarasam asmi sagarah (Bhagavad Gita X.24)

... Dos corpos de água, sou o Oceano.

Maharsinam bhrgur aham \ giram asmy ekam aksaram
yajnanam japa-yajno'smi \ sthavaranam himalayah. (X.25)

... Das vibrações, sou o OM transcendental. Dos sacrifícios, sou a recitação de mantras. Entre as coisas imóveis, sou o Himalaya.

Asvatthah sarva-vrksanam \ devarsinam ca naradah
gandharvanam citrarathah \ siddhanam kapilo munih (X.26)

De todas as árvores da Terra, sou Asvatthah ...

"Existe uma árvore dentro de cada semente. No entanto, para que a germinação aconteça, a semente precisa entregar-se ao solo, penetrar nas camadas profundas da Terra. Somente então ela desperta. Quando a casca se rompe, o broto emerge, crescendo em uma gigantesca árvore que doa frutas e sombra à incontáveis seres."

1

Itaipu, 24 de maio de 2013

Fazem sete anos. E ainda tão vivo. Tão vivo está, aquele sagrado momento em que entoei, sob a testemunha silenciosa dos Apuí, aquelas promessas de retorno à Amazônia. Somente após esse voto interno é que a floresta liberou nossa partida. Durante esses setes anos quantas raízes cresceram nesses Apuí. Quantas sementes brotaram? A que profundidade essas jovens árvores infiltraram na terra? Ha sete anos a semente daquela promessa cresce, mergulhando suas raízes no âmago de minha existência, fortalecendo seus caules, firmando sua

1 Amma (versão informal) [29]

presença.

Ó Mestra! Até quando vais seguir envolvendo meu coração sem absorver-me de vez em sua onisciente floresta. O cosmos, e todas as estrelas, são testemunhos. E vós permaneces imóvel, perante as sendas da Verdade.

A figueira tem a menor das sementes. Dispersam como nuvens ao vento. Viajam tão longe, entre as penas dos passarinhos. De dentro desse minúsculo grão, brota a mais gloriosa das árvores.

Os ventos também levaram uma pequena semente do Apuí às terras distantes da Ficus Religiosa, onde ela escutou, nos templos de Amritapuri, a história do gérmen de Asvatthah.

Swetaketu era filho de Aruni. Ainda menino, seu pai enviou-o a uma Gurukula,¹ onde ele passou anos estudando os quatro vedas. Quando voltou para casa, uma simples mirada aos olhos do filho revelou ao pai que Swetaketu, ao invés de iluminar-se, tornara-se orgulhoso com seus estudos. O próprio pai era um sábio iluminado que enxergava através da pele transparente do filho. O pai então perguntou-lhe:

– Swetaketu, perguntastes aos teus Gurus sobre o ensinamento pelo qual, aquilo que não se escuta, torna-se escutado, não se pensa, torna-se pensado, não se sabe, torna-se sabido?

– Senhor? Não comprehendo. Que ensinamento é esse?

– Assim como, através de um único punhado de barro, querido menino, alguém conheceria todos os objetos formados de barro. Aparte dos diversos nomes, a realidade é simplesmente “barro.” Assim é o ensinamento.

– Senhor, por favor me ensine.

– Abelhas, querido menino, juntam o néctar colhido em diversas árvores floridas, de todas as direções, aqueles néctares tornam-se um único mel. E assim como aqueles néctares não possuem a ideia “eu sou o néctar dessa árvore, eu sou o néctar daquela árvore,” os infinitos seres, tendo brotado do um Ser, não sabem “nós brotamos do Um,” e tornam-se tigre, leão, minhoca, inseto, aquilo que pensam ser.

– Aquilo que é a mais refinada essência, o universo inteiro tem Aquilo como alma. Aquilo é realidade. Aquilo é o Atman. Aquilo, sois vós, Swetaketu! Tat Twam Asti.

– Abençoado pai, por favor me instrua.

– Os rios correm ao oceano. Eles vão do oceano, somente para o oceano, eles se tornam o próprio oceano. Eles não sabem “eu sou tal rio, eu sou aquele.”

– Traga um figo de lá – instruiu o pai, apontado a uma grandiosa figueira na beira da floresta.

¹ Gurukula era o antigo sistema de educação na Índia, onde os alunos de diversas classes sociais moravam na casa do Mestre (Guru), aprendendo as escrituras e realizando juntos os serviços diários.

– Aqui está – disse Swetaketu, com a pequenina fruta na mão.

– Divide-o. O que vês aí dentro?

– Essas minúsculas sementes senhor – respondeu Swetaketu, mirando o figo aberto, com inúmeras sementes menores que grãos de areia.

– Divide uma. O que há dentro?

Swetaketu delicadamente abriu a sementinha, levou-a para perto dos olhos e observou seu interior. Após um tempo, pronunciou:

– Nada.

– Querido menino, aquela essência que você não percebe, precisamente desta essência, querido menino, aquela grande figueira ascende.

– Swetaketu, Aquilo, sois vós. Tat Twam Asti.¹

Swetaketu realizou a verdade.

Nove meses. E ainda tão viva. Ainda tão viva é Vossa presença.

Mestra, fazem nove meses que estes olhos miraram, por uma última vez, vosso canto à beira do mar indiano. Todo dia caminho ao mar do Atlântico. Permaneço na pedra, mirando o oceano desaparecer no horizonte. Vossos olhos navegam pelas correntezas. As ondas se quebram na praia, e ouço o vosso canto. Hoje mesmo, o azul embriagou-me de vossa presença. E me saciei, eternamente apaixonada por Itacoatiara. E chorei, lágrimas secas, ardendo por vossas sacras terras indianas.

A cada dia, os pensamentos incandescem cada vez mais: Por quê? Pra quê? Por quanto tempo? O que estou fazendo, escrevendo, escrevendo? O que importam meras palavras? Palavra nenhuma alcança a verdade. Quero apenas estar em Vossa presença. Santa Vida! Sacro Tempo! Dia após dia, a brasa cresce. Ardendo em chamas para retornar ao vosso Lar.

E vós sussurrais em meu coração, acariciando os pensamentos.

Floreando calmaria.

“Entrega é ser o pincel nas mãos do pintor. Um lápis nas mãos de um escritor. Um instrumento nas mãos de Deus”

Amma [29]

Mestra, permaneces imóvel, como a Figueira. Como os Apuí, Vós me aguarda. E cada batida de meu coração, Sol após Sol, Lua após Lua, proclama: respiro hoje, pelo dia em que farei meu leito eterno em vossos cósmicos braços. Escrevo agora, à beira do rio amazônico, meu ser inteiro sentada sob a copa frondosa da Ficus. Escrevo, pois tornou-se incontível. Estou a transbordar.

1 Essa é uma das histórias mais conhecidas dos Upanishads, escritura Hindu. Pertence ao Chandogya Upanishad. Este é apenas um relato informal, espontâneo e incompleto.

Escrevo com cada pulsar de meu âmago, pois sois vós a seiva de minha vida. Sois vós que percorre os dedos pelo teclado. Escrevo, em gratidão. Em cada letra desvela-se um passo. Cada palavra é um caminho. Cada verso um ensinamento, vosso vinho, para essa sedenta discipulada. Cada pausa entre os parágrafos, uma respiração. Cada história, me embriaga. E nesta folha, profunda, branca, espaço vazio, Vós pulsas, eterno e silencioso, Tat Twam Asti.

Respiro, o alento do despertar.

Minha Mestra está chamando.
"Me leve de volta ao vosso lar!" uma brasa silenciosa responde...
Mas não é tempo, nem distância, que importam.
O chamado vem daqui de dentro.
Me preenche de vida neste instante.
A cada batida, Ela chama.
E meu coração se sacia nesse chamado.

"No centro de seu ser tu tens a resposta;
tu sabes quem és e sabe o que queres."

Lao Tze ^[34]

"... e finalmente não há mais divisão entre interno e externo
a totalidade da vida se torna o Guru."¹

Da ordem, emerge o caos.

Quantas fortalezas terei de derrubar?
Quantos jardins terei de construir?
A Cada pedra que se quebra,
desvenda-se uma nova muralha.
Minha marreta já parece cega.
Minhas mãos, suam de cansaço.
E nesse instante meus olhos se erguem:
do mais alto,
descem tropas de anjos,
com suas marretas de luz,
explodindo obstáculo por obstáculo.
De dentro das pedras,
incontáveis sementes se espalham.
Em todo punhado de terra devastada, erguem ramos,
tingidos de verde esperança.

¹ Chogyam Truppa Rinpoche [22] "Milarepa não conseguia separar-se de seu Guru, mas desejava permanecer com ele toda sua vida. Mas então, em um certo estágio, as circunstâncias levaram-no embora. E quando seu Guru deliberadamente enviou-o embora, uma certa confusão foi causada. Ele não tinha certeza se essa grande devoção era interna ou externa.... Lendo a vida de Milarepa, você vê que o primeiro Guru vem como um Guru humano, Marpa, e depois como o Guru da sabedoria interna; e finalmente não há mais divisão entre interno e externo, a totalidade da vida se torna o Guru. Milarepa foi um santo yogi Tibetano do séc. XI. Seu Guru Marpa foi discípulo de Naropa, à quem Tilopa recitou a 'Canção de Mahamudra,' como um gesto de iniciação.

Penetrande frestas ocultas,
raízes transmutam muralhas,
em belos jardins celestinos,
onde posso me nutrir,
e seguir desvelando
o imenso jardim que contêm
todas as pedras do mundo.

Do caos, emerge Luz

"A força não provém da capacidade física, mas sim de uma vontade indomável"

Mahatma Gandhi ^[21]

– Ainda tenho que decidir sobre a presença de vocês no festival
– disse a Pajé Putanny, na varanda da sede indígena Yawanawá, em Tarauacá.

Havia mais de uma semana que despedíramo-nos do Rio Moa. Após chegar em Mâncio Lima, naquele inesquecivelmente intenso dia do naufrágio ribeiro, havíamos pego um ônibus para cruzeiro do Sul e de lá seguimos direto para Rio Branco. Na Universidade Federal do Acre, estudantes de todo o país chegavam para o Congresso Brasileiro de Geógrafos. Após uma semana de congresso – “e agora? Para onde vamos neste Acre imprevisível?” Enquanto esforçávamo-nos para compreender em qual direção o curso da vida estava seguindo, tensão e frustração precederam beata libertação, aos pés de uma luminosa figureira.

Era o dia após o fim do encontro. O vazio se expandia por todo o campus universitário. Naquele amplo gramado, ela emergia soberana. Múltiplas raízes entrelaçadas ascendiam em espiral, formando um tronco alinhado e elegante, e se abriam numa cúpula perfeita. Ramificando do centro, os galhos se expandiam sustentando pequenas folhas verdes claras e escuras. Flutuando ao céu azul. Brilhando ao sol.

Vossa Poesia Orgânica emudece o mundo inteiro.

O chão estava coberto de latinhas de cerveja, copos plásticos e cacos de vidro, vestígios de uma semana de ‘festinha’ das noites do encontro – espelhando nossas mentes perturbadas pela incerteza do ‘amanhã’. Limpamos a área e unimos nossas mãos ao redor da Figueira, entoando serenas canções. Elevamo-nos à copa frondosa e comungamos em silêncio.

Harmonia pulsava daquela árvore tão organicamente simétrica, equilibrando nossos corações e mentes. Uma áurea de paz inundou-nos de leveza e beatitude, despertando a serenidade interior. O mundo inteiro clareou. O rio seguiu seu curso.

“I burned incense, swept the earth, and waited
for a poem to come...
Then I laughed, and climbed the mountain,
leaning on my staff.
How I’d love to be a master
of the blue sky’s art:
see how many sprigs of snow-white clouds
he’s brushed in so far today.”¹

Naquela mesma tarde e durante o dia seguinte, caronas pela “mitológica” BR 364 nos transportaram à pacata cidade de Tarauacá. O festival anual dos Yawanawá iria começar em breve nas distantes aldeias do Rio Gregório. Diversos “pais” Pano haviam sido convidados. Ha alguns dias que um grupo de Marubo deixara o Vale do Javari, no estado do Amazonas, e aproximavam-se do Rio Gregório, navegando pelos igarapés em canoas e caminhando pela selva virgem.²

Estávamos numa varanda ao fundo da sede indígena em Tarauacá. Sentadas perante a Pajé Yawanawá, Maíra, Luiza, Cíntia e eu aguardávamos.³ Árvores amazônicas tradicionais rodeavam as baixas muretas de madeira. Um pequeno grupo de curumins farreava no interior da casa.

Putanny cerrou os olhos em silêncio meditativo. O Sol brincava com as folhas, infiltrando em seus tecidos verdes, esvoaçando com borboletas e libélulas. A terna sinfonia da floresta era a maestra de nosso pequeno concílio.

– Há uma voz dentro de mim. Ela diz que essa decisão é certa. Vocês estão convidados para participar do festival Yawanawá – disse Putanny.

Mirou-nos em silêncio e prosseguiu:

– Quando tenho que tomar uma decisão, eu sempre pergunto dentro de mim. Se a decisão está errada, fica algo martelando em minha cabeça. Mas quando eu tomo a decisão certa, fico em paz. Calma. E sei que tomo a decisão certa.

Naquela tarde, Putanny nos levou para conhecer sua irmã Kátia Hushahu. Havia um ano que eu deparei com uma reportagem sobre duas irmãs indígenas que foram reconhecidas como as primeiras pajés femininas de seu povo, no contexto dessa era atual. Na época fiquei fascinada pelo processo de iniciação pela qual passaram. Nunca

1 “Queimei incenso, varri a terra, e esperei, para um poema vir ... Então eu ri, e escalei a montanha, inclinando em meu bastão. Como eu gostaria de ser um mestre, da arte do céu azul: veja quantos ramos de nuvens branco-neve, ele hoje pincelou até agora.”Yuan Mei, Taoista Chinês, século XVIII. [35]

2 Pano é uma família linguística que une as etnias de uma região que compreende o Acre, oeste do Amazonas e áreas próximas do Peru e da Bolívia. As etnias referem-se umas às outras como ‘pais’.”Os Yawanawá são um grupo indígena que habita a Área Indígena Rio Gregório, no município de Tarauacá, no Oeste do estado do Acre, no Brasil.”Wikipédia [7] pertencem à família Pano. “Os Marubo são um grupo indígena da família pano que habita o Sudoeste do estado brasileiro do Amazonas, mais precisamente a Área Indígena Vale do Javari.” Wikipédia [7]

3 Cíntia era uma estudante de geografia que morava em Florianópolis e viajou conosco após o congresso. Tornou-se uma grande amiga.

mais cruzei com notícias das irmãs e nada lembrava em relação à sua etnia e região, além do fato de que pertenciam à Amazônia. E naquela peregrinação acreana, o curso do rio levara-nos precisamente à presença dessas irmãs, nas cercanias de sua terra nativa. Sentadas numa varanda de palafita, ouvimos a história pelos lábios das próprias pajés.

– Passamos um ano fazendo uma dieta na floresta, sem ver ninguém, nem mesmo nossas filhas – disse Kátia Hushahu – Só o Pajé que nos ajudava. Não podíamos beber água, só caiçuma.¹ Não podíamos tocar em doce, só comíamos milho. O pajé aplicava rapé e uni na gente a toda hora.² Tinha hora que estávamos caídas no chão, aí eu esticava a mão para dentro do igarapé e jogava água na minha irmã. Depois eu jogava água em meu próprio corpo. E íamos aguentando. Surpreendemos todo o povo da aldeia com nossa força de vontade. Todos os homens desistiram. Não aguentaram. A gente resistiu ao medo da morte. Ao medo da solidão. Quando voltamos, cantando músicas que recebemos de nossos ancestrais, trouxemos lágrimas aos olhos de nosso cacique, nossos pajés, nosso povo.

A beleza de Kátia Hushahu embriagava a noite. Seus cabelos negros que escorriam pelas costas e a pele morena amadureciam-lhe as feições. Os olhos brancos, profundos, exalavam serenidade. Suas palavras embebiam a alma, como florescência de jasmim impregnando o mundo noturno.

– Nós usamos o Kambô e o Uni para clarear a mente, para tomarmos as escolhas certas.³ Para vivermos das melhores formas possíveis, compreendermos o mundo harmoniosamente. Para encontrar respostas e buscar a paz. O amor.

As irmãs relataram que nos últimos tempos seu povo adquirira uma estrutura rigidamente paternalista, onde mulheres não recebiam espaço entre os xamãs. Não podendo nem mesmo chegar próximo às rodas de Uni. Transpassando incontáveis obstáculos sociais, as irmãs perseveraram em seu desenvolvimento xamânico. No caminho espiritual, dificuldades e oposições tornaram-se alimento. Abençoadas pelos ancestrais, Hushahu e Putanny floresceram em preciosas luminárias da mata.

– Uma vez participei de um evento em Brasília e, depois de minha

1 Caiçuma é uma bebida indígena feita de mandioca mastigada e naturalmente fermentada.
2 Uni é o nome Yawanawá para a bebida sagrada feita com Ayahuasca e outras ervas da Floresta Amazônica. Rapé, feito nas aldeias com plantas especiais, e Uni são elementos centrais nos rituais indígenas e na senda espiritual dos povos de língua Pano.

3 Kambô – “A Vacina do Sapo é o nome popular para a aplicação das secreções produzidas pela “rã” Kambô (*Phyllomedusa bicolor*) em pequenos ferimentos produzidos artificialmente nos braços ou nas pernas de uma pessoa, para que as substâncias presentes na pele do animal penetrem na circulação sanguínea. (...) O procedimento é realizado por xamãs indígenas ou curandeiros designados por “sapeiros” no norte do Brasil e integra o conjunto de práticas da medicina indígena praticada na Amazônia. (...) Segundo as tradições desses povos indígenas, o ritual acerca de seu uso visa a acabar com a má sorte na pesca e na caça e também para acabar a “panema”, o estado de espírito negativo que causa doenças.” Wikipédia [7]

palestra, uma mulher branca perguntou como eu a via como uma mulher branca – disse Kátia – Ái eu falei: “nós somos diferentes no mundo material, mas no mundo espiritual somos todos iguais. Todas nós temos uma grande beleza. Você é linda, eu sou linda, somos todos lindos no mundo espiritual.”

Abriram um invólucro contendo diversos desenhos que elas haviam feito e mostraram-nos alguns. Criados por formas e cores vibrantes de um mundo indígena que entrelaça os mistérios da Amazônia, essas imagens pulsavam vida própria. Eram manifestações dos sonhos espirituais das pajés, que junto com os cantos xamânicos e as pinturas corporais, revelam as visões cosmológicas dos povos da floresta. Expressando a origem do cosmos, o nascimento de seu povo, a evolução das matas, a aliança da fauna e flora, a magia dos espíritos – cada gesto das irmãs Yawanawá florescia em sabedoria e beleza.

Após uma roda de rapé, os cantos nativos nasceram de seus lábios, permeando toda a atmosfera de sacralidade. Quietude reinou onipresente. Lua e estrelas aproximaram-se de nós. O coração encontrou descanso.

Aquele canto. Ainda agora lhe sinto. E choro. Mil vidas não bastam para amar toda a sua Glória. Eternidade, apenas vós podes saciar essa sede. No infinitíssimo de um segundo, estou a lhe aguardar.

“Skylark
sings all day,
and day not long enough.”¹

Ai! Aquele canto! Aquele canto estrelado.
Aquele céu amazônico. Ó cheiro de jasmim!

E eu aqui, sentada nesta mesa, selada em quatro paredes.
Lhe aguardando. Mesmo mil eras, de encantos e Samaúmas, não bastariam.
Beata Floresta, me nutra com Vossa beleza.
Ó Vida Total, penetre em minhas veias. Eu quero o mundo inteiro!
Quero engolir o cosmos. Sois vós me mirando nessas violetas?

Ó violeta, doce violeta. Enclausurada num vaso em cima da mesa.
Também tens saudades de vossas florestas?

Está bem, meu mundo, siga seu caminho. Pois sigo também eu.
Já não me fazes falta. Ó canto amazônico. Já não estás distante.
Sois vós me mirando nessa lua cheia, nascendo por trás das

¹ “Cotovia, canta o dia todo, e dia não é longo suficiente.” Matsuo Basho, poeta Zen, Japão séc. XVII. [36]

montanhas, iluminando os altares de pedras? Sois Vós, nas lágrimas caladas de meu vão amor? Pois vós me esvaziastes de mim mesma. E enchesastes de água as bromélias do altar, onde moram os sapos seresteiros.

A ti, também faço serenata. Ela pulsa eterna, em meu coração, dissolvendo-me agora em vossa presença. Em vosso sereno Silêncio...

Deveras, o vazio me basta.

Lhe sinto agora.
nas vozes cristalinas do contentamento.

e tu meu irmão?
escutas?
está cantando....ouça....
essa voz que nunca cessa.....ouça....

Grande Espírito canta

Yawanawá

A grande serpente apareceu por cima do barranco. A fila indiana de Yawanawá aproximava-se, uma longa cobra dançando em meandros, congregando toda a aldeia e seguindo em direção à praia. Mulheres, crianças e homens vestidos em saias de palha murmuravam os mantras nativos. Pinturas de urucum vermelho e jenipapo preto cobriam suas peles de desenhos geométricos.¹ Cocares de penas, azuis, amarelas, vermelhas, e verdes pendiam de uns e outros. A grande serpente prestava saudação aos parentes e irmãos que desciam das longas canoas.

Três ou quatro dias antes havíamos partido de Tarauacá ainda na madrugada. A caminhonete que seguia pela BR 364 levava um grupo Yawanawá, alguns amigos acreanos e as quatro peregrinas do sul do Brasil. Paramos em São Vicente, onde a estrada cruza o Rio Gregório. Grupos de Yawanawá, HuniKuin e Marubo estavam reunidos em um balcão de palafita, onde aguardamos durante dois dias a chegada das canoas que iriam levar-nos à Aldeia Nova Esperança. Tanto na longínqua aldeia quanto naquele ponto de encontros, todos trabalhavam juntos na preparação para o festival. Enquanto a chegada das canoas permanecia um mistério, o tempo era preenchido com pinturas, pescaria e histórias. Utilizando tinta de jenipapo, os mestres de pintura cobriam a pele de adultos, crianças, nativos e visitantes com padrões geométricos tradicionais. A confraria crescia a cada grupo que chegava, peregrinando desde terras distantes. Com um pouco de ansiedade, nós quatro aguardávamos notícias de Thaís, que partira de Rio Branco depois de nós. Nenhuma palavra sobre nossa amiga alcançou aquela paragem.

Após dois dias as pequenas embarcações se desmitificaram e o som de seu motor de popa nos chamou à beira do rio para enfim seguir viagem. Subimos o Rio Gregório numa procissão de canoas ribeirinhas. Já era o verão amazônico e o rio estava baixo. Velhos troncos e galhos escondidos sob a água ou aflorando à superfície, barrancos de areia e hélices perdidas ditavam o lento ritmo da viagem, com frequentes desvios, encalhadas, paradas e caçadas por novas hélices. Ou apenas para colher limões numa fazenda vizinha, que espremíamos sobre a água barrenta colhida em panelas. Era o ‘tratamento’ para purificar a água da ribeira que bebíamos. As panelas também eram usadas para devolver ao rio a água ligeira que infiltrava na canoa. Essa era uma tarefa ininterrupta, pois o longo tronco esculpido que nos carregava já estava cheio de buracos ao fundo. E nessa brincadeira o rio levou minha pequena panela. Adeus.

1 O urucum e jenipapo são plantas nativas da América tropical, cujas tinturas (vermelha e preta respectivamente) são tradicionalmente utilizadas para pinturas corporais e medicina. Após aplicar na pele, a pintura feita com jenipapo permanece por aproximadamente 15 dias, resistente à água e sabão.

Aquela que fora minha indispensável companheira de viagem por mais de dois meses, fez-se totalmente desnecessária dali em diante. Assim foi com muitos objetos ao longo da peregrinação. Sabendo-se desnecessário, algo desaparecia, despedindo-se de mim ou sendo naturalmente substituído – como a sandália na longa viagem ao Acre. O motorista do ônibus, vendo meus pés descalços, suspeitou que um passageiro embriagado havia feito uma travessura e doou-me seu próprio par de chinelo, que tornou-se muito mais climatizado à Amazônia que a pretérita sandália de trilha.

Diversas aldeias Yawanawá ocupavam ambas as margens do Rio Gregório. No festival, todas elas se reuniam na Aldeia Nova Esperança. No meio do caminho uma parte da confraria pernoitou na casa de uma família seringueira. Ainda lembro-me de estar deitada, completamente envolvida em breu, ouvindo o canto de Putanny flutuar de sua rede e navegar pelos corredores escuros. Levantei no meio da noite para aliviar minha bexiga do lado de fora da casa, tateando meu caminho pelo quarto das mulheres, pois nem mesmo o nariz eu enxergava. Mas quando cheguei à porta – tornou-se impossível dar um passo a mais, pois não havia um palmo de madeira no chão que não estivesse coberto por corpos adormecidos.

No dia seguinte avistávamos a grande serpente, dançando em meandros à beira do rio, em saudação aos recém chegados.

A serpente Yawanawá seguiu ao terreiro, formando a grande roda onde os ritos tradicionais floresciam. Jubilosas, as pequenas curumins nos pegaram pelas mãos e levaram cada uma das quatro visitantes para um canto. Pequeninas e habilidosas, quatro pares de mãos me pintaram ao mesmo tempo, cobrindo meu corpo inteiro de urucum. Olhos vermelhos adornaram a jiboia de jenipapo. Em meio a palavras nativas levaram-me à grande roda, onde encontrei as meninas. As saias de palha e as detalhadas pinturas que nasceram em nossas faces despertaram o sangue indígena correndo em nossas veias. O povo Yawanawá recebeu-nos, purificou-nos, cultivou-nos, e agora nos englobava à grande irmandade. Uníssonos, em vestes, cantos e adornos, um único espírito dançava em círculo. No céu, a ponte que une todas as cores abriu seu largo sorriso. Nasceu um lindo arco-íris.

Pelo fim da tarde, o cacique Biraci convidou todos os visitantes para participarem da dança do cumprimento. Ingenuamente, sorrimos em antecipação à “dança sagrada” à qual estávamos sendo convidadas, junto aos outros visitantes. O interior da roda preencheu-se de casais dançando de lá pra cá. Um Yawanawá parou em minha frente e colocou suas mãos sobre meus ombros, guiando-me na enérgica dança. Com as mãos sobre os ombros do parceiro, as dezenas de casais saltitavam por toda a roda, em pulinhos rítmicos e ininterruptos. Quando os músculos da perna já estavam latejando, o jovem levou-me até um irmão na

beira da roda, trocando de lugar com o aquele que se tornou meu novo parceiro. E assim seguiu-se a dança infinável. Yawanawá após Yawanawá, meus músculos ofegantes não tinham um segundo de descanso. Cada parceiro me guiava na dança saltitante até cansarem e, com um largo sorriso travesso, entregavam-me à um irmão fresquinho. Suor e poeira escorriam pelas pinturas. Estava à beira do colapso. Ao redor, minhas companheiras eram vítimas da mesma brincadeira. Essa era a dança do cumprimento. Boas vindas temperadas de Amazônia.

O Sol aquarelava céu e terra com as cores do poente quando – pela benção de Deus – a dança terminou. A grande serpente formou-se. Como um rio meandrante recebe seus afluentes pelo percurso ao mar, a longa fila Yawanawá atravessou a aldeia reunindo moradores e visitantes. Murmurando sons da floresta, seguimos ao rio, cruzamos a rústica ponte de bambu e desaguamos nas águas cor de canela. A família inteira banhou-se junta, celebrando a passagem do dia pra noite.

Quando o céu já estava negro, Putanny convocou minhas companheiras e eu. Num terreiro mais afastado, sentamos à sua frente. Ela iniciou a conversa contando-nos a história de seu povo. Ventos tempestuosos haviam provocado profundas mudanças na cultura nativa. Um após outro, os ciclos de missionários, colonizadores, seringueiros e madeireiros passaram como um furacão, desenterrando as raízes da identidade Yawanawá e de sua árvore espiritual. Recentemente, a urbanização avançava na mesma direção, sacudindo as estruturas já abaladas. Nesta culminância, o festival re-emergia como um gesto de renovação da história Yawanawá. Durante aquela celebração a roda de cantos, danças e orações girava dia e noite. A grande família indígena, o uni, o rapé, os espíritos da floresta, uniam suas forças numa busca pelas raízes de seu povo. Pela seiva ancestral da árvore Yawanawá.

Em seguida, Putanny agiu como uma mestra.

Tenho observado que em diversas culturas tradicionais o comportamento de homens e, principalmente, mulheres apresentam mais compostura do que na sociedade ocidental urbana em que fui criada. Nós visitantes tínhamos bom coração. No entanto, faltavam-nos maturidade. Quatro pós-adolescentes da moderna burguesia urbana, filhas da rebelde e anárquica geração dos anos 70. Um tanto leigas em culturas tradicionais, principalmente no que diz respeito à percepção de costumes sutis e respeitosa inserção no ambiente étnico da aldeia. Homens mulheres adultos e crianças nos receberam sem reserva ou preconceito. E nós sentimo-nos em casa desde o primeiro momento. Mas confesso que hoje eu tento manter mais compostura e, principalmente, observar um pouco mais os costumes locais, para que a minha presença seja a mais harmônica possível com a vida da

comunidade. Por mais que nosso coração traga bondade e amizade, cada cultura possui costumes específicos. Um gesto supérfluo para um visitante pode ser um ato importante para a cultura local. Interações culturais podem manifestar profunda beleza, principalmente quando as pessoas têm consciência da delicadeza e preciosidade inerentes às tradições de um povo.

Havia costumes específicos nas aldeias em relação ao comportamento feminino. Quando Putanny era criança, relatou-nos, havia certa discriminação entre os sexos. Junto com a irmã, elas estavam transformando alguns padrões sociais de seu povo. Mas haviam outros costumes que fortaleciam o respeito às mulheres da aldeia. Muito gentilmente, explicou-nos que alguns de nossos comportamentos careciam de compostura e delicadeza. As vestes comuns à cidades, por exemplo, muitas vezes não são apropriadas entre as comunidades rurais, indígenas e seringueiras. Durante o festival, as Yawanawá vestiam-se tradicionalmente com as saias de palha e a tintura de urucum cobrindo o resto da pele. Mas quando usavam blusas, nenhuma parte da barriga permanecia exposta. Isso fora um dos detalhes que nossa percepção ignorara. Falar baixo. Ter mais compostura. Não éramos mais crianças. Sinceramente, faltara-nos sensibilidade.

Pessoalmente, o ensinamento que Putanny nos ofertou aquela noite foi um dos mais valiosos naquele festival. Ao longo dos anos, vem causando uma magnífica transformação interior. Preparou-me para profundas vivências entre povos nativos de terras longínquas. Ainda hoje sou imensamente grata.

A pajé Yawanawá ensinou-me a maior das virtudes. Humildade. Ensinou a chegar de mansinho, como a primavera. A observar, esperar, e ouvir, como a semente que chega de longe, cheia de energia para doar, mas espera. Lentamente entremeando, amadurecendo, até que enfim não há mais fronteiras entre dentro e fora. E neste clímax, nascem frutos preciosos, nutridos pelo próprio solo nativo.

“Entretanto, não nos puderam eliminar, nem nos fazer esquecer o que somos, porque somos a cultura da Terra e do céu. Somos uma ascendência milenar e somos milhões. E mesmo que nosso universo inteiro seja destruído nós viveremos por mais tempo que o império da morte.”

Conselho dos povos indígenas¹

A Via Láctea cobria o céu inteiro. Aquele terreiro ainda é vivo em minha mente. Palmeiras Pupunha erguendo-se altas, suas cabeleiras negras dançando contra o fundo cintilante das estrelas. Ao centro, a roda girava. Yawanawá unindo-se mão em mão. E Biraci, cacique e pajé, guiando os cantos ancestrais. No espaço infinito, galáxias também giravam. Seu brilho cantando conosco.

¹ Conselho dos povos indígenas, em 1975, em Port Alberni, Canadá. [13]

Uni havia sido compartilhado entre aqueles presentes. Criança e idoso, homem e mulher. Cerrei os olhos, deixando a lenta roda me guiar. Mil vozes cresceram. Ixi, Bari, Samaúma, Jiboia. O canto nativo invocara e a floresta despertara. Os espíritos permeavam-nos com sua presença invisível.

Sol, chuva, lua e estrela, a roda Yawanawá girava. O dia amanhecia com o tradicional 'banho da madrugada.' As águas gélidas do Gregório aguardava nossas abluições matinais. Em seguida, as pinturas nasciam nas faces de todos. Sob o sol, as brincadeiras nativas contaminavam toda a comunidade de riso e inocência, imitando os animais da mata, ou de bravura, nas lutas tradicionais dos guerreiros. Todas as cabanas da aldeia acolhiam e serviam os irmãos e parentes. Continuamente, grandes panelas de mandioca fervilhavam sobre a lenha em brasas. Enquanto descascávamos a raiz na cabana de nossa anfítriã, preciosas histórias derramavam de seus doces lábios.

Ao crepúsculo, o rio nos purificava novamente – às vezes pela quinta vez ao dia. A noite nos recebia, com todo seu esplendor amazônico. E Uni embebia nossas almas. No mundo inteiro havia apenas paz e harmonia. Sorriso, união, bem querer. Assim fluiu o festival, como os lentos igarapés amazônicos.

No derradeiro dia, uma grande roda reuniu todas as pessoas presentes no festival. Além das aldeias Yawanawá, representantes Huni Kuin, Marubo e Ashaninka consolidavam a força indígena. Os galhos das árvores fartaram-se de ansiosos curumins. Ao centro, as lideranças indígenas falaram ao povo. Pajé e cacique Biraci semeou a uma linda mensagem de beleza e união entre os povos indígenas, que pulsou no coração de cada um presente. Em meio a suas sacras palavras, uma grande borboleta azul safira esvoaçou pela roda, flutuou em frente ao pajé, e pousou duas vezes no centro de seu peito, precisamente sobre o anahata, o chakra do coração.

O som de flautas e tambores nasceu na outra margem do rio, onde estava o acampamento Ashaninka, anunciando a chegada da caiçuma. Desde o início do festival, eles vinham preparando a bebida para servir naquele dia. Os Ashaninka apareceram em suas cusmas, uma larga túnica que descia do pescoço aos pés. Sob a coroa de palha e penas, traços peruanos adornavam suas serenas e firmes feições. Leves sorrisos suavizavam suas posturas aprumadas.

Enquanto cuias cheias do líquido cremoso e branco eram oferecidas a todos, as lideranças alertaram sobre o problema de alcoolismo em algumas aldeias indígenas.

– A cerveja, a cachaça, não traz cura, ela degrada. A caiçuma, o uni, a ayahuasca, traz cura para nosso povo. É nossa cultura – diziam as lideranças.

Em seguida, os tambores e flautas guiaram a procissão até o terreiro, onde a alegria do festival culminou e floresceu. Entre musica, dança e cores, as fronteiras se dissolveram. Cansaço se retirou. Uma grande família celebrava a vida em sua beleza diversa.

O dia seguinte amanheceu em aguaceiro, cancelando a partida de todo mundo. Um profundo clima de interiorização permeou a aldeia. Biraci contou a nosso pequeno grupo carioca algumas histórias sobre sua aldeia. O antigo lugar onde a aldeia existira possuía um cemitério dos ancestrais Yawanawá. Diversos Xamãs encontravam-se embaixo dessa terra. Esse espaço sagrado havia sido transformado em um centro espiritual, onde os pajés e iniciantes realizavam retiros e desenvolviam suas práticas nativas.

Mais tarde sentamo-nos com Julia, uma professora Yawanawá que trabalhava na escola indígena havia 11 anos. O avô dela havia sido um dos grandes líderes da tribo. Carregando seu sangue, a neta guiava os jovens e crianças pela re-erguimento da cultura nativa.

– Os missionários, eles colocaram assim na nossa mente, até um dia desses eu tava comentando com a minha mãe, eu falei: “mãe, a senhora não fala a língua! Por que a senhora não fala? A senhora tem vergonha?” Aí eles mudaram totalmente. Aquela nossa coisa bonita, essa festa que a gente faz hoje, ficou escondida, ficou guardada ali. O pessoal tinha vergonha! “Não mexe nisso aqui! Os missionários disseram que isso aqui é feio! A gente tem que ser assim.”

Disse Julia, falando sobre os ventos tempestuosos que abalaram seu povo com serenidade e compostura. Não havia traços de ressentimento em seus olhos, apenas compreensão e compaixão.

– Por que a maior parte das pessoas, minha mãe, por exemplo, ela quis estudar para poder ler a bíblia na época dos missionários. E aí a maior parte foi tudo assim. E essa geração para cá não! A gente tá com um objetivo maior. Não só de aprender a ler e a escrever, mas quanto saber ler e escrever na língua nativa. Por que meu avô, ele era um homem tão sábio, que ele deixou o pouco do que ele era em cada pessoa. O Tatá, por exemplo, recebeu na parte da pajelança. O meu pai tirou a parte da sabedoria. O Yawá pegou a parte de ser essa pessoa que ele é, alegre, brincalhão. Um pouco também da parte de pajé. O Tatá, que foi formado por ele, por exemplo, não pegou tudo. Meu avô deixou semente em cada pessoa. E hoje a gente só pode ver meu avô por eles. Se a gente não guardar hoje nosso conhecimento, não passar para as próximas gerações, vai tudo se perder.

Raios de sol penetravam pelas frestas da madeira, iluminando os traços indígenas da professora. Seus olhos eram alongados e profundos. Os lábios se moviam em graça e delicadeza. Cabelos negros escorriam sobre os ombros.

– Essas brincadeiras que temos hoje, foi tudo tirado pelas

lembraças deles. A forma que a gente se veste. Que a gente se pinta. O cocar, a saia, aquilo nem meu avô chegou a ver. Na época dele não existia mais isso. Mas ele contou para o meu pai que existia pessoas assim. Meu pai chorou a primeira vez que ele viu a gente só com as nossas saias de palha, pintadas com pasta de urucum e jenipapo. Com os desenhos antigos. Então, meu pai nos ensinava que nosso povo era assim antigamente. A gente sempre foi um povo nu. A gente só usava as saias, mas não as de palha igual usamos no festival. Saias de algodão. E a ultima pessoa que teceu algodão foi a minha vó, a mãe do meu pai. Então a gente perdeu muita coisa. A gente não tece mais o algodão. A gente nem sequer mais planta o algodão. E a gente tá buscando tudo isso agora. Os mais velhos vão lembrando e a gente vai colocando na prática. E fazendo o melhor que a gente pode fazer.

Julia calou-se. Seus olhos miraram-nos com seriedade.

– Meu pai disse que isso aconteceu muito quando houve as guerras. As pessoas foram morrendo. O medo de morrer a qualquer momento. De ser invadido. As pessoas foram parando de fazer isso. Aí depois, quando acabaram as guerras, começou o contato com os brancos. E vieram os missionários. Nossa povo nunca foi de tapar os seios. Aí isso ficou congelado na época dos missionários. Totalmente parado

– Assim o Bira (Biraci), os antigos, foram vendo que os missionários tavam prejudicando a gente. Fazendo a cabeça do nosso povo. De parar de brincar. De parar de tomar Uni. Os mais velhos, eles continuavam, não escutavam os missionários. Mas muitos tavam ficando evangélicos e deixando de lado nossa tradição. E aí ele achou melhor tirá-los daqui. Mas muita gente morreu. Antes deles morreram muito. Depois deles, morreu mais um pouco. Aí ele procurou outros meios. Mas agora a gente já depende muito dos brancos, de seus remédios. Tem muitas doenças hoje em dia que não tinha antes, então a gente não conhece os remédios da mata para elas. Depende do remédio dos brancos. Nossas plantas medicinais não curam elas, porque essas doenças não são nossas. Foram trazidas pelos brancos. Que invadiram os índios. Aí a gente começou a trabalhar, trabalhar, sempre querendo fortalecer o que a gente tinha. E se não estivéssemos buscando cada vez mais as nossas coisas, elas tinham sido todas esquecidas.

A auto-investigação dos Yawanawá pela verdadeira identidade tornou-se o cerne da vida nativa, transformando as várias ramificações da árvore cultural. Essa busca infiltrou na educação obsoleta, renovando as salas de aula. Esse espaço educativo tornou-se um pilar de sustentação no fortalecimento da cultura Yawanawá.¹

– A maior parte dos jovens aqui, de 20 anos, são tudo analfabeto. Eles nunca gostaram de estudar. Porque de tanto ver que a escola.... A

¹ Quando as primeiras escolas formais foram introduzidas na aldeia pelo governo, o ensino seguia métodos e materiais didáticos padronizados. O grande abismo entre a realidade dos padrões educacionais e da vida indígenas resultou no quase total desinteresse do povo pelo estudo.

escola parou de um tempo para cá. Começou a funcionar de novo em 95. Eles perderam a vontade de estudar. Não queriam. São poucos.

– Com essa nova forma de educação, com as raízes na nossa própria cultura, revolucionou as escolas das aldeias. Todo mundo quis voltar a estudar. Trabalhamos a ideia no nosso povo que era importante estudar. Não só importante ler e escrever. É importante também saber que pra nós, não existe só a educação dos brancos. Nós temos a nossa própria educação. Nós temos os nossos valores. Que são bonitos. E que é bom a gente colocar isso na prática. E aí a gente começou a trabalhar muito isso na escola. Em todas as disciplinas.

– Na arte por exemplo. Tudo isso que aconteceu no festival, foi muito pela ajuda da escola. A gente fazia isso na escola muito antes do festival. Dançávamos muito antes. Treinávamos os meninos antes de dançar. De cantar.

– Em geografia a gente trabalha conhecendo nosso próprio território, começando pelas próprias aldeias. Os diferentes tipos de roçados. Roçado de banana, de macaxeira. O quê que a gente planta. E aí vai conhecendo aos poucos os igarapés. E depois, os meninos mais maiores, os pontos de caçada, os igarapés que tem o peixe, os que não têm mais peixe. E aí respeitar aqueles que ainda têm. Aqueles que não têm mais.

– Os passeios são com os mais velhos. Com os caçadores. Porque os mais velhos sabem dos nomes dos igarapés. E os caçadores sabem para onde tá o rumo das coisas.

– Aí os mais jovens vão para conhecer. Eles vão para a mata para ter uma aula de ciência. Para saber o nome das plantas. Aonde que elas ficam. Porque as plantas medicinais, elas são muito complexas. Tem aquelas que só ficam na lama. Tem aquelas que ficam na sombra. Tem aquelas que ficam na terra dura. Aquelas que ficam na terra dura só são daqueles lugares. Se for procurar ela em terra seca você não encontra. E aí vai levando, vai ensinando. Vai dizendo para quê que serve.

– Lá perto da minha aldeia, tem uma parte bem grande, que tudo que você vê lá é planta medicinal. Tudo tudo. Mas elas não são de lá. Foram todas retiradas por aqui mesmo, por essas matas. Um pouco de tudo a gente tem. Colocamos próximo a aldeia para quando precisar. E aí vai levando, vai ensinando.

Uma pequena curumim correu em nossa direção e pulou no colo de Julia. Permaneceu alguns minutos deitadas e depois se levantou. Suas mãos encontraram nos cabelos lisos da Tia uma nova brincadeira. Sempre serena, Julia seguia sua narrativa.

– Os velhos têm uma participação muito grande na escola. Muita participação. Eles são tudo para a gente. Em tudo. Na disciplina de português, na parte de história, geografia, ciência, na arte, a maior parte são eles.

– Na história, por exemplo, a gente trabalha com nossas próprias histórias, das pessoas que foram muito respeitadas pelo nosso povo.

Meu avô e outras. As histórias de nossos próprios conhecimentos. Os mitos, eles todos são contados como lições de vida. Euuento uma história para você pra te dizer: "não faça isso, senão pode acontecer a mesma coisa com você que aconteceu com aquela pessoa."

– Nós usamos as nossas histórias para ensinar sobre as coisas da vida. As nossas histórias, elas são contadas para todas as idades. Tem histórias que dão lições de vida para crianças, pra jovens, pras velhas, pros sogros. Para tudo existe uma história, uma lição de vida. As histórias das crianças não são as mesmas do adulto. Na medida da idade de cada pessoa, tem uma história para cada um. Até para os próprios velhos.

– A nossa educação, ela é diferente. Ela acontece em momentos especiais. É de madrugada, é um momento em que as lideranças se reúnem com a aldeia para contar uma história para a gente ouvir. O meu pai, por exemplo, a noite ele conta muita história para a gente. Se alguém te conta uma história, ela tá querendo te dar alguma coisa. Ela tá querendo te ensinar alguma coisa. Te deixar uma mensagem

– Hoje a gente usa mais a matemática do branco. Mas se for para lembrar os tempos de antigamente, nós tínhamos como saber como que acontecia o ano. A gente não tinha calendário, mas a gente sabia quando completava o ano. E é sempre assim: quanto mais você busca ver, tudo que existe no mundo do branco, existe no nosso também. Não tem nada que não tenha resposta, ou alguma coisa.

– Na escola a gente aprende tudo. A plantar, dançar, cantar, brincar. A pintar o outro com jenipapo e urucum, como nossas pinturas tradicionais. Por que a gente não começa a pintar assim grande. A gente começa a pintar desse tamanhinho: ele mesmo já pega, já prepara.

Ela apontou para o seu filho pequeno, que brincava pela cabana de madeira.

– A gente também faz muita peça. É uma forma de ensinar melhor. É muito melhor você fazer um teatro do que só ouvir. Tem hora que a criança se cansa de ouvir. Quando ela faz aquilo, fica muito mais divertido. Aquilo prende a atenção dela. Ela aprende mais.

– As crianças, elas são muito fáceis de esquecer as coisas. Como elas são muito pequenas, não sabem escrever, então você avalia a pessoa, se ela realmente aprendeu, se ela souber ter resposta da história que você contou. Se ela não souber resposta é porque ela não entendeu, ou não ouviu direito a história. Meu pai conta uma história para você e te diz: "e aí, se fosse você? O que você faria?". Essa resposta cai para todas as histórias. Com as crianças, a gente já faz diferente. Para descobrir se elas realmente aprenderam, a gente pede para elas desenharem, ilustrarem. Conta do começo ao fim a história, mas em forma de desenho. Ai elas vão contando. E aí isso funciona com todo mundo. As crianças que não sabem ler, vão ilustrando e a gente vai estimulando. Assim ela aprende muito mais. Porque se você só conta, ela não aprende. Porque quando você conta ela vai esquecendo das partes da história. Aí o outro vai

falando, vai ajudando, aí vai lembrando. Tem muitas histórias que elas nunca mais vão esquecer.

Durante o festival, havíamos passado muito tempo na companhia das crianças. Elas que nos ensinavam a pintar, a cantar, a dançar. Uma de suas brincadeiras favoritas era apresentar peças relacionadas à cultura de seu povo. Naqueles momentos, a história tornava-se viva. Em outros, as canções nativas derramavam de suas bocas pequeninas inundando céu e Terra.

Um dia, estivemos com as curumins na beira do barranco que se erguia sobre o rio, descortinando uma ampla vista amazônica. Em ritmo infantil, começavam uma canção, paravam no meio, pulavam estrofes, saíam correndo e voltavam, pulando no colo das outras. Imprevisíveis, as pequenas se dispersavam pela metamórfica brincadeira.

No entanto, havia uma cujo espírito apreendia as forças do som. Nawá Shahu cerrou os olhos. sua voz nascendo no âmago profundo. O corpo inteiro participava do canto, que ia crescendo, elevando-se, invocando os espíritos do céu, da floresta, da Terra. Invocando os ancestrais. Sutilmente, estes se faziam presentes, tal era a ligação entre a pequena e seu sangue nativo. As nuvens ao alto e o rio correndo ao fundo – naquela voz, a natureza inteira cantava. Nada afetava sua concentração. Impecável, cada canção fluía do começo ao fim.

Seus olhos se abriram, mirando o infinito.

Esse poder do canto, Nawa Shahu herdara da mãe e do pai, Putanny e Bira, dois pajés Yawanawá.

– Nawá já está se preparando para a vida de pajé – seu pai havia dito em outra ocasião – ela vai, pergunta, tem curiosidade. Conversa com Yawá, os antigos pajés da aldeia.

Nove anos de idade. Mas aquela árvore era antiga. Os frutos já maduravam.

– Esse saithí(canto) – Nawá Shahu falou – essa mensagem, representa para nós o nosso vô, ele que ensina nós a cantá. Se não fosse nosso vô, até hoje nós não sabia cantá. Nossa vô ensinou ao nosso pai, nossa mãe, ensinou a nós, nós vamos ensinar aos nossos filhos, todo nosso povo Yawanawá. Esses saithi representam também nossos pajés que morreram. Significa muito para nós o que eles aprenderam.

Longos cabelos tingidos de Sol modelavam seu rosto infantil tão sereno. Os olhos flamejavam espírito. Profundas esferas negras, continham o céu estrelado. Delineada por alongados traços indígenas, toda parte superior de seu rosto expressava seriedade. Mas em sua doce inocência, Nawá participava das brincadeiras junto às outras crianças.

– O festival tem um significado muito grande pra gente. É o momento que nosso povo se ajunta só num lugar. Aprendemos junto sobre nossa cultura. Praticamos as tradições dos antigos. É muito bonito ver nosso

povo todo reunido aqui, formando aquela roda grande, brincando, cantando junto. Estamos fazendo uma grande história, muito bonita, graças a Deus. Eu peço a Deus também que nós aprenda muita coisa, que nós possa até reunir mais nosso povo nos próximos festivais.

Em nossa derradeira noite na Aldeia Nova Esperança, uma pequena roda se formou no terreiro. Putanny e Hushahu distribuíram Uni. As irmãs pajés embeberam nossas mentes com as histórias de sua senda. Em seguida, suas vozes despertaram o mundo espiritual da floresta. Aquele canto Yawanawá falava aos céus, louvava o Sol que a tudo alumeia, louvava o brilho das estrelas que descem à Terra. E o céu, após o longo aguaceiro daquele dia cinzento, descortinou a cintilante passarela de estrelas, que se abeiraram à aldeia para ouvir de perto o precioso canto das guerreiras.

Na manhã seguinte descemos cedo à praia e indicaram-nos a canoa na qual viajáramos. Acomodamos nossas mochilas e esprememos-nos nos bancos. Entre a pequena confraria estava alguns Yawanawá, Julia (a professora), Luiza, eu e uma Thais que havia alcançado a aldeia no meio do festival, cheia de incríveis 'mitos' amazônicos. Maíra e Cíntia desceriam de canoa no dia seguinte. Todas as meninas se preparavam para retornar ao Rio de Janeiro, pois o semestre universitário já começara. Tendo concluído meus compromissos universitários, minha alma recém graduada ansiava por mais 'geografia viva.' Durante o festival Moisés Piyáko, o cacique Ashaninka, fizera um convite aberto a quem quisesse visitar Apiwtxa, sua aldeia. Naquela pequena aventureira sem cordas atadas, o convite encontrou solo fértil. Além do mais, a aldeia Ashaninka fazia fronteira com as terras peruanas, que já enlaçavam a rota daquela peregrinação.

Sentada na canoa prestes a soltar-se rio abaixo, senti um certo aperto no peito por não ter me despedido de algumas pessoas da aldeia. "Bem, agora já é tarde." Pensei. Mas o motor não funcionou. Passamos uma hora sentadas nos bancos da canoa, enquanto tentavam acordar o motor preguiçoso. Nada. Nossos corações ainda aguardavam o derradeiro enlaço. Subimos à aldeia. Abraços profundos, troca de presentes, promessas de retorno. Agradecimentos. E nestes últimos momentos, recebemos das mãos de Bira a chave (invisível) dos portais da Aldeia Nova Esperança. "Guardem-na para sempre." Foram suas palavras finais.

Ainda está. Cá dentro de mim. A chave, o povo Yawanawá, a Amazônia inteira. Txai. Sou metade você, metade eu. Juntos, somos inteiro.

Neste instante, o canoeiro chamou. O motor havia despertado.

“Txai

É fortaleza que não cai
Mesmo se um dia a gente sai
Fica no peito essa flor
Txai
Neste pedaço em meu Ser
Tua presença vai nascer
E vamos ser um só.
Lá onde tudo é e apareceu
Como a beleza que o Sol te deu
Metade longe também sou eu
Txai
A tua seta viajou
Chamou o tempo e parou
Dentro de todos nós
Já vai
Ia levando o meu amor
Para molhar teus olhos
E fazer tudo bem
Te desejar bom vento
Porque a tarde cai
Txai
É quando sou o teu igual
Dou o que tenho de melhor
E guardo teu sinal
Lá onde a saudade vem contar
Tantas lembranças numa só
Todas metades todos inteiros
Todos se chamam Txai
Txai
Tudo se chama nuvem
Tudo se chama rio
Tudo que vai nascer
Txai
Onde achei coragem
De ser metade todo teu
Outra metade eu
Porque a tarde cai
E dona lua vai chegar
Com sua noite longa
Ser para sempre
Txai.”¹

¹ Coisas da Vida, canção de Milton Nascimento e Fernando Brant, fruto de uma viagem pelo Acre. “Txai, é quando chamamos alguém por quem temos muito amor, muitas intimidade. Uma grande amizade. Quer dizer que eu sou metade ele, metade eu. Ele é metade de mim. Somos, na verdade, Um.” Essas foram as palavras de Siâ, liderança Huni Kuin, quando perguntamos-lhe, no festival Yawanawá, o que significava a palavra Txai.

A tarde já se iniciava, a canoa descia o Rio Gregório. Ainda estávamos de jejum e roncos ocasionais ecoavam de nossos estômagos. Não havia nenhum alimento na canoa. Passamos por uma curva onde algumas indígenas Katukina se agrupavam na beira do rio e a professora Julia sugeriu que parássemos a canoa para pedir algumas bananas. Subimos à aldeia e uma gentil família doou-nos cachos de bananeira do quintal. Ficamos todas surpresas em saber que era a família de Ronaldo.

Na ida, enquanto estávamos em São Vicente, conhecemos Ronaldo e seu irmão, que também iam ao festival. Na Aldeia árvores frutíferas, mandioca e pesca eram abundantes, sempre compartilhados entre todos. No entanto, os irmãos não tinham dinheiro para comprar comida durante os dias que esperávamos as canoas. Havíamos então convidado os irmãos para participar de nossas refeições. Em nossa viagem de retorno, era precisamente a família de Ronaldo que nos alimentava com os generosos cachos de banana, sem saber do ocorrido em São Vicente. Sem mesmo nos conhecer.

Subitamente, a 2h da estrada, o motor da canoa quebrou. Incansavelmente, tentou-se consertá-lo. Em vão. Enfim o canoero pegou um facão e cortou duas longas varas da vegetação ribeirinha e seguimos descendo de varejão. Lentamente, as águas correntes levavam a canoa, enquanto empurrávamos o fundo arenoso com as varas. O entardecer se aproximava. Com o motor dormindo, o silêncio inundou a viagem pelo rio de rara beleza. A nossa presença tornou-se gentil. O mundo ribeirinho abriu-se em beata transparência. A vida perdia sua timidez, saía da toca, abraçava a canoa. Pássaros e insetos iniciaram a solene orquestra, saudando o poente que se aconchegava. Tudo era música: as águas, as folhas ao vento, as nuvens no céu. O ar amazônico. Serenidade permeava o mundo inteiro.

Beirando o crepúsculo, pousamos a canoa junto a um casebre ribeiro. As paredes eram trançadas por casca de palmeira. O telhado era de palha. Seu Gonzaga, o morador, gentilmente nos acolheu. No interior, folhas de tabaco enfileiradas penduravam-se de todo o teto, presos por um fio de fibra vegetal. Gonzaga era produtor de fumo de rolo. Ele plantava os pés de tabaco, colhia as folhas, secava, socava, amassava e enrolava-as com casca de cipó. As largas e longas folhas de tabaco secando embebiam toda a atmosfera com um cheiro mareante. Sentada à luz da fogueira, minha mente logo começou a vibrar em sintonia com o perfume aguçado que a planta exalava.

Junto a Gonzaga morava uma filha já crescida, três lindos menininhos de nove ou dez anos e um filhote de macaco cheio de graça, cujo nome era Chico. O anfitrião nos contou que estaria se mudando para a cidade em breve, onde seus filhos mais velhos residiam. Pediam-lhe para acompanhá-los, pois não queriam que o pai continuasse "sozinho no

mato." Nem Gonzaga, nem a filha, nem os três meninos queriam deixar a vida ribeirinha. Mas nem sempre é fácil manter-se no rumo menos corriqueiro.

Eu mesmo já estou há dois ou três meses na cidade. Dia e noite viajando por florestas e monastérios. Noite e dia buscando a mente fugidia, que não quer deixar um sonho se apagar. Que navega oceanos e entrega-se às montanhas sagradas da Ásia. Aos templos de pedra. Às gigantescas Fícus Religiosas infiltrando suas raízes pelas ruínas ancestrais. À presença de minha Mestra, cantando ao mar que o poente permeou de dourado.

Hoje também contei o oceano, recitando os mantras do crepúsculo. Densas nuvens cinza carregavam o céu de Itacoatiara, a ponto de transbordarem. Mas as águas estavam calmas. Assim como meu coração, após a breve meditação.

Lágrima a lágrima escorre das nuvens carregadas em meu seio. E vossas águas calmas seguem me relembrando: O que é distância? O que é tempo? Porque tudo isso? Se vós existes como a própria vida que corre em minhas veias? Como chama atemporal, flamejando em meu peito. Como a testemunha que observa o mundo através dos olhos. Como o silêncio que existe além dos pensamentos.

Como pura presença.

Ó Pura Presença, Vós ainda está a me ensinar a paciência.
Ponto a ponto, fio a fio, sigo tecendo

Uma vez, vossas mãos me cobriram de eternidade.
Deslumbrei, então, a verdade.
Mas agora me esqueço novamente.
Às vezes, essa mente travessa espia vosso infinito.
E então, esse oceano de ilusão já não pode mais
se alongar além de meus passos.
Tempo e distância se desfazem como bolhas ao vento.
E vosso sorriso, onipresente, se desenrola sobre meus lábios.
Vossos olhos cintilam em cada estrela.
E meu coração encontra lar verdadeiro.
Pura Presença.

Katukina

No dia seguinte chegamos a São Vicente, onde conseguimos uma carona, percorrendo a BR364 até Cruzeiro do Sul no topo da carga de um caminhão. Na cidade reencontramo-nos com Conrado, um amigo carioca que também estivera no festival Yawanawá. Ele havia cursado geografia conosco na UFRJ. Fazia alguns anos que havia se envolvido em um projeto indigenista e logo encontrou-se morando no Vale do Javari onde trabalhava com as aldeias Marubo. Ele estava acompanhando um grupo de Marubo que participara do festival e agora seguiria a Rio Branco, para um curso de formação de agentes comunitários indígenas.

Thais voou ao Rio de Janeiro após um dia. Luiza, Conrado, seus amigos Marubo e eu fomos conhecer uma aldeia Katukina, localizada na margem da BR364, a 60 km de Cruzeiro. Subimos num caminhão estacionado no mercado local, o veículo estava levando diversos indígenas de volta à aldeia. Um Katukina havia comprado uma pequena porção individual de alguma comida da feira, (do tamanho de uma pequena tapioca). Após uma única e humilde bocada, ele ofereceu para a pessoa ao lado, que abocanhou também, e assim aquele miúdo alimento passou pelas 25 bocas espremidas no caminhão, tendo sido inclusive oferecido para cada um do nosso trio peregrino – visitantes que ninguém conhecia. Compartilhar é a seiva da floresta. A vida de nossos ancestrais.

A aldeia estava farta de crianças. Elas falavam apenas a língua nativa, completamente desconhecida para nós. Mas havíamos levado nossas ferramentas de tradução multilíngues: caixas de giz de cera, em todas as formas e cores. Sobre as tábuas de uma varanda suspensa, sentamo-nos entre as crianças e retiramos da bolsa os nossos presentes, sem olvidar o bloco de folhas de papel.

Timidez, vós reinastes primeira.
Ambos os lados pisando em desconhecido.
Palavras, vazias.
Verdade, não há onde se esconder.
Curiosos, curumins nos mirando.
Redondos e profundos,
Olhos de jabuticaba brincam com os meus.
Espreitadas de relance, movimentos fugidios,
Visadas abertas, esferas penetrantes.
Lentamente, as máscaras se dissolveram
Reconhecemo-nos, nossa antiga e grandiosa família.
Terreiro aberto, Sol clareando o céu.
Livre e natural, perfeita comunicação fluindo,

Rios unindo florestas.

Sorrisos, respeito, olhares, verdade, abraços e cosquinha!
Ingredientes infalíveis.

Em pouco tempo, todos os curumins congregaram no terreiro – e duas crianças de tamanho dobrado (Luiza e eu) entre elas. Nossas mãos se uniam e, uma a uma, as crianças giravam pelo ar. Éramos árvores; e elas nos escalavam. Um bando de macacos pendurados em nossos ‘galhos’.

E o mundo girava, girava, espalhando riso para todos os lados.

As brincadeiras seguiam em metamorfose espontânea. Sem palavras, continuamente se transformando. O movimento foi girando, girando. Como as espirais de uma galáxia, as estrelas da Terra se aglomeraram e, em inocente alegria, todos os curumins se abraçavam. Agachadas e espremidas no centro das dezenas de braços, entregamo-nos completamente. Uma grande bola humana, pele a pele, sem fronteiras. A galáxia girava, girava. As risadas guiando o movimento. Mergulhamos, profundamente, nas mais puras águas da alegria. Vera fonte da vida.

Amor Divino, Vossos mil corpos me abraçaram. Derramaram vosso néctar sobre minha cabeça. Afogastes-me. Embriagastes-me

Luz Pura, vossos curumins me inundaram.
Submersa, nadei nos segredos do paraíso.
De onde jamais retorna quem entrou.
Pois um novo caminho se abre
e tudo se torna Oceano.

Xerê era um professor Katukina na escola indígena. Professores, agentes de saúde e agentes agroflorestais trabalhavam em rede, fazendo rodízios periódicos por todas as aldeias. Acompanhei Xere à sala de aula. Era uma cabana aberta com telhado de palha. O chão era feito de casca de paixubinha (palmeira), assim como a única parede. Sentada numa cadeira, uma mãe estudava e ao mesmo tempo balançava a rede ao lado. Nela, seu neném dormia, enquanto as outras crianças corriam pelo terreiro.

Na escola aprendiam não apenas a trançar palha em telhado e colher palmeiras. Aprendiam como encontrar na mata o material para cada objeto da cultura indígena e como conservar cada espécie no ecossistema nativo.¹

¹ Fritjof Capra (2002) fala de uma eco-alfabetização, “um currículo no qual as crianças aprendem os fatos fundamentais da vida – que os resíduos de uma espécie são alimentos de outra, que

Após a aula encontramos com Conrado e os dois Marubo, que também eram agentes educadores em sua aldeia nativa, no estado do Amazonas. O Acre havia desenvolvido um trabalho de agentes agroflorestais indígenas em cada comunidade do estado. Adilson era o agente daquela aldeia. Os Marubo demonstraram-se muito interessados em conhecer a dinâmica dos agentes agroflorestais e logo um intercâmbio de experiências nasceu.

– Nós, agentes agroflorestais, trabalhamos junto com os professores, as parteiras das mulheres, com os agentes de saúde, com o cacique. Trabalhamos todos em parceria. Não é só cada um com as suas atividades. Trabalhamos juntos na aldeia – disse Adilson.

– Junto com o professor, trabalhamos com os alunos a produção de mudas, de textos, de desenhos. Assim, junto com os alunos a gente vai fazendo viveiro de mudas, pra ir recuperando as áreas degradadas. Onde já foi roçado, vai enriquecendo as capoeiras, colocando madeiras de lei, fruteiras, palheiras (palmeiras). De inicio as palheiras eram muitas. Agora tão cada vez mais distante. Então o povo começou a usar telhas de alumínio, por que a palha ficou distante. Mas agora a gente pega as sementes dela lá longe, faz muda e planta aqui perto da aldeia. Agora faz o manejo.

– Antes a gente abria roçado em mata virgem todo ano. Mas se a gente continuasse assim, ia acabar as madeiras, os animais da floresta. Mas desde antes, a gente chamava os pajés para estudar o lugar. E onde tem muita medicina a gente não coloca o roçado. Onde tem muita palheira a gente não coloca, nem onde tem muita madeira de lei. Agora a gente procura fazer roçado nas áreas de capoeira, para conservar as matas nativas. Também não faz na beira do Igarapé, por que é lá que tá o nosso peixe.

– Vem muito lixo da cidade né. A gente compra coisa, vem no plástico. Então se a gente não cuidar, tem um montão de lixo no terreiro. A gente não era acostumado com lixo né. Tudo nosso vinha direto da natureza, e voltava pra natureza. Jogava no terreiro, depois de um tempo virava pó. Hoje não. O lixo acumula, trás doença. Como a pilha. Ela não tem fim. Não acaba. Não vira pó.

Adilson continuou, respondendo as perguntas dos Marubo diligentes.

– Além de orientar a comunidade, também tem que tá orientando o pessoal do entorno. Eles invadem muito. Faz caçada na nossa terra, pra vender. Isso tudo a gente faz com os parceiros. Todo mundo sabe que um trabalho sozinho não ajuda. A doença não é só da área de saúde, tomar remédio. É do meio ambiente. Da educação, para evitar. Cuidar.

– Todo ano tem curso de formação, para os agentes agroflorestais.

a matéria prima circula continuamente pela teia da vida; que a energia que move os ciclos ecológicos vem do sol; que a diversidade é a garantia da sobrevivência; que a vida, desde os seus primórdios há mais de três bilhões de anos, não tomou conta do planeta pela violência, mas pela organização em redes.” [45]

Tem curso, 45 dias, em Rio Branco. Tem também as oficinas itinerantes. Passamos 15 dias em cada aldeia, todos os agentes juntos. Trabalhamos juntos. Temos outros parceiros também: as outras aldeias, Etnias, Polícia Civil, IBAMA, Governo Federal. Veio muito parente nosso do estado da Amazônia para o Acre fazer curso, eles tavam querendo também criar agente agroflorestal. Veio Yanomami, Kayabi, Oiapoque, fazer intercambio com a gente, vê como se criou.

Caminhamos para um campo aberto, rodeado de árvores sombrosas. O Sol da tarde era forte. Uma pequena Katukina de três ou quatro anos andava sozinha pelo terreiro. Um de seus braços carregava um neném, apesar dela não ser muito maior que ele. Na outra mão, carregava um facão. Crianças podem desenvolver níveis de consciência extraordinários em ambientes favoráveis.

Naturalmente, a cena incentivou uma reflexão entre nós sobre a diversidade cultural. Conrado contou uma história:

– Esse é um fato que aconteceu com o povo Wari. No tempo, antes do contato com a FUNAI, eles realizavam o que a gente chama de canibalismo funerário, que era a ingestão do parente. Eles comiam o corpo do morto já em decomposição. Depois de alguns dias da morte. Havia todo um ritual, para libertar o espírito da pessoa para outro plano, outra história. Quando a FUNAI fez o contato, eles disseram que isso era proibido. Que não podia. Assim, obrigaram os Waris a começarem a enterrar seus mortos, como na cultura branca ocidental. Aí os indígenas vinham de noite, desenterravam, e iam para o mato fazer seus rituais. Então o pessoal da FUNAI começou a vigiar as covas de noite, com gente armada vigiando, para ninguém pegar. Os Waris, então sabiam que o mundo deles ia acabar. Seu povo iria morrer. Porque os espíritos não iriam ser libertos. Criando uma desarmonia, que culminaria no fim de seu povo. Os indígenas ficaram então chorando em volta das covas protegidas pelo pessoal da FUNAI, sabendo que seu povo iria acabar.

– Só por que uma coisa é muito estranha na nossa cultura, na nossa concepção demundo, agentenão pode julgar achar o que é certo ou errado né. Querer impor valores nossos como coisas universais – concluiu Conrado.

“Cada um é portador consciente e inconsciente desta riqueza da natureza e da cultura. mas o é de forma sui generis, singular e irrepetível. Cada um faz a sua síntese da totalidade. Cada um pode transformar de seu jeito, todas as experiências e conhecimentos num ato de amor, quer dizer, num ato de acolhida e afirmação do universo, numa entrega desinteressada ao outro e numa abertura ilimitada ao mistério, que as religiões convencionaram chamar de Deus.”¹

1 Leonardo Boff [13]

Ashaninka

Tantos caminhos entrelaçados,
agora se dispersam pelos ventos.
Novamente, encontro-me a vossa lado.

Caminhos Confluentes

Despedi-me de Luiza e Conrado.
Os últimos companheiros da confraria.
À frente, a senda se abria.
Névoas misteriosas.

Depois de passar três dias numa comunidade ribeirinha, segui à Cruzeiro do Sul, onde passei uma semana esperando carona para Marechal Taumaturgo, de onde subiria o Rio Amônia até Apiwtxa, a aldeia dos Ashaninka que haviam participado no festival Yawanawá.¹ Em cruzeiro conheci um amigo Ashaninka que me convidou para pousar na sede indígena da Apiwtxa, na franja de Cruzeiro, e me ajudou a buscar transporte à Marechal. Todos os dias eu ia ao porto nas margens do Juruá sondar por embarcações que subiriam o rio. Naquele ano de 2006, uma seca excepcional havia assombrado a Amazônia. As águas extremamente baixas deixaram todos os navios e barcos ancorados no porto, sem previsão de partida. Encalhar era uma realidade nada agradável. As canoas eram mais prováveis de se aventurarem pela longa viagem que poderia levar uma semana. Nessa esperança, investiguei o porto religiosamente por todas as manhãs. Depois passeava pelo mercado, observando a vida amazônica que confluía àquela feira como as águas afluem ao rio.

No seio das vastas florestas acreanas seringueiros, ribeirinhos e indígenas colhiam frutos, óleos e inúmeras riquezas da mata. Plantavam mandioca e faziam farinha. Buriti, pupunha, açaí, cupuaçu, castanha, tapioca, óleo de copaíba, óleo de andiroba, vinho de jatobá, navegavam léguas e léguas em rasos igarapés e largos rios, para abundarem as barracas do mercado com iguarias inigualáveis.

¹ Marechal Taumaturgo é uma pequena cidade na margem do Juruá, localizada na foz do Rio Amônia. O acesso a Marechal é somente por avião, ou subindo o Rio Juruá a partir de Cruzeiro do Sul.

Os Ashaninka, também denominados Kampas, “são um povo indígena que vive no Peru, na Bolívia e no estado do Acre, no Brasil. (...) Entre os Ashaninka, tanto a bebida feita de ayahuasca como o ritual são chamados kamarápi. A cerimônia é sempre realizada à noite e pode se prolongar até de madrugada. As reuniões são constituídas de grupos pequenos (cinco ou seis pessoas). O kamarápi se caracteriza pelo respeito e silêncio, sendo a comunicação entre os participantes mínima, interrompida apenas por cantos inspirados pela bebida. Esses cantos sagrados do kamarápi não são acompanhados por nenhum instrumento musical e permitem aos Ashaninka comunicarem-se com os espíritos, agradecerem e homenagearem Pawa, o sol. (...) O kamarápi é um legado de Pawa, que deixou a bebida para que os Ashaninka adquirissem o conhecimento e aprendessem como se deve viver na Terra. O conhecimento e o aprendizado xamânicos (sheripari) se dão através do consumo regular e repetitivo da bebida, durante anos, sem nunca estar concluídos. (...) foi identificada a utilização de 402 plantas medicinais, principalmente ervas. (...) 84 por cento das plantas medicinais eram selvagens e 63 por cento foram coletadas da floresta.” Wikipédia [7]

Em seguida, pegava o ônibus ao aeroporto, a meia hora de estrada da cidade, para tentar a sorte de haver assento sobrando em algum voo. Dia após dia era a mesma rotina. Esperando, esperando, explorando as veredas de uma Amazônia citadina. Tecendo fios infindos.

A sede Ashaninka era uma casa de apoio aos moradores da Apiwtxa. Nela passei grande parte do tempo peregrinando pela incrível teia da vida amazônica, através das folhas de um livro dourado: Enciclopédia da Floresta.

Sabedoria é árvore viva, que se alimenta de conhecimentos sedimentados geração após geração, se nutre das chuvas frescas de cada estação, e se ergue à luz do eterno sol. Ela cresce pelo espaço em todas as direções, dispersa sementes ao vento. Morre, se torna poeira. Rebrota, das entranhas da Terra. Existe, na teia infinita de miríades de seres, no grande organismo floresta. Sabedoria é seiva dos povos. É vida silenciosa da Amazônia.

Da infância à idade anciã, os nativos passam noites e dias observando a vida da floresta. Nas longas excursões pelos igarapés, várzeas e terra firme, a íntima convivência com os mestres ensina as crianças os segredos amazônicos. As medicinas de cada planta, a estação da flora, os nichos da fauna. As fronteiras da floresta desaparecem. A Amazônia se revela em suas minuciosidades. Permeando todas elas, corre a seiva. A Vida da floresta.¹

Ashaninka, Huni Kuin (Kaxinawá), Katukina e seringueiros. Como as perolas de um colar, saberes seculares dos povos ribeirinhos do alto Juruá se congregaram na “Enciclopédia da Floresta”. Imagens vivas da fauna e da flora foram conduzidas às folhas do livro. As chuvas frescas da ciência moderna também desaguaram nesse solo nativo, nutrindo os preciosos frutos que agora circulavam por tantas bibliotecas.²

O ciclo das chuvas e o giro do sol, a dança das águas e do manto da Terra. Tantos ingredientes esculpiam as infinitas moradas da floresta. Igarapés, Igapós, terra firme, buritizais, cada ambiente entrelaçava o

1 A sabedoria dos povos originários é “feita da observação do universo e da auscultação da Terra. para os Aimarés boliviânicos, o sábio é aquele que aprende a ver atentamente, que esquadriinha, que vê longe, que olha as coisas por todos os lados e que procura ver dentro. Os anciões são os que mais acumulam tal experiência. São os sábios consultados pela comunidade. Quando consultados, olham com atenção ao redor, contemplam os montes, respiram profundamente o ar, pisam pesadamente o chão e somente então falam.” Leonardo Boff [13]

2 O livro continha calendários ilustrados especificando as épocas de floração e frutificação de inúmeras espécies vegetais de acordo com as estações do ano. Relatos minuciosos do comportamento ecológico de diversas espécies da fauna eram acompanhados de detalhados desenhos nativos construídos a partir da memória. O detalhamento do comportamento ecológico das espécies era impressionante. Ao longo do ano, as espécies animais cambiavam seus hábitos, locais e alimentação de acordo com a floração e frutificação de cada espécie vegetal. Consequentemente, isso influenciava nos hábitos das espécies carnívoras. Os indígenas sabiam reconhecer quais pássaros ajudavam a indicar a direção de certo animal. Quais espécies comiam os frutos nos cachos de pupunha na madrugada e quais comiam os frutos caídos ao chão no final da manhã. Com que frequência um indivíduo visitava certo igarapé. Aprendiam como se orientar dentro da floresta quando há sol, lua, estrelas ou escuridão. Como se orientar através do relevo, dos rios e igarapés. Aprendiam a reconhecer detalhes como a textura das cascas das palmeiras na direção de onde o Sol nasce. Em suma, a Enciclopédia da Floresta era em si uma imensa e preciosa árvore de sabedoria.

universo das espécies nativas.¹

Não era apenas uma floresta inteira de conhecimentos detalhados que os indígenas guardavam. Mesmo destes, poucos couberam nas folhas do livro. Os nativos são um fio daquela teia gigantesca, por onde circula a seiva da Vida Amazônica. E essa seiva, palavra alguma tem o poder de ensinar. A essência da Amazônia não é algo que se aprende. É algo que se vive.

Todo esse saber confluía no equilíbrio dinâmico da floresta. Conheciam a época e os lugares onde cada animal criava seus filhotes e mantinham respeitável distância. Conheciam a importância de determinadas espécies de árvore para uma comunidade de aves e cuidavam de sua abundância. Evitavam certas nascentes. Protegiam a diversidade. Compreendiam a floresta. Para esses caçadores, toda vida é sagrada.

Depois de seis dias, enfim surgiu uma súbita carona num voo para Marechal Taumaturgo. Era um pequeno avião do governo, com seis assentos formais: a capacidade de carga máxima. No entanto, socando malas entre os bancos, o avião levantou voo com oito adultos, espremidos com as malas no colo, além de dois nenés e uma criança em meus braços. Durante todo trajeto, rezei fervorosamente para o avião não cair no meio da selva.

– Não se preocupe – disse o piloto – esse aviãozinho aqui já transportou um time inteiro de futebol, lá dos Ashaninka. Isso não é nada!

De Marechal, fora mais um dia subindo o Rio Amônia. Alguns moradores retornavam à aldeia numa canoa motorizada. Pastos beiravam o rio. Fazendas desmatadas. Após um tempo, as margens enverdeceram. A pequena canoa adentrava a Terra Indígena da Apiwtxa.

Itaipu, outono de 2013

Chove lá fora.

Gotas de água escorrem pelas folhas. Despencam ao chão.

Céu. O branco permeia inteiro.

Calma, a Terra espera. Paciente.

O hemisfério sul saúda o lento aconchego do solstício de inverno.

Na Amazônia, Apiwtxa saúda verão.

1 O livro apresentava explicações práticas e detalhadas sobre dinâmicas climáticas, hidrográficas, geológicas, geomorfológicas, relatadas pelas comunidades locais. Essas dinâmicas eram intimamente associadas à vida ribeirinha. "Estudos sobre os caiapós no sul do Pará demonstram como eles tinham uma classificação cuidadosa das espécies e o manejo hábil da floresta, sabiam delimitar mais de 40 tipos de floresta, campos e solos com suas respectivas associações de insetos, animais, pássaros, ventos e climas. O que lhes permitiu satisfazer suas necessidades e ao mesmo tempo preservar o equilíbrio do ecossistema regional" Leonardo Boff [13]

"The temple bell dies away
The scent of flowers in the evening
Is still tolling the bell."¹

Era dia de pyareñtsi.² Caminhei com Moisés Piyāko, à casa de I ranchê, onde a aldeia reunida tomava caiçuma.³

Parentes dos antigos Incas, o povo Ashaninka nasceu nos Andes. No século XVI, a passagem dos ventos espanhóis pelas terras nativas gerou uma onda de migração à Amazônia. Hoje, do alto Juruá no Acre aos pés da cordilheira andina, as florestas tropicais do Peru e Brasil são a morada dessa etnia.

Na Serra da Contamana (Serra do Divisor) em Ucayali, o Rio Amonya nasce paralelo ao Juruá. Nas planícies brasileiras, as águas se unem. Da fronteira com o Peru até quase a foz do grande rio, as matas que margeiam o Rio Amônia abrigam os Ashaninka da Apiwtxa. Esses filhos graciosos, tão prontos a sacrificarem suas vidas, vivem pela floresta. Com ela, dia a dia, em profunda união.

Onde o Amônia desenha um meandro em seu curso, formando uma península sinuosa rodeada pelas águas cor de canela, a Terra criou a morada de um povo guardião. Apiwtxa. Palavra Ashaninka para "União."

Era verão amazônico. As amplas praias fartavam a aldeia, que se erguia sobre os barrancos. Na elevada terra firme, Apiwtxa soberana avistava a vasta floresta em devota guarnição.

"Vamos nos juntar," é o nome da aldeia. O cerne da aldeia. A seiva do povo Ashaninka. Una Vida. Apiwtxa era mais que uma grande família. As cabanas não tinham paredes. O chão era de casca de paixubão (palmeira). O teto: de palha. O alimento, vinha das roças coletivas detrás do terreiro. Ou nas outras margens do rio. Vinha da mata, a doce Mãe. Quando um caçador chegava com queixada, inúmeras famílias recebiam sustento durante muitos dias. Quem não tivera tempo de caçar, recebia generoso pedaço. Trabalho: não era dividido. Era união.

O Pai é Pawa. Deus Sol. Brilhando eternamente sobre seu povo. Guiando o perpétuo aprendizado de seus discípulados.

– A força de espírito de cada um. Do povo – disse Piyāko.

Os Ashaninka sentavam sobre o chão de palafita da família de I ranche. Mulheres serviam caiçuma e crianças brincavam ao redor. Os jovens e adultos estiveram conversando sobre a comunidade. Não havia divisões entre celebração, organização e trabalho. Nas manhãs

¹ "O sino do templo morre, O perfume das flores à noite, ainda está a tocar o sino." Matsuo Basho [37]

² Caiçuma na língua Ashaninka

³ Moisés Piyāko era o cacique da Apiwtxa, estivera presente no festival Yawanawá.

do pyareñtsi, as reuniões comunitárias nasciam espontaneamente. Nessa esfera de alegria, os projetos eram apresentados e brotavam os mutirões da semana vindoura. Roçar aqui, plantar ali. Produzir acolá. Receber uma visita. Coletar caju para a merenda da escola.

Em língua nativa, Moisés apresentara-me para a comunidade. Naqueles tempos, a aldeia não recebia muita gente de fora. A selva protegia seu santuário. Poucos indígenas falavam português, frases escassas. Com exceção da família Piyānko, pois a mãe de Moisés e seus irmãos fora seringueira.

No lado da cultura, era tudo riqueza. Pouco a pouco o mundo Ashaninka se revelava, pelos olhos jabuticabas dos curumins, pelo brilho do urucum, pelos gestos amistosos de uma mulher. Pela voz serena de Moisés, que seguia sua história.

– Quando a gente tava lutando contra a invasão, por exemplo, o exército só prometia e não vinha, aí nós dissemos: “ninguém vem! Então vamos lá resolver!”. A gente ajuntou a comunidade todinha pra ir lá. Quando nós tava conversando para ir pra lá, você vê essas criancinhas de cinco anos com seu arco na mão. Dizendo pro seu pai: “papai, eu também vou!”

No terreiro, curumins de 4 anos treinavam com seu pequeno arco e flecha.

– Isso doía dentro do coração da gente, e criava uma coisa mais pesada ainda. Quando você sai assim, você vai se despedindo de todo seu pessoal. É como ir pra guerra né, porque eles lá do outro lado todo mundo armado de metralhadora. As pessoas pastorando, os madeireiro trabalhando. Com seus capangas. E deixar as mulheres, os velhos, os pais da gente, tudinho aqui chorando. Não sabe se a gente vai voltar. É duro!

Os traços de urucum avivavam os olhos de Piyāko. Todos os dias a pele dos Ashaninka era adornada com delicadas linhas da tintura vermelha. Pequeninas, as crianças eram iniciadas na arte da pintura tradicional.

– E a gente fez tudo isso de ir lá no meio da mata, pegar peruano que tava invadindo nossas terras pra cortar madeira, trazer e levar pra polícia federal. Pra tentar provar que eles tava lá trabalhando. Até que eles conseguiram chegar lá. Levamos eles lá (a polícia federal). A gente teve um estrago de, no mínimo, mais ou menos, umas 3 mil árvores de mogno tombada. Muita madeira. E isso aí não sei como é que a gente vai fazer. O governo não deu conta de cuidar do território.

– Essa comunidade aqui que tava garantindo, defendendo a soberania nacional, na fronteira com o Peru. Nenhuma população branca aqui não fez nada. Viam as coisas. Trabalhavam junto com os peruanos. E a gente teve vários inimigos brasileiros. Muitos que iam atrás pra tentá matá nós. Justamente porque queríamos acabar com isso. E eles apoiavam, porque era um meio também deles tá ganhando

seu dinheiro. O único que tava defendendo mermo era nosso povo. E aí nós conseguimos provar que realmente que nós tinha razão, que tava tendo invasão. Aí hoje, tem o exercito que tá trabalhando, quase todo mês vem helicóptero do IBAMA fiscalizar, dar uma rodada por cima. E nós estamos aqui por baixo, onde identificamos um acampamento, uma invasão nova. É só comunicar que eles vêm para resolver. Hoje a gente conseguiu parar. Graças a Deus que a gente deu uma barrada nas invasões. Mas o estrago tui né! A madeira que foi tirada, não vai crescer mais. Demora mais de 100, 200 anos.

Piyáko pausou, olhos mirando a floresta.

– Aí pra frente quem sabe se vai ter alguém cuidando dessa madeira, como nós defendemo? Se vai ter outros pensamento, quem sabe mais evoluído, defender com mais qualidade, que a gente não conseguiu atingí, ou de repente um atraso maior também, que vai poder destruir tudo né?

Seriedade e jovialidade infantil delineavam um sorriso perene sobre a face do Ashaninka. Criança cativante.

– Assim, a gente aprendeu a cuidar do próprio território. E essa forma, a gente quer trabalhar, não só para nossa comunidade, mas para todo o município, e para quem precisa. Nossa estado. Nossa Brasil.

– Porque a nossa comunidade não pensa só no nosso povo. Nossa comunidade pensa em todo o entorno, toda a população que tão aqui. Por quê? Porque elas também são o futuro nosso. Porque se ninguém trabalha, pra ela entender nosso trabalho, nosso povo, eles nunca vão entender, enxergar nosso povo. Sempre vão tratar de maneira errada. Então a gente quer trabalhar com toda a população, mostrando respeito, para que a pessoa possa enxergar um futuro. Uma forma, uma direção para poder seguir.

– Por isso que a nossa comunidade hoje tá montando essa escola Yorenka Átame, 'Saber da Floresta,' lá em Marechal Taumaturgo. A qual é dirigida por nós, para poder educar essa população dentro desse trabalho que nós viemos fazendo hoje, de agrofloresta, de desenvolvimento sustentável. Como a floresta nos oferece para você adquirir o que precisa, sem destruir. Mantendo ela de pé, como você tá vendo aqui.

Yorenka Átame. Saber da Floresta. Naquele ano de 2006 ainda era um embrião. Crescendo nas margens do Juruá. Hoje já é adolescente. Formando e integrando os povos da floresta.¹

– É isso que a gente faz, por exemplo, pra essa criançada. Hoje a gente liderança da comunidade aqui fala que "nós temos que plantar bons frutos, pra gente poder colher e comer." Por que daqui a 30, 40, 50 anos, quem vai tá a frente vão ser essas crianças aqui. Elas que vão

¹ Yorenka Átame é um centro educacional gerido pela Apiwtxa. Nasceu como um gesto de integração dos saberes das populações ribeirinhas do Alto Juruá, indígenas, seringueiros, incluindo moradores da pequena cidade de Marechal Taumaturgo, onde se localiza a sede.

ser o futuro do nosso trabalho. O futuro do nosso povo. Assim como depois deles vem outros. Então hoje nós temos que colocar uma boa ação de defesa do nosso povo, nossa floresta. É como uma educação. Se você não sabe educar, não vai ter futuro. Às vezes você educa de forma errada. Você educa e a pessoa, e ela aplica de forma errada. E é esse o cuidado que nós viemos tendo, tentando passar para essas crianças, não só falando, mas praticando. Fazendo elas fazer também. Elas são o futuro, então elas têm que, desde criança, começar a praticar. Que é pra quando ficar grande, quando tiver tomado a frente desse trabalho, eles não sabem só falar. Eles sabem fazer. Pegar na massa.

Na Apiwtxa, pequeninas mãozinhas de cinco ou sete anos faziam nascer fogueiras, cozinhavam refeições para a família inteira, teciam miçangas formando desenhos nativos, tudo em elegância impressionante. As crianças foram minhas mestras na arte do cotidiano aldeão: ensinando a fazer caiçuma, catar fruta alta, contar histórias; ensinando sobre as árvores e o rio, sobre o papagaio e a canoa.

– Nós pensamos assim: se nós trabalhar só nossa comunidade e o entorno ficá do jeito que eles tão, nós vamos sofrer muito mais do que nós tamo sofrendo. As invasões. Porque se não tem nada no entorno de nossa comunidade, e só aqui dentro tem, a tendência são os vizinhos entrarem aqui. Como eles tavam invadindo, para tirar madeira, para caçar. Hoje isso ainda acontece.

– A desmatação vem avançando muito também. As queimada. Para criar gado. E é uma pequena coisa, que muitas pessoas aqui da nossa região pensa que é grande. O meio de sobrevivência é esse. Ter gado. Ele não vê o outro lado como nós vemos. A consequência desse avanço da desmatação a gente percebe na natureza.

– Quando nós chegamos aqui, em 80, nós via o nascer e o pôr do Sol com a qualidade, com o brilho que ele tem. Hoje, a gente não tá conseguindo ver mais. O que nós quer mostrar pra população, é que nós vivemos na floresta.

Crianças, jovens e anciãs se vestiam de Amazônia. As cunas mas cobrindo-lhes a pele morena.¹ Algodão branco e marrom foram plantado, colhido, descarrocado e tomou banho de sol. À luz da fogueira noturna, finas mãos femininas fiam o algodão, girando grandes agulhas de madeira. De dia nasceram os tecidos, graciosas listras nativas. Quando o branco envelheceu, as cunas rejuvenesceram, tingidas de barro ao sol. As longas túnicas cor de terra santificavam toda a aldeia.

Risos e sorriso, respeito e serenidade. Cabelos negros escorrendo pelas faces de traços andinos. Coloridas miçangas. Anciãos, jovens e crianças. Uno espírito, vestindo cunha, urucum e semente.

– Se pode fazer um trabalho, como nós fizemos também, para ter dentro das suas terras a caça. O peixe. Hoje por exemplo nós trabalha

¹ Cunas são vestes nativas usada por todos os Ashaninka. Assemelham-se a longas túnicas.

no manejo do tracajá.¹ De 30 matrizes de tracajá, que tinha na nossa comunidade, hoje nós temos 2.800 tracajás. Alguns já estão perto de reproduzirem. São coisas que ficaram para a história.

Piyāko continuou. Seu povo correndo pelas veias.

– Não é como muito lugares: “ah, antigamente, tinha muito”, aí as crianças ficam só pensando, sonhando com antigamente, como era. Então hoje, a gente não quer deixar para antigamente. Que isso continua, para que os jovens vejam também. Aquilo que a gente viu naquele tempo se mantenha.

– E pra isso a gente precisa da colaboração também do entorno. E se a gente precisa da colaboração do entorno, a gente precisa colaborar com o entorno. Porque muitas vezes, eles precisam de uma chance também. Para poder entender, e receber isso de braços abertos e jogar para frente.

– Porque muitas vezes, a população tem até um bom pensar, mas não tem condições. Não tem como. Não sabe por onde pegar. Então se não tiver alguém para fazer, não vai. E hoje nós faz isso. O nosso pensamento é isso: tentar pegar a população do entorno para que a gente possa fazer esse trabalho junto. A comunidade, o município, o estado.

O Sol brilhava sobre a floresta. As águas barrentas do Amônia corriam ao fundo. Após um dia, talvez, desaguariam no Juruá. Em mais alguns dias no Solimões. Fluindo ao Rio Amazonas. Mergulhando ao oceano, onde já não sobram mais fronteiras ribeirias.

– O trabalho dessa escola (Yorenka Ātame) é de mostrar que essa desmatação, é uma pobreza. Falta de conhecimento. E mostrar outros meios de se auto-sustentar, de forma que não prejudique o meio ambiente. Você vê quanta madeira tem aí na beira do rio, caída naturalmente pelas forças das águas. Então a gente busca forma de aproveitar essa madeira. Fazer móveis, trabalhar alguma arte.

No canto da cabana, um banco sentava vazio. Esculpidos sobre a madeira rústica, os animais permaneciam imóveis, enquanto o povo afagava o chão.

Apiwtxa era abundância. Conhecia a generosidade da floresta. Tomar era desnecessário. Tudo permanecia solto e natural.

– Quanto artista não tem aí com sua mágica guardada. Sem colocar para fora. E muitas vezes, você pega um pedaço de madeira e começa a ver esse outro lado que você tinha guardado aí e não sabia.

– Há tantas alternativas. Em vez de tomar a madeira para vender, cedro, mogno, o município poderia criar um banco genético de sementes. Comercializar sementes, produzir mudas para reflorestamento. Como você tá vendo, aquele outro lado do rio todinho foi, e está sendo, recuperado.

¹ O tracajá é um quelônio aquático, uma espécie de tartaruga nativa da Amazônia.

Piyāko apontou à margem florestada do outro lado do rio. Cabanas e pequenos roçados entremeavam a mata verde.

– Hoje, em áreas de antigas fazendas de gado, nós tâmo fazendo roçado já. Essa parte aqui, era outra fazenda. Quando a gente chegou, isso aqui era um capim só. E hoje tá cheio de fruta aí.

As forças da natureza redemoinham perpetuamente, desenhando novas estações, novos ambientes. Nas chuvas barrancos desabam, as águas inundam tudo, árvores tombadas clareiam as matas. No verão o mundo se acalma, a terra seca. Igarapés afinam e areias abundam praias. O rio segue seu novo curso.

A senda Ashaninka construiu-se como um rio, transformando, renascendo, a cada estação.

Madeireiros, seringalistas, garimpeiros, grileiros: são frutos da ignorância.¹ Pressionados por quatro cantos, as etnias indígenas acreanas passaram por longo outono. Galhos pelados. Terra seca. Nessa fragilidade, as gerações anteriores da Apiwtxa encontraram-se à mercê dos madeireiros. Trabalhando pro 'patrão.' Mas no chão, as raízes firmaram. No cerne, a seiva fluía. E a primavera chegou, abundando praias, revelando novos rumos.

O meandro do Rio Amônia fora outrora grande pastagem. Agora a fartura de frutas cobria todas as estações. Verão a verão, a sombra era plena. E pleno de curumins pendurados nos galhos. As mulheres carregavam seus cestos de fruta pelas sendas sombrosas aos pátios da escola. Ingá e caju era a merenda do jovem clima veraneio. E o passatempo da macacada.

– Dessa forma a gente passa pra frente. Ensinando a trabalhar as mudas. Incentivando as pessoas a reflorestá algumas fazenda já abandonada. Na parte da alimentação. Fazer grandes plantios onde você possa ter uma alimentação melhor. Verduras, frutas, legumes. São essas formas que estamos tentando repassar para a população.

– Essa luta, a gente conta com a ajuda de cada um de vocês. Como você que tá chegando até aqui. Você pode passar para outras pessoas. Sensibilizar outras pessoas. Para que a gente possa junto tentar combater essa grande invasão que hoje está chegando no nosso planeta. Por causa de muitas pessoas que não conseguem enxergar o outro lado. Quantos seres estão sendo destruídos. Daqui a algum tempo pode ter um descontrole de algumas espécies. E nós mesmo sê atacado por isso.

O som jovial da aldeia reunida permeou as palavras ausentes.

– Então a coisa é muito grande. E se é grande nós não pode sozinho com ela. Nós precisamos de vocês todos para que a gente junto possa trabalhar.

¹ Seringalistas são os 'patrões' dos seringueiros, 'donos' dos seringais.

Claudio permanecera ao nosso lado. Adulto maduro, uma áurea anciã envolvia sua presença. Esse sábio Ashaninka tornar-se-ia um grande amigo. Junto a tantos outros daquela imaculada aldeia.

Contornados em urucum, os olhos de Claudio brilhavam. Sobre a cunha de faixas brancas e cor de madeira, uma longa guia de sementes pretas apoiava-se sobre cada ombro, circulando pelo tronco inúmeras vezes. Os dois rosários cruzavam pelas costas e em cima do peito. Ao lado, pendiam pelo joelho. Nas palavras de Claudio, Ashaninka, espanhol e português se entrelaçavam.

– Nós precisa de gente de fora, pra ajudá nós também. Incentivando o estado de pensamento que nós busca juntos.

Shomotsi, um ancião da aldeia, aproximou-se oferecendo folhas de coca guardada num saco de pano. Piyáko tirou um punhado da erva, levou-as à boca e mastigou. Em seguida, tirou uma pequena cuia de sua bolsa e colocou um pó cinza dentro da bochecha. Era pó de Ishico, uma pedra que mora em nascentes. Ao meu redor, todos repetiram o ritual.

– É o segredo de meu povo. Que nós temos e carregamos por muito tempo. E guardamos. Tudo que a gente aprende, que a gente tem, a gente sempre deixa uma parte guardada. Você nunca pode ensinar tudo.

Piyáko mascava a erva. Seus olhos flutuaram pelo ambiente. Crianças, jovens e anciões brincavam e conversavam, tomavam caiçuma, celebravam a vida. A mirada pousou e ele começou a falar serenamente.

– Tradição é vida! Tradição é também poder. Porque, aonde tem uma tradição, ele tem raízes. E aonde tem raízes, tem vida.

Espaçadamente, o som fluía do Ashaninka por entre a erva mascada.

– Onde tem vida, tem mistério.

Piyáko fez silêncio.

Lentamente, suas mãos deslizaram pelo ar.

– E onde tá o mistério, tá a energia que a gente precisa.

Nuvens brancas procissavam pelo céu. Coposas árvores lhes saudavam. Ao chão da floresta, as trilhas de formigas corriam como rios.

– O que nós faz? Nós protege, vários seres, pra que esses seres protejam a gente. Se ele se sente protegido, ele também vai proteger a quem protege ele. Essa é a forma que a gente se encontra. A forma que a gente se vê. Se junta. Pra ter essa força.

Calou. Seus olhos pairaram em meus. Profundos. No breve segundo,

aquela mirada enlaçou a eternidade.

Indizível. Sois a seiva da voz Ashaninka.

Mascou a erva, uma leve risada se soltou. A brisa fluiu livre.

– Mas a coisa é muito maior, sabe?

Uma Ashaninka se aproximou. Parou em frente a Claudio, oferecendo-lhe caiçuma. Num gesto singular e contínuo, ele recebeu a cuia, levou-a a boca, entornou o cremoso líquido branco e, vazia, devolveu-a à moça. Ela, que permanecera aguardando, retornou à bacia de madeira para encher a cuia. Rodeada por suas companheiras, as risadas flutuavam pelo ar. Após um tempo apareceu, estendendo a caiçuma à minha frente. Era a anfitriã da casa. Deleitando-se em servir sua aldeia.

– Meu povo, ele te recebe. Tem uma parte que te pega. Chega perto de você. Conversa. Tem outra parte que fica lá, te olhando, de longe, observando.

Moisés Piyānko falava com o corpo inteiro.

– Até você chegar perto, você tem que saber conquistar. Pra ti ganhar a confiança. E a partir do momento que você ganha confiança, é verdadeira. Essa confiança, você vai ter, dentro da parte boa, que você tá passando, e da parte ruim. Não é a confiança falsa. Se você precisa da força deles, também tá presente. Se você não precisa, ele tá presente. Mas ele antes fica de longe, olhando, pra ganhar a confiança. A confiança quem faz é a outra pessoa que chega.

Era minha primeira tarde na aldeia. A primeira de duas semanas. Mal sabia eu quem era a conquistadora. Apiwtxa. Misteriosa caçadora.

Cada manhã, atirava sua lança. Crianças banhando ao rio. Eu era uma delas. Cada noite, feria meu coração. Guerreiros mascando coca. Silêncio contando estrelas.

Como o luar inundando a floresta, Apiwtxa me conquistou. Até hoje, permanece a flecha, encravada em meu peito. Jamais sarou, este meu coração. Jamais se despediu de Kenchori e Ērishi, minhas pequenas sereias.

Talvez nem mesmo se lembrem de mim. Casadas? Crescidas? Que importa? Tenho-lhes intactas como parte de meu ser.

Ashaninka, todos os rios confluem ao mar.

“My friend, why offer a poem to a singing bird,
to a pebble in a clear stream,
What a magnificent morning
on this clear, blue planet! ...

Why offer a poem

to the little hut
hidden in the bamboo thicket,
to the sunflower unfurled against the wall,
to the sleeping dog curled in the courtyard
to the cat dancing with sunbeams
high upon the haystack?
Daybreak
dose not resemble a new page in a book.
It is a symphony to rebirth,
with its full array of sounds and colors.
Each dawn is an ode
to twenty-four brand-new hours.”¹

Itaipu, Outono de 2013

Hoje a madrugada me saudou com suas velas acesas e seu altar coroado. As orações convidaram o Sol a nascer. Luz foi lentamente clareando as paredes azul da habitação. Uma fina fumaça infiltrou pelas frestas da janela, bailando em leveza e liberdade embriagante, capturando a mobilidade da mente. Passageira, se dissolveu sem vestígios, absorvida pelos poros. Presença divina se maquiava de beleza evanescente, tomando formas tão esfumaçantes quanto os pensamentos, a fim de penetrar as frestas do ambiente e evaporar ao vazio. O espetáculo reiniciou com os fios solares iluminando as minúsculas partículas de poeira. Flutuando e viajando pelo espaço como estrelas de galáxias inteiras, passando em infinidável procissão.

Entrada do Espírito no templo de Deus. Sua música celestina reverberando, pulsando o som do cosmos pelas batidas do coração. Pelo suave alento.

“Entrando em meu lar e seduzindo-me, por que mantiveste-me prisioneira na gruta de vossa Coração, Ó Arunachala?”

“A mais extraviada das mentes cessará a perder-se pelas ruas se ao menos lhe encontrares. Portanto, desvele vossa beleza e segure-a enlaçada, Ó Arunachala!”

“Tendo Vós me abduzido, se agora vós não me abraçares e envolveres, onde está vossa cortesia, Ó Arunachala?”²

Na janela, a pequena rosa vestiu-se de esplendor, seus três versos vermelhos cantando o sublime amor, poeta que desperta alma, céu e flor. O frescor da manhã a escorregar pelos dedos, entoando aquela

1 “Meu amigo, por que oferecer um poema a um pássaro cantante, a uma pedrinha em um córrego claro, a um peixe nadando livremente? Que magnífica manhã, neste planeta azul e claro! (...) Por que oferecer um poema, para a pequena cabana, escondido no bambuzal, para o girassol desfraldado contra a parede, para o cão dormindo enrolado no pátio, ao gato dançando com raios de sol, lá no alto do palheiro? Aurora, não se assemelha a uma nova página em um livro. É uma sinfonia ao renascimento, com seu leque completo de sons e cores. Cada amanhecer é uma ode, à vinte e quatro horas novinhas em folha.” Trechos do poema ‘The Rainbow Children’ de Thich Nhat Hanh [17]

2 Ramana Maharshi [18]

silenciosa reverberação.

Altíssimo e Glorioso!
Mais um dia, Vossa luz imaculada, a descer sobre a Terra.

Como é clara essa manhã e doce é o cântico dos passarinhos,
Rejubilando com as árvores, o despertar da criatura.

Certas manhãs permanecem eternas e vivas.

Ainda vejo aquela aurora, pela janela do ônibus que cruzava a longa ponte sobre o sagrado santuário que é a Baía de Guanabara. A noite mal dormida, de retorno de Minas ao Rio de Janeiro, ainda pesava em meus olhos e enjoava o corpo. A madrugada me saudou nas portas da rodoviária e me escoltou ao transporte coletivo que levava passageiros a Niterói, com seus bancos cobertos por trabalhadores e estudantes matutinos. De pé, debrucei-me sobre os braços pendurados às altas barras do corredor, a cabeça balançando pelas curvas. A reserva de energia escorria sem barreiras e o cansaço arrastava a mente. O ônibus foi se elevando pela ponte. Um amplo azul recém pintado navegava pela grandiosa baía, a despertar cada uma de suas crias. Batendo suas ondas ritmadas pelas ilhas e orlas, pelos manguezais com suas garças brancas, pela lama com seus caranguejos enterrados, pelas praias com seus coqueiros saudando a manhã, pelos barcos coloridos com seus pescadores e pela sub-superfície, onde ocultavam famílias extensas de vida marinha.

De repente, a esfera de fogo emergiu soberana,
o mundo inteiro se inundou de luz dourada.

Glória.

É o canto de cada manhã.

Irmão Sol com Irmã Luz
Trazendo o dia pela mão
Irmão Céu, de intenso azul
A invadir o coração. Aleluia!
Irmãos, minhas Irmãs
Vamos cantar nesta manhã
Pois renasceu mais uma vez
A criação das mãos de DEUS.
Irmãos, minhas Irmãs
Vamos cantar: Aleluia, Aleluia, Aleluia!
Irmã flor que mal se abriu
Fala do amor que não tem fim;
Água Irmã, que nos refaz
E sai do chão cantando assim: Aleluia!¹

¹ Irmão Sol, São Francisco de Assis

Apiwtxa. "Vamos nos juntar."

Quando a Sol vermelho brilhava entre a alta folhagem das árvores, lentamente derramando seus raios virgens sobre a aldeia a despertar, eu caminhava ao rio, vislumbrando os movimentos madrugais de um mundo coberto de orvalho. Mulheres preparando fogo, crianças se espreguiçando, fumaça fundindo-se ao vapor do relento.

Névoa matinal deslizava sobre as águas do Amônia. Uma árvore frondosa se erguia na outra margem do rio. Era a morada dos Japós. Uma grande comunidade de ninhos repousava nos galhos altos, 'barbas de velho' e outros gravetos tecidos em forma de longas gotas. No fim da estiagem, os pêndulos bailavam ao sopro do mensageiro dos tempos.

O pássaro nativo era coberto de pelugem negra. Seu rabo alongado fora pintado de vivo amarelo nas laterais. Singular, era sua voz. Na sacra hora da aurora, a comunidade pousava nos altos galhos da árvore. Dando voz ao som primordial, o canto do Japó ressoava por toda a floresta.

Japó é o mestre do canto xamânico. Os Ashaninka escutam sua voz e entoam as canções de Kamapräpy, os mantras dos rituais de ayahuasca. Silencioso, ele nasce, o pequeno corpo do pássaro se encolhe, se expande e a ressonância ganha som. Na lisa superfície de um lago espacial, o canto é lançado e o som se expande como ondas esféricas. Transcendental, é a voz matinal da floresta. Penetra cada célula, tocando a consciência. Japó desperta a vida amazônica.

Aurora sacra. A cada alvorada, o Japó abria o portal entre a noite o dia, entre luz e escuridão. Vida una permeava a floresta.

Seu canto era a voz do silêncio.

"No tanque vetusto,
uma rã pula profundo
e as águas marulham"¹

Apiwtxa era outro mundo. Outro ritmo, outros valores. A cultura se integrava com a vida da floresta, religião se integrava com ciência, espiritualidade se transformava em arte.

De manhã, a família se juntava em círculo. Ao centro uma única panela onde as mãos se encontravam, tocando banana, mamão ou macaxeira. Mês de agosto era época de ingá e caju. As árvores estavam sempre chacoalhando de crianças. Não há galho alto demais, nem escassez de fruta madura. A pupunha começava a formar cachos e as praias estavam repletas de melancia, alimentando as brincadeiras ribeirinhas. A qualquer hora do dia, os curumins vinham correndo acompanhar os passeios pelas águas, transbordando pulos, abraços e

¹ Matsuo Basho. [39]

risadas.

Colher algodão, debulhar urucum, preparar caiçuma. Pequenos grupos trançando miçangas, ou grandes mutirões abrindo um novo roçado.

Um dia um grande grupo de mulheres me convidou para a roça do outro lado do rio. Entre língua Ashaninka e risadas, elas me ensinavam a colher batata roxa e roçar. A carregar o grande cesto de banana preso pela testa. A subir na estreita e fina canoa, sem desequilibrar com o peso da mandioca nas costas.

Palavras? Incompreensíveis! A língua Ashaninka era um grande mistério. Português ali era escasso. A mútua compreensão nascia livre e natural. Observar e estar presente: era como se aprendia na aldeia. As mulheres tinham infinita paciência. Quando eu não entendia, florescia uma risada tão pura. Não se ria dos outros. Ria-se com. Ríamos juntos. Muitos dos moradores não conheciam o mundo ou a língua além da cultura Ashaninka. Visitantes não eram comuns. Mas eles compreendiam e aceitavam minhas diferenças culturais e linguísticas. Eu era leiga na floresta amazônica, no modo de vida indígena. Mesmo sem conhecer meu mundo, eles compreendiam meus desconhecimentos. Pacientemente, me ensinavam os delicados afazeres. Amizade nascia livre e natural.

Todo dia eu ia pra casa de Dora Piyäko, irmã de Moisés. Kenchori, uma das filhas de Moisés que morava na casa dos Avós Piyäko, e Êrishi, filha mais velha de Dora, tornaram-se grandes companheiras durante meus dias na aldeia. Ambas tinham por volta de nove anos. Dora e o Marido haviam colhido mandioca para oferecer caiçuma à aldeia no final de semana. Ela me convidou para ajudar no preparo, durante a semana, e servir no dia do pyareñtsi. No dia do preparo as fogueiras nasceram no terreiro, cozinhando as grandes panelas cheias de mandioca já descascada. Êrishi me ensinava a mastigar a mandioca e depois colocar a massa mastigada numa velha canoa de madeira. Passamos o dia cozinhando e mastigando. Quando a canoa estava cheia, cobrimos a massa com esteiras de palha. Ela ficaria dois dias descansando sob a palha, aos fortes raios de sol. Lentamente fermentando.

No dia do pyareñtsi acrescentamos água à canoa logo cedo, diluindo a massa fermentada. A aldeia começou a aconchegar. O som fresco das flautas se aquecia com o Sol da manhã. Dora me convidou para servir caiçuma, por tradição, privilégio das anfitriãs da casa. A massa diluída era peneirada com cestinhos de palha. Quando o fundo do cesto mergulhava no conteúdo fermentado, um líquido branco e cremoso escorria para dentro e era coletado por uma cuia. Caminhávamos até uma pessoa e oferecíamos a cuia cheia de caiçuma. Erguendo as mãos à boca, o creme era entornado num único gesto. Nós retornávamos com a cuia vazia à canoa para servir o próximo. Foi uma honra inigualável poder receber e servir a aldeia junto à família da Dora. Já não me sentia

mais uma visitante. Naquele momento éramos uma família.

Durante a semana as famílias que vão oferecer caiçuma à aldeia colhem mandioca e preparam a bebida fermentada, deixando-a descansar. Visitam as casas convidando a comunidade para chegar na manhã, tarde ou noite do dia escolhido.

A festa do pyareñtsi começa sexta à noite. A família inteira sai junta e a mãe leva cobertores na canoa para os nenês de colo dormirem no chão. E quando a atmosfera se embriaga, crianças, mulheres e homens se soltam em dança; em profundas e puras risadas, mastigam coca e fumam tabaco. E quando estão cansados, simplesmente deitam no chão junto aos nenês, descansando em paz.

Quando o Sol começava a clarear o sábado, gritos alegres ecoavam das camas de toda a aldeia, anunciando o pyareñtsi da manhã. Quando acabava a caiçuma naquela casa, já estavam todos a caminho do pyareñtsi da tarde. De noite, a aldeia toda atravessava o rio para tomar a caiçuma servida por mais uma família. E na madrugada, as crianças cambaleavam e as mulheres esqueciam a timidez, bailando ao som de flautas e tambores. Domingo, seguia o mesmo ritmo. Pulando de casa em casa, experimentando novas misturas, ora com banana, ora com mamão, ora pura, cada uma singular. E assim, a manhã encontrava a tarde. A tarde se fundia em noite. A noite emadruguecia.

Neste clima de harmonia, os adultos se reuniam e a comunidade se organizava, as eventualidades eram conversadas, os trabalhos coletivos marcados: a gestão integral mantinha-se viva. Evoluindo em teias orgânicas.

A cada dia, o ano inteiro, Apiwtsha celebra vida.

Na calmaria das noites de semana sem pyareñtsi, a aldeia se envolvia em quietude.

A cada noite eu inventava uma história nova para os filhos da Dora. Depois eles mesmos contavam histórias, às vezes repetindo uma que havia Ihes ensinado, no entanto, adicionando magnífica criatividade. Quando eles se entregavam ao bom sono em suas camas, eu me sentava junto aos adultos.

Após o crepúsculo, sob o céu estrelado, mascava-se coca em silêncio. Às vezes contava-se histórias de Pawa, Deus Sol, e da criação do universo e de todas as coisas, à luz cintilante de uma vela. Mas era na contemplação silenciosa que a floresta desvelava seu perfume oculto.

E nas noites de Kamarãpy.

Kamarãpy é o espírito da floresta que, através da Ayahuasca, ensina os segredos do espírito de cada planta. Algumas mirações de Kamarãpy migravam às folhas de papel. Nas pinturas de Txeeni¹ os ensinamentos tomavam forma: no subsolo, o mundo do prazer e dor, bom e mau,

¹ O nome espiritual de Moisés Piyáko.

desejo e rejeição; do chão, nascia as raízes do cipó da ayahuasca, o Jagube; ele crescia para além do mundo dual, florescia ao alto. Com o canto do Japó, as flores se transformavam em estrelas no céu.

Kamarãpy desperta. Desperta a mente humana. Desperta a alma das plantas. Transcende espaço e tempo, guiando os guerreiros pelos dias e noites. Kamarãpy é medicina.

No verão amazônico, quando as águas estão baixas, viajar de canoa motorizada torna-se desafio, pois há muitas árvores e galhos grandes encalhados, trazidos pelas tempestades. Uma vez Moisés Piyáko contou-me uma história: estivera descendo o rio de canoa à noite quando um galho rasgou suas costas. Ao chegar na aldeia pediu para a mãe dar uma olhada. Ela disse que seria preciso ir imediatamente ao hospital, estando o mais próximo em Marechal Taumaturgo: uma viagem de muitas horas descendo o rio de noite. Não seria possível. Ele tomou um pouco de Ayahuasca e falou para a mãe costurar com suas agulhas caseiras. Ayahuasca era o remédio, a anestesia e a força no isolamento da floresta.

Kamarãpy ensina os Ashaninka a viver na floresta. Dia e noite observam. Peregrinam pelas matas em longas caçadas, silenciosamente observando a vida amazônica. Em completa quietude, permanecem sóis e luas mirando uma única palmeira. Os pequenos acompanham, aprendendo a que ângulo do Sol o bando de macaco capelão come o murici, que floresce em janeiro e frutifica no inverno. Aprendem quais outros macacos acompanham o capelão. Cada pássaro que visita o murici de manhã e cada um no fim da tarde. As minuciosidades da teia da vida amazônica cresce no interior da mente Ashaninka. Os desenhos da fauna e flora amazônicas confidenciavam esse incrível poder de observação indígena. Um Tucano pintado aos mínimos detalhes, reproduzido da memória à folhas de papel. Essa sabedoria nativa, do grande inter-relacionamento inerente à floresta, é essencial para a conservação da biodiversidade e repovoamento de espécies ameaçadas de extinção. O manejo Ashaninka é fruto de uma consciência.

Apiwtxa, “União,” permeia toda vida. Da formiga à Samaúma, do igarapé à terra firme.

Tempo na Apiwtxa existia em outra dimensão. Da aurora ao crepúsculo, uma eternidade inteira se desenrolava em atividades infinitas. Ninguém corria contra o relógio. Os Ashaninka conviviam em paz com o ritmo do Sol e da Lua.

Tempo era o elemento sagrado do Calendário Maya, contemporâneos dos Ashaninka ancestrais. Na cultura Maya, tempo é arte e harmonia. Tempo é viver em sintonia com o mundo que nos rodeia, com aquilo que existe em nós e a tudo permeia. Apiwtxa era

guardião dos ensinamentos sagrados dos povos originários da América.
Tempo é Vida.

É saber ser livre e natural.

“Quando um homem se liberta de todos os desejos da mente,
Ó Arjuna, e é contente em si mesmo, ele é dito ser firme em
sabedoria.”

Bhagavad Gita II:35 ^[13]

As casas mais afastadas da aldeia, do outro lado do rio, não tinham nenhum tipo de paredes nem estantes, nem mobiliária. Apenas uma prateleira próxima ao teto, para guardar as cunhas, e um único colchão, coberto por um mosquiteiro, onde às vezes a família inteira dormia junto. Tinham também uma rede, para ninar os pequenos e mascar coca de noite. No terreiro havia uma fogueira improvisada, algumas panelas e uma antiga canoa para o preparo da caiçuma, coberta com uma fina esteira de palhas entrelaçadas. A humilde cabana era rodeada de uma luxuriosa cultura de ervas, frutíferas e tubérculos. Riqueza Ashaninka era viva. Respirava e crescia.

Apiwtxa é verdadeira vida coletiva. Uma grande família. Caminhavam juntos, em liberdade, destemor. Sem paredes e fronteiras. As janelas eram os olhos da alma. O portal, o mundo desvendando-se a cada momento.

“Se somos uma gota de água e tentarmos chegar ao oceano como uma gota individual, certamente iremos evaporar ao longo do caminho. Para chegar ao oceano é preciso ir como um rio. A sangha (comunidade) é seu rio.”

“Como um rio, todas as gotas individuais alcançam juntas o oceano.”

Thich Nhat Hanh¹

Uma tarde Claudio passou em frente à cabana dos Piyãkos, convidando-me para a pyareñtsi de uma família. Sentamo-nos sobre as cascas de paixubinha que formavam o chão de palafita.

– Nós fazemos muitos trabalhos da comunidade. Não só um trabalho. Muitos. Não pensar que é um trabalho. Tem que gostar do trabalho que faz. Aqui na Apiwtxa, nós somos uma inteira. Apiwtxa. Nós temos muita força. Apiwtxa. Nós lutamos por muitas coisas. Mas até hoje estamos procurando ser um Povo Único.

Estar com Claudio era paz e alegria profunda. Eu tinha ele como um tio, um mestre. A seiva da comunidade corria naquelas veias. A essência da Apiwtxa era seu próprio coração.

¹ “O Rio Sangha é uma comunidade que pratica o caminho da harmonia, consciência e compaixão. (...) Sangha irradia uma energia coletiva que pode nos apoiar e nos fortalecer.” Thich Nhat Hanh [40]

-Aqui nosso trabalho é fruto de trabalhos de muitos anos. Cuidamos da floresta. Criamos tracajás. Trabalhamos com abelhas nativas. Cada um tem um trabalho. Como o Benki¹ que trabalha na floresta. Mas o trabalho é de toda a Aldeia. Todo mundo participa. Todo mundo fica feliz com o trabalho.

- Se precisa de algum apoio, se precisa de alguma coisa, um trabalho numa tarde, é trabalho da comunidade. Nós faz esse trabalho todos juntos. Nossa trabalho é assim. Nós anda todo mundo junto nessa comunidade. Tem 2 ou 3 pessoas. Mas ela anda tudo junto. É um caminho só. Não tem 2 ou 3 caminhos. É um caminho só.

- A comunidade é muito bom. Muito legal. Tem que ter respeito né. A pessoa que não tem respeito. Não tá entendendo nada. Mas a pessoa que entende a coisa. Ela sabe do nosso trabalho.

- A comunidade é essa aqui que você tá vendo. Faz o que tá no direito dele. Aqui não tem patrões. Você que tá vendo aqui. Se tiver patrões, ele roçava tudinho. Dizia: "ah rapaz! você que tá bebendo caiçuma, vai trabaíá." Toda pessoa, você chega no que tá fazendo. Somos Ashaninka. Eu tô aqui ó, bebendo caiçuma. Tem pessoa que vai trabaíá com patrões né? Pode passar 10 horas pra trabaíá. Nem dá para você ir ao banheiro. Só aperreando no trabaio né. Mas aqui nós Ashaninka, vive tudo normal.

Apiwtxa é autonomia. Ela é interdependência. Vive da própria união. Vive da floresta, que é uma extensão da própria comunidade. E a comunidade é uma extensão da floresta.

Apiwtxa é abundância. De alimento e saúde, de felicidade e sabedoria. Abundância de humildade e simplicidade. Trabalho é prazer. Uma pessoa não trabalha para ela mesma, nem para o patrão. Trabalha para a comunidade. Para a floresta, para todos os Seres. O trabalho lhe preenche de alegria. Servir é felicidade verdadeira.

- Apiwtxa é isso né – Claudio sorriu – Nossa felicidade. Tudo bom. Tudo tranquilo. Eu tô vendo que a coisa tá chegando boa.

As mulheres estavam reunidas, próximo à canoa da caiçuma. Sentei-me junto a elas. Conversavam em sua língua nativa, poucas sabiam algum português. Fiquei escutando o tom das palavras. Compreender não fazia falta. Estar presente entre elas saciava o coração. Entre as sombras do teto de palha, o Sol do verão amazônico aquecia nossas peles. Algumas descascavam mandioca, outras trançavam cordas. De vez em quando os risos elevavam-se uníssonos, espalhando pelo ar, tão inocentes e belas, como bolinhas de sabão. Alegria permeava cada célula de meu corpo. Outros momentos eram inundados por silêncio.

¹ Benki Piyáko é irmão de Moisés e Dora. Por longo tempo foi o agente agroflorestal da aldeia. Naquele ano ele estava trabalhando no Departamento de Meio Ambiente da Prefeitura de Marechal Taumaturgo, confluindo toda a energia na criação da escola Yorenka Atame, 'Saber da Floresta.' Quando Milton Nascimento visitou o Acre, Benki era ainda um pequenino curumim.

Apenas se ouvia o canto do Japó nas árvores da mata que nos rodeava.
Viver era isso. Pureza e simplicidade.

Estar junto às mulheres era amor materno. Mestras da beleza, realizar qualquer trabalho com elas era nobreza e contentamento. Risadas imaculadas sempre entrelaçavam as atividades. Motivos para riso eram desnecessários. Viver era simples.

Estar junto aos homens era sabedoria. A essência da floresta emanava de suas silenciosas presenças, mascando coca sob o céu cintilando estrelas.

Estar junto às crianças era êxtase. Viver a alegria de um mundo integral. Com muitos dos curumins, a comunicação era pelos gestos e olhares. Suas gargalhadas alimentavam a alma.

A aldeia havia me acolhido. Realizando com os Ashaninka as atividades simples do cotidiano, sentia me una com ela.

Mirando a brincadeira dos curumins, ou brincando com eles no rio – Apiwxta fluía em minhas veias.

Por onde forem minhas asas,
Lá, também eu vou estar.
Até onde eu sou eu,
ou sou a barra a brincar?
Até onde somos dois,
num instante de um olhar?
Sou canto de azul encanto,
corrente a lhe abraçar.
Ao mito do infinito,
o vento vai nos levar.
Eu sou filha dessa Terra,
esse rio é meu lar.
Sou sereia desse mar.
A areia é minha pele,
Minha alma esse lugar.



– Só os seres que convévem nela se entende, sabe conversar.

Era mais uma tarde de pyareñtsi. Os olhos de Moisés Piyäko pousavam na outra margem do rio. Misteriosa, a floresta circundava a aldeia.

– Hoje você vê cada árvore – Piyäko continuou – muitas pessoas não sabem, a beleza, por trás dela. Vê só a imagem. Mas o resto, que tá escondido entrás, as pessoas não conseguem enxergar.

– Muitas pessoas só conseguem enxergar até onde o olho dá. E a forma de enxergar melhor é com a mente. Essa é a forma verdadeira. Aonde você consegue enxergar, aonde os outros não penetram. Cada pessoa enxerga da sua forma. Cada pessoa entende a altura do merecimento que cada um precisa.

Silêncio sempre prosseguia as palavras do Ashaninka.

– O nosso povo, ele consegue enxergar, o que tá presente aqui, e o que tá invisível. E é por isso que ele defende a floresta como parte do seu corpo. Parte do seu povo.

– Porque todos os seres que hoje véve nela, não é à toa. Cada um tem um significado, tem um porquê de tá vivendo. Assim como nós tem o porquê.

Moisés mirava nos olhos, levemente balançando a cabeça. Urucum brilhava em suas feições. Adornos de miçangas, trançadas em geometria nativa, envolviam seus braços e penduravam pelo pescoço. O espírito daquela arte era algo inominável. Espiava, apenas, pelas janelas da alma. Chama acessa, reluzindo nas esferas oculares. Serenos, seus olhos lançavam luz por todo o ambiente.

– Hoje, quantas coisas têm presente aqui no momento. O movimento das árvores. As árvores são vivas como nós. As árvores têm sangue como nós. Muitos dela têm espíritos como nós. Quando falo espírito, é assim, um espírito mais forte, que pode comunicar-se, como nós. Que a gente pode, entrar dentro dela. E ela repassar os conhecimentos. Seus segredos.

– Essas são as arvores que cuidam de todas as outras. Assim como nosso povo tem nossos fronteiros, nossos representantes. Que fala por nós. Todos seres tem isso. Tudo tem isso. Agora, as pessoas, a maioria, não conseguem enxergar cada um.

As densas copas folhosas refletiam o brilho do sol. Em cada passagem dos astros, a floresta tinha seu canto. Vivo ao poente. Transcendente à lua. Na aurora, um som que desperta. No intenso Sol que cerca o zênite, silêncio estático, a floresta parece conter o tempo numa ausente respiração.

“Such utter silence!
even the crickets'
singing...

– Você vê uma arvore, você corta ela, ela sara. Assim como nós. Corta, sara. Porque tem vida.

Duas mulheres aproximaram-se, oferecendo caiçuma. Entornamos as cuias num único gesto e devolvemo-las.

– Plantas medicinais. Tem tudo dentro dela. Nessa floresta.

Moisés falava à minha frente, mas conversava com a floresta onde seus olhos pairavam.

– Desde os pequenos seres que protegem um ao outro até o maior. Então a ciência do nosso povo é essa. Conhecer os seres da floresta, suas formas de vida, sua essência.

Essa ciência era o cerne da escola Ashaninka. E a vida cotidiana da aldeia.

Na primeira semana que estive em Apiwtxa o professor Wewito Piyáko estivera em um curso de formação de educadores indígenas na capital do Acre, do qual também participaram os Katukina, Yawanawá, Huni Kuin (Kashinawá), os Marubo visitantes e diversas outras etnias. Quando as aulas reiniciaram passei a participar das atividades diariamente.

Padrões geométricos indígenas pintavam uma faixa da parede na sala de aula: matemática Ashaninka. Cestos de palha, lápis de cor, giz de cera, bancos de madeira e merenda de frutas colhidas pelas mães. Pilares da educação, natureza e cultura indígena a tudo permeava.

Numa das manhãs as crianças estavam todas deitadas sobre as tábua de madeira ao chão. Grandes cartolinhas uniam os alunos na criação de dois mapas da aldeia. O professor Wewito explicou-me a dinâmica da escola.

– Para os alunos da terceira à quarta série, eu trabalho com eles na parte da geografia, muito interno aqui na aldeia. A gente se concentra apenas no território indígena da Apiwtxa. Algumas coisas a gente já tá entrando para fora. Por exemplo, o município, o entorno, essa parte mais próxima. A gente ainda não estudou com eles a parte do estado inteiro, e nem do nosso país. Isso a gente vai trabalhar mais para frente. Primeiro a criança tem que conhecer bem seu próprio território. Depois ela tem que conhecer mais para longe.

O pequeno Piyáko, com seus 4 anos, estava deitado ao lado dos jovens de 12. Juntos cobriam o curso do rio Amônia com seus lápis marrom. Vestindo sua cusma rosa salmão, Érishi sentava ao lado do caçula Piyáko, desenhando uma das casas. Os outros curumins faziam a floresta crescer com seus pinceis de aquarela. O professor Wewito

¹ “Tal silêncio absoluto! até os grilos, cantando ... Abafado por pedras quentes” Matsuo Basho [41]

sentou-se no chão ao lado das crianças. Sutilmente, orientava os alunos pelos detalhes do mapa. A localização de uma caixa d'água. A cor de uma cabana. Imerso na criação, Wewito trabalhava concentrado. Os pequenos Ashaninka inspiravam-se em sua diligência. Uma aldeia farta de símbolos e cores nascia no papel. Nos alunos, nascia conhecimento.

Quando terminou a aula Wewito mostrou um grande mapa fixado no corredor da escola.

– Esse mapa aqui foi feito num trabalho com os alunos sobre o levantamento que fizemos, sobre material de pesca e de caça. Aqui eles fizeram uma ficha que foi preenchida com o nome das famílias. Os que têm a arma de fogo, a arma tradicional de arco e flecha, e o material de pesca. Nessa área eles desenharam algumas caças que ficam próximas dessas casas. Aqui no rio também localizaram os principais peixes que as famílias pescam nessa área.

O professor apontou para as árvores e animais desenhadas numa área enverdecida, próxima a algumas casas. Delicadas ilustrações representavam as áreas onde certas espécies de palmeiras, árvores, pássaros e mamíferos se concentravam.

– É só uma parte da aldeia – disse Wewito. Ele passou a mão por um mapa ao lado – Nesse outro mapa aqui do lado. Já é outra área da aldeia, onde moram outras famílias. É importante a gente conhecer a geografia de todo nosso povo.

Paramos de frente a um mapa distinto, que fora feito pelos professores no curso de capacitação. Representava a localização das aldeias Ashaninka em relação aos rios acreanos e às terras peruanas.

Wewito me contou sobre um trabalho de etno-mapeamento que envolveu a aldeia inteira. Oito mapas mentais do território da reserva indígena foram criados como parte da renovação das práticas de manejo territorial. A floresta, minuciosamente conhecida pelos caçadores e coletores indígenas, havia sido representada nas grandes folhas de papel. Os mapas nasceram, simbolizando o íntimo entrelaço dos Ashaninka com seu ambiente amazônico.¹

O mundo segue em continua transformação. Culturas e manejos

1 – Mapa da Vegetação: Representava a concentração de certas espécies de flora e a localização de ambientes florestais especializados – igapó, várzea, terra firme, tabocais, etc – detalhadamente caracterizados. A nomenclatura integrava a classificação Ashaninka e científica.

– Mapa de Nascentes, Igapapés e Rios

– Mapa da Caça: Localizava trilhas de caçador, acampamentos, refúgio dos animais, locais de reprodução e alimentação dos animais. Esse estudo possibilitou a determinação de áreas de caça e áreas de conservação, onde não se caça. O manejo, desenvolvido pela própria comunidade, resultou no amplo repovoamento de diversas espécies que estavam escassas.

– Mapa Histórico: Descrevia os caminhos realizados quando os Ashaninka chegaram ao Rio Amônia. Recordava as primeiras colocações da aldeia; quais foram as primeiras famílias; quais foram suas origens, entre outros detalhes históricos. Esse mapa englobava áreas peruanas.

– Mapa de Uso: Identificava áreas onde tem certos recursos naturais, como espécies de árvores utilizadas em construções; fontes de palha, matrizes de sementes; áreas com concentrações de diferentes tipos de barro; possíveis áreas onde novas casas e roças possam ser construídas; etc..

– Mapa de Manejo: Representava o zoneamento do território indígena em áreas de uso, áreas de conservação e áreas de preservação 'intocadas'. Esse mapa foi o último a ser confeccionado, tendo sido construído a partir das informações expressas nos mapas anteriores.

territoriais naturalmente seguem os cursos da mudança. A sociedade inteira percorre esse caminho. Mas nem sempre de forma tão articulada. O profundo inter-relacionamento da Apiwtxa permitiu que a ideologia florescesse no dia a dia das famílias.¹

Benki Piyäko e Vaneco haviam participado da formação de agentes agroflorestais em Rio Branco. Junto com a aldeia, ele trabalhou durante anos com manejo agroflorestal. Agora ele estava em Marechal Taumaturgo, parindo Yorenka Átame, o centro de educação 'Saber da Floresta.' Vaneco permanecera como agente agroflorestal da Apiwtxa. Visitei uma das áreas onde ele estava trabalhando, na outra margem do rio. Cedro, Copaíba, Mogno, Pupunha, as jovens árvores cresciam no ritmo lento das espécies primárias.

– Esses foram os mognos que plantamos – disse Vaneco – Ele ainda tá fininho. A gente plantou porque no mato não tem mais não. A gente trouxe semente lá de cima. Ele é difícil pra crescer. Passa muitos anos para ficar grande. A meninada não conhece o mogno. Mas velho conhece. Agora a meninada também vai conhecer.

Vaneco mostrou uma Copaíba de sete anos. Ainda fino, uma única mão envolvia seu tronco. Na largura em que começa a produzir óleo, dois braços não se alcançam ao abraçá-la inteira. Podem levar longos 50 anos. A árvore vive em outro ritmo, outro tempo.

Perguntei como o trabalho da agrofloresta havia começado.

– Rapaz! Como vâmo fazer agora? tá acabando o mato né! Só planta macaxeira, tira macaxeira. Faz outro roçado. Bora plantá qualquer fruta pra nós cumê. Pra não faltar, como agora. Se não plantar, não tem nada pra comer né? Bora mermo! Bora plantá mermo!“ Aí começamo a plantá – contou Vaneco.

– Até hoje, agora tem, pra não faltá as comida. Não faltá banana. Não faltá pupunha, como agora todo mundo come né! Essa pupunha aqui, tô fazendo pra comunidade. Não é pra mim não. Todo mundo, pessoa, só tira e come. Faz caiçuma de pupunha também. É bom!²

O português improvisado agraciava suas palavras.

– Começa plantando muito ingá, nessas áreas que tinha capim da fazenda velha. Depois entrou feijão guandu. Cana, macaxeira, já colhemos. Agora é tudo fruteira e madeira para construção. Tem

1 A comunidade havia construído os mapas e renovado as bases do manejo territorial como um todo. Nesse gesto confluente, o trabalho foi assimilado pela aldeia inteira. Uníssenos, os Ashaninka naturalmente convergiram suas práticas com o coração do manejo. Os recursos naturais que estavam minguando estavam crescendo a cada ano, assim como a biodiversidade nas cercanias da aldeia. Antes de se tornar um território indígena o lugar da Apiwtxa havia sido ocupado por fazendas. Quando os Ashaninka chegaram, algumas espécies nativas da fauna e da flora já não se encontravam mais nas proximidades da região onde a aldeia foi construída. Com o manejo comunitário e a sabedoria nativa, essas plantas e animais têm retornado, e outras espécies que antes estavam rareando têm tido um grande repovoamento.

2 Pupunha é uma palmeira nativa da Amazônia. Seus frutos, palmitos e madeiras são tradicionalmente utilizados por comunidades indígenas e atualmente é uma planta admirável em iniciativas de sustentabilidade sócio-ecológica, como agroflorestas, design ecológico e economia solidária.

árvore medicinais também.

– Tudo aqui dentro da aldeia. Perto das casas. Aqui nesse trabalho, de agente agroflorestal, eu chamo a comunidade e todo mundo participa. Todo mundo ajuda aqui, nos trabalhos da comunidade.

– A gente traz a escola aqui para conhecer. Aí eu perguntei para a criança: “O que tu viu agora? Como que é esse trabalho? Como tá plantando pupunha, tangerina?” aí ele respondeu “Ah! Essa pupunha é pra nós comê. Pra não faltá. Comida para nós.” Aí eu continuei “Alimentação. Como na cidade não tem nada. Lá na cidade não tem espaço pra plantá também né? Aqui planta pra nós comê.” Todo mundo, pra nós comê.

Na comunidade Ashaninka, a escola é apenas mais um dos espaços de aprendizagem. Na verdade, a educação ocorre durante todo o tempo da vida comunitária, em todos os espaços da aldeia. No cotidiano, as crianças aprendem a viver em Unidade. Serem autônomas. Ter responsabilidade para consigo mesmo, para com os irmãos, a aldeia, a floresta. Para com todas as coisas.

A Vida educa à luz de sua totalidade. A floresta é a sala de aula. Fauna, flora, fogueira e estrela são os livros. Professor? O indizível. Os Ashaninka vivem em consciência. A aldeia vive como um todo. Compreendem que cada ação expressa ensinamentos. Ensinamentos silenciosos. Mergulhando mais profundo que as palavras.

Palavras ensinam detalhes. Palavras alcançam reflexos. Mas seus dedos não tocam o Sol. A seiva da Vida. Dia a dia, as crianças aprendem o inominável, na íntima convivência com a floresta. Na íntima vida comunitária. Como a Copaíba em seu lento crescer, nasce o coração Ashaninka. A flor desabrocha, livre e natural.

Ao baixar do sol, a família, inteira, descia o barranco realizar suas ablucções no rio. De dia, as filhas acompanham a mãe na roça. Os meninos caçam com o pai. Curumim de seis anos já é caçador. Aos dez, constrói a própria casa. Já sabe cuidar da família. Aos quinze, catorze, estão criando seus pequenos Ashaninka. Desde cedo, aprendem a ter responsabilidade e autonomia, observando e praticando o trabalho dos mais velhos. Passei duas semanas na aldeia e não vi uma única briga entre as crianças. Nenhum sinal de conflito em toda a aldeia. Assim é a seiva Ashaninka.

Um dia passei pela casa de Iranchê. As filhas, Preta e suas irmãs, estavam preparando pasta de urucum. Juntei-me a elas sob o telhado de palha. Grandes montes de cachos de urucum cobriam todo o chão da pequena cabana suspensa. As delicadas mãos das Ashaninka abriam os casulos de espinhos macios e derramavam as sementes sobre uma grande bacia. Os grãos eram pequenos e negros, uma fina película de tinta vermelha envolvia-os, pintando as pontas dos dedos. Ao lado, as

cápsulas vazias amontoavam-se. Outra bacia repleta de água soltava a tinta das sementes. Numa grande panela em cima da fogueira, a água vermelha, já peneirada, fervia.

Depois que toda água evaporava, uma pasta vermelha permanecia nas paredes da panela. Ela era raspada e cozida junto com um óleo especial, coletado de uma árvore nativa. Em seguida, tubos de bambu eram preenchidos com a pasta, abastecendo a aldeia, além da cooperativa em Cruzeiro do Sul.

Do pequeno tubo de bambu, Andréia espalhou a pasta brilhante em seu dedo. Depois deslizou uma fina vareta de bambu sobre o urucum e deu nascimento às delicadas expressões nativas nos rostos das meninas. Kenchori, Luiza, Thouéro, Wapana. A pintura vermelha cintilava à luz do Sol e do fogo.



Era uma tarde ensolarada. Sentávamos sob a sombra de um ingazeiro. Isaac Piyäko, irmão de Benki, Dora, Wewito e Moisés, era minha companhia, um dos professores da aldeia. Naquele verão, a energia de todos andava confluindo à Yorenka Átame, a escola "Saber da Floresta".

– O projeto da escola é um sonho muito antigo da comunidade Apiwtxa. Foi uma necessidade que a gente viveu. Já tem uns 10 anos que escrevemos esse projeto, em consequência de nossa luta de 20 décadas. Como a gente criou uma estrutura internamente para trabalhar a questão do fortalecimento, da preservação do território, das nascentes dos rios, essas dificuldades que o mundo vem enfrentando.

– A gente começou pela nossa comunidade, ao passar por aquelas dificuldades. E hoje o grande desafio nosso é também olhar o entorno. Já é um passo além.

Tanto a mãe quanto a esposa de Isaac nasceram em comunidades seringueiras. Por causa disso, sua filha era a única Ashaninka loira da aldeia. Isaac Piyäko conhecia bem a cultura dos outros povos da floresta. Conhecia a cultura dos pequenos centros urbanos.

– Naquela época que a gente tava superando as nossas dificuldades, pensamos em como envolver o pessoal de entorno. Nas nossas reuniões de planejamento, discutíamos a questão interna na comunidade, e também a questão mais ampla de território, de recursos, de vidas, esse trabalho de ter o ambiente limpo e preservado. Nós sempre convidávamos o pessoal do entorno, mais envolvidos. Hoje isso está se realizando através da Escola. Pensamos em criar esta estrutura em parceria com as instituições, para expandir. O nosso maior objetivo aqui é trabalhar com populações tradicionais que vivem na floresta, como as indígenas. Mas também que essas experiências se expandem para as pessoas urbanas.

– Na estrutura de funcionamento, pretendemos que pessoas de comunidades venham aqui, passem 2 semanas, 1 mês, e retornem para sua comunidade. Para desenvolver aquilo que eles aprenderam aqui na prática. É essa questão de trabalhar a consciência da sua comunidade e proteger a nascente do rio ou essas coisas. Ou seja, para trabalhar algum produto para substituir essa questão econômica. Que seja de forma mais viável, menos agressiva da natureza. Hoje não da para imaginar de tirar as pessoas de uma vez do mundo capitalista, mas de desenvolver um trabalho que elas se juntem à diversidade da floresta para sobreviver. Sem degradar as matas e a água. Queremos mostrar que isso é possível.

– Essa forma da gente tá trabalhando, do estudante vir para essa escola na cidade e depois voltar para sua aldeia, é uma forma de não tirar aquela estrutura de família, de cultura que ele vive. Se ele passa aqui e aprende alguma coisa, é um tempo que ele tem para ver esse mundo como está, dialogar com alunos de outras regiões, outros

povos. E depois voltar para sua comunidade e ter uma base para desenvolver as próprias experiências, trabalhando a capacidade da própria comunidade. Queremos criar um espaço para pessoas tanto que sabem ler, quanto quem não sabe. Tem alguns que desenvolvem atividades sem saber ler.

Pessoas que nunca foram à escola, construindo uma escola. A duas ou três décadas atrás, essas pessoas não sabiam ler e escrever. Sofreram tanta pressão que se viram obrigados a trabalharem para os madeireiros. Sua cultura estava desaparecendo. Hoje, estão expandindo o que a vida lhes ensinou, para que mais comunidades possam se libertar, como eles se libertaram.

– Agora o nosso desafio é que nós sozinhos vamos ser fracos se a gente disser: nós que vamos ser os responsáveis. Mas a grande ideia é: Aqui, todo mundo é responsável. Sentar sua força para começar a enxergar que você também é capaz. Não achar que sempre o outro que fez isso e aquilo. Para essa escola ser boa depende de todo mundo.

– Um dos temas que queremos estudar é a escassez de algumas espécies. A anta tá sofrendo risco de extinção na região. Como estudar isso? Penso que nada melhor do que uma pessoa aqui da região, que vive com ela. Como os caçadores que a utilizam para alimentação. Para que ele possa investigar o processo de extinção e conservação. Essa pessoa conhece os espaços de vivência e reprodução da anta. O que ela precisa para comer. Tem uma árvore que às vezes você derruba ela, acha que não tá prejudicando, mas de fato está prejudicando a alimentação que poderia servir para a anta. Uma área que você tá desmatando, que também são áreas dela.

– Certos tipos de animais têm áreas certas na floresta para realizar seu repovoamento. Para acomodação, para dormir, essas coisas todas. As pessoas que convivem com a anta conhecem esses ambientes e costumes, eles dependem dela para se alimentar.

– Muitas das vezes os professores não conhecem de fato a realidade daquilo que ele tá falando. Como que ele vai falar de uma anta, se mesmo morando no meio da floresta ele não conhece os costumes dela. Ele não tem capacidade para desenvolver na prática um trabalho de preservação dessas espécies, porque ele não tem o conhecimento das características. As pessoas que devem trabalhar com a conservação dessas espécies são as que convivem com elas intimamente na floresta. Dependem delas. E tem essa consciência dessa relação de dar e receber.

– Às vezes os moradores que vivem aqui conhecem mais sobre a vida de um elefante, que tá lá na África, ou de uma baleia, que tá lá no mar, só porque tá no livro ali. E ele tá lendo, tá acompanhando a história. Mas não conhece a vida de uma anta, de um jaú que tá aqui em extinção. Que tá aqui ainda. Muitas vezes essa pessoa se alimenta da anta e não conhece a vida da anta. Aí acontece o contrário. Uma baleia, um elefante, quem tem que proteger é quem vive lá com ele.

Não nós. Daqui, a gente pode dar apoio. Mas temos que olhar o que é nosso.

– Mas isso não existe aqui. Quem na escola fala sobre o jaú? Que é um peixe nativo daqui. Um tracajá que é nativo daqui. Um veado nativo. Você olha aqui nos livros das escolas, são cheios de coisas que vieram do sul, de sei lá da onde. E que de fato carregam uma outra realidade.

A floresta é a mestra dos Ashaninka. O Japó lhes ensinam a cantar. A Jiboa, sabedoria, geometria e arte. Trançam suas pulseiras como a pele da cobra, desenhando os padrões retangulares. O rio lhes ensina que a força nasce das águas unidas. A árvore, senhora paciência, cresce forte e inabalável. A fauna lhes ensina a quietude, a espreita, a consciência alerta. O silêncio da mata: o silêncio da alma imaculada.

Apiwtxa. “Vamos nos juntar.”

“Real fearlessness is the product of tenderness. It comes from letting the world tickle your heart, your raw and beautiful heart. You are willing to open up, without resistance or shyness, and face the world. You are willing to share your heart with others.”

Chogyam Trungpa Rinpoche

Era a hora de despedida. A vida, naturalmente me levava, como o rio que corre, meandra, deságua no mar. Juntei toda a minha força. Não para seguir adiante, isso fora solto e natural. Foi somente para segurar um coração despido, derramando dilúvios.

Apiwtxa, tocastes minha alma.

Onde quer que a ave voe, escutará o canto do Japó.
Juntos, somos inteiro.

Parting

“Green mountains rise to the north;
white water rolls past the eastern city.
Once it has been uprooted,
the tumbleweed travels forever.
Drifting clouds like a wanderer’s mind;
sunset, like the heart of your old friend.
We turn, pause, look back and wave,
Even our ponies look back and whine.”¹

¹ “Montanhas verdes ascendem ao Norte; Águas brancas roleiam pelas cidades ao Este. Uma vez desenraizada, o amaranto viaja pra sempre. Nuvens à deriva como a mente de uma vagueador; por do sol, como o coração de seu velho amigo. Viramos, pausamos, olhamos para trás e acenamos, mesmo nossos pôneis olham para trás e choramingam.” Poema ‘Partindo’ de Li-Po poeta Taoista, China, Século VIII [42]

Crepúsculo paira sobre a Terra.

O último brilho da grande esfera de fogo desaparece por trás do horizonte. Levando pra sempre as gotas douradas que se derramaram sobre o mar.

As primeiras estrelas aparecem. A cada momento, o céu se transforma. Lilás, azul, negro. A cada noite, a despedida é eterna. A cada alvorada, novo nascimento. O Sol jamais retorna.

Caminho segue em frente.

Mas já não é mais 'eu' que caminho.

Ashankha, Yawanawá, Jalapão, Morro do Castelo. Grande sertão. Não sei dizer onde termina 'eu' e começa 'você'. Existe um 'eu' separado desses lugares que me compõem? Desses rios que entraram neste corpo e correm pelas veias? De todas as pessoas que me doaram visão e feriram este coração? Coração tão frágil que jamais sarou. Mas se fortaleceu. Pois aprendeu a amar. E a seguir caminho, entre lágrimas caladas.

Passos flutuando em beatitude inebriante. E uma dor no peito.

Amor. Coração não conhece fronteiras entre dor e prazer.

Ó Coração! Não tenhas medo. O mundo lhe toca.

O mundo lhe fere com sua beleza. Lhe fortalece com sua crueza.

Sois vós quem me miras. Me embriagas.

A cada passo, nova alvorada.

"No unitário, indiferenciado e quieto Oceano de Sat-Chit-Atman, sentidos, mente, intelecto e os jivas não são nada além de ondas evanescentes não apartes daquele solo Ser.

"Na eterna e infinita tela de Sat-Chit-Ananda-Atman-Shiva por Seu próprio poder, Sakti é projetada como o movente retrato sombra do universo em manifestação e para dentro daquilo novamente, é absorvido em dissolução.

Todas as luminárias, como sol, lua, fogo, estrelas e relâmpagos, derivam sua luminosidade como um gracioso presente da Sakti inerente naquela tela Atman-Shiva apenas."

"Não há um átomo aparte do Atman, que é a perfeição indiferenciada do Ser Integral. Alma, mundo e Criador são inseparáveis do Atman. A realidade destes é somente a realidade do Ser."

Ribhu Gita¹

¹ Atman: Ser; Chit: consciência; Ananda: beatitude; Jiva: alma individual; Sat: verdade, existência; Shakti: energia primordial; Shiva: consciência pura. Versos do Ribhu Gita, escritura Hindu. [43]

Terras Peruanas

A estreita canoa passou pelo pequeno posto fronteiriço na margem do alto Juruá. Era meados do verão amazônico e final do inverno brasileiro. Havia passado uma semana esperando carona para subir o rio às terras peruanas. De Marechal Taumaturgo, uma canoa levou-me ao Breu, o último povoado brasileiro subindo o Juruá. No Breu, diferentes famílias acolheram-me em seu teto, compartilharam seu alimento, conhecimento e histórias singulares, sem mesmo que eu lhes pedisse. Além de toda a comunidade se entusiasmar em investigar as canoas seguindo ao Peru. Receber e compartilhar eram tão natural, naquele ritmo de vida em que o 'esperar' transcorria dias e semanas, não apenas minutos e horas.

Numa das manhãs ensolaradas uma canoa saiu rio acima me levando junto. Após algumas horas passamos em frente à pequena cabana na fronteira virtual entre os dois países. "Buenos dias" improvisei aos dois guardas que questionaram quem eu era; e sem cerimônias seguimos subindo as mesmas águas do Juruá. Encostamo-nos ao remoto povoado ribeirinho, chamado de Breu Peruano. Chegara ao Peru, mas encontrava-me cada vez mais distante das vias de transportes. O isolamento apenas cresceria. A floresta se adensava.

Mais uma semana passou, esmeradamente esculpindo paciência na mente ansiosa de uma jovem aventureira. Mas desta vez não havia carona de canoa e nem estradas que alcançassem tal localidade. O vilarejo peruano era completamente cercado por selva amazônica. Transporte fluvial rumava apenas de volta ao Brasil. O vasto ar sobre nossas cabeças era o único meio para seguir adiante. Não possuía uma moeda peruana. Apenas algumas dezenas de reais em notas, que tampouco era suficiente para comprar passagens de longas extensões. Tinha o cartão do banco, mas até onde eu pensava, encontrar uma caixa eletrônica significava voltar ao país que ficou para trás e viajar durante algumas semanas até Cruzeiro do Sul. Nem mesmo podia comprar alimento na pequena venda, pois não aceitavam dinheiro brasileiro. Aquele era um povoado isolado somente para 'fazer presença' peruana nas margens fronteiriças do Juruá. Havia poucas famílias e quem não era associado à base militar ou à 'prefeitura' era madeireiro.

O aeroporto era um grande descampado coberto de capim. Na beira havia um telhado de amianto cobrindo alguns bancos de madeira, assemelhando-se a um ponto de ônibus, onde se esperava aterrissagens e partidas. Uma passagem aérea à cidade mais próxima custava 350 soles.¹ Carona no avião da prefeitura era contra as regras municipais – praticamente o vilarejo inteiro trabalhava em estabelecimentos de manutenção das regras municipais – e ainda por

¹ Na época equivalia aproximadamente a 250 reais.

cima eu era uma estrangeira ilegal. Era proibido entrar no país sem que fosse pelos postos de fiscalização localizados em determinadas cidades fronteiriças – muito, muito longe daquelas matas isoladas – nas quais o visitante recebia uma autorização governamental e um carimbo no passaporte ou um documento oficial: elementos obrigatórios ao transito e permanência de estrangeiros no Peru.¹ “Like a cherry on top,”² era meu primeiro encontro com o espanhol e não comprehendia quase nada do castelhano daquelas línguas ligeiras. Tampouco eles a mim. Peru era um novo mundo, selvagem e amazônico.

A Vida é total.

É como um rio fluindo naturalmente. E nós somos uma gota flutuando nessas águas correntes, sem mesmo possuir existência separada. O caminho revelando-se pelo curso, o mundo desvelando mil faces a cada curva. E a gota se encontra no meio de tudo, envolvida pelas diversas experiências da Vida. Ou envolvendo o mundo pela vida das experiências.

O rio desaguou naquela selva peruana. Me encontrei em meio às corretes de incertezas, entediada pela espea, eletrizada pelo novo e pelo curso que se abria. E rodeada de famílias transbordando compaixão.

O tempo foi passando no povoado peruano do Breu. De dia eu cuidava de uma pequena de três anos cuja mãe falecera. Ela morava com a avó, que havia me acolhido em sua casa. De noite eu banhava na beira do rio. A curva se estendia formando um pequeno recanto de águas calmas. Quando havia uma canoa pequena acostada à margem eu subia e remava pelo ‘lago.’ Era lua cheia. Seus raios flutuavam pelas superfícies espelhadas. A canoa deslizava pelo céu fluvial, criando ondulações serenas onde a luz do reino celeste dançava.

O luar clareava a floresta ribeirinha, de onde anfíbios e cigarras espalhavam serenata pelo ar.

Lua cheia iluminara as noites nupciais na Serra do Moa.
Na selva peruana, resplandecia nas noitadas derradeiras.
Cada gota da luminária embriagando, enraizando alianças.
Despertando.
Eterno canto da vida.

1 Não que eu quisesse contrariar conveniências políticas e sociais, tampouco esse relato é um estímulo para que as conveniências sejam deliberadamente desconsideradas. Elas têm uma função efetiva na vida da sociedade. Sempre que é possível, procuro viver em harmonia com as linhas políticas e sociais. De acordo com Gandhi, a força da mudança que as pessoas podem gerar na sociedade nasce na impecabilidade do cidadão em sua vida diária.
No entanto, a vida não segue os limites de linhas e convenções. Ela tem dinâmica própria. E forçar limites à vida é impossível. Na verdade eu não conhecia as burocracias políticas. Soube dessas convenções quando já me encontrava completamente ilhada naquele lugar, após semanas de espera e viagem. A situação criou a si mesma. Eu era apenas a testemunha.
2 Como uma cereja em cima de tudo, uma expressão norte americana, em referência à cereja que era tradicionalmente colocada sobre os glamorosos sorvetes de “sundae”.

Aterrissei em Pucalpa.

Após longos dias de chuva e nevoeiro, o pequeno avião da prefeitura apareceu no Breu. Contei minha situação para os representantes. As autoridades locais haviam confeccionado uma carta oficial relatando minha entrada no país, documento necessário para transitar no avião municipal e regularizar meu passaporte na capital. No entanto, cruzar uma fronteira não oficial, como a do rio Juruá, seguia sendo uma ação ilegal. Pedi perdão e também permissão para viajar com eles. Eles explicaram que não era permitido. Mas eu tinha certeza que o avião me levaria. Permaneci quieta, aguardando. Enfim eles compreenderam que eu não tinha outra opção e, após um pouco de relutância, concederam em me levar à Pucalpa. Confesso que o que tocou-lhes foi a paciência de uma semana esperando naquelas terras isoladas, sem mesmo falar espanhol. Logo a amizade coloriu nosso voo.

Do alto eu havia avistado um rio incomensurável. Em meio à floresta, um braço de oceano espelhava o céu. O porto estava cheio de navios carregando troncos de árvores tão grandiosas, que um caminhão levava um tronco de cada vez. Senti um aperto no coração. Será que eram madeiras de terras indígenas? Pelo tamanho, certamente vinham de florestas primárias. Cada derrubada desenraizara inúmeras árvores vizinhas, abrindo amplas clareiras numa mata de virgindade secular. E ainda: transportar cada uma daquelas gigantes aos rios ou estradas era algo que arrastava outras incontáveis espécies ao chão. Um dia de derrubada poderia resultar em séculos de recuperação, dependendo de quais espécies primárias tenham sido retiradas.

Ashaninka, Yawanawá, seringueiro. Sois a voz audível desses seres silenciosos.

Gentilmente, o próprio piloto trocou comigo reais por soles. Com as notas peruanas, peguei um ônibus para Lima, a capital. O ônibus partiu das planícies amazônicas e subiu as cordilheiras andinas. O topo das montanhas habilidosamente esculpidos pelas intempéries. Após dois meses num mundo verde salpicado de cores vivas, as escarpas cinzas e nuas brilhavam sob o luar como um mundo inteiramente novo. Igualmente belo, singularmente misterioso.

O dia amanheceu com o ônibus descendo as encostas oceânicas dos Andes. Enfim, desci em Lima.

Todos os moradores eram adornados pelos traços indígenas. Cabelos lisos e negros. Pele cor de nativos. Olhos alongados e profundos. Tecidos coloridos e trançados típicos.

Após encontrar acomodação, saí em passeio pela cidade. Tudo era novo e tradicional. Fui atraída a um grande anfiteatro ao centro de uma linda praça. Uma multidão contemplava a série final de um festival

de danças nativas que reunira escolas de todo o Peru. Estudantes de cada região apresentavam uma dança típica da cultura local. Plantios, colheitas, rituais religiosos, casamentos. Cada lugar expressando sua singularidade.

Indígenas da Amazônia, povos flutuantes do Lago Titikaka, populações do deserto, montanheses de Cuzco, criadores de lhama. A diversidade cultural do Peru era apresentada na ampla variedade de vestimentas e coreografias. Dos adornos ao cenário, tudo fora esmeradamente elaborado. Uma grande harmonia permeava cada cena. Panos e fitas coloridas rodopiavam. Pernas saltavam pelo ar. Lhamas verdadeiras pastavam no palco, pombas brancas voavam aos céus.

O Peru abria seus braços em beleza integral.

Após resolver as burocracias políticas e financeiras, segui à costa sul.

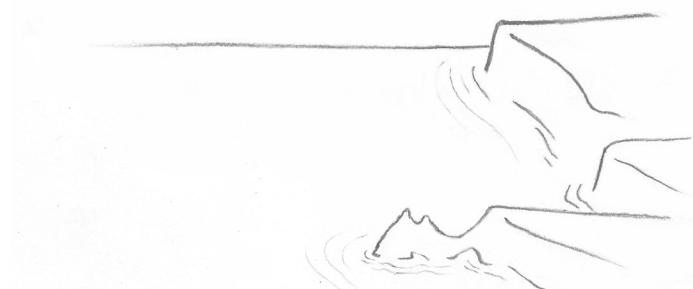
Deserto de Paracas.

Falésias costeiras do Pacífico Peruano.

Meu coração batia forte com os glimpses do mar azul. Eu não queria olhar pela janela do ônibus, saboreando o gosto doce e cítrico ao fim de uma longa estiagem, quando as nuvens se formam, anunciando o retorno das chuvas. Cinco meses de profunda saudade se dissolviam em calma. Aguardava-me, num encontro íntimo entre as dunas desérticas.

Somente céu, areia
e Oceano.

Caminhos Oceânicos o canto do Pacífico



“My head pillowled on waves--
I drift with the flow--
broad river,
deep sky.

They float, they sink,
like bubbles,
like wings.”

Thit Nhat Hanh ¹

[1] “Minha cabeça apoiada em ondas –
derivo com o fluir –
amplo rio,
céu profundo.
Flutuam, afundam,
como bolhas,
como asas.”

Filhos,

sua verdadeira natureza é como o céu, não as nuvens.

Sua natureza é como o oceano, não as ondas.

O céu é Pura Consciência,
e o oceano é Pura Consciência.

O céu simplesmente testemunha as nuvens.

O oceano simplesmente testemunha as ondas.

As nuvens não são o céu. As ondas não são o oceano. Nuvens e ondas vêm e vão.

O céu e o oceano permanecem como o substrato da existência das nuvens e oceanos.

Elas não têm nenhuma existência em si mesma.

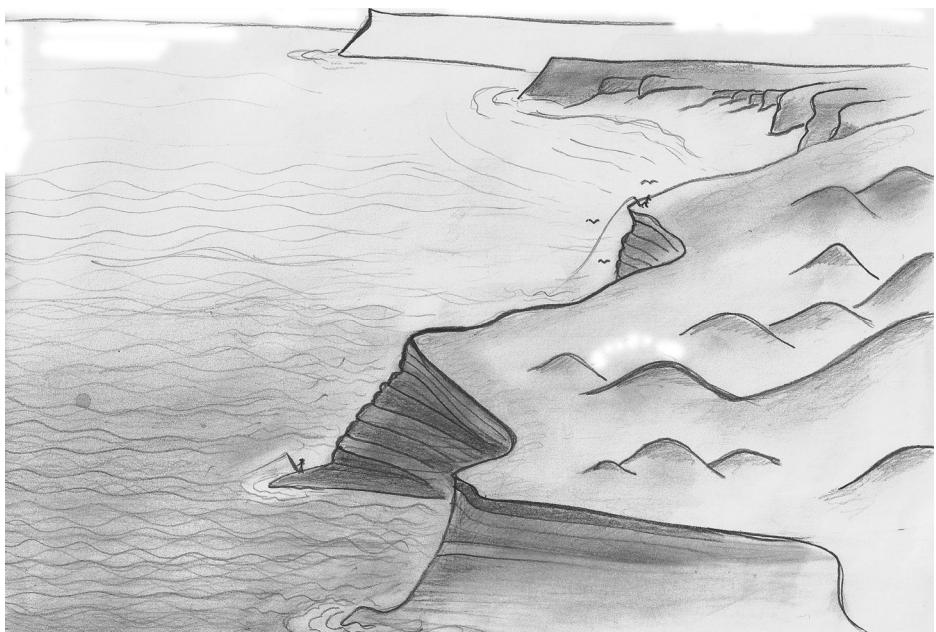
Elas são irreais e estão continuamente mudando.

Como o céu o e oceano, a testemunha é o substrato. Tudo acontece dentro do estado supremo de testemunhar, mas a testemunha permanece sem se envolver.

A testemunha simplesmente é –
pura e intocável.

“Aquela Pura Consciência,
que é eternamente consciente de tudo que acontece,
é a testemunha,
o Sakshi, de tudo.”

Amma ^[3]



Deserto Pacífico

Céu e oceano.
Esculpindo catedrais em santuários terrestres.

Longas eras de água mole sobre pedra dura. De vento leve sobre rocha. Mãozinhas tão translúcidas, acariciando a terra maciça. Escarpando imensas falésias. Criando túneis e grutas.

De onde vens vossa força, dedinhos delicados? Nuvens e onda, formas tão efêmeras. Sustentadas pela onipotência do tempo.

Ó Tempo Rei! Quem permanece imaculado perante vossa presença?

A suave Testemunha onisciente.

Erguendo as catedrais da mente,
dissolvendo-as eternamente.

“Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo
Transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
Pães de Açúcar
Corcovados
Fustigados pela chuva e pelo eterno vento
Água mole
Pedra dura
Tanto bate que não restará nem pensamento
(...)
Não se iludam
Não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinal-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei.”¹

¹Tempo Rei, canção de Gilberto Gil

Oceano Pacífico.

Tempo não esculpe túneis e pontes apenas em rocha.

Caminhos sertanejos, caminhos amazônicos, caminhos peregrinos.

Caminho é tempo que lapida fendas no coração, por onde os veios da vida penetram. As mãos enrugadas de Dona Maria. Os olhos espelhados de Seu Eduardo. Os desfiladeiros do morro do castelo. As águas cristalinas do Jalapão. Os risos peraltas de Kenchori. Túneis que jamais cicatrizam. As noites de chuva, os dias de espera. Canoa flutuando num rio sereno.

Pontes sem retorno.

Coração amaciado

O broto da vida rompia a casca da semente,
no extremo oposto do continente.

As águas de uma longa jornada lavaram embora algo que eu nem percebera, como o vento dissipava nuvens. As praias do Atlântico eram algo tão longe. A estrada se dissolvera por trás das costas. Meus pés peregrinos conheciam apenas um caminho.

A cada passo a maresia litorânea me envolvia. Tranquilidade decantava tudo em meu interior. Já não havia mais estranhamento. Sede e saciedade mesclavam-se na garganta. O Oceano era o néctar que o céu derramava na boca da alma.

Quedei-me calada, perante o mar ancestral.

Na beira de um abismo.

Águas infindáveis.

Os olhos mirando-Ti.

mera existência sacia.

Tu, yo –

nada hay.

Solo la presença.

Paracas. O encontro do oceano e o deserto. Onde os ventos semipaternos conduzem a dança das dunas migratórias nas elevadas terras interiores. As praias se vestem de cores diversas, vermelho, amarelo, branco e negro. E as ondas do estrondoso pacífico modelam coloridos arenitos em falésias abismais, adornando as margens das penínsulas e baías.

Como dizem alguns cientistas, o lugar é um 'livro aberto da história da Terra.' O planeta tem seus cantinhos secretos onde resguarda tesouros milenares. Todos os elementos trabalham juntos na preservação de rochas e fósseis, ou de organismos vivos. A água foi um elemento

central na criação e preservação do 'livro' Paracas. Especialmente por sua ausência. A parte continental da península é uma das regiões mais secas do Globo. Dizem que a chuva está em retiro há milhares de anos. Em confluência, uma das mais nuas, despida do manto orgânico que as chuvas alimentam. Caminho das águas por mar, céu e terra modelaram o deserto costeiro.

A corrente submarinha de Humbolt sobe pelo litoral sul americano trazendo as gélidas águas da Antártida, contendo-se em sua frieza até se abrir ao caloroso toque dos raios equatoriais.¹ Somente então suas águas evaporam, criando férteis nuvens que alimentam as florestas colombianas. No entanto, essas nuvens já não retornam mais às terras por onde varreram ainda na forma de uma gélida corrente marinha, que não se aventurava pelo céu. Em consequência, as costas peruanas e chilenas permanecem intocadas pelas chuvas do Vento Oeste. O Vento Leste, onde as nuvens do Atlântico e a evapotranspiração da Amazônia navegam, tampouco alcança a costa pacífica: a Cordilheira dos Andes se ergue intransponível. As correntes atmosféricas encontram suas escarpas elevadas e manobram em curvas elegantes, desaguando nas regiões ao sul do continente. Inatingível pelos ventos chuvosos, Paracas permanece em sólida aridez, colorindo a paisagem do longo litoral com as cores da solidão.

A costa inteira do Peru é naturalmente despida de verde. Mas a península onde as chuvas são feitas de areia se mantêm ainda mais intocável. Uma emergência de correntes submarinas profundas impregnam as águas da região com ainda mais gelidez. No continente, os veios fluviais também se desviam.

A Cordillera de La Costa é uma cadeia de montanhas baixas que nasce na costa norte do Peru, submerge nas águas marinhas por um longo trecho e re-aflora nas proximidades de Paracas, formando as elevações da península. As ilhas ao redor são membros dessas cadeias que mantiveram-se preservadas, enquanto as rochas circundantes tornaram-se areia. Quando os rios que descem das altas montanhas continentais encontram as serras da cordilheira costeira na altura de Ica e Nazca, eles se desviam, contornando a saliência ao pé das vertentes norte e sul. Adornando Paracas de Imaculidade.

Tesouros ancestrais descansam nas entranhas desse deserto, na forma de fósseis, múmias, tecidos, cerâmicas e outros artefatos das mais antigas culturas peruanas. Entre os habitantes locais que

1 "Nascendo perto da Antártica, (a corrente de Humbolt) é a corrente mais fria do mundo, com uma temperatura aproximadamente 7 ou 8 °C inferior à temperatura média do oceano na mesma latitude. A corrente de Humboldt acompanha as costas do Chile e do Peru, na América do Sul. Ricas em plâncton, suas águas atraem muitos peixes. (...) Suas águas têm características diferentes das águas oceânicas. Por terem outra temperatura, salinidade, coloração e densidade, elas não se misturam facilmente com as águas do mar por onde passam. A baixa temperatura impede a evaporação e deixa a umidade relativa do ar baixa, deixando a massa de ar local seca e ajudando a formar o clima seco do Deserto do Atacama." Wikipédia [2]

guarnecem as preciosidades da história da Terra estão algumas das rochas sedimentares mais antigas do continente sul americano. Em suas camadas pré-cambrianas os organismos vivos mais primitivos do planeta se preservam em microscópica visibilidade. Além dos fósseis de minúsculas algas que foram o grande passo evolutivo da época geológica na qual sua infância decorreu, proliferando-se pelos oceanos primordiais com grande rapidez.¹

Como o ventre de uma moça fértil se prepara para receber um embrião, a Terra se climatizava para a evolução da vida. Esses vegetais pioneiros liberaram o oxigênio na atmosfera, afinando-a para o desenvolvimento das gerações futuras. E seus descendentes tornaram-se os pioneiros dos continentes. Desde eras geológicas o destemor 'corre nas veias' da vida. Ou na seiva, pois os pioneiros da Terra foram vegetais, abrindo o caminho de nossos ancestrais anfíbios, igualmente aventureiros.

A história desses pioneiros continentais também está gravada nas linhas coloridas dos afloramentos escarpados de Paracas. As árvores ancestrais e outras plantas terrestres do carbonífero ainda vivem nos fósseis das rochas sedimentares que as ondas desnudaram, dia após dia mirando o mundo nas paredes escarpadas da Praia da Mina. Suas delicadas superfícies folheadas ornamentando as pedras.

Depois das camadas carboníferas a Terra seguiu depositando sedimentos. E evoluindo sua vida ao longo dos milhões de anos. As glaciações cruzavam as eras; as placas tectônicas deslizavam, soerguiam e afundavam; e os mares ensaiavam sua dança das marés geológicas. Ciclicamente elevando seu nível e penetrando continentes, para em seguida retrair-se novamente. Sobrepondo inúmeros lençóis ao fundo, cada um com sua cor singular. Formando as camadas coloridas das futuras rochas de Paracas.

Por vezes as águas do mar avançavam com tremenda energia, as ondas ferozes arrastando pesados grãos de areia e formando praias amarelas e laranjas, tingidas pelos ferros minerais. Quando o alvoroço das frentes marinhas já havia adentrado o continente, um ambiente sereno e profundo nascia. As águas lentas iniciavam então a disposição de delicados lençóis, tecidos com os finos sedimentos de fundos marinhos. E rendados com corpos orgânicos da fauna e flora que viviam à superfície, desprendendo-se no fim de seus breves ciclos, para descansar no leito profundo.

A Terra girava. Os mares bailavam. Novos grãos decantavam, entremeados pelos fósseis da vida que evoluía, como as aves pliocênicas de bicos alongados. Compondo as linhas coloridas de uma antiquíssimo livro. Com o passar do tempo os sedimentos afundavam e petrificavam, preservando os novos capítulos nas camadas profundas.

As placas seguiam seu movimento, dobrando a superfície da Terra;

¹ Veja as imagens da página 160.

erguendo a cordilheira da costa ao longo de todo litoral peruano; aflorando as rochas plutônicas, a 'granodiorita rosada,' cujos minérios tingiram as praias da península em variadas cores; e lentamente re-emergindo as rochas sedimentares da península. Em cujas bordas, céu e oceano lapidaram longas falésias. Imperiosas muralhas nascendo nas arrebentações marinhas e elevando-se do fundo abismal aos cumes aplainados. Suas cristas pétreas eternamente precipitando, como ondas no infinito Pacífico.

"Year's end,
all corners
of this floating world, swept."¹

As estrelas cobriam o céu no findar do primeiro dia em Paracas. Havia chegado ao meio dia e passei a tarde caminhando pelas praias mais próximas do vilarejo de pescadores. As mãos serenas da península começavam a me envolver.

Coração saciado.

Fora do abrigo, corria o uivo afiado do vento.²

Paracas. Em quéchua: 'chuva de areia.'³

Intocável pelas águas do céu e nuvens passageiras, as terras desnudas da península se expõem aos calorosos raios do sol, de cada nascente a cada poente. O ar borbulha sobre o mar de areias claras e se eleva continuamente. O vácuo se abre à tempestuosa força dos ventos, que penetram cada meandro do deserto.⁴

O mundo inteiro pode se ocultar quando os grãos de areia esvoaçam em tempestuosas danças. Ao repousarem sobre o tapete macio, a alvorada revela o novo passo da procissão de dunas. Imaculado, o deserto inteiro respira selvagem. Todas as pegadas lavadas pelo vento.

Foinessavirgindadedesertaquemeuspassos seguiram em peregrinação.

A aurora do dia seguinte corava a face suave das dunas. Caminhei pelas areias margeando o mar em direção ao sul. Uma estrada rústica partia do vilarejo de pescador e cruzava o deserto por dentro do continente, entrando ao litoral apenas na altura do monumento mais visitado, La Catedral. Em geral os visitantes percorriam essa rota em automóveis turísticos, como mais um ponto incluído em um roteiro de atrativos geograficamente distantes. As altas dunas ocultavam a

¹ "Fim do ano, todos os cantos, desse mundo flutuante, varridos." Matsuo Basho, [29]

² Sobre pedras costeiras afastadas do pequeno vilarejo de pescadores havia uma cabana onde alguns nativos passavam os dias cuidando dos barcos coloridos descansando em calmarias. De noite todos partiam à casa de suas famílias. Eles ofereceram o lugar para que eu pousasse protegida dos ferozes ventos noturnos que inundam a região.

³ As antigas populações quéchua nomearam esse lugar de Paracas que significa 'chuva de areia.'

⁴ Como as áridas superfícies de Marte, não há erosão fluvial em Paracas. Apenas vestígios de ações fluviais que ocorreram há milhões de anos. As forças modeladoras provém quase exclusivamente do vento.

passagem dos carros e o vento dissipava seu ruído. Isso temperava a caminhada pela costa com a solidade integral do deserto.¹

Cruzando por dentro de um pequeno meandro da península, meus pés iniciaram o dia pelo interior do deserto. Silêncio reinava onipotente. Apenas o canto suave da Terra ancestral flutuava pelo vácuo. Grandiosas dunas de areias se expandiam por toda a circunferência do horizonte. A superfície lisa e dourada dos montes de areia resplandecia estonteante quietude. As cristas sinuosas esculpidas pelo vento se erguiam da base ao cume formando linhas perfeitas. Os picos elevados sustentavam a abóboda profundamente ciano.

Os veios rugosos do vento cobriam o chão com um minucioso labirinto. Cada pedra era posta em precisa posição.

Lentamente, o deserto se infiltrava pelos poros abertos.

O azul do pacífico espiou novamente por entre o mar de dunas. A costa se aproximava. E logo me encontrei orlando as águas pelo topo das imensas falésias. As terras formavam uma saliência apontando ao firmamento marinho. Precipitando sobre o abismo. Ao fundo, a arrebentação solapava o penhasco rochoso, criando tremores que vibravam até o topo da pedra.

Ao redor, o deserto respirava árida pureza. Na longínqua ponta de uma península um pescador solitário tecia a vida ancestral dos povos de Paracas. Mais cedo ele havia contemplado a travessia diária dos golfinhos, em seu contorno à península desértica.

Um Leão marinho eremita brincava com as ondas. Pelicanos meditavam na beira do precipício e gaivotas brancas pairavam no céu transparente.

À frente, a emudecedora amplitude do oceano.

“Entregar-se não é fácil. É preciso destemor. É como pular para dentro de um rio caudaloso.”

“Uma vez que mergulhas para dentro do rio, a correnteza irá inevitavelmente levar-te ao Oceano . . .”

Tens a liberdade de escolha. Podes permanecer na margem, ou mergulhar para dentro do rio. Mas uma vez que deres o salto, não tens mais escolha, você irá perder sua individualidade, terás de abrir mão do ego. Neste momento você desaparece e se encontra flutuando em Pura Consciência.

Amma ^[4]

¹ Paracas é uma Reserva Nacional, uma unidade de Conservação do Peru. La Catedral era um monumento geológico considerado um Patrimônio da Humanidade antes de ser decomposto pelo terremoto de 2007. O lugar é também a primeira Reserva Marinha do Peru. A Carreteira Pan-Americana que acompanha todo litoral peruviano se afasta da costa nas proximidades da Reserva

A orla de Paracas é modelada em sinuosas reentrâncias formando diversas baías, envolvidas pelos longos braços do continente. A península não resguarda apenas a intimidade do deserto com o oceano, ela é um refúgio planetário onde a aridez aguda encontra com a imensa teia da vida.

A Corrente do Peru nasce entre as geleiras do polo sul e sobe o pacífico em direção ao Equador flanqueando toda a costa sul americana. Ela é conhecida como a corrente marinha mais fria e mais rica do mundo, morada de uma enorme biodiversidade. Quando ela varre seu véu pela península de Paracas o fluxo submarino ascende, levando à superfície os nutrientes acumulados no fundo. Em riqueza ampliada, as águas afloram nas rasas baías protegidas pelas fortalezas rochosas e aquecidas pelos raios solares. Plânctons e algas proliferam em alta abundância nessa maternidade oceânica – os primeiros organismos de uma longa cadeia.¹

Os plânctons e algas alimentam peixes, crustáceos e moluscos que convivem nas águas protegidas formando enormes cardumes e colônias. Um paraíso marinho para a fauna carnívora. Essa pequena península é o santuário sagrado de mamíferos aquáticos e aves de distantes regiões do planeta, que congregam em Paracas na época das travessias sazonais de cada espécie. Para alguns cientistas, esse é o mar mais rico do mundo. Um elo precioso na teia da vida global.

Há quem faz desse lugar uma morada permanente, como lagartos, tartarugas, Pinguins de Humbolt e o Chingungo, o gato marinho já quase desaparecido. As grutas e praias rochosas mais isoladas são alguns de seus últimos refúgios.

Durante o verão, milhões de 'lobos marinhos' eremitas confluem ao santuário, para a cerimônia anual das novas gerações. Grandes multidões desse mamífero se reúnem nas praias cantando e bailando alegremente.

Aves nativas de diversos lugares da Terra, como o Círculo Polar Ártico, Alaska, México, Caribe e Ilhas Galápagos, peregrinam anualmente a Paracas. Numa travessia hemisférica, as aves voam em amplas procissões pelas altas esferas. Côndores dos glaciares, flamencos dos salares andinos, águias e inúmeras migrantes sazonais se entremeiam com os albatrozes, gaivotas brancas e outras aves nativas. Em sua abertura incondicional, a Natureza acolhe a todos que buscam um breve repouso, um lar sazonal ou morada contínua naquela maternidade planetária.²

1 Plânctons: "Em biologia marinha ... chama-se cretáceos ao conjunto dos organismos que têm pouco poder de locomoção e vivem livremente na coluna de água, sendo muitas vezes arrastados pelas correntes oceânicas. O plâncton encontra-se na base da cadeia alimentar dos ecossistemas aquáticos, uma vez que serve de alimentação a organismos maiores." Wikipédia [2]

2 "Devido a sua importância como lugar de descanso e alimentação para espécies migratórias,

Paracas reúne aves do mundo inteiro, servindo incansável quem busca refúgio. Em gesto de gratidão, as aves lhe doam suas riquezas, guano, que a península serve às terras agrícolas de todas as direções.¹

Acredita-se que há milênios que os povos peruanos migram sazonalmente às 'ilhas chichas' onde dezenas de metros de guano se acumulam como pedras extremamente fertilizantes, para alimentar solos, plantas e gerações humanas.

Ao fim da estação as aves migratórias se elevam graciosas, voando em liberdade pelo imenso céu aberto.

"Coming, going, the waterbirds
don't leave a trace
don't follow a path."²

Caminhos sertanejos, caminhos amazônicos.
Caminhos desérticos mergulhando em abismos do Pacífico.

Caminhos peregrinos. Às vezes a vida se apresenta na mais aguda realidade, abrindo fendas no coração.

Encontramo-nos à beira de um abismo.

Falésias, dunas e praias.
Os pés seguiam caminho.
Quedavam paradas. Mirada pairando sobre os precipícios.
Azul. O mar se elevando ao manto celeste, desaparecendo em nada.
Penetrando por entre as fendas profundas, abertas em selva e Chapada.

Vazio à frente, vazio aos fundos. Vazio que tudo permeia.
Vazio interior. Evaporando em grãos de areia.
Eternas dunas douradas, dançando a transformação.

em 1991 (Paracas) foi elevada a categoria de Reserva Regional da Rede Hemisférica para Aves Praieiras (atualmente o programa de 'Wetlands for the Américas')." Wikipédia [2]

1 "Guano é o nome dado às fezes das aves e morcegos quando estas se acumulam. Pode ser usado como um excelente fertilizante devido aos seus altos níveis de nitrogênio. O solo que é deficiente em matéria orgânica pode tornar-se mais produtivo com a adição de fezes. (...) O guano é coletado em várias ilhas do Oceano Pacífico (principalmente nas do Peru) e em outros oceanos. Estas ilhas tem sido o habitat de colônias de aves marinhas por séculos, acumulando vários metros deste material. O guano das ilhas peruanas foi exportado durante o século XIX e princípios do século XX, e foi o seu grande produto de exportação. Continua existindo uma grande demanda por guano peruano, por este ser um fertilizante natural." Wikipédia [2] No século XIX as 'ilhas chichas' de Paracas foram o centro de uma intensa comercialização e exportação de guano para diversos países do mundo.

2 "Vindo, indo, a ave migratória, não deixa traço, e segue sem trilha." Poema de Eihei Dogen. Mestre Dogen levou Zen da China ao Japão no século XIII. [4]

Mareias Ó ondas do mar,
pousando em profundo Oceano.
Ó céu ensolarado,
azul passarela do tempo, correndo em vento cigano.

Caminhando ou repousando, quem era que se movia?
O tempo parado na travessia, as pernas voando suave.
Diferenciação decantara nas areias cálidas.
Nuvens dissipando, areias ao vento.
Deserto peregrinava em si mesmo.
As ondas do mar bailando no firmamento,
Oceano brincando de criança,
tocando o manto do Céu.

Primaveril, mirei
meus próprios olhos
reluzindo Onipresença

Deserto, Céu, Oceano
Infinito permeava inteiro.

"The bamboo shadows are sweeping the stairs,
But no dust is stirred:
The moonlight penetrates deep in the bottom of the pool,
But no trace is left in the water."¹

Paracas orlava as águas em caminhos sinuosos, onde diversas penínsulas se estendiam para dentro do mar com suas falésias destemidas, compondo os mirantes do infinito. Entre elas, as águas que quebravam ferozes nos precipícios de arenito descansavam na calmaria das pequenas enseadas. Onde as dunas se desenrolavam em praias planas, guarnecidas em todos os lados pelo continente soerguido. Oculta entre os longos braços escarpados que delineavam seus limites laterais.

¹ "As sombras de bambu estão varrendo as escadas, Mas nenhuma poeira é agitada: O luar penetra profundamente no fundo do poço, Mas nenhum traço é deixado na água." poema Zen de autoria desconhecida [5]

As curvas das reentrâncias marinhas eram tão amplas e desertas quanto os precipícios peninsulares. Areias virgens, habitadas apenas por gaivotas. E pela vida marinha das águas espumadas. Azul cristalino, do Pacífico ondulando suave e sereno, se unindo ao canto dos ventos.

As pegadas ausentes me guiaram à uma dessas praias. Filhas do vento, as gaivotas voavam tão leves e elegantes quanto suas penas brancas. Seu pai travava um duelo com o sol, criando uma mescla de raios calorosos e rajadas gélidas, ambos acariciando a pele arenosa do chão.

A aridez dos longos meses de estiagem se dissolveu como as bolhas efêmeras das ondas, se dissipando lenta e instantânea.

Ó saudades! Eras tão insuportável, mas agora para onde fostes.
Teu amor está à tua frente. Lhe aguardando. A um passo da união.
Ó pressa! Ó ansiedade! Onde vós vos escondeis agora,
estando aos pés de vosso amado?

“Na terra em que o mar não bate
Não bate o meu coração
O mar onde o céu flutua
Onde morre o Sol e a Lua
E acaba o caminho do chão

Nasci numa onda verde
Na espuma me batizei
Vim trazido numa rede
Na areia me enterrarei
Ou então nasci na palma
Palha da palma no chão
Tenho a alma de água clara
Meu braço espalhado em praia
E o mar na palma da mão

No cais, na beira do cais
Senti meu primeiro amor
E num cais que era só cais
Somente mar ao redor.”¹

Vagarosamente, caminhei à beira das águas.
Cada passo permeava eternidade.
Quedei-me parada de frente ao Oceano.
Meus dedos já quase a lhe tocarem.
Uma onda deslizou pelas areias, envolvendo meus pés, puxando, atraindo. Naturalmente, fluímos um ao outro. Bailando ritmicamente,

¹ Beira-mar, canção de Gilberto Gil e Caetano Veloso

as águas me engoliram. Submergi. Já não sentia mais o gelo intoxicante do Pacífico. Ele me embriagara por inteira. Era como o nosso primeiro encontro. E o derradeiro.

Nas profundezas da alma, sabia que nunca havia estado distante. Que jamais me separaria. Mas também, sabia que nunca mais estaria junto ao Mar.

Levei um punhado do néctar aos lábios. O Pacífico me infiltrou, eu lhe infiltrei, dissolvendo em suas águas transparentes. Oceano pulsava em meu sangue. Cada poro de meu corpo tornou-se Oceano.

"E quando ele em tudo me vê, e em mim vê tudo,
Então eu nunca lhe deixo e ele nunca deixa a mim.
E ele, que nessa unicidade de amor
Ama a mim em tudo que ele vê,
Onde quer que esse homem possa viver,
Em verdade, ele vive em mim."

Bhagavad Gita, VI:30-31 ^[6]

Caminho seguia em frente. A areia macia afagava os pés descalços. Imóveis, pequenos lagartos se camuflavam com espontânea graciosidade, quase imperceptíveis à vista destreinada. E aqueles incontáveis grãos de areia, mirando meus olhos nus.

Ó grãos de areia! Há quantos milênios escutas o canto dos ventos?
A quantas eras ecoa a trovoada das ondas?

Em cada pedregulho do deserto,
sombras seguem sua dança diária
Ó Tempo! Vós, no entanto, vos congelastes
Lhe vejo agora! Tão claro quanto a luz do sol
Que sustenta vossa transição
por este breve planeta chamado Terra
Cada passo reflete a procissão de todos os planetas
Cada batida do coração
ecoa a gira do cosmos inteiro
Cada respiração,
Oscila no pulmão de todos os seres.

De onde vim? Nem mesmo lembro...
Aqui no deserto nasci, criei e cresci
Isso é minha vida. O deserto e o Oceano Pacífico
Aqui morrerei, sem jamais conhecer outro lugar
Pois sou o próprio vento
Sou a areia e seu calor
Sou as ondas do mar. Sou infinito.
As lágrimas que escorrem pelo rosto
são as águas salgadas que mareiam ao fundo
os olhos de onde derramam,
são as janelas desse imenso céu azul

Onde eu ando eu?
Onde andais em mim?
Onde está meu confim?
É que quem samba comigo é o luar
e brincam com os pés bailantes, as ondas do mar.
Será sonho? Realidade? Onde é que vou parar?

Estrelas do céu,
em meus olhos, vosso brilho me guia.
Cante a poesia
que faz o coração bater.
De tua luz, vem a alegria
pois vosso mistério é minha morada

Os pés peregrinaram pela costa sinuosa, suspensa entre oceano, céu e dunas, quando, ainda distante, um sorriso sereno saudou-a: La Catedral del Pacífico.

Por milhares de anos o tempo deslizou seus dedos ventosos e mãos ondulares por toda a orla de Paracas. Alisando cada grão de areia. Esmerando a morada do infinito. Culminando seu primor na extremidade de uma longa península, que caminhou para dentro das águas com coração flamejante. O baile feroz das ondas esculpiu-lhe em uma bela torre de rocha. Ilhada. Imóvel perante o mar que erodiu-lhe por todos os lados, deixando apenas uma passarela suspensa. A ponte sobre a qual pequeninos lagartos caminhavam ao oratório.

La Catedral.

Ó Templo de Céu, Mar e Terra. Vossa face serena simboliza o Infinito. Mas quando lanças vossas risadas trovejantes, sois símbolo da impermanência.

Imensa Catedral de Rocha, o próprio Oratório do Oceano – dissolvida em grãos de areia.

A Terra não cessa seu giro, as placas seguem dançando – fazendo o chão estremecer, com a submergência da crosta oceânica e o contínuo soerguimento dos Andes. Em 2007, o ano que procedeu meu beato encontro com aquele santuário singular, tremores tectônicos transformaram La Catedral em ‘ruínas’ geológicas.¹

As forças da natureza são uma navalha de dois gumes. Um fio cria. O outro preserva. A ponta afiada transforma. Uníssonas, as energias giram inseparáveis. Faces diversas de uma única vida.

“To what shall
I liken the world?
Moonlight, reflected
In dewdrops,
Shaken from a crane’s bill.”²

Tão bela quanto cada falésia, La Catedral não deixava de ser joia rara, singular nesse imenso planeta. Havia um mirante de onde alguns visitantes contemplavam o monumento natural e capturavam suas impressões em películas fotográficas. Mirei naquela direção, mas o vento empurrou meus pés adiante.

Uma vasta praia se estendia por trás daquela pequena península. Bandos de gaivotas repousavam nas areias quentes. Desci à margem marinha e caminhei em direção aos paredões de arenito que culminavam na ponte esculpida. Havia um pequeno túnel camuflado aos pés da grandiosa falésia. Infiltrei pela entrada de fundo. O interior da rocha abrigava uma ampla gruta, oculta sob a passarela do monumento. Camuflada pela luz sombria. Seu portal alongado se abria de frente à Catedral.

Na torre de rocha adornada pela luz do sol, pelicanos e outras aves praieiras permaneciam imóveis, suspensas nas reentrâncias do arenito. Um pescador solitário fazia-lhes companhia. Como chegara àquelas escarpas ilhadas por águas turbulentas? Pela finíssima passarela rochosa? Voando pelas asas de uma gaivota? Aquele era seu lar. Conhecia cada movimento da maré. Cada caminho secreto.

Aimensaesferavaziaeraocoraçãodarochaporosa.Eraoabrigodegatos marinhos.Oventredasescarpas sedimentares.Moradadavozdosmares.

As águas bailavam ferozes ao redor da torre, arrebatando sobre os blocos de rocha, saltando em erupções, transformando-se em

1 O terremoto que ocorreu no Peru em 2007 derrubou a ponte rochosa na ponta da falésia.

2 “A que devo, assemelhar o mundo? Luar refletido em gotas de orvalho, Sacudido do bico de uma garça.” Poema ‘Impermanência’ do Mestre Zen Eihei Dogen [7] (versão inglesa de: The Zen Poetry of Dōgen : Verses from the Mountain of Eternal Peace (1997) by Steven Heine)

incontáveis bolhas flutuantes. Balançando serena, ninando as algas marinhas em seu doce vai e vem.

Irrompendo de súbito ao interior do grande salão pétreo, as ondas explodiam nas paredes e na pequena praia pedregosa. Lançando espuma pelos ares. Lentamente evaporando, como fumaça fundindo-se ao vácuo. Derramando-se sobre as superfícies alisadas, escorrendo pelos mariscos e musgos verdes. Em gesto re-emergente, as águas penetravam por entre as fendas dos blocos, transbordando em delicada espumagem, espalhando brancura.

Cobrindo o chão inteiro de Paz.

Dissolvendo-se em nada.

Amplo e vazio –

interior permanecia inabalável.

"All sound arises out of Silence
and dissolves into Silence.
All thought arises out of Silence
and dissolves into Silence.
The universe arises out of Silence
and dissolves into Silence.
Suffering arises out of Silence
and dissolves into Silence.
The unbounded spaciousness of Silence,
filled with the clear light of Awareness,
dissolves the roots of pain and sorrow.
Take refuge in Silence and know
unshakable joy."¹

A cada rebento, as ondas vibravam pelas paredes e blocos rochosos. Por cada grão de areia. A gruta inteira tremia. Ecoando as trovoadas marinhas.

O vazio era o ventre do mundo,
eternamente reverberando o canto dos Oceanos.

O som primordial do cosmos.

A voz do silêncio.

Penetrando cada poro que o caminho esvaziara
permeando onipresente.

Despertando imensidão.

Om

¹ "Todo som surge do Silêncio, e dissolve-se em silêncio. Todo pensamento surge do Silêncio, e dissolve-se em silêncio. O universo surge do Silêncio, e dissolve-se em silêncio. O sofrimento surge do Silêncio, e dissolve-se em silêncio. A ilimitada espaciosidade do Silêncio, preenchida com a clara luz da consciência, dissolve as raízes da dor e da tristeza. Refugia-se no silêncio e conheça alegria inabalável." Kalidas, poeta e santo Hindu, Índia século X [8]

“Rebento, substantivo abstrato
O ato, a criação, o seu momento
Como uma estrela nova e o seu barato
Que só Deus sabe lá no firmamento

Rebento, tudo que nasce é rebento
Tudo que brota, que vinga, que medra
Rebento raro como flor na pedra
Rebento farto como trigo ao vento

Outras vezes rebento simplesmente
No presente do indicativo
Como a corrente de um cão furioso
Como as mãos de um lavrador ativo

Às vezes mesmo perigosamente
Como acidente em forno radioativo
Às vezes, só porque fico nervoso
Às vezes, somente porque eu estou vivo

Rebento, a reação imediata
A cada sensação de abatimento
Rebento, o coração dizendo: “Bata”
A cada bofetão do sofrimento
Rebento, esse trovão dentro da mata
E a imensidão do som
E a imensidão do som

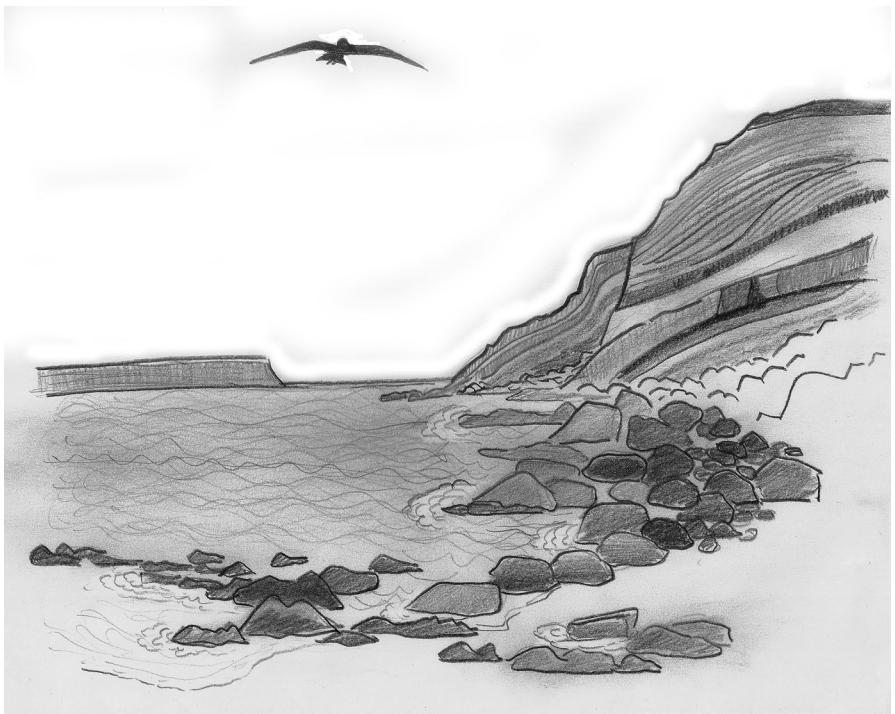
E a imensidão do som desse momento”¹

¹ Rebento, canção de Gilberto Gil

“When you set out to look for the Way
At once it changes to something
That is to be sought in your self.
When sight becomes no-sight,
“You come to possess the jewel,
But you have not yet fully penetrated into it.
Suddenly one day everything is empty like space
That has no inside or outside, no bottom or top,
And you are aware of one principle
Pervading all the ten thousand things.
You know then that your heart
Is so vast that it can never be measured.”¹

Daikaku

1 “Quando você parte para procurar o Caminho, Subitamente ele se muda em algo, Que deve ser buscado em seu ser, Quando a visão torna-se da falta de visão, “Você chega a possuir a joia, Mas você ainda não penetrou nela totalmente. De repente, um dia tudo está vazio como o espaço, Que não tem dentro ou fora, nenhum inferior ou superior, E você está ciente de um princípio, Permeando todas as dez mil coisas. Você sabe então que o seu coração, É tão vasto que ele jamais poderá ser medido.” Daikaku, monge chinês Chán, século XIII [9]



Antes de seguir aos Andes tive a oportunidade de fazer uma viagem de barco que navegava ao redor de algumas ilhas e quedava alguns minutos no meio do mar, diante da península desértica. Um gigantesco tridente com cruzes nas três pontas estava desenhado em sua face frontal. El Candelabro. Obras milenares de nossas culturas ancestrais. Avistado à muitos quilômetros mar adentro, o antiquíssimo símbolo aponta para as linhas de Nazca.¹

Local de imensa inspiração e riqueza, a península de Paracas foi morada de um povo ancestral, que herdou seu nome. Essa civilização que se desenvolveu nos séculos que precederam o nascimento de Cristo, habitava cavernas escavadas entre as dunas arenosas. Sua arte têxtil e cerâmica elaboradamente cobertas de iconografias, suas cirurgias cerebrais, suas múmias perfeitamente preservadas e o grandioso Candelabro tornaram-se preciosas heranças da humanidade. A cultura de Paracas deu nascimento à de Nazca, construtores das lendárias linhas e geoglifos do deserto peruano.²

Despedindo-me do Pacífico, peguei um ônibus que percorria a carreteira trans-americana, cruzando os desertos ao litoral e seguindo em direção à Arequipa, uma cidade aos pés da cordilheira Andina. Viajava completamente absorvida em um livro sobre Zen Budismo que havia comprado em uma banca de Lima, parcialmente pelo interesse em aprimorar o vocabulário espanhol através da leitura. Subitamente, as mãos cerraram o livro. Quedei contemplativa. Uma chama ascendeu em meu coração, lentamente se expandindo, aquecendo o coração inteiro. Olhei pela janela do ônibus, cruzávamos um amplo deserto. Uma placa nomeou-lhe: Nazca.

Montanhas se erguiam ao fundo. Toda a região se inundava pelas soberanas linhas de Nazca. Invisíveis aos olhos na superfície terrestre, desveladas pelos astros do céu. Imensos geoglifos, veios na Terra, esculpidos pela inocência e devoção de nossos ancestrais sul americanos.³

1 "O candelabro ... é um geoglypho (canal ou linhas gravadas em rocha) que possui uma extensão de 120 m, ao que também se denomina Três Cruzes ou Tridente. O Candelabro é gravado em rocha de cor creme, mas é em grande parte tapado por areia. A areia nunca chega a borrar completamente o candelabro, devido aos ventos que sempre estão retirando o excesso de areia dos canais." Wikipédia [2]

2 Paracas foi uma importante civilização sul americana que se desenvolveu em Paracas, e outras regiões da costa peruana e de alguns vales andinos, entre os séculos 700 a.c. e 200 d.c, de acordo com historiadores. "A cultura de Paracas é a antecessora da cultura Nazca com a qual tem uma evidente afinidade cultural; de fato, para muitos especialistas, a fase final de Paracas é em realidade a fase inicial da cultura Nazca. (...) Os Paracas praticavam uma produção têxtil de alta qualidade, em lã e algodão, assim como cerâmicas decoradas e uma cestaria muito elaborada. Também realizavam trepanação craneana." Wikipédia [2] Arqueólogos tem estudado essa cultura a partir de tumbas e habitações subterrâneas. Diversas múmias foram encontradas em estados de conservação perfeito, devido ao clima desértico da região. Práticas de trepanação craneana foi observada em diversas cabeças humanas.

3 Nazca é uma cultura arqueológica do antigo Peru que se desenvolveu nos desertos costeiros acima de Paracas, por volta do século I, perdurando até o século VII, de acordo com historiadores. Os estudiosos também consideram que o contato do povo Nazca com as zonas altas de Ayacucho, nos Andes, foi de especial importância na formação posterior da cultura Huarí, que teve ampla expansão pelas regiões andinas. "As Linhas de Nazca são um conjunto de geoglifos antigos

Los Andes

"O Caminho (Tao) flui em marés,
Criando e destruindo
Implementando o mundo inteiro
Atendendo aos mínimos detalhes
Reivindicando nada em retorno.
Ele nutre todas as coisas,
Apesar de não as controlar.
Não possui intenções
Parece pois, inconsequente.
É a substância de todas as coisas
Apesar de não as controlar.
Não tem nenhuma exceção
Parece pois, toda – importante.
O sábio não controlaria o mundo
Ele vive em harmonia com o mundo."

"O Caminho (Tao) suporta todas as coisas.
Harmonia as nutre
Natureza as molda
Uso as completa.
Cada um segue o caminho e honra harmonia,
Não por lei,
Mas por ser.
O Caminho (Tao) suporta, nutre, modela, completa
Abriga, conforta, e faz lares para eles.
Suportando sem possuir.
Nutrindo sem domar
Modelando sem forçar.
Isso é harmonia."

Tao Te Ching ^[10]

O Amor flui em marés, criando e destruindo.
Ele nutre todas as coisas, reivindicando nada em retorno.
Amor modela sem forçar. Em sua mera existência,
estrelas permeiam o céu. Na Terra, o Círculo de Fogo.

localizada no deserto de Nazca, no sul do Peru. (...) Embora alguns geoglifos locais lembrem a cultura de Paracas, estudiosos acreditam que as Linhas de Nazca foram criados pela civilização de Nazca entre 400 e 650 d.C. As centenas de figuras individuais variam em complexidade, a partir de simples linhas até beija-flores estilizados, aranhas, macacos, peixes, tubarões ou orcas, lhamas e lagartos. As linhas são desenhos rasos feitos no chão, removendo as pedras avermelhadas omnipresentes na região e descobrindo o chão esbranquiçadas por baixo. (...) Os maiores têm mais de 200 metros de diâmetro. (...) Devido ao clima seco, sem vento e estável, de planalto e ao seu isolamento, a maior parte das linhas foram preservadas." Wikipédia [2]

O Universo é um grande mistério. É a vida conhecendo a si mesma, como os raios de sol flutuando sobre um lago, mirando a esfera dourada numa distante abóboda celeste. E fazem seu lar entre os grãos de areia, tão redondos e polidos como o sol. De noite, nascem as estrelas, com seus raios viajando milhares de anos luz, como as grandes navegações cruzaram léguas e léguas em busca de desconhecidos continentes.

E quando chegaram na terra nova, encontraram nada além de si mesmos. Pois a verdadeira riqueza, escondida nas entradas imateriais de uma imensa natureza e magnífica civilização, seus olhos unidirecionais não puderam enxergar. Os deuses de ouro foram tudo que puderam tocar. Ainda assim se banharam nos raios dourados de um Sol que nutre todas as coisas. Que modela planetas, oceanos e montanhas.

Ó Sol!

Em seu mero existir,
a rosa vermelha da janela desabrocha.
Respira pelas pétalas brancas da nova orquídea,
Orlando de luz suas bordas violetas,
tocando coração,
preenchendo corpo de vida.

Que sois vós que circulais em meu corpo no nome de 'vida'?
Circula no interior da Terra, guiando seu leite dourado
pelo Anel de Fogo? Aliança entre mundos.

No interior de nossos frágeis corpos, o calor mantém a vida circulando. No ventre de Gaya, o fogo revolve como sangue. Irrompe pelos túneis subcutâneos, transbordando pelos poros vulcânicos e nutrindo a litosfera, o barro do chão de onde brota a biosfera.¹

Em nossa aventura coletiva para desvendar os mistérios da existência, admiramo-nos em observar os céus intergaláticos, ou mergulhar no interior de nossa amada Terra. Criando teorias e histórias científicas. Sofisticados por seus intrigantes detalhes, cintilando com vislumbres da Verdade.

A Terra se criou pela fusão de incontáveis blocos de matéria estelar condensada girando ao redor do sol, aglomerando-se pelas forças de união que regem o universo. A energia desses impactos astronômicos e a radioatividade de alguns elementos geraram um calor tão grande que um oceano de lava cobriu o jovem planeta. Dessa rocha líquida, o

¹A superfície da esfera terrestre (o geóide em revolução) é envolvida pela litosfera (do grego, lithos: pedra – a esfera de rochas e solos), a atmosfera (esfera de ar, vapor), a hidrosfera (esfera de água) e a biosfera (esfera de vida), que interagem e se entrelaçam compondo um imenso mosaico em contínua transformação.

material denso e pesado afundou formando o núcleo de fogo pastoso, enquanto blocos menos densos flutuaram à superfície, formando a crosta terrestre.

Essa mesma força unificadora que formou a Terra, aglomerou blocos de rocha que navegavam pela superfície do planeta. Quando os continentes se uniram para formar o supercontinente Rodínia,¹ diversas ilhas vulcânicas e micro-continentes se amalgamaram ao cráton amazônico, formando uma sinuosa faixa continental que é hoje a costa pacífica da América do Sul. Após longas eras, essa faixa continental se desenvolveu numa imensa cordilheira, uma serpente cruzando toda a longitude do Hemisfério Sul. Acima do equador, a língua da serpente sussurrando ao caribe. No outro extremo, seu rabinho aventurando pelas terras polares da Antártica.

A criação de la Cordillera de los Andes, mais um mergulho de auto-investigação. Na eterna descoberta de nossa imensa existência.

A crosta terrestre é formada por imensas placas tectônicas que se modelam como um mosaico esférico em eterna metamorfose. Elas flutuam sobre uma camada interna conhecida como manto, composto por rochas maleáveis.² O intenso calor no núcleo da Terra cria círculos de convecção no manto, por onde a matéria quente ascende e descende com grande pressão, movendo as placas e jorrando rocha líquida pelas costuras.

Os assoalhos dos oceanos (crosta oceânica) estão constantemente sendo recriados, expandindo pelo magma que transborda nas cadeias mesoceânicas;³ e se reciclando ao penetrar por debaixo das placas continentais e fundir-se nas camadas maleáveis do manto. Nessa maré ininterrupta de morte e renascimento, onde o magma solidifica – nutrindo os solos, modelando ilhas vulcânicas e cordilheiras, dissolvendo oceanos – a vida pulsa sempiterna. Existindo pelas ondas da impermanência.

Harmonia. É o caminho da Terra.

Nas linhas onde as margens de duas placas se tocam, em suas brincadeiras de convergência, divergência e transcorrência, erupções magmáticas e terremotos se manifestam em abundância. Esses veios de magma que criam e destroem em marés de transformação, são a ligação entre o interior da Terra e a imensa vida que envolve e penetra a

1 Veja as imagens da página 160.

2 "A litosfera move-se sobre porções do manto mais liquefeito, afunda e é arrastada para a astenosfera." Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan, 2006 [11]

3 "Dorsal oceânica (também chamada dorsal submarina ou dorsal meso-oceânica ou crista média oceânica) é o nome dado a grandes cadeias de montanhas submersas no oceano, que se originam do afastamento das placas tectônicas. O surgimento das placas e seu consequente afastamento são devidos às correntes convectivas de magma divergentes no manto, que dão origem a ríftes. As dorsais submarinas dos oceanos estão conectadas, formando a maior cadeia de montanhas do mundo, com cerca de 65 000 km de extensão. Esta cadeia montanhosa seria vista do espaço, não fossem os oceanos." Wikipédia [2]

pele do planeta. Há um cinturão que brota pela orla do Oceano Pacífico, onde se concentra a maioria dos vulcões na Terra.

Anel de Fogo do Pacífico.

Uma aliança rubi que adorna o Globo
matrimônio entre as múltiplas esferas.¹

El Anillo de Fuego sobe da Antártida à este da Oceania, contornando a costa asiática, margeando o Alasca, descendo pela costa oeste-americana e completando seu círculo ao sul onde a tríplice fronteira² de placas tectônicas formou a Patagônia. O extremo austral da América Latina, em cujo bico elegante se incrusta o rubi do Anel planetário, la Tierra del Fuego.³

Essa é a ponta del Cinturón Volcánico de los Andes, uma curva do Anel de Fogo do Pacífico. Pela longa Cordillera de los Andes, el Cinturón criva pedras preciosas vivas. Vulcões que ocasionalmente despertam, suas gemas cintilando à luz do fogo interior, derramando suas bençãos em forma de rocha líquida. Descansando silenciosos por longas eras.

Mas nas entranhas da Terra, o sangue segue revolvendo. Ela Cordillera segue crescendo pela longa curva Del Anillo de Fuego.

A Placa Pacifica é a maior placa tectônica da Terra.⁴ Do oeste ao norte suas bordas estão se reciclando no manto sob as placas Australiana e Eurasiana. À nordeste, transcorre lateralmente com a Placa Norte-Americana. Na margem sudeste, ela renasce ao longo do dorsal meso-oceânico. Uma cadeia de montanhas no fundo do mar cujas erupções magmáticas submarinas criam as novas crostas oceânicas. É na franja leste deste dorsal na qual as margens ocidentais das placas oceânicas de Nazca e Antártida se recriam. Nas margens orientais, elas se dissolvem no manto, onde há uma fossa geológica que se estende ao longo de toda a costa ocidental do continente Sul Americano.

Quando o super-continente Gondwana rompeu, nasceu uma cadeia meso- -oceânica entre a África e a América, cujas placas tectônicas gradualmente se afastam. Desde então a Terra tem expelido magma por essa fenda longitudinal criando o assoalho do jovem Oceano Atlântico. Junto à expansão do atlântico, a placa continental Sul Americana navega ao ocidente, onde suas fronteiras deslizam

1 "O Círculo de fogo do Pacífico, ou Anel de fogo do Pacífico, é uma área onde há um grande número de terremotos e uma forte atividade vulcânica, localizado no Norte do Oceano Pacífico." Wikipédia [2] Veja as imagens da página 160.

2 Onde três placas tectônicas se encontram. A placa oceânica de Nasca paralela à placa oceânica da Antártida, ambas submergindo sob a placa continental da América do Sul. O arquipélago Patagônia é conhecida como a Tierra Del Fuego.

3 "A Terra do Fogo (em castelhano Tierra del Fuego) é um arquipélago na extremidade sul da América do Sul, formado por uma ilha principal (a Ilha Grande da Terra do Fogo, muitas vezes chamada igualmente Tierra del Fuego) e um grupo de ilhas menores. (...) As ilhas têm formação a partir do choque de placas tectônicas marinhas, formando um arco de ilhas, que no caso, são voltadas para sudeste. (...) Também pode ser conhecida com "Deserto da Patagônia". Wikipédia [2]

4 A Placa Pacifica "compreende a maior parte da bacia do Oceano Pacífico. Algumas das placas recebem o nome dos continentes que elas contêm, porém, em nenhum caso uma placa é idêntica a um continente." Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan, 2006 [11] Veja página 160

ligeiramente por cima das placas oceânicas de Nazca e Antártida. Nessa pressão de dois gigantes convergindo, a crosta continental se contorce, as camadas rochosas se curvam dobrando uma sobre as outras. Imperiosas cordilheiras se erguem.¹

Cordillera de Los Andes.

Orlando o mar do pacífico, a esbelta Cordillera de Los Andes serpenteia pela costa ocidental do continente, numa minuciosa peregrinação pelos diversos ecossistemas do hemisfério Sul. Tocando o mar do caribe, a cordilheira inicia seu caminho unificando seus ramos curvilíneos. Ao longo do curso equatorial, a floresta amazônica sobe pelas encostas orientais, abrigando as nascentes dos grandiosos rios da planície tropical. Na curva do continente, os Andes se abrem em duas cordilheiras paralelas, suspendendo o Altiplano Andino, também conhecido como Meseta de Collao, onde os lagos do Titikaka e Poopó refletem o opala do céu. E os salares de Coipasa e Uyuni reluzem num branco tão puro, como um diamante admirado pela lua.

As muralhas noroestes da Meseta de Collao são esculpidas por alguns dos desfiladeiros mais fundos do mundo. Canyon Cotahuasi. Dia a dia, ano a ano, século a século, ele erode as longas rachaduras das rochas, fraturadas pela compressão do continente. Um veio da Terra abrindo caminho, unindo os cumes nevados ao Oceano.

As neves invernais que nascem nos cumes da cordilheira oriental do Altiplano se fundem criando geleiras como a Quelccaya, a maior área glacial dos trópicos. Esses grandiosos rios cristalizados deslizam vagarosos pelas depressões, sua força erodindo as altas montanhas, carregando pedras e sedimentos aos vales. No verão, o Sol derrete o gelo e as águas se despem de sua lentidão, fluindo ligeira, escavando profundas ravinas, percorrendo a garganta rochosa do Cotahuasi e seus canyons vizinhos, e desaguando no mar.

A cordilheira ocidental do altiplano margeia o lugar mais árido do planeta. El Desierto de Atacama. Resguardado entre a saliência do Oceano Pacífico e as muralhas dos Andes. É no paredão rochoso dos Andes que o vento faz a curva, levando as correntes atmosféricas úmidas, que a Floresta Amazônica bombeia do Oceano Atlântico, ao Gran Chaco² e outras terras que se estendem dos pés dos Andes ao Atlântico. Preservando a árida intocabilidade do Atacama, Paracas e outros desertos costeiros.

Altiplano Andino.

Suspensos pela cordilheira oriental de verdes florestas e pela cordilheira ocidental de desertos dourados; santificado por gotas

¹ Veja as imagens da página 160.

² O Gran Chaco é uma vasta planície ao sul do continente e à leste dos Andes. Caracteriza-se por ecossistemas diferentes, sendo em geral uma área de selva. Wikipédia [2]

bentas e incensos primordiais, os gêiseres¹ que exalam fumaça e joram águas do interior da Terra; adornado por vulcões ativos derramando preciosas pedras líquidas;² circundado pelos cumes nevados, que resguardam a serenidade dos lagos cianos e salares cristalinos – la Meseta de Collao foi o berço de uma das maiores civilizações da América ancestral. Tiahuanaco. La Madre de la cultura nativa.

Ao sul, o continente Americano se afunila e as duas cordilheiras confluem novamente. No Andes patagônico a cadeia se eleva nos picos mais altos do hemisfério, culminando no Aconcágua.³

No calor dos trópicos, as geleiras aceleram a erosão das altas montanhas, em seus ciclos de expansão e derretimento. Enquanto nos ares gélidos da cadeia meridional, as geleiras cobrem os cumes com sua túnica de quietude impermeável. Protegidas sob o gelo sempiterno, as alturas crescem ininterruptas.

Na morada das neves perenes, os cumes da cordilheira se fundem no altíssimo céu azul. Quando a luz da aurora permeia o manto branco com seu rosa suave, o templo inteiro se banha nos lagos espelhados. Flutuando no interior de elevadas caldeiras. Altares ocultos. Montanhas serenas, contemplando as longas eras de silêncio profundo.

Da Tierra Del Fuego a cordilheira submerge, florescendo em ilhas vulcânicas, re-emergindo na península Antártica. O austero Antartandes. Tocando o apogeu em seus imaculados Monte de La Eternidad e Monte Esperanza.

Cordillera de los Andes.

O caminho da harmonia com todas as coisas.

Do litoral, segui a Arequipa. A cidade cresceu em um vale que descansa entre os desertos arenosos do litoral e as altas serras da cordilheira dos Andes. O vale é cercado por três vulcões inativos, cujos cumes enevoados mantêm guarnição à cidade o ano inteiro.

Cheguei na estação rodoviária de Arequipa ainda de madrugada. Quando o dia clareou, peguei um ônibus que viajava durante um dia e uma noite subindo as montanhas. Algumas horas antes do Sol nascer chegamos a Cotahuasi, um vilarejo no alto dos Andes. Ancestralmente habitando as cercanias do canyon homônimo.

Cotahuasi é renomado por ser um dos canyons mais profundos do mundo.

No final da tarde um micro-ônibus cheio de moradores nativos partiu das ruas do vilarejo em direção à Pampamarca, um ermo

¹ Um Gêiser “é uma nascente termal que entra em erupção periodicamente, lançando uma coluna de água quente e vapor para o ar.” Wikipédia [2]

² O complexo vulcânico mais alto da Terra encontra-se no altiplano. As erupções piroclásticas e avalanches de lava em altas elevações interagem com ventos fortes correndo de Oeste a Leste levando partículas finas para longe, depositando-as inclusive dentro do Gran Chaco. Wikipédia [2]

³ “O monte Aconcágua – Sentinel de Pedra – tem 6 962 metros de altitude, e é simultaneamente o ponto mais alto das Américas, de todo o Hemisfério Sul e o mais alto fora da Ásia (dos Himalayas). Fica localizado nos Andes argentinos” Wikipédia [2]

povoado habitando as altas montanhas. Seis horas subindo uma estrada íngreme e rústica isolavam-no de Cotahuasi. Do chão ao teto, o transporte coletivo estava completamente preenchido de sacos de grão, móveis, mochilas e em cima destes, um monte de moradores locais conversando animadamente. Entre eles havia uma peregrina. Conhecendo mais uma das infinitas moradas dos filhos da Terra.

Lar, doce lar. Sois o Cosmos inteiro. Sois nada e nenhum lugar.

Saindo das estreitas ruas de pedra típicas das pequenas cidades andinas, o micro-ônibus entrou numa estrada de terra. Cruzamos inúmeros terraços agrícolas que margeavam as habitações da periferia de Cotahuasi e se estendiam por todo o vale. Atravessando uma ponte sobre um desfiladeiro estreito em cujo fundo corria um rio fulguroso, a estrada iniciou a íngreme subida, ziguezagueando em direção à cabeceira do vale. O caminho de terra beirava precipícios cada vez mais profundos, além de estar coberto de seixos sobre os quais os pneus derrapavam e pulavam ininterruptos.

Pouco a pouco, a paisagem se abria em um imenso leque panorâmico. Todas as áreas possíveis à lavoura eram ocupadas por terraços agrícolas cada vez mais altos e extensos. O rio corria entalhado na garganta ao fundo. Abismal. Adornando as imensas escarpas verticais, as elegantes linhas sinuosas das camadas de rocha dobrada se expunham com grande frescor, despidas por gigantescas fendas geológicas, tão características daquele corredor de tectonismos juvenis. Ao longo da estrada, pouco a pouco os moradores desciam do micro-ônibus e seguiam aos vilarejos cada vez mais remotos.

A noite foi expandindo sua penumbra e o céu nublado derramava chuvas intermitentes. O velho automóvel subia mais e mais alto. A escuridão reinava sem nenhum vestígio de luz para desafiá-la. Nem lua, nem estrela – muito menos postes de luz, algo inexistente naquelas regiões intocadas pelos braços da eletricidade. E ainda, como uma coroa adornando a situação – o micro-ônibus de pedaços costurados não tinha nenhum farol – na beira de um precipício constantemente crescendo. Escorregadio. Envolto em breu.

A estrada de terra repleta de pedregulhos já estava molhada. O ônibus balançava com as pedras, com os buracos e com o peso das volumosas bagagens amarradas em cima do teto. A mente já havia caído no fundo do abismo: "Vai levar meses para encontrar qualquer vestígio de gente nestes despenhadeiros isolados," os pensamentos especulavam. Já quase chegando ao vilarejo derradeiro (após o qual não havia mais caminho para veículos), a estrada começou a descer em ziguezague por uma encosta íngreme. Não era mais possível enxergar nada, mas de acordo com a matemática progressiva daquelas ravinas, cuja profundidade aumentava ao longo da estrada, aquela era a altura

culminante em todo o trajeto. Nas curvas, que já eram perigosas à luz do dia, a aflição se elevava tríplice. Em extrema cautela e vagarosidade, o motorista guiava o veículo pelas estreitas manobras de 360° com o auxílio do alerta – uma luz piscando lampejos laranjas. E o chuvisco seguia elevando a adrenalina. Enquanto o povo ria e celebrava cada curva em que o micro-ônibus não derrapava abismo abaixo, toda a minha atenção se voltava a fervorosas orações.

Com muita gratidão aos anjos, o micro-ônibus chegou inteiro em Pampamarca – ou pelo menos tão inteiro quanto havia saído de Cotahuasi. O pequeno povoado fora montado sobre as ruínas pétreas de antigos povoados Quéchua. Em algumas casas apenas a cobertura de palha e madeira fora restaurada. A cultura Quéchua desenvolveu uma arquitetura, agricultura e sistema de abastecimento de água de extrema eficiência e equilíbrio ecológico, que ainda hoje é a base e estrutura de inúmeros povoados que habitam os vales e montanhas Andinas.

No dia seguinte o Sol nasceu deslumbrando um magnífico matrimônio entre cultura e natureza. O vilarejo e suas bainhas agrícolas pareciam um lençol de seda delicadamente repousando sobre as altas encostas de um grandioso vale. Abaixo, um rio vigoroso escavava as fendas profundas. Tocando o céu, os cumes esticavam seus dedos agudos, sustentando um céu puro e sereno.

O rio ao fundo do vale contornava uma montanha larga e alta. Seu topo era a morada do místico ‘Bosque de Rocas,’ uma formação rochosa singular e curiosa. Os moradores disseram que era uma especiaria endêmica à região. Ainda cedo, cruzei as ruas de pedras do centro, onde uma grande parte das famílias locais residiam. Os campesinos saudavam o novo dia com suas costumeiras atividades matinais. Estabelecimentos comerciais e públicos eram raros na pequena área ‘urbana.’ A vida conduzia-se pelas pastagens e terraços agrícolas. E logo as labirínticas paredes de pedras se abriram em baixas muretas rurais, ramificando-se pelas encostas cultivadas.

Uma mulher passou pela estrada guiando algumas ovelhas às pastagens. Vestia-se com as típicas camadas de saias e blusas peruanas. Amarrado sobre o peito e sustentado pelos ombros, um tecido de desenhos geométricos e cores vivas carregava um grande volume sobre as costas da campesina. Repousando entre os panos, a cabecinha de um neném encapuzado balançava junto às longas tranças negras da mãe. Suas pequeninas bochechas avermelhadas pelo Sol e rachadas pelo frio. Sobre os lábios da aldeã, aquele sorriso sincero que adornava todas as faces da região.

A pastora apontou-me a entrada da trilha que subia a montanha e despedimo-nos jovialmente. Pelo caminho, a vegetação escasseava com a altitude e os arvoredos iam se encolhendo em arbustos rústicos.

A flora rasteira ia se espaçando cada vez mais entre o solo raso e seco de areia e cascalho desagregado. Singelas e vivas, florações amarelas, azuis e vermelhas salpicavam os galhos espinhosos e capim desidratado. Chegando ao topo, aquela humilde e árida paisagem culminou em um santuário de pedra. El Bosque de Rocas de Huito. Erguendo-se sobre os elevados picos da montanha.

Uma areia branca e macia cobria todo o chão daquele templo desértico. A ausência de vegetação e de pegadas permeava a atmosfera de quietude. Como pinheiros petrificados, a rocha brotava por entre esse manto de areia formando austeros monumentos cônicos. Sua pele lisa e homogênea. As esculturas de pedras emergiam solitárias, ou amontoadas em saliências indivisíveis, numa infinita variedade de formas e tamanhos. A superfície acinzentada permeava cada crista, revelando a unidade intra-terrena de suas bases redondas. Os cones afunilavam em agulhas, perfurando profundamente a atmosfera das altitudes. Unidireccionais, apontavam ao zênite celestial.

Subi ao topo.

A cúpula proeminente mirava sobre toda a região, angelicamente distante dos vales profundos, povoados andinos e montes vizinhos. Em todo o vale as cadeias de rochas sedimentares erodiam em camadas, formando canteiros suspensos, onde o solo raso podia se acumular e servir alimento às populações nativas. Herdeiras de sabedoria ancestral as culturas locais manejavam secularmente essas pequenas porções de terrenos secos, construindo terraços agrícolas e veios de drenagem. Muretas de pedra erguidas pelos Incas formavam largos degraus aplainados, onde os campesinos plantavam geração a geração, praticando agricultura orgânica e rotação de culturas e pastagens.

Os terraços agrícolas eram pequenas ilhas suspensas, apoiadas aos pés de elevados penhascos e margeadas por ravinhas abismais. Ao fundo, o rio murmurava, correndo pelas fendas geológicas, escavando o vale e saltando em cataratas cristalinas. Os raios de sol escorregavam pelas quedas d'água, cintilando dentro da garganta sombria. Imensas rachaduras geológicas guiavam a formação dos profundos desfiladeiros e das culturas nativas. Além de adornarem as escarpas verticais com desenhos de camadas rochosas elaboradamente dobradas e cicatrizadas.

Longínquo, um campesino solitário cruzava uma trilha íngreme que ligava sua distante fazenda ao caminho central, o pequeno braço da imensa teia de antiquíssimas vias. Nos lugares aonde o terreno estendia suas áreas aplainadas com maior continuidade, as casas rurais gradualmente se concentravam ao redor de um núcleo, formando pueblos descendentes de uma longa ancestralidade. As altas cabeceiras do desfiladeiro resguardavam povoados cada vez

mais remotos. Pampamarca era o ponto final do transporte coletivo, no entanto, uma estrada de boiadeiro seguia às aldeias mais distantes, relicários da cultura andina.

Circundando todo o horizonte, as longínquas cordilheiras de vulcões adormecidos se erguiam como sentinelas ancestrais. O branco imorredouro de seus picos nevados resplandecia sob o sol, alumiano a inspiração dos pueblos andinos. Além de alimentá-los com suas nascentes de águas puras e perenes. No alto do Bosque de Rocas, as cristas pétreas erguiam-se imóveis, contemplando a peregrinação do tempo.

Como os esféricos templos orientais que culminam em picos agudos, os monólitos do Bosque de Rocas coroavam todo o cimo da montanha – Seus dedos estendidos tocando o céu.

Berçário de culturas místicas e eremitas devotos, a Cordilheira dos Andes esculpia ao longo de suas vastas colunas pequenos oratórios resguardados em isolada aridez e elevadas altitudes.

Diversas culturas ancestrais que habitaram as cercanias de santuários pétreos, como a Floresta de Pedra de Shilin na China e o Jardim dos Deuses nos Estados Unidos, consagraram esses lugares como altares naturais. Geração a geração, contempladores solitários imergiam nesses templos milenares, acrescendo suas preces e meditação à egrégora sacrossanta.

No Bosque de Rocas de Huito, a confraria pétreia emanava essa viva atmosfera, agregada por eras e eras de comunhão.

Vida em Pampamarca respirava tradição Quéchua. O isolamento nas altas montanhas conservara o ritmo andino do pueblo, que mantivera sua resiliência cultural perante os séculos de colonização e diversas repercuções mundiais.

E a era atual propelia mais uma onda de transformação, percorrendo ligeira por todo o planeta. Globalização, urbanização e turismo, eram algumas das novas faces da mudança. Em lugares como Pampamarca, envoltos em mantos de isolamento, as oscilações recentes ecoavam já ténues, como ondulações no fundo de uma baía. Durante os dias que passei em Pampamarca, não vi nenhum outro visitante, a não ser o técnico que o governo enviara e que havia se hospedado na mesma casa de hospedagem que eu. Não haviam muitas pousadas nem estabelecimentos comerciais. Mas com a crescente urbanização que se expande rapidamente por todo o planeta, o próprio isolamento desses vilarejos torna-se um portal de entrada ao turismo. Estradas, luz elétrica e tudo o mais seguem naturalmente, trazendo as facilidades e conveniências da vida moderna, por um lado. E despindo o lugar de

sua imaculada simplicidade, por outro lado, o que talvez possa causar a extinção de algumas de suas preciosas belezas endêmicas.

Mas o tempo rei não para. E uma nova flor desabrocha, que ninguém jamais conhecera.

Ó Impermanência. Ao longo de incontáveis eras estelares, vossa presença é a única sobrevivente. Criando e dissolvendo universos inteiros. Habitando cada grão de areia.

E a vida segue seu curso natural de evolução. Uma face homogeneizando diversidade. A outra, parindo singularidades. Entremeando cada vez mais os fios de sua imensa e complexa teia. Redemoinhando pelos ciclos de ordem e caos. Girando a roda da transformação.

Um pulmão cheio de ar liberta a expiração. Tão simples, tão verdadeiro.¹

Adornados por sua virgindade cultural, a população local era um grande coração aberto. No fim da tarde do primeiro dia eu havia encontrado uma campesina voltando da roça com um saco cheio de milho. Quando pedi para comprar um punhado de grãos rajados, ela insistiu que eu provasse do milho roxo e disse que eu esperasse. Correu para casa e colocou um pano cheio da variedade roxa cozida que trouxera de sua casa, mal aceitando pagamento pelo grão rajado que me dera.

Na casa de hospedagem que passei as noites, a família reunida me convidou para sentar ao redor do fogão à lenha e juntos preparamos uma singela refeição tradicional. Os grãos rajado misturavam-se com o

1 "A vida direciona-se, nitidamente, para a sintropia, atuando na complexificação de substâncias, de estruturas, no crescimento, na reprodução, no acúmulo de energia através de substâncias de reserva. Mesmo quando um organismo vivo realiza trabalhos de descomplexificação, seja pela digestão de alimentos, com a simplificação das estruturas; ou mesmo com a morte, o sistema vivo como um todo é beneficiado pois, no balanço geral, a quantidade de vida tende a aumentar. Os processos simplificadores nos sistemas vivos significam a transformação do que já atingiu sua meta, já cumpriu sua função como tal e deve transformar-se para manter a vida do sistema como um todo. A tendência natural de qualquer ser vivo é manter e proliferar a vida, é acumular energia, é construir. Há teorias que mostram o planeta Terra como um organismo único, em que a vida tende a se proliferar e complexificar, inclusive formando reservas energéticas. A cadeia trófica e a sucessão natural de espécies espelham a proliferação da diversidade de seres e a complexificação crescente, mostrando o processo de transformação que culmina com o acúmulo de energia sob a forma de substâncias de reserva, como o petróleo e o carvão, denotando que não há morte nesse planeta, apenas a transformação daqueles que já cumpriram sua função dentro do processo sintrópico." Patrícia Vaz [12]. Um sistema que mantém condições de estabilidade (relativa) de seus componentes e interações, estando sujeitas às perturbações externas ou variações de fluxos (flutuações), caminha para estados mais afastados do equilíbrio, provocando comportamentos desordenados em seus componentes. Atingindo um ponto crítico de instabilidade dinâmica, podem emergir padrões ordenados de fluxos e comportamentos, caracterizando uma situação simultânea de ordem e desordem (variando de escala). A instabilidade propicia o surgimento espontâneo de uma auto-organização (nova ordem), frutos de inovação e criatividade, dotada de maior complexidade do que nos estágios de estabilidade anterior. Fritjof Capra (2002) chega inclusive a afirmar que a situação de não-equilíbrio é condição necessária: "A surpreendente emergência de novas estruturas e de novas formas de comportamento, que é a 'marca registrada' da auto-organização, ocorre apenas quando o sistema está afastado do equilíbrio." [13]

milho de suas roças.

Se, após esses sete anos que decorreram, eu encontrasse os pais, irmãos e netos dessa casa de hospedagem, provavelmente não os reconheceria, apesar da memória ainda guardar vestígios de suas faces. No entanto, a sensação de compartilhar uma noite com genuínos amigos permanece imaculada em meu coração. Muito do que aprendi sobre a cultura nativa de Pampamarca foi ensinado por essa linda família, naquelas noites iluminadas pelo fogão à lenha. E aqueles momentos inseriram embriões de transformação profunda em minha própria vida. Tão longe no tempo e espaço, tão perto no aqui dentro. Aquelas pessoas são parte de mim. Aquele lugar, parte de minha alma.

Uma noite, estávamos sentados na varanda da casa e a conversa abordou a escola local. A família contou-me que profundas mudanças estavam infiltrando o vilarejo através da escola. Quéchua era a língua falada em Pampamarca, nativa em quase todo o Peru. No entanto, os professores da escola local provinham da cidade e conheciam apenas o castelhano. Portanto, eles conduziam as aulas somente nesse idioma de origem europeia. Mas a maioria dos alunos que frequentavam as aulas, as crianças nativas, compreendia castelhano apenas de forma restrita. Em consequência as crianças tinham dificuldades com as lições e frequentemente passavam por grandes constrangimentos. A família tinha plena consciência do poder difusor daquilo que ainda se apresentava sob faces embrionárias, mas que estava atuando em uma das bases da formação cultural.¹

No segundo dia os irmãos da casa de hospedagem me convidaram para passear de cavalo por uma trilha que contornava a montanha. Uma mureta de pedra bordava o caminho, que a maior parte do tempo seguia por encostas extremamente íngremes. Nas áreas mais afastadas do vilarejo algumas ruínas Incas entregues às intempéries embelezavam a montanha com adornos de ancestralidade.

Após algumas horas, descemos pelos campos de um vale suspenso. O mesmo rio oculto que corria pelas profundas ravinas de Pampamarca, mostrava sua face cristalina aos pés daquela montanha isolada, que se acercava um pouco mais à cabeceira. Largo e vigoroso, procissava ao fundo de um pequeno desfiladeiro. Mais a frente ele despencaria em longas cataratas, escondendo-se em estreitas gargantas e distanciando-se das planícies elevadas, cujos pueblos habitavam.

Na beira do desfiladeiro, uma grande pedra salientava-se do terreno. De dentro de sua pequena gruta brotava uma nascente de

¹"E o crescente processo de homogeneização se dá através de um processo de hierarquização. A homogeneização exige uma integração dependente, referida a um ponto no espaço, dentro ou fora do mesmo país. Nos outros lugares, a incorporação desses nexos e normas externas tem um efeito desintegrador das solidariedades locais então vigentes, com a perda correlativa da capacidade de gestão da vida local." Milton Santos, 2006 [14]

água termais, formando um poço cor de opala. As águas caíam em uma piscina, construída por pedras encaixadas. Em seguida saltavam pela cachoeira calente, que mergulhava diretamente no gélido rio, fundindo seu calor macio às neves derretidas das montanhas brancas.

O frio do inverno andino ainda habitava a manhã. Imergimos no poço natural, aquecido no ventre da Terra. Mareados, miramos a ampla paisagem. Os picos das montanhas circundantes repousavam sobre o céu azul e fresco. Ao fundo, o Sol reluzia no rio diamantino, que cantarolava reverberando por todo o vale. Silêncio imaculado.

Quando chegamos às águas termais, havia uma família nativa banhando. O casal e seus dois filhos pequenos moravam em uma aldeia acima de Pampamarca, adentrando o vale além daquela paragem. Seus olhos refletiam a nua humildade dos pueblos andinos. Seus largos sorrisos, a felicidade inerente daquela vida pura e simples.

Com os aldeões, tempo não era medida de amizades sinceras. Ela brotava natural, como o sangue caliente dos veios da Terra.

Após as primeiras palavras, emergiu a pergunta que todo peruano fizera em minha viagem.

– Que tal Peru? – interrogou o pai da família – muy pobre?

– No! No! És muy rico! Muy bielo! Estoy encantada con las personas hermosas, la riqueza de la tierra. Hay campañeses felices con su tierra, su alimentación tradicional, sus bonitas vestimentas, el aire puro. Mucha agua limpia. Un río con mucha trucha, mucho pescado. Montañas bellísimas. Salud! Tranquilidad. Es un sitio seguro. ¿Qué más se necesita? Los que viven acá tienen mucha riqueza.

– Si hay. Pero acá no hay luz. En mi casa no llega la carretera. Somos muy pobres nosotros que vivimos en Perú. En Brasil si. Hay mucha riqueza. No hay delincuencia como acá.

– Si hay! En Brasil también hay mucha pobreza. Creo que más que acá. Ayá muchos campañeses no tienen su tierra para sembrar. Hay hambre. Acá todos tienen su tierra. Ayá, en Brasil, mismo muchos de los que tienen tierra, hay perdido la cultura tradicional. Yá no saben sembrar sin los agrotóxicos, que as veces son muy caros, y envenenan la tierra. Acá la cultura, el saber tradicional es vivo, es una riqueza de la gente campañesa.

– En Brasil hay luz – segui dizendo – Hay carreteras. Pero hay mucha violência. Enfermedades, delincuencias. Onde vivo la gente vive en las calles, como en Lima. Niños sienten frío en la noche. Acá, en Pampamarca, Cotahuasi, en tu Villarejo, no hay hambre. No hay frío. No hay muchas enfermedades. No hay delincuencia. Que es ser rico? Que es ser pobre?

– Si, es verdad – respondeu o aldeão, que conhecia melhor que a visitante as riquezas daquela terra nativa – acá estoy con mi familia bañando en águas termales naturales y gratuitas, con aire puro, una

biela paisaje, a una hora de caminada de mi casa. No hay águas termales en brasil, no?

– Es la primera en que baño!

Essa imagem que os peruanos tinham do próprio país e do Brasil, de onde eu vinha, era compartilhado por quase todos que conversavam comigo. Pensavam que o Brasil era um lugar extremamente rico onde não havia nenhuma pobreza ou violência. Acreditavam que uma brasileira estaria completamente impressionada pela “pobreza” do Peru, pela ausência de eletricidade, estradas e luxos urbanos. No entanto, o que verdadeiramente fascinava era a imensa riqueza nativa, se expressando de modo singular e precioso em cada curva do curso peruano. Cada prosa serena.

Ao longo da viagem pude observar algumas das causas que estavam modelando essas percepções imaginárias que a população possuía em relação ao próprio país e a certos países estrangeiros, como o Brasil. Uma das causas era uma emissora de televisão brasileira que se tornara muito popular no Peru. Em geral, os programas projetavam imagens de uma sociedade moderna e luxuosa, que em realidade constitui apenas uma pequena minoria da população brasileira. No entanto, esses programas representavam a maior fonte de informação sobre as condições de vida no Brasil. Como não havia um retrato claro e proporcional da realidade na qual a maior parcela dos moradores coexiste, a percepção que os peruanos construíram do Brasil era consideravelmente distinta daquela de alguém que convive com as diversas classes sociais do país.¹ A percepção que alguns peruanos possuíam em relação ao próprio país muitas vezes refletia apenas uma face da verdade. Modernidade, estrada, eletricidade, moda, automóveis luxuosos, tornaram-se uma imagem de bem-estar e progresso, parcialmente em consequência das mensagens disseminadas pelos meios de comunicação mais populares. Isso resultava na transformação do sistema de valores das comunidades peruanas, tanto urbanas quanto rurais. Diversos aspectos tradicionais passaram a ser vistos como ‘atrasados’, ‘inferiores’ e sinais de ‘pobreza’.

Essa mudança no sistema de valores era assimilada inclusive pela política, educação e ações missionárias. Em decorrência, as atividades e diretrizes do governo e outras instituições sociais refletiam essas percepções unilaterais da dualidade riqueza-pobreza. Em consequência os modos de vida e valores da sociedade estavam sendo amplamente influenciados e transformados, tanto na cidade quanto nos campos.

1 Isso pode acontecer mesmo com brasileiros que não frequentam ambientes de outros grupos sociais. Um jovem que habitou e estudou em bairros de classe alta, sem interagir com pessoas ou lugares de classes distintas, pode construir uma concepção imaginária da realidade do mundo, ou do país. Como também um jovem que nunca conheceu outro ambiente que não fosse uma área urbana ‘marginalizada’.

Desenvolveu-se um sentimento de inferioridade das comunidades rurais em relação às cidades. Diversos agentes governamentais, educadores e visitantes provindos de meios urbanos expressavam essa visão, consequentemente causando influência na população dos campos. Gerando mudanças significativas.

E ainda, os próprios peruanos passaram a desenvolver um sentimento nacional de inferioridade em relação à países como o Brasil. O sonho de muitos jovens era morar no Brasil, "o maior país do mundo", como diziam. No entanto, desconheciam a realidade da grande população sem terra, da escassez de água nas favelas, do ar poluído nas cidades. Desconheciam o enfraquecimento das raízes culturais nativas e a perda de técnicas agrícolas sustentáveis.

No Peru, as raízes dos pueblos ainda eram profundas, talvez, em certos aspectos, mais do que no Brasil. Os saberes ancestrais floresciam no dia a dia das famílias. Suas sementes mantinham-se férteis, nutriam a terra e as crianças. As tradições ecológicas estavam vivas, habitando as diversas montanhas andinas.

Grande parte dessa imensa riqueza nativa residia na herança de seus ancestrais, tanto material quanto imaterial. A cultura Quéchua havia evoluído em profunda integração às montanhas andinas. Suas habitações de pedra, terraços agrícolas, estradas e canais de irrigação eram a base dos pueblos atuais. A sabedoria de manejo ecológico, artesanato e plantas medicinais, dentre os inúmeros filamentos de uma cultura viva, era a seiva dessa imensa árvore atemporal.

Por incontáveis séculos de habitação comunitária, a agricultura orgânica dos Quéchua conservara a vitalidade da terra, mesmo perante a fragilidade dos solos naquelas montanhas íngremes, cujas superfícies são facilmente erodidas. A fim de manter a fertilidade natural das terras, os camponeses passavam dois anos cultivando uma seção, após o qual se seguia um período de repouso. Enquanto aquela área descansava, outras seções produziam os cultivos tradicionais, que integravam raízes nativas, diversas espécies de milho (milho) e outros alimentos locais. As variedades de milho incluíam milho roxo, branco, vermelho, amarelo, rajado entre outros, além de tamanhos grande, médio e pequeno. Essa diversidade favorecia a reciclagem de nutrientes e garantia segurança alimentícia perante variações sazonais, pois cada espécie produzia com maior abundância em determinada condição ambiental. Consequentemente, se o clima fosse mais seco, úmido, quente ou frio, sempre haveria uma espécie florescendo com mais vigor, mesmo que as demais sofressem enfraquecimento.¹

1 Ao longo de incontáveis gerações aldeias indígenas do Xingu tem conservado sementes de milho nativas, cultivadas historicamente por ancestrais de toda a América Latina. O milho é uma semente de grande sacralidade entre muitos povos americanos. A origem da diversidade de seu cultivo tem suas histórias entre os povos indígenas do México, descendentes das imperiosas culturas Maia e Asteca. Os Maias acreditam ter sempre abundância suficiente para todos, quando o alimento é partilhado irrestritamente e quando a gratidão é genuína. Há famílias indígenas no

Essa abundância coloria as ruas das cidades, onde os feirantes estendiam seus tecidos e cobriam-no com montes de grãos na mais diversificadas formas e cores. Desde o tempo dos Incas, a maíz é a raiz da alimentação andina. Queijo e leite também abundavam na região, pela ampla domesticação de animais.

Após dois anos, a seção de terra descansava durante quatro a seis anos. Nesse período a seção era cultivada com espécies de planta que alimentam as lhamas, carneiros, vacas e outros animais que passavam a habitar as novas pastagens. O solo era amplamente adubado pelo esterco desses animais. Esse sistema rotativo preparava a seção para receber novos ciclos agrícolas, após o fim do período de repouso. Em renovada fertilidade, a terra germinava as jovens sementes de maíz e outros alimentos tradicionais. Entremeadas pelos terraços, ervas medicinais eram cultivadas amplamente, adornando as estradas e os quintais dos pueblos. Dos vilarejos andinos às grandes cidades, chás tradicionais abundavam por todas as ruas escuras, esquentando o frio das noites invernais. Os vendedores ambulantes entravam inclusive nos ônibus intermunicipais, equilibrando suas bandejas que carregavam os copinhos com chá de coca e camomila.

Um dos elementos essenciais presentes na vida andina era o cultivo de árvores. Plantavam-nas nos terraços agrícolas, estradas, núcleos habitacionais e pelas montanhas e vales ao redor da aldeia, adicionando-se àquelas que brotavam espontaneamente. Algumas espécies garantiam a construção dos telhados e portas das próximas gerações.¹ O cultivo de árvores também visava saciar a fome dos fogões de lenha caseiros.

O sistema de irrigação era igualmente convergente com as dinâmicas naturais. Caneletas escavadas ramificavam-se pelos declives dos terraços agrícolas, desaguando nas seções de forma alternada. Os nativos posicionavam pedras nas bifurcações para guiar as águas das chuvas aos novos plantios.

Essas tecnologias e arquiteturas Quíchua foram transmitidas e conservadas geração a geração, florescendo eficientemente ao longo das eras. Terraços agrícolas, fazendas rurais, trilhas e pueblos – toda a comunidade presente aflorava das ruínas Incas. Ancestral raiz vitalícia. Transpassando terremotos, intempéries, colonização espanhola e o indomável Tempo, a cultura preservava sua homeostase.² Imaculada

Xingu que chegam a cultivar 15 espécies distintas de mandioca, o alimento tradicionalmente mais cultivado no Brasil, desde os povos nativos até as roças de agricultura familiar atuais. Cultivam também em torno de 20 espécies distintas de milho. Quando ocorrem fortes mudanças climáticas durante um ano específico, sempre há algumas espécies de milho e de mandioca que se adaptam melhor às novas condições, garantindo o alimento das aldeias.

¹As paredes de pedra das habitações perduravam milenarmente. No entanto, as portas, janelas e o telhado de palha sustentado por vigas de madeira eram restaurados à medida que as intempéries degradavam o material orgânico.

² Homeostase “refere-se àquele excelente estado de constância no qual elementos vivos se

pela etérea película de silenciosa simplicidade.

Em Pampamarca e nos vilarejos vizinhos, cada família recebia uma seção de terra. Ninguém conhecia fome ou frio, nem poluição e violência. Apenas ar puro e água cristalina. Todos os habitantes conheciam as técnicas ancestrais que geravam segurança e autonomia alimentar, além de saúde social e ecológica. As aldeias eram tecidas pelos fios de fraternidade, desabrochando em festivais e danças típicas a cada estação.

Ó Sabedoria, vós sois a raiz que ergue culturas. União. Sois a seiva que as fortalece. Tesouros que vento nenhum leva embora. Ouro atemporal.

A riqueza dos pueblos andinas não era morta. Era vida.

“És menina do astro sol,
És rainha do mundo mar
Teu luzeiro me faz cantar
Terra, Terra és tão estrelada
O teu manto azul comanda
Respirar toda criação
E depois que a chuva molha
Arco-íris vem coroar
A floresta é teu vestido
E as nuvens, o teu colar
És tão linda, ó minha Terra
Consagrada em teu girar
Navegante das solidões
No espaço a nos levar
Nave mãe e o nosso lar
Terra, Terra és tão delicada
Os teus homens não tem juízo
Esqueceram tão grande amor
Ofereces os teus tesouros
Mas ninguém dá o teu valor
Terra, Terra eu sou teu filho
Como as plantas e os animais
Só ao teu chão eu me entrego
Com amor, firmo tua paz”¹

Descendo no micro-ônibus de volta a Cotahuasi, conversei com uma missionária que realizava visitas periódicas ao pueblo de Pampamarca.

firmam quando seus ambientes estão cambiando.” J.E. Lovelock, 1987 [15]

¹ Estrelada, canção de Milton Nascimento.

Diversas vezes durante nosso breve diálogo, a moça repetiu que os habitantes locais eram “muy pobres”, reproduzindo uma percepção social que haviam lhe ensinado. Essa era outra influência que modelava as lentes oculares do povo campesino.

Outra pessoa com quem interagi, que demonstrou compartilhar esse mesmo ponto de vista, foi um técnico a serviço do governo. Estava prestando uma visita oficial a Pampamarca e passou a noite na mesma casa de hospedagem na qual eu estava. Como éramos os únicos visitantes, nossas conversas tomaram rumos sinceros e espontâneos. O que me proporcionou a oportunidade de conhecer alguns dos pontos de vista que uma parcela da população graduada possuía em relação aos povos nativos.

Os moradores locais cuidavam de lhamas, colhiam a lã e teciam seus próprios agasalhos artesanais, que lhes esquentavam nas noites de frio. Para proteger os pés, todos utilizavam sandálias artesanais fabricadas pela reutilização da borracha de pneus velhos. As mesmas sandálias típicas vestidas por quase todas as pessoas dos lugares por onde passei, tanto no Peru quanto na Bolívia, tanto na cidade quanto no campo. O técnico que visitara Pampamarca calçava botinas sofisticadas e luvas de fábricas industriais. Esse fora o exemplo que ele mesmo utilizou, em nossa conversa, para demonstrar o padrão de ‘pobreza’ o qual associava ao povoado. Escutar visitantes exporem esse mesmo sistema de valor e deliberadamente chamar os campesinos de ‘pobres,’ era algo comum aos moradores locais.

São Francisco, Mahatma Gandhi, monges Budistas, Peace Pilgrim, eremitas Hindus, estão entre as pessoas mais ricas que nosso pequeno mundo conheceu. Pessoas que caminham descalças, cobertos em panos descartados ou apenas em cinzas. Sua morada é a Terra inteira. Suas asas, a liberdade. Peace Pilgrim possuía somente a roupa do corpo e o que cabia no pequeno bolso de sua túnica. Transbordando Paz interior, ela peregrinou os Estados Unidos de costa a costa, compartilhando as sementes da felicidade verdadeira com todos aqueles com quem encontrava. Abundância inesgotável.

“Amor é a presença da Consciência Pura. E essa presença não pode forçar, ela simplesmente é. Amor verdadeiro é vivenciado quando não há condições ... Então você simplesmente é. A força da vida universal flui através de você; você se torna um canal aberto. Você permite que a consciência Suprema se encarregue de ti. Você remove o que quer que estivesse obstruindo o fluir; remove o dique auto-criado, permitindo que o rio do Amor todo abrangente flua em seu curso.”

Amma ^[16]

Despedindo-me de Pampamarca, desci à Cotahuasi e em seguida à Arequipa. Saindo da ‘cidade rodeada pelos três vulcões’, o ônibus

no qual viajei subiu a vertente oriental dos Andes e cruzou um trecho do planalto até Puno, na beira do Lago Titikaka. O ônibus que partiu de Puno atravessou as terras planas no norte do Altiplano Andino e desceu aos vales elevados da cordilheira oriental, estacionando na 'cidade de Pedra'.

Cuzco. A grande capital da cultura Inca.

As montanhas e o planalto dos Andes foram milenarmente habitados por diversas culturas, em ciclos sucessivos de nascimento e morte: gestos singulares da dança eterna de Shiva. As culturas juvenis emergiam daquelas que as antecederam, perpetuando heranças de origens imemoriais. Interagiam com povos contemporâneos, assimilando novos elementos, e 'desapareciam', talvez após séculos ou milênios. De suas 'cinzas' nasciam sociedades frescas. Como vida nova que brota do solo fértil de uma floresta queimada. Paracas, Nazca, Tiahuanaco, Inca – a matéria se transformava, mas a alma era uma contínua evolução andina.

Suspensos pelas cordilheiras, tão pertinho do céu, o Altiplano Andino foi o berço das maiores civilizações nativas da América do Sul, (entre aquelas da qual se tem conhecimento histórico). No ventre do Altiplano, o imaculado Lago Titikaka era considerado a morada do Sol e da Lua. Suas águas espelhadas abrigavam a Isla del Sol e a Isla de la Luna.

Em uma era anterior ao nascimento de Cristo, a lendária capital da cultura Tiahuanaco cresceu nas margens pretéritas do lago. Algum tempo após a dispersão da população de Tiahuanaco, Manco Cápac e Mama Ocllo nasceram da 'Roca Sagrada,' a Roca de los Orígenes que ainda hoje habita a Isla del Sol. Tendo emergido da Rocha Sagrada, o irmão e a irmã seguiram em peregrinação para fundar a cultura Inca. Inti, o Deus Sol, guia e protetor dos Incas, revelou o lugar aonde Manco Cápac e Mama Ocllo deveriam construir a capital do Império.¹ Localizada na vertente oriental da cordilheira dos Andes, ao norte do Altiplano, Cuzco emergiu como o grande centro cultural, religioso e social dos Incas, adornado de monumentos pétreos que perpetuaram por longos séculos de colonização espanhola, terremotos e intempéries.²

Por volta do século XV, os espanhóis cruzaram os oceanos, iniciando um novo ciclo de transformação. Quando eles chegaram, a cultura Inca habitava amplas áreas das montanhas andinas e da costa ocidental do continente. Naquela época, o quéchua era a língua mais extensiva daquelas regiões. Com o processo gradual de colonização europeia,

1 Alguns historiadores supõem que isso tenha ocorrido por volta do século XIII.

2 "A civilização Inca foi o resultado de uma sucessão de culturas andinas pré-colombianas (...) A sociedade Inca desenvolveu-se a partir do século XII, na cordilheira dos Andes na América do Sul, englobando uma série de povos assimilados no decorrer de um longo processo. (...) Esta cultura já construía pirâmides de até vinte e seis metros de altura e grandes complexos ceremoniais." Wikipédia [2]

novos padrões culturais se disseminaram pela população nativa. Igrejas católicas brotaram ao lado das majestosas construções Incas.

Ainda assim, lugares como Cuzco mantiveram seu embasamento Inca. Após quase 500 anos, a capital Quéchua preserva muitos elementos de suas raízes nativas. O sorriso auspicioso da 'cidade de pedra' revela sua face indígena.¹

O brilho desse sorriso resplandecia em cada bloco de rocha andina. Em cada olho cuzqueño

Cuzco era vida ancestral. Pelas suas calles (ruas), muralhas Incas resistiam a séculos de terremotos, sol, vento e chuva. Os impecáveis blocos de pedra basáltica, ou de outras rochas ígneas tão lisas e homogêneas, cintilavam nas diversas ruínas que circundam os cumes montanhosos da antiga capital andina.²

O ar leve e puro das montanhas de Cuzco, perfumado pela profunda ancestralidade que permeia cada pedra, infiltrava por cada respiração, como mais um elemento de intemperismo que lapidava a mente. Somando-se ao Sol sertanejo, à umidade amazônica, ao vazio do deserto, à infinitude do pacífico e ao amor dos povos da Terra. Todos juntos, esculpiram sulcos por onde a corrente da vida fluía cada vez mais livre. Polindo a alma.

Naquelas calles pétreas de Cuzco, uma experiência completamente nova brotou em meu coração. Era como se eu estivesse tão longe no espaço, tão distante no tempo de tudo que fazia parte da minha realidade pretérita, que o próprio tempo e espaço se dissolviam. Deixando apenas uma presença pura e simples, pulsando suave e profunda.

Não havia mais saudade. Apenas uma sensação de plenitude.
Meus entes queridos habitavam em mim.

A partir de então, e ainda hoje, por mais longa que seja a distância do espaço e do tempo, sinto a presença pura de meus entes amados, talvez mais profundo do que se estivessem ao meu lado. Eles são parte de mim. O 'eu' que existe em meu interior é composto de tantas pessoas, da família, dos ancestrais, de amizades profundas e de cada flor que encontro no caminho. Ubuntu.³ Eu sou, porque nós somos.

1 "O plano de Cusco antigo tem forma de um puma, com a praça central Haucaypata na posição que ocuparia o peito do animal. A cabeça do felino estaria localizada na colina onde está a fortaleza de Sacsayhuaman. Os incas organizaram sua divisão administrativa de maneira que os limites das quatro regiões do império coincidissem na praça principal de Cusco." Wikipédia [2]

2 O Basalto é uma rocha ígnea extrusiva escura. Quando um vulcão entra em erupção, o magma que irrompe à superfície da Terra se resfria com grande rapidez, em comparação ao resfriamento mais lento das rochas ígneas intrusivas, que se formam nas camadas subterrâneas e cujos minerais se solidificam com limites e formas bem definidas (granulação grossa). Em decorrência da rapidez de sua formação, as rochas ígneas extrusivas possuem uma granulação fina ou vítreas, ou seja, apresentando uma cor e textura lisa e homogênea. O basalto é forte e resistente perante os agentes de intemperismo, preservando sua estrutura por um tempo mais prolongado. Devido a isso, foi um material preferencial nas construções Incas.

3 Ubuntu é um termo das tribos africanas que expressa a unicidade da existência: eu sou o que sou em defluência do que nós somos todos juntos.

Saltitava pelas ruas de Cuzco cantando e dançando feito criança. Sorria para todos, menina, vendedora de sopa e idoso. Amizade atemporal desabrochava com toda pessoa. Cada par de olhos revelando um segredo singular. A vida me intoxicava com seu néctar de renascimento.

Chorava ao ver um morador de rua. Dançava com as flautas das procissões nativas. Inocência me envolvia em névoas de pureza e louvação.

Os caminhos peegrinos deixaram abertas as portas do coração.

Eu era um grande navio de descobrimento, explorando a embriagante simplicidade do mundo.

Chovesse granizo ou raios de sol, as ruínas Incas respiravam vivacidade.

A vida era tão imediata. Qualquer outra coisa estava tão longe.

Não havia ontem e amanhã. Apenas o pão nosso de cada dia.

O pão que me ensinou a alegria da compartilha.

Nas duas semanas que antecederam o vencimento do cartão bancário, não conseguia retirar dinheiro em nenhum caixa. A data de validade me alcançaria em dois dias, após o qual não saberia mais como alcançar o Brasil. Havia metade de um Peru e a Bolívia inteira para atravessar, com apenas 12 soles no bolso.¹ O suficiente para pagar a diária seguinte no quarto hospedado. Todo dia entrava na internet e os emails que enviara ao banco brasileiro permaneciam sem resposta. As marés de ansiedade e dúvida já começavam a me envolver. A noite anterior fora temperada por fervorosas orações. Quando o dia amanheceu achei melhor iniciar um jejum, economizando os poucos soles para uma emergência maior, e caminhei pelas ruas de Cuzco à procura de trabalho.

Nos dias anteriores eu havia cruzado com um morador local que trabalhava para uma cooperativa vendendo CDs em ônibus de turismo. Nesse dia ele me cumprimentou e perguntou qual eram meus paradeiros. Expliquei-lhe que procurava emprego. O moço gentilmente propôs de conversar com a cooperativa para que eu pudesse ser incluída na equipe de vendedores ambulantes, mas disse que eu teria que comprar roupas novas. Após meses de peregrinação por selvas e montanhas, canoas naufragadas e urucum indígena, as minhas não estavam apropriadas para trabalhar com comércio. Automaticamente a opção de trabalhar em lojas, que eu andava contemplando, teve de ser descartada, pois nem mesmo havia dinheiro para comprar roupas novas.

O início da tarde se aproximou sem nenhuma novidade. Trouxe apenas fome temperada de incerteza, corroendo o estômago. Pelas

¹ Na época, 2006, equivaleria a aproximadamente oito reais.

ruas da cidade sempre havia cuzqueñas vendendo pães caseiros, abrigados no calor de grandes cestos de cipó. Com um sol se comprava dez pães integrais fresquinhos e logo minhas mãos vazias estavam transbordando fartura. Aquele momento tão simples me preencheu de tanta gratidão que tudo que eu queria era compartilhar essa alegria com as pessoas ao meu redor. Completamente abstraída de buscar emprego ou do cartão que vencia 'depois de amanhã,' comecei a procurar velhinhos de rua e crianças humildes para oferecer-lhes os preciosos pãezinhos. Cada mãozinha que se estendia para receber, cada sorriso genuíno, era uma inundação.

Naquele júbilo inebriante passei em frente a uma internet e, sem pensar, meus pés entraram. Enfim! Após uma ou duas semanas o banco respondera às mensagens insistentes. Havia ocorrido um problema geral em que nenhum cartão fora do país pudera retirar dinheiro por duas semanas. Agora já estava resolvido e eu poderia fazer o saque antes da data de vencimento. Assegurando – no limite – meu retorno ao Brasil. E o pagamento das taxas de entrada nas ruínas Incas mais requintadas.

O ritual de oferecimento do pão nosso renascia a cada dia. Transbordando gratidão e saciedade.

Os dias em Cuzco eram permeados por uma serena embriaguez. Quando o dia lançava os primeiros raios dourados sobre as pedras dos muros Incas, eu saía às praças floridas, circundadas por antigas construções Incas e igrejas coloniais. Somente a fria névoa matinal perambulava ao meu lado enquanto eu caminhava pelas calles naquelas horas tempranas. Mais tarde, estariam entremeadas pelos tecidos coloridos dos moradores e por visitantes do mundo inteiro.

Toda a região abundava em ruínas indígenas. A maioria localizava-se a grandes distâncias da capital e era necessário fazer uso da rede de ônibus urbanos e intermunicipais. Meu espanhol improvisado já era suficiente para embrenhar pelas ruas, estações e transportes coletivos sem maiores dificuldades.

No caminho matinal, sempre havia algum cuzqueño sentado na beira da calle com seu pano aberto, oferecendo montículos de folhas de coca, frescas e perfumadas. A coca é uma planta nativa à América do Sul, que originou nas encostas onde o Andes se entrelaça com a floresta Amazônica. Ao longo de milênios, ela tem sido utilizada como medicina para o corpo, mente e espírito por diversas culturas andinas e amazônicas. Em consequência, seu cultivo se espalhou amplamente durante os períodos pré-coloniais. Ainda hoje, os pastores e lavradores do Peru e da Bolívia saem aos campos pela manhã levando suas sacolinhas de pano com folhas de coca. O dia inteiro de jejum, eles trabalham nos campos sob a força escaldante dos raios de sol. A fim de trazer energia ao corpo e refrescar a mente, esses homens e mulheres

passam o dia mascando a erva nativa. Em aliança, uma pequena pedra local é mordiscada. Seus minerais interagem com a planta ampliando a clareza e o vigor que as folhas de coca naturalmente despertam. Seja na cidade ou nos campos, os povos nativos de amplas montanhas dos Andes e indígenas da Amazônia cultivam essa erva medicinal. A planta constitui uma das raízes centrais dessas culturas, profundamente entrelaçada ao trabalho, arte, confraternização comunitária e meditação.

Em Cuzco, a cada manhã eu comprava um punhado de folhas frescas e seguia com a trouxinha para mais um dia de caminhada pelos santuários anciãos.

Os vales da região eram habitados por comunidades agrícolas e pequenos mercados que cresciam aos pés das montanhas sagradas. Suas encostas eram as guardiãs das ruínas Incas. Sobre seus cumes, os templos e torres astronômicas dos Quéchua pairavam solenemente. Estradas de terra inclinadas isolavam as ruínas dos vilarejos e carreiras. Os sedimentos da mente lentamente decantavam ao longo de uma ou duas horas de caminhada subindo as trilhas.

Passo a passo –
os pés solitários se infiltravam
no silêncio das rochas ancestrais.

À medida que a trilha se elevava, a vista se abria cada vez mais panorâmica. Nas terras baixas, rios sinuosos abriam seus caminhos entre os maciços dos Andes, cujos picos eram serenados pelas neves perenes. Ao fundo, pueblos descendentes do antigo império e das colonizações espanholas salpicavam os vales. A simplicidade da paisagem andina, coberta por uma vegetação de gramíneas, arbustos e árvores secas, se refletia na genuína humildade dos povos locais. Suas vestes tradicionais, floreando cores exuberantes e desenhos típicos, completavam a beleza das plantas delgadas e secas, cujo marrom se camuflava no do solo.

Às vezes avistava-se manadas de Llamas e Alpacas¹ passeando pelos gramados das encostas planas. A flauta de bambu do pastor solitário acompanhando o voo do condor. O vento levava o eco inaudível do canto daqueles dois companheiros até o alto das montanhas.

As trilhas que ligavam os templos eram ceremoniosamente guarneidas por solenes portais de pedra, alguns dos quais ainda hoje se mantêm em pé. E vivos. Todo o caminho às capelas sagradas era uma harmonização gradual com a energia do lugar. Sítios que tinham a admirável habilidade de remover a pressa de meu jovem e ansioso coração.

Nas ruínas Incas, toda a arquitetura era moldada pelos movimentos do céu e das montanhas. A agricultura se encaixava nos terraços fluviais.

¹ Camelídeos andinos que foram domesticados pelas culturas ancestrais.

Os templos eram esculpidos nas próprias rochas dos cumes sagrados. As torres e altares dançavam com os astros, se alinhando ao sol, à lua e às constelações. Aos solstícios e equinócios.

Písac era uma das principais ruínas do Valle Sagrado de Los Incas. Construída ao topo de uma montanha que se erguia das margens do Rio Urubamba, possuía a forma de um condor.¹ Os templos no cume formavam o corpo da ave, em cujo centro afloravam diversos observatórios astronômicos. Descendo por ambos os lados, as habitações familiares formavam as asas. A figura do animal era rodeada por diversos terraços agrícolas, que se estendiam por todo o restante das encostas até as planícies do vale, compondo uma grandiosa escadaria. Dos altares ao topo do templo brotavam as fontes de água, que percorriam pelas pedras esculpidas e deslizavam aos diversos canais, abastecendo toda a cidade ancestral em tempos pretéritos.

Machu Picchu² era a corola da cultura Inca, onde cada bloco esculpido, cada parede se erguia como um florescimento da própria rocha.

Cada pedra respirava vida.

A montanha inteira, com seus picos íngremes e elevados, esmerados num santuário pétreo, era poesia atemporal.

Pulsando o amor entre Pacha Mama³ e seus filhos.

Crepúsculo Andino
"Son tu altares iluminados
Tierra bendita
Nascimento de esperanza
Camino de madres
Llanto de niños
Sudor de hombre"⁴

Os Andes me abençoaram com a santificada solidade nas ruínas mais longínquas e humildes. Ou mesmo nas mais elaboradas, durante a sacra penumbra do crepúsculo. Nestes momentos, quando o horizonte flamejava num rosa profundo e as constelações sobrevoavam o céu, a Cordillera de Los Andes despertava, com toda sua totalidade.

1 Písac é um dos sítios arqueológicos mais importantes do Valle Sagrado de Los Incas. Na arquitetura Inca, era costume construir as cidades sobre a base de traços figurativos de animais. Písac possui a forma de um Condor. "O Vale Sagrado dos Incas, nos Andes peruanos, está composto por numerosos rios que descem por pequenos vales; possui numerosos monumentos arqueológicos e povoados indígenas. O principal rio é o Urubamba. Este vale foi muito apreciado pelos Incas devido a suas especiais qualidades geográficas e climáticas." Wikipédia [2]

2 "Machu Picchu (em quêchua Machu Píkchu, "velha montanha"), também chamada "cidade perdida dos Incas", é uma cidade pré-colombiana bem conservada, localizada no topo de uma montanha, a 2400 metros de altitude, no vale do rio Urubamba, atual Peru. Foi construída no século XV, sob as ordens de Pachacuti. O local é, provavelmente, o símbolo mais típico do Império Inca, quer devido à sua original localização e características geológicas, quer devido à sua descoberta tardia em 1911." Wikipédia [2]

3 Pacha mama é Mãe Terra em quêchua.

4 Composições do Pintor e poeta cuzqueño Oswaldo González [17]

Serenamente, a lua cheia ascendia por trás das montanhas, flutuando por cima das pedras prateadas dos templos ancestrais.

O mundo inteiro desabrochava num imenso altar -
respirando quietude absoluta.

Aukis sempiternos
"Son eternos como las rocas
Fluidos como los ríos
Tu sonrisa vibra en el ocaso
La vida perpleja, se entrega
El vértigo Del alma
Se introduce en el olvido"^[17]

A cada dia, um novo amor crescia espreitamente. Um amor antigo, que já havia se ocultado, mas nunca se apagara. Agora renascia. Um amor sem direção nem limite. Encontrando plenitude em sua própria existência.

"Amor simplesmente flui. Quem quer que esteja propenso à se lançar e mergulhar, será aceito como é. Não há termos ou condições. Se estás prestando-se a emergir será aceito. Se não está disposto, o que ele pode fazer? O rio permanece onde está. Ele nunca diz não. Esta constantemente dizendo sim, sim, sim. Diga sim à Vida."¹

Altiplano Andino

Cuzco situava-se na cordilheira oriental ao norte do altiplano. Da capital Inca, peguei um ônibus rodoviário de volta a Puno, cruzando um pequeno trecho do planalto. Da cidade peruana de Puno, localizada na margem noroestes do Lago Titicaca, um ônibus seguia até Copacabana, a cidade boliviana que cresceu no estreito de Tiquina.²

Entrei em um dos barcos que partia do cais de Copacabana levando viajantes e moradores a Isla del Sol. E logo estávamos navegando pelas águas azuis do maior lago da Terra que fora formado em uma altitude tão elevada. No entanto, ele era um simples remanescente de seus antecedentes: os vastos lagos que expandiram e se encolheram inúmeras vezes durante as marés climáticas do pleistoceno, esmeradamente modelando o berço da civilização Tiahuanaco.

O Atilano Andino.

¹ Amma [1]

² "O lago Titicaca é alimentado pela água das chuvas e pelo degelo das geleiras que rodeiam o altiplano. (...) Como a parte sudeste do lago é separada do resto do lago pelo estreito de Tiquina, os bolivianos chamam essa pequena parte de Lago Huinaymarca e a parte maior de Lago Chucuito." Wikipédia [2]

Na paciência geológica de sua dança metamórfica, ininterrupta, a Terra forma infinitas moradas. Os incontáveis habitantes – minerais, micro-organismos, minhocas, árvores, ervas, musgos, llamas, vicuñas,¹ flamencos e homo culturalis – são inúmeras células retrabalhando as minuciosidades desse aprimoramento sem fim. Nesse primor, nascem magníficas manifestações da vida, como as regiões árticas com suas manadas de Caribus e o mitológico povo Inuit,² os vulcões da Sierra Madre no México e as pirâmides monumentais da elaborada cultura Maya; a floresta amazônica e seus indígenas permacultores.

Como o florescimento de uma planta endêmica, regiões ecológicas singulares desabrocham culturas específicas. Assim como ecossistemas distantes se assemelham – tais quais as florestas tropicais de Madagascar, América Latina e Oceania – culturas nativas de regiões ecológicas semelhantes podem refletir impressionantes similaridades, apesar de habitarem continentes distantes. Como as aldeias de pescadores de Kerala, sul da Índia, e os vilarejos no litoral baiano. Além de ambos serem calorosos ambientes de praias, coqueiros e manguezais, as feições biológicas e culturais também apresentam traços de igualdade. Nos Himalayas, norte da Índia e Nepal, a ecologia e cultura das altas montanhas possuem uma alta afinidade com os Andes e seus povos.

Nas encostas do maciço nepalense Annapurna, as aldeias de pedras, os tecidos coloridos, os olhos alongados, as tranças longas e negras adornando cada ombro das mulheres, compõem uma paisagem similar ao Peru Andino. Essas sintonias enlaçam intimidade entre longínquas moradas da Terra. Dentre elas: o Tibet e o Altiplano Andino, os dois planaltos mais altos e extensos do mundo.³

O altiplano Tibetano é conhecido como o 'teto do mundo', por ser a região mais alta do planeta. Assim como a Meseta de Collao no Andes, o Tibet é um santuário suspenso no Himalaya,⁴ a sagrada morada de

1 A vicuña é um dos quatro camelídeos nativos dos Andes, que junto ao guanaco permaneceu selvagem.

2 O caribu também é conhecido pelo nome de rena. O povo Inuit, nativo das regiões árticas é conhecido também pelo nome de esquimós. "Os Inuit são povos tradicionais que aprenderam a conviver com o clima polar de sua região. Possuem um conhecimento astronômico muito rico, assim como a habilidade de se orientarem em meio à uniformidade das áreas cobertas por gelo onde vivem." Wikipédia [2]

3 "Um planalto é uma grande área, ampla e plana, com elevação considerável, quando comparada com os terrenos adjacentes. A maioria dos planaltos tem elevações mais baixas que 3.000 m, mas o altiplano da Bolívia (Altiplano Andino) tem uma elevação de 3.600 m. O planalto do Tibete, extraordinariamente alto, estende-se por uma área com dimensões de 1.000 km por 5.000 km e tem uma elevação de 5.000 m." Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan, 2006 [11]

4 "O Himalaya é a mais alta cadeia montanhosa do mundo, localizada entre a planície indogangética, ao sul, e o planalto tibetano, ao norte. (...) De acordo com a moderna teoria das placas tectônicas, sua formação é resultado de uma colisão continental, ou então, pelo processo de orogenia (isto é, processo de formação de montanhas) entre os limites convergentes entre as placas Indo-Australiana e da Eurásia. A colisão iniciou-se no Cretáceo Superior há cerca de 70 milhões de anos, quando a placa Indo-Australiana se moveu rumo ao norte e colidiu com a placa da Eurásia. Há cerca de 50 milhões de anos, com a movimentação rápida da placa Indo-Australiana, a junção já havia se estabelecido. Entretanto, a placa, continua a movimentar-se horizontalmente para baixo do planalto do Tibete, forçado a ascendência do planalto." Wikipédia [2]

Shiva. Ambos os planaltos são circundados por penhascos e cumes cobertos de neve. Seus terrenos planos abrigam lagos de cristal cuja quietude inabalável espelha o céu inteiro. Isolados pela geografia singular, ambos os altiplanos conceberam uma civilização devota e espiritual. Tiahuanaco e Tibetana. Cada uma num extremo da Terra, resguardadas nas alturas de um mundo cristalino.

A cultura ancestral de Tiahuanaco se desenvolveu nas margens de um Lago Titikaka ancião. Hoje seus templos estão sendo escavados no subsolo do Altiplano Andino. Seus descendentes se dispersaram em épocas precedentes ao povo Inca. No Altiplano Tibetano a cultura nativa, guardiã do Budismo Vajrayana, manteve-se em virgem solitude por longas eras, com seus milhares de monges e monjas meditando nos monastérios seculares. Em meio a sua profunda contemplação da natureza impermanente de nossa existência, os ventos recentes dispersaram os lamas tibetanos pelo mundo, semeando bons frutos pelas vastas regiões da Terra.

Sementes que cintilam como estrelas, nutritas pelos votos de Bodhissatva, o voto sincero de caminhar na senda da iluminação em serviço a todos os seres sencientes, até que cada um se estabeleça em verdade, felicidade e liberdade.¹

Atualmente grande parte da cultura tibetana está resguardada nas regiões indianas dos Himalayas, em consequência da ocupação militar e política da nação chinesa nas terras do Tibet, a partir da metade do século XX. Tanques de guerra chineses intimidando nativos cujas mentes devotas jamais conceberiam o pensamento de matar uma simples minhoca. Em Dharamsala o guia espiritual do Tibet, 14º Dalai Lama, "Oceano de Sabedoria," navega seu povo exilado pela maré de criação e destruição. E nos solos do mundo inteiro, as sementes estão germinando. Inúmeros seres caminham na senda dos Bodhissatvas. Onde a Paz é o ar que alimenta suas vidas.

E delas, transborda ao cosmos inteiro.

"Eleja uma ideia. Faça essa uma ideia a sua vida – pense nela, sonhe com ela, viva nessa ideia. Deixe o cérebro, músculos, nervos, cada parte do seu corpo, estarem cheios dessa ideia. E deixe de lado todas as outras ideias. Este é o caminho para o sucesso, é dessa maneira que gigantes espirituais são produzidos."

Swami Vivekananda²

1 "De acordo com o pensamento Budista, um Bodhisattva é alguém na senda da iluminação que se dedica inteiramente a ajudar todos os seres sencientes em direção à libertação do sofrimento." Dalai Lama [18] De acordo com a filosofia Budista, seres sencientes (seres que possuem a capacidade de sentir) incluem dos minerais aos humanos, passando pelas plantas, fungos e animais, incluindo ainda seres invisíveis que não se classifica pela ciência.

2 Swami Vivekananda foi um santo Hindu, Índia, século XIX. Discípulo 'primogênito' do Mestre Ramakrishna Paramahansa, Vivekananda viajou aos Estados Unidos em 1893, e posteriormente à Europa, sendo um dos grandes percussores do Hinduísmo no Ocidente. [19]

Assim como no Tibet, os ancestrais nativos do Altiplano Andino eram povos amantes da paz. Suas comunidades e instituições sociopolíticas eram enraizadas em igualdade e liberdade, num sistema sem hierarquias ou interesses em conquistas imperialistas. Assim contemplam alguns arqueólogos e cientistas que estudaram a nação desaparecida.

A Terra que elaborou culturas tão distantes, distintas e semelhantes, também modelou suas moradas com movimentos similares.

Assim como os Andes cresceram a partir da convergência das placas tectônicas Sul Americana com as de Nazca e Antártica, o Himalaya cresce no encontro das placas Eurasiana e Indo-Australiana. Essa união gerou a ascensão do altiplano Tibetano, o “teto do mundo.” A margem da placa Eurasiana deslizou ligeiramente sobre a placa Indo-Australiana e se elevou, formando o planalto que hoje é o Tibet. O altiplano Tibetano continua ascendendo na lenta dança tectônica.

Ambos os planaltos foram margens de uma crosta continental que soergueu cavalgando sobre a placa com a qual convergia. Hoje o Himalaia é fruto do encontro de duas placas continentais, onde a Indo-Australiana submerge abaixo da placa Eurasiana. No entanto, assim como a placa de Nazca que se recicla sob a Sul Americana, um antigo oceano que existia entre Tibet e Índia teve sua crosta litosférica consumida pelo manto enquanto os dois continentes se aproximavam. O único descendente que permaneceu do Oceano de Tethys foram os sedimentos do fundo marinho que foram elevados com a pressão da convergência tectônica. Hoje esses sedimentos marinhos descansam na bacia do altiplano tibetano.

O mosaico geológico que se esconde nas camadas subterrâneas do altiplano Andino se relaciona aos estágios embrionários do planalto Tibetano, quando intrusões magmáticas e vulcões prestavam imenso serviço na modelagem da região. Quando o oceano de Tethys foi completamente consumido e ambas as margens convergentes pertenciam à crosta continental, os veios de magma se aquietaram tornando-se rocha sólida. No Andes, o fogo vulcânico ainda circula nas entranhas da Meseta de Collao, alimentados pela reciclagem do assoalho marinho, sob a margem do continente.

Quando a crosta oceânica mergulha sob a continental, ela arrasta sedimentos para dentro da astenosfera. A pressão colossal desse movimento e o calor intenso nas camadas internas da Terra causam a fusão das rochas sedimentares, enquanto as rochas ígneas seguem baixando e são fundidas em temperaturas mais elevadas. Pela baixa densidade, os sedimentos que agora se tornaram líquidos ascendem fundindo parte da crosta continental. Todo esse material líquido se acumula em grandes bolsas de magma (câmaras magmáticas) entre as

camadas da litosfera.¹

O fulguroso magma se infiltra entre as fissuras e rachaduras das rochas, formando extensos lençóis de rocha, elevando terrenos como os Altiplanos. No entanto, a rocha líquida não permanece na sub-superfície. Em sua natureza transbordante, o magma penetra pelos veios da rocha e irrompe pelas grandes chaminés dos vulcões. Iluminando o topo de imperiosas montanhas, com suas flamas intra-terrenas. Derramando lava por vastas superfícies e acrecendo ainda mais as alturas das cadeias vulcânicas.

No norte do continente, os Andes soergueram formando o imenso sistema de lagos e pântanos na região que são hoje as grandes cabeceiras da Amazônia. Seguindo seu curso ao sul, na sinuosa saliência do pacífico, a jovem cadeia que se erguia enclausurou as águas marinhas formando um mar interno. Que igualmente tornou-se um sistema de vastos lagos. No entanto, ele não encontrou saída ao mar, como nos lagos que originaram o Rio Amazonas, mas manteve-se como uma bacia endorreica. Ainda hoje, os humildes descendentes de longas gerações lacustres permanecem em refúgio contemplativo, servindo as civilizações da Meseta de Collao.

Como a extinta serra no centro da região que é hoje a Amazônia, a primogênita cordilheira oriental guiava os cursos de drenagem ao atlântico, quando sua jovem irmã se ergueu numa esplendorosa cadeia vulcânica, formando a atual Cordilheira Ocidental. As montanhas se uniram em um sinuoso círculo. O pequeno mar isolado descansava ao centro, recebendo os rios que fluíam pelas encostas internas. Toda a água e sedimentos da bacia drenavam ao interior, num uníssono movimento de contenção.

Do chão, a dança das placas tectônicas seguia soerguendo todo o Andes. Elevando também o vasto lago, um eremita entre as duas cordilheiras. Do céu, ventos, chuvas e Sol poliam as cristas rochosas, erodindo seus topos enrugados, alimentando o amplo vão entre as montanhas. Na superfície, fulgurosos vulcões derramavam sua lava, preenchendo a bacia com camadas de rochas virgens. Em sua ligeireza tropical, as geleiras consumiam os cumes das montanhas levando um enorme volume de pedras e sedimentos ao fundo do lago isolado. Com cada grão de areia que confluía ao centro, a gigantesca ravina ia sendo preenchida. Alisando a delicada superfície.

Fogo e gelo modelavam o primoroso Altiplano Andino.
Tempo transformava a eterna morada das águas eremitas,
suspensas na terra elevada.
Lago Titikaka. Nutrindo os povos dessa imensa vida,
pelas marés de um caminho peregrino.

¹ Veja as imagens da página 160.

Isla del Sol

O barco estava deslizando pela inviolável quietude do lago Titikaka, quando uma embarcação de palha da ilha flutuante de Uros passou por nós. Fendendo pela superfície líquida, sua grande cabeça animal de palha trançada se esticava em alta nobreza na proa.¹ Adiante, uma solene montanha realizava perpétua ablução nas águas sagradas do Altiplano Andino. Sua crista emergia das profundezas, imóvel em sua austeridade. Isla del Sol. Morada de la Roca de los Orígenes.

A pedra das Origens. Em seu ventre, Inti nasceu. Emergindo do lago e elevando-se ao céu. Luminoso Sol dos Incas.²

Mama Quilla e Inti, a Lua e o Sol, nasceram nas águas puras do Titikaka. Os Incas quedaram-se admirados, perante essa imensa fonte de luz, calor e energia. Dia após dia o grande astro alimentava as terras, acariciava as plantas, iluminava os caminhos. Mama Quilla acolhia as mulheres, compadecendo de suas aflições e alegrias. Em reverência e gratidão, os Incas batizaram Inti de Doador de Vida. Templos da Lua e templos do Sol brotaram por todo o Império. Nos campos e nas cidades, os Incas ofereciam suas preciosidades, em gestos singelos de gratidão.

O barco acostou numa praia ao sul da Ilha. Desci às areias e aguardei que o alvoroço dos visitantes se dispersasse. Quase todo o turismo se restringia a essa pequena porção de terra no sul da ilha. Seguindo pelos cumes da montanha, uma trilha rústica cruzava a Isla del Sol de sul a norte. Era a antiga estrada dos vilarejos que habitavam a ilha desde tempos imemoriais. Descendentes dos povos americanos primordiais. A virgindade ainda adornava os povoados ao norte. Dia a dia, ano a ano, geração a geração os agricultores nativos perpetuavam a cultura milenar de seus ancestrais Quéchua e Aymara, resguardados pela severa simplicidade da terra e de suas vidas.³

1 Os Uros são uma etnia indígena do Altiplano Andino. Algumas de suas comunidades habitam o lago Titikaka, em seculares moradas flutuantes trançadas com totoras, uma planta herbácea aquática que nasce na superfície das águas. Trançando incontáveis camadas dessa palha, os Uros construíram ilhas flutuantes e elegantes embarcações nos quais perpetuam seus modos de vida tradicionais e sabedorias artesanais singulares. Hoje existem 44 ilhas flutuantes de palha totora no lago Titikaka, construídas e habitadas pelos Uros nativos.

2 Inti é o nome Quéchua do Sol. Pedra das Origens: o nome Aymara para a Ilha do Sol é Titu'Kaka. Alguns arqueólogos consideram que seja uma derivação da frase "Tashi kala," que é traduzido como "pedra fundamental", possivelmente uma analogia à história das origens na cosmologia Inca, onde o Sol e a Lua nasceram no Lago Titikaka. (Wikipédia) [2]

Há um conto Inca que se assemelha com uma lenda do povo Ashaninka do Acre, primos dos incas, fazendo referência à grande inundação planetária que se encontra presente nos relatos de diversas culturas ao redor do mundo, inclusive na história bíblica sobre o Dilúvio e a Arca de Noé. Durante a Grande Inundação, o Sol se refugiou na ravina de Titikala (Pedra Sagrada). A Isla Del Sol foi o primeiro lugar que apareceu após as águas se recolherem. O Sol emergiu de Titikala para iluminar o céu mais uma vez. Um templo foi construído nessa rocha. Posteriormente construiram um convento para mulheres escolhidas e um centro para receber peregrinos. O filho de Inti e primeiro Inca, Manco Cápac, também emergiu de Titikala. Posteriormente ele seguiu ao nordeste do Altiplano onde fundou Cuzco na Cordilheira Oriental, a capital Inca. (Wikipédia) [2]

3 A maior parte da Ilha é povoada por indígenas de origem Quéchua e Aymara, dedicados à agricultura, artesanato, pastoreio e turismo. Os idiomas nativos são as línguas ancestrais como o quéchua e aymara. Muitos também falam espanhol.

Era início de tarde quando alcancei o topo das encostas ao sul. Após um tempo, as habitações ficaram para trás e o terreno vazio saudou meus pés peregrinos. E eu saudei a longa crista rochosa à minha frente. Seguindo ao norte pelos cumes alinhados, o caminho inteiro era um amplo mirante, contemplando todas as direções.

Deserto desolado.

Um árido manto de poeira cobria a superfície rugosa da montanha. Sua pele pálida despida de vegetação, salvo raros arbustos secos. As vastas encostas vazias e cruas deslizavam até as praias. O tempo franjeava a ilha de seixos esbranquiçados. Envoltando-a inteira, as águas profundamente azuis do Titikaka beijavam la Isla Del Sol. Navegando ao além. No horizonte, cadeias de montanhas circundavam o ventre dos astros. Se elevando em cumes nevados. Tão brancas, tão leves, transformando-se em nuvens efêmeras.

Morada celestial.

A cada passo, o ar das altitudes refinava o alento.

"Stillness–
in the depths of the lake
billowing clouds"¹

Todo o solo era habitado por pedras de diversas tonalidades e formas. As mais lisas e redondas formavam pequenos montes nas saliências e protuberâncias da montanha. Las Apachetas. Um gesto de profunda devoção da cultura andina milenar. Desde tempos imemoriais os peregrinos nativos acrescentavam uma pedra à Apacheta em humilde oferenda às divindades. Las Apachetas crescam em lugares especiais, principalmente nos cumes das serras. Quando as pedras ao redor rareavam, os viajantes carregavam-nas desde vales cada vez mais longínquos, em seus votos espirituais incorruptíveis. As pedras aliviavam seus fardos pesados e passos cansados. Preenchendo sua alma de leveza.

No altiplano Tibetano, grandiosos montes de seixos sagrados também crescam nas saliências dos caminhos peregrinos. Pedra Mani.² Gerações e gerações de Lamas, monges e devotos acrescentavam sua silenciosa oração. Os mais artísticos inscreviam mantras sagrados e escrituras religiosas na superfície lisa dessas pedras. Em alguns lugares, pedras esculpidas em Buddhas faziam serena companhia aos montes de pedras e coloridas bandeirolas de oração dançavam com os ventos

1 "Quietude – nas profundezas de um lago, nuvens ondulantes" Kobayashi Issa [20]

2 "Pedras mani (em inglês: mani stones), são placas de pedras ou seixos considerados sagrados, e inscritos normalmente com as seis sílabas da "mantra" de Avalokiteshvara Om mani padme hum (dai o nome mani), como uma forma de oração no budismo tibetano."

"Quando o Sol brilha sobre elas, o Sol canta o mantra

Quando chove sobre elas, a chuva canta o mantra

Quando o vento sopra sobre elas, o vento canta o mantra."

(Wikipédia) [2]

das altas montanhas. Juntos, guarneциam desfiladeiros profundos, rios caudalosos, lagos virgens e picos nevados, além dos austeros peregrinos que caminhavam pelos desertos do altiplano.

No Altiplano Andino, las Apachetas pulsavam vida própria. Alimentadas por milênios de pureza e amor.

O caminho não era longo. Algumas horas bastavam para chegar ao norte. Tampouco havia alguma meta a ser alcançada naquele dia. À medida que o Sol escorregava em direção às montanhas, meus passos tornavam-se cada vez mais lentos. A luz áurea corava a montanha desnuda e cada pedregulho se alongava numa sombra elegante. Os raios permeavam a superfície do lago, cintilando num azul cada vez mais agudo.

A trilha cruzou algumas ruínas no topo da montanha. Pequenas muretas de pedras resistiam às intempéries. Um abrigo perfeito para os ventos noturnos que sopravam da terra em direção ao lago. Além dessas pedras e da trilha tênue, nenhum vestígio humano aparecia em qualquer direção. Escondi a mochila próxima às paredes degradadas e subi um dos pontos mais alto da ilha, a poucos passos de distância. O vento infiltrava por entre os poros ocos, carregando a austeridade das ermas geleiras.

“Awakened
as ice bursts
the water jar”¹

O Sol tocava a crista dos vulcões. Cadeias montanhosas envolviam todo o Titikaka. O manto de neve que cobria seus cumes reluzia a luminosidade rósea do poente. Unindo-se às ablucções do sol, mergulhavam nas águas espelhadas.

Crepúsculo inteiro flutuava no consagrado lago do Altiplano Andino.

Condores deslizavam entre mar e céu
elevando-se às alturas.

Pairando ao ar -
suspenso em silêncio profundo.

“The birds have vanished into the sky,
and now the last cloud drains away.

We sit together, the mountain and me
until only the mountain remains.”²

1 “Desperto, como gelo rompendo, a jarra de água.” Poema “Desperto,” de Matsuo Basho [21]

2 “Os pássaros desapareceram ao Céu, Agora, as últimas nuvens escoam embora. Sentamos juntos,

Após tantos penhascos escalados,
Minha alma descansava em plena serenidade.
Uma semente germinou.
Senti. Era hora de descer a montanha,
seguir à terra da Guanabara.¹

Grandiosa esfera dourada –
a lua cheia nascia
das águas primordiais do Titikaka.

"Blue-green spring water,
white moonlit mountain.

Quiet wisdom of the spirit:
empty gaze beyond silence."²

Na era das civilizações ancestrais, a Isla del Sol era um precioso santuário, em cujas saliências diversos templos foram erguidos. Ao redor de Titikala, nasceu um convento onde as mulheres viviam em contemplação e serviços religiosos, guarnelecendo a "pedra das origens." Peregrinos confluíam a esse sítio sagrado vindo de longos caminhos. Ainda hoje as ruínas brotam das rochas ásperas, ecoando orações de um rio perene. viajantes do mundo inteiro sobem o Altiplano Andino e cruzam as águas do Titikaka para banhar-se numa atmosfera permeada de paz.

E nas gélidas águas cristalinas.

Um frio agudo permeou a aurora no cume da Isla. O Sol emergia do lago num milenar ritual de nascimento. As águas espelhadas espalhavam a luminosidade áurea daquele momento. Eterno em sua natureza efêmera. O altiplano inteiro respirava frescor.

Caminhei pela trilha que seguia às virgens ruínas no norte da ilha. A ampla solidão daquela porção noroeste realçava a vivacidade das montanhas e dos grãos de areia. Ao longe, pastores procissavam com seus rebanhos de ovelhas, que pastavam pela esparsa vegetação nativa, crescendo no solo árido.

De longe, meus olhos saudaram as ruínas. Templo de Chinkana, el "labirinto."

Chinkana era um sítio cujas construções de pedra assemelhavam-
montanha e eu. Até que somente a montanha permanece" Li Po, poeta Taoista, China sec. VIII. [22]
1 Retornar à minha cidade materna, Niterói, nas margens da Baía de Guanabara.
2 "Azul-verde fonte d'água, Branca montanha enluarada, Sabedoria quieta do espírito, Mirada vazia além do silêncio" Poema de Han Shan [23]

se a um labirinto, sendo esse o significado do nome Quéchua. Há diversos relatos de arqueólogos locais, e outros pesquisadores, sobre uma intrincada teia de túneis subterrâneos esculpidas pelas culturas andinas ancestrais, em que uma das entradas principais se localizava na ruína de Chinkana, na Isla del Sol. Ligando o império inteiro. Guiando ao verdadeiro labirinto nas entradas de Pacha Mama.

Estudos dissertam que quando os conquistadores espanhóis chegaram aos templos da superfície, encontraram muitos lugares desertados ou com poucos habitantes. As estátuas e discos de ouro que eles levaram seria apenas uma pequena porção do que a civilização produzia. Os verdadeiros tesouros e templos estavam guardados nas esferas subterrâneas, onde o núcleo da cultura nativa seguiu perpetuando seus ritos e transmitindo as sabedorias e ciências ancestrais.

Passeando pela feira aberta de Cuzco eu havia deparado com um livro de um historiador nativo, o qual se tornou meu companheiro nos ônibus, trens e estações de espera. O autor relatou detalhadamente suas viagens por serras e selvas, onde ele foi guiado para uma comunidade que habitava o interior de uma montanha amazônica. As redondezas eram guarneidas por tribos indígenas locais que mantinham contato com essa comunidade. Seus moradores seriam descendentes de civilizações andinas antiquíssimas que seguiram seus modos de vida nos túneis e habitações intra-terrenas, até a época atual.

O templo fora construído numa encosta orlada pela praia, abrindo-se às águas cianas. As muralhas de pedra foram bem preservadas pelo clima árido. Na crista da ruína, um alinhamento perfeito de altares elevados vigiava todas as capelas, torres astronômicas e construções que se expandiam até a beira mar. Diversos compartimentos mantinham suas paredes, portas e teto inabalados, como as pequenas celas com janelas estreitas. Mirando a maré das estações, milênios de mortes e nascimentos.

Desci à praia. Ela fora formada por seixos brancos que brilhavam junto às águas cristalinas. O lago era alimentado pelas geleiras no alto das cordilheiras. Temperando-o com temperaturas extremamente baixas. Era difícil respirar com o corpo emerso, mas um mergulho preenchia o corpo com profunda vitalidade. Clareando e despertando a mente. Respirando leveza, subi novamente ao templo.

Chinkana me abençoou com a intimidade entre um viajante solitário e uma ruína deserta numa ilha sagrada. Quedei-me um longo tempo contemplando o belo azul de céu e lago, pela janela estreita de uma pequena cela, com suas austeras paredes de pedras encaixadas, anciãs terrestres.

Vazio

tocou-me com seus dedos efêmeros.
A voz dos tempos sussurrava calada.

“Make your heart like a lake
with a calm, still surface
and great depths of kindness.”¹

Sim. Era hora de deixar o meu retiro peregrino e seguir em frente. Os longos caminhos de um aprendiz também seguem a lei da impermanência, estão sempre se transformando. Os meses haviam fluído como folhas ao vento. Outono dera início ao inverno, contemplando as cristas andinas cobertas de neve. Agora, primavera desabrochava. Aguardando minha chegada no Rio de Janeiro.

Agora sim. Havia completado minha graduação universitária. O mundo me abençoara com suas lições de geografia universal. Ciência não mais se limitava à contemplação de objetos externos. As estradas deixaram-me oca, abriram meu coração e preencheram-no de realidade crua.

Sociedade nua, natureza integral, entraram em mim. Revelaram suas faces desmascaradas, suas dinâmicas cíclicas, sua seiva primordial. Vida, sois canto uníssono, sois dança inter-existencial.

Ó Vida, despertaste geografia verdadeira,
que modela poesia em sociedade e Natureza.

A vida desvelara sua beleza e harmonia camuflada nas grandes dicotomias. Era real, o sofrimento do povo seringueiro semi-escravizado. Mas uma força gigantesca e inabalável pulsava em seu coração. Era concreta a fome do idoso nas ruas invernais de Cuzco. Mas quando ele sorria, seus olhos ofuscavam o brilho do sol. Minha própria visão testemunhara gigantescas árvores anciãs derrubadas ilegalmente, queimadas e pastos crescentes, no entanto...

Ó Amazônia! Vós não me enganais mais! Sois a própria vida pulsando em minha veia. Sois a luz da sabedoria. Sois a seiva eterna.

E ensinastes que cada formiguinha faz parte da floresta. Cada grão de areia sustenta o equilíbrio. Cada ser humano carrega um grãozinho. Cada um, bilhões, junto a incontáveis seres, entoando silenciosos o canto do cosmos. Em gestos confluentes, dançando a evolução da Vida Terra.

Apenas um começo.

¹ “Faça seu coração como um lago, Com superfícies quietas e calmas, e grandiosa profundidade de gentileza.” Lao Tze [24]

Por mais belo que fossem esses aprendizados, ainda tinham gosto de teoria. A prática era uma semente adormecida. Deslumbrei a longa trilha que se abria à minha frente, misteriosa, escancarada, verdadeira.

Ó criança das ruas cimentadas do Rio de Janeiro.

Que dizer quando vós me encarais com vossos olhos suplicantes?

Ó árvore incinerada, Ó rio poluído, Ó aldeia desabrigada pela nova hidrelétrica, caminhando sem lar como os Tucanos tocos cujas florestas estão desaparecendo.

Ó vida! Vós me mira sem receios, penetrando meu interior e infiltrando o coração.

Que fazer perante vossa realidade?

Pois também sinto frio. Também tenho fome – que dirá meus incontáveis irmãos que não tem lar nem florestas fruteiras.

Que dirão meus olhos lacrimejantes, desnudos perante um mundo desmascarado. Como toda a agudeza de sua dor e beleza embriagante. Silenciosa, a testemunha permanece... lágrimas silenciosas... e ambas as mãos abertas!

Ó aguaceiro! Ó céu que derramas vossa alegria e vosso sofrimento!

Inundando incontável!

Ó Terra serena, aceite mais uma gota que minhas mãos oferecem.

Que este sangue sacie vossa sede.

Mas nossa fome verdadeira não é de pão. Ainda assim, ambas haverão de ser saciadas. Completando os ciclos sem fim nem fronteiras.

Doce Terra. Sou vossa. Eterna, esta vida lhe pertence.

Incontáveis seres, que cada passo seja um serviço a vós.

Que vós, todos, nós, sejamos livres como o vento.

Felizes como azul ciano.

"Treading along in this dreamlike, illusory realm,
Without looking for the traces I may have left;
A cuckoo's song beckons me to return home;
Hearing this, I tilt my head to see
Who has told me to turn back;
But do not ask me where I am going,
As I travel in this limitless world,
Where every step I take is my home."¹

¹ "Trilhando ao longo deste reino ilusório, como um sonho, Sem olhar para os traços que eu possa ter deixado; Um canto de cuco acena que eu retorno ao lar; Ouvindo isso, inclino a cabeça para ver, Quem foi que me disse para voltar; Mas não me pergunte aonde vou, Enquanto viajo neste mundo sem limites, Onde cada passo que eu dou é meu lar." Eihei Dogen [25]

Ainda estava no templo quando o Sol acercou o horizonte. Uma jovem nativa se aproximou, ela estava guiando seu rebanho para pastar entre as ruínas. Sua presença emanava luminosidade própria. Em companhia, contemplamos as cores áureas que antecipam o poente.

Em seguida acompanhei-a ao povoado onde morava, cruzando os vastos terraços agrícolas. Nas trilhas pela qual passei eu não havia cruzado uma única nascente de água. Tampouco haviam árvores ou uma abundância de plantas que pudessem estar conservando a umidade do solo. Apenas aquela desnuda secura, com seus arbustos áridos. Aquilo intrigou minha curiosidade. Havia milênios que aquelas comunidades se alimentavam do pálido chão da montanha. Rocha íngreme coberta de pedregulhos. Certamente resguardavam preciosas técnicas ancestrais de manejo agroecológico.

Os vilarejos se concentram nas praias norte e sul da ilha. Entre elas haviam grandes penínsulas desabitadas. As encostas mais baixas eram modeladas por terraços agrícolas milenares, onde a rústica e rara vegetação local também se concentrava. Havia alguns pés de eucalipto nas áreas próximas ao lago. As terras mais elevadas eram ainda mais nuas. Ainda assim, havia bons campos com matos rústicos por onde os pastores guiavam os rebanhos de animais domesticados, como ovelhas, alpacas e llamas.

No vilarejo fiz amizade com uma linda família que recebia visitantes em sua casa, oferecendo-lhe um quarto separado em troca de uma diária humilde. Em nossas conversas os moradores me contaram sobre a vida da comunidade e sobre as técnicas agrícolas que eles praticavam geração a geração. O turismo havia modificado consideravelmente os modos de vida no sul da ilha. No entanto as comunidades ao norte eram menos visitadas. Isso conservara um pouco mais das tradições cotidianas da Isla del Sol.

As gotas que caíam do céu era a única rega que as plantações anuais recebiam. As chuvas apareciam somente na curta estação de três meses, de janeiro a março. No resto do ano a evaporação do lago Titikaka era a principal fonte de umidade. A intensa insolação que o altiplano recebia, aquecia a superfície líquida, elevando o vapor que viajava pelo ar, o qual era absorvido pelas folhas das plantas. Os habitantes carregavam a água do lago somente para molhar seus pequenos canteiros de verduras.

Durante a época do plantio, que ocorria de setembro a novembro, a comunidade perpetuava um ritual sagrado. A cada ano, todos os moradores se uniam numa procissão ao cume da montanha, onde realizavam cerimônias religiosas e oferendas à Pacha Mama, La Madre Tierra andina.

No primeiro dia todos subiam de jejum e rogavam perdão pelas ações ignorantes que pudessem ter cometido. Em seguida o líder

religioso guiava a comunidade numa grande oração. O ritual era finalizando em celebração, com uma ceia dos bons frutos da terra.

No segundo dia realizavam oferendas à Pacha Mama e juntos desciam a uma longa península. Na estreita faixa de terra circundada pelas águas abençoadas, a comunidade elevava o ritual ao zênite em danças tradicionais simbolizando gratidão à papa e à Pacha Mama.¹ As rodas bailadas, instrumentos e cantorias continuam até que Inti se despeça do céu.

Os moradores manejavam os terraços em ciclos de dois anos de plantação seguidos por sete anos de descanso. Nos primeiros dois anos, cultivavam plantas que produzem alimento embaixo da terra: as raízes. Nos dois anos seguintes, semeavam plantas que produzem alimentos em cima da terra: os grãos.² Depois desse ciclo de quatro anos, o solo dessa seção ficava descansando por sete anos. Durante esse período o terraço era utilizado como pasto para animais domesticados, que se alimentavam de arbustos e gramíneas crescendo na ilha de forma espontânea, transformando essas plantas em esterco. A reciclagem de arbustos e esterco restaurava a fertilidade da terra, que após sete anos retornava ao início do ciclo de cultivo. Os terraços também incorporavam frutos originários da região, além de plantas medicinais e madeiras para lenha e construção, ainda que escassamente. Assim, milênios de cultivo nesses solos secos alimentavam incontáveis famílias. Geração a geração, manejando a terra em sabedoria e devoção.

Cedo de manhã, os camponeses guiavam as ovelhas aos pastos comunitários, que eram compartilhados por todos os moradores. Não havia cercas nem delimitações pelas encostas da ilha. Fitinhas coloridas eram amarradas aos animais para a identificação dos rebanhos. Deixavam os animais soltos e seguiam aos terraços agrícolas para trabalhar na lavoura. De tardezinha, recolhiam as ovelhas liderando-as por recantos onde a vegetação estava mais fresca.

Os aldeões eram leves e sorridentes. Toda vez que nossos caminhos se aproximavam saudávamo-nos amigavelmente. A simplicidade de suas vidas perfumava sua presença de serenidade.

Mais uma vez tive que concentrar minha energia na hora da despedida. Quando o barco comunitário afastou-se do pequeno cais na praia do vilarejo, meu coração ardia. Ele mergulhou nas águas profundas do Titikaka, se entregando à mais uma efêmera morada. Mas o corpo quedou-se imóvel. Quando dei por mim, já estávamos nas franjas de Copacabana, a cidade beira-lago da Bolívia.

1 Papa é um tubérculo andino cultivado pelas culturas nativas.

2 No primeiro ano se planta papa. No segundo se planta oca (um tubérculo indígena delgado, roxo e amarelo) e papalica (uma pequena raiz). No terceiro se planta maíz (milho), abas (pequeno fruto), Quínoa (um grão nativo ao altiplano andino de alto valor nutricional), arbeja (uma leguminosa, ervilha forrageira de alto valor nutritivo para o homem e o solo). No quarto se planta cevada e trigo.

Segui em direção à La Paz. A estrada orlava o lago fornecendo uma vista esplendida pela viagem. No estreito de Tiquina, que une Chucuito, o lago maior a Huiñaymarca, o menor, pequenas balsas transportam os veículos pelo vão entre as penínsulas. Em La Paz, embarquei em mais um transporte coletivo diretamente ao sul do Titikaka, a derradeira paragem da peregrinação. Onde jazem as ruínas da legendária civilização do Altiplano Andino.

Tiahuanaco.

Tiahuanaco

Ao longo de sua história a Terra foi envolvida por ciclos de glaciações que influenciavam toda a superfície planetária. Pela vida geológica da Meseta de Collao, esses ciclos guiaram os lagos do planalto em suas marés de expansão e recolhimento. Os lagos e salares que hoje descansam nas depressões do Altiplano são modestos descendentes dos vastos lagos que habitavam o planalto em outros tempos.

Todo o altiplano é um sistema de drenagem interna. Quando as geleiras circundantes deságumam, a parte que flui nas encostas internas alimenta os lagos, assim como as chuvas de uma curta estação. As águas desses lagos não possuem saídas que escoem para fora da bacia.¹

Sem caminho para seguir, as gotas se prostram perante o glorioso sol, que as eleva aos céus onde os ventos lhes carregam de volta ao mar.

Na eras glaciais, os lagos antigos se ampliavam pelas terras elevadas, margeando os pés dos vulcões, cujas geleiras lhes alimentavam generosamente. Indícios desses lagos são encontrados em rochas modeladas por ondas e em fósseis de algas marinhas. Quando a Terra girava pela nova estação planetária e o caloroso reino tropical se expandia pela Amazônia, as geleiras se recolhiam em longos retiros, prolongando o jejum dos lagos.

À medida que as águas baixavam, pequenas enseadas se formavam pelas rugosidades do relevo. Enfim se desligando em pântanos solitários. Nas depressões largas e rasas a água evaporava ligeira,

1 "O lago Titicaca é alimentado pela água das chuvas e pelo degelo das geleiras que rodeiam o altiplano. É fonte do rio Desaguadero, que corre para o sul através da Bolívia até o Lago Poopó; no entanto, este afluente é responsável por menos do que cinco por cento da perda de água, o resto ficando por conta da evaporação devida aos ventos intensos e à exposição extrema à luz do Sol nesta altitude." (Wikipédia) "Em geografia, uma bacia endorreica é uma área na qual a água não tem saída superficialmente, por rios, até ao mar, ou seja, uma bacia hidrográfica sem saída para o mar. A designação tem raiz grega, endo, "interior" e rhein, "fluir". Qualquer chuva que caia numa bacia endorreica permanece ali, abandonando o sistema unicamente por infiltração ou evaporação, o que contribui para a concentração de sais. Nas bacias endorreicas nas quais a evaporação é maior que a alimentação, os lagos salgados desapareceram e formaram-se bacias salinas. As bacias endorreicas também se denominam sistemas de drenagem interna." Wikipédia [2]

formando extensos mantos de sal nas estações secas. Originando os salares do Altiplano. Uyuni e Coipasa. Espelhos cristalinos das esferas celestiais. Onde nuvens imaculadas, poentes dourados e estrelas infinitas se ampliam onipresentes, céu, chão, todas as direções. A testemunha permanece suspensa no nada. Num vazio de infinita beleza.

Em nosso tempo presente, as geleiras escondem-se cada vez mais em seus eremitérios. Deixando o Altiplano Andino coberto de lagos isolados e salares reluzentes. Das cristas ao norte do lago, as águas fluem ao Lago Titikaka. Na estação chuvosa uma pequena porção é drenada pelo rio Desaguadeiro ao sul, que desemboca no lago Poopó. Pela sua redução gradual o Poopó está lentamente se transformando em mais um salar. Como foi o destino de lagos pretéritos. As águas que seguem percurso às baixas depressões ao sul do planalto, inundam os salares de Copiasta e Uyuni na estação das chuvas. Criando céu na terra.¹

Nesse período veraneio, os flamencos rosados deixam a confraria de aves nas praias de Paracas para celebrarem a beleza silenciosa dos espelhos aquáticos da Meseta de Collao.

Caminho das águas no introspectivo Altiplano Andino.

Em Winaymarka, o lago menor que compõe o sul do Titikaka, há duas penínsulas montanhosas que adentram as águas formando uma pequena bacia. A cordilheira Chilli-Kimsachata e seu braço que se bifurca paralelamente: a Península de Taraco. Desaguando exatamente no meio das duas, o rio Tiahuanaco corre no pequeno vale interno. Em milênios passados, as águas do lago se elevavam muito além das margens atuais, penetrando entre as saliências montanhosas. Resguardado nesse pequeno círculo de montanhas abrindo-se ao lago, florescia a capital da cultura Tiahuanaco.²

A Terra modelou o Altiplano Andino. E a vida do Altiplano se manifestou em Tiahuanaco. "Civilização Madre de la America Latina."

¹"O Salar de Uyuni é o maior deserto de sal do mundo. Há cerca de 40000 anos a área do atual deserto de sal fazia parte do lago Michin, um gigantesco lago pré-histórico. Quando o lago secou, deixou como remanescentes os atuais lagos Poopó e Uru Uru, e dois grandes desertos salgados, Coipasa (o menor) e o extenso Uyuni. (...) No início de novembro, quando começa o verão, é lar de três espécies sul-americanas de flamingos: o chileno, o andino e o flamingo de James. Os flamingos aparecem no verão pois é quando se inicia o período de chuvas e também quando acontece o descongelamento das geleiras nos Andes que deixa o deserto de sal coberto de água, tornando-o um imenso lago com profundidade média de 30 cm. Nesse período, ele parece um enorme espelho que se confunde no horizonte com o céu." Wikipédia [2]. Também existem águas termais e geïséres na região.

² "Acredita-se que, entre 300 a.C. e 300 d.C., Tiahuanaco era um centro moral e cosmológico ao qual muitos faziam peregrinações. (...) É considerada também uma cultura precursora das grandes construções megalíticas da América do Sul, cortando, entalhando ou esculpindo pedras pesando até cem toneladas, encaixando-as umas às outras com uma precisão e engenhosidade raramente encontradas mesmo na posterior arquitetura Inca." Wikipédia [2]

Viajar pelo passado e futuro é como se infiltrar em névoas misteriosas. Somente o momento presente nos pertence. Nossos dedos físicos e mentais não se alongam o suficiente para tocarem além desse simples instante. Por outro lado, o universo se manifesta em esferas. Cada uma delas girando em mil faces. Ocultando em seu núcleo a unidade imaculada.

Entre portas semiabertas algumas faces se desvelam. E nossas mentes se saciam em montar intrigantes quebra-cabeças. Sempre há uma peça ou outra que desenterram tesouros atemporais.

Durante inúmeras décadas, pesquisadores do mundo inteiro se reúnem para desvendar os mistérios da mais longeva civilização andina. Navegando entre mito e ciência.¹

Foram encontradas evidências de culturas humanas habitando os Andes há 20.000 anos. Para além dessa data, a Terra nada revelou. Supõe-se que nessa época, famílias agrícolas organizavam-se em pequenas sociedades. Por volta de 2000 anos atrás, o Altiplano Andino era a morada das etnias Chiripa, Wancarani e Tiahuanaco temprano,² genericamente nomeadas de Aymara. Na época de Cristo, elas teriam se reunido para formar a avançada Cultura Tiahuanaco, uma sociedade profundamente religiosa, temperada com a mente científica investigativa e habilidades artísticas singulares. E em especial, fundamentada em paz e igualdade. Esses elementos confluíram no florescimento de uma cultura evoluidamente elegante, cujo apogeu material se manifestou na capital Tiahuanaco. Crescida nas margens pretéritas de um amplo Titikaka.³

Há quem considere que Tiahuanaco vivia um “verdadeiro socialismo”, uma sociedade bem organizada e com poder descentralizado. Grupos de sacerdotes e sábios anciões guiavam a comunidade pelas veredas do espaço e do tempo.^[26] Enraizada em paz e devoção, a árvore do conhecimento cresceu amplamente, e seus ramos frutificaram em múltiplas facetas da arte e da ciência. Medicina natural, física, hidráulica, acústica, astronomia e arquitetura são alguns elementos notórios nas antigas construções que instigam a admiração dos arqueólogos. Além de outros mistérios enterrados. Tanto no sítio de Tiahuanaco quanto em Paracas, no litoral, os pesquisadores encontraram esqueletos

1 Há uma lenda do povo Uru, que alguns consideram descendentes Tiahuanacos e que atualmente vive nas ilhas flutuantes do lago Titicaca, que diz “Nós (os Urus), a gente do lago, somos os mais antigos da Terra. Estamos aqui há muito tempo, desde antes do Sol se esconder... Antes que o Sol se ocultou, nós levávamos muito tempo aqui. Tiahuanaco se construiu antes do tempo da obscuridão.” Wikipédia [2]. O tempo da obscuridão seria um evento teoricamente registrado na Bíblia, ocorrido em 1400 a.C., quando o Sol e a lua se detiveram durante o dia produzindo uma grande escuridão.

2 Chiripa/Qaluyo e Pukará foram Culturas antecessoras à Tiahuanaco na região Andina. Wari foi uma cultura contemporânea. Os Incas se desenvolveram posteriormente.

3 As ruínas de Tiahuanaco se encontram enterradas a 15 Km das margens atuais do Lago Titikaka. Acredita-se que na época de sua construção a cidade localizava-se na beira das águas, que posteriormente recuaram aos limites atuais. Uma das evidências está nas características portuárias da extinta capital.

humanos com crânios alongados e alargados.¹

No entanto, isso é apenas o que dizem os vestígios enterrados. Pelas evidências na superfície, Tiahuanaco semeou sabedoria, arte e tecnologia por amplas regiões do Continente Americano. Tiahuanaco segue vivendo. Suas sementes germinam, crescem e frutificam nos solos nativos, alimentadas pelos eflúvios culturais.

Um dos frutos mais impressionantes foi a incrível integração dos modos de vida ao ambiente instável e árido do Altiplano Andino. As tecnologias de manejo ecológico que se desenvolveram no Altiplano foram um dos principais pilares da organização social dos Tiahuanaco. Agricultura e arquitetura consolidavam um sistema integral, modelado pela natureza da região e suas características ambientais. Nasceram os Suka kullus e terraços agrícolas, sistemas de cultivos compostos por canais fluviais e terrenos elevados, também conhecidos como Camellones.² Essas tecnologias geravam plantios saudáveis a partir da força de trabalho eficiente, deixando uma enorme herança aos povos posteriores. Não apenas pelo conhecimento agroecológico e pelos terraços amplamente construídos, como também pelo espaço que esses manejos abriram. Com um fundamento firme e ecológico na base vital da sociedade, alimentação e moradia, gerou-se uma reserva de tempo e energia. Naturalmente, essa energia fluiu pelos múltiplos ramos da vida. A grande árvore evoluía como um todo.

Monólitos de pedra se ergueram, alinhados pelos raios dos astros. Templos se abriam ao céu e nas entradas da Terra. Tiahuanaco se tronou um imenso santuário. Peregrinos viajavam pelos oito ventos, confluindo ao centro religioso e cultural. Como aves migratórias,

1 Aquilo que alguns cientistas consideram deformações cranianas, ou a prática de manipular a forma da cabeça de crianças é relatado em distintas culturas pelo espaço e tempo. Incluindo culturas anciãs no Iraque, Rússia, Melanésia, Malta, América do Norte, México e Egito. Nos sítios do deserto de Paracas, litoral peruano, arqueólogos afirmam terem encontrado pelo menos cinco formas distintas de crânios, cada uma sendo predominante num cemitério específico. Algumas em forma cônica são 25% maiores que o crânio contemporâneo, pesando 60% mais. A cavidade ocular e a mandíbula são ambos significativamente maiores e mais grossos. Além do mais, há dois pequenos buracos na parte de trás desses crânios. Analises dos crânios em Paracas revelam aberturas circulares que são considerados resultantes de operações cirúrgicas chamadas de "trepanaciones craneanas". O tratamento removia elementos danificados e era obturado com placas de ouro ou de mate (calabaza). Muitos dos crâneos com sinais de "trepanaciones craneanas" indicam que a pessoa sobreviveu à prática, devido à presença de calos ósseos na zona operada, o qual se forma em uma pessoa viva ao longo dos anos. (Wikipédia) [2]. Outros pesquisadores se aventuraram pelas teorias de que esses crânios alongados pertenciam a seres extraterrenos. Argumentando, entre outros fatos, que foram encontrados esqueletos de crianças pequenas com tais cabeças. Na mesma linha de pensamento que explicam os imensos geoglifos de Nazca, cujos desenhos são percebidos apenas em grandes alturas aéreas, como sendo elementos de comunicação com naves espaciais.

2 "Os Camellones (também conhecidos como Waru waru) são um tipo de disposição de solo na planície circundante ao lago Titicaca, onde existem extensas áreas que são periodicamente inundadas devido às variações sazonais normais do nível das águas do lago." Wikipédia [2]. Nos Suka Kullus, terrenos elevados são separados por canais rasos que se enchem de água. Os canais suprem as plantações com umidade, mas também absorvem calor e radiação solar durante o dia. O calor é gradualmente emitido durante as noites extremamente frias que frequentemente produz geadas. Esse sistema evitava a perda da produção alimentícia nas estações invernais. A lama e os vestígios orgânicos no fundo dos canais de drenagem eram utilizados como fertilizantes. (Wikipédia) [2]

carregavam preciosas sementes em sua plumagem. Levando novas riquezas à capital e, ao partirem, disseminando arte, ciência e espiritualidade pelas comunidades nativas dos Andes, dos desertos e das selvas. Entrelaçando os povos. Tecendo cestos abundantes. Culturas em ascensão.

E as sementes seguiram proliferando. Dispersaram pelo ventos. Flutuaram pelos grandes rios. Em nossa atual era científica, os traços dessa cultura altiplana foram encontrados em monumentos e objetos artísticos em comunidades do Chile, Argentina, selva boliviana, Peru, equador, até mesmo em comunidades da Ilha do Marajó, na foz do Amazonas.

A herança imaterial de Tiahuanaco se perpetua, absorvida pelos povos sucessores. Hoje é uma das fontes dessa infanta sociedade global que cambaleia entre passos engatinhados. Junto às mil faces dos filhos de Gaya, cada cultura com seu canto singular. Reunidos em um coração.

A mútua evolução floresceu do entrelace pacífico de Tiahuanaco com as comunidades de outras regiões. Onde os elementos eram compartilhados e absorvidos, sem no entanto abalar a essência de cada povo.

Os pesquisadores de nossa sociedade moderna ainda contemplam o que aconteceu com essa imensa civilização. Supõe-se que a população concentrada na cidade se dispersou pelo Altiplano, passando a viver em pequenas comunidades descentralizadas. Muitos pesquisadores associam essa mudança a uma grande seca que se prolongou por alguns anos do século XI. Os ventos da impermanência moldando a história da Terra.

Após um longo século, os Incas habitaram a região. As lendas dizem que encontraram uma cidade inhabitada. E seguiram em frente edificando o grande Império. Enquanto a língua Quéchua dos Incas enraizou-se em amplas regiões da cordilheira, ainda hoje a língua Aymara perpetua na Meseta de Collao, geração a geração.

A simplicidade dos vilarejos resguardou os descendentes de Tiahuanaco. Humildes camaleões do Altiplano Andino. Camuflados na terra pálida.

Era noite quando o micro-ônibus indicou o pequeno vilarejo de Tiahuanaco. A estrada havia cruzado extensas regiões desérticas. As amplas planícies entre as montanhas ao fundo eram preenchidas apenas por nuvens de poeira. Como aquela que o veículo arrastava embora. Lancei meus passos ao caminho de barro.

Os moradores locais me indicaram uma casa de hospedagem simples, nas proximidades do vilarejo. Era um lugar humilde e acolhedor. Os nativos falavam Aymara e um pouco de espanhol. O

turismo estava crescendo, mas ainda era minguado demais para causar grandes transformações na singela cultura daquele pueblo. E na calorosa receptividade intrínseca ao povo.

No século XIX, antes da descoberta das ruínas de Tiahuanaco, a existência de uma grande cidade na região circulava entre as lendas dos anciãos. Uma capital oculta nas entranhas da Terra.

O Sol saudou o dia com todo o resplendor reverenciado pelos ancestrais do Altiplano. Reluzindo o barro vermelho das vastas planícies. Clareando a abóboda azul. E as modestas montanhas que delineavam o horizonte. Caminhei até as ruínas da antiga capital.

Poucos visitantes estavam presentes, em compensação, haviam muitos trabalhadores locais entregando-se ao trabalho de desenterrar e reconstruir o sítio arqueológico, de acordo com a orientação de pesquisadores. O tempo transformara o passado, incluindo os terremotos frequentes. Muitos dos elementos primordiais haviam sido revirados por impérios passageiros, como os Incas e espanhóis. Alguns materiais arqueológicos foram até mesmo utilizados na construção de estradas por governos bolivianos. Os arqueólogos contemplavam as poucas peças desarticuladas e recriavam as estruturas em esforços sinceros de quem caminha na escuridão, guiados pela habilidade especulativa da mente.

Algumas mulheres nativas descansavam no alto de um pequeno monte. Eram do grupo de escavadores. O Sol já ardia e suas peles estavam protegidas por panos típicos. Como em todo Peru e Bolívia, os cabelos lisos e negros formando duas tranças. Estavam mascando folhas de coca para repor as energias da árdua laboração. O uso medicinal das folhas de coca é um elemento integral de amplas culturas andinas. Ritos Tiahuanacotas religiosos envolviam plantas sagradas como as folhas de coca, além das sementes de anadenanthera e o paricá.¹

Sorri-lhes. Acenaram com a mão, convidando-me para sentar junto a elas.

Ficamos mascando as folhas frescas de coca. As mulheres eram moradoras do pequeno pueblo. Nasceram e criaram naquele lugar abençoado pela presença dos templos enterrados. Contaram da vida camponesa da região. Havia uma faculdade de agronomia e turismo nas cercanias. No curso das ciências agrárias, os anciões do vilarejo ensinavam alguns elementos dos conhecimentos nativos, tesouro imaterial de incontáveis gerações. Técnicas de observação da natureza que traçavam suas raízes nas próprias ruínas. Longínquos descendentes Tiahuanacos.

A natureza ascética do Altiplano tinha seus próprios segredos. Sinais

1 "Anadenanthera é um gênero de árvores da América do Sul da família das leguminosas, Fabaceae. O gênero contém 2-4 espécies, incluindo Anadenanthera colubrina, uma variedade de angico e a Anadenanthera peregrina. Essas árvores são, respectivamente, conhecidas no mundo ocidental, principalmente a A. peregrina, como fontes de rapé alucinógenos conhecidos entre os índios da Amazônia." Wikipédia [2]

sutis revelavam a época de plantio a cada ano. Como na Isla del Sol chove apenas três meses anualmente. No entanto sempre há pequenas, ou grandes, variações na estação, o que poderia provocar falta de sintonia entre a semeadura e as chuvas. Um arbusto local constituía um dos elementos de orientação que os nativos utilizam para premeditar as variações climáticas. A observação de seu comportamento durante a primavera indica o período exato do plantio agrícola. Se o arbusto crescesse alto antes de florescer, semeava-se no final da estação. Se o arbusto produzisse flor enquanto ainda pequeno, o plantio ocorria no início. Se ele florescesse em tamanho mediano, a semeadura ocorria entre certos dias determinados. Assegurando a harmonia entre o serviço da roça e a benção das águas.

Essas técnicas de observação da natureza, entre outros elementos do manejo tradicional, foram transmitidas geração a geração. Nas humildes aldeias do Altiplano Andino.

O sítio abundava em espaço e era permeado por uma atmosfera silenciosa. A pirâmide de Akapana erguia-se ao centro. Seu topo modelado na sagrada cruz andina. Ao lado estava o misterioso templo semi-subterrâneo. Desci suas escadas. Ele fora reconstruído na forma de uma piscina retangular. O Sol alisava a muralha colorida, cintilando nos minerais da rocha fresca. Roxo, rubro, amarelo, laranja, rosa. Blocos esmeradamente esculpidos, encaixados como retalhos. Cabeças pétreas protuberavam das paredes, alinhadas em duas faixas que circundavam o templo inteiro. Cada face revelava traços singulares. Algumas já quase dissolvidas pelo intemperismo do tempo. Supõe-se que o templo teria sido um espaço que integrava todas as etnias da Terra. Feições orientais, africanas, europeias, cada uma estava representada naquelas cabeças humanas de pedra. Sábias e serenas. Unidades em irmandade eterna. Ao centro, o solene monólito Pacha Mama erguia-se do chão.¹ La Madre Tierra.

Do meio dessa congregação, o templo Kalasasaya exibia seu portal astronômico. Enquadrando um grande monólito esculpido em forma humana. Lágrimas pétreas brotando de seus olhos. Subi as escadas. El Templo de las Piedras Paradas. Na elevação del Kalasasaya la Puerta del Sol e la Puerta de la Luna se firmavam. Calendários dos astros celestes. Plantadas no chão, os grandes portais monólitos exibiam suas gravuras divinizadas – condores, pumas e outras formas zoomorfas.

Grandes blocos de rocha circundavam todo o lugar. As ruínas foram

¹ "Entre os primeiros relatos europeus dos mitos primordiais sobre Viracocha, o de Sarmiento de Gamboa (grande explorador espanhol do fim do século XVI) diz-nos que, depois de Viracocha sair da Ilha do Sol (no meio do lago Titicaca), foi para Tiahuanaco, onde esculpiu numa grande pedra todas as raças e nações humanas que quis criar. Deu-lhes então idioma, roupa, cabelo, música e colheitas específicas para que cada nação humana pudesse viajar por baixo da terra até brotar como uma planta no seu futuro território sagrado. De fato, no templo semi-subterrâneo de Tiahuanaco, em frente a Kalasasaya, encontram-se 175 cabeças incrustadas nas paredes, todas diferentes umas das outras, que, segundo alguns, representam a criação das nações humanas por Viracocha." Superinteressante [27]

reconstruídas na forma de muros de pedras entalhadas. No entanto, pesquisadores alegam que originalmente os monólitos compunham um amplo santuário aberto, como em Stonehenge, dentre outros sítios ancestrais ao redor do mundo. Simplício Vazio.

Era assim que o templo me deixara. Ampla e vazia. Clara e serena.

“Clearing at Dawn –
The fields are chill, the sparse rain has stopped;
The colors of spring teem on every side.
With leaping fish the blue pond is full;
With singing thrushes the green boughs droop.
The flowers of the field have dabbled their powdered cheeks;
The mountain grasses are bent level at the waist.
By the bamboo stream the last fragment of cloud
Blown by the wind slowly scatters away.”¹

Perambulei pelas pedras. Respirando a essência perene de nossos ancestrais. Havia um imenso bloco ainda semi-enterrado. Deslizei as mãos sobre a lisa rocha imaculada. O santuário inteiro ressonava sacralidade.

Leveza pairava na atmosfera. O Sol coroava a Terra. Crepúsculo lentamente se abeirava. Na aurora seguinte iniciaria a viagem direto à Niterói, nas costas brasileiras do Atlântico. Uma semana de ônibus e trem.

Momentos derradeiros.

A Terra afagava minha consciência.
Culturas sempiternas sussurravam pelo vento.

A Vida lançava sua mirada profunda –
perfurando meu ser por completo.

Despertando.

Grandioso grão de areia,
Gotinha de orvalho, tingida de vida efêmera
estais também desabrochando?
Nossa morada é tão imensa,
incompreensivelmente simples.

1 “Clareada na Aurora – Os campos estão frescos, a chuva escassa parou; As cores da Primavera se proliferam por todos os lados. Com peixes saltitantes, , a lagoa azul está cheia; Com tordos cantarolantes, os galhos verdes se inclinam. As flores do campo salpicaram suas bochechas mosqueadas. As gramíneas da montanha estão dobradas ao nível da cintura. Pelo córrego do bambu, o último fragmento de nuvem, Soprad as pelo vento, lentamente se espalham embora.” Li Po [28]

Também sigo caminho junto a vós,
orando em vigília madrufeira.
Mas se algum dia eu cochilar, por favor me acorde
pois hoje faço meus votos secretos
de serviço eterno
pela felicidade e Paz na Terra.
E mesmo agora,
o Sol já brilha por trás do horizonte,
alumeia onipresente.

Essa voz interior ecoa.

Revele vossa face transparente, nos guie pelo infinito Oceano.
Desperte agora em nossos corações,
Amor sem fim nem começo.

E quando me olhas, pela glória do Sol nascente, pela pétala virgem da rosa,
como posso lhe esquecer? Separar-me de Ti, por um segundo que seja,
Ó Vida, é adormecer em plena aurora.
Ó existência! Me guies ao despertar da natureza verdadeira.
O 'eu' composto por todos os seres.
Desabroche, Ó Amor sem fronteira.

Passos primários –
e uma eterna peregrinação.
Coração pulsando
uníssono ao cosmos inteiro.

Caminhos Confluentes.

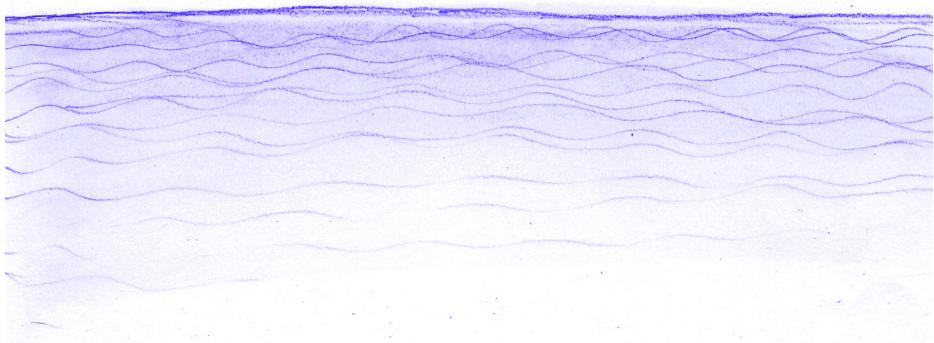
Caminhos Silenciosos o canto Interior.

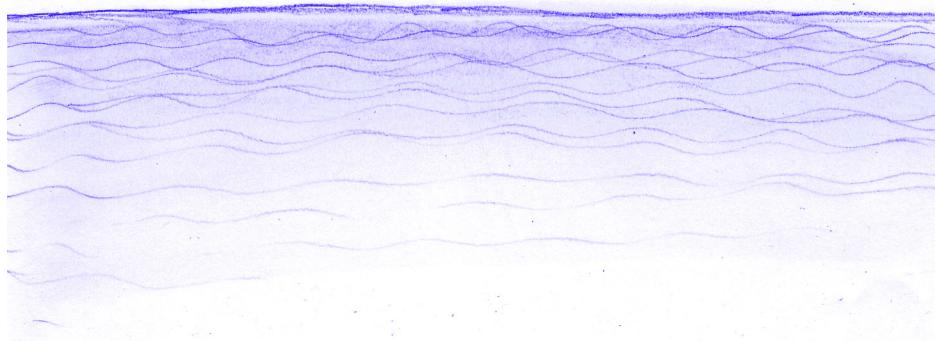
"De início, o yogi sente a mente
despencando como cataratas turbulentas

A meio curso, como o Rio Ganges
ela flui, lenta e suave

Ao fim, é como a confluência de todos os rios
um grande, vasto oceano
onde as luzes da mãe e do filho fundem-se numa só."

Canção de Mahamudra^[1]





Markandaya era um santo da Bharata ancestral que dedicava seus dias à meditação. Uma tarde ele estava em seu eremitério realizando o Sandhya Vandana, quando o Senhor Narayana apareceu diante dele.¹

– Meu filho, estou contente com sua entrega. Desejo oferecer-lhe uma dádiva. Por favor, aceite.

– Ó Senhor Primordial, glória a ti! Vós, que removeis a aflição de todos os seres, permitistes que seu humilde filho pudesse lhe ver. Essa é a maior das benções que eu poderia desejar. Ó Lótus que perfuma o cosmos inteiro, mesmo estando saciado por estar em Vossa Presença, gostaria ainda de conhecer sua maya, o poder ilusório que influencia o universo inteiro, fazendo com que todos os seres confundam a realidade com as múltiplas formas efêmeras.

Sorrindo, Narayana desapareceu. Suas últimas palavras ecoaram ao redor de Markandeya:

– Que assim seja.

Após a benção ser proferida, as águas do mar subiram em ondas gigantes, avançando por todos os lados. Inundando tudo ao longo de seu caminho. A maré envolveu o santo, varrendo-o para longe. Markandeya viu o mundo inteiro submerso naquele oceano sem fim. Tempestades e rajadas de vento assolaram-no continuamente, enquanto ele se debatia em vã resistência. Sugado por furacões e maremotos, não lhe sobrara força em seus membros. Ondas tormentosas o lançavam por todas as direções. Às vezes as correntes lhe arrastavam ao fundo, onde, engolido por criaturas marinhas, ele passava incontáveis anos em completa escuridão. E logo lhe cuspiam, até que ele fosse engolido novamente. Outras vezes, tomado de frio e fome, ele perambulava pela infindável superfície das águas, sem ver vestígio de terra ou outro ser vivo.

Ocasionalmente, mansidão se expandia pelo mundo inteiro. Em completa calmaria, magníficos poentes permeavam céu e mar com sua luz dourada. Nuvens rosadas flutuavam lentamente, espelhadas nas águas cristalinas. A brisa serena entoava um canto doce e embriagante. Markandaya mergulhava profundamente naquela paz extasiante.

Mas eventualmente a escuridão adensava, engolfando seu coração exausto. Leste e oeste, em cima e embaixo, tudo desaparecera. Tendo perdido todo senso de direção, já não havia mais diferença entre céu e terra. Incontáveis milhões de anos se passaram.

Um dia, enquanto peregrinava sem rumo pela interminável imensidão, ele viu uma folha de Banyan flutuando na superfície das águas. Quando ela se aproximou num marinho balancear, o santo viu um lindo bebê azul deitado sobre a folha, sorrindo graciosamente.²

1 Bharata é o nome original da Índia. Essa é uma história do Bhagavata Purana, contada livremente. Os Puranas são conjuntos de escrituras ancestrais do Hinduísmo. Sandhya Vandana é um ritual religioso realizado diariamente. Narayana é um dos nomes de Vishnu, Deus Hindu da Preservação. Maya é a energia que cria a ilusão cósmica.

2 Banyan é a Ficus Religiosa, a árvore sagrada do Hinduísmo e Budismo, também chamada de

Seus olhos alongados miravam o mundo em inocência e serenidade. Encharcado, Markandeya se abeirou fascinado. E quando o bebê inspirou, o santo foi sugado para dentro.

Markandeya viu todas as coisas do universo. Sol, lua, incontáveis estrelas. Planetas girando e uma constelação de seres. Criações de mundos e dissoluções totais. Cidades, montanhas, continentes, oceanos, deuses e demônios. Nomes, formas, divisões, os cinco elementos. Passado, presente futuro – o próprio tempo e espaço. O cosmos inteiro revivia no interior do bebê.

O santo viu a terra de Bharata e as montanhas dos Himalayas. Viu o Rio Pushpabhadra e seu próprio eremitério. E lá estava Markandaya, realizando o Sandhya Vandan. De repente o bebê expirou e, novamente, o santo encontrou-se boiando nas águas daquele oceano sem fim nem começo.

Incontáveis milhões de anos se passaram.

Até que um dia o santo viu a folha de Banyan mais uma vez. Flutuando como um lótus singelo, o bebê azul transbordava um sorriso pleno. Vibrando em beatitude, Markandaya envolveu a criança em abraço atemporal.

Neste instante, Markandeya encontrou-se em seu eremitério nos Himalayas, realizando o Sandhya Vandan. Era o mesmo dia que Narayana o visitara e tudo estava na ordem de sempre.

*"For the mind in harmony with the Tao,
all selfishness disappears.
With not even a trace of self-doubt,
you can trust the universe completely.
All at once you are free,
with nothing left to hold on to.
All is empty, brilliant,
perfect in its own being.
In the world of things as they are,
there is no self, no non self.
If you want to describe its essence,
the best you can say is "Not-two."
In this "Not-two" nothing is separate,
and nothing in the world is excluded.
The enlightened of all times and places
have entered into this truth.
In it there is no gain or loss;
one instant is ten thousand years.
There is no here, no there;
infinity is right before your eyes."¹*

Peepul. Uma das escrituras Hindus descreve o universo primordial como um infinito oceano cósmico, sobre o qual o bebê Krishna flutua deitado em uma folha de Banyan.

1 "Para a mente em harmonia com o Tao, todo o egoísmo desaparece. Com sequer um traço de dúvida pessoal, você pode confiar no universo completamente. De repente você está livre, Não permanece nada para segurar. Tudo é vazio, brilhante, perfeito em seu próprio ser. No mundo das

O tempo passou. Até que um dia, enquanto Parvati passeava com Shiva pelos Himalayas, ambos avistaram o santo sentado em perfeita quietude, completamente imerso. Parvati virou-se à Shiva e disse:

– Veja o santo Markandaya, ele está realizando grandíssimas tapas. Vá e ofereça-lhe uma dádiva.

– Meu bem, tendo conhecido a verdadeira natureza da existência, santos como Markandeya não possuem o menor dos desejos. Vivem em total contentamento. Imersos em plenitude interior.

Parvati e Shiva seguiram caminho.

Markandaya desvelara a Paz Onisciente.

“Já me imergi nos quarto Vedas e desvelei seu significado íntegro.

Realize, realize minha mente, que o segredo é o Amor do Senhor.

Já revirei as seis filosofias e extraí sua essência.

Aprendi a meta suprema dos yogis e ascetas.

Eu conhecia alegria defundir-me em Brahma, o Senhor sem forma.

Ó meu amigo, não está ali.

Eu fui além de tudo isso, pela graça dos Santos.

Realizei em minha mente que o segredo é o Amor do Senhor.

O segredo, é o Amor

O Amor.”¹

A vida é um rio confluente. Oculto sob as margens, ele se infiltra na terra, doando seu sangue, recebendo novos veios. Na superfície transparente, suas águas flutuam pela atmosfera, se erguendo aos céus, viajando em manadas de nuvens. Derramando-se em selvas sedentas. O rio é o fluir de incontáveis gotas. É a canção de seres indivisíveis. A dança das águas permeia céu, mar e terra, em ciclos infindos de morte e nascimento.

Vida.

Sou uma gota pequenina,
que contém o Oceano inteiro.

Sou Oceano,
bailando sem fronteira.

coisas como elas são, não existe ser, nem não-ser. Se quiser descrever a sua essência, o melhor que podes dizer é “não-dois”. Neste “não-dois” nada é separado, e nada no mundo é excluído. Os iluminados de todos os tempos e lugares, penetraram nesta verdade. Nela não há ganho ou perda; um instante é dez mil anos. Não há nenhum aqui, nenhum lá; O infinito está diretamente diante de seus olhos”. Seng-Ts'an. Mestre Budista Chinês, século VI. Conhecido como o Terceiro Patriarca da tradição Zen na China (Chan), e o 30º na linha de sucessão direta de Gautama Buddha.

[2]

1 Trecho de uma escritura Hindu recitada por Krishna Das [3]

Ó Rio da Vida.
Desabroches um verso singelo de vossa geografia poesia.

Gestos fluindo uníssonos à miríade de seres,
entrelaçando sociedade e Natureza.

“O santo Rio Ganges brota dos elevados picos nos Himalayas
e flui pelos vales para dentro das planícies, purificando
quem quer que mergulhe nele, seja um pesssoa com lepra ou saudável,
mendigo ou milionário, homem ou mulher,
pecador ou santo, sem nenhuma distinção.
Mãe Ganga recebe a todos com igual amor e atenção.

É o desejo da Mãe Amma ser como a Mãe Ganga.”^[6]

Guru adiranadisca \ guruh paramadaivatam
Guroh parataram nasti \ tasmai sri gurave namah
Apesar dele viver, Ele nunca nasceu...
Saudações ao Guru!

Guru Stotram ^[4]

Itaipu, 22 de Julho de 2013

Hoje é Gurupurnima, a lua cheia do Guru. Vim buscar as benções da lua cheia no alto do costão de Itacoatiara. O canto oculto atrás das matas se abre para o Leste nascente. E à vasta praia de Itaipuã. À esquerda, o morro do elefante resguarda a pequena enseada do bananal, onde as ondas arrebentam nos grandes blocos de pedra e as tartarugas navegam solitárias. Crepúsculo silencioso abriu os véus de mar e céu.

Um tapete de musgos cobre a superfície rochosa, formando mandalas orgânicas cujas franjas verde claro bordadas de cinza perduram pela noite. Entre nevoas finas flutuando pelo ar, lua se eleva luminosa. Como os grandes Mestres, o luar se derrama sobre tudo. Luz pairando inebriante. Alumiando cada árvore da floresta, cujas copas balançam graciosamente. Despertando o canto dos anfíbios que moram no ventre das bromélias. Cintilando nas infindáveis águas do oceano. Ondulando em procissão.

Coração saciado de presença.
Santificado por imensa gratidão.
Lágrimas em cachoeira.

Ó Guru, vós me afogas nesse dilúvio! Ó amor tempestuoso!

“The higher the trail the steeper it grows
Ten thousand tiers of dangerous cliffs
The stone bridge is slippery with green moss
Cloud after cloud keeps flying by
Waterfalls hang like ribbons of silk
The moon shines down on a bright pool
I climb the highest peak once more
To wait where the lone crane flies”¹

Gloriosa Lua!
Vossa Luz onipresente derramando suas benções
sobre o mundo inteiro.

Gurupurnima! Lua Cheia do Guru.

Na virada do ano, reunir-me-ei à minha amada Mestra.
E mesmo agora, sois eterno,
Ó Deus todo-envolvente!
Pulsando sereno em meu centro.

Paz permeando inteira.

Noite Tardia. Chaleira vazia. Vela flamejando no altar.
Ofereço essas linhas como preces preciosas.
E repouso sob a luz do luar.

Om Amriteswaryai Namaha

Gratidão

¹ “Quanto mais elevada a trilha, mais íngreme ela cresce, Dez mil camadas de penhascos perigosos, A ponte de pedra está escorregadia com musgos verdes, Nuvem após nuvem continua voando, Cachoeiras penduradas como fitas de seda, A lua brilha sobre uma piscina clara, Eu escalo o cume soberano mais uma vez, Para esperar onde a garça solitária voa” Shide. Monge Budista do século IX, China. [2]

“When you behold the entire Universe
as a play of Consciousness,
what is there to do but smile?
Spirituality is a deep genuine smile
at all situations in Life.”¹

Amma



¹ “Quando você contempla o Universo Inteiro como uma brincadeira de Consciência, o que há para fazer além de Sorrir? Espiritualidade é um profundo e genuíno sorriso em todas as situações da Vida” Amma, Mata Amritanandamayi [5]

CARTA DO POVO CAIÇARA DA CAJÁÍBA

Paraty, RJ, junho de 2008

Os vilarejos da Cajaíba são comunidades tradicionais caiçaras de muitas gerações. Nossa povo vive na costa do município de Paraty desde o tempo dos nativos. Neste mesmo lugar, nasceram e criaram os avós dos nossos avós, que eram os índios. E nós também criamos nossos filhos entre a floresta e as cachoeiras, entre as praias e as montanhas, entre o céu e o mar. O mar que ainda nos alimenta, ou do peixe que dá, ou guiando nossos barquinhos a cidade.

Pousos da Cajaíba, Praia Grande da Cajaíba, Calhaus, Ponta da Juatinga, Saco Claro, Saco da Sardinha, Ponta da Rombuda, Martin de Sá, Saco das Anchovas, Cairuçu das Pedras, são nossas comunidades, que não tem luz, não tem estrada. Falta até educação. Mas nosso povo tem uma história para contar. E um sonho tão bonito quanto nossa natureza.

Antigamente, a gente vivia da pesca e da roça. Vivíamos na nossa tradição de respeito e humildade. A Terra dava fartura, e a palavra era lei. A Terra era de todos. Quem precisasse, construía sua casa, plantava seu alimento, mas ninguém vendia terra, pois ela não tinha dono. O conhecimento era aprendido no dia a dia do trabalho. O pai mostrava para o filho: "esse é o pé de ingá flecha, bom para fazer canoa." O povo tinha muita saúde, as pessoas viviam 100 anos, só com remédio da mata, e a sabedoria das plantas passadas de avó para neta.

Hoje tudo está mudando e se perdendo no esquecimento. A roça acabou. As atividades tradicionais de plantar mandioca e fazer farinha, só alguns dos mais antigos fazem ainda. A pesca esta acabando. Por causa da pesca predatória dos grandes barcos de fora, o peixe mal dá para comer. O peixe foi trocado pelo miojo, e a banana pelo biscoito. Hoje tudo vem das embalagens do mercado da cidade.

Hoje em dia é muito difícil arrumar trabalho. Não tem um jovem que sabe o que ele quer ser amanhã. Antes, a gente sabia. Queria se pescador, dava pra ter qualidade de vida. Hoje a pesca não da futuro. Os jovens não têm mais certeza para saber "amanhã, quero ser isso!" Muitos vão para a cidade atrás de emprego, condições melhores, estudo. Vivemos procurando um meio de sobrevivência, e nos sustentamos com um turismo desordenado de fim de ano.

Muito caiçara já vendeu sua casa, sua terra para gente de fora. Foram embora, buscando algo melhor em Paraty. A cidade é a única opção para os pais que querem que seus filhos completem os estudos, e não passem pelas mesmas dificuldades. Mas lá, só conseguem o básico para sobreviver. Estão lá por necessidade. A criança, que morava na beira da praia, se muda para a periferia de Paraty, morando em condições precárias. A liberdade da brincadeira da roça é trocada pela poluição e violência do dia a dia da favela. Os pais, sufocados pela cidade, pelo aluguel, por contas que antes não existiam.

Nós precisamos capacitar nossos jovens que estão sem ter o que fazer. Mas o estudo aqui só vai até a quarta série. A maioria que fez, só sabe ler e

escrever, e muito mal, só o básico. Estamos numa situação desconfortável. E temos pouco apoio de fora. Nem mesmo o supletivo chega aqui.

Somos uma grande família. Nós temos uma grande tradição. Somos um povo caiçara nativo, verdadeiro. Temos o conhecimento do lugar. Conhecimento sobre a pesca, sobre nosso mar. Os saberes da mata nativa, a floresta que existe até hoje porque foi preservada pelos nossos povos. Temos o conhecimento dos costumes de nosso povo caiçara. E este conhecimento está se acabando. Hoje em dia não tem um menino que sabe a história desse lugar como os avós foram criados. Chega para um menino da praia e pergunta o que é um azul marinho, ele não sabe.

A nossa família, está se partindo. O povo de fora, que compra as terras, trouxe os muros das cidades. Suas casas ficam o ano todo vazias, mas são cercadas, para ninguém entrar. Mas eles entram nos nossos quintais que são abertos. Dizem que a terra do baixo até o morro é deles. Na Praia Grande, de 23 famílias, hoje só tem duas, o grileiro expulsou todo mundo, até a escolinha fechou. Casa caiçara não tem muro não. Para nós, o que vale é a palavra. Mas junto do turismo, veio a separação, a luta pela terra, a briga por um trocadinho a mais que o parente. E muitas vezes, esse trocado é gasto tudo em álcool e fumo, ou coisa pior. Hoje vemos os nossos vilarejos tomado pelas drogas.

Mas ainda estamos lutando pelo futuro de nossas crianças!

Precisamos formar pessoas aqui com os valores de antigamente. Com capacitação para viver em igualdade, dentro e fora da comunidade. Aprender a distribuir melhor a renda do lugar, gerar emprego aqui dentro, se dedicar um pelo outro, e ter melhores condições sociais.

Por isso convidamos você a ajudar a gente a construir nosso sonho. Realizar com nossas mãos. Vamos construir uma Escola para resgatar a cultura caiçara. Trazer qualidade de vida para nosso povo.

Hoje, é cada um por si, e a escola vai ajudar a resgatar a tradição de um ajudar o outro. Não se envolvendo com drogas e violência, os jovens vão cuidar mais da família e da comunidade. Vamos construir uma escola para o povo daqui ter de onde tirar o próprio sustento, com igualdade. Uma escola onde se aprende as tradições caiçaras, fazer canoa, remendar rede, contar nossos causos, igual a gente fazia quando era criança, mas agora nas aulas de português e matemática. Onde tem o conhecimento do nosso lugar e o de fora, para a gente saber se virar na cidade, no mundo, mas principalmente na nossa comunidade.

Queremos uma escola onde a merenda é feita com alimentos da comunidade. criadas pelo trabalho em grupo dos alunos. Nas aulas de história, plantar mandioca. Nas aulas de biologia, plantar frutas. Os jovens e crianças enquanto estão aprendendo educação, valores humanos, estão tirando seu próprio sustento, seu alimento. E estão trabalhando juntos pela Comunidade.

Essa é a educação que queremos para o nosso povo caiçara da Cajaíba. O futuro das crianças que estão crescendo, voltando as tradições antigas, e aprendendo as coisas boas dos dias de hoje, como a agroecologia, e a permacultura. Queremos construir nossa melhor história.

Nossas comunidades juntas têm mais ou menos 150 famílias, uns 400 moradores.

Hoje temos uma lista com 52 nomes, dos mais de 80 jovens e crianças que há muitos anos esperam a 5ª série para continuar seus estudos. E a cada ano

mais crianças entram na lista, ou vão embora para Paraty.

A associação de moradores da comunidade do Pouso da Cajaíba, juntos com amigos, está montando o projeto de uma Escola Caiçara Ecológica. Uma escola polo comunitária de 5^a a 8^a série. Por que estamos cansados de esperar!

Pedimos a sua ajuda para realizar nosso sonho. Essa ajuda pode ser como você puder contribuir, seja através de serviços, doações de materiais, recursos financeiros, ou até mesmo com orações.

Estamos profundamente agradecidos.

Glossário

Agroecologia: é uma forma de manejar a terra de acordo com as dinâmicas naturais de cada lugar, sem o uso de agrotóxicos. A agroecologia tem suas raízes nos saberes milenares das culturas nativas de diversos lugares do planeta, integrados ao conhecimento científico. Suas práticas se baseiam na sustentabilidade ecológica e social, na recuperação de ecossistemas e na autonomia cultural. “A Ecologia se refere ao sistema natural de cada local, envolvendo o solo, o clima, os seres vivos, bem como as inter-relações entre esses três componentes. Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida. Sempre que os manejos agrícolas são realizados conforme as características locais do ambiente, alterando-as o mínimo possível, o potencial natural dos solos é aproveitado. Por essa razão, a Agroecologia depende muito da sabedoria de cada agricultor desenvolvida a partir de suas experiências e observações locais.” Primavesi, A. M [1]

Ashram: monastério Hindu.

Astenosfera: “camada plástica de rocha sólida compreendendo a parte inferior do manto superior (abaixo da litosfera). O movimento da astenosfera ocorre por deformação plástica.” Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan, 2006 [2]

Ayahuasca: é uma preparação líquida feita a partir de duas plantas nativas à Amazônia (*Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*, também conhecidas como o cipó Jagube, ou Mariri, e o arbusto Chacrona). Ayahuasca é um elemento central nos rituais e práticas espirituais de diversas culturas nativas da América do Sul, como os povos andinos e os indígenas amazônicos. Utilizada de acordo com as tradições milenares, Ayahuasca pode produzir estados mentais de ‘hiperlucidez’ como relatado pelos Pajés amazônicos. No entanto, se for preparada e utilizada de forma inapropriada, pode levar a estados de ‘loucura’ temporária.

Buddha: do sânscrito: “Desperto”

Bacias de drenagem, bacia hidrográfica: “A bacia hidrográfica é usualmente definida como a área na qual ocorre a captação de água (drenagem) para um rio principal e seus afluentes devido às suas características geográficas e topográficas.” Wikipédia [2]

Canyon: “ou Desfiladeiro são os termos utilizados em geomorfologia e geologia para designar um vale profundo com paredes abruptas em forma de penhascos, geralmente escavado por um rio. São também chamados de “garganta”. Wikipédia [2]

Capoeira (vegetação): vegetação pioneira e secundária que nasce espontaneamente após uma mata original ser derrubada. É composta de espécies "pioneiras," ou seja, plantas rústicas que se adaptam à condições ambientais diversas (como áreas degradadas) e preparam a terra para espécies "primárias," plantas que se desenvolvem melhor em solos mais férteis e áreas ecologicamente equilibradas.

Chapada, chapadão: "é uma formação geológica acima de 600 metros que possui uma porção plana na parte superior." Wikipédia [2] Comumente, algumas de suas bordas associam-se ao relevo de cuestas.

Cuesta: "uma crista assimétrica, formada por uma série de camadas de diferentes resistências à erosão, que é inclinada e erodida. Um dos lados tem uma vertente suave e extensa; o outro é íngreme e formado na borda da camada resistente, onde ela é solapada pela erosão de uma camada menos resistente que lhe é subjacente" (frente da cuesta). Press, Siever, Grotzinger e Jordan, 2006 [3]

Cráton: "um núcleo estável composto de remanescentes erodidos de rochas antigas deformadas que inclui escudos e plataformas continentais." Press, Siever, Grotzinger e Jordan, 2006 [3]

Crosta terrestre: camada externa da esfera terrestre (geóide em revolução), composta pela crosta oceânica e crosta continental. Constitui parte da Litosfera.

Cordilheira: "conjunto de serras dispostas paralelamente. As cordilheiras formam um grande sistema de montanhas reunidas, geralmente resultado do encontro de duas placas tectônicas que muitas vezes lançam ramos ou cadeias de montanhas secundárias." Wikipédia [2]

Cabeceira de drenagem: são áreas elevadas em uma bacia de drenagem onde se encontram as nascentes dos rios e onde as águas iniciam seu curso (pela superfície) em direção ao mar.

Endêmicas: "Em biologia, botânica e zoologia chamam-se endemismos (do grego endemos, ou seja, indígena) grupos taxonômicos que se desenvolveram numa região restrita. Em geral o endemismo é resultado da separação de espécies, que passam a se reproduzir em regiões diferentes, dando origem a espécies com formas diferentes de evolução. O endemismo é causado por mecanismos de isolamento, alagamentos, movimentação de placas tectônicas." Wikipédia [2]

Embasamento: "Em geologia, Embasamento cristalino é o conjunto de rochas ígneas ou metamórficas que compõe a porção externa da crosta continental." Wikipédia [2] Ela é visível nos locais onde aflora por entre os solos e rochas sedimentares.

Erosão: "conjunto de processos que desagregam o solo e a rocha, movendo-os para as porções mais baixas do terreno, onde são depositados como camadas de sedimentos." Press, Siever, Grotzinger e Jordan, 2006 [3]

Fóssil: "Traço de um organismo de idade geológica passada que foi preservado na crosta." Press, Siever, Grotzinger e Jordan, 2006 [3]

Floresta primária ou virgem: Floresta primária, floresta virgem, floresta primitiva ou floresta nativa é uma floresta antiga que não passou por grandes processos de transformação recente, apresentando portanto uma comunidade clímax (estágio final da sucessão florestal). Possui uma grande diversidade de fauna e flora e um alto equilíbrio ecológico.

Falésia: "é uma forma geográfica litoral, caracterizada por um abrupto encontro da terra com o mar. Formam-se escarpas na vertical que terminam ao nível do mar." Wikipédia [2]

Geleira ou glaciar: "é uma grande e espessa massa de gelo formada em camadas sucessivas de neve compactada e recristalizada, de várias épocas, em regiões onde a acumulação de neve é superior ao degelo. É dotada de movimento e se desloca lentamente, em razão da gravidade, relevo abaixo, provocando erosão e sedimentação glacial. (...) O gelo das geleiras é o maior reservatório de água doce sobre a Terra, e perde em volume total de água apenas para os oceanos. As geleiras cobrem uma vasta área das zonas polares mas ficam restritas às montanhas mais altas nos trópicos." Wikipédia [2]

Geomorfologia: "é um ramo da Geografia que estuda as formas da superfície terrestre. (...) O relevo de todas as partes do planeta apresenta saliências e depressões oriundas das eras geológicas passadas. Estas saliências e depressões incluem as montanhas, planaltos, planícies e depressões; além desses acidentes existem outros menores, como as chapadas, as cuestas e as depressões periféricas (...) Estes acidentes resultaram da ação de dois tipos de agentes ou fatores do relevo. De origem interna, que recebe o nome de endógenos (vulcanismo, tectonismo e outros) e de origem externa, com o nome de exógenos (água corrente, temperatura, chuva, vento, geleiras, seres vivos). (...) Sendo a crosta terrestre a base da estrutura geológica da Terra, várias rochas passam a compor esta estrutura e distinguem-se conforme a origem:

Rochas Magmáticas (Rochas ígneas ou cristalinas): Formadas pela solidificação do magma, material encontrado no interior do globo terrestre. Podem ser plutônicas (ou intrusivas, ou abissais), solidificadas no interior da crosta, e vulcânicas (ou extrusivas, ou efusivas), consolidadas na superfície.

Rochas Sedimentares: Formadas pela deposição de detritos de outras rochas, pelo acúmulo de detritos orgânicos, ou pelo acúmulo de precipitados químicos.

Rochas Metamórficas: Formadas em decorrência de transformações sofridas por outras rochas, devido às novas condições de temperatura e pressão.

A disposição destas rochas determina três diferentes tipos de formações:

Escudos antigos ou maciços cristalinos: São blocos imensos de rochas antigas. Estes escudos são constituídos por rochas cristalinas (magmático-plutônicas), formadas em eras pré-cambrianas, ou por rochas metamórficas (material sedimentar) do Paleozóico, são resistentes, estáveis, porém bastante desgastadas.

Bacias Sedimentares: São depressões relativas, preenchidas por detritos ou sedimentos de áreas próximas. Este processo se deu nas eras Paleozóica, Mesozóica e Cenozóica, contudo ainda ocorrem nos dias atuais. Associam-se à presença de petróleo, carvão, xisto e gás natural.

Dobramentos Modernos: São estruturas formadas por rochas magmáticas e sedimentares pouco resistentes; foram afetadas por forças tectônicas durante o Terciário provocando o enrugamento e originando as cadeias montanhosas ou cordilheiras." Wikipédia [2]

Geologia: "é a ciência que estuda a Terra, sua composição, estrutura, propriedades físicas, história e os processos que lhe dão forma." Wikipédia [2]

Geoglifo: "é uma grande figura feita no chão." Wikipédia [2]

Glaciações, eras glaciais: As glaciações (eras do gelo) são fenômenos climáticos (cíclicos) que ocorrem ao longo da história do planeta Terra. Como o próprio nome sugere, são períodos de frio intenso, dentro de uma era do gelo, quando a temperatura média da Terra baixa, provocando o aumento das geleiras (ou glaciares) nos polos

e em zonas montanhosas, próximas às regiões de neve perpétua (que nunca derrete). (...) As glaciações provocaram grandes mudanças no relevo continental e no nível do mar. (...) Entre os períodos glaciais há os períodos interglaciais em que a temperatura da Terra se eleva." Wikipédia [2]

Hindu: Hinduísmo é uma filosofia ancestral que se originou no subcontinente indiano. Na Índia é denominado de Sanatana Dharma, que significa a Eterna Verdade. Na base da cosmologia Hindu está a trindade que rege a natureza da criação, (tempo e mundo, energia e matéria). Brahma, o Deus da criação, com sua consorte Saraswati, a Deusa da Sabedoria. Vishnu, o Deus da preservação, com sua consorte Laxmi, a Deusa da Prosperidade. Vishnu encarnou na Terra diversas vezes, uma das quais na forma de Krishna, com sua amante Radha. Shiva, o Deus da transformação e sua consorte Parvati, a deusa da dissolução e renovação. Parvati também é representada como Shakti, a energia primordial, Kali, a deusa feroz da destruição, e Devi, a doce Mãe Divina de toda a criação. Brahman representa o Absoluto, o princípio divino neutro que transcende personalidade. Samsara é o ciclo de nascimento e morte, o mundo do fenômeno e da dualidade. Maya é um véu de ilusão. Por causa de Maya, os seres não percebem a realidade-como-ela-é. É representado por um vasto oceano que deve ser cruzado para deslumbrar a realidade que transcende nascimento e morte. Karma associa-se à 'ação', à relação entre causa e efeito; às conexões entre as ações e os acontecimentos no mundo fenomenológico. Iluminação, autorrealização, libertação, acordar, é o estado desperto da mente, que percebe a realidade como ela é, em sua pureza e totalidade. Nirvana é a outra margem do oceano de samsara, onde o ciclo de nascimento e morte é transcrito; onde todo limite, separação e dualidade se dissolvem por completo.

Intemperismo: "O termo intemperismo é aplicado às alterações físicas e químicas a que estão sujeitas as rochas na superfície da Terra." Wikipédia [2]

Igarapé: é um curso de água na Amazônia, formado pelo braço de um rio.

Litosfera: "(do grego "lithos" = pedra) é a camada sólida mais externa de um planeta rochoso e é constituída por rochas e solo. No caso da Terra, é formada pela crosta terrestre e por parte do manto superior. Apresenta uma espessura variável, sendo mais espessa sob as grandes cadeias montanhosas. Está dividida em placas tectônicas." Wikipédia [2]

Litificação: "é um conjunto complexo de processos que convertem sedimentos em rocha consolidada. Devido, principalmente, pela pressão exercida pelos sedimentos acumulados nos diversos tipos de erosão." Wikipédia [2]

Mata Ciliar: "(ou vegetação ribeirinha...) é a designação dada à vegetação que ocorre nas margens de rios e mananciais. O termo refere-se ao fato de que ela pode ser tomada como uma espécie de "cílio" que protege os cursos de água do assoreamento." Wikipédia [2]

Manto: "é a camada da estrutura da Terra (e dos outros planetas de composição similar) que fica diretamente abaixo da crosta/crusta prolongando-se em profundidade até ao limite exterior do núcleo." Wikipédia [2]

Magma: "massa de rocha fundida que se origina nas profundidades da crosta ou manto superiores." Press, Siever, Grotzinger e Jordan, 2006 [3]

Mesa, mesetas: "uma pequena elevação de topo plano com vertentes íngremes em todos os seus lados, gerado por intemperismo diferencial do substrato rochoso de dureza variável." Press, Siever, Grotzinger e Jordan, 2006 [3]

Morro Testemunho: "é uma feição do relevo situado adiante de uma escarpa, mantida

pela camada rochosa mais resistente. Recebe esta denominação por ser testemunho da antiga posição da escarpa antes do recuo do front desta. Morros testemunhos são observáveis na frente de escarpas de planaltos ou Cuestas." Dirce Sertegaray [4]

Nimbostratus: "nuvens de grande extensão e base difusa formadas por gotas de chuva, cristais ou flocos de gelo com cor bastante escura." Wikipédia [2]

Pangea: "Designa-se por Pangeia o continente que, segundo a teoria da deriva continental, existiu até há 200 milhões de anos, durante a era Mesozoica, porém, há relatos também de 540 milhões de anos. A palavra origina-se do fato de todos os continentes estarem juntos (pan do grego = todo, inteiro) e exprime a noção de totalidade, universalidade, formando um único bloco de terra (gea) ou Geia, Gaia (mitologia) ou Ge como a Deusa grega que personificava a terra com todos os seus elementos. Milhões de anos se passaram até que a Pangeia se fragmentou, dando origem a dois megacontinentes. Esta separação ocorreu lentamente e se desenvolveu deslocando sobre um subsolo oceânico de basalto." Wikipédia [2]

Palafita: "Chamam-se genericamente de palafitas sistemas construtivos usados em edificações localizadas em regiões alagadiças cuja função é evitar que as casas sejam arrastadas pela correnteza dos rios." Wikipédia [2]

Parque Nacional: (ParNa) é uma categoria de Unidade de Conservação (UC) de proteção integral, administrada pelo governo federal. Essa categoria de UC não permite a permanência de moradores.

Permacultura: A permacultura é uma forma de viver em harmonia com a energia do meio ambiente, através da cooperação com as leis naturais. Ela permeia a arquitetura, utilizando elementos abundantes no ambiente (como barro e bambu) ou reutilizadas (embalagens e carcaças) para as (bio)construções. Ela permeia a agricultura, através da ecologia e da agrofloresta, aumentando a diversidade dos plantios, e utilizando adubos e defensivos naturais. Ela permeia o modo de vida, que procura utilizar a arte e a beleza em todas as atividades; e procura caminhar para a sintropia, ou seja, a capacidade de um sítio se sustentar de forma autônoma, para a energia e a matéria circular sem perdas e excedentes. A permacultura pratica a redução, reutilização, reciclagem e o respeito a todas as formas de vida. Cooperando com as forças naturais, ela faz parcerias com os organismos (como os digestores, os adubadores, as árvores que fazem sombra e protegem do vento), e outros elementos (a gravidade, a luz do sol, a energia hidráulica) otimizando o sistema produtivo, reduzindo custo, mão de obra e desgaste desnecessário.

Placas tectônicas: tectônica de placa é a "teoria que propõe que a litosfera é fragmentada em cerca de uma dúzia de grandes placas que se movem na superfície terrestre." (livro terra) "as placas tectônicas são criadas nas zonas de divergência, ou "zonas de rifte", e são consumidas em zonas de subducção. É nas zonas de fronteira entre placas que se registra a grande maioria dos terremotos e erupções vulcânicas." Wikipédia [2]. As placas cobrem toda a superfície terrestre. As zonas de fronteiras também podem ser transcorrentes (ou conservantes), ou seja, as margens de duas placas se movem em sentido oposto deslizando lateralmente.

Resiliência: De acordo com Alpina Begossi (2003), a resiliência é um conceito ecológico ligado à sustentabilidade, representa a habilidade do sistema para manter sua estrutura e funções após distúrbio. A resiliência descreve a velocidade com qual uma comunidade retorna a um estado de referência, ou sua capacidade de absorver mudanças. A resiliência caracteriza-se por eventos afastados do equilíbrio, pressionando as fronteiras da estabilidade. Apresenta alto grau de adaptação. [5]

Reservas Extrativistas: é uma categoria de Unidade de Conservação (UC) de uso

sustentável, cuja gestão ocorre na esfera comunitária.

Sadhus: asceta Hindu

Sanyassin: monge Hindu

Sedimentos: "Em geologia, chama-se sedimento ao detrito rochoso resultante da erosão, da precipitação química a partir de oceanos, vales ou rios ou biológica (gerado por organismos vivos ou mortos), depositado na superfície da Terra em camadas de partículas soltas quando diminui a energia do fluido que o transporta, água, gelo ou vento. As rochas sedimentares são formadas pelo acúmulo e litificação dos sedimentos." Wikipédia [2]

Unidade de Conservação: (UC) são áreas naturais de alta relevância ambiental que são protegidas por lei. Há diversas categorias de UCs e cada categoria possui uma legislação própria. Cada UC possui um plano de manejo específico. "As UC da esfera federal do governo são administradas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)." Wikipédia [2]

Vedas: escrituras Hindu.

Yoga: Yoga é união. Yogi é aquele que encontra-se em um estado de união completa com o divino, ou que realiza práticas espirituais para se estabelecer em tal união.

Notas importantes sobre o texto

* A maior parte das conversas relatadas neste livro foi transcrita a partir de um material audiovisual documentado durante a viagem com o auxílio de uma pequena filmadora digital.

* Todas as explicações geológicas encontradas neste livro, dentre outras descrições, são baseadas em teorias científicas que naturalmente podem perder seu valor ao longo do tempo. Neste contexto, as presentes descrições da história da Terra e de suas dinâmicas naturais estão associadas à época sociocultural na qual este livro foi escrito.

Fontes e referências

Início:

- [1] versão inglesa: R.H. Blyth. *Classic Haiku: An Anthology of Poems by Bashō and His Followers*, Asatarō Miyamori. Mineola, NY: Dover.
- [2] versão inglesa: Stephen Mitchell, www.poetry-chaikhana.com
- [3] do documentário 'Crazy Wisdom: The Life & Times of Chogyam Trungpa Rinpoche' (versão inglesa).

Prece às Estrelas

- [1] *Man and Nature* e *Tulasi Devi*, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India (inglês).
- [2] *Tao Te Ching*, Lao Tze, www.en.wikisource.org (versão inglesa).
- [3] Versos da Canção de Mahamudra de Tilopa, www.naturalawareness.net (versão inglesa).
- [4] Tradução informal da canção devocional *Pranesvara Giridhari*, do livro *Bhajanamrita* volume III, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India. Língua original: Malayalam (traduzido do inglês).

Caminhos Precipitantes

- [1] *Exile*, canção de Enya.
- [2] Tradução da canção *Azhikulil*, de Swami Purnamitananda, do livro *Unforgetable memories*, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India.
- [3] *Sadhana of Mahamudra*, publicado em *The Collected Works of Chögyam Trungpa*, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [4] *Call me by my True names, the collected poems of Thit Nhat Hanh*, Thit Nhat Hanh, Parallax Press, Berkley (versão inglesa).

Caminhos Peregrinos

- [1] Projeto Agenda Gotsch; www.agendagotsch.com
- [2] *Stray Birds*, Rabindranath Tagore, New York: The Macmillan Company.
- [3] Wikipédia, www.pt.wikipedia.org
- [4] Viagem por Minas Gerais com Ernst Gotsch, Patrícia Vaz, www.agrofloresta.net
- [5] www.greenfriends-europe.org
- [6] www.terrachapada.com.br
- [7] *The Collected Works of Sri Ramana Maharshi*, Ramana Maharshi, Sri Ramanashram (versão inglesa).
- [8] www.lendasdocapao.com.br
- [9] Shambhala: *The Sacred Path of the Warrior*, publicado em *The Collected Works of Chögyam Trungpa*, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [10] Trecho de um texto dos Vachanas de Basaveshwara, escrituras Hindu. Recitada em inglês na faixa 'Windows' do álbum 'A Drop of the Ocean' de Krishna Das & Sultan Khan.
- [11] *Meditation in Action*, publicado em *The Collected Works of Chögyam Trungpa*, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [12] Versos de Omkara Divyaporule I, uma canção Malayalam composta pelos ensinamentos da Amma, do livro *Bhajanamrita* vol.I, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India.
- [13] www.terebess.hu
- [14] *Call me by my True names, the collected poems of Thit Nhat Hanh*, Thit Nhat Hanh, Parallax Press, Berkley (versão inglesa).
- [15] *Two Zen Classics: Mumonkan and Hekiganroku - The Gateless Gate and The Blue Cliff Records*, Katsuki Sekida (tradutor), A. V. Grimstone (Editor).
- [16] *Zen and Japanese Culture*, Daisetz Teitaro Suzuki.
- [17] Versos da Canção de Mahamudra de Tilopa, versão inglesa: Lex Hixon, www.naturalawareness.net
- [18] Poesia japonesa de autor não relatado, versão portuguesa do livro: Poesia, budismo, Haicai, Vinícius Sauerbronn.
- [19] *Onde Existe Luz*, Paramahansa Yogananda.
- [20] Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres, Leonardo Boff, Editora Sextante.
- [21] versão inglesa: Red Pine, www.poetry-chaikhana.com
- [22] *The Gospel of Sri Ramakrishna*, Mahendranāth Gupta, Sri Ramakrishna Math.
- [23] *Archana Book*, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India. (versão inglesa).
- [24] Mahatma Ganhdi, Huberto Rohden, Ed. Alvorada.
- [25] *Ikkyu and the Crazy Cloud Anthology: A Zen Poet of Medieval Japan*, Ikkyu, Sonja Arntzen (tradutor), University of Tokyo Press.
- [26] *Still flowing water*, Achan Chah, www.accesstoinsight.org

- [27] Versos da Canção de Mahamudra de Tilopa, versão inglesa: Chogyam Trungpa Rinpoche, www.naturalawareness.net
- [28] The Golden Age of Zen: Zen Masters of the T'ang Dynasty, John C.H. Wu.
- [29] Versos da Canção de Mahamudra de Tilopa, www.naturalawareness.net
- [30] www.ammaireland.org
- [32] Great Eastern Sun: The Wisdom of Shambhala, publicado em The Collected Works of Chögyam Trungpa, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [33] www.wonderfulbuddha.wordpress.com
- [34] www.poetry-chaikhana.com
- [35] Essays in Zen Buddhism, second series, Daisetz Teitaro Suzuki.
- [36] versão inglesa: Steven Heine, www.poetry-chaikhana.com
- [37] Awaken Children! Vol. VIII, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India. (versão inglesa).
- [38] versão inglesa: R. H. Blyth, www.poetry-chaikhana.com
- [39] versão inglesa: Lucien Stryk and Takashi Ikemoto, www.poetry-chaikhana.com
- [40] www.chinese-poems.com
- [41] versão inglesa: Stephen Mitchell, www.en.wikisource.org
- [42] versão inglesa: L. Cranmer-Byng, www.poetry-chaikhana.com
- [43] Autobiografia de um logue, Paramahansa Yogananda.
- [44] Dawn of Tantra, publicado em The Collected Works of Chögyam Trungpa, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [45] Awaken Children! Vol V, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India. (inglês).

Caminhos Meandrantes

- [1] Eternal Wisdom II, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India. (versão inglesa).
- [2] www.way-of-tao.com
- [3] versão inglesa: Lucien Stryk e Takashi Ikemoto, www.poetry-chaikhana.com
- [4] Skywatching, David H. Levy.
- [5] Para Entender a Terra, Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan, Editora Artmed S.A.
- [6] Crazy Wisdom, publicado em The Collected Works of Chögyam Trungpa, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [7] Wikipédia, www.pt.wikipedia.org
- [8] versão inglesa: Peter A. Merel, www.chinapage.com
- [9] Do filme: Mind Void Tao, documentário sobre Taoísmo da montanha Wudong, China.
- [10] Megabiodiversidade Brasil, Ibsen de Gusmão Câmara, Sextante Artes.
- [11] www.en.wikisource.org (versão inglesa).
- [12] Dawn of Tantra, publicado em The Collected Works of Chögyam Trungpa, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [13] Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres, Leonardo Boff, Editora Sextante.
- [14] The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths, Woods, William I., and Joseph M. McCann. 1999.
- [15] Tao Te ching, Lao Tze, www.centertao.org (versão inglesa).
- [16] Versão inglesa: Jane Hirshfield, www.poetry-chaikhana.com
- [17] Call me by my True names, the collected poems of Thit Nhat Hanh, Thit Nhat Hanh, Parallax Press, Berkley (versão inglesa)
- [18] The Collected Works of Sri Ramana Maharshi, Ramana Maharshi, Sri Ramanashram, (versão inglesa)
- [19] Carta de Pero Vaz de Caminha, www.objdigital.bn.br
- [20] The Collected Works of Chögyam Trungpa volume 8, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [21] Mahatma Gandhi, Huberto Rohden, Ed. Alvorada
- [22] The age of Milarepa, publicado em The Collected Works of Chögyam Trungpa, volume I, Chögyam Trungpa Rinpoche, Shambhala Publications (versão inglesa).
- [23] Freedom in Exile, The Autobiography of the Dalai Lama, Dalai Lama, Abacus.
- [24] Peace Pilgrim: Her Life and Work in Her Own Words, Peace Pilgrim.
- [25] Awaken Children! Vol IV, Amritapuri, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India.
- [26] www.amritapuri.org
- [27] Satsang em Amritapuri, 2011 (anotações pessoais).
- [28] versão inglesa: Arthur Tobias, James Sanford and J.P. Seaton, www.poetry-chaikhana.com
- [29] Satsang em Amritapuri, 2011 (anotações pessoais).
- [30] versão inglesa: Sam Hamill, www.poetry-chaikhana.com
- [31] Amritavani-14, www.archives.amritapuri.org
- [32] Dhammapada, versos 153,154, www.en.wikipedia.org (versão inglesa).
- [33] Archana Book, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India. (versão inglesa).
- [34] www.pinterest.com
- [35] Versão inglesa: J. P. Seaton, www.poetry-chaikhana.com

- [36] versão inglesa: Lucien Stryk and Takashi Ikemoto, www.poetry-chaikhana.com
- [37] versão inglesa: R. H. Blyth, www.poetry-chaikhana.com
- [39] Poesia budismo, Haicai, Vinicius Sauerbronn.
- [40] Creating True Peace: Ending Violence in Yourself, Your Family, Your Community, and the World, Thich Nhat Hanh.
- [41] versão inglesa: Peter Beilenson, www.poetry-chaikhana.com
- [42] versão inglesa: Sam Hamill, www.poetry-chaikhana.com
- [43] The Essence of Ribhu Gita, Professor N. R. Krishnamoorti Aiyer (tradutor), Sri Ramanashram (versão inglesa).
- [44] www.portaldoamaral.com.br
- [45] Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável, Fritjof Capra, Editora Cultrix, 2002.

Caminhos Oceânicos

- [1] Call me by my True names, the collected poems of Thit Nhat Hanh, Thit Nhat Hanh, Parallax Press, Berkley.
- [2] Wikipédia, www.pt.wikipedia.org
- [3] Awaken Children! Vol VII, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India. (versão inglesa).
- [4] The Enlightened Heart : An Anthology of Sacred Poetry, Stephen Mitchell, 1989 (versão inglesa).
- [5] Essays in Zen Buddhism, second series, Daisetz Teitaro Suzuki (versão inglesa).
- [6] Recitado em inglês na faixa Windows do álbum A Drop of the Ocean de Krishna Das & Sultan Khan.
- [7] The Zen Poetry of Dōgen : Verses from the Mountain of Eternal Peace, Steven Heine, 1997.
- [8] www.wonderfulbuddha.wordpress.com
- [9] Zen and the Ways, Trevor Leggett, Shambala Publications, 1978.
- [10] Tao Te Ching , Lao Tze, versão inglesa: Peter Merel, www.taoteching.cn
- [11] Para Entender a Terra, Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan, Editora Artmed S.A, 2006.
- [12] Viagem por Minas Gerais com Ernst Gotsch, Patrícia Vaz, www.agrofloresta.net
- [13] Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável, Fritjof Capra, Editora Cultrix, 2002.
- [14] A Natureza do Espaço: Técnicas e Tempos. Razão e Emoção, Milton Santos, Editora Hucitec, 2006.
- [15] Gaya – A new look at Life on Earth, J.E. Lovelock, Oxford University Press, 1987.
- [16] Awaken Children! Vol VIII, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India.
- [17] Esses poemas de Oswaldo González estavam impressos em um folheto sobre suas pinturas, distribuído na sua loja em Cuzco.
- [18] Freedom in Exile – the autobiography of the Dalai Lama of Tibet, Dalai lama, Abacus.
- [19] Vedanta Philosophy: Lectures by the Swami Vivekananda on Raja Yoga Also Pantanjali's Yoga Aphorisms, Swami Vivekananda.
- [20] versão inglesa: David G. Lanoue, www.poetry-chaikhana.com
- [21] versão inglesa: Gabriel Rosenstock, www.poetry-chaikhana.com
- [22] versão inglesa: Sam Hamill, www.poetry-chaikhana.com
- [23] versão inglesa: Doug Westendorp, www.poetry-chaikhana.com
- [24] www.way-of-tao.com
- [25] The Zen Poetry of Dōgen : Verses from the Mountain of Eternal Peace, Steven Heine, 1997.
- [26] www.andesumit.com
- [27] artigo da Superinteressante, www.superinteressante.pt
- [28] versão inglesa: Arthur Waley, www.poetry-chaikhana.com
- [29] versão inglesa: Lucien Stryk and Takashi Ikemoto, www.poetry-chaikhana.com

Caminhos Silenciosos

- [1] Versos da Canção de Mahamudra de Tilopa, www.naturalawareness.net (versão inglesa).
- [2] versão inglesa: Stephen Mitchell, www.poetry-chaikhana.com
- [3] Trecho de uma escritura Hindu recitada em inglês na faixa Windows do álbum A Drop of the Ocean de Krishna Das & Sultan Khan.
- [4] Archana Book, Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, Índia (versão inglesa).
- [5] frase exposta em um quadro no templo de Amritapuri, Ashram da Amma.
- [6] Matruvani, (edição: Sept. 2000) Mata Amritanandamayi Mission Trust, Amritapuri, India (inglês).

Glossário

- [1] Agroecologia e Manejo do Solo, Primavesi, A. M, artigo da Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, vol. 5, nº 3 - Manejo sadio dos solos, www.pt.wikipedia.org
- [2] Wikipédia, www.pt.wikipedia.org
- [3] Para Entender a Terra, Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan,

Ilustrações

- Capa: Kenchóri, Ashaninka da Apiwtxa, AC.
20 – mapa da peregrinação.
28 – mapa do Jalapão.
29 – mapa da Chapada Diamantina.
48 e 49 – Gerais do Vieira e morro do Castelo, Vale do Paty, Chapada Diamantina, BA.
59 – Gracia e sua irmã, Vale do Paty, Chapada Diamantina, BA. *83 – Cachoeirão, Vale do Paty, Chapada Diamantina, BA.
86 – Seu Eduardo do Cachoeirão, Vale do Paty, Chapada Diamantina, BA.
87 – Maria de Lourdes do Cachoeirão, Vale do Paty, Chapada Diamantina, BA.
92 – Ana Rosa, Brilho do Cristal, Vale do Capão, Chapada Diamantina, BA.
100 – Gesebel, pré ENCA 2006, Formosa do Rio Preto, BA.
157 – mapa do Acre.
159 – Roxa e Dálvila, Rio Krôa, AC. *162 – convergência de placas; Placas tectônicas e Anel de Fogo do Pacífico; Escala de tempo geológico; Dança dos continentes. **
195 – Kenchóri, Ashaninka, Apiwtxa, AC.
288 – Luiza, Wapaná, Kenashi, Thouéro, Kenchóri, Ashaninka da Apiwtxa, AC. *
300, 302 e 319 – Paracas, litoral do Peru.

* As pessoas estão nomeadas da direita para a esquerda

** As ilustrações geológicas da página 160 foram baseadas em imagens do livro:

Para Entender a Terra, Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan,
Editora Artmed S.A, 2006.

Atenção!

Este livro (esteja ele em formato impresso, digital, ou outros) possui direitos autorais que devem ser respeitados. Estamos muito felizes com o compartilhar e a livre distribuição deste livro. No entanto, qualquer forma de comercialização ou alteração do texto (integral ou parcial) é considerada uma conduta imoral e um ato de desarmonia. Além de ser uma ação ilegal. Pedimos encarecidamente que o livro circule sem trocas financeiras e sem alterações. Agradecemos sua compreensão e colaboração.

Namastê

Quando terminares de ler esse livro,
não o guardes em uma solitária estante!
Passe o livro adiante.

Agradecida!

LOKA SAMASTA SUKHINO BHAVANTU

“Que todos os seres sejam Felizes e Livres”

